NEAL
STEPHENSON



SNOW CRASH

"UM CLÁSSICO
INSTANTÂNEO,
E MERECIDO,
DO CYBERPUNK"

— THE NEW YORK TIMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SNOW CRASH

Neal Stephenson

Tradução
Fábio Fernandes

ALEPH

Sumário

Capa

Folha de rosto

Snow Crash

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 25

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 48

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Agradecimentos

Sobre o autor

Notas de rodapé

Créditos e copyright

snow (neve), s.f. . . . . 2.a. Qualquer coisa que lembre neve. b. Os pontinhos brancos em uma tela de televisão resultantes de uma recepção fraca.

crash . . . . – v. intr. . . . 5. Falhar subitamente, como empresa ou como uma economia.
– *The American Heritage Dictionary*

vírus . . . . [L. vírus líquido viscoso, veneno, odor ou gosto ofensivo.] 1. Veneno, do tipo produzido por um animal venenoso. 2. Pat. a. Princípio mórbido ou substância venenosa produzida no corpo como resultado de alguma doença, esp. uma doença capaz de ser introduzida em outras pessoas ou animais por inoculações ou outros métodos e desenvolver a mesma doença neles... 3. fig. Veneno moral ou intelectual, ou influência venenosa.
– *The Oxford English Dictionary*

SNOW CRASH

1

O Entregador pertence a uma ordem de elite, uma subcategoria santificada. Ele é cheio de recursos. Neste exato momento, está se preparando para cumprir a terceira missão da noite. Seu uniforme é preto como carvão ativado, filtra a própria luz do ar. Uma bala ricochetearia em seu tecido de aracnofibra como um aríete atingindo a porta de um castelo, mas o excesso de transpiração passava através dele como uma brisa por uma floresta que acabou de ser queimada por um bombardeio de napalm. Nas extremidades do corpo onde os ossos se destacam, o traje tem armagel fragmentada: parece gelatina com cascalho, e protege como uma pilha de catálogos telefônicos.

Quando deram esse serviço a ele, também lhe deram uma arma. O Entregador nunca trabalha com dinheiro em espécie, mas alguém poderia ir atrás dele de qualquer maneira – poderiam querer seu carro ou sua carga. A arma é minúscula, aerodinâmica, levíssima, o tipo de arma que um designer de moda usaria; ela dispara dardos pequeninos que voam a cinco vezes a velocidade de um avião espião SR-71 e, quando você acaba de usá-la, precisa conectá-la ao isqueiro do carro porque ela funciona com eletricidade.

O Entregador nunca usou essa arma com raiva, nem com medo. Ele a sacou uma vez em Gila Highlands. Alguns punks em Gila Highlands, um Suburbiclave metido a besta, queriam uma entrega para eles, e não pretendiam pagar. Achavam que iriam impressionar o Entregador com um bastão de beisebol. O Entregador sacou sua arma, centrou a mira laser naquele bastão Louisville Slugger em posição de combate e disparou. O coice foi imenso, como se a arma tivesse explodido em sua mão. O terço médio do bastão de beisebol se transformou em uma coluna de serragem queimada, acelerando em todas as direções como uma supernova. O punk acabou segurando um cabo do bastão com uma fumaça leitosa saindo pela ponta. E uma cara de burro. Só conseguiu problemas com o Entregador.

Desde então, o Entregador deixa a arma no porta-luvas e passou a confiar, em vez disso, em um par de espadas samurai combinando, que sempre foram suas armas preferidas de qualquer maneira. Os punks de Gila Highlands não ficaram com medo da arma, e por isso o Entregador foi forçado a usá-la. Mas espadas não precisam de demonstração.

O carro do Entregador tem energia potencial suficiente armazenada em suas baterias para disparar um quilo de bacon até o Cinturão de Asteroides. Ao contrário de uma *bimbo box* ou de um *Suburbi beater*, o carro do Entregador libera essa energia através de esfíncteres polidos, reluzentes e abertinhos. Quando o Entregador desce o sarrafo, dá merda. Quer falar de contatos pneu-solo? Os pneus do carro que a gente dirige possuem minúsculos contatos, falam com o asfalto em quatro lugares do tamanho de uma língua. O carro do Entregador tem pneus grandes e pegajosos com contatos pneu-solo do tamanho das coxas de uma mulher gorda. O Entregador está em contato com a estrada, arranca com todo o gás e é capaz de frear bem em cima de uma moedinha.

Por que o Entregador está tão equipado? Porque as pessoas confiam nele. Ele é um modelo para as pessoas. Isto é a América. As pessoas fazem a merda que tiverem vontade de fazer, algum problema? Porque elas têm o direito de fazer isso. E porque elas têm armas e ninguém pode impedi-las, caralho. O resultado disso é que este país possui uma das piores economias do mundo. No fim das contas – estamos falando de balanças comerciais –, depois de termos feito nossos melhores cérebros se mandarem com toda a nossa tecnologia para outros países, depois que as coisas se equilibraram, estão fazendo carros na Bolívia e fornos de micro-ondas no Tadjiquistão e vendendo-os lá mesmo; depois que nossa vantagem em recursos naturais foi tornada irrelevante por gigantescos navios e dirigíveis de Hong Kong que podem enviar carregamentos da Dakota do Norte à Nova Zelândia por uma merreca; depois que a Mão Invisível pegou todas essas iniquidades históricas e as amassou e esfregou até transformá-las numa ampla camada global de algo que um oleiro paquistanês consideraria prosperidade – sabe do que mais? Só existem quatro coisas que nós fazemos melhor do que todo mundo:

música

cinema
microcódigo (software)
entrega de pizza em alta velocidade

O Entregador costumava fazer software. Ainda faz, de vez em quando. Mas se a vida fosse uma escola primária bonitinha dirigida por PhDs em Educação bem-intencionados, o boletim do Entregador diria: “Hiro é muito inteligente e criativo, mas precisa trabalhar melhor suas habilidades de cooperação”.

Então agora ele tem esse outro trabalho. Não requer inteligência nem criatividade – mas também não exige cooperação. É apenas um único princípio: o Entregador cumpre o que promete, sua torta em trinta minutos ou o cliente fica com ela de graça, mata o motorista, fica com o carro dele, entra com uma ação trabalhista. O Entregador trabalha nesse emprego há seis meses, um período rico e extenso pelos seus padrões, e jamais entregou uma pizza em mais de 21 minutos.

Ah, eles costumavam discutir quanto aos tempos de entrega, muitos anos de motorista corporativo perdidos: donos de casa, rostos vermelhos e suados com suas próprias mentiras, fedendo a Old Spice e estresse relacionado ao emprego, em pé em suas portas amarelas brilhantes, brandindo seus Seikos e mostrando o relógio em cima da pia da cozinha... Vou te contar, eles não sabem ver hora, não?

Isso não acontecia mais. A entrega de pizza é uma grande indústria. Uma indústria bem gerenciada. As pessoas iam para a Universidade da Pizza CosaNostra por quatro anos só para aprender a atividade. Passavam por suas portas incapazes de escrever uma frase em inglês, vindos da Abkhazia, de Ruanda, Guanajuato, South Jersey, e saíam entendendo mais de pizza que um beduíno entendia de areia. E eles haviam estudado esse tipo de problema. Marcado a frequência de discussões relacionadas a tempo de entrega na porta das casas. Haviam enchido os primeiros Entregadores de fios para gravar, e depois analisar, as táticas de discussão, os histogramas de estresse de voz, as estruturas gramaticais distintivas empregadas por ocupantes de Suburbiclaves Tipo A brancos de classe média que, contra toda a lógica, haviam deduzido que aquele era o lugar para fazer sua própria defesa tipo General Custer contra tudo o que era podre e moribundo em suas vidas: eles iam mentir, ou se iludir, quanto à

hora de sua ligação telefônica e conseguir uma pizza de graça; não, eles mereciam uma pizza de graça juntamente com sua vida, liberdade e busca de fosse lá o que fosse, era inalienável, caralho. Mandaram psicólogos para as casas dessas pessoas, davam a elas um aparelho de TV grátis para que se submetessem a uma entrevista anônima, ligavam-nas a polígrafos, estudavam suas ondas cerebrais enquanto lhes mostravam filmes editados e inexplicáveis de rainhas do filme pornô, batidas de carro de madrugada e Sammy Davis Jr., colocavam-nas em salas com paredes cor de malva e lhes faziam perguntas tão perturbadoras sobre Ética a que nem mesmo um jesuíta poderia responder sem cometer um pecado leve.

Os analistas da Universidade da Pizza CosaNostra concluíram que era apenas a natureza humana e não se podia consertá-la, e então optaram por uma rápida e barata correção tecnológica: caixas inteligentes. A caixa da pizza de hoje é uma carapaça plástica, corrugada para dar mais rigidez, um pequeno mostrador com LEDs brilhando na lateral, dizendo ao Entregador quantos minutos de produção de equilíbrio comercial já se passaram desde a fatídica ligação telefônica. Lá dentro existem chips e coisas do gênero. As pizzas repousam, em uma pequena pilha, em slots atrás da cabeça do Entregador. Cada pizza desliza para dentro de uma dessas aberturas, iguais a uma placa de circuito dentro de um computador, se encaixa com um clique e a caixa inteligente aciona a interface com o sistema de bordo do carro do Entregador. O endereço da pessoa que ligou já foi inferido a partir de seu número telefônico e inserido na RAM embutida da caixa inteligente. De lá, esse endereço é transmitido para o carro, que computa e projeta a rota ideal em um mostrador na altura dos olhos, um mapa colorido reluzente traçado contra o para-brisa de modo que o Entregador sequer precise olhar para baixo.

Se o prazo de trinta minutos expirar, a notícia do desastre é enviada para o Quartel-General da Pizza CosaNostra e de lá transmitida para o próprio Tio Enzo – o Coronel Sanders siciliano, o Andy Griffith de Bensonhurst, o assassino da navalha de muitos pesadelos de Entregadores, o Capo e figura principal da CosaNostra Pizza, Incorporated –, que estará ao telefone com o cliente em menos de cinco minutos, pedindo milhões de desculpas. No dia seguinte, Tio Enzo pousará no quintal do cliente em um helicóptero a jato e lhe dará uma

viagem grátis para a Itália: tudo o que ele tem de fazer é assinar um monte de documentos que fazem dele uma figura pública e porta-voz da CosaNostra Pizza e basicamente acabar com sua vida privada como ele a conhece. Ele vai sair de toda essa história achando que, de algum modo, quem deve um favor à Máfia é ele.

O Entregador não sabe ao certo o que acontece com o motorista nesses casos, mas já ouviu alguns rumores. A maioria das entregas de pizza acontece à noite, que o Tio Enzo considera seu momento de privacidade. E como é que alguém se sentiria caso precisasse interromper seu jantar com sua família para ligar para algum babaca teimoso num Suburbiclave e se desculpar por uma merda de pizza atrasada? O Tio Enzo não passou cinquenta anos servindo sua família e seu país para que, numa idade em que a maioria dos homens está jogando golfe e brincando com os netinhos, ele tenha de sair da banheira todo molhado, se abaixar e beijar os pés de algum punk skatista de dezesseis anos cuja pizza de pepperoni demorou 31 minutos para chegar. Meu Deus! O Entregador respira com um pouco mais de dificuldade só de pensar na ideia.

Mas ele não deixaria de dirigir para a CosaNostra Pizza por nada. Sabe por quê? Porque alguma coisa sobre colocar a vida em risco mexe com ele. É como ser um piloto camicase. Sua mente está clara. Outras pessoas – balconistas de lojas, chapeiros de hambúrguer, engenheiros de software, todo o vocabulário de trabalhos sem sentido que fazem a Vida na América –, outras pessoas simplesmente confiam na boa e velha competição. É melhor virar seus hambúrgueres na chapa ou debugar suas sub-rotinas mais rápido e melhor do que seu colega de segundo grau dois quarteirões abaixo na mesma rua está virando ou debugando, porque nós estamos competindo com esses caras, e as pessoas reparam nessas coisas. Mas que porra de corrida de ratos que é esse negócio! A CosaNostra Pizza não tem nenhum concorrente. Competição é algo que vai contra a ética da Máfia.

Não se trabalha mais duro por estar competindo contra alguma operação idêntica na mesma rua. Se trabalha mais duro porque tudo está em risco. Seu nome, sua honra, sua família, sua vida. Esses chapeiros podem até ter uma expectativa de vida maior – mas que tipo de vida é esse? É essa a pergunta que cada um se faz. É por isso que ninguém, nem mesmo os japoneses, consegue

transportar pizzas mais rápido que a CosaNostra. O Entregador tem orgulho de envergar o uniforme, orgulho de dirigir o carro, orgulho de marchar pelas entradas da frente das inumeráveis casas de Suburbiclaves, uma visão assustadora em preto-ninja, uma pizza no ombro, dígitos vermelhos de LEDs queimando números orgulhosos na noite: 12:32 ou 15:15 ou o ocasional 20:43.

O Entregador pegou o CosaNostra Pizza 3569 no Vale. O sul da Califórnia não sabe se explode ou se simplesmente se estrangula no ato. Não existem estradas suficientes para o número de pessoas. A Fairlanes, Inc. está construindo novas o tempo todo. Precisa passar a motoniveladora em cima de montes de bairros para fazer isso, mas aqueles conjuntos habitacionais dos anos 1970 e 1980 existem para serem motonivelados, certo? Não há calçadas, não há escolas, não há nada. Eles não têm sua própria força policial, nenhum controle de imigração: os indesejáveis podem entrar direto sem serem revistados ou sequer molestados. Agora, um Suburbiclave, aí sim é um lugar para se viver. Uma cidade-estado com sua própria constituição, uma fronteira, leis, tiras, tudo.

O Entregador foi um cabo da Força de Segurança Estadual das Fazendas de Merryvale por algum tempo. Foi demitido por puxar uma espada para um meliante reconhecido como tal. Passou-a através do tecido da camisa do meliante, deslizando o gume da lâmina ao longo da base de seu pescoço, e o pregou a um trecho empenado e empelotado de vinil na parede lateral da casa que o meliante estava tentando invadir. Ele achava que havia sido uma prisão bastante justificável.

Mas o demitiram mesmo assim porque o meliante era filho do vice-chanceler das Fazendas de Merryvale. Ah, as raposas velhas tinham uma desculpa: disseram que uma espada samurai de 36 polegadas não estava em seu Protocolo de Armas. Disseram que ele havia violado o CAMS, o Código de Apreensão de Meliante Suspeito. Disseram que o meliante havia sofrido trauma psicológico. Agora ele tinha medo até de facas de manteiga; precisava passar a geleia no pão com uma colher de chá. Disseram que ele os havia exposto a um processo.

O Entregador precisou pedir um dinheiro emprestado para pagar por isso. Teve de pedir emprestado à Máfia, na verdade. Então, ele está no banco de dados deles agora: padrões de retina, DNA, voz, digitais dos dedos da mão, dos pés,

das palmas da mão, dos pulsos, em cada porra de uma parte de seu corpo que tivesse rugas – quase todas as partes – aqueles filhos da puta passaram um rolete de tinta, fizeram uma impressão e digitalizaram no computador deles. Mas o dinheiro é deles: claro, eles tomam muito cuidado na hora de emprestá-lo. E quando ele se candidatou ao emprego de Entregador, eles ficaram felizes em aceitá-lo porque o conheciam. Quando recebeu o empréstimo, teve de lidar pessoalmente com o vice-capo assistente do Vale, que mais tarde o recomendou para o emprego de Entregador. Então, era como estar em uma família. Uma família abusiva, doente, realmente assustadora.

A CosaNostra Pizza 3569 fica na Vista Road, logo depois do Kings Park Mall. A Vista Road costumava pertencer ao Estado da Califórnia e agora se chama Rota CSV-5 da Fairlanes, Inc. O principal concorrente deles costumava ser uma rodovia dos Estados Unidos e ela agora se chama Rota CAL-12 da Cruiseways, Inc. Subindo um pouco o Vale, as duas rodovias concorrentes na verdade se cruzam. Já chegaram a acontecer disputas violentas, e o cruzamento fora fechado por tiroteios esporádicos entre atiradores de elite. Por fim, uma grande construtora comprou todo o cruzamento e o transformou num shopping *drive-thru*. Agora as estradas simplesmente alimentam um sistema de estacionamento – não um terreno, não uma rampa, mas um sistema – e perderam sua identidade. Passar pelo cruzamento envolve traçar caminhos através do sistema de estacionamento, muitos filamentos entrelaçados de direção como a trilha de Ho Chi Minh. A CSV-5 tem um melhor escoamento, mas a CAL-12 possui o melhor asfalto. Isso é típico: as estradas Fairlanes dão ênfase a que você chegue a seu destino, para motoristas Tipo A, e as Cruiseways enfatizam o desfrutar da viagem, para motoristas Tipo B.

O Entregador é um motorista Tipo A com raiva. Ele está se aproximando cada vez mais rápido de sua base, a CosaNostra Pizza 3569, subindo a pista esquerda da CSV-5 a 120 quilômetros. Seu carro é um losango negro invisível, apenas um lugar escuro que reflete o túnel de placas de franquias: o loglo. Uma fileira de luzes laranja borbulha e espuma na parte da frente do carro, onde ficaria a grade se este fosse um carro que respirasse ar. A luz alaranjada parece um fogo alimentado por gasolina. Ele aparece nas janelas traseiras das pessoas, quica em seus retrovisores, projeta uma máscara feroz nos olhos delas, alcança

seus subconscientes e desenterra medos terríveis de serem pregados, totalmente conscientes, a um tanque de gasolina que vai explodir, faz eles quererem passar para o acostamento e deixar o Entregador passar por eles em sua carruagem negra de pepperoni pegando fogo. O loglo, no alto, com as letras CSV-5 entre trilhas gêmeas, é um corpo de luz elétrica composto por inúmeras células, cada uma desenhada em Manhattan por criadores de imagens que ganham mais para desenhar um único logotipo do que um Entregador ganhará em toda a sua vida. Apesar de seus esforços para se destacar, eles todos se fundem, especialmente a 120 quilômetros por hora. Mesmo assim, é fácil ver a CosaNostra Pizza 3569 por causa da placa, que é grande e larga até mesmo pelos atuais padrões exagerados. Na verdade, o próprio prédio da franquia, pequeno, não parece mais do que uma base achatada para os grandes pilares de fibra aramada que empurram a placa para o firmamento das marcas. Marca registrada, baby.

O cartaz é clássico, uma pérola, não um vestígio de alguma campanha promocional passageira da Máfia. É uma declaração, um monumento construído para durar. Simples e digno. Ele mostra o Tio Enzo vestindo um de seus caros ternos italianos. As listras reluzem e se flexionam como tendões. O quadrado do bolso do paletó é luminoso. Seu cabelo é perfeito, cortado e penteado para trás com uma coisa que não se desgasta nunca, cada fio cortado retinho e quadrado na ponta pelo primo do Tio Enzo, Art, o Barbeiro, que dirige a segunda maior cadeia de salões de cabeleireiros de preço baixo do mundo. O Tio Enzo está ali em pé, não exatamente sorrindo, um brilho camarada no olhar com certeza, não posando como um modelo, mas ali em pé como seu tio ficaria, e o cartaz diz:

A Máfia

você tem um amigo na Família!

pago pela Fundação Coisa Nossa

A placa serve como o estandarte do Entregador. Ele sabe que, quando chegar ao lugar na CSV-5 onde o canto inferior do cartaz é obscurecido pelos arcos de vidro pseudogóticos da franquia local dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne, estará na hora de passar para as pistas da direita, onde os retardatários e

as *bimbo boxes* trafegam, aleatórios, indecisos, olhando para cada entrada de franquia como se não soubessem se é uma promessa ou uma ameaça.

Ele sai cortando uma *bimbo box* – uma minivan de família –, faz uma curva fechada no Buy ’n’ Fly que fica do lado e estaciona na CosaNostra Pizza 3569. Os imensos contatos pneu-solo reclamam, rangem um pouquinho, mas se seguram no asfalto de alta tração patenteado da Fairlanes, Inc. e o conduzem até o estacionamento de embarque. Não há nenhum outro Entregador esperando ali. Isso é ótimo, porque significa alta taxa de entrega para ele, ação rápida, bateu valeu.

Quando ele freia e para, a trava eletromagnética na lateral de seu carro já está se abrindo para revelar seus slots de pizza vazios, e a porta se abrindo com um clique e se dobrando sobre si mesma como a asa de um besouro. Os slots estão esperando. Esperando pizza quentinha.

E esperando. O Entregador aperta a buzina. Esta não é uma situação de rotina.

A janela se abre. Isso nunca deveria acontecer. Pode olhar no fichário da Universidade da Pizza CosaNostra, buscar a referência cruzada com as citações para *janela*, *estacionamento de embarque*, *despacho*, e ele lhe dará todos os procedimentos para aquela janela – e ela jamais deveria se abrir. A menos que alguma coisa esteja errada. A janela se abre e – está sentado? – sai *fumaça* de dentro dela. O Entregador ouve um ruído dissonante sobre o furacão de metal de seu sistema de som e percebe que é um alarme de incêndio, vindo de dentro da franquia.

Ele aperta o botão *mute* do estéreo. Um silêncio opressivo – seus tímpanos se expandem novamente – e a janela está zumbindo com o grito do alarme de incêndio. O carro espera preguiçoso. A porta de trás ficou aberta por tempo demais, poluentes atmosféricos estão se condensando nos contatos elétricos atrás dos slots das pizzas; ele vai ter de limpá-los antes do programado. Tudo está indo exatamente ao contrário do que está no fichário que define todos os ritmos do universo da pizza.

Lá dentro, um abkhazi com um corpo oval como uma bola de futebol americano está correndo de um lado para o outro, mantendo um fichário aberto com a ajuda de um estepe para evitar que ele se feche de tão pesado; ele corre

com o passo daqueles homens que correm equilibrando um ovo numa colher. Ele está gritando no dialeto abkhazi; todas as pessoas que dirigem franquias de pizza da CosaNostra nesta parte do Vale são imigrantes abkhazis. Não parece um incêndio sério. O Entregador viu um incêndio de verdade um dia, nas Fazendas de Merryvale, e não dava para ver nada por causa da fumaça.

Era tudo o que havia: fumaça, borbulhando do nada, vislumbres ocasionais de luzes alaranjadas ao fundo, como relâmpagos em nuvens altas. Não é esse tipo de incêndio. É o tipo de incêndio que quase não gera fumaça o bastante para acionar o alarme de incêndio. E ele está perdendo tempo por uma merda dessas.

O Entregador solta o dedo na buzina. O gerente abkhazi vai até a janela. Ele deveria usar o interfone para falar com os motoristas, poderia dizer o que quisesse e isso seria transmitido direto para o carro do Entregador, mas não, ele tem que conversar cara a cara, como se o Entregador fosse alguma espécie de motorista de carro de boi da porra. O sujeito está com a cara vermelha, suando, revirando os olhos enquanto tenta pensar nas palavras em inglês.

– Um fogo, pequeno – ele explica.

O Entregador não diz nada. Porque ele sabe que tudo isso está sendo gravado em vídeo. A fita está sendo transmitida, como de costume, para a Universidade da Pizza CosaNostra, onde será analisada por um laboratório de ciências de administração de pizza. Ela será exibida a alunos da Universidade da Pizza, talvez para os próprios alunos que substituirão esse homem quando ele for demitido, como um exemplo de manual de instruções de como foder com sua vida.

– Empregado novo... colocou jantar dele no micro-ondas... tinha papel laminado... cabum! – diz o gerente.

Abkhazia fora uma das antigas repúblicas soviéticas. Um novo imigrante da Abkhazia tentando operar um micro-ondas era como um verme tubular das profundezas do oceano fazendo neurocirurgia. Onde é que eles achavam esses sujeitos? Não havia nenhum americano que soubesse fazer uma porra duma pizza?

– Me dê logo uma pizza – diz o Entregador.

Falar de pizzas traz o cara de volta ao século atual. Ele segura a onda. Fecha a janela com força, estrangulando o ruído incansável do alarme de incêndio. Um

braço-robô japonês traz a pizza e a enfia no slot de cima. A porta de trás se fecha na hora para protegê-la. Quando o Entregador está saindo do estacionamento, começando a acelerar, verificando o endereço que pisca em seu vidro da frente, decidindo se vira à esquerda ou à direita, acontece a coisa. Seu estéreo desliga novamente – sob as ordens do sistema de bordo. As luzes do cockpit ficam vermelhas. Uma buzina repetitiva começa a soar. O mostrador de LEDs em seu vidro da frente, que repete o que está na caixa da pizza, começa a piscar: 20:00.

Acabaram de entregar ao Entregador uma pizza que já tem vinte minutos de prazo corrido. Ele verifica o endereço; fica a 15 quilômetros dali.

2

O Entregador solta um rugido involuntário e desce o pé no acelerador. Suas emoções lhe dizem para voltar e matar aquele gerente, tirar suas espadas do porta-malas, mergulhar pela janelinha *deslizante* como um ninja, rastreá-lo através do caos da franquia que o micro-ondas assou e confrontá-lo num apocalipse climático com massa alta. Mas ele pensa a mesma coisa quando alguma coisa o corta na rodovia, e ele nunca fez isso antes – ainda.

Ele pode lidar com isso. Isso é viável. Ele coloca as luzes de alerta laranja em brilho máximo, coloca seus faróis em autoflash. Desativa a buzina de aviso, passa o estéreo para o Taxiscan, que atravessa todas as frequências de motoristas de táxi ouvindo informações relevantes sobre o tráfego. Você não conseguiria entender uma só palavra. Você poderia comprar fitas, aprender enquanto dirige, e aprender a falar Taxilíngua. Era essencial para se conseguir um trabalho nesse negócio. Diziam que era baseado em inglês, mas não se consegue reconhecer nem uma palavra em cem. Mesmo assim, dá pra se ter uma ideia. Se houvesse problemas nessa estrada, eles estariam falando sobre isso em Taxilíngua, dando a ele algum aviso, permitindo que ele tomasse uma rota alternativa para que ele não ficasse

ele agarra o volante

preso no tráfego

seus olhos se arregalam, ele consegue sentir a pressão recolocando-os no lugar

em seu crânio

ou preso no tráfego atrás de um trailer

sua bexiga está estourando

e entregar a pizza

ai, meu Deus, ai, meu Deus

atrasado

O marcador no vidro dianteiro registra 22:06; tudo o que ele consegue ver, tudo o que ele consegue pensar é 30:01.

Os motoristas de táxi estão falando na maior agitação sobre alguma coisa. A Taxilíngua é um blá-blá-blá melífluo com alguns poucos sons estrangeiros rascantes, parece manteiga salpicada com vidro moído. Ele não para de ouvir a palavra “corrida”. Eles estão sempre balbuciando sobre suas malditas corridas. Grande coisa. O que acontece se você entregar sua corrida

atrasada

você não ganha uma gorjeta? Grande coisa.

Grande lentidão no cruzamento da CSV-5 com a Oahu Road, como de costume, e a única maneira de evitá-la é cortando por The Mews, em Windsor Heights.

Todos os TMEWHs têm o mesmo layout. Ao criar um novo Suburbiclave, a Corporação de Desenvolvimento TMEWH arrasa qualquer cadeia de montanhas e desvia o curso de qualquer rio poderoso que ameace interromper esse planejamento urbano – ergonomicamente projetado para incentivar a segurança na direção. Um Entregador pode chegar a Mews em Windsor Heights vindo de qualquer lugar, de Fairbanks a Yaroslavl à zona econômica especial de Shenzhen, e não se perder nunca. Mas, depois que você já entregou uma pizza em cada casa de um TMEWH algumas vezes, começa a conhecer seus segredinhos. O Entregador é um homem desses. Ele sabe que em um TMEWH padrão só existe um quintal – um quintal – que o impede de dirigir direto para uma entrada, atravessar o Suburbiclave e sair pela outra. Se ficar de frescura e não quiser passar por cima de gramados, ele poderá levar dez minutos para fazer seu caminho pelos meandros do TMEWH. Mas se tiver o culhão de deixar suas marcas de pneu naquele quintal, terá uma reta direto para o centro.

O Entregador conhece esse quintal. Ele já entregou pizzas ali. Ele já olhou, analisou, memorizou a localização do galpão de ferramentas e da mesa de piquenique, consegue encontrá-los até no escuro: sabe que, se for preciso chegar a esse ponto, uma pizza de 23 minutos, faltando quilômetros para chegar, e uma retenção na CSV-5 com a Oahu – ele poderia entrar em The Mews em Windsor Heights (seu visto eletrônico de entregador levantaria o portão automaticamente), descer a toda pelo Heritage Boulevard, fazer a curva rasgando

em Strawbridge Place (ignorando a placa de SEM SAÍDA e os ideogramas de limite de velocidade e CRIANÇAS BRINCANDO espalhados de forma tão generosa ao longo de todo o TMEWH), enfrentar as lombadas com seus poderosos pneus radiais, subir correndo a entrada do número 15 do Strawberry Circle, cortar com força à esquerda ao redor do galpão de ferramentas do quintal, deslizar derrapando no quintal do número 84 da Mayapple Place, evitar sua mesa de piquenique (essa é difícil), passar pela entrada de carros deles e sair na Mayapple, o que o levaria à Bellewoode Valley Road, que vai dar direto na saída do Suburbiclave. A polícia de segurança do TMEWH poderia estar esperando por ele na saída, mas seus GDPs, dispositivos de Graves Danos a Pneus, só apontam em uma direção – eles conseguem manter as pessoas do lado de fora, mas não do lado de dentro.

Este carro pode ir tão rápido que, se um policial desse uma mordida num donut enquanto o Entregador estivesse entrando no Heritage Boulevard, ele provavelmente não seria capaz de engolir até o instante em que o Entregador estivesse entrando com os pneus cantando na Oahu.

Tunc. E mais luzes vermelhas se acendem no vidro dianteiro: a segurança do perímetro do veículo do Entregador foi quebrada.

Não. Não pode ser.

Alguém está na sombra dele. Bem atrás do seu flanco esquerdo. Uma pessoa num skate, descendo a rodovia bem atrás dele, justo quando ele está calculando os vetores de aproximação para o Heritage Boulevard. O Entregador, em sua distração, permitiu-se ser poado. Ou seja, arpoado. É um eletroímã almofadado grande e redondo na ponta de um cabo de aracnofibra.

Ele acabou de bater na traseira do carro do Entregador, e ficou por lá. Três metros atrás, o dono desse dispositivo maldito está surfando, pegando carona com ele, viajando de skate como quem faz esqui aquático atrás de um barco. Pelo retrovisor, flashes laranja e azuis. O parasita não é só um punk se divertindo. É um homem de negócios ganhando dinheiro. O macacão laranja e azul, todo inflado com almofadas sintéticas de armagel, é o uniforme de um Kourier. Um Kourier da RadiKS, Radikal Kourier Systems. Igual a um mensageiro de bicicleta, mas cem vezes mais irritante porque eles não pedalam

com os próprios pés – simplesmente se agarram a outro e fazem ele reduzir a velocidade.

Naturalmente. O Entregador estava apressado, as luzes de alerta piscando, os contatos pneu-solo guinchando. A coisa mais rápida da estrada. É claro que o Kourier iria escolhê-lo para se agarrar.

Não é preciso ficar bolado com isso. Com o atalho pelo TMEWH, ele terá tempo de sobra. Ele ultrapassa um carro mais lento na pista do meio, depois corta à direita na frente dele. O Kourier terá de despoar ou então se esborrachará na lateral do veículo mais lento. Dito e feito. O Kourier não está mais a três metros atrás dele: está bem ali, espiando pelo vidro traseiro. Antecipando a manobra, o Kourier recolheu a corda, que está ligada a um guidão com uma carretilha elétrica, e está agora bem em cima do pizzamóvel, a roda da frente de sua prancha de skate na verdade embaixo do para-choque traseiro do Entregador.

Uma mão com luva laranja e azul surge no seu campo de visão, com uma folha de plástico transparente enrolada nela, e bate na janela lateral do motorista. O Entregador acabou de ser adesivado. O sticker tem uns 30 centímetros de largura e diz, em letras grandes de imprensa laranja, impressas de trás para diante para que ele possa lê-las de dentro:

ESSA FOI SACANAGEM

Ele quase perde a entrada do The Mews em Windsor Heights. Ele precisa pisar fundo no freio, esperar uma brecha no tráfego, cortar pela calçada para entrar no Suburbiclave. O posto de fronteira está bem iluminado, os agentes da alfândega prontos para revistar todos os recém-chegados – revistam até as cavidades corporais se for o tipo errado de pessoa –, mas o portão se abre como que por mágica quando os sensores do sistema de segurança detectam que é um veículo da CosaNostra Pizza, apenas fazendo uma entrega, senhor. E, quando ele atravessa, o Kourier – esse pentelho encravado na sua bunda – acena para a polícia da fronteira! Mas que babaca! Como se ele passasse por ali o tempo todo!

Ele provavelmente deve passar por ali o tempo todo. Pegando coisas importantes para gente importante do TMEWH, entregando-as em outras EQNOFs, Entidades Quase Nacionais Organizadas em Franquias, passando por

alfândegas. É isso o que os Kouriers fazem. Mas mesmo assim... Ele está indo devagar demais, perdeu todo o seu momentum, seu timing está fora. Cadê o Kourier? Ah, deu alguma linha, está seguindo atrás dele novamente. O Entregador sabe que esse babaca vai ter uma grande surpresa. Será que ele consegue ficar em sua prancha de skate de merda enquanto está sendo levado por cima dos restos achatados do triciclo de plástico de algum garoto a cem quilômetros por hora? Vamos descobrir.

O Kourier inclina-se para trás – o Entregador não consegue deixar de olhar pelo retrovisor –, inclina-se para trás como um esquiador aquático, equilibra-se contra a prancha e vira para ficar ao seu lado, viajando agora ao lado dele, subindo o Heritage Boulevard e *plec*, outro sticker, desta vez no para-brisa! Diz assim:

MANOBRA ESPERTA, CAGÃO

O Entregador já tinha ouvido falar nesses stickers. Você leva horas para retirá-los. É preciso levar o carro a um lugar especial, pagar trilhões de dólares. O Entregador tem duas coisas na sua agenda agora: ele vai tirar essa escória da rua, custe o que custar, e entregar essa porra dessa pizza, tudo isso no espaço de

24:23

cinco minutos e 37 segundos.

É agora – precisa prestar mais atenção à estrada –, ele faz uma curva súbita na rua lateral, sem avisar, esperando, quem sabe, mandar o Kourier numa lapada para que ele bata os cornos na placa de rua da esquina. Não funciona. Os Kouriers mais inteligentes ficam prestando atenção aos seus pneus dianteiros, eles veem quando eles estão virando, não dá pra surpreendê-los. Descendo a Strawbridge Place! Ela parece tão comprida, mais comprida do que ele se lembrava – o que é natural quando se está com pressa. Ele vê o brilho dos carros lá adiante, carros estacionados em paralelo à estrada – estes devem estar estacionados na praça. E tem a casa. Toda de placas de vinil azul-claro, dois andares com uma garagem de um andar na lateral. Ele faz daquela passagem o centro de seu universo, tira o Kourier da cabeça, tenta não pensar no Tio Enzo,

no que ele está fazendo neste exato instante – na banheira, talvez, ou dando uma cagada, ou fazendo amor com alguma atriz, ou ensinando canções sicilianas para uma de suas 26 netas.

A rampa da entrada bate na sua suspensão dianteira a meio caminho do compartimento do motor, mas é para isso que as suspensões servem. Ele se desvia do carro na entrada – devem ter visitas hoje, não lembrava que esse pessoal tinha um Lexus –, corta pela cerca viva, entra no jardim do lado, procura aquele galpão, aquele galpão no qual ele absolutamente não deve entrar

não está lá, eles retiraram

próximo problema, a mesa de piquenique no próximo jardim

espere aí, tem uma cerca, quando foi que eles colocaram uma cerca?

Não é hora de pisar no freio. Ele precisa ganhar alguma velocidade, derrubá-la sem destruir todo aquele momentum. É apenas uma coisa de madeira de um metro e vinte.

A cerca vai abaixo fácil, ele perde talvez 10% da velocidade. Mas, estranho, parecia uma cerca *antiga*, talvez ele tivesse feito uma curva errada em algum lugar – ele percebe, quando catapulta direto para dentro de uma piscina vazia no quintal.

***

Se ela estivesse cheia de água, não teria sido tão ruim, talvez o carro tivesse sido salvo, ele não deveria à CosaNostra Pizza um carro novo. Mas não, ele bate de nariz, feito um avião, na outra parede da piscina, e parece mais uma explosão do que uma batida. O airbag infla e murcha um segundo depois, como uma cortina que se abre para revelar a estrutura de sua nova vida: ele está preso dentro de um carro morto em uma piscina vazia num TMEWH, as sirenes da polícia de segurança do Suburbiclave estão se aproximando e há uma pizza atrás de sua cabeça, descansando ali como a lâmina de uma guilhotina, com 25:17 escrito nela.

– Pra onde é que ela tá indo? – pergunta alguém. Uma mulher.

Ele levanta a cabeça e olha pelo quadro distorcido da janela, agora coberta com o padrão fractal de vidro de segurança cristalizado. É o Kourier falando

com ele. O Kourier não é um homem, é uma garota. Uma adolescentezinha de merda. Ela está limpinha e não se machucou nem um pouco. Desceu com o skate direto para dentro da piscina, e está agora oscilando de um lado para o outro, subindo num dos lados com o skate, quase até a borda, girando, descendo, atravessando e subindo do outro lado. Está segurando seu arpão na mão direita, o eletroímã enrolado no guidão de um jeito que ficou parecendo uma espécie de estranha arma de raio da morte intergalática. O peito dela brilha como o de um general, com uma centena de fitinhas e medalhas, só que cada retângulo não é uma fita, é um código de barras. Um código de barras com um número de id que a leva para dentro de uma empresa, uma rodovia ou uma EQNOF diferente.

– Yo! – ela grita. – Para onde é que a pizza tá indo?

Ele vai morrer e ela está *de sacanagem*.

– White Columns. Oglethorpe Circle, número 5 – ele responde.

– Eu posso fazer isso. Abre a traseira.

O coração dele quase sai pela garganta. Os olhos se enchem de lágrimas. Ele poderá viver. Ele aperta um botão e a traseira se abre.

Na próxima órbita que ela faz no fundo da piscina, a Kourier arranca a pizza dele do slot. O Entregador faz uma careta, imaginando a cobertura de alho caindo todo para um dos lados da caixa, feito uma sanfona. Então ela coloca a caixa debaixo do braço. Aí também já passou da conta para um Entregador.

Mas ela vai chegar lá. O Tio Enzo não precisa pedir desculpas por pizzas feias, estragadas, frias, só pelas atrasadas.

– Ei – ele diz. – Leve isto aqui.

O Entregador enfia seu braço todo coberto de preto para fora da janela estilhaçada. Um retângulo branco reluz na luz fraca do quintal: um cartão de visita. A Kourier o arranca dele na órbita seguinte e o lê. Ele diz assim:

HIRO PROTAGONIST
Último dos hackers independentes
Maior espadachim do mundo
Pesquisador Freelance, Central Intelligence Corporation

Especializado em informações secretas relacionadas
a software
(músicas, filmes e microcódigo)

No verso, uma explicação enorme de como ele pode ser encontrado: um número de telefone. Um código localizador telefônico universal por voz. Uma caixa postal. Seu endereço em meia dúzia de redes eletrônicas de comunicação. E um endereço no Metaverso.

– Que nome idiota – ela comenta, enfiando o cartão em um dos cem bolsinhos de seu macacão.

– Mas você nunca mais vai esquecê-lo – diz Hiro.

– Se você é um hacker...

– Como é que eu estou entregando pizza?

– Isso.

– Porque eu sou um hacker freelance. Escute, seja lá qual for o seu nome... Te devo uma.

– O nome é Y. T. – ela diz, impulsionando o skate algumas vezes no fundo da piscina com um dos pés, ganhando mais energia. Ela sai voando da piscina, como se tivesse sido catapultada, e desaparece. As rodas inteligentes de seu skate, muitos, muitos raios se estendendo e retraindo para se adaptar à forma do terreno, levam-na pela grama como um bloco de manteiga deslizando por uma frigideira quente de Teflon.

Hiro, que há trinta segundos não é mais o Entregador, sai do carro e tira suas espadas do porta-malas, amarra-as no corpo e se prepara para uma sensacional fuga noturna pelo território da TMEWH. A fronteira com os Oakwood Estates fica a apenas alguns minutos dali, ele tem o layout memorizado (mais ou menos) e sabe como os tiras desses Suburbiclaves operam, porque já foi um deles. Então ele tem uma boa chance de chegar lá. Mas isso vai ser interessante.

Acima dele, na casa que é dona da piscina, uma luz se acendeu, e as crianças estão olhando para ele pelas janelas de seu quarto, todas quentinhas e fofinhas em seus pijamas Li’l Crips e Guerreiros Ninjas da Jangada, que podem ser ou à prova de fogo ou não cancerígenas, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. O

pai está emergindo da porta dos fundos, vestindo uma jaqueta. É uma família bonita, uma família segura em uma casa toda iluminada, como a família de que ele fazia parte até trinta segundos atrás.

3

Hiro Protagonist e Vitaly Chernobyl, colegas de quarto, estão descansando em sua casa, um espaçoso 20 x 30 em um U-Stor-It em Inglewood, Califórnia. O aposento tem um piso de placas de concreto, paredes de aço corrugado que o separam das unidades vizinhas, e – esta é uma marca de distinção e luxo – uma porta de aço de rolar que dá para o norte, concedendo a eles alguns raios vermelhos em momentos como este, quando o sol se põe sobre o LAX. De tempos em tempos, um 777 ou um Transporte Hipersônico Sukhoi/Kawasaki taxia na frente do sol e bloqueia o crepúsculo com seu leme, ou simplesmente aleija a luz vermelha com a exaustão do seu jato, torcendo os raios paralelos em um padrão sarapintado na parede.

Mas há lugares piores para se viver. Há lugares muito piores bem aqui nesta U-Stor-It. Somente as unidades grandes como aquela têm suas próprias portas. A maioria delas é acessada por meio de uma doca de carregamento comunitária que leva para um labirinto de amplos corredores de aço corrugado e elevadores de carga. Essas casas são de favela, de 5 x 10 e 10 x 10, onde membros da tribo Yanoama cozinham feijão e fervem punhados de folhas de coca sobre pilhas de bilhetes de loteria.

Dizem à boca pequena que, nos velhos tempos, quando a U-Stor-It era realmente usada para seu propósito original (a saber, oferecer espaço de armazenamento extrabarato para californianos com excesso de bens materiais), certos empreendedores apareciam no escritório da frente, alugavam 10 x 10 utilizando ids falsas, enchiam tudo com tambores de aço cheios de lixo químico tóxico e depois os abandonavam, deixando o problema para que a U-Stor-It Corporation se virasse. Segundo esses rumores, a U-Stor-It simplesmente trancava essas unidades a cadeado e as esquecia. Agora, afirmam os imigrantes, certas unidades permanecem assombradas por esse espectro químico. É uma

história que eles contam para seus filhos, a fim de impedir que eles tentem entrar em unidades trancadas a cadeado.

Ninguém jamais tentou entrar na unidade de Hiro e Vitaly porque não há nada ali para roubar, e, a esta altura de suas vidas, nenhum deles é importante o bastante para ser morto, sequestrado ou interrogado. Hiro possui um par de belas espadas japonesas, mas sempre anda com elas, e a ideia de roubar armas fantasticamente perigosas apresenta ao ladrão em potencial inerentes perigos e contradições: quando se está lutando pela posse de uma espada, o homem que segura o cabo sempre vence. Hiro também tem um computador muito bom que normalmente costuma levar consigo quando sai para qualquer lugar. Vitaly possui meio box de Lucky Strikes, uma guitarra elétrica e uma ressaca.

No momento, Vitaly Chernobyl está estirado em um futon, curtindo uma ressaca, e Hiro Protagonist está sentado de pernas cruzadas em uma mesa baixa, em estilo japonês, que consiste de uma pequena plataforma de carga apoiada sobre tijolos.

Quando o sol se põe, sua luz vermelha é suplantada pela luz de muitos logotipos de neon que emanam do gueto-franquia que constitui este *habitat* natural da U-Stor-It. Essa luz, conhecida como loglo, preenche os cantos sombreados da unidade com cores vivas e supersaturadas.

Hiro tem pele cor de capuccino e dreadlocks truncados e pontudos. Seus cabelos não cobrem tanto de sua cabeça quanto costumavam antigamente, mas ele é jovem, e não está ficando careca nem calvo, e o ligeiro recuo da linha de seus cabelos apenas realça mais as maçãs de seu rosto. Ele está usando óculos brilhantes que envolvem metade de sua cabeça; as laterais dos óculos possuem pequenos fones que estão plugados em seus ouvidos.

Os fones de ouvido têm alguns recursos embutidos de cancelamento de som. Esse tipo de coisa funciona melhor com ruídos ininterruptos. Quando jatos gigantes fazem suas decolagens na pista do outro lado da rua, o som é reduzido a um leve zumbido. Mas, quando Vitaly Chernobyl toca um solo experimental de guitarra, o som ainda machuca os ouvidos de Hiro.

Os óculos atiram uma luz, uma neblina esfumaçada em seus olhos, e refletem uma visão distorcida em ângulo agudo de um bulevar brilhantemente iluminado que se estende em uma escuridão infinita. Esse bulevar não existe de

verdade; é uma visão renderizada por computador de um lugar imaginário. Sob esta imagem, é possível ver os olhos de Hiro, que parecem asiáticos. Eles são de sua mãe, que é coreana de ascendência japonesa. O resto dele se parece mais com o pai, que era africano de ascendência texana pela via do exército – nos dias anteriores a que ele se dividisse em uma série de organizações concorrentes como o Sistema de Defesa do General Jim ou a Segurança Nacional do Almirante Bob.

Quatro coisas estão sobre a mesa: uma garrafa de cerveja cara da área de Puget Sound, que Hiro não tem condições de pagar; uma espada longa conhecida no Japão como uma katana e uma espada curta conhecida como uma wakizashi – o pai de Hiro saqueou-as do Japão depois que a Segunda Guerra Mundial virou atômica –; e um computador.

O computador é um dispositivo cuneiforme preto e aparentemente liso. Ele não tem cabo de energia, mas existe um tubo de plástico translúcido fino que emerge de uma abertura na parte traseira, atravessa espiralando a mesa e o chão e se conecta a uma tomada de fibra óptica toscamente instalada sobre a cabeça do adormecido Vitaly Chernobyl. No centro do tubo plástico, há um cabo de fibra óptica da espessura de um fio de cabelo. O cabo está transportando um bocado de informações de um lado para outro entre o computador de Hiro e o resto do mundo. Para transmitir a mesma quantidade de informação em papel, teriam de arrumar um avião 747 de carga lotado de catálogos telefônicos e enciclopédias para entrar com toda a força em seu computador a cada dois minutos, para sempre.

Na verdade, é um computador que Hiro não poderia se dar ao luxo de ter, mas ele precisa ter um. É uma ferramenta de seu ofício. Na comunidade global de hackers, Hiro é um nômade talentoso. Este é o tipo de estilo de vida que soava romântico para ele até cinco anos atrás. Mas, à luz mortiça da idade adulta, que é para os vinte e poucos anos o que a manhã de domingo é para a noite de sábado, ele consegue ver com clareza o que isso realmente significa: ele está duro e desempregado. E, há algumas semanas, seu tempo como entregador de pizza – o único trabalho sem sentido que não leva a lugar algum do qual ele realmente gosta – chegou ao fim. Desde então, ele tem colocado muito mais

ênfase em seu trabalho reserva de emergência auxiliar: pesquisador freelance para a CIC, a Central Intelligence Corporation de Langley, Virgínia.

O negócio é simples. Hiro obtém informação. Pode ser fofoca, fita de vídeo, fita de áudio, um fragmento do disco rígido de um computador, a xerox de um documento. Pode até mesmo ser uma piada baseada no mais recente desastre noticiado.

Ele faz um upload dessa informação para o banco de dados da CIC – a Biblioteca, ex-Biblioteca do Congresso, mas ninguém a chama mais assim. A maioria das pessoas não sabe inteiramente o que a palavra “congresso” significa. E até mesmo a palavra “biblioteca” está começando a ficar obscura. Ela costumava ser um local cheio de livros, em sua maioria livros antigos. Então começaram a incluir fitas de vídeo, discos e revistas. Daí, toda a informação foi convertida para uma forma que pudesse ser lida por máquinas, ou seja, zeros e uns. E, à medida que o número de mídias foi crescendo, o material ficou mais atualizado, e os métodos de busca da Biblioteca se tornaram cada vez mais sofisticados, chegando ao ponto em que não havia mais diferença substancial entre a Biblioteca do Congresso e a CIA. Felizmente, isso aconteceu justo no momento em que o governo estava desmoronando de qualquer maneira. Então, elas se fundiram e abriram uma gigantesca oferta de ações.

Milhões de outros pesquisadores freelance da CIC estão fazendo uploads de outros fragmentos de informação ao mesmo tempo. Os clientes da CIC, em sua maioria grandes corporações e Estados Independentes, vasculham a Biblioteca procurando informações úteis, e se encontrarem utilidade para alguma coisa que Hiro colocou lá dentro, ele recebe pagamento.

Um ano antes, ele fez o upload do primeiro tratamento inteirinho de um roteiro de filme que roubou da lata de lixo de um agente em Burbank. Meia dúzia de estúdios queria vê-lo. Ele comeu e tirou férias por conta disso por seis meses.

Desde então, os tempos têm sido de vacas mais magras. Ele tem aprendido da maneira mais difícil que 99% das informações na Biblioteca nunca são utilizadas.

Caso em questão: depois que uma certa Kourier lhe deu a dica da existência de Vitaly Chernobyl, ele dedicou algumas semanas intensivas à pesquisa de um

novo fenômeno musical – a ascensão dos coletivos ucranianos de fuzz-grunge nuclear em LA. Ele plantou notas exaustivas sobre essa tendência na Biblioteca, incluindo vídeo e áudio. Nem um único selo de gravadora, agente ou crítico de rock se deu ao trabalho de acessar esse material.

A superfície do computador é lisa, exceto por uma lente fisheye, uma cúpula de vidro polido com revestimento óptico púrpura. Sempre que Hiro está usando a máquina, essa lente emerge e se encaixa no lugar, a base no mesmo nível da superfície do computador. O loglo da vizinhança se curva e se abrevia quando bate em sua superfície.

Hiro acha isso erótico. Isso ocorre, em parte, porque ele não faz sexo adequadamente há semanas. Mas não é só por isso. O pai de Hiro, que ficou estacionado no Japão por muitos anos, era obcecado por câmeras. Ele sempre as trazia de suas missões no Oriente, cobertas por muitas camadas protetoras, de modo que, quando as retirava para mostrar a Hiro, era como observar um exótico striptease enquanto as câmeras emergiam de todo aquele couro preto e náilon, zíperes e alças. E quando a lente estava finalmente exposta, pura equação geométrica tornada realidade, tão poderosa e vulnerável ao mesmo tempo, Hiro só conseguia pensar que aquilo era como acariciar saias, lingerie, grandes lábios, pequenos lábios... Isso o fazia se sentir nu, fraco e corajoso.

A lente pode ver metade do universo – a metade que está acima do computador, que inclui a maior parte de Hiro. Assim, ela pode geralmente manter o rastro de onde Hiro está e da direção para a qual ele está olhando.

Dentro do computador existem três lasers: um vermelho, um verde e um azul. Eles são poderosos o bastante para criar uma luz brilhante, mas não o bastante para queimar seu globo ocular e cozinhar seu cérebro, ferver seus neurônios e fritar seus lobos. Como todo mundo aprende no primário, essas três luzes coloridas podem ser combinadas, com diferentes intensidades, para produzir qualquer cor que o olho de Hiro seja capaz de ver.

Assim, um raio condensado de qualquer cor pode ser disparado das entranhas do computador, passando por essa lente olho de peixe, em qualquer direção. Por meio do uso de espelhos eletrônicos dentro do computador, este raio varre de um lado a outro as lentes dos óculos de Hiro, de modo muito parecido como o feixe de elétrons em uma televisão pinta a superfície interna do tubo de

imagem. A imagem resultante paira no espaço à frente do que Hiro vê como Realidade.

Desenhando uma imagem ligeiramente diferente à frente de cada olho, ela pode se tornar tridimensional. Mudando a imagem 72 vezes por segundo, ela pode se mover. Desenhando a imagem tridimensional em movimento a uma resolução de dois kilopixels de cada lado, ela pode ser tão precisa quanto o olho é capaz de perceber, e bombeando som estéreo digital pelos pequenos fones de ouvido, as imagens 3D em movimento podem contar com uma trilha sonora perfeitamente realista.

Então Hiro na verdade não está ali. Ele está em um universo gerado por computador que seu computador está desenhando em seus óculos e bombeando para dentro de seus fones de ouvido. Na gíria, este lugar imaginário é conhecido como o Metaverso. Hiro passa um bocado de tempo no Metaverso. Dá de mil a zero no U-Stor-It.

***

Hiro está se aproximando da Rua. Ela é a Broadway, a Champs Elysées do Metaverso. Ela é o bulevar muito bem iluminado que pode ser visto, miniaturizado e de costas, refletido nas lentes de seus óculos. Ela não existe de verdade. Mas neste exato momento, milhões de pessoas a estão percorrendo para cima e para baixo. As dimensões da Rua são fixadas por um protocolo, enfiado a marretadas pelos mestres ninjas da computação gráfica do Grupo de Protocolos Multimídia Globais da Associação para Maquinário de Computação. A Rua parece ser um grande bulevar que percorre toda a extensão de um equador de uma esfera negra com um raio de pouco mais de 10 mil quilômetros. Isto lhe dá uma circunferência de 65.536 quilômetros, o que é consideravelmente maior que a Terra.

O número 65.536 é uma cifra estranha para qualquer um, exceto para um hacker, que a reconhece com mais rapidez do que a data de aniversário da própria mãe: ela é uma potência de 2 – 2^{16}, para sermos exatos – e até mesmo o expoente 16 é igual a 2^4, e 4 é igual a 2^2. Juntamente com 256, 32.768 e 2.147.483.648, 65.536 é uma das pedras fundamentais do universo hacker, na

qual 2 é o único algarismo realmente importante porque é o número de dígitos que um computador consegue reconhecer. Um desses dígitos é 0, e o outro é 1. Qualquer número que possa ser criado multiplicando-se fetichistamente 2s um pelo outro, e subtraindo o 1 ocasional, será instantaneamente reconhecido por um hacker.

Assim como qualquer lugar na Realidade, a Rua está sujeita a desenvolvimento. Desenvolvedores podem construir suas próprias ruelas a partir da principal. Eles podem construir edifícios, parques, placas, assim como coisas que não existem na Realidade, como imensos shows de luzes no céu, bairros especiais onde as regras do espaço-tempo tridimensional são ignoradas, e zonas de combate livre onde as pessoas podem entrar para caçar e matar umas as outras.

A única diferença é que, como a Rua não existe de verdade – ela é apenas um protocolo de computação gráfica escrito em um pedaço de papel em algum lugar –, nenhuma dessas coisas está sendo construída fisicamente. Elas são, na verdade, pedaços de software, disponibilizados para o público pela rede mundial de fibras ópticas. Quando Hiro entra no Metaverso e olha para a Rua e vê prédios e sinais elétricos se estendendo até a escuridão, desaparecendo pela curva do globo, o que ele está vendo na verdade são as representações gráficas – as interfaces de usuário – de uma miríade de diferentes pedaços de software que foram engendrados por grandes corporações. Para colocar essas coisas na Rua, eles tiveram de obter a aprovação do Grupo de Protocolos Multimídias Globais, precisaram comprar espaço na Rua, obter aprovação de zoneamento e permissões, subornar inspetores, essa coisa toda. O dinheiro que essas corporações pagam para construir coisas na Rua vai todo para um fundo de truste de propriedade e operação do GPMG, que paga para desenvolver e expandir o maquinário que permite que a Rua exista.

Hiro tem uma casa em um bairro logo depois da parte mais movimentada da Rua. É um bairro muito antigo pelos padrões do local. Há cerca de dez anos, quando o protocolo da Rua fora escrito pela primeira vez, Hiro e alguns de seus colegas juntaram uma grana e compraram uma das primeiras licenças para construção, criando um pequeno bairro de hackers. Na época, aquilo era apenas uma pequena colcha de retalhos de luz entre uma vasta escuridão. Naquele

tempo, a Rua era apenas um colar de luzes de rua cercando uma bola negra no espaço.

Desde então, o bairro não havia mudado muito, mas a Rua sim. Entrando nela no começo, os colegas de Hiro ganharam uma dianteira no negócio todo. Alguns deles ficaram muito ricos com isso.

É por isso que Hiro tem uma casa bonita e grande no Metaverso, mas precisa dividir um 20 x 30 na Realidade. Sorte no mercado imobiliário nem sempre se estende entre universos.

O céu e o chão são negros, como uma tela de computador vazia; é sempre noite no Metaverso, e a Rua está sempre bonita e brilhante, como uma Las Vegas liberta das restrições da física e das finanças. Mas as pessoas no bairro de Hiro são programadores muito bons, então ela tem bom gosto. As casas parecem casas de verdade. Existem algumas reproduções de Frank Lloyd Wright e algumas casas vitorianas luxuosas.

Então é sempre um choque sair para a Rua, onde tudo parece ter um quilômetro de altura. Isto é o Centro da Cidade, a área mais desenvolvida. Se o cara avançar por uma centena de quilômetros em cada direção, o desenvolvimento irá se reduzir a quase nada, apenas a uma pequena cadeia de luzes lançando poças brancas no chão de veludo negro. Mas o Centro é uma dúzia de Manhattans, costuradas com neon e empilhadas uma em cima da outra.

No mundo real – planeta Terra, Realidade – existem cerca de 6 a 10 bilhões de pessoas. A qualquer momento determinado, a maioria delas está construindo tijolos de barro ou usando seus rifles AK-47. Talvez 1 bilhão delas tenha dinheiro suficiente para possuir um computador; essas pessoas têm mais dinheiro do que todas as outras juntas. Desses bilhões de donos de computador em potencial, talvez um quarto deles realmente se importe em possuir computadores, e um quarto desses tenha máquinas poderosas o bastante para trabalhar com o protocolo da Rua. Isso faz cerca de 60 milhões de pessoas poderem estar na Rua em qualquer momento determinado. Acrescente mais cerca de 60 milhões que não podem ter um computador, mas podem entrar lá de qualquer maneira, usando máquinas públicas ou máquinas da escola ou do trabalho, e a qualquer momento determinado a Rua estará ocupada por duas vezes a população de Nova York.

É por isso que esse maldito lugar está tão superdesenvolvido. Coloque uma placa ou um prédio na Rua e os 100 milhões de pessoas mais ricas, mais descoladas, melhor conectadas na Terra o verão a cada dia de suas vidas.

Ela tem cem metros de largura, com um monotrilho estreito correndo no meio. O monotrilho é um software utilitário livre que permite que os usuários mudem sua localização na Rua de modo rápido e eficiente. Muitas pessoas simplesmente ficam andando de um lado para outro nele, olhando a paisagem. Quando Hiro viu esse lugar pela primeira vez, há dez anos, o monotrilho ainda não havia sido escrito; ele e seus companheiros tinham de escrever software de carros e motos para poder se locomover. Eles pegavam seus softwares e saíam correndo no deserto negro da noite eletrônica.

4

Y. T. teve o privilégio de ver muitos jovens Clints plantarem os rostos bonitinhos em piscinas vazias de Suburbiclaves durante corridas noturnas não autorizadas, mas sempre de skate, nunca, jamais de carro. A paisagem da noite suburbana tem muitas coisas belas e bizarras se o sujeito souber procurar.

De volta à prancha. Ela rola pelo quintal sobre um conjunto de Smartwheels RadiKS MARK IV. Ela fez um upgrade para essas rodas mágicas depois que o seguinte anúncio apareceu na revista *Thrasher*:

APRESUNTADO

é o que você vai ver no espelho se surfar numa prancha meia-boca com rodas burras e fixas e interfacear com um silencioso, um recauchutado, placas de gelo, bichos mortos, eixo Cardan, trilho de trem ou pedestre inconsciente.

Se você pensa que essas coisas são improváveis, você tem surfado em muitos shoppings fantasmas. Todos esses obstáculos e mais outros foram recentemente observados num trecho de pouco mais de um quilômetro na New Jersey Turnpike. Qualquer skatista que tentar navegar uma parada dessas está com morte cerebral e não sabe.

Não dê ouvidos aos que se dizem puristas e que afirmam que qualquer obstáculo pode ser pulado. Kouriers profissas sabem: se você já poou um veículo que está se movendo rápido o bastante por diversão e lucro, seu tempo de reação é cortado para décimos de segundo, ou ainda menos se você estiver com pouca linha.

Compre um conjunto completo de Rodas Inteligentes RadiKS MARK II: é mais barato que uma recauchutagem facial completa e bem mais divertido. As Rodas Inteligentes usam sonar, medidor de distância a laser e radar de ondas milimétricas para identificar silenciosos e outros destroços na estrada antes mesmo de você perceber.

Não fique no meio da estrada: faça seu upgrade hoje!

Palavras de sabedoria. Y. T. comprou as rodas. Cada uma delas consiste de um centro com muitos raios reforçados. Cada raio se estende telescopicamente em cinco seções. A ponta é um pé chato com uma lagarta de borracha no fundo,

articulada sobre uma junta em forma de esfera. Quando as rodas giram, os pés se plantam um de cada vez, quase como se fosse um único pneu. Se você surfa por um calombo, os raios se retraem para passar por cima dele. Se surfa por um buraco, as pontas robóticas se estendem para sondar suas profundezas asfálticas. De qualquer maneira, o choque é absorvido, sem impactos, batidas, vibrações ou sacolejos que abrirão caminho na prancha ou nos tênis Converse de cano alto com os quais você irá usá-lo. O anúncio estava certo: não se pode ser um surfista de rua profissional sem rodas inteligentes.

Pronta-entrega da pizza será uma questão trivial. Ela sai deslizando pela grama molhada de orvalho e passa para o acostamento da rodovia sem um solavanco, pega velocidade no ‘creto, desce surfando sua encosta até parar na rua. Uma virada de bunda reorienta a prancha, e agora ela estava cruzando Homedale Mews procurando por uma vítima. Um carro preto, vivo com luzes iradas, passa zunindo por ela na outra direção, aproximando-se do infeliz Hiro Protagonist. Seus óculos Knight Vision RadiKS escurecem estrategicamente para cortar o brilho prejudicial aos olhos, suas pupilas se sentem seguras para permanecerem bem abertas, vasculhando a estrada em busca de sinais de movimento. A piscina estava na crista daquele Suburbiclave, daqui para lá é descer a colina, mas não é o bastante.

A meio quarteirão de distância, numa rua transversal, uma *bimbo box*, uma minivan, aciona seus quatro patéticos cilindros. Ela vê quando o carro sai de suas coordenadas atuais. As luzes brancas de apoio piscam instantaneamente quando o motorista muda para D, passando por R e N. Então Y. T. mira no meio-fio, atinge-o em rápida velocidade, os raios das rodas inteligentes percebem a coisa chegando e se retraem da maneira certa, de modo que ela sai deslizando da rua para o gramado sem um solavanco. Do outro lado da grama, os pés deixam uma trilha de marcas de almofadas hexagonais. Um cagalhão de algum cão de rua, vermelho por causa da carne não digerida, fica com o logo da RadiKS gravado, uma imagem especular do que está impresso na lagarta de cada raio.

A *bimbo box* está saindo do acostamento do outro lado da rua. Ruídos agudos parecidos com os de esquilos saem de suas paredes laterais quando elas raspam o meio-fio; estamos nos Suburbis, onde é melhor tirar mil quilômetros de vida de seus goodyears invariavelmente raspando-os nos meios-fios do que

arriscar ostracismo social e surtos de histeria em massa estacionando a alguns centímetros de distância, bem no meio da rua (*Tudo bem, mãe, eu posso andar daqui até a calçada*), uma ameaça ao tráfego, um obstáculo mortal para jovens ciclistas desavisados. Y. T. aperta o botão de liberação da unidade de cabo/guidão de seu arpão, permitindo que um metro de cordão se desenrole. Ela o gira como um laço por sobre a cabeça como se fosse uma boleadeira. Ela vai dar um sacode naquele veiculozinho. A cabeça do arpão, do tamanho de uma saladeira, assovia ao entrar em órbita; a manobra é desnecessária, mas é cool. Poar uma *bimbo box* requer mais habilidade que um pedestre jamais imaginaria, devido à sua própria falta de adequação à estrada, sua falta congênita de aço ou de outro material ferroso para que o MagnaPoon se grude. Agora eles têm arpões supercondutores que grudam em carrocerias de alumínio, induzindo correntes de fuga na pele do carro, transformando-o sem querer em um eletroímã, mas Y. T. não tem um desses. Eles são a marca registrada do surfista hardcore dos Suburbis, coisa que, apesar da diversão desta noite, ela não é. O arpão dela só gruda em aço, ferro ou (ligeiramente) níquel. O único aço que uma *bimbo box* tem está na estrutura.

Ela faz uma abordagem tangencial. O plano orbital de seu arpão é quase vertical, ele quase roça o macadame suburbano brilhante no braço dianteiro de cada volta. Quando ela aperta o botão de liberação, ele decola de uma altitude de quase um centímetro, formando um ângulo ligeiramente elevado, do outro lado da rua, debaixo do chassi da *bimbo box*, e dá um chupão no aço. É um golpe sólido, o mais sólido que se pode conseguir nessa nebulosa de ar, estofamento, tinta e marketing conhecida como minivan família.

A reação é instantânea, rápida para o padrão Suburbiclave. Essa pessoa quer que Y. T. desapareça. A van dispara como um touro cheio de hormônios que acabou de ser espetado na bunda pela ponta farpada de um picador. Não é a mamãe ao volante, não. É o jovem Fodelson, o garoto adolescente, que, assim como todos os garotos neste Suburbiclave, toma intravenosas de testosterona de cavalo toda tarde no vestiário da escola de segundo grau desde os quatorze anos de idade. Agora ele é todo composto de massa bruta, estupidez e previsibilidade total.

Ele corre de modo errático, os músculos artificialmente bombados ainda não completamente sob seu controle. O volante moldado marrom, com revestimento granulado em couro, tem o cheiro da loção para as mãos de sua mãe; isso o deixa louco. A *bimbo box* dispara e desacelera, dispara e desacelera, porque ele está pisando e soltando o acelerador, já que meter o pé até o fundo e lá o deixar não parece surtir o menor efeito. Ele quer que esse carro seja como seus músculos: mais potência do que ele sabe como utilizar. Em vez disso, ele o impede. Como um compromisso, ele aperta o botão que diz POWER. Outro botão que diz ECONOMY salta e apaga, lembrando-o, como uma demonstração educacional, de que as duas coisas são mutuamente excludentes. O minúsculo motor da van muda de marcha, o que o faz se sentir mais poderoso. Ele mantém o pé no fundo do pedal e, descendo a Cottage Heights Road, a velocidade da minivan chega quase a cem quilômetros.

Ao se aproximar do final da Cottage Heights Road, ele percebe um hidrante. Os hidrantes dos TMEWH são numerosos, por questão de segurança, e apresentam um design altamente sofisticado, para fins de valor de propriedade. Não são as coisas de ferro bojudas que trazem impresso o nome de alguma fundição esquecida dos tempos da Revolução Industrial e têm o aspecto peludo de uma centena de camadas de tinta barata descascando. Eles são de bronze, polidos por robôs toda manhã de quinta, encanamentos dignificados erguendo-se diretamente de dentro da turfa perfeita e tratada quimicamente dos gramados do Suburbiclave, exibindo-se para apresentar a bombeiros em potencial um menu de três possíveis conexões de mangueira. Eles foram projetados em uma tela de computador pelos mesmos estetas que projetaram as casas DinaVitorianas e as elegantes caixas de correio e as imensas placas de rua de mármore que ficam em cada cruzamento como lápides. Foram projetados em uma tela de computador, mas com um olho na elegância das coisas passadas e esquecidas. Hidrantes que pessoas de gosto têm orgulho de ostentar em seus gramados da frente. Hidrantes que corretores imobiliários não sentem a necessidade de retirar das fotos com aerógrafos.

Aquele Kourier filho da puta vai morrer enrolado ao redor de um daqueles hidrantes. Fodelson, o Garoto Testosterona, vai cuidar disso. É uma manobra que ele testemunhou na televisão – que não mente; um truque que ele praticou

muitas vezes em sua cabeça. Alcançando a velocidade máxima na Cottage Heights, ele vai puxar o freio de mão no instante em que virar o volante. A ré da minivan vai dar um cavalo de pau. O Kourier pentelho vai dar uma lambada que nem um chicote na ponta de seu cabo inquebrável. Ela vai direto para o hidrante. Fodelson, o Adolescente, será vitorioso, livre para desfilar em triunfo por Bellewood Valley e entrar no mundo maior de homens adultos em carros cool, livre para devolver a fita de vídeo há muito atrasada, *Guerreiros da Jangada IV: A Batalha Final*.

Y. T. não sabe se alguma dessas coisas é verdade, mas suspeita que sim. É a reconstrução que ela faz do ambiente psicológico dentro daquela *bimbo box*. Ela vê o hidrante vindo a um quilômetro de distância, vê Fodelson abaixando uma das mãos para puxar o freio de mão. É tudo tão óbvio. Ela tem pena de Fodelson e de sua laia. Ela dá linha, dá muita distância. Ele gira o volante bruscamente e puxa o freio. A minivan gira de lado, passando de longe por seu alvo, e não chega a jogá-la do jeito que ele queria; ela tem que ajudar. Enquanto a traseira do veículo está girando, ela rebobina com força, convertendo aquele presente de momentum angular em velocidade para a frente, e termina disparando e ultrapassando a van a bem acima de um quilômetro por minuto. Ela está indo na direção de uma lápide de mármore que diz BELLEWOOD VALLEY ROAD. Ela se inclina para o outro lado, faz uma curva muito fechada, seus raios agarram o asfalto e a empurram para longe daquela lápide; ela pode tocar o chão com uma das mãos com a qual está tão curvada, os raios a empurram para a rua desejada. Enquanto isso, ela desliga a força eletromagnética que a mantinha poada à van. A cabeça do arpão se solta, sai se arrastando pelo asfalto atrás dela enquanto é rebobinada automaticamente para se reunir com o guidão. Ela está indo direto para a saída do Suburbiclave a uma velocidade fantástica.

Atrás dela, o som de uma batida e de uma explosão, que ressoam em seu estômago, quando a minivan desliza de lado para a lápide.

Ela se agacha para passar por baixo do portão da segurança e mergulha no tráfego da Oahu. Corta entre dois BMWs que se desviam, buzinam e freiam.

Motoristas de BMW tomam ações evasivas por qualquer coisinha, emulando os motoristas dos anúncios da BMW – é assim que eles convencem a si mesmos de que não foram levados no bico. Ela cai em posição fetal para passar por baixo

de um dezoito-rodas, na direção da barreira New Jersey, na faixa do meio, como se fosse morrer, mas as barreiras New Jersey são fáceis para as rodas inteligentes. Aquele braço inferior da barreira tem uma inclinação tão boa que é como se a tivessem projetado para surfistas de estrada. Ela sobe até a metade da barreira, depois desce num ângulo suave até a estrada para um pouso macio, e está no tráfego. Há um carro logo ali e ela nem precisa jogar o arpão; simplesmente estica a mão e planta o arpão bem na tampa do porta-malas.

O motorista está resignado com seu destino, não dá a mínima, não a importuna. Ele a leva até a entrada do Suburbiclave seguinte, que é um White Columns. Muito sulista, tradicional, um dos Suburbiclaves Apartheid. Uma grande placa ornamentada acima do portão principal: SOMENTE BRANCOS. NÃO CAUCASIANOS SERÃO PROCESSADOS.

Ela tem um visto para White Columns. Y. T. tem vistos para qualquer lugar. Está bem ali no peito dela, um minúsculo código de barras. Um laser faz uma varredura quando ela dispara na direção da entrada e o portão de imigração se abre para ela. É um portão de ferro maciço ornamentado, mas os moradores apressados de White Columns não têm tempo de ficar sentados na entrada do Suburbiclave apreciando o portão se abrir lentamente com o torpor majestoso do Velho Sul, por isso ele fica montado sobre uma espécie de trilho eletromagnético.

Ela desce deslizando as alamedas com árvores de lado a lado de White Columns, do tipo de antes da Guerra Civil, uma microplantação após a outra, ainda aproveitando o impulso residual de energia cinética que se originou no combustível do tanque de gasolina de Fodelson, o Adolescente.

O mundo está cheio de potência e energia, e uma pessoa pode ir aonde quiser simplesmente pegando um pouco delas emprestado.

Os LEDs da caixa de pizza dizem 29:32, e o sujeito que a pediu, o Sr. Pudinson e seus vizinhos, os Branqueloid e o clã dos Bundesman, estão todos reunidos no jardim da frente de sua microplantação, comemorando prematuramente. Como se tivessem acabado de comprar o bilhete premiado da loteria. Da porta de frente eles têm uma visão clara até a Oahu Road, e podem ver que nada que se pareça com um carro de entregas da CosaNostra está vindo em sua direção. Ah, há uma certa curiosidade – um interesse – nessa Kourier

com a coisa grande quadrada debaixo do braço – quem sabe um portfólio, um novo layout publicitário para algum bambambã de marketing supremacista caucasiano na próxima plataforma logo adiante, mas...

Os Pudinson, os Branqueloid e os Bundesman estão todos olhando para ela, de queixo caído. Ela tem a exata quantidade de energia residual para fazer uma curva e avançar na entrada deles. Seu momentum a leva até o alto. Ela para ao lado do Acura do Sr. Pudinson e da *bimbo box* da Sra. Pudinson e desce da prancha. Os raios, sentindo sua descida, se aplainam, plantam-se no topo da entrada, se recusam a rolar para trás.

Uma luz ofuscante que vem dos céus brilha sobre eles. Seus Knight Visions evitam que ela fique cega, mas os clientes caem de joelhos e curvam os ombros como se a luz fosse pesada. Os homens levam os antebraços cabeludos às testas, balançam seus grandes corpos tubulares para a frente e para trás, tentando encontrar a fonte da iluminação, resmungando comentários entrecortados uns para os outros, breves teorias sobre sua fonte, totalmente no controle do fenômeno desconhecido. As mulheres soltam gritinhos e ficam todas alvoroçadas. Devido à influência mágica dos Knight Visions, Y. T. ainda consegue enxergar os LEDs: 29:54, e é o que eles estão dizendo quando ela joga a pizza nos braços gordos do Sr. Pudinson.

A luz misteriosa se apaga.

***

Os outros ainda estão cegos, mas Y. T. enxerga à noite com seus Knight Visions, vê tudo até perto do infravermelho, e vê a fonte dessa luz, um helicóptero stealth de hélice dupla a 15 metros acima da casa do vizinho. Ele é elegantemente preto e sem adornos, não é um helicóptero de noticiário – embora outro helicóptero, um dos antigos, audível, brilhantemente adornado com logos que se atualizam a cada instante, esteja atravessando a duras penas o espaço aéreo de White Columns naquele exato momento, vasculhando as plantações com seu próprio holofote, esperando ser o primeiro a obter este grande furo: uma pizza foi entregue atrasada esta noite, confiram no jornal das onze. Mais tarde, nosso jornalista-personalidade especula onde Tio Enzo se hospedará quando

fizer sua viagem compulsória até nossa Área Estatística Metropolitana Padrão. Mas o helicóptero preto está correndo no escuro; seria quase invisível se não fosse pela trilha infravermelha que sai de seus jatos turbo gêmeos.

É um helicóptero da Máfia, e tudo o que eles queriam fazer era registrar o evento em vídeo para que o Sr. Pudinson não tivesse motivo para ir à justiça caso decidisse levar seu caso ao Sistema Judiciário do Juiz Bob e exigir uma pizza grátis.

Mais uma coisa. Tem muita merda no ar esta noite, alguns megatons de terra voando lá de Fresno, e, por isso, quando o raio laser aparece, é incrivelmente visível, uma minúscula linha geométrica, um milhão de grãos vermelhos incandescentes em um fio de fibra óptica, ganhando vida instantaneamente entre o helicóptero e o peito de Y. T. Ele parece se alargar formando um leque estreito, um triângulo agudo de luz vermelha cuja base abrange todo o torso de Y. T. Isso leva meio segundo. Eles estão escaneando os muitos códigos de barras montados no peito dela. Eles estão descobrindo quem ela é. A Máfia agora sabe tudo a respeito de Y. T.: onde ela mora, o que ela faz, a cor de seus olhos, o registro de crédito, seus ancestrais e o tipo sanguíneo. Isso feito, o helicóptero se inclina e desaparece na noite como um disco de hóquei caindo num poço de tinta preta. O Sr. Pudinson está dizendo alguma coisa, fazendo alguma piada sobre como isso foi por pouco, os outros tentam rir, mas Y. T. não consegue ouvi-los porque eles são soterrados sob o barulho do helicóptero de notícias, depois congelados e cristalizados sob a luz de seu holofote. O ar noturno está cheio de insetos, e agora Y. T. pode ver todos eles, voando em formações misteriosas, pegando caronas em pessoas e em correntes de ar. Há um em seu pulso, mas ela não o tira dali.

A luz do holofote fica ali por um minuto. O quadrado largo da caixa de pizza, que tem o logo da CosaNostra, é uma testemunha muda. Eles flutuam, filmam um pouco para não perder a viagem.

Y. T. está entediada. Ela monta na prancha. As rodas florescem e se tornam circulares. Ela faz um percurso apertado e perigoso ao redor dos carros, e desce para a rua. A luz do holofote a segue por um momento, quem sabe captando um pouco de filme para reserva. Vídeo é barato. Nunca se sabe quando alguma coisa pode ser útil, então, na dúvida, é melhor gravar em vídeo.

As pessoas ganham a vida assim – as pessoas no ramo da inteligência. Pessoas como Hiro Protagonist. Elas simplesmente sabem coisas, ou simplesmente saem por aí e filmam coisas em vídeo. Elas colocam essas coisas na Biblioteca. Quando as pessoas querem saber as coisas particulares que eles sabem ou ver seus vídeos, eles pagam dinheiro a elas e veem na Biblioteca, ou simplesmente compram tudo de saída. É um trabalho estranho, mas Y. T. gosta da ideia.

Normalmente, a CIC não presta a menor atenção em um Kourier. Mas aparentemente Hiro tem um acordo com eles. Quem sabe ela pode fazer um acordo com Hiro? Porque Y. T. conhece um bocado de coisinhas interessantes.

Uma coisinha que ela sabe é que a Máfia lhe deve um favor.

5

Quando Hiro vai se aproximando da Rua, vê dois jovens casais, provavelmente usando os computadores dos pais para um encontro duplo no Metaverso, desembarcando do Porto Zero, que é a porta local de entrada e parada do monotrilho.

Ele não está vendo pessoas de verdade, claro. Isso é tudo parte da ilustração em movimento desenhada por seu computador segundo especificações transmitidas pelo cabo de fibra óptica. As pessoas são programas de software chamados avatares. Elas são os corpos audiovisuais que as pessoas utilizam para se comunicar umas com as outras no Metaverso. O avatar de Hiro está agora na Rua também, e se os casais que estão descendo do monotrilho olharem em sua direção, poderão vê-lo, assim como ele os vê. Eles poderiam até conversar: Hiro no U-Stor-It em LA e os quatro adolescentes provavelmente em um sofá num subúrbio de Chicago, cada qual com seu laptop. Mas eles provavelmente não vão falar uns com os outros, assim como não o fariam na Realidade. São meninos legais, e não vão ficar conversando com um mestiço solitário com um avatar customizado perfeito e que transporta duas espadas consigo.

Um avatar pode ter a aparência que se quiser, limitada somente por seu equipamento. Se você é feio, pode tornar seu avatar bonito. Se acabou de sair da cama, seu avatar ainda pode estar vestindo roupas bonitas e usando maquiagem profissional. Você pode ter o aspecto de um gorila, de um dragão ou de um pênis falante gigante no Metaverso. Basta passar cinco minutos descendo a Rua para ver tudo isso.

O avatar de Hiro é a cara de Hiro, com a diferença de que, não importa o que Hiro esteja vestindo na Realidade, seu avatar sempre usa um quimono de couro preto. A maioria dos hackers não usa avatares sofisticados, pois sabe que é necessária muito mais sofisticação para renderizar um rosto humano realista do que um pênis que fala. Mais ou menos da maneira como as pessoas que

realmente entendem de roupas podem apreciar os detalhes refinados que separam um terno de lã cinza barato de um terno de lã cinza feito à mão.

Ninguém pode materializar qualquer coisa no Metaverso, como se fosse o Capitão Kirk descendo via teletransporte. Isso confundiria e irritaria as pessoas ao seu redor. Destruiria a metáfora. Materializar-se do nada (ou desaparecer de volta para a Realidade) é considerada uma função privada que se deve fazer dentro de sua própria Casa. A maioria dos avatares hoje em dia é anatomicamente correta e, quando é criada, aparece nua como um bebê; portanto, de qualquer maneira, é preciso de ficar decente antes de sair para a Rua. A menos que você seja intrinsecamente indecente e não esteja nem aí.

Se for um sem-grana que não possui uma Casa, por exemplo, uma pessoa que está vindo de um terminal público, então ela se materializará em um Porto. Existem 256 Portos Expressos na rua, a intervalos regulares de 256 quilômetros ao redor de sua circunferência. Cada um desses intervalos é, por sua vez, subdividido 256 vezes em Portos Locais, à distância exata de um quilômetro um do outro (estudantes astutos de semiótica hacker irão notar a repetição obsessiva com o número 256, que é 2 elevado à potência de 8 – e mesmo esse 8 parece bastante suculento, pingando com vários números 2 elevados à potência de 2). Os Portos executam uma função análoga à de aeroportos: é aqui onde se entra no Metaverso vindo de algum outro lugar. Assim que alguém se materializa num Porto, pode descer para a Rua ou pular no monotrilho ou qualquer outra coisa.

Os casais que estão saindo do monotrilho não têm dinheiro para pagar avatares customizados e não sabem como escrever o código de seus próprios. Precisam comprar avatares prontos. Uma das garotas tem um avatar bem bonito. Seria considerado bem na moda entre o segmento mais clássico. Parece que ela comprou o Kit de Construção de Avatares™ e criou o seu próprio modelo customizado a partir de uma miscelânea de partes. Pode até ser que o avatar se pareça um pouco com a dona. E seu namorado também tem um visual legal.

A outra garota é uma Brandy. O namorado dela é um Clint. Brandy e Clint são famosos, modelos prontos. Quando garotinhas white-trash de segundo grau vão sair num encontro no Metaverso, elas invariavelmente correm até a seção de games de computador do Wal-Mart local e compram uma cópia de Brandy. A usuária pode selecionar três tamanhos de seio: improvável, impossível e ridículo.

Brandy tem um repertório limitado de expressões faciais: bonitinha e fazendo beicinho; bonitinha e fazendo bico de raivinha; petulante e interessada; sorridente e receptiva; bonitinha e aérea. Seus cílios têm meia polegada de comprimento, e o software é tão vagabundo que, na renderização, eles saem como pedaços sólidos de ébano. Quando uma Brandy pisca os olhinhos, quase dá pra sentir a brisa.

Clint é apenas a contraparte masculina de Brandy. Ele é másculo e bonito e tem uma faixa extremamente limitada de expressões faciais. Hiro se pergunta, distraído, como esses dois casais se conheceram. Eles são claramente de classes sociais diferentes. Talvez irmãos mais velhos e mais novos.

Mas aí eles descem a escada rolante, desaparecem na multidão e passam a fazer parte da Rua, onde existem Clints e Brandys suficientes para fundar um novo grupo étnico.

***

A Rua vive bastante ocupada. A maioria das pessoas ali é americana e asiática: está amanhecendo na Europa agora. Devido à preponderância de americanos, a multidão tem um visual feérico e surreal. Para os asiáticos, é o meio do dia, e eles estão vestindo seus ternos azul-escuros. Para os americanos, é happy hour, e eles estão com cara de tudo o que um computador consegue renderizar.

No momento em que Hiro atravessa a linha que separa sua vizinhança da Rua, formas coloridas começam a voar para cima dele, vindas de várias direções, como urubus na carniça. Animerciais não são permitidos no bairro de Hiro. Mas na Rua quase tudo é permitido.

Um caça de passagem explode em chamas, cai de sua trajetória e faz um zoom direto no seu caminho a duas vezes a velocidade do som. Ele mergulha na Rua a 15 metros à sua frente, desintegra-se e estoura, gerando uma nuvem de destroços e fogo que desliza pelo asfalto em sua direção, crescendo até envelopá-lo, de modo que tudo o que ele pode ver é uma chama turbulenta, perfeitamente simulada e renderizada.

Então o mostrador congela, e um homem se materializa à frente de Hiro. Ele é um hacker clássico, magricelo, barbudo e bem branco, tentando parecer mais musculoso vestindo uma jaqueta windbreaker de seda com o brasão de um dos grandes parques de diversões do Metaverso. Hiro conhece o cara; eles costumavam se esbarrar em convenções do mercado o tempo todo. Há dois meses ele está tentando contratar Hiro.

– Hiro, não estou entendendo por que você está me dando essa gelada. Aqui a gente tá ganhando a maior grana, em Kongdólares e ienes, e podemos ser flexíveis em pagamento e benefícios. Estamos construindo uma parada de espada e feitiçaria, e podemos usar um hacker com as suas competências. Vê se aparece e fala comigo, ok?

Hiro passa direto pelo mostrador, e ele desaparece. Parques de diversão no Metaverso podem ser fantásticos, oferecendo uma ampla variedade de filmes tridimensionais interativos. Mas, no final das contas, eles ainda não são nada além de videogames. Hiro ainda não está tão mal de grana para sair e escrever videogames para essa empresa. Ela é de posse dos japoneses, o que não é grande coisa. Mas ela também é gerenciada pelos japoneses, o que significa que todos os programadores têm de vestir camisas brancas e aparecer às oito da manhã, ficar sentados em cubículos e ir a reuniões.

Quando Hiro aprendeu a fazer isso, quinze anos atrás, um hacker podia sentar e escrever um software inteiro sozinho. Hoje isso não é mais possível. O software sai de fábricas, e os hackers são, em maior ou menor escala, trabalhadores de linha de montagem. Pior ainda, eles podem se tornar gerentes que nunca chegam a escrever código algum.

A perspectiva de se tornar um operário de linha de montagem dá a Hiro algum incentivo para sair e encontrar boas informações esta noite. Ele tenta entrar no barato psíquico, tenta quebrar a letargia dos que estão desempregados há muito tempo. Essa coisa de informação pode ser um grande negócio, assim que o sujeito se conecta à rede. E, com as conexões que ele tem, isso não deve constituir nenhum problema. Basta apenas que ele leve isso a sério. Levar a sério. Levar a sério. Mas é tão difícil levar qualquer coisa a sério.

Ele deve à Máfia o valor de um carro novo. É um bom motivo para levar as coisas a sério.

Ele atravessa a Rua direto e passa por baixo da linha do monotrilho, indo ao encontro de um edifício preto grande e de poucos andares. É um prédio extraordinariamente sombrio para a Rua, como um pacote que alguém esqueceu de entregar. É uma pirâmide preta baixa com o topo cortado. Tem uma única porta: como tudo ali é imaginário, não existem regulamentos ditando o número de saídas de emergência. Não há guardas, não há sinalização, nada que impeça as pessoas de entrar, mas mesmo assim milhares de avatares ficam rondando, tentando espiar lá dentro, procurando um vislumbre de alguma coisa. Essas pessoas não podem passar pela porta porque não foram convidadas.

Sobre a porta, um hemisfério preto fosco de cerca de um metro de diâmetro, encaixado na parede dianteira do prédio. É a coisa mais próxima de decoração que o lugar tem. Embaixo dele, em letras esculpidas na substância negra da parede, o nome do lugar: BLACK SUN. Então não é uma obra-prima arquitetônica. Quando Da5id, Hiro e os outros hackers escreveram o Black Sun, não tinham dinheiro suficiente para contratar arquitetos ou designers, de modo que simplesmente recorreram a formas geométricas simples. Os avatares que se aglomeram na entrada parecem não se importar.

Se esses avatares fossem gente de verdade numa rua de verdade, Hiro não conseguiria chegar à entrada. Está lotada demais. Mas o sistema computadorizado que opera a Rua tem coisas melhores para fazer do que monitorar cada uma das milhões de pessoas ali, tentando impedi-las de bater umas nas outras. Ele não perde tempo tentando solucionar esse problema incrivelmente difícil. Na Rua, avatares simplesmente atravessam uns aos outros.

Então, quando Hiro atravessa a multidão, na direção da entrada, ele está realmente atravessando a multidão. Quando as coisas ficam encalacradas desse jeito, o computador simplifica as coisas desenhando todos os avatares de maneira transparente e fantasmagórica para que cada um possa ver para onde está indo. Hiro aparece sólido para si mesmo, mas todas as outras pessoas parecem fantasmas. Ele atravessa a massa como se ela fosse um banco de neblina, vendo claramente o Black Sun à sua frente.

Ele cruza a linha de propriedade, e então está na porta. E naquele instante ele se torna sólido e visível para todos os avatares que estão aglomerados do lado de fora.

Todos começam a gritar em uníssono. Não que eles tenham a menor ideia de quem diabos seja ele: Hiro é apenas um pesquisador freelance da CIC, um morto de fome que mora num U-Stor-It ao lado do aeroporto. Mas, no mundo inteiro, existem apenas duas mil pessoas que conseguem atravessar a linha demarcatória e entrar no Black Sun.

Ele se vira e olha para 10 mil groupies gritando. Agora que está por conta própria na entrada, não mais imerso numa torrente de avatares, ele consegue ver todas as pessoas na fileira da frente da multidão com perfeita clareza. Todos estão arrumados com seus avatares mais loucos e exóticos, esperando que Da5id – dono do Black Sun e hacker-chefe – os convide a entrar. Eles piscam e se fundem em uma muralha de histeria. Mulheres acachapantemente bonitas, aerografadas por computador e retocadas a 72 quadros por segundo, como pin-ups da Playboy tridimensionalizadas: essas provavelmente são aspirantes a atrizes torcendo para serem descobertas. Abstrações de aspecto louco, furacões de luz giratória: hackers que estão esperando que Da5id note seus talentos, convide-os a entrar e lhes dê um emprego. Uma profusão generosa de gente em preto e branco: pessoas que estão acessando o Metaverso por intermédio de terminais públicos baratos e que são renderizadas num preto e branco trêmulo e granulado. Muitas delas são fãs psicóticos normais, dedicados à fantasia de meter uma faca em alguma atriz em particular e matá-la; eles não podem sequer chegar perto delas na Realidade, então ficam de campana no Metaverso para perseguir sua presa. Existem rock stars em potencial feitos em laser, como se tivessem acabado de sair do palco de um concerto, e os avatares de homens de negócios japoneses, exoticamente renderizados por seu equipamento caro, mas profundamente reservados e entediantes em seus ternos.

Há um preto e branco que se destaca porque é mais alto do que os demais. O protocolo da Rua estabelece que seu avatar não pode ser mais alto que você. Isso é para impedir que as pessoas saiam por aí com um quilômetro de altura. Além disso, se aquele cara estiver utilizando um terminal pago – e deve estar, a julgar pela qualidade da imagem –, ele não pode turbinar seu avatar. Ele simplesmente o mostra como ele é, só que não tão bem. Falar com um preto e branco na Rua é como falar com uma pessoa que enfiou a cara numa máquina de xerox e ficou

apertando repetidamente o botão de copiar, enquanto se está na bandeja de saída puxando as folhas uma de cada vez e olhando para elas.

Ele tem cabelos compridos, partidos ao meio como uma cortina para revelar uma tatuagem em sua testa. Devido à resoluçãozinha de merda, não há como ver a tatuagem com clareza, mas ela parece consistir de palavras. Ele tem um bigode fininho e caído tipo Fu Manchu.

Hiro percebe que o sujeito reparou nele e o olha de volta, medindo-o de alto a baixo, prestando particular atenção nas espadas.

Um sorriso se espalha pelo rosto do sujeito preto e branco. É um sorriso de satisfação. Um sorriso de reconhecimento. O sorriso de um homem que sabe de alguma coisa que Hiro não sabe. O sujeito preto e branco estava em pé com os braços cruzados, como um homem entediado, que permanecia esperando por alguma coisa, e agora ele descruza os braços, deixando-os balançar soltos nos ombros, como um atleta andando. Ele caminha o mais perto que pode e se inclina para a frente; ele é tão alto que a única coisa atrás dele é o céu negro vazio, rasgado com as trilhas de vapor brilhantes de animerciais que passam.

– Ei, Hiro! – diz o sujeito preto e branco – Quer experimentar um pouco de Snow Crash?

Muitas pessoas ficam de bobeira em frente ao Black Sun dizendo coisas estranhas. É comum ignorá-las. Mas isso chama a atenção de Hiro.

Primeira coisa estranha: o sujeito sabe o nome de Hiro. Mas as pessoas têm meios de obter essa informação. Provavelmente não é nada.

Segunda: isso parece uma oferta de um traficante de drogas. O que seria normal na frente de um bar na Realidade. Mas aqui é o Metaverso. E não se podem vender drogas no Metaverso, porque não dá para ficar doidão só de olhar para uma coisa.

Terceira: o nome da droga. Hiro nunca ouviu falar numa droga chamada Snow Crash antes. Isso não é incomum: mil novas drogas são inventadas todo ano, e cada uma delas é vendida sob meia dúzia de nomes de marca.

Mas “snow crash” é jargão de informática. Significa um crash de sistema – uma falha – num nível tão fundamental que fragmenta a parte do computador que controla o feixe de elétrons no monitor, fazendo ele jorrar descontrolado pela tela, transformando a grade perfeita de pixels numa nevasca turbilhonante.

Hiro já viu isso acontecer um milhão de vezes. Mas é um nome muito peculiar para uma droga.

A coisa que realmente chama a atenção de Hiro é a confiança do sujeito. Ele tem uma presença profundamente calma e sólida. É como falar com um asteroide. O que seria legal se ele estivesse fazendo algo que tivesse o mínimo de sentido. Hiro está tentando ler algumas pistas no rosto do cara, mas quanto mais perto ele olha, mais o avatar preto e branco de merda dele parece se partir em pixels tremeluzentes e toscos. É como colocar o nariz contra o vidro de uma TV quebrada. Faz seus dentes doerem.

– Desculpe – diz Hiro. – O que foi que você disse?

– Quer experimentar um pouco de Snow Crash?

***

Ele tem um sotaque difícil que Hiro não consegue precisar. O áudio do sujeito é tão ruim quanto o vídeo. Hiro consegue ouvir carros passando pelo sujeito ao fundo. Ele deve estar plugado em um terminal público do lado de alguma rodovia.

– Não estou entendendo – diz Hiro. – O que é Snow Crash?

– É uma droga, babaca – fala o cara. – O que é que você acha?

– Espere um minuto. Esta pra mim é nova – retruca Hiro. – Acha honestamente que eu vou dar algum dinheiro pra você aqui? E depois, o que é que eu faço, espero você me enviar o negócio pelo correio?

– Eu disse experimentar, não comprar – diz o sujeito. – Você não precisa me dar nenhum dinheiro. Amostra grátis. E você não tem que esperar correio nenhum. Você pode experimentar agora.

Ele mete a mão no bolso e puxa um hipercartão.

Parece um cartão de visita comercial. O hipercartão é uma espécie de avatar. Ele é utilizado no Metaverso para representar um bloco de dados. Pode ser texto, áudio, vídeo, uma imagem congelada ou qualquer outro tipo de infoirmação que possa ser representada digitalmente.

Pense num cartão de beisebol, que tem uma foto, um pouco de texto e alguns dados numéricos. Um *hipercartão* de beisebol poderia conter um filme com

cenas importantes do jogador em ação, com resolução de TV de alta definição; uma biografia completa, lida pelo próprio jogador, em som estéreo digital; e um banco de dados estatísticos completo junto com um software especializado que ajude qualquer um a procurar os números que deseja.

Um hipercartão pode portar uma quantidade virtualmente infinita de informação. Até onde Hiro sabe, aquele hipercartão poderia conter todos os livros da Biblioteca do Congresso, ou cada episódio de *Havaí 5-0* que já foi filmado, ou as gravações completas de Jimi Hendrix, ou o Censo de 1950.

Ou – o que é mais provável – uma ampla variedade de vírus de computador muito perigosos. Se Hiro estender a mão e pegar o hipercartão, então os dados que ele representa serão transferidos do sistema daquele sujeito para o computador de Hiro. Hiro, naturalmente, não o tocaria sob nenhuma circunstância, assim como ninguém pegaria uma seringa de um estranho na Times Square e enfiaria no seu pescoço. E, de qualquer maneira, isso não faz sentido.

– Isso é um hipercartão. Pensei que você tinha dito que Snow Crash era uma droga – diz Hiro, agora totalmente de saco cheio.

– E é – confirma o sujeito. – Experimente.

– Isso não fode com o cérebro? – pergunta Hiro. – Ou com o computador?

– Os dois. Nenhum. Qual é a diferença?

Hiro finalmente percebe que acabou de perder sessenta segundos de sua vida tendo uma conversa sem sentido com um esquizofrênico paranoico. Ele se vira e entra no Black Sun.

6

Na saída de White Columns, está parado um carro preto, aerodinâmico como uma pantera pronta para dar o bote, uma lente de aço polido refletindo o loglo da Oahu Road. É uma Unidade. É uma Unidade Móvel da MetaCops Ilimitada. Um distintivo prateado está gravado em relevo na porta, um distintivo de tira folheado a cromo do tamanho de um prato de jantar, trazendo o nome da dita organização de paz particular e com os dizeres:

DISQUE 1-800-THE-COPS

ACEITAMOS TODOS OS GRANDES CARTÕES DE CRÉDITO

A MetaCops Ilimitada é a força de manutenção da paz oficial de White Columns, e também do The Mews em Windsor Heights, The Heights em Bear Run, Cinnamon Grove e The Farms of Cloverdelle. Eles também fazem cumprir as leis de tráfego em todas as rodovias e desvios operados pela Fairlanes, Inc.

Algumas EQNOFs diferentes também utilizam seus serviços: Caymans Plus e The Alps, por exemplo. Mas as nações-franquias preferem ter suas próprias forças de segurança. Pode apostar que a Metanzânia e a Nova África do Sul têm sua própria segurança; esse é o único motivo pelo qual as pessoas se tornam cidadãs, para poderem ser recrutadas. Obviamente, a Nova Sicília tem sua própria segurança também. A Narcolômbia não precisa de segurança porque as pessoas têm medo só de passar pela franquia a menos de 150 quilômetros por hora (Y. T. sempre consegue um belo dum impulso em vizinhanças cheias de consulados da Narcolômbia), e a Grande Hong Kong do Sr. Lee, a avó de todas as EQNOFs, lida com isso da maneira típica de Hong Kong, com robôs.

O principal concorrente da MetaCops, a WorldBeat Security, trabalha em estradas que pertencem à Cruiseways, e, além disso, possui contratos mundiais com a Dixie Traditionals, Pickett’s Plantation, Rainbow Heights (saca só: dois Suburbiclaves de apartheid e um de executivos negros), Meadowvale sobre o

[insira nome de rio aqui] e Brickyard Station. A WorldBeat é menor que a MetaCops, lida com contratos de classe mais alta e supostamente tem um braço de espionagem maior – embora, se isso fosse o que as pessoas quisessem, elas simplesmente falariam com um contador na Central Intelligence Corporation.

E também tem os Enforcers, mas eles custam muito e não aceitam bem supervisão. Correm rumores de que, por baixo dos uniformes, eles usam T-shirts com o brasão oficial de armas dos Enforcers: uma mão segurando um cassetete, com as palavras ME PROCESSE.

Então Y. T. está descendo uma encosta leve na direção do portão de ferro pesado de White Columns, esperando que ele se abra, esperando, esperando... mas o portão parece que não está se abrindo. Nenhum pulso laser foi disparado da guarita dos guardas para descobrir quem é Y. T. O sistema foi bypassado. Se Y. T. fosse um pedestre burro ela iria até o MetaCop e lhe perguntaria por quê. O MetaCop responderia: “A segurança da cidade-estado”, e mais nada. Esses Suburbiclaves!

Essas cidades-estado! Tão pequenas, tão inseguras, que praticamente tudo, como não cortar sua grama ou tocar seu estéreo alto demais, se torna uma questão de segurança nacional.

Não há como dar a volta na cerca; White Columns é inteiramente rodeada por cercas de ferro de dois metros e meio de altura, fundidas por robôs. Ela vai até o portão, agarra as barras e o sacode, mas ele é grande e sólido demais para ser sacudido.

MetaCops não podem encostar em sua Unidade: isso os faz parecerem preguiçosos e fracos. Eles podem quase se encostar, até parecer que estão encostando, podem até mesmo transmitir uma grande atitude tipo estou-me-encostando-no-carro como este indivíduo em particular, mas não podem encostar. Além disso, com toda a majestade reluzente de sua Suíte de Equipamento Portátil Pessoal pendurada em suas Armaduras de Equipamento Modular Pessoal, eles arranhariam o acabamento da Unidade.

– Abra essa barreira para o comércio, cara. Eu tenho entregas pra fazer – Y. T. anuncia ao MetaCop.

Ela ouve um som surdo e molhado, sem altura suficiente para ser uma explosão, atrás da Unidade Móvel. É o *tunc* suave do catarro de um lutador de

luta livre grande sendo impulsionado por uma língua enrolada. É o *splurt* distante e abafado de um bebê dando uma grande cagada. A mão de Y. T., ainda agarrando as barras do portão, dói por um momento, então ela sente frio e calor ao mesmo tempo. Ela mal consegue movê-la. Sente cheiro de vinil.

O parceiro do MetaCop sai do banco de trás da Unidade Móvel. A janela da porta de trás está aberta, mas tudo na Unidade Móvel é tão preto e reluzente que não dá para dizer isso até que a porta se mova. Ambos os MetaCops, sob seus capacetes pretos lustrosos e óculos de visão noturna, estão sorrindo de orelha a orelha. O que está saindo da Unidade Móvel carrega consigo um Projetor de Contenção Químico de Curto Alcance: uma arma de catarro. O planinho deles funcionou. Y. T. não pensou em direcionar seus Knight Visions para o banco de trás para verificar se havia algum atirador de arma de gosma.

O catarro, quando expandido no ar desse jeito, tem o tamanho de uma bola de futebol americano. Quilômetros e quilômetros de fibras flexíveis mas fortes, como espaguete. O molho do espaguete é uma coisa gosmenta e xaroposa que permanece fluida por um instante, quando a arma de catarro é disparada, mas endurece rapidamente.

MetaCops precisam portar esse tipo de equipamento porque, quando cada franchulado é tão pequeno, não se pode sair por aí caçando as pessoas. O meliante – quase sempre um skatista inocente – está sempre a três segundos, de skate, de pedir asilo no franchulado vizinho. Além disso, a massa incrível da Armadura de Equipamento Modular Pessoal – o candelabro de equipamento – e tudo o que está preso a ele reduz tanto a velocidade dos MetaCops que, sempre que tentam correr, as pessoas simplesmente começam a rir da cara deles. Então, em vez de perder alguns quilos, eles simplesmente prendem mais coisas em suas armaduras, como a arma de catarro.

Essa coisa melequenta e fibrosa se enroscou por toda a mão e pelo antebraço de Y.T. e os amarrou à barra do portão. O excesso de gosma escorreu e desceu um pouco pela barra, mas está endurecendo agora, transformando-se em borracha. Alguns fios soltos também ricochetearam para a frente e se grudaram em seu ombro, peito e metade inferior do rosto. Ela recua e o adesivo se separa das fibras, esticando-se em fios longos e infinitamente finos, como mussarela quente.

Os fios se endurecem instantaneamente, solidificando-se, e então se quebram, curvando-se como colunas de fumaça. Não é assim tão horrorível, agora que a gosma saiu da cara dela, mas sua mão ainda está perfeitamente imobilizada.

– Você está agora avisada oficialmente de que qualquer movimento de sua parte não explicitamente endossado por autorização verbal de minha parte pode significar um risco físico direto a você, bem como consequentes riscos psicológicos e, dependendo de seu sistema de crenças pessoal, riscos espirituais que possam decorrer de sua reação pessoal ao já mencionado risco físico. Qualquer movimento de sua parte constitui uma aceitação implícita e irrevogável desse risco – disse o primeiro MetaCop. Há um pequeno alto-falante em seu cinto, traduzindo simultaneamente suas palavras para o espanhol e o japonês.

– Ou, como costumávamos dizer – diz o outro MetaCop –, parada aí, babaca!

A palavra intraduzível ressoa do pequeno alto-falante, pronunciada como “papaca” e “babaká”, respectivamente.

– Somos Policiais Autorizados da MetaCops Ilimitada. Sob a Seção 24.5.2 do Código de White Columns, somos autorizados a efetuar as ações de uma força policial neste território.

– Como assediar skatistas inocentes – diz Y. T.

O MetaCop desliga o tradutor.

– Ao falar inglês, você concorda implícita e irrevogavelmente que todas as nossas futuras conversas acontecerão em inglês – adverte ele.

– Vocês não conseguem nem dar um zoom no que significa “Y.T.”.

– Você foi identificada como Foco Investigativo de um Evento Criminal Registrado que se alega ter acontecido em outro território, a saber, The Mews em Windsor Heights.

– Esse é outro país, cara. Isto aqui é White Columns!

– Sob uma cláusula do Código do The Mews em Windsor Heights, somos autorizados a cumprir a lei, questões de segurança nacional e harmonia societária também no já mencionado território. Um tratado entre The Mews em Windsor Heights e White Columns nos autoriza a colocar você em custódia temporária até que seu status como Foco Investigativo tenha sido solucionado.

– Você está fodida – afirma o segundo MetaCop.

– Como seu comportamento foi não agressivo e você não carrega armas visíveis, não estamos autorizados a empregar medidas heroicas para garantir sua cooperação – declara o primeiro MetaCop.

– Você fica fria e a gente fica frio – diz o segundo MetaCop.

– Entretanto, estamos equipados com dispositivos, incluindo – mas não limitados – armas de projéteis, que, se utilizados, podem representar uma ameaça radical e imediata à sua saúde e bem-estar.

– Faça um só movimento engraçadinho e a gente estoura tua cabeça – diz o segundo MetaCop.

– Ah, desgrudem logo a minha mão, caralho – fala ela.

Y. T. já ouviu isso tudo um milhão de vezes antes.

***

White Columns, assim como muitos Suburbiclaves, não tem prisão, nem delegacia de polícia. Pega tão mal. Valores de propriedade. Imagina a exposição negativa. A MetaCops tem uma franquia logo ali, no fim da estrada, que serve de quartel-general. Quanto à cadeia, algum lugar para o *habeas* do ocasional *corpus* perdido, qualquer franquiazinha meio decente tem uma.

Eles estão na Unidade Móvel. As mãos de Y. T. estão algemadas juntas à frente do corpo. Uma das mãos ainda está semicoberta por gosma emborrachada, que cheira tão forte a vinil que os dois MetaCops abaixaram as janelas. Dois metros de fibras soltas saem de seu colo, arrastam no chão da Unidade, saem porta afora e arrastam no asfalto. Os MetaCops estão numa boa, descendo tranquilos pela pista do meio, mas não deixam de passar multas por excesso de velocidade aqui e ali enquanto estão em sua jurisdição. Os motoristas ao redor deles dirigem lenta e racionalmente, preocupados com o pensamento de ter que parar no acostamento e escutar meia hora de disclaimers, conselhos e justificativas confusas de tipos como esses. Um ou outro garoto de entrega da CosaNostra passa zunindo por eles na pista da esquerda, luzes laranja em chamas, e eles fingem não notar.

– O que é que vai ser, o Hoosegow ou The Clink? – pergunta o primeiro MetaCop. Pelo jeito como ele está falando, deve estar falando com o outro MetaCop.

– O Hoosegow, por favor – responde Y. T.

– The Clink! – diz o outro MetaCop, virando-se e rindo com desprezo para ela pelo vidro antibalístico, esbaldando-se com seu poder. Todo o interior do carro se ilumina quando eles passam por um Buy ‘n’ Fly. Basta parar no estacionamento de um Buy ‘n’ Fly para ganhar um belo bronzeado. Em seguida, a WorldBeat Security chega e o prende. Todas aquelas luzes indutoras de segurança fazem os adesivos do Visa e do MasterCard na janela do lado do motorista brilharem por um instante.

– Y. T. tem cartão – comenta Y. T. – Quanto custa para pular fora?

– Como é que você fica se chamando o tempo todo de whitey [1]? – questiona o segundo MetaCop. Assim como muita gente de cor, ele entendeu errado o nome dela.

– Não é Whitey, é Y. T. – diz o primeiro MetaCop.

– É assim que Y. T. se chama – confirma Y. T.

– Foi o que eu disse – diz o segundo MetaCop. – Whitey.

– Y. T. – repete o primeiro, acentuando o “t” de modo tão brutal que acaba cuspindo no para-brisa. – Deixe-me adivinhar... Yolanda Truman?

– Não.

– Yvonne Thomas?

– Não.

– Então o que é?

– Nada.

Na verdade, significa *Yours Truly*: Sinceramente Sua. Mas, se eles não conseguem perceber isso, que se fodam.

– Você não tem grana pra isso – diz o primeiro MetaCop. – Você está indo contra o TMEWH aqui.

– Eu não preciso pular fora oficialmente. Eu poderia simplesmente fugir.

– Isto aqui é uma Unidade de classe. Não apoiamos fugitivos – declara o primeiro MetaCop.

– Vou te dizer uma coisa – fala o segundo. – Você nos paga um trilhão e a gente te leva a um Hoosegow. Aí você pode barganhar com eles.

– Meio trilhão – diz Y. T.

– 750 bilhões – diz o MetaCop. – E é isso. Mas que merda, você está de algema, não pode barganhar com a gente.

Y. T. abre o zíper de um bolso na coxa de seu macacão, retira o cartão com a mão limpa, passa-o por um slot nas costas do banco de frente e o recoloca no bolso.

***

O Hoosegow parece novo. Y. T. já viu hotéis que eram lugares piores para dormir. Sua sinalização de logo, um cacto saguaro com um chapéu de caubói preto inclinado na ponta, é novinha e limpa.

THE HOOSEGOW

SERVIÇOS DE CONTENÇÃO E ENCARCERAMENTO

PREMIUM

ACEITAMOS GRANDES QUANTIDADES!

Há mais dois carros da MetaCop no estacionamento, e um ônibus gigantesco da Enforcer estacionado do outro lado, ocupando dez vagas. Isso chama muita atenção aos MetaCops. Os Enforcers são para os MetaCops o que a Força Delta é para o Corpo da Paz.

– Uma para fazer o check-in – diz o segundo MetaCop.

Eles estão em pé na área de recepção. As paredes estão cheias de placas luminosas alinhadas, cada uma com a imagem de algum fora-da-lei do Velho Oeste. Annie Oakley olha sem expressão para Y. T., oferecendo um modelo de comportamento. O balcão do check-in é rústico fake; todos os empregados usam chapéus de caubói e estrelas de cinco pontas com os nomes gravados nelas. Ao fundo, há uma porta feita de barras de ferro à moda antiga. Assim que se passa por ali, parece uma sala de cirurgia. Toda uma linha de pequenas células, curvilíneas e brancas como chuveiros pré-fabricados: na verdade, eles podem atuar também como chuveiros, sendo possível tomar banho no meio do

aposento. Luzes brilhantes que se apagam às onze da noite. TV operada por moedas. Linha telefônica particular. Y. T. mal pode esperar.

O caubói atrás da mesa aponta um scanner para Y. T. e grava seu código de barras. Centenas de páginas sobre a vida pessoal de Y. T. aparecem em zoom em uma tela de gráficos.

– Hm – diz ele. – Mulher.

Os dois MetaCops olham um para o outro tipo, que gênio: esse cara jamais poderia ser um MetaCop.

– Lamento, rapazes, estamos lotados. Não temos espaço para mulheres hoje.

– Ah, qualé.

– Estão vendo aquele ônibus lá atrás? Aconteceu um tumulto no Snooze ’n’ Cruise. Alguns narcolombianos estavam vendendo um lote ruim de Vertigo. O lugar pirou. Os Enforcers enviaram meia dúzia de esquadrões, trouxeram uns trinta pra cá. Então estamos lotados. Tentem o The Clink, mais embaixo.

Y. T. não gosta do que está ouvindo.

Eles voltam a colocá-la no banco de trás do carro e ligam o cancelamento de ruído no banco traseiro para que ela não possa ouvir nada a não ser os barulhos que seu próprio estômago vazio está fazendo, e uns barulhinhos de coisa rachando sempre que ela move sua mão grudada. Ela estava realmente louca por uma refeição do Hoosegow: o Campfire Chili ou os Bandit Burgers.

No banco da frente, os dois MetaCops estão conversando um com o outro. Eles saem do tráfego. Na frente deles, um logo iluminado quadrado, um Código de Produto Universal gigante em preto e branco com Buy ’n’ Fly embaixo.

Colado no mesmo poste, abaixo da placa do BUY ’N’ FLY, há um menor, uma faixa estreita em letras genéricas: THE CLINK.

Eles a estão levando para o The Clink. Os filhos da puta. Ela bate no vidro com as mãos algemadas, deixando manchas grudentas. Esses filhos da puta que limpem o vidro depois. Eles se viram e olham bem para ela, o lixo humano criminoso, como se ouvissem alguma coisa mas não conseguissem imaginar o quê.

Eles invadem a nuvem de luz de segurança azul radioativa do Buy ‘n’ Fly. O segundo MetaCop entra, fala com o sujeito atrás do balcão. Tem um garoto branco gordo comprando uma revista de monster trucks, usando um boné de

beisebol da Nova África do Sul com uma bandeira confederada, e, ao ouvi-los, ele olha pela janela, doido de vontade de botar os olhos num criminoso de verdade. Um segundo homem aparece vindo dos fundos, do mesmo tipo étnico do cara atrás do balcão, outro homem escuro com olhos flamejantes e pescoço ossudo. Esse está carregando um fichário com o logo Buy ’n’ Fly. Para encontrar o gerente de uma franquia, nem é preciso se dar ao trabalho de ler o título que está na plaquinha no peito dele, basta procurar o que está com a pasta na mão.

O gerente conversa com o MetaCop, faz que sim com a cabeça, puxa um chaveiro de dentro de uma gaveta.

O segundo MetaCop sai, vai caminhando devagar até o carro e subitamente abre a porta de trás.

– Calada – ele diz – ou da próxima eu disparo a arma de catarro na sua boca.

– Que bom que você gosta do The Clink – diz Y. T. –, porque é para lá que você vai amanhã à noite, catarrento.

– É mesmo?

– É. Por fraude de cartão de crédito.

– Eu, tira; você, skatista. O que é que você vai alegar no Sistema Judiciário do Juiz Bob?

– Eu trabalho pra RadiKS. A gente se protege.

– Hoje não, não mesmo. Hoje à noite você retirou uma pizza da cena de um acidente de carro. Deixou o local de um acidente. A RadiKS mandou você entregar aquela pizza?

Y. T. não devolve o ataque. O MetaCop tem razão; a RadiKS não mandou que ela entregasse aquela pizza. Ela fez aquilo porque deu na telha.

– Então a RadiKS não vai ajudar você. Então cale a boca.

Ele puxa o braço dela, e o resto do corpo vai junto. O cara da pasta lhe dirige um rápido olhar, por tempo suficiente apenas para se certificar de que ela é realmente uma pessoa e não um saco de farinha, um bloco de motor ou um toco de árvore. Ele dá a volta com eles no prédio fétido do Buy ’n’ Fly, um reino escuro de material descartável em lixeiras transbordantes. Ele destranca a porta dos fundos, uma porta de aço com marcas de pé de cabra ao redor das bordas, como se feras com garras de aço tivessem tentado entrar por ali.

Y. T. é levada para o subsolo. O primeiro MetaCop vai atrás levando a prancha de skate dela, batendo descuidado contra batentes de portas e racks de garrafas de policarbonato.

– É melhor tirar o uniforme dela: todo esse equipamento... – sugere o segundo MetaCop, sem nenhuma inocência.

O gerente observa Y. T., tentando não deixar seu olhar viajar pecaminosamente pelo corpo todo dela. Por milhares de anos, seu povo sobreviveu na base do alerta: esperando mongóis aparecerem galopando no horizonte, esperando que assaltantes mais de uma vez aparecessem apontando espingardas de cano serrado sobre seus balcões de loja. Seu alerta neste momento é palpável e doloroso; ele é como um vidro de nitroglicerina quente. A questão adicional de um processo por assédio sexual torna tudo ainda pior. Para ele isso não é piada.

Y. T. dá de ombros, tentando pensar em alguma coisa enervante e maluca. A esta altura, ela deveria começar a gemer e se encolher, dar gritinhos, se ajoelhar e implorar. Eles estão ameaçando tirar a roupa dela. Que terrível. Mas ela não se irrita porque sabe que eles estão esperando que ela se sinta assim.

Um Kourier tem de estabelecer seu espaço no asfalto. Um comportamento previsível de cumprimento da lei deixa os motoristas relaxados. Eles colocam a pessoa mentalmente em uma caixinha na pista, supõem que ela por lá permanecerá, e não conseguem suportar quando ela sai dessa caixinha.

Y. T. não gosta de caixas. Y. T. estabelece seu espaço no asfalto fazendo ziguezagues poderosos de uma pista para outra, estipulando um precedente de aleatoriedade assustadora. Deixa as pessoas na ponta dos cascos, faz com que reajam a ela, e não o contrário. Agora estes homens estão tentando colocá-la em uma caixa, fazer com que ela siga regras.

Ela abre o zíper de seu macacão até abaixo do umbigo. Por baixo, nada a não ser carne branca.

Os MetaCops levantam as sobrancelhas.

O gerente dá um pulo para trás, levantando as mãos para formar um escudo visual, protegendo-se da informação prejudicial.

– Não, não, não! – diz ele.

Y. T. dá de ombros e volta a colocar o macacão. Ela não está com medo; está usando uma dentata.

O gerente a algema a um cano de água fria. O segundo MetaCop remove seu tipo mais novo e cibernético de algemas e as recoloca em sua armadura. O primeiro MetaCop coloca a prancha dela inclinada contra a parede, logo além de seu alcance. O gerente chuta uma lata de café enferrujada do outro lado do espaço, experientemente fazendo ela parar ao lado de Y. T., para que assim ela possa ir ao banheiro.

– De onde você é? – pergunta Y. T.

– Tadjiquistão – responde ele.

Um jeek. Ela devia saber.

– Bom, chutar latinha de merda deve ser o passatempo nacional de vocês.

O gerente não entende. Os MetaCops emitem risos abafados. Papéis são assinados. Todos sobem. Em seu caminho porta afora, o gerente apaga as luzes. No Tadjiquistão, eletricidade não é para todo mundo.

Y. T. está no The Clink.

7

O Black Sun é tão grande quanto dois campos de futebol americano dispostos lado a lado. A decoração consiste de mesas quadradas pretas flutuando no ar (não faria sentido desenhar pernas), a intervalos regulares atravessando o piso numa grade. Como pixels. A única exceção está no meio, onde os quatro quadrantes do bar se encontram ($4 = 2^2$). Esta parte é ocupada por um bar circular com 16 metros de diâmetro. Tudo é preto fosco, o que torna muito mais fácil para o sistema de computação desenhar coisas em cima: não precisa haver preocupação com o preenchimento de um fundo complicado. E assim toda a atenção pode ser concentrada nos avatares, e é desse jeito que as pessoas gostam.

Não compensa ter um avatar bonito na Rua, onde tudo é tão cheio e todos os avatares se fundem e fluem uns nos outros. Mas o Black Sun é um software muito mais classudo. No Black Sun, avatares não podem colidir. Poucas pessoas podem estar ali dentro de uma vez só, e lá elas não podem atravessar umas às outras enquanto caminham. Tudo é sólido, opaco e realista. E a clientela tem muito mais classe: nada de pênis falantes ali. Os avatares parecem gente de verdade. E, em sua maior parte, os daemons também.

"Daemon" é uma gíria antiga do sistema operacional UNIX, que significa um tipo de software utilitário de baixo escalão, uma parte fundamental do sistema operacional. No Black Sun, um daemon é igual a um avatar, mas não representa um ser humano. É um robô que vive no Metaverso. Um programa de software, um tipo de espírito que habita a máquina, normalmente com algum papel particular para desempenhar. O Black Sun tem um número específico de daemons que servem drinques imaginários para os frequentadores e executam pequenas tarefas para as pessoas.

Ele tem até daemons leões de chácara que se livram de gente indesejável: agarram seus avatares e os jogam porta afora, aplicando certos princípios básicos de física de avatares. Da5id chegou até mesmo a aprimorar a física do Black Sun

para torná-la um pouquinho parecida com a dos desenhos animados, de forma que gente particularmente chata possa levar um martelo gigante na cabeça ou ser esmagada por cofres antes de ser ejetada para fora. Isso acontece com pessoas que estão perturbando, com qualquer um que esteja incomodando uma celebridade e com qualquer um que pareça contagioso. Ou seja, se seu computador pessoal estiver infectado com vírus e tentar disseminá-los via Black Sun, é melhor ficar de olho no teto.

Hiro murmura a palavra “Bigboard”. Este é o nome de um programa que ele escreveu, uma ferramenta poderosa para um pesquisador da CIC. Ele penetra no sistema operacional do Black Sun, vasculha-o em busca de informações e depois joga um mapa quadrado achatado na frente da sua cara, fornecendo-lhe uma rápida visão geral de quem está ali e de com quem estão falando. São todos dados não autorizados, que Hiro não deveria ter. Mas Hiro não é nenhum ator metido a gostoso que está ali para fazer networking. Ele é um hacker. Se ele quer alguma informação, ele a rouba direto das entranhas do sistema: fofoca *ex machina*.

O Bigboard lhe mostra que Da5id está no seu lugar de costume, uma mesa no Quadrante Hacker, perto do bar. O Quadrante das Estrelas de Cinema tem seu punhado costumeiro de Estados Independentes e wannabes. O Quadrante dos Rock Stars está muito ocupado esta noite; Hiro vê que um astro de rap japonês chamado Sushi K parou ali para uma visita. E há muitos tipos da indústria fonográfica no Quadrante Japonês – que parece igual ao outro quadrante, só que mais quieto. Lá, as mesas ficam mais perto do chão, e está cheio de daemons gueixa que ficam fazendo mesuras e abanando leques. Muitas dessas pessoas provavelmente pertencem à comitiva de gerentes, fãs e advogados de Sushi K.

Hiro atravessa o Quadrante Hacker na direção da mesa de Da5id. Ele reconhece muitas das pessoas ali, mas, como de costume, fica surpreso e perturbado pelo número de pessoas que não reconhece: todos aqueles rostos inteligentes e perspicazes de 21 anos de idade. O desenvolvimento de softwares, assim como os esportes profissionais, tem um jeito de fazer homens de trinta anos se sentirem decrépitos.

Olhando pelo corredor na direção da mesa de Da5id, Hiro o vê conversar com uma pessoa preto e branca. Apesar da falta de cor dela e da resolução de

merda, Hiro a reconhece pela maneira como ela cruza os braços quando fala, o jeito como ela joga os cabelos quando está ouvindo Da5id. O avatar de Hiro para de andar e fica olhando para ela, adotando exatamente a mesma expressão facial com a qual ele costumava olhar para essa mulher anos atrás. Na Realidade, ele estende uma das mãos, pega sua cerveja, toma um gole e deixa o líquido rolar na boa, como ondas quebrando dentro de um espaço minúsculo.

***

O nome dela é Juanita Marquez. Hiro a conhece desde que eram calouros em Berkeley, e estudaram na mesma aula de física, na mesma seção do laboratório. Na primeira vez em que a viu, ele formou uma impressão que não mudou por muitos anos: ela era um tipo sério, geek, que gostava de ler e se vestia como se estivesse se candidatando a uma vaga na contabilidade de uma funerária. Ao mesmo tempo, ela tinha uma língua que era como um lança-chamas e que virava para as pessoas nos momentos mais estranhos, normalmente em alguma grandiosa e infernal retaliação por um deslize ou quebra de etiqueta que nenhum dos outros calouros havia percebido.

Somente alguns anos mais tarde, quando ambos acabaram trabalhando na Black Sun Systems, Inc., ele conseguiu a outra metade da equação. Na época, os dois estavam trabalhando com avatares. Ele fazia os corpos, ela fazia os rostos. Ela *era* o departamento de rostos, porque ninguém achava que rostos eram assim tão importantes – eles eram apenas bustos com carne em cima dos avatares. Ela estava simplesmente no processo de provar que todos estavam desesperadamente errados. Mas, naquela fase, a sociedade totalmente masculina dos nerds que compunham a estrutura de poder da Black Sun Systems disse que o problema dos rostos era trivial e superficial. Isso era, claro, nada mais do que sexismo, do tipo especialmente virulento defendido por técnicos homens que sinceramente acreditam que são inteligentes demais para serem sexistas.

Aquela primeira impressão, quando ele tinha dezessete anos, não fora nada além disso: a reação visceral de um filhote de exército pós-adolescente que só estava morando sozinho havia três semanas. Sua cabeça era boa, mas ele só entendia de uma ou duas coisas no mundo inteiro – filmes de samurai e

Macintosh –, e dessas entendia muito, muito bem. Era uma visão de mundo que não tinha espaço para ninguém como Juanita.

Existe um certo tipo de cidade do interior que cresce como uma bolha na bunda de toda base de Exército no mundo. Em uma longa série de lugares como esse, Hiro Protagonist foi criado em alta velocidade como uma orquídea mutante de estufa florescendo sob o brilho de mil spotlights de segurança Buy ’n’ Fly. O pai de Hiro havia entrado para o exército em 1944, aos dezesseis anos, e passara um ano no Pacífico, a maior parte dele como prisioneiro de guerra. Hiro nasceu quando seu pai estava no final da meia-idade. Nessa época, seu pai já poderia ter dado baixa e apanhado a pensão, mas não teria sabido o que fazer fora do serviço, então foi ficando até o chutarem no final dos anos 1980. Quando Hiro foi para Berkeley, ele já tinha morado em Wrightstown, Nova Jersey; Tacoma, Washington; Fayetteville, Carolina do Norte; Hinesville, Geórgia; Killeen, Texas; Grafenwehr, Alemanha; Seul, Coreia; Ogden, Kansas; e Watertown, Nova York. Todos esses lugares eram basicamente a mesma coisa, com os mesmos guetos-franquia, as mesmas boates de striptease, e até mesmo as mesmas pessoas: ele esbarrava a toda hora em colegas de escola que havia conhecido anos antes, outros filhotes do exército que por acaso iam parar na mesma base que ele ao mesmo tempo.

Suas peles tinham cores diferentes, mas todos pertenciam ao mesmo grupo étnico: Militar. Garotos negros não falavam como garotos negros. Garotos asiáticos não ralavam para ser excelentes na escola. Garotos brancos, em grande parte, não tinham problemas para se dar bem com os garotos negros e asiáticos. E as garotas sabiam o seu lugar. Todas elas tinham as mesmas mães com as mesmas generosas nádegas em calças stretch e os mesmos penteados de permanente de cachinhos e luzes, e eram basicamente todas fofinhas, carinhosas e conformistas. Se por acaso fossem inteligentes, faziam de tudo para esconder isso.

Então, na primeira vez em que Hiro viu Juanita, ou qualquer outra garota como ela, suas perspectivas foram todas alteradas na marra. Ela tinha cabelos compridos e brilhantes que nunca foram submetidos a nenhum processo químico além de aplicações regulares de xampu. Ela não usava maquiagem azul nas pálpebras. Suas roupas eram escuras, feitas sob medida, contidas. E ela não

levava desaforo para casa, nem mesmo de seus professores, que para ele, na época, pareciam assustadores e ameaçadores.

Quando Hiro voltou a vê-la, após uma ausência de vários anos – um período passado em sua maior parte no Japão, trabalhando entre gente adulta de verdade de uma classe social superior àquela com a qual ele estava acostumado, gente de substância que usava roupas de verdade e fazia coisas de verdade com suas vidas –, ele ficou surpreso ao perceber que Juanita era uma mulher elegante, estilosa e estonteante.

No começo, Hiro achou que ela havia passado por algum tipo de mudança radical desde o primeiro ano da faculdade. Mas então ele voltou para visitar seu pai numa daquelas cidadezinhas do exército e esbarrou na rainha do baile do segundo grau. Ela havia se tornado espantosamente rápido uma senhora gorda com cabelos pintados de cores berrantes e roupas idem que lia os tabloides dinamicamente na fila do caixa do armazém de abastecimento porque não tinha dinheiro para comprá-los, que mascava chiclete e tinha dois filhos que não tinha energia nem visão para disciplinar.

Ao ver aquela mulher no armazém de abastecimento, ele finalmente teve uma espécie de epifania atrasada de baixo impacto. Não era como uma luz brilhante descendo do céu, era mais como o fraco brilho marrom de um flash meio morto no alto de uma escada: Juanita não havia realmente mudado tanto assim desde aqueles tempos, apenas crescera para se tornar quem ela era. Foi ele quem mudou. Radicalmente.

Um dia Hiro entrou no escritório dela, para tratar estritamente de negócios. Até aquele momento, eles haviam se visto no escritório muitas vezes, mas agido como se nunca tivessem se visto antes. Mas, quando ele entrou no escritório dela naquele dia, Juanita pediu a ele que fechasse a porta, e ela desligou o monitor do computador e começou a girar um lápis entre os dedos, olhando para Hiro como se ele fosse um prato de sushi passado. Atrás dela, na parede, havia uma pintura amadora de uma velha senhora, montada em uma antiga moldura ornamentada. Era a única decoração do escritório de Juanita. Todos os outros hackers tinham fotos em cores do ônibus espacial decolando ou cartazes da nave *Enterprise*.

– É minha falecida avó, que Deus a tenha – Juanita disse, ao ver que ele olhava o quadro. – Meu modelo de vida.

– Por quê? Ela era programadora?

Ela simplesmente olhou para Hiro sobre o lápis giratório como se perguntasse a si mesma: como é que um mamífero pode ser tão lento e ainda ter controle das funções respiratórias? Mas em vez de descer o cacete nele, ela apenas deu uma resposta simples:

– Não.

Então, deu uma resposta mais complicada:

– Quando eu tinha quinze anos, houve um mês em que minha menstruação não veio. Meu namorado e eu usávamos diafragma, mas eu sabia que esse método tinha falhas. Eu era boa em matemática, tinha decorado a taxa de falhas, queimada no meu subconsciente. Ou talvez fosse no meu consciente, nunca sei qual dos dois é. De qualquer maneira, eu estava apavorada. O cachorro lá de casa começou a me tratar diferente: dizem que eles conseguem sentir o cheiro de uma mulher grávida. Ou de uma cadela grávida.

Àquela altura, o rosto de Hiro estava congelado em uma posição desconfiada e aturdida que Juanita posteriormente usou bastante em sua obra. Porque, enquanto ela conversava com ele, estava observando seu rosto, analisando o jeito como os pequenos músculos na testa dele empurravam as sobrancelhas para cima e faziam seus olhos mudarem de forma.

– Minha mãe não sabia de nada. Meu namorado sabia menos ainda: na verdade, eu larguei o cara na hora, porque percebi como ele era alienígena, assim como muitos membros da sua espécie. – Com isso, ela estava se referindo aos homens.

– De qualquer maneira, minha avó foi nos fazer uma visita – continuou ela, olhando para o quadro. – Eu a evitei até nos sentarmos todos para o jantar. E aí ela percebeu toda a situação em, sei lá, dez minutos, só de olhar o meu rosto na mesa de jantar. Eu não falei mais de dez palavras: “Passe as tortilhas”. Sei lá como foi que meu rosto transmitiu aquela informação, ou que tipo de circuitos internos na mente da minha avó permitiram que ela realizasse esse feito incrível. Condensar fatos a partir dos vapores de nuances.

Condensar fatos a partir dos vapores de nuances. Hiro nunca esqueceu o som dessas palavras pronunciadas por ela, a sensação que o acometeu quando ele percebeu pela primeira vez como Juanita era inteligente.

Ela prosseguiu:

– Eu nem sequer apreciei isso tudo até uns dez anos depois, como estudante de graduação, tentando construir uma interface para usuário que transmitisse muitos dados a uma grande velocidade, para uma daquelas bolsas matadoras de bebês. – Esta era a expressão que ela usava para tudo o que se referia ao Departamento de Defesa. – Eu estava pensando em todo tipo de construções técnicas elaboradas, como tentar implantar eletrodos diretamente no cérebro. Então me lembrei de minha avó e percebi, meu Deus, a mente humana pode absorver e processar uma quantidade incrível de informação... se vier no formato certo. A interface certa. Se você colocar o rosto certo nela. Quer café?

Então ele teve um pensamento alarmante: como ele era na faculdade? Muito babaca? Será que ele deixara Juanita com uma má impressão?

Outro rapaz teria ficado preocupado com isso em silêncio, mas Hiro nunca se deixou restringir por pensar demais nas coisas, e então ele a convidou para jantar. Depois de tomar alguns drinques (ela bebia club sodas), Hiro disparou a pergunta à queima-roupa:

– Você acha que eu sou um babaca?

Ela riu. Ele sorriu, crente que havia iniciado um papo bom, agradável e cheio de graça.

Ele não percebeu até dois anos depois que essa questão era, na realidade, a pedra angular do relacionamento. Juanita achava que Hiro era babaca ou não? Ele sempre teve motivos para achar que a resposta era sim, mas nove de cada dez vezes ela insistia que a resposta era não. Isso gerou algumas grandes discussões, ótimo sexo, alguns rompimentos dramáticos e algumas reconciliações apaixonadas, mas, no fim, toda essa loucura foi simplesmente demais para os dois – eles estavam exaustos de tanto trabalhar – e acabaram se afastando. Ele estava emocionalmente arrasado de tanto se perguntar o que ela realmente achava dele, e confuso pelo fato de que ele se importava tão profundamente com a opinião dela. E ela talvez estivesse começando a achar que, se Hiro estava tão convencido em sua própria cabeça de que não era digno dela, talvez ele soubesse de alguma coisa que ela não sabia.

Hiro teria atribuído tudo isso à diferença de classe, só que os pais dela viviam em uma casa em Mexicali com chão de terra batida, e o pai dele ganhava

mais dinheiro que muitos professores universitários. Mas a ideia de classes ainda tinha uma certa precedência em sua cabeça, porque classe é mais do que renda: tem a ver com saber qual o seu lugar dentro de uma teia de relações sociais. Juanita e seus pais sabiam onde se situavam, com uma certeza que beirava a demência. Hiro nunca soube. Seu pai era sargento-major, sua mãe era uma coreana cujo povo fora escravo em minas no Japão, e Hiro não sabia se era negro, asiático ou simplesmente do Exército, se era rico ou pobre, culto ou ignorante, talentoso ou sortudo. Ele sequer tinha uma parte do país que pudesse chamar de sua até se mudar para a Califórnia, o que é tão específico quanto dizer que se vive no Hemisfério Norte. No fim das contas, foi provavelmente a desorientação geral dele que provocou o rompimento dos dois.

Após o fim da relação, Hiro começou a sair com uma longa sucessão de garotas essencialmente bonitas e burras que (ao contrário de Juanita) ficavam impressionadas ao saber que ele trabalhava para uma empresa do Vale do Silício. Mais recentemente, ele precisou sair à procura de mulheres que fossem ainda mais fáceis de impressionar.

Juanita ficou celibatária por algum tempo, depois começou a sair com Da5id e acabaram se casando. Da5id não tinha a menor dúvida com relação ao seu lugar no mundo. Seus pais eram judeus russos do Brooklyn e haviam vivido no mesmo prédio de arenito pardo por setenta anos depois de saírem de uma aldeia na Letônia onde haviam vivido por quinhentos anos; com uma Torá no colo, ele poderia traçar sua linhagem até os tempos de Adão e Eva. Da5id era um filho único que sempre fora o primeiro da classe em tudo, e quando conseguiu seu mestrado em informática em Stanford, saiu e iniciou sua própria empresa com a mesma propaganda que o pai de Hiro usava para exibir uma nova caixa postal quando se mudavam. Então ele ficou rico, e hoje ele dirige o Black Sun. Da5id sempre teve certeza de tudo.

Até mesmo quando está totalmente errado. Motivo pelo qual Hiro pediu demissão do seu emprego na Black Sun Systems, apesar da promessa de ficar rico no futuro, e pelo qual Juanita se divorciou de Da5id dois anos depois de se casar com ele.

Hiro não foi ao casamento de Juanita e Da5id; estava dormindo na cadeia, onde fora jogado algumas horas antes do ensaio. Ele havia sido encontrado no

Golden Gate Park, com dor de corno, vestindo apenas uma tanga, tomando enormes goles de uma garrafa gigante de Courvosier e praticando ataques de kendô com uma autêntica espada samurai, praticamente flutuando sobre a grama, movido pela potência de suas coxas musculosas, para cortar ao meio os frisbees e os bastões de beisebol dos outros. Pegar uma bola em pleno voo com o fio da sua espada e parti-la elegantemente ao meio como se fosse uma laranja não é um feito insignificante. O único problema é que os donos da bola de beisebol podem interpretar suas intenções de forma errada e chamar a polícia.

Hiro saiu da cadeia depois de pagar por todas as bolas de beisebol e frisbees, mas, desde aquele episódio, ele nunca mais se preocupou em perguntar a Juanita se ela achava que ele era um babaca ou não. Até Hiro sabe a resposta agora.

Desde então, eles seguiram por caminhos muito diferentes. Nos primeiros anos do projeto Black Sun, a única maneira pela qual os hackers recebiam algum pagamento era lidando com ações. Hiro tinha a tendência a vender as suas assim que punha as mãos nelas. Juanita não. Hoje ela é rica, e ele não. Seria fácil dizer que Hiro é um investidor burro e Juanita é uma investidora inteligente, mas os fatos são um pouco mais complicados: Juanita colocou todos os seus ovos numa mesma cesta, mantendo todo o seu dinheiro em ações da Black Sun; ela acabou ganhando muito dinheiro dessa maneira, mas também poderia ter ido à falência. E Hiro não teve muita escolha. Quando seu pai ficou doente, o Exército e os veteranos cuidaram da maioria das contas médicas, mas, de qualquer modo, as despesas foram muitas, e a mãe de Hiro – que mal sabia falar inglês – não estava preparada para ganhar dinheiro ou lidar com ele. Quando o pai de Hiro morreu, ele vendeu todas as suas ações da Black Sun para colocar sua mãe em uma ótima comunidade na Coreia. Ela adora aquilo lá. Joga golfe todo dia. Hiro poderia ter conservado seu dinheiro no Black Sun e ganhado 10 milhões de dólares um ano mais tarde quando abriu as ações foram abertas ao público, mas sua mãe estaria morando na rua. Então, quando sua mãe o visita no Metaverso, parecendo bronzeada e feliz e vestindo suas bermudas de golfe, Hiro vê isso como sua fortuna pessoal. Isso não vai pagar o aluguel, mas tudo bem: quando você vive num muquifo, sempre há o Metaverso, e no Metaverso, Hiro Protagonist é um príncipe guerreiro.

8

Sua língua está ardendo; ele percebe que, lá na Realidade, se esqueceu de engolir a cerveja.

É irônico que Juanita tenha entrado naquele lugar com um avatar preto e branco low-tech. Foi ela quem descobriu um jeito de fazer os avatares mostrarem alguma coisa próxima da emoção de verdade. Este é um fato que Hiro nunca esqueceu, porque ela fez a maior parte de seu trabalho quando eles estavam juntos, e sempre que um avatar parece surpreso, zangado ou apaixonado no Metaverso, ele vê um reflexo de si mesmo ou de Juanita: o Adão e a Eva do Metaverso. Assim é difícil esquecer.

Pouco depois que Juanita e Da5id se divorciaram, o Black Sun realmente decolou. E assim que acabaram de contar o dinheiro, comercializar os derivados, se encharcar na adulação dos outros na comunidade hacker, todos se deram conta de que o que tornava aquele lugar um sucesso não eram os algoritmos para evitar colisões nem os daemons leões de chácara ou qualquer coisa desse tipo. Eram os rostos de Juanita.

É só perguntar aos homens de negócios do Quadrante Japonês. Eles vão até ali para jogar conversa fora com executivos do mundo inteiro e consideram isso tão bom quanto um cara a cara. Eles mais ou menos ignoram o que está sendo dito: afinal, muita coisa se perde na tradução. Eles prestam atenção às expressões faciais e na linguagem corporal das pessoas com as quais estão conversando. E é assim que eles sabem o que vai na cabeça de uma pessoa: condensando fatos a partir do vapor das nuances.

Juanita se recusava a analisar esse processo; insistia que era alguma coisa inefável, algo que não era possível explicar em palavras. Católica radical, daquelas de usar o terço, ela não tem o menor problema com esse tipo de coisa. Mas os nerds não gostaram. Disseram que era misticismo irracional. Então ela

pediu demissão e arrumou emprego em uma empresa japonesa. Eles não veem nenhum problema no misticismo irracional, desde que dê dinheiro.

Mas Juanita nunca vai ao Black Sun. Em parte porque está puta com Da5id e com os outros hackers que nunca apreciaram seu trabalho. Mas ela também decidiu que esse negócio todo é uma fraude. Que, não importa o quanto seja bom, o Metaverso está distorcendo a maneira como as pessoas falam umas com as outras, e ela não quer esse tipo de distorção em seus relacionamentos.

Da5id nota Hiro e indica, com um discreto revirar de olhos, que aquela não é uma boa hora. Normalmente, esses gestos tão sutis se perdem no ruído do sistema, mas Da5id tem um computador pessoal muito bom, e Juanita ajudou a projetar o avatar dele; logo, a mensagem é disparada como um tiro no teto.

Hiro dá meia-volta e vai perambular no bar circular fazendo uma órbita lenta. A maioria das 64 banquetas do bar está cheia de gente de nível inferior da Indústria, em grupos de dois e três, fazendo o que sabem fazer melhor: fofocas e intrigas.

– Então eu fui lá com o diretor para uma reunião de roteiro. Ele tem uma casa de praia...

– Incrível?

– Você não faz ideia.

– Eu já ouvi falar. Debi esteve lá numa festa quando Frank e Mitzi eram donos dela.

– De qualquer maneira, existe uma cena, no começo, em que o protagonista acorda num lixão. A ideia é mostrar como, você sabe, ele é arrogante...

– Aquela energia louca...

– Exatamente.

– Fabuloso.

– Eu gostei. Bom, ele quer substituir essa cena por uma em que o sujeito está no deserto com uma bazuca, explodindo carros velhos num ferro-velho abandonado.

– Você está brincando!

– Então nós estamos lá sentados no pátio dele que dá para a praia e ele fica assim, buum! buum!, imitando aquela porra daquela bazuca. Ele está doidão com

essa ideia. Quero dizer, esse cara quer colocar uma bazuca num filme. Então, acho que consegui convencê-lo a não fazer isso.

– Bela cena. Mas você tem razão. Uma bazuca não provoca o mesmo efeito que um lixão.

Hiro faz uma pausa longa o suficiente para anotar isso tudo, depois continua a andar. Ele torna a murmurar “Bigboard”, chamando novamente o mapa mágico, verifica sua própria localização e depois lê o nome desse roteirista que está ali perto. Mais tarde, ele poderá fazer uma busca de publicações da indústria para descobrir em que projeto esse cara está trabalhando, e dali tirar o nome desse diretor misterioso que tem um fetiche por bazucas. Como toda essa conversa veio até ele via seu computador, ele acabou de fazer uma gravação dela todinha em áudio. Mais tarde, ele poderá processá-la para disfarçar as vozes, e depois fazer um upload disso para a Biblioteca, fazendo uma referência cruzada com o nome do diretor. Uma centena de aspirantes a roteiristas irão chamar essa conversa e ouvi-la sem parar até gravá-la de memória, pagando a Hiro pelo privilégio, e, em algumas semanas, roteiros com bazuca irão inundar o escritório do tal diretor. Buum!

O Quadrante Rock Star é quase brilhante demais para enxergar. Avatares de astros do rock têm os penteados que astros do rock só podem ter em sonhos. Hiro dá uma olhada rápida para ver se algum dos seus amigos está ali dentro, mas a maioria é de parasitas e gente que já foi famosa. A maioria das pessoas que Hiro conhece é de pessoas que serão famosas e pessoas que querem ser famosas.

O Quadrante das Estrelas de Cinema é mais fácil de se olhar. Os atores adoram ir até lá porque no Black Sun eles sempre são tão bonitos quanto nos filmes. E, ao contrário de um bar ou clube na Realidade, eles podem entrar neste lugar sem fisicamente precisar deixar suas mansões, suítes de hotel, cabanas de esqui, cabines privadas de avião, o que for. Eles podem estruturar suas coisas e fazer uma visita com os amigos sem nenhuma exposição a sequestradores, paparazzi, roteiristas, assassinos, ex-cônjuges, corretores de autógrafos, oficiais de justiça, fãs psicóticos, propostas de casamento ou colunistas de fofocas.

Ele se levanta da banqueta do bar e continua sua órbita lenta, vasculhando o Quadrante Japonês. Tem muitos caras com ternos, como de costume. Alguns

deles estão conversando com gringos da Indústria. E uma grande parte do quadrante, no canto dos fundos, está isolada por uma partição temporária.

Bigboard de novo. Hiro descobre quais mesas estão atrás da partição, começa a ler os nomes. O único que reconhece imediatamente é o de um americano: L. Bob Rife, o monopolista da TV a cabo. Um nome muito grande da Indústria, embora raramente seja visto. Ele parece estar se encontrando com um bando inteiro de manda-chuvas japoneses. Hiro manda seu computador memorizar os nomes deles para que, mais tarde, ele possa checá-los no banco de dados da CIC e descobrir quem são. Tem cara de ser uma reunião grande e importante.

– Agente Secreto Hiro! Como é que você está?

Hiro se vira. Juanita está bem atrás dele, em seu avatar preto e branco, bonita de qualquer maneira.

– Como vai você? – pergunta ela.

– Ótimo. E você?

– Excelente. Espero que não se incomode em conversar comigo nesse avatar horrível tipo fax.

– Juanita, eu prefiro olhar para um fax seu do que para a maioria das outras mulheres ao vivo.

– Obrigada, seu filho da puta falso. Há quanto tempo que a gente não se fala! – ela comenta, como se houvesse algo de notável a respeito. Tem alguma coisa rolando. – Espero que você não esteja mexendo com Snow Crash. Da5id não quer me escutar.

– O que é que eu sou, um modelo de autocontrole? Eu sou exatamente o tipo de cara que mexeria com isso.

– Eu conheço você muito bem. Você é impulsivo. Mas é muito inteligente. Você tem aqueles reflexos de luta com espada.

– O que é que isso tem a ver com abuso de drogas?

– Quer dizer que você pode ver coisas ruins se aproximando e desviá-las. É um instinto, não uma coisa que se aprende. Assim que você se virou e me viu, aquele olhar logo apareceu na sua cara, tipo, o que é que tá rolando? Que diabos a Juanita está aprontando?

– Eu achava que você não conversava com pessoas no Metaverso.

– Converso se quiser falar com alguém e estiver com pressa – retruca ela. – E eu sempre falarei com você.

– Por que eu?

– Você sabe. Por causa de nós. Lembra? Por causa do nosso relacionamento, quando eu estava escrevendo este negócio, você e eu somos as únicas duas pessoas que podem ter uma conversa honesta no Metaverso.

– Você continua sendo a mesma mística maluca que sempre foi – ele fala, sorrindo para deixar claro que essa afirmação é engraçadinha.

– Você não faz ideia do quanto eu sou maluca e mística agora, Hiro.

– O quanto você é mística e maluca?

Juanita olha para ele desconfiada. Exatamente do mesmo jeito que o olhou quando ele entrou no escritório dela anos atrás.

Ele começa a se perguntar por que Juanita fica sempre tão alerta em sua presença. Na faculdade, costumava pensar que ela tinha medo do intelecto dele, mas há anos Hiro já sabe que essa é a última das preocupações dela. Na Black Sun Systems, imaginou que era apenas o tipo de reserva típico das mulheres – Juanita tinha medo de que ele estivesse tentando derrubá-la. Mas isso também está bastante fora de questão.

A esta altura tardia de sua carreira romântica, ele é simplesmente esperto o bastante para pensar numa nova teoria: ela está sendo cuidadosa porque gosta dele. Ela gosta dele mesmo sem querer. Ele é exatamente o tipo de escolha romântica tentadora, mas profundamente equivocada, que uma garota inteligente como Juanita deve aprender a evitar.

É definitivamente isso. Ficar mais velho até que tem suas vantagens.

Meio que respondendo à pergunta dele, ela comenta:

– Tenho um sócio que eu gostaria que você conhecesse. Um cavalheiro e acadêmico de nome Lagos. É um sujeito fascinante para se conversar.

– Ele é seu namorado?

Ela pensa bem nessa pergunta em vez de responder instantaneamente.

– Ao contrário do que meu comportamento na Black Sun possa ter dado a entender, eu não trepo com cada macho com quem trabalho. E ainda que trepasse, Lagos está fora de questão.

– Não faz seu tipo?

– De jeito nenhum.

– E qual é o seu tipo, afinal?

– Louros velhos, ricos, sem imaginação e com carreiras bem-sucedidas.

Essa quase passa batida por ele. Então ele entende.

– Bom, eu podia tingir o cabelo. E um dia eu vou ficar velho.

Ela ri, de verdade. É um tipo de risada que libera a tensão acumulada.

– Hiro, acredite em mim, eu sou a última pessoa com quem você quer se envolver neste momento.

– Isso faz parte daquele seu esquema de igreja? – pergunta ele.

Juanita tem utilizado seu excesso de dinheiro para fundar seu próprio ramo da igreja católica: ela se considera uma missionária para os ateus inteligentes do mundo.

– Não seja condescendente – ela responde. – É exatamente o tipo de atitude que estou combatendo. Religião não é para simplórios.

– Desculpe. Mas isso não é justo: você consegue ler cada expressão em meu rosto, e eu estou olhando para você através de uma nevasca, cacete.

– Está definitivamente ligado à religião – diz ela. – Mas isso é tão complexo, e seu background nessa área é tão deficiente, que nem sei por onde começar.

– Epa, eu ia à igreja toda semana no segundo grau. Eu cantava no coral.

– Eu sei. É exatamente esse o problema. 99% de tudo o que se passa na maioria das igrejas cristãs não tem absolutamente nada a ver com a religião de verdade. Pessoas inteligentes sempre notam isso mais cedo ou mais tarde, e concluem que 100% disso é papo furado, e é por isso que na cabeça das pessoas o ateísmo está ligado a ser inteligente.

– Então nada daquelas coisas que eu aprendi na igreja tem alguma coisa a ver com o que você está falando?

Juanita pensa um pouco, encarando Hiro. Então tira um hipercartão do bolso.

– Aqui. Pegue isto.

Quando Hiro pega o cartão da mão dela, ele muda de um objeto bidimensional tremeluzente para um cartão de gráfica realista, com cor de creme e fina textura. Impressas nele, em tinta preta glossy, duas palavras:

BABEL
(INFOCALIPSE)

9

O mundo congela e escurece por um segundo. O Black Sun perde sua animação delicada e começa a se mover em uma ação stop-motion desajeitada. Fica claro que seu computador acabou de sofrer um tranco; todos os seus circuitos estão ocupados processando um imenso bolo de dados – o conteúdo do hipercartão – e não têm tempo de redesenhar a imagem do Black Sun em toda a sua fidelidade de tirar o fôlego.

– Puta merda! – ele exclama, quando o Black Sun volta à animação normal. – Que merda é essa que você tem aqui neste cartão? Você deve ter metade da Biblioteca aqui!

– E um bibliotecário de quebra – esclarece Juanita –, para ajudar você a navegar pelo conteúdo. E muitos videotapes de L. Bob Rife, o que ocupa a maior parte da memória.

– Bom, vou tentar dar uma olhada nisso – ele diz meio na dúvida.

– Faça isso. Ao contrário de Da5id, você é inteligente o bastante para tirar um benefício disso. E, nesse meio tempo, fique longe do Corvo. E fique longe do Snow Crash. Ok?

– Quem é o Corvo? – ele pergunta.

Mas Juanita já está saindo. Todos os avatares bonitinhos se viram para olhá-lá quando passa por eles; os astros de cinema lhe dão olhares mortíferos, e os hackers franzem os lábios e olham com reverência.

***

Hiro orbita de volta ao Quadrante Hacker. Da5id está embaralhando hipercartões em sua mesa: estatísticas comerciais do Black Sun, clipes de cinema e vídeo, toneladas de programas, números de telefone rabiscados.

– Tem um pequeno blip no sistema operacional que me dá uma porrada no estômago toda vez que você passa pela porta – diz Da5id. – Eu sempre tenho

uma premonição de que o Black Sun vai sofrer um crash.

– Deve ser o Bigboard – supõe Hiro. – Ele tem uma rotina que cobre algumas das armadilhas na memória baixa por um momento.

– Ah, então é isso. Por favor, por favor, jogue esse negócio fora – pede Da5id.

– O quê, o Bigboard?

– É. Isso já foi totalmente radical, mas hoje é igual a tentar trabalhar num reator de fusão com um machado de pedra.

– Valeu.

– Eu dou pra você todos os headers de que você precisa para atualizar isso para alguma coisa um pouco menos perigosa – diz Da5id. – Eu não estava fazendo pouco das suas habilidades. Só estou dizendo que você precisa se manter em dia com o que está rolando.

– É difícil pra caralho – declara Hiro. – Não há mais lugar para um hacker frila. Você precisa ter uma grande corporação te bancando.

– Eu estou ciente disso. E estou ciente de que você não suporta trabalhar para uma grande corporação. É por isso que eu estou dizendo, eu te dou as coisas que você precisar. Você sempre fez parte da Black Sun para mim, Hiro, mesmo desde que a gente se separou.

Esse é o Da5id clássico. Ele está falando com o coração novamente, bypassando a cabeça. Se Da5id não fosse hacker, Hiro ficaria desesperado, porque o sujeito parece que não tem cérebro para fazer nada.

– Vamos falar de outra coisa – diz Hiro. – Eu estava tendo uma alucinação ou você e Juanita voltaram a se falar?

Da5id lhe dá um sorriso indulgente. Ele tem sido muito gentil para com Hiro desde A Conversa, anos atrás. Foi uma conversa que começou como um papo amigável regado a cerveja e ostras entre dois velhos camaradas de armas. Foi só após 75% d’A Conversa ter se passado que Hiro percebeu que, na verdade, estava sendo demitido naquele exato momento. Desde A Conversa, sabe-se que Da5id tem passado fragmentos úteis de informações e fofocas para Hiro de tempos em tempos.

– Caçando alguma coisa de útil? – Da5id pergunta como quem já sabe. Assim como muitos nerds, Da5id é profundamente sem noção, mas em

momentos como esse, ele acha que é a reencarnação de Maquiavel.

– Tenho novidades pra você, meu camarada – fala Hiro. – A maioria das coisas que você me dá eu nunca ponho na Biblioteca.

– Por que não? Porra, eu dou pra você as minhas melhores fofocas. Eu achava que você estava ganhando algum dinheiro com essas coisas.

– É que eu não consigo suportar – retruca Hiro – pegar partes da minha conversa particular e vendê-las que nem uma puta. Por que é que você acha que eu estou quebrado?

Há outra coisa que ele não menciona, que é o fato de sempre ter se considerado igual a Da5id, e não poder suportar a ideia de se alimentar das migalhinhas dele, como um cachorro embaixo de sua mesa.

– Fiquei feliz por ver Juanita entrar aqui, mesmo que em preto e branco – diz Da5id. – Para ela, não usar o Black Sun... é como Alexander Graham Bell se recusar a usar o telefone.

– Por que é que ela veio esta noite?

– Tem alguma coisa perturbando-a – afirma Da5id. – Ela queria saber se eu conhecia algumas pessoas específicas na Rua.

– Alguém em particular?

– Ela está preocupada com um sujeito imenso de cabelos pretos compridos – responde Da5id. – É um cara que está repassando uma coisa chamada, olha só, Snow Crash.

– Ela tentou a Biblioteca?

– Sim. Pelo menos eu acho.

– Você viu esse cara?

– Ah, claro. Não é difícil encontrá-lo – diz Da5id. – Ele está bem do lado de fora da porta. Peguei isto aqui com ele.

Da5id vasculha a mesa, apanha um dos hipercartões, e o mostra para Hiro.

SNOW CRASH
RASGUE ESTE CARTÃO AO MEIO
PARA LIBERAR SUA AMOSTRA GRÁTIS

– Da5id – declara Hiro –, não estou acreditando que você pegou um hipercartão de uma pessoa em preto e branco.

Da5id ri.

– Não estamos nos velhos tempos, meu amigo. Estou com tanta medicina antiviral no meu sistema que nada mais me pega. Recebo tanta merda contaminada de todos os hackers que passam por aqui que é como trabalhar numa ala de emergência. Então, não tenho medo do que possa estar neste hipercartão.

– Bom, neste caso, estou curioso – diz Hiro.

– É. Eu também – Da5id ri.

– Provavelmente deve ser algo muito decepcionante.

– Provavelmente um animercial – concorda Da5id. – Acha que eu devo experimentar?

– Acho. Vai fundo. Não é todo dia que você experimenta uma droga nova – comenta Hiro.

– Bom, você pode experimentar uma todo dia se quiser – diz Da5id –, mas não é todo dia que você encontra uma que não pode feri-lo. – Ele pega o hipercartão e o rasga ao meio.

Por um segundo, nada acontece.

– Estou esperando – diz Da5id.

Um avatar se materializa na mesa em frente a Da5id, começando transparente e fantasmagórico, e aos poucos se torna sólido e tridimensional. É um efeito realmente bobo; Hiro e Da5id já estão às gargalhadas.

O avatar é uma Brandy totalmente nua. Não parece sequer com a Brandy padrão; essa parece com uma daquelas imitações baratas de Taiwan. Obviamente, é apenas um daemon. Ela está segurando um par de tubos do tamanho de rolos de papel-toalha.

Da5id está reclinado em sua cadeira, adorando isso. Toda essa cena tem alguma coisa de um mau gosto hilariante.

A Brandy se inclina para diante, chamando Da5id em sua direção. Da5id se inclina para o rosto dela, sorrindo de orelha a orelha. Ela encosta seus lábios toscos vermelho-rubi na orelha dele e murmura algo que Hiro não consegue ouvir.

Quando ela se afasta de Da5id, o rosto dele mudou. Parece confuso e sem expressão. Talvez Da5id seja realmente assim; talvez o Snow Crash tenha fodido com seu avatar de algum modo e ele agora não está mais rastreando as verdadeiras expressões faciais de Da5id. Mas ele está olhando direto para a frente, os olhos congelados no rosto.

A Brandy segura o par de tubos na frente do rosto imobilizado de Da5id e os afasta. É na verdade um rolo de pergaminho. Ela está desenrolando o conjunto bem na frente do rosto de Da5id, espalhando-o como se fosse uma tela bidimensional na frente de seus olhos. O rosto paralisado de Da5id ficou com um tom azul com o reflexo da luz que sai do rolo.

Hiro dá a volta à mesa para espiar. Ele só consegue um rápido vislumbre do rolo antes que a Brandy o feche novamente. É uma parede viva de luz, como uma televisão flat screen flexível, e não está mostrando absolutamente nada. Apenas estática. Ruído branco. Neve.

Então ela desaparece, sem deixar vestígios. Sons de aplausos irregulares e sarcásticos vindos de algumas mesas no Quadrante Hacker.

Da5id voltou ao normal, com um sorriso que é parte de desprezo e parte de vergonha.

– O que foi aquilo? – perguntou Hiro. – Eu só consegui ver um pouco de neve no finalzinho.

– Você viu tudo – sinaliza Da5id. – Um padrão fixo de pixels pretos e brancos, em resolução razoavelmente alta. Apenas algumas centenas de milhares de zeros e uns para eu olhar.

– Então, em outras palavras, alguém acabou de expor seu nervo óptico a, o quê, talvez 100 mil bytes de informação – diz Hiro.

– Ruído, para ser mais exato.

– Bem, toda informação é ruído até você quebrar o código – afirma Hiro.

– Por que alguém me mostraria informação em código binário? Eu não sou um computador. Não sei ler um bitmap.

– Relaxa, Da5id, eu só estava de sacanagem com você – diz Hiro.

– Você sabe o que foi isso? Você sabe como hackers estão sempre tentando me mostrar amostras dos seus trabalhos?

– Sei.

– Algum hacker armou esse esquema para me mostrar suas coisas. E tudo estava dando certo até o momento em que a Brandy abriu o rolo – mas o código dele estava bugado, e deu um crash de neve no momento errado. Então, em vez de ver o trabalho dele, tudo o que eu vi foi neve.

– Então por que é que ele *chamou* a coisa de Snow Crash?

– Piada sem graça. Ele sabia que o negócio estava bugado.

– O que foi que a Brandy sussurrou no seu ouvido?

– Alguma linguagem que eu não entendi – diz Da5id. – Só blá-blá-blá.

Blá-blá. Babel.

– Depois disso, você ficou meio que atordoado.

Da5id fez cara de magoado.

– Eu não fiquei atordoado. Só achei essa experiência toda tão bizarra que acho que fiquei meio embasbacado por um segundo.

Hiro lhe dirige um olhar extremamente dúbio. Da5id repara e se levanta.

– Quer ver o que os seus concorrentes no Japão estão aprontando?

– Que concorrentes?

– Você costumava desenhar avatares para astros de rock, certo?

– Ainda desenho.

– Bom, o Sushi K está aqui hoje.

– Ah, sei. Aquele do cabelo do tamanho de uma galáxia.

– Dá pra ver os raios daqui – diz Da5id, acenando na direção do próximo quadrante –, mas eu quero ver o show todo.

É como se o sol estivesse nascendo em algum ponto no meio do Quadrante Rock Star. Sobre as cabeças dos avatares aglomerados, Hiro pode ver um leque de raios laranja irradiando-se de algum ponto no meio da massa. Ele fica se movendo, virando de um lado para outro, balançando, e todo o universo parece se mover com ele. Na Rua, todo o brilho do penteado Sol Nascente de Sushi K é suprimido por regulamentos de altura e largura. Mas Da5id permite livre expressão dentro do Black Sun, então os raios laranja se estendem direto até as linhas de propriedade.

– Fico me perguntando se alguém já disse a ele que americanos não vão comprar rap de um japonês – Hiro comenta enquanto eles caminham até lá.

– Talvez você deva dizer a ele – sugere Da5id – e cobrar pelo serviço. Ele está em LA neste momento, sabia?

– Provavelmente hospedado num hotel cheio de puxa-sacos dizendo a ele que grande astro ele será. Ele precisa ser exposto a uma biomassa de verdade.

Eles se injetam numa corrente de tráfego, tomando um canal estreito através de uma abertura na multidão.

– Biomassa? – pergunta Da5id.

– Um corpo de matéria viva. É um termo de ecologia. Se você pega um hectare de floresta tropical ou uma milha cúbica de oceano ou um quarteirão de Compton e retira todas as coisas que não são vivas – terra e água –, você obtém a biomassa.

Da5id, sempre nerd, diz:

– Não entendi. – Sua voz soa engraçada; há muito ruído branco vazando para seu áudio.

– É uma expressão da indústria – diz Hiro. – A Indústria se alimenta da biomassa humana dos EUA. Como uma baleia que filtra krill do mar.

Hiro força passagem por entre dois executivos japoneses. Um deles está usando um terno azul, mas o outro é um neotradicional, e usa um quimono escuro. E, assim como Hiro, ele está usando duas espadas: a katana comprida no quadril esquerdo e a wakizashi, a mais curta, enfiada diagonalmente na cintura. Ele e Hiro olham curiosos para os armamentos um do outro. Então Hiro desvia o olhar e finge não notar, ao passo que o neotradicional fica completamente parado, a não ser pelos cantos da boca, que se curvam para baixo. Hiro já viu esse tipo de coisa antes. Ele sabe que está para se meter numa briga.

As pessoas estão se afastando; alguma coisa grande e inesperada está abrindo caminho pela multidão, empurrando avatares. Somente uma coisa tem a capacidade de empurrar pessoas assim dentro do Black Sun, e é um daemon leão de chácara.

Quando eles se aproximam, Hiro vê que é todo um esquadrão voador deles, gorilas de smoking. Gorilas de verdade. E eles parecem estar voando na direção de Hiro.

Ele tenta recuar, mas rapidamente esbarra em alguma coisa. Parece que o Bigboard finalmente o meteu em apuros; ele está para ser expulso do bar.

– Da5id – diz Hiro. – Mande eles embora, cara, eu paro de usar o Bigboard.

Todas as pessoas ao redor de Hiro estão olhando para trás dele, rostos iluminados por um caldo de luzes coloridas brilhantes.

Hiro se vira para olhar para Da5id. Mas Da5id não está mais lá.

Em vez dele, há apenas uma nuvem tremeluzente de karma digital ruim. Ela é tão brilhante, rápida e sem sentido que dói só de olhar. Ela muda de colorida para preto e branco em flashes rápidos, e quando está colorida, rola loucamente pela escala de cores como se fosse movida a luzes de discoteca em alta potência. E não está se restringindo ao seu próprio espaço corporal; finíssimas linhas de pixels ficam disparando para um lado, atravessando todo o Black Sun e a parede. Não é um corpo organizado, mas uma nuvem centrífuga de linhas e polígonos cujo centro não consegue se segurar, disparando bits brilhantes de fragmentos de corpo por todo o ambiente, interferindo com os avatares dos outros, piscando e desaparecendo.

Os gorilas não dão a mínima. Eles metem seus longos dedos peludos no meio da nuvem em desintegração, de algum modo conseguem agarrá-la e passam por Hiro carregando-a, na direção da saída. Hiro olha para ela de passagem e vê o que se parece muito com o rosto de Da5id se fosse visto através de uma pilha de vidro estilhaçado. É apenas um vislumbre momentâneo. Então o avatar se vai, jogado de modo experiente pela porta da frente, voando sobre a Rua num longo arco que o leva além do horizonte. Hiro olha para a mesa de Da5id corredor acima, vazia, cercada por hackers bestificados. Alguns deles estão chocados, outros tentam conter o riso.

Da5id Meier, supremo mestre hacker, pai fundador do protocolo do Metaverso, criador e proprietário do mundialmente famoso Black Sun, acabou de sofrer um crash de sistema. Ele foi expulso de seu próprio bar por seus próprios daemons.

10

Mais ou menos a segunda ou terceira coisa que eles aprenderam a fazer quando estudaram para se tornar Kouriers foi como abrir um par de algemas. Algemas não foram feitas para ser dispositivos de contenção de longo prazo, apesar de os milhões de franqueados da Clink dizerem o contrário. E o antigo status dos skatistas como grupo étnico oprimido significa que, a esta altura, todos eles são artistas da fuga de algum modo.

Uma coisa de cada vez. Y. T. tem muitas coisas penduradas em seu uniforme. O uniforme possui uma centena de bolsos, bolsos grandes e achatados para entregas e bolsinhos estreitos para equipamento, bolsos costurados dentro de mangas, coxas, panturrilhas. O equipamento que vem dentro desses múltiplos bolsos tende a ser pequeno, multiuso, peso leve: canetas, marcadores, lanternas de bolso, faquinhas, gazuas, scanners de códigos de barras, pistolas sinalizadoras, chaves de fenda, Soco-Inglês Líquido, atordoadores bundy e lightsticks. Na sua coxa direita, uma calculadora enfiada de cabeça para baixo, para funcionar como taxímetro e cronômetro.

Na outra coxa, um telefone pessoal. Quando o gerente está trancando a porta de cima, ele começa a tocar. Y. T. atende-o com a mão livre. É sua mãe.

– Oi, mãe. Bem, e você? Estou na casa da Tracy. É, a gente foi ao Metaverso. Estávamos só brincando num fliperama na Rua. Muito legal! *Sim*, eu usei um avatar bonito. Não, a mãe da Tracy disse que me dá uma carona mais tarde. Mas a gente deve dar uma passada no Joyride na Victory um pouco, tá? Ok, bom, durma bem, mãe. Eu também te amo. Até mais tarde.

Ela aperta o botão flash, desligando a conversa com a mãe e obtendo um novo tom de discagem em cerca de meio segundo.

– Roadkill – ela diz.

O telefone se lembra e disca o número de Roadkill.

Sons de ronco de motores. Esse é o som do ar descascando o microfone do telefone pessoal de Roadkill a alguma velocidade aterrorizante. Além disso, ela ouve também os whoosh concorrentes dos pneus de muitos veículos no asfalto, quebrados por uma percussão de buracos; parece a Ventura, toda caindo aos pedaços.

– Yo, Y. T. – diz Roadkill. – Iaí?

– Iaí você?

– Surfando a Tura. Iaí você?

– Puxando uma cara na The Clink.

– Urrú! Quem te pipocou?

– MetaCops. Me grudaram no portão do White Columns com uma arma de catarro.

– Urrú, que muito! Quando é que você tá saindo?

– Já, já. Pode passar aqui e me dar uma mãozinha?

– Como assim?

Homens.

– Você sabe, *me dar uma mãozinha*. Você é meu namorado – ela lembra, falando de modo muito simples e objetivo. – Se eu sou pipocada, a ideia é você vir ajudar a me tirar daqui. – As pessoas já não tinham que saber um negócio desses? Será que os pais não ensinam mais nada aos seus filhos?

– Bom, ahn, onde é que você tá?

– Buy ’n’ Fly número 501.762.

– Eu estou indo pra Bernie com uma superultra.

Isso quer dizer San Bernardino. Isso quer dizer uma entrega de superultra-alta prioridade. Isso quer dizer que você está sem sorte.

– Ok, valeu por nada.

– Desculpaí.

– Surfa seguro – diz Y. T. no tradicional câmbio sarcástico.

– Continua respirando – despede-se Roadkill. O ruído de rugido se desliga.

Mas que babaca. Na próxima vez em que saírem, ele vai ter de implorar. Mas, nesse meio tempo, tem outra pessoa que lhe deve uma. O único problema é que ele pode ser um babaca. Mas não custa tentar.

–Alô? – ele diz em seu telefone pessoal. Está respirando fundo e umas duas sirenes duelam ao fundo.

– Hiro Protagonist?

– É, quem fala?

– Y. T. Cadê você?

– No estacionamento de um Safeway em Oahu – ele responde. E está dizendo a verdade; ao fundo ela pode ouvir os carrinhos de compras realizando suas barulhentas cópulas anais. – Estou meio ocupado agora, whitey... mas o que é que eu posso fazer por você?

– É Y. T. – diz ela –, e você pode me ajudar a sair do The Clink.

Ela lhe dá os detalhes.

– Há quanto tempo ele colocou você aí?

– Dez minutos.

– Ok, a pasta das franquias da Clink informa que o gerente deverá verificar o detento meia hora após sua entrada.

– Como é que você sabe disso? – ela pergunta, acusadora.

– Use sua imaginação. Assim que o gerente fizer a checagem e sair, espere mais cinco minutos e depois faça sua parada. Vou tentar dar uma mão. Ok?

– Entendi.

***

Meia hora em ponto após sua entrada, ela ouve a porta dos fundos ser destrancada. As luzes se acendem. Seus Knight Visions a poupam de dores excruciantes nos olhos. O gerente desce pesadamente dois degraus, olha para ela, observando-a durante um longo tempo. O gerente, obviamente, está tentado. Aquele vislumbre momentâneo de carne andou ricocheteando em seu cérebro por meia hora. Ele está quebrando a cabeça com grandes dilemas cosmológicos. Y. T. espera que ele não tente nada, porque os efeitos da dentata podem ser imprevisíveis.

– Decida-se logo, caralho – ela diz.

Funciona. Essa amostra explosiva de choque cultural tira o jeek de seu dilema ético. Ele dá a Y. T. um olhar de desaprovação – ela, afinal, o forçou a se

sentir atraído por ela, o forçou a ficar com tesão, fez sua cabeça rodar – ela não precisava ter sido presa, precisava? – e, ainda por cima, ele está puto com ela. Como se tivesse esse direito.

Foi este o gênero que inventou a vacina contra a pólio?

Ele se vira, sobe a escada, apaga a luz, tranca a porta. Ela conta o tempo, aciona o alarme do relógio para cinco minutos a contar dali – a única norte-americana que realmente sabe como ajustar o alarme em seu relógio de pulso digital – e puxa seu kit de arrombamento de um dos bolsos estreitos da manga. Ela também puxa um lightstick e o dobra para poder enxergar. Ao descobrir um pedaço de aço estreito e achatado, Y. T. desliza-o para dentro das entranhas das algemas e pressiona a trava de mola. O punho, que antes era um mecanismo de catraca feito somente para ficar cada vez mais apertado, se desprende do cano de água fria.

Ela podia tirar a algema do pulso, mas decidiu que gosta do visual. Prende a outra algema no pulso, ao lado da outra, formando um bracelete duplo. O tipo de coisa que sua mãe costumava fazer quando era punk.

A porta de aço está trancada, mas as regras de segurança do Buy ’n’ Fly exigem uma saída de emergência do porão em caso de incêndio. Ali, a saída é uma janela com barras mondo e um alarme de incêndio multilíngue grande e vermelho pregado nela. O vermelho parece preto no brilho verde do lightstick. Ela lê as instruções que estão em inglês, repassa-as mais duas ou três vezes na memória e fica esperando o alarme do relógio soar. Passa o tempo lendo as instruções em todos os outros idiomas, perguntando-se qual é qual. É tudo Taxilíngua para Y. T.

A janela está quase imunda demais para se ver através, mas ela vê alguma coisa preta passando por ela. Hiro.

Cerca de dez segundos depois, seu relógio soa o alarme. Ela aperta a saída de emergência e a campainha soa. As barras são mais difíceis do que ela imaginava – ainda bem que não é um incêndio de verdade –, mas no fim ela acaba abrindo a janela. Y. T. joga sua prancha no estacionamento lá fora e arrasta seu corpo pela janela justamente no instante em que ouve a porta de trás sendo destrancada. Quando o gerente descobre o importantíssimo interruptor de luz, ela

já está saindo numa curva fechada do estacionamento da frente... que se transformou num festival de jeeks!

Todos os jeeks do sul da Califórnia estão ali, ao que parece, dirigindo seus táxis gigantes e caindo aos pedaços com bichos estranhos no banco de trás, fedendo a incenso e sachês aromatizantes em neon! Eles montaram um narguilé gigante de oito tubos sobre o capô de um dos táxis e estão chupando quantidades industriais de fumaça sufocante.

E estão todos olhando fixo para Hiro Protagonist, que está simplesmente olhando fixo para eles. Todo mundo no estacionamento parece completamente surpreso.

Ele deve ter feito sua aproximação por trás: não percebeu que o estacionamento da frente estava cheio de jeeks. O que quer que ele tivesse planejado, não ia dar certo. O plano fodeu.

O gerente vem correndo dos fundos do Buy ’n’ Fly, soando um grito de alarme apavorante em Taxilíngua. Ele está com a mira travada no cu de Y. T.

Mas os jeeks ao redor do narguilé não estão dando a mínima para Y. T. Eles estão com a mira travada em Hiro. Penduram cuidadosamente os bicos prateados ornamentados em um rack construído no pescoço do caralhão. Então começam a aproximar-se dele, metendo as mãos nas dobras de suas roupas, nos bolsos internos de seus agasalhos.

Y. T. se distrai com um ruído sibilante afiado. Seus olhos se voltam para Hiro, e ela vê que ele sacou uma espada curva de 45 centímetros de uma bainha, que ela não havia notado antes. Ele se agacha. A lâmina da espada reluz dolorosamente sob as poderosas luzes de segurança do Buy ‘n’ Fly.

Que fofo!

Seria uma redundância dizer que os garotos do narguilé ficam bestificados. Mas não estão assim tão apavorados quanto confusos. É quase fora de dúvida que a maioria deles possui armas. Então por que é que esse sujeito está tentando incomodá-los com uma espada?

Ela se lembra que uma das múltiplas profissões no cartão de visita de Hiro é *O Maior Espadachim do Mundo.* Será que ele pode mesmo lutar contra um clã inteiro de jeeks armados?

A mão do gerente a pega pelo antebraço – como se isso fosse realmente detê-la. Y. T. mete a outra mão num bolso e espirra um jato de Soco-Inglês Líquido na cara dele. Ele solta um grunhido distante e abafado, joga a cabeça para trás, solta o braço dela e começa a cambalear loucamente para trás até cair todo esparramado em cima de outro táxi, apertando os olhos com as mãos.

Passa um segundo. Não há ninguém naquele táxi em particular. Mas ela pode ver um chaveiro de macramé de 60 centímetros pendurado na ignição.

Ela joga a prancha de skate pela janela do táxi, cai (Y. T. é pequena, abrir a porta é opcional) e senta no banco do motorista, afundando num ninho de contas de madeira e sachês aromatizantes, liga o motor e dá a partida. De ré. Na direção do estacionamento dos fundos. O carro estava apontando para o lado de fora, ao estilo táxi, pronto para uma fuga rápida, o que seria bom se estivesse sozinha – mas ela tem de pensar em Hiro. O rádio está gritando com rompantes de Taxilíngua. Ela recua e dá a volta de ré até os fundos do Buy ’n’ Fly. O estacionamento dos fundos está estranhamente quieto e vazio.

Y. T. muda a marcha e volta por onde veio. Os jeeks ainda não tiveram muito tempo para reagir, estavam esperando que ela saísse pelo outro lado. Ela freia com força e para bem ao lado de Hiro, que já teve a presença de espírito de recolocar a espada na bainha. Ele mergulha pela janela do carona. Então ela para de prestar atenção nele. Ela tem outras coisas para olhar, como ver se vai se abordada pela lateral ao sair para a estrada, por exemplo.

Isso não acontece com ela, mas um carro freia logo ao lado. Y. T. dispara para a rodovia. Ele reage como só um táxi antigo pode reagir.

O único problema é que meia dúzia de outros táxis antigos estão atrás deles agora.

Alguma coisa está pressionando a coxa esquerda de Y. T. Ela olha para baixo. É um revólver incrivelmente grande em uma sacola de rede pendurada no painel da porta.

Ela precisa encontrar algum lugar para estacionar. Se pudesse achar um franchulado da Nova Sicília, tudo bem: a Máfia lhe deve uma. Ou uma Nova África do Sul, que ela detesta. Mas os Novos Africanos do Sul odeiam jeeks ainda mais.

Risque isso; Hiro é negro, ou pelo menos parcialmente negro. Ela não pode levá-lo para a Nova África do Sul. E, como Y. T. é Cauc, eles não podem ir para a Metanzânia.

– A Grande Hong Kong do Sr. Lee – sugere Hiro. – Pouco menos de um quilômetro à frente, à direita.

– Bem pensado... mas eles não vão deixar você entrar com suas espadas, vão?

– Vão – responde ele. – Porque sou um cidadão.

Então ela vê. A placa se destaca porque é rara. Não se veem muitas dessas. É uma placa verde e azul, tranquilizadora e calma em um gueto de franquias de cores berrantes. Diz assim:

A GRANDE HONG KONG DO SR. LEE

Sons de explosão vindos lá de trás. Y. T. bate com a cabeça no encosto do pescoço. Outro táxi bateu na traseira deles.

E ela entra cantando pneu no estacionamento do Sr. Lee a cem por hora. O sistema de segurança sequer tem tempo de checar o visto dela e lança o GDP, e então é Graves Danos a Pneus o caminho todo, e os radiais carecas ficam para trás nos pontões. Com quatro rodas nuas faiscantes, o táxi para com um ruído agudo na grade do gramado, que serve também como turfa devoradora de dióxido de carbono e estacionamento impermeável.

Ela e Hiro descem do carro.

Hiro está com um sorriso enlouquecido na boca, pregado no fogo cruzado de uma dezena de feixes de laser vermelho que o escaneiam de todas as direções ao mesmo tempo. O sistema de segurança robotizado de Hong Kong está efetuando uma verificação nele. E nela também; ela olha para baixo e vê os lasers percorrendo seu peito.

– Bem-vindo à Grande Hong Kong do Sr. Lee, Sr. Protagonist – diz o sistema de segurança por um alto-falante P.A. – E boas-vindas à sua convidada, Srta. Y. T.

Os outros táxis pararam em formação ao longo do meio-fio. Vários deles passaram da franquia de Hong Kong e tiveram de recuar cerca de um quarteirão.

Uma barragem de portas se fechando. Alguns deles não estão nem aí, simplesmente deixam os motores ligados e as portas escancaradas. Três jeeks ficam parados na calçada, olhando os restos de pneus empalados sobre os pontões: longas faixas de neoprene de onde despontam aço e fios de fibra de vidro, como perucas estragadas. Um deles tem um revólver na mão, apontado para a calçada.

Mais quatro jeeks correm para se juntar a eles. Y. T. conta mais dois revólveres e uma espingarda pneumática. Mais alguns e eles serão capazes de fundar um governo.

Eles pisam com cuidado sobre os pontões e no luxuriante gramado de Hong Kong. Assim que fazem isso, os lasers tornam a aparecer. Os jeeks ficam todos vermelhos e granulados por um segundo.

Então alguma coisa diferente acontece. As luzes se acendem. O sistema de segurança quer uma iluminação melhor nessas pessoas.

Os franchulados de Hong Kong são famosos por seus grids de gramado – quem é que já ouviu falar de um gramado sobre o qual se pode estacionar? – e por suas antenas. Todos eles parecem instalações de pesquisa da NASA com suas antenas. Algumas delas são links de satélite, apontadas para o céu. Mas outras, anteninhas minúsculas, estão apontadas para o chão, para a grade do gramado.

Y. T. não chega a entender isso, mas essas antenas pequenas são transceptores de radar de ondas milimétricas. Assim como qualquer outro radar, elas são boas para captar objetos metálicos. Ao contrário do radar de um centro de controle de tráfego, elas podem dar um zoom em detalhes finos. A resolução de um sistema é apenas tão refinada quanto seu comprimento de onda; como o comprimento de onda desse radar é de aproximadamente um milímetro, ele pode ver as obturações nos seus dentes, as ilhoses nos seus tênis Converse, os botões da sua calça Levi’s. Elas pode calcular o valor das moedas que uma pessoa tem no bolso.

Detectar armas não é problema. Essa coisa pode até dizer se as armas estão carregadas, e com que tipo de munição. Esta é uma função importante, porque armas são ilegais na Grande Hong Kong do Sr. Lee.

11

Não parece educado ficar por ali arregalando os olhos e comentando que o computador de Da5id deu pau. Muitos dos hackers mais jovens estão fazendo exatamente isso, como uma forma de mostrar a todos os outros como eles entendem do assunto. Hiro dá de ombros e se volta na direção do Quadrante Rock Star. Ele ainda quer ver o penteado de Sushi K.

Mas seu caminho está bloqueado pelo japonês – o neotradicional. O cara das espadas. Ele está encarando Neo, a cerca de duas espadas de distância, e não parece ter intenção de se mover.

Hiro faz o que é mais educado. Ele se curva até a cintura e se levanta.

O homem de negócios faz o que é muito menos educado. Ele olha Hiro um tanto cuidadosamente de alto a baixo e depois retribui a mesura. Mais ou menos.

– Estas... – diz o executivo. – Muito bonitas.

– Obrigado, senhor. Por favor, fique à vontade para conversar em japonês se preferir.

– Isto é o que seu avatar usa. Você não tem tais armas na Realidade – afirma o executivo. Em inglês.

– Lamento contradizê-lo, mas na verdade eu tenho tais armas na Realidade – discorda Hiro.

– Exatamente como estas?

– Exatamente.

– Então são armas antigas – diz o executivo.

– Sim, creio que sim.

– Como você possui peças de herança de família tão importantes no Japão? – pergunta o executivo.

Hiro conhece o subtexto da pergunta: *para que você usa essas espadas, garoto, cortar melancias?*

– Elas são agora minhas peças de herança de família – explica Hiro. – Meu pai as ganhou.

– Ganhou? No jogo?

– Combate mano a mano. Foi uma luta entre meu pai e um oficial japonês. A história é um pouco complicada.

– Por favor, perdoe-me se não entendi corretamente sua história – diz o executivo. – Mas eu estava com a impressão de que homens de sua raça não tiveram permissão de lutar durante aquela guerra.

– Sua impressão é correta – confirma Hiro. – Meu pai era motorista de caminhão.

– Então como ele acabou em um combate mano a mano com um oficial japonês?

– O incidente aconteceu do lado de fora de um campo de prisioneiros de guerra – diz Hiro. – Meu pai e outro prisioneiro tentaram escapar. Eles foram perseguidos por vários soldados japoneses e pelo oficial que possuía estas espadas.

– Sua história é muito difícil de crer – diz o executivo. – Seu pai não poderia ter sobrevivido a uma fuga dessas por tempo suficiente para passar as espadas para seu filho. O Japão é uma nação insular. Não há lugar algum para onde ele pudesse ter escapado.

– Isso aconteceu bem no fim da guerra – acrescenta Hiro. – E o campo ficava logo nos arredores de Nagasaki.

O executivo engasga, fica vermelho, quase perde a pose. Sua mão esquerda escorrega até a bainha de sua espada. Hiro olha ao redor; subitamente, eles se encontram no centro de um círculo aberto de pessoas com cerca de dez metros de diâmetro.

– Você acha que a maneira como veio a obter essas espadas foi honrada? – perguntou o executivo.

– Se não fosse, eu já as teria devolvido há muito tempo – declara Hiro.

– Então você não fará objeção em perdê-las da mesma forma – diz o executivo.

– Nem o senhor fará objeção a perder as suas – diz Hiro.

O executivo leva a mão direita ao cabo de sua espada e a segura bem abaixo da guarda, puxa-a, leva-a para a frente até apontá-la direto para Hiro, e em seguida coloca a mão esquerda no cabo logo abaixo da direita.

Hiro faz o mesmo.

Ambos dobram os joelhos, assumindo uma postura de agachamento leve mas mantendo o torso reto, depois voltam a se levantar e ajeitam os pés na posição correta: paralelos, ambos apontando direto para a frente, o pé direito adiante do esquerdo.

O executivo mostra que tem muito *zanshin*. Traduzir esse conceito para inglês é como traduzir “cara de cu” para japonês, mas ele poderia ser traduzido como “intensidade emocional” no jargão do futebol americano. Ele ataca Hiro, gritando a plenos pulmões. A abordagem consiste, na verdade, de um movimento muito rápido com os pés, de modo que ele permaneça equilibrado o tempo inteiro. No último instante, ele puxa a espada sobre a cabeça e desce-a na direção de Hiro. Hiro ergue sua própria espada, girando-a de lado para que o cabo fique bem para cima, acima e à esquerda de seu rosto, e a lâmina desça para a direita, o que oferece um teto sobre sua cabeça. O golpe do executivo bate e desvia desse teto como a chuva, e então Hiro se move para o lado para deixar que ele passe e desce a espada em seu ombro desprotegido. Mas o executivo está se movendo rápido demais, e o timing de Hiro é ruim. A lâmina corta atrás e ao lado do executivo.

Ambos os homens giram para encarar um ao outro, voltam a se erguer, assumem novamente suas posições.

“Intensidade emocional” não transmite sequer a metade disso, claro. É o tipo de tradução tosca e decepcionante que faz os corpos desmembrados dos samurais se remexerem nas covas. A palavra “zanshin” está carregada com muitos outros significados, de medo que seria preciso ser japonês para compreender.

E Hiro pensa, francamente, que a maior parte disso é babaquice pseudomística, do mesmo nível que a de seu antigo técnico de futebol americano do segundo grau quando exortava seus homens a jogar a 110%.

O executivo faz outro ataque. Este é bem direto: uma rápida abordagem com os pés e, em seguida, um corte brusco na direção do plexo solar de Hiro. Hiro

bloqueia.

Agora Hiro sabe alguma coisa sobre esse executivo, por exemplo, que, assim como a maioria dos espadachins japoneses, tudo o que ele sabe é kendô.

O kendô é para a verdadeira luta de espadas samurai o que a esgrima é para os verdadeiros espadachins ocidentais: uma tentativa de pegar um conflito altamente desorganizado, caótico, violento e brutal e transformá-lo num jogo bonitinho. Assim como na esgrima, deve-se atacar apenas determinadas partes do corpo: as protegidas pela armadura. Assim como na esgrima, não é permitido chutar seu oponente no joelho ou quebrar uma cadeira na cabeça dele. E o julgamento é totalmente subjetivo. No kendô, o espadachim pode dar um bom e sólido golpe no seu oponente e, ainda assim, não obter crédito por isso, porque os juízes sentiram que ele não possuía a quantidade certa de *zanshin*.

Hiro não tem *zanshin* nenhum. Ele só quer acabar logo com isso. Na vez seguinte em que o executivo dá seu grito de arrebentar os ouvidos e corre na direção de Hiro arrastando os pés, cortando e balançando sua lâmina, Hiro bloqueia o ataque, se vira e corta ambas as pernas do homem logo abaixo dos joelhos.

O executivo desaba no chão.

É preciso muita prática para fazer seu avatar se mover pelo Metaverso como uma pessoa de verdade. Quando seu avatar acaba de perder as pernas, toda essa habilidade voa pela janela.

– Ora, ora, ora – diz Hiro. – Vejam só isso aqui! – Ele gira a lâmina de lado, cortando os dois antebraços do executivo e fazendo a espada cair no chão com um estrépito.

– É melhor acender a fogueira do churrasco, Jemima! – continua Hiro, girando a espada de lado, cortando o corpo ao meio, logo acima do umbigo. Então ele se inclina para olhar direto no rosto do executivo. – Ninguém te disse – ele fala, perdendo o sotaque – que eu era um hacker?

Então ele, *hack!*, corta a cabeça do cara. Ela cai no chão, dá uma roladinha e para, olhando para o teto. Então Hiro recua dois passos e murmura:

– Cofre.

Um cofre grande, com um metro de lado, se materializa logo abaixo do teto, despenca e cai exatamente em cima da cabeça do executivo. O impacto leva

tanto o cofre quanto a cabeça direto para baixo, arrebentando o chão do Black Sun, deixando um buraco quadrado e expondo o sistema de túneis subterrâneos. O resto do corpo desmembrado ainda está espalhado no chão.

Naquele momento, um executivo japonês em algum lugar, talvez num belo hotel em Londres ou num escritório em Tóquio, ou até mesmo no lounge de primeira classe do HLAT, o Hipersônico Los Angeles-Tóquio, está sentado na frente de seu computador, com o rosto vermelho e suado, olhando para o Hall da Fama do Black Sun. Ele foi cortado do contato com o próprio Black Sun, desconectado como do Metaverso, e está apenas vendo um display bidimensional. Nele, os dez maiores espadachins de todos os tempos são mostrados juntamente com suas fotografias. Abaixo, uma lista de números e nomes, começando com o número 11. Ele pode descer a lista se quiser saber onde ele próprio está no ranking. A tela diligentemente o informa de que ele atualmente está no número 863 de 890 pessoas que já participaram de uma luta de espadas no Black Sun.

O Número Um – o nome e a foto no topo da lista – pertence a Hiroaki Protagonist.

12

A Unidade de Guarda Semiautônoma número A-367 da Ng Security Industries vive em um agradável Metaverso em preto e branco onde bistecas enormes dão em árvores, penduradas em galhos baixos ao nível da cabeça, e frisbees encharcados de sangue voam pelo ar frio e límpido sem motivo algum, até alguém pegá-los.

Ele tem um quintalzinho só para si. O quintal tem uma cerca ao redor. Ele sabe que não pode pular a cerca. Ele nunca tentou fazer isso porque sabe que não pode. Ele não entra no quintal a menos que seja preciso. É quente lá fora.

Ele tem um trabalho importante: proteger o quintal. Às vezes, pessoas entram e saem do quintal. Na maior parte do tempo, são pessoas boas, e ele não as incomoda. Ele não sabe por que elas são pessoas boas. Ele só sabe que são. Em certas ocasiões, são pessoas más, e ele tem de fazer coisas ruins com elas para obrigá-las a ir embora. Isso é o adequado e o certo.

No mundo além de seu quintal, existem outros quintais com outros cachorrinhos iguais a ele. Não são cachorros maus. São todos seus amigos.

O cachorrinho mais próximo fica longe, mais longe do que ele consegue ver. Mas, às vezes, ele pode ouvir esse cachorrinho latir, quando uma pessoa má se aproxima do quintal dele. Ele também pode ouvir outros cachorrinhos da vizinhança, uma matilha inteira deles se estendendo pela distância, em todas as direções. Ele pertence a uma matilha legal de cachorrinhos legais.

Ele e os outros cachorrinhos legais latem sempre que um estranho entra no quintal deles ou mesmo quando se aproxima. O estranho não o ouve, mas todos os outros cachorrinhos da matilha ouvem. Se eles moram por perto, ficam empolgados. Acordam e ficam prontos para fazer coisas ruins com aquele estranho se ele tentar invadir o quintal deles.

Quando um cachorrinho vizinho late para um estranho, imagens, sons e cheiros aparecem em sua mente juntamente com o latido. Ele subitamente sabe

qual é a aparência do estranho. Qual é o cheiro dele. Qual é o som que ele faz. Então, se esse estranho por acaso chegar perto de seu quintal, ele o reconhecerá. Ele ajudará a espalhar o latido para outros cachorrinhos legais de modo que toda a matilha possa estar preparada para lutar contra o estranho.

Esta noite, a Unidade de Guarda Semiautônoma número A-367 está latindo. Ele não está simplesmente transmitindo o latido de algum outro cachorrinho para a matilha. Ele está latindo porque se sente muito empolgado com as coisas que acontem no seu quintal.

Primeiro, duas pessoas entraram. Isso o fez ficar empolgado porque elas apareceram muito rápido. Os corações delas estão batendo acelerados e elas estão suando e têm um cheiro de pavor. Ele olhou para essas duas pessoas a fim de ver se estavam carregando coisas ruins.

A menor está carregando coisas um pouco feias, mas não chegam a ser ruins. O grandão está carregando algumas coisas muito ruins. Mas ele sabe, de algum modo, que com o grandão não tem problema. Ele não é um estranho; ele vive aqui. Ele pertence a este quintal. Ele vive aqui. E a pequenininha é convidada dele.

Mesmo assim, ele sente que tem alguma coisa empolgante acontecendo. Ele começa a latir. As pessoas no quintal não o ouvem latir. Mas todos os outros cachorrinhos legais da matilha, bem distantes, o ouvem, e, quando fazem isso, veem essas duas pessoas apavoradas, legais, e sentem o cheiro delas e as ouvem.

Então mais pessoas entram no seu quintal. Elas também estão empolgadas; ele pode ouvir os corações delas batendo. Sua boca se enche de saliva quando ele sente o cheiro do sangue salgado e vermelho sendo bombeado por suas artérias. Essas pessoas estão empolgadas e zangadas e só um pouquinho apavoradas. Elas não vivem aqui; são estranhas. Ele não gosta muito de estranhos.

Ele olha para eles e vê que estão carregando três revólveres, uma .38 e duas Magnum 357; que a .38 está carregada com balas hollow-point, que uma das 357 está carregada com balas de Teflon e também foi destravada; e que a espingarda pneumática, carregada com chumbo grosso, já tem uma cápsula na câmera e mais quatro cápsulas no seu magazine.

As coisas que os estranhos estão carregando são ruins. Coisas apavorantes. Ele fica empolgado. Ele fica zangado. Fica um pouquinho apavorado, mas ele gosta de ficar apavorado; para ele é a mesma coisa que estar empolgado. Na verdade, ele só tem duas emoções: dormir e overdrive de adrenalina.

O estranho ruim com a espingarda está levantando sua arma!

É uma coisa profundamente terrível. Muitos estranhos ruins e empolgados estão invadindo seu quintal com coisas ruins, vieram para machucar os visitantes bonzinhos.

Ele mal tem tempo para latir um aviso para os outros cachorrinhos bonitinhos antes de se lançar de sua casinha de cachorro, impulsionado por um jato branco e incandescente de emoção pura e feroz.

***

Na visão periférica de Y. T., ela vê um flash rápido, ouve um som metálico. Ela olha naquela direção e nota que a fonte da luz é uma espécie de portinhola de cachorro embutida na lateral da franquia de Hong Kong. A portinha de cachorro foi, no passado bem recente, escancarada por alguma coisa que saiu de dentro dela na direção da grade do gramado com a velocidade e a determinação de uma bala de canhão.

No instante em que a mente de Y. T. começa a registrar isso tudo, ela começa a ouvir os gritos dos jeeks. Esses gritos não são de raiva e também não são de pavor. Ninguém teve tempo de ficar apavorado ainda. São os gritos de alguém que acabou de ter um balde de água gelada jogado na cabeça.

Esses gritos ainda estão acontecendo, ela ainda está virando a cabeça para olhar os jeeks, quando a portinhola do cachorro emite outro facho de luz. Seus olhos se viram naquela direção; Y. T. pensa que viu alguma coisa, uma sombra comprida e arredondada em seção cruzada na luz, por um instante borrado quando a porta estava sendo batida por dentro. Mas quando seus olhos se focalizam nisso, ela não vê nada a não ser a porta oscilando, a mesma coisa que antes. Essas são as únicas impressões deixadas em sua mente, a não ser por mais um detalhe: uma trilha de faíscas que dançou pela grade do gramado a partir da

portinhola do cachorro até os jeeks e de volta durante este evento de um segundo, como um foguete disparando pelo terreno.

As pessoas dizem que a Coisa-Rato corre sobre quatro patas. Talvez as garras de suas patas-robô façam essas faíscas quando tocam a grade do gramado para adquirir tração.

Os jeeks estão todos em movimento. Alguns deles acabaram de ser derrubados na grade do gramado e ainda estão quicando e rolando. Outros ainda estão no meio da queda. Estão desarmados. Eles levam as mãos às armas, ainda gritando, embora agora suas vozes apresentem certo tom de medo. Um deles teve as calças arrancadas da cintura até os tornozelos, e uma tira de tecido está arrastando pelo terreno, como se sua carteira tivesse sido batida por alguém com pressa demais para soltar o bolso. Talvez o sujeito tivesse uma faca no bolso.

Não há sangue em parte alguma. A Coisa-Rato é precisa. Mesmo assim, eles seguram as mãos e uivam. Talvez seja verdade o que se diz, que a Coisa-Rato dá um choque elétrico quando quer que alguém solte alguma coisa.

– Olha só – ela ouve a si mesma dizer. – Eles estão armados.

Hiro se vira para ela e dá um sorriso matreiro. Seus dentes são muito brancos e retinhos; ele tem um sorriso afiado, um sorriso de carnívoro.

– Não estão não. Armas são ilegais em Hong Kong, lembra?

– Mas eles tinham armas há apenas um segundo – diz Y. T., arregalando os olhos e balançando a cabeça.

– Agora elas estão com a Coisa-Rato – afirma Hiro.

Os jeeks todos decidem que é melhor ir embora. Eles saem correndo, entram em seus táxis e vão embora cantando os pneus.

Y. T. dá a ré no táxi sem pneus, passando sobre o GDP e indo até a rua, onde o estaciona com um barulho estridente. Ela volta para a franquia de Hong Kong, uma nebulosa de frescor aromático deixando um rastro como uma cauda de cometa. Ela está pensando, por estranho que pareça, sobre como seria ir pro banco de trás com Hiro Protagonist. Provavelmente seria bem legal. Mas ela teria de tirar a dentata, e aqui não é lugar para isso. Além do mais, qualquer pessoa decente o bastante para ajudá-la a escapar do The Clink provavelmente tem algum tipo de escrúpulo quanto a dar uns pegas em garotas de quinze anos.

– Isso foi legal da sua parte – ele diz, acenando com a cabeça para o táxi estacionado. – Vai pagar pelos pneus também?

– Não. E você?

– Estou com uns probleminhas de fluxo de caixa.

Ela fica ali parada no meio da grade de gramado de Hong Kong. Eles medem um ao outro, cuidadosamente.

– Eu liguei pro meu namorado. Mas ele me deu o pé – fala ela.

– Outro skatista?

– Mesma coisa.

– Você cometeu o mesmo erro que eu já cometi uma vez – comenta ele.

– E que erro foi esse?

– Misturar negócios com prazer. Sair com um colega. Isso confunde muito as coisas.

– É, eu sei o que você quer dizer. – Ela não sabe ao certo o que quer dizer a palavra *colega*. – Eu estava pensando que talvez devêssemos ser sócios – ela sugere.

Y. T. está esperando que ele ria dela. Mas, em vez disso, ele sorri e faz que sim com a cabeça, muito de leve.

– Me ocorreu a mesma coisa. Mas eu teria de pensar em como isso funcionaria.

Ela está besta por saber que ele realmente chegou a pensar nisso. Então ela segura a onda e percebe: Hiro está enrolando. O que quer dizer que provavelmente ele está mentindo. Isso provavelmente vai acabar com ele tentando levá-la para a cama.

– Eu tenho de ir – ela diz. – Tenho de ir pra casa.

Agora vamos ver a rapidez com que ele perde o interesse no conceito de sociedade. Ela lhe dá as costas.

Subitamente, eles são empalados em luzes de holofotes robôs de Hong Kong mais uma vez. Y. T. sente uma dor súbita nas costelas, como se alguém tivesse lhe dado um soco. Mas não foi Hiro. Ele é um freak imprevisível que anda por aí com espadas, mas ela fareja um cara que bate em garotas a um quilômetro de distância.

– Ai! – ela grita, retorcendo-se com o impacto. Ela olha para baixo e vê um objeto pequeno e pesado quicando no chão aos seus pés. Na rua, um táxi antigo sai cantando pneu, pra dar logo o fora dali. Um jeek está pendurado do lado de fora da janela de trás, balançando o punho para eles. Deve ter atirado uma pedra nela.

Só que não é uma pedra. A coisa pesada aos seus pés, a coisa que acabou de quicar nas costelas de Y. T., é uma granada de mão. Ela fica olhando por um segundo, reconhecendo-a, um ícone de desenho animado famoso que se tornou real.

Então ela é jogada para cima; os pés saem do chão tão rápido que ela nem sente dor. E justo quando está começando a se reorientar, Y. T. ouve uma explosão dolorosamente alta em outra parte do estacionamento.

E então tudo finalmente para por tempo suficiente para ser visto e compreendido.

A Coisa-Rato parou. Algo que as Coisas-Rato nunca fazem. É parte do mistério alguém jamais chegar a vê-las, de tão rápido que elas se movem. Ninguém sabe como elas são.

Ninguém a não ser Y. T. e Hiro, agora.

É maior do que ela havia imaginado. O corpo tem o tamanho de um rottweiler, segmentado em placas duras sobrepostas como o de um rinoceronte. As pernas são compridas, curvadas para cima para dar mais impulso, como as de um guepardo. Deve ser a cauda que faz as pessoas se referirem àquilo como uma Coisa-Rato, porque esta é a única parte parecida com um rato: incrivelmente longa e flexível. Mas parece uma cauda de rato sem nenhuma carne, como se ela tivesse sido toda comida por ácido, pois consiste apenas de segmentos, centenas deles, encaixados com precisão, como vértebras.

– Caceta! – exclama Hiro. E aí Y. T. percebe que ele também nunca tinha visto um desses.

Neste exato instante, a cauda está enrolada e empilhada em cima do corpo da Coisa-Rato como uma corda que caiu de uma árvore. Partes dela estão tentando se mover, outras partes parecem mortas e inertes. As patas estão se movendo uma por uma, em espasmos, sem sintonia. A coisa toda parece terrivelmente errada, como um filme a mostrar um avião cuja cauda explodiu e que está

tentando manobrar para um pouso. Até mesmo quem não é engenheiro pode ver que está tudo disposto de um jeito perverso e distorcido.

A cauda estrebucha e dá um bote como se fosse uma cobra, se desenrola, sai de cima do corpo da Coisa-Rato, sai do caminho de suas patas. Mas as patas continuam com problemas; ela não consegue se levantar.

– Y. T. – Hiro adverte. – Não faça isso.

Mas ela faz. Um passo de cada vez, ela se aproxima da Coisa-Rato.

– Caso você ainda não tenha percebido, é perigoso – Hiro avisa, seguindo-a alguns passos atrás. – Dizem que ela tem componentes biológicos.

– Componentes biológicos?

– Partes de animais. Então ela pode ser imprevisível.

Y. T. gosta de animais. Continua andando.

Agora ela está vendo a coisa melhor. Não é tudo armadura e músculo. Grande parte dela na verdade parece até meio frágil. A Coisa-Rato tem coisinhas pequenas e troncudinhas que se parecem com asas, projetando-se de seu corpo: uma em cada ombro e uma fileira de menorzinhas descendo por sua coluna vertebral, como se fosse um estegossauro. Seus óculos Knight Visions lhe dizem que essas coisas são tão quentes que daria para cozinhar uma pizza nelas. Quando ela se aproxima, elas parecem se desdobrar e crescer.

Elas estão brotando como flores num filme educativo, espalhando-se e se desdobrando para revelar uma fina e complicada estrutura interna que estava toda fechada no lado de dentro. Cada asa atarracada se divide em cópias em miniatura de si mesma, e cada uma delas, por sua vez, em cópias ainda menores, e assim por diante, infinitamente. As menores são apenas pedacinhos de metal, tão pequenos que, a uma distância curta, as bordas ficam indefinidas.

A coisa continua a esquentar. As asinhas estão quase vermelhas agora. Y. T. sobe os óculos para a testa e coloca as mãos no rosto como se fossem viseiras para bloquear as luzes que a cercam. Ela tem certeza de que consegue ver as asinhas começarem a emitir um brilho marrom fosco, como um elemento de fogão elétrico que acabou de ser ligado. A grama embaixo da Coisa-Rato está começando a fumegar.

– Cuidado. Dizem que eles têm isótopos muito perigosos aí dentro – Hiro alerta atrás dela. Ele se aproximou um pouco agora, mas ainda está bem atrás

dela.

– O que é um isótopo?

– Uma substância radioativa que provoca calor. Essa é a fonte de energia da coisa.

– Como é que se desliga isso?

– Não se desliga. Ela continua produzindo calor até derreter.

Y. T. está apenas a um metro da Coisa-Rato agora, e ela consegue sentir o calor no rosto. As asas se desdobraram até o máximo de sua capacidade. Em suas raízes, elas são de um amarelo-alaranjado brilhante, que se desvanece passando por vermelho e marrom até suas bordas delicadas, que ainda estão escuras. A fumaça acre da grama queimando obscurece alguns detalhes.

Ela pensa que as bordas das asas parecem com alguma coisa que já viu antes. Elas parecem com as lâminas metálicas finas que percorrem a parte de fora de um aparelho de ar-condicionado, do tipo em que é possível escrever seu nome amassando-as com os dedos.

Ou com o radiador de um carro. O ventilador sopra ar sobre o radiador para esfriar o motor.

– Ela tem radiadores – comenta ela. – A Coisa-Rato tem radiadores para esfriar. – Ela está coletando informações neste exato momento.

Mas a coisa não está esfriando. Está apenas ficando cada vez mais quente.

Y. T. surfa por engarrafamentos de trânsito e ganha sua vida com isso. Esse é seu nicho econômico: superar o tráfego. E ela sabe que um carro não esquenta quando está descendo uma rodovia a toda. Ele esquenta quando está parado no tráfego, porque, nesse caso, não há ar suficiente soprando sobre o radiador.

É isso o que está acontecendo com a Coisa-Rato neste momento. Ela tem de permanecer em movimento, continuar a forçar ar sobre seus radiadores, ou então ela vai superaquecer e derreter.

– Legal – ela diz. – Esse negócio vai explodir ou o quê?

O corpo da coisa converge até terminar num nariz pontudo. Na frente, ele faz uma curva aguda, e há uma cabine de vidro preto, na forma do vidro protetor de um caça. Se a Coisa-Rato tem olhos, esses são os olhos dela.

Embaixo disso, onde deveria haver maxilares, estão os restos de alguma coisa mecânica que foi em grande parte destruída pela explosão da granada.

A proteção de vidro preto – ou máscara facial, ou como quer que ela se chame – tem um buraco grande o bastante para Y. T. enfiar a mão. Do outro lado do buraco é escuro e ela não pode ver muito, especialmente tão perto do brilho laranja forte vindo dos radiadores. Mas ela consegue ver que uma coisa vermelha está saindo de dentro dali. E não é óleo de carro. A Coisa-Rato foi ferida e está sangrando.

– Esta coisa é de verdade – afirma ela. – Tem sangue nas veias.

Ele está pensando: isto é informação. *Isto é informação*. Eu posso ganhar uma grana com isso com meu parceiro... meu pod... Hiro.

Aí ela pensa: o coitadinho está se queimando vivo.

– Não faça isso. Não toque nisso, Y. T. – diz Hiro.

Y. T. vai até onde a coisa está, coloca os óculos para proteger o rosto do calor. As pernas da Coisa-Rato param seus movimentos espasmódicos, como se esperassem por ela.

Ela se abaixa e agarra as pernas dianteiras da Coisa-Rato. Elas reagem, endurecendo seus músculos, puxando contra as mãos dela, tentando empurrar. É exatamente como agarrar as patas dianteiras de um cachorro e pedir para ele dançar. Ele reage a ela. Y. T. sabe disso. Ela olha para Hiro, só para se certificar de que ele está percebendo isso tudo. Ele está.

– Babaca! – exclama ela. – Eu ponho o meu na reta e digo que quero ser sua sócia e você diz que quer pensar? Qual é o seu problema, eu não sou boa o bastante para trabalhar com você?

Ela se inclina para trás e começa a arrastar a Coisa-Rato pela grade de gramado. É incrivelmente leve. Não é de espantar que possa correr tão rápido. Ela poderia pegá-la no colo se não se importasse em ser queimada viva.

Ao arrastá-la na direção da portinhola do cachorro, a coisa vai deixando uma trilha enegrecida e fumegante na grama. Y. T. pode ver o vapor subindo de dentro de seu macacão, suor seco e coisas cozinhando dentro do tecido. Ela é pequena o bastante para passar pela portinhola do cachorro – outra coisa que ela pode fazer e Hiro não. Normalmente, essas coisas ficam trancadas, ela já tentou abri-las antes. Mas esta está aberta.

Por dentro, a franquia é branca, reluzente, os pisos são polidos por robôs. A cerca de um metro da portinhola, ela vê o que parece ser uma máquina de lavar

preta. Esta é a casinha da Coisa-Rato, onde ela fica espreitando na escuridão e na privacidade, esperando por um trabalho a fazer. Essa casinha está conectada à franquia por um cabo grosso que sai da parede. Neste momento, a porta da casinha está aberta, outra coisa que ela nunca viu antes. E tem vapor saindo de dentro dela.

Não é vapor. É algo frio. Como abrir a porta do freezer num dia úmido.

Ela empurra a Coisa-Rato para dentro de sua casinha. Algum tipo de líquido frio é borrifado de todas as paredes e explode em vapor antes sequer de atingir o corpo da Coisa-Rato, e o vapor sai pela frente da casinha com tanta força que faz Y. T. cair de bunda no chão.

A cauda comprida está fora da casinha, passando pelo chão e saindo pela portinhola. Y. T. pega parte dela; as bordas afiadas à máquina de suas vértebras espetam as luvas dela.

Subitamente, a coisa se tensiona, fica viva, vibra por um segundo. Y. T. solta as mãos rápido. A cauda se recolhe para dentro da casinha como uma tira de borracha depois de muito esticada. A Kourier nem consegue vê-la se mover. Então a porta da casinha se fecha. Um robô-zelador, um aspirador de pó com cérebro, entra zumbindo por outra porta para limpar as manchas compridas de sangue do chão.

Acima dela, pendurado na parede do foyer que dá para a entrada principal, está um pôster emoldurado com uma guirlanda de botões de jasmim já marrons de tão secos. O pôster consiste de uma foto do extremamente sorridente Sr. Lee, com a costumeira declaração:

Bem-vindos!

É meu prazer receber todas as pessoas de classe que visitam Hong Kong. Seja seriamente, a negócios, ou para lazer e diversão, sinta-se inteiramente à vontade neste humilde ambiente. Se algum aspecto dele não estiver profundamente em harmonia, traga-o por gentileza ao meu conhecimento e me esforçarei para garantir a sua satisfação.

Nós, da Grande Hong Kong, temos muito orgulho do crescimento extravagante de nossa minúscula nação. Aqueles que viam nossa ilha como um petisco para o prazer da China Vermelha ficaram de queixo caído de tão surpresos ao ver tantas grandes pretensas potências da velha-guarda recuarem assustadas diante de nossos grandes saltos e de nosso domínio avançado da linguagem livre da realização pessoal high-tech e do aprimoramento de todos

os povos. Os potenciais de todas as raças étnicas e antropologias para se fundir sob a bandeira dos Três Princípios, a saber,

1. Informação, informação, informação!
2. Comércio totalmente justo!
3. Ecologia estrita!

não têm igual na história das lutas econômicas.

Quem desdenharia de assinar sob esta bandeira tremulante? Se você ainda não obteve sua cidadania de Hong Kong, inscreva-se para obter um passaporte agora mesmo! Neste mês, a taxa normal de HK$ 100,00 será gentilmente negligenciada. Preencha um cupom (abaixo) agora. Se não encontrar cupons, disque 1-800-HONG KONG instantaneamente para pedir cidadania com a ajuda de nossos velhos operadores.

A Grande Hong Kong do Sr. Lee é uma entidade quase nacional, soberana, particular e inteiramente extraterritorial, não reconhecida por nenhuma outra nacionalidade e de forma alguma afiliada à antiga Colônia Britânica de Hong Kong, que faz parte da República Popular da China. A República Popular da China não admite nem aceita responsabilidade pelo Sr. Lee, pelo Governo da Grande Hong Kong ou por seus cidadãos ou por violação da lei local, ferimentos pessoais ou danos à propriedade que ocorram nos territórios, prédios, municipalidades, instituições ou terrenos possuídos, ocupados ou reclamados pela Grande Hong Kong do Sr. Lee.

Junte-se a nós instantaneamente!
Seu parceiro de empreendimento,
Sr. Lee

De volta à sua casinha fria, a Unidade de Guarda Semiautônoma número A-367 está uivando.

Lá fora, no quintal, estava muito quente e ele se sentiu mal. Sempre que está no quintal, ele fica quente, a menos que não pare de correr. Quando ele se machucou e precisou deitar por um longo tempo, sentiu-se mais quente do que nunca.

Agora ele não está mais sentindo calor. Mas ainda está machucado. Ele está uivando seu uivo de ferido. Ele está dizendo a todos os cachorrinhos da vizinhança que precisa de ajuda. Eles sentem tristeza e chateação e repetem o uivo dele e o passam para todos os outros cachorrinhos.

Logo ele ouve o carro do veterinário se aproximando. O veterinário bonzinho virá e o fará se sentir melhor.

Ele volta a latir. Ele está dizendo a todos os outros cachorrinhos sobre como os estranhos maus chegaram e o machucaram. E como ficou quente lá no quintal quando ele precisou se deitar. E como a garota boazinha o ajudou e o levou de volta à sua casa fria.

***

Bem na frente da franquia Hong Kong, Y. T. nota um carro preto que estava ali já há algum tempo. Ela não precisa ver as placas para saber que é a Máfia. Só a Máfia tem carros desse tipo. As janelas são escurecidas, mas ela sabe que tem alguém ali dentro de olho nela. Como eles fazem isso? Você vê esses carros pretos por toda parte, mas nunca os vê se moverem, nunca os vê irem a parte alguma. Ela nem tem certeza de que esses carros têm motor.

– Ok. Desculpe – diz Hiro. – Eu continuo com meu próprio esquema, mas temos uma sociedade para qualquer informação que você conseguir desencavar. Rachamos meio a meio.

– Fechado – aceita ela, subindo no seu skate.

– Me ligue a qualquer hora. Você tem o meu cartão.

– Ei, isso me lembrou uma coisa. Seu cartão disse que você trabalha com software.

– Isso. Música, filme e microcódigo.

– Já ouviu falar em Vitaly Chernobyl e os Meltdowns?

– Não. É uma banda?

– É. É a maior banda que existe. Você devia dar uma pesquisada, cara, vai ser a próxima sensação.

Ela sai para a estrada e poa um Audi com placas de Blooming Greens. Ele deverá levá-la para casa. Sua mãe provavelmente está na cama, fingindo dormir, toda preocupada.

A meio quarteirão da entrada para Blooming Greens, Y. T. despoa o Audi e entra num McDonald’s. Ela vai até o banheiro das mulheres. Ele tem um teto baixo. Ela fica em pé no assento do terceiro toalete, empurra uma das placas do teto e a desliza para o lado. Uma manga de algodão, com um padrão floral delicado, cai ali de dentro. Y. T. puxa a manga e traz para baixo todo o conjunto,

a blusa, a saia pregueada, sutiã e calcinha da Vicky’s, sapatos de couro, brinquinhos e colar, até mesmo uma bolsa, porra. Ela tira o macacão da RadiKS, dobra-o e o enfia dentro do teto, coloca de volta a placa solta. Então veste o conjunto.

Agora ela está exatamente como estava quando tomou café com sua mãe hoje cedo.

Ela carrega a prancha na mão pela rua até chegar a Blooming Greens, onde é legalmente permitido carregá-las, mas não colocá-las no ‘creto. Ela mostra o passaporte no posto de fronteira, caminha 300 metros por calçadas novinhas em folha e chega à casa onde a luz da varanda está acesa.

Mamãe está sentada na sala de estar, na frente do computador, como de costume. Mamãe trabalha pros federais. Os federais não ganham muito dinheiro, mas têm de trabalhar duro para mostrar sua lealdade.

Y. T. entra e olha para sua mãe, que está curvada na cadeira, com o rosto entre as mãos quase como se estivesse devaneando, os pés apenas com meias para cima. Ela usa essas meias federais terrivelmente vagabundas que parecem lixas, e quando ela anda, as coxas se esfregam por baixo da saia e fazem um ruído de atrito. Sobre a mesa, um Ziploc tamanho gigante, cheio de água que duas horas antes era gelo. Y. T. olha para o braço esquerdo de sua mãe. Ela arregaçou a manga para expor o hematoma novo, logo acima de seu cotovelo, onde colocaram o medidor de pressão. Teste de polígrafo semanal dos federais.

– É você? – grita mamãe, sem perceber que Y. T. está na sala.

Y. T. recua para a cozinha para não dar um susto na mãe.

– É, mãe – ela grita de volta. – Como foi seu dia?

– Estou cansada – diz mamãe. É o que ela sempre diz.

Y. T. pega uma cerveja na geladeira e vai ao banheiro encher uma banheira com água quente. A água corrente faz um som que a relaxa, como o gerador de ruído branco na mesinha de cabeceira de sua mãe.

13

O executivo japonês jaz cortado em partes no chão do Black Sun. Surpreendentemente (ele parece tão real quando está inteiro), nem carne, nem sangue nem órgãos são visíveis através das novas seções transversais que a espada de Hiro fez em seu corpo. Ele não passa de uma fina casca de epiderme, um boneco inflável incrivelmente complexo. Mas o ar não escapa de dentro dele, ele não se desmancha, e é possível pode olhar pela abertura de um corte da espada e ver, em vez de ossos e carne, a parte de trás da pele no outro lado.

Isso destrói a metáfora. O avatar não está reagindo como um corpo real. Ele lembra a todos os frequentadores do Black Sun que eles estão vivendo num mundo de fantasia. As pessoas detestam ser lembradas disso.

Quando Hiro escreveu os algoritmos de luta de espadas do Black Sun – código que mais tarde foi apanhado e adotado por todo o Metaverso –, ele descobriu que não havia um jeito bom de lidar com o *a posteriori*. Avatares não deveriam morrer. Não deveriam ser cortados em pedacinhos. Os criadores do Metaverso não haviam sido mórbidos o bastante para prever uma demanda por esse tipo de coisa. Mas todo o objetivo de uma luta de espadas é cortar e matar alguém. Então Hiro precisava fazer alguma gambiarra para que o Metaverso não ficasse, ao longo do tempo, atulhado com avatares inertes e desmembrados que jamais entravam em processo de decomposição.

Então, a primeira coisa que acontece quando alguém perde uma luta de espadas é que seu computador é desconectado da rede global do Metaverso. Ele é jogado direto para fora do sistema. É a simulação mais próxima da morte que o Metaverso pode oferecer, mas tudo o que isso realmente faz é encher o saco do usuário.

Além do mais, o usuário descobre que não pode voltar para o Metaverso por alguns minutos. Ele não pode fazer o login. Isso ocorre porque seu avatar desmembrado ainda está no Metaverso, e é uma regra que seu avatar não pode

existir em dois lugares ao mesmo tempo. Assim, o usuário não pode voltar até que seu avatar tenha sido eliminado.

A eliminação de avatares cortados é responsabilidade dos Daemons do Cemitério, um novo recurso do Metaverso que Hiro precisou inventar. Eles são pessoas pequeninas e magricelas vestidas de preto, como ninjas; nem mesmo os olhos aparecem. Eles são silenciosos e eficientes. Mesmo enquanto Hiro está recuando do corpo cortado de seu ex-oponente, eles já estão emergindo de portinholas invisíveis no chão do Black Sun, vindos do mundo inferior, convergindo sobre o executivo caído. Em segundos, eles já guardaram as partes do corpo em sacolas pretas. Então eles voltam a descer por suas portas secretas e desaparecem em túneis ocultos abaixo do chão do Black Sun. Dois frequentadores curiosos tentam segui-los, tentam abrir as portinholas, mas os dedos de seus avatares encontram apenas um piso preto fosco. O sistema de túneis só é acessível aos Daemons do Cemitério.

E, incidentalmente, a Hiro. Mas ele raramente o utiliza.

Os Daemons do Cemitério levarão o avatar até a Pira, uma fogueira subterrânea eterna abaixo do centro do Black Sun, e irão queimá-lo. Assim que as chamas consumirem o avatar, ele desaparecerá do Metaverso, e então o usuário será capaz de retornar como de costume, criando um novo avatar. Mas, de preferência, que seja mais cauteloso e educado da próxima vez.

***

Hiro levanta a cabeça, olha o círculo de aplausos, assobios e gritos animados vindos dos avatares e repara que estão todos se desvanecendo. Todo o Black Sun agora parece estar sendo projetado em gaze. Do outro lado dessa gaze, luzes brilhantes interferem na imagem. Então ele desaparece por completo.

Ele arranca os óculos e vê que está no estacionamento do U-Stor-It, segurando uma katana desembainhada.

O sol acabou de se pôr. Umas vinte pessoas estão em pé ao redor dele a uma grande distância, protegendo-se por trás de carros estacionados, aguardando seu próximo movimento. A maioria delas está muito assustada, mas algumas estão simplesmente empolgadas.

Vitaly Chernobyl está em pé na porta aberta de seu 20 x 30. Seu penteado, petrificado por meio de clara de ovo e outras proteínas, está iluminado por trás. Essas substâncias refratam a luz e emitem minúsculos fragmentos espectrais, um arco-íris aglomerado. Neste exato momento, uma imagem em miniatura do Black Sun está sendo projetada na bunda de Vitaly pelo computador de Hiro. Ele está balançando sem firmeza de um pé para o outro, como se ficar em cima dos dois pés ao mesmo tempo fosse muito complicado para ele tão cedo assim no dia, e ele ainda não tivesse decidido qual pé usar.

– Você está me bloqueando – afirma Hiro.

– Está na hora de ir – diz Vitaly.

– Você está me dizendo que está na hora de ir? Eu fiquei esperando uma hora para você acordar.

Quando Hiro se aproxima, Vitaly olha para o relógio meio inseguro. Os olhos de Vitaly estão secos e vermelhos, e no lábio inferior ele exibe um cancro do tamanho de uma tangerina.

– Você ganhou sua luta de espadas?

– Claro que eu ganhei a luta de espadas, porra – diz Hiro. – Eu sou o maior espadachim do mundo.

– E você escreveu o programa.

– É. Isso também – diz Hiro.

***

Depois que Vitaly Chernobyl e os Meltdowns chegaram a Long Beach num daqueles cargueiros sequestrados da ex-União Soviética, eles se espalharam pelo sul da Califórnia procurando terrenos de concreto reforçado que fossem tão vastos e desolados quanto os que haviam deixado para trás em Kiev. Não estavam com saudades de casa. Eles precisavam desse tipo de ambiente apenas para praticar sua arte.

O Rio LA era um lugar natural para isso. E havia muitas passagens superiores legais. Tudo o que eles tinham de fazer era seguir os skatistas até os lugares secretos que eles haviam descoberto há muito tempo. Skatistas e

coletivos de fuzz-grunge nuclear florescem no mesmo ambiente. É para lá que Vitaly e Hiro estão indo agora.

Vitaly tem uma Vanagon VW muito, mas muito velha, daquele tipo que tem um capô conversível que se transforma numa tenda de acampamento improvisada. Ele costumava morar dentro dela, ficando na rua ou em várias franquias Snooze ’n’ Cruise, até conhecer Hiro Protagonist. Hoje, a propriedade da Vanagon está sujeita à disputa, porque Vitaly deve a Hiro mais dinheiro do que ela tecnicamente vale. Então eles a dividem.

Eles vão de Vanagon até o outro lado da U-Stor-It, buzinando e piscando os faróis para espantar uma centena de crianças da doca de carregamento. Isso não é um playground, molecada.

Eles descem por um amplo corredor, pedindo licença a cada passo do caminho enquanto passam por pequenos acampamentos maias, templos budistas e white trash doidões de Vertigem, Torta de Maçã, Fuzzy Buzzy, Narthex, Mostarda e coisas do gênero. O chão precisa ser varrido: seringas usadas, frascos de crack, colheres queimadas, cachimbos. Há também muitos tubinhos de plástico transparente, do tamanho de um polegar, com uma tampinha vermelha numa das extremidades. Poderiam ser frascos de crack, mas as tampinhas ainda estão neles, e viciados em crack não têm a manha de recolocar a tampa num frasco vazio. Deve ser alguma coisa nova da qual Hiro ainda não ouviu falar, a embalagem de sanduíche de McDonald’s dos recipientes de drogas.

Eles passam por uma porta de incêndio para outra seção da U-Stor-It, que parece igual à última (nos Estados Unidos, tudo parece a mesma coisa, não há transições agora). Vitaly é dono do terceiro armário à direita, um patético 5 x 10 que ele realmente está usando para seu objetivo primordial: armazenagem.

Vitaly sobe até a porta e começa a tentar se lembrar da combinação do cadeado, o que envolve um certo tempo adivinhando aleatoriamente. Finalmente, a tranca se abre. Vitaly empurra a trava e abre a porta, criando um semicírculo limpo no meio da parafernália de drogas. A maior parte do 5 x 10 está ocupada por dois grandes carrinhos de quatro rodas cheios de alto-falantes e amplificadores.

Hiro e Vitaly empurram os carrinhos até a doca de carregamento, colocam as coisas dentro do Vanagon e depois põem de volta os carrinhos vazios no 5 x 10.

Tecnicamente, os carrinhos são propriedade da comunidade, mas ninguém acredita nisso.

A viagem até o local do show é longa, e torna-se mais longa ainda pelo fato de que Vitaly, rejeitando a visão tecnocêntrica de Los Angeles sobre o universo segundo a qual Velocidade é Deus, gosta de ficar na superfície e dirigir a cerca de 60 quilômetros por hora. Pelo menos o tráfego não está intenso. Então, Hiro pluga seu computador no acendedor de cigarro e coloca os óculos para entrar no Metaverso.

Ele não está mais conectado à rede por um cabo de fibras ópticas, e por isso toda a sua comunicação com o mundo exterior tem de acontecer mediante ondas de rádio, que são muito mais lentas e menos confiáveis. Entrar no Black Sun não seria prático: ele teria um visual e um som horríveis, e os outros frequentadores olhariam para ele como se fosse alguma espécie de pessoa em preto e branco. Mas não há problema em entrar no seu escritório, porque ele é gerado dentro das entranhas de seu computador, que está no seu colo; para isso, ele não precisa de nenhuma comunicação com o mundo exterior.

Ele se materializa em seu escritório, em sua bela casinha no velho bairro hacker nos arredores da Rua. É tudo bem japonês: o chão é coberto por tatames. Sua mesa é uma enorme e rústica placa de mogno. Filtros prateados de luz através das nuvens através de paredes de papel de arroz. Um painel à sua frente se abre para revelar um jardim completo, com riachinho borbulhante e trutas pulando de vez em quando para pegar moscas. Tecnicamente falando, o laguinho deveria estar cheio de carpas, mas Hiro é americano o bastante para pensar em carpas como dinossauros incomíveis que ficam nadando no fundo do lago e comendo esgoto.

Há algo de novo ali: um globo do tamanho de um grapefruit, uma reprodução perfeitamente detalhada do planeta Terra, pendurado no espaço bem na frente dos seus olhos, à distância de um braço. Hiro já tinha ouvido falar nisso mas nunca havia visto um antes. É um programa de software do CIC chamado simplesmente Terra. É a interface com o usuário que o CIC usa para rastrear cada bit de informação espacial que possui: todos os mapas, dados meteorológicos, planos arquitetônicos e vigilância por satélite.

Hiro andou pensando que, em alguns anos, se ele se der realmente bem no negócio de informação, quem sabe ganhará dinheiro suficiente para assinar o programa Terra e colocar esse negócio em seu escritório. Agora esse programa de repente está ali, de graça. A única explicação que ele tem para isso é que Juanita deve tê-lo dado de presente para ele.

Mas uma coisa de cada vez. O cartão Babel/Infocalipse ainda está no bolso de seu avatar. Ele o pega.

Um dos painéis de papel de arroz que compõem as paredes de seu escritório se abre deslizando. Do outro lado, Hiro pode ver um amplo salão, com iluminação fraca, que não estava ali antes; aparentemente, Juanita fez uma grande benfeitoria na casa dele também. Um homem adentra seu escritório.

O daemon Bibliotecário parece um homem barbudo de olhos azuis, de cabelos grisalhos, tipo cinquentão, simpático, vestindo um suéter de gola V sobre camisa social, com uma gravata de lã de aspecto cru, parecida com tweed. A gravata está afrouxada, as mangas arregaçadas. Muito embora seja apenas um programa, ele tem motivos para estar animado; ele pode se movimentar por entre as quase infinitas pilhas de informação na Biblioteca com a agilidade de uma aranha dançando por uma vasta teia de referências cruzadas. O Bibliotecário é o único programa de software da CIC que custa ainda mais que o programa Terra; a única coisa que ele não pode fazer é pensar.

– Sim, senhor – diz o Bibliotecário. Ele está ansioso sem ser chato; coloca as mãos atrás das costas, inclina ligeiramente o corpo para a frente, ergue as sobrancelhas por sobre seus óculos bifocais em espera.

– Babel é uma cidade na Babilônia, certo?

– Ela *era* uma cidade *legendária* – explica o Bibliotecário. – Babel é um termo bíblico para Babilônia. A palavra é semítica; “Bab” significa portão e “El” significa Deus, portanto Babel significa “portão de Deus”. Mas é provavelmente também algo onomatopaico, imitando alguém que fala em uma língua incompreensível. A Bíblia está cheia de trocadilhos.

– Eles construíram uma torre para o Céu e Deus a derrubou.

– Essa é uma antologia de erros de interpretação comuns. Deus não fez nada com a Torre propriamente dita. “E o SENHOR disse, ‘Olhai, eles são um povo, e eles têm todos um idioma; e isso é só o começo do que eles farão; e nada que

eles propuserem fazer agora lhes será impossível. Vamos, desçamos e lá confundiremos sua linguagem, para que eles não possam compreender a fala uns dos outros.' Então o SENHOR os espalhou pela face da terra, e eles abandonaram a construção da cidade. Assim, seu nome se chamou Babel, pois ali o SENHOR confundiu a linguagem de toda a terra". Gênesis, 11:6-9, versão padrão revista.

– Então, a torre não foi derrubada. Ela simplesmente entrou em hiato de construção.

– Correto. Ela não foi derrubada.

– Mas isso é bogus.

– Bogus?

– Provavelmente falso. Juanita acredita que nada é provavelmente verdadeiro ou provavelmente falso na Bíblia. Porque se é provavelmente falso, então a Bíblia é uma mentira, e se é provavelmente verdadeiro, então a existência de Deus está provada e não há espaço para a fé. A história de Babel é provavelmente falsa, porque se construíram uma torre até o Céu e Deus não a derrubou, então ela ainda estaria por aí em algum lugar, ou pelo menos suas ruínas seriam visíveis.

– Supondo-se que ela fosse muito alta, você está confiando numa leitura obsoleta. A torre é descrita literalmente como tendo "o topo nos céus". Por muitos séculos, isso foi interpretado como se significasse que seu topo era tão alto que estava nos céus. Mas, no último século, aproximadamente, com as escavações de zigurates babilônicos, diagramas astrológicos – imagens dos céus – foram encontrados inscritos em seus topos.

– Ah. Ok, então a história *real* é que uma torre foi construída com diagramas celestiais esculpidos no topo. O que é bem mais plausível que uma torre que vai até os céus.

– Mais do que plausível – o Bibliotecário o lembra. – Essas estruturas foram encontradas de verdade.

– De qualquer maneira, você está dizendo que, quando Deus ficou zangado e desceu sobre eles, a torre propriamente dita não foi afetada. Mas eles precisaram parar de construir a torre por causa de um desastre informacional: eles não conseguiam falar uns com os outros.

– “Desastre” é um termo astrológico que significa “estrela ruim” – aponta o Bibliotecário. – Desculpe, mas, devido à minha estrutura interna, eu sou louco por *non sequiturs*.

– Tudo bem, sem problema – diz Hiro. – Você é um programa muito bom. Quem te escreveu, hein?

– A maioria fui eu mesmo quem escreveu – respondeu o Bibliotecário. – Isto é, eu tenho a habilidade inata de aprender a partir da experiência. Mas essa habilidade foi originalmente codificada em mim pelo meu criador.

– Quem escreveu você? Talvez eu o conheça – diz Hiro. – Conheço um bocado de hackers.

– Eu não fui codificado por um hacker profissional *per se*, mas por um pesquisador da Biblioteca do Congresso que aprendeu de modo autodidata a escrever códigos – esclarece o Bibliotecário. – Ele se dedicou ao problema comum de peneirar vastas quantidades de detalhes irrelevantes para encontrar significativas pedras preciosas de informação. Seu nome era Dr. Emanuel Lagos.

– Já ouvi esse nome antes – diz Hiro. – Então ele era uma espécie de metabibliotecário. Gozado, eu achava que ele fosse um daqueles velhos funcionários da CIA que continua trabalhando na CIC.

– Ele nunca trabalhou para a CIA.

– Ok. Vamos trabalhar, então. Procure toda informação grátis na Biblioteca que contenha L. Bob Rife e disponha-a em ordem cronológica. A ênfase aqui está no *grátis*.

– Televisão e jornais, sim, senhor. Um momento, senhor – diz o Bibliotecário. Ele dá meia-volta e sai de mansinho. Hiro volta sua atenção para a Terra.

O nível de detalhamento é fantástico. A resolução, a clareza, só o visual, demonstra a Hiro, ou a qualquer pessoa que entenda de computadores, que esse software é sensacional.

Não se trata apenas de continentes e de oceanos. Ele parece exatamente como a Terra seria vista de um ponto em órbita geossincrônica diretamente sobre LA, completo com sistema meteorológico – imensas galáxias de nuvens turbilhonantes, planando logo acima da superfície do globo, lançando sombras cinzentas nos oceanos – e calotas polares, desvanecendo e fragmentando-se no

mar. Metade do globo está iluminado pela luz do sol, e metade está no escuro. A terminal – a linha entre o dia e a noite – acabou de passar por LA e está avançando lentamente pelo Pacífico, na direção oeste.

Tudo está indo em slow motion. Hiro consegue ver as nuvens mudarem de forma se ficar observando-as por tempo suficiente. Parece que será uma noite sem nuvens na Costa Leste.

Alguma coisa chama sua atenção, movendo-se rapidamente sobre a superfície do globo. Ele acha que deve ser um mosquitinho. Mas não existem mosquitinhos no Metaverso. Ele tenta focalizar nisso. O computador, disparando lasers de baixa potência em sua córnea, sente essa mudança na ênfase, e então Hiro perde o fôlego quando parece mergulhar na direção do globo, como um astronauta no espaço que acabou de cair de sua órbita. Quando ele finalmente assume o controle, está apenas a umas 200 milhas de altura da terra, olhando para um banco sólido de nuvens, e pode ver o mosquitinho deslizando logo abaixo dele. É um satélite de baixa altitude do CIC, que vai de norte a sul numa órbita polar.

– Sua informação, senhor – diz o Bibliotecário.

Hiro toma um susto e levanta a cabeça. A Terra sai de seu campo de visão e lá está o Bibliotecário, em pé, na frente de sua mesa, segurando um hipercartão. Como qualquer bibliotecário na Realidade, esse daemon pode se mover sem ser ouvido.

– Você pode fazer um pouco mais de barulho quando caminhar? Eu me assusto fácil – alega Hiro.

– Está feito, senhor. Minhas desculpas.

Hiro estende a mão para o hipercartão. O Bibliotecário dá meio passo à frente e se curva em sua direção. Desta vez, o pé faz um ruído suave no tatame, e Hiro consegue ouvir o ruído branco de suas calças deslizando sobre sua perna.

Hiro pega o hipercartão e olha para ele. Na frente está escrito

Resultado da busca na Biblioteca sobre: Rife, Lawrence Robert, 1948–

Ele vira o cartão. O verso está dividido em várias dezenas de ícones do tamanho de unhas. Alguns deles são minúsculas fotos das primeiras páginas de jornais. Muitos são retângulos coloridos e brilhantes: telas de televisão em miniatura mostrando vídeos ao vivo.

– Isso é impossível – afirma Hiro. – Eu estou sentado numa van VW, certo? Estou plugado num link de celular. Você não poderia ter movido tanto vídeo para dentro do meu sistema assim tão rápido.

– Não foi necessário mover nada – diz o Bibliotecário. – Todos os vídeos sobre L. Bob Rife foram coletados pelo Dr. Lagos e colocados na pilha Babel/Infocalipse, que o senhor possui em seu sistema.

– Ahhh.

14

Hiro encara a TV em miniatura no canto superior esquerdo do cartão. Ela faz um zoom in até ficar do tamanho de uma televisão de 12 polegadas de baixa definição, à distância de seu braço. Então a imagem de vídeo começa a tocar. É um filme de 8 mm muito ruim de um jogo de futebol americano de segundo grau nos anos 1960. Sem trilha sonora.

– Que jogo é esse?

– Odessa, Texas, 1965 – responde o Bibliotecário. – L. Bob Rife é um fullback, número oito, com uniforme escuro.

– Não preciso de tantos detalhes. Você pode resumir algumas dessas coisas?

– Não. Mas posso listar rapidamente o conteúdo. A pilha contém onze jogos de futebol americano de segundo grau. Rife chegou ao banco de reservas da seleção estadual do Texas em seu último ano. Depois ele foi para a Rice University com uma bolsa acadêmica e entrou direto no time de futebol americano, portanto existem 14 fitas de jogos de faculdade. Rife se diplomou em Comunicação.

– O que é lógico, considerando-se o que ele se tornou.

– Ele se tornou repórter esportivo de televisão em Houston. Por isso, há cinquenta horas de filme desse período: a maior parte de cenas externas, claro. Após dois anos nessa linha, Rife foi trabalhar com seu tio-avô, um financista com raízes na indústria petrolífera. A pilha contém algumas matérias jornalísticas relacionadas a isso, que, reparo ao lê-las, estão todas textualmente relacionadas, o que implica que elas vieram da mesma fonte.

– Um release de imprensa.

– Em seguida, nenhuma matéria por cinco anos.

– Ele estava armando alguma coisa.

– Então começamos a ver mais histórias, em sua maior parte nas seções de Religião de jornais de Houston, detalhando as contribuições de Rife para várias

organizações.

– Isso me pareceu um resumo. Achei que você não sabia resumir.

– Na verdade, não sei. Eu estava citando um resumo que o Dr. Lagos fez para Juanita Marquez recentemente, em minha presença, quando eles estavam analisando os mesmos dados.

– Prossiga.

– Rife contribuiu com 500 dólares para a Igreja Highlands do Batismo pelo Fogo, do Reverendo Wayne Bedford, ministro-chefe; 2,5 mil para a Liga Jovem Pentecostal de Bayside, do Reverendo Wayne Bedford, presidente; 150 mil dólares para a Igreja Pentecostal da Nova Trindade, do Reverendo Wayne Bedford, fundador e patriarca; 2,3 milhões para o Rife Bible College, do Reverendo Wayne Bedford, Presidente e Diretor do departamento de Teologia; 20 milhões para o departamento de Arqueologia do Rife Bible College, mais 45 milhões para o departamento de Astronomia e 100 milhões para o departamento de Ciência da Computação.

– Essas doações aconteceram antes da hiperinflação?

– Sim, senhor. Elas foram, como diz a expressão, em dinheiro de verdade.

– Esse tal de Wayne Bedford... é o mesmo Reverendo Wayne que dirige os Portões Celestiais do Reverendo Wayne?

– O mesmo.

– Você está me dizendo que Rife é dono do Reverendo Wayne?

– Ele possui a maioria das ações da Pearlgate Associates, que é a multinacional que dirige a cadeia Portões Celestiais do Reverendo Wayne.

– Ok, vamos continuar a peneirar esse material – avisa Hiro.

Hiro dá uma espiadela por cima dos óculos para confirmar que Vitaly ainda está longe do local do show. Então ele volta a mergulhar e continua a estudar os vídeos e as notícias que Lagos compilou.

Durante os mesmos anos em que Rife fez suas contribuições para o Reverendo Wayne, ele apareceu com frequência cada vez maior na seção de negócios, primeiro nos jornais locais e depois no *The Wall Street Journal* e no *The New York Times*. Há uma grande quantidade de matérias chapa-branca – obviamente plantadas por relações-públicas – depois que os japoneses tentaram utilizar sua rede de velhos camaradas para afastá-lo do mercado de

telecomunicações de lá, e Rife levou isso ao conhecimento do público americano, gastando 10 milhões do próprio bolso numa campanha para convencê-los de que os japoneses eram manipuladores e faziam jogo duplo. Uma capa triunfal no *The Economist* lhe foi dedicada depois que os japoneses finalmente arregaram e deixaram que ele assumisse o mercado de fibras ópticas naquele país e, por extensão, na maior parte do Leste Asiático.

Finalmente, então, as matérias sobre estilo de vida começaram a aparecer. L. Bob Rife fez saber ao seu RP que ele queria mostrar um lado mais humano. Há um programa jornalístico sobre personalidades que fez uma matéria pífia sobre Rife quando ele comprou um novo iate, dos excedentes do governo dos EUA.

L. Bob Rife, último dos monopolistas do século 19, é mostrado se consultando com seu decorador nos aposentos do capitão. Até que parecem bacanas, levando-se em conta que Rife comprou esse navio da Marinha, mas não é texano o bastante para ele. Rife quer que ele seja todo estripado e reconstruído. A seguir, tomadas de Rife manobrando seu corpo bovino pelas passagens estreitas e pelas escadas íngremes do interior do navio, tudo no cinza-chumbo típico e entediante da Marinha, que, ele garantia ao entrevistador, ele mandaria mudar consideravelmente.

– Sabe, tem uma história que diz que, quando Rockfeller comprou um iate, ele comprou um bem pequeno, tipo uns 70 pés ou coisa assim. Pequeno para os padrões da época. E quando lhe perguntaram por que ele comprou um iate tão pequeno, ele só olhou pro sujeito e disse: “O que é que você pensa que eu sou, um Vanderbilt?”. Ha! Bem, de qualquer maneira, bem-vindo a bordo do meu iate!

L. Bob Rife diz isso em pé sobre um elevador de plataforma a céu aberto juntamente com o entrevistador e toda a equipe de câmera. O elevador está subindo. Ao fundo, o Oceano Pacífico. Enquanto Rife diz a última frase, subitamente o elevador chega ao alto e a câmera gira, e então estamos olhando para o convés do porta-aviões *Enterprise*, anteriormente da Marinha dos Estados Unidos, hoje iate pessoal de L. Bob Rife, que venceu tanto o Sistema de Defesa do General Jim quanto a Segurança Global do Almirante Bob numa furiosa disputa. L. Bob Rife prossegue, admirando os vastos espaços abertos do convés

de voo do porta-aviões, comparando-o a certas partes do Texas. Ele sugere que seria divertido cobrir parte dele com terra e criar gado ali.

Outro perfil, desta vez filmado para uma rede de business, aparentemente feito pouco tempo depois: de volta ao *Enterprise*, onde o escritório do capitão foi completamente remodelado. L. Bob Rife, Senhor da Banda Larga, está sentado atrás de sua mesa, tendo seu bigode encerado. Não no mesmo sentido que as mulheres passam cera para depilar as pernas. Ele está amaciando e restaurando as curvas do bigode. A enceradora é uma mulher asiática bem baixinha que faz isso de modo tão delicado que nem interfere com a fala dele, que trata, em sua maior parte, dos esforços para estender sua rede de TV a cabo por toda a Coreia e a China, e linká-la ao seu grande tronco de fibra óptica que corta a Sibéria e atravessa os Urais.

– Sabe como é, o trabalho de um monopolista nunca termina. Monopólio perfeito é coisa que não existe. Parece que você nunca pode conseguir aquele último décimo de 1%.

– O governo da Coreia ainda não é forte? O senhor deve ter tido problemas com as leis de lá.

L. Bob Rife dá uma risada.

– Sabe, ver as leis dos governos tentarem acompanhar o progresso do mundo é meu esporte favorito. Lembra quando estouraram a Ma Bell?

– De passagem. – A repórter é uma moça na casa dos vinte e poucos anos.

– Mas você sabe do que se trata, certo?

– Monopólio de comunicação por voz.

– Isso mesmo. Eles estavam no mesmo negócio que eu. Negócio de informação. Transmitir conversas telefônicas por pequenos fios de cobre, uma de cada vez. O governo acabou com eles ao mesmo tempo que eu estava implantando as franquias de TV a cabo em trinta estados. Ha! Você pode acreditar num negócio desses? É como se eles tivessem achado um jeito de regulamentar os cavalos ao mesmo tempo em que o Modelo T e o avião estivessem entrando no mercado.

– Mas um sistema de TV a cabo não é a mesma coisa que um sistema de telefonia.

– Naquele estágio não era, porque era apenas um sistema local. Mas quando você tem sistemas locais no mundo inteiro, tudo o que você precisa fazer é conectar uns aos outros, e então surge uma rede local, tão grande quanto o sistema telefônico. Só que a rede aqui transporta informações 10 mil vezes mais rápido. Ela transporta imagens, som, dados, o que você quiser.

***

Uma matéria plantada por RP, um comercial de televisão de meia hora de duração sem nenhum outro objetivo que não o de deixar L. Bob Rife contar seu lado de um assunto particular. Parece que vários programadores de Rife, as pessoas que faziam seu sistema rodar, se uniram, formaram um sindicato – coisa inaudita para hackers – e abriram um processo contra Rife, alegando que ele havia colocado escutas de áudio e vídeo em suas casas, ou melhor, na verdade colocara a todos sob vigilância 24 horas, e assediou ou ameaçou alguns programadores que estavam fazendo o que ele chamou de “escolhas inaceitáveis de estilo de vida”. Por exemplo, quando uma de suas programadoras e seu marido fizeram sexo oral em seu próprio quarto uma noite, ela foi chamada na manhã seguinte ao escritório de Rife, onde ele a chamou de prostituta e sodomita e a demitiu. A publicidade negativa dessa ocorrência irritou Rife, tanto que ele sentiu a necessidade de gastar alguns milhões em um pouco mais de RP.

– Eu lido com informação – ele diz para o pseudojornalista que o “entrevista”. Ele está sentado em seu escritório em Houston, parecendo mais untuoso do que o normal. – Toda a televisão que chega aos consumidores em todo o mundo passa por mim. A maior parte da informação transmitida de e para o banco de dados do CIC passa pelas minhas redes. O Metaverso, toda a Rua, existe por virtude de uma rede que eu possuo e controlo.

– Mas isso significa, se você acompanhar meu raciocínio um instante, que, quando eu tenho um programador trabalhando para mim que está lidando com essa informação, ele tem nas mãos um poder enorme. Informações estão passando por seu cérebro e estão ficando por lá. Elas viajam com ele quando ele vai para casa à noite. Elas se misturam todas dentro de seus sonhos, meu Jesus. Ele fala com sua esposa sobre isso. E, que diabos, ele não tem nenhum direito a

essa informação. Se eu fosse dono de uma fábrica de carros, não deixaria os operários dirigirem os carros até suas casas ou pegar ferramentas emprestado. Mas é isso o que eu faço às cinco da tarde todos os dias, no mundo inteiro, quando meus hackers saem do trabalho e vão para casa.

– Quando antigamente se usava enforcar ladrões de gado, a última coisa que eles faziam era mijar nas calças. Sabe, esse era o último sinal de que eles haviam perdido o controle dos próprios corpos, de que estavam prestes a morrer. Veja, é a primeira função de qualquer organização controlar seus próprios esfíncteres. Não estamos sequer fazendo isso. Então estamos trabalhando no refinamento de nossas técnicas gerenciais para que possamos controlar essas informações, não importa onde elas estejam: em nossos discos rígidos ou mesmo dentro das cabeças dos programadores. Agora não posso falar mais a respeito porque tenho a concorrência para me preocupar. Mas é meu desejo ardente que, em cinco ou dez anos, esse tipo de coisa nem sequer seja mais discutido.

***

Um episódio de meia hora de um programa de jornalismo científico, este sobre o controvertido novo tema da infoastronomia, a busca por sinais de rádio vindos de outros sistemas solares. L. Bob Rife tinha um interesse pessoal por esse assunto; enquanto os governos de várias nações começaram a leiloar suas posses, ele comprou uma série de radio-observatórios e conectou todos, utilizando sua famosa rede de fibras ópticas, para transformá-los em uma única antena gigante, do tamanho de toda a Terra. Ele está vasculhando os céus 24 horas por dia, procurando por ondas de rádio que signifiquem alguma coisa – ondas de rádio que transportem informações de outras civilizações. E por que, pergunta o entrevistador – um professor famoso do MIT –, um simples homem do petróleo estaria interessado numa busca tão inconsútil, tão abstrata?

– É que eu acabei de costurar este planeta inteiro.

Rife diz essa frase com um tom incrivelmente sardônico e casual, com o sotaque exagerado de um caubói que suspeita que algum CDF ianque o está olhando com desprezo.

***

Outra matéria de noticiário, esta aparentemente feita alguns anos atrás. Estamos novamente no *Enterprise*, mas desta vez a atmosfera está diferente. O convés superior foi transformado num campo de refugiados a céu aberto. Ele está fervilhando com gente de Bangladesh que L. Bob Rife tirou da Baía de Bengala depois que o país deles submergiu numa série de enchentes maciças, provocadas pelo desflorestamento mais acima na Índia: guerra hidrológica. A câmera faz uma panorâmica pela beirada do convés de voo, e lá embaixo vemos os primórdios da Jangada: uma coleção relativamente pequena de algumas centenas de barcos que se prenderam ao *Enterprise*, na esperança de uma carona grátis para os EUA.

Rife está andando no meio desse pessoal, distribuindo revistas em quadrinhos bíblicas e beijando criancinhas. Eles se aglomeram com largos sorrisos, juntando as palmas das mãos e se curvando. Rife se curva em retribuição, de modo muito esquisito, mas não há gaiatice no seu rosto. Ele está terrivelmente sério.

– Sr. Rife, qual é a sua opinião sobre as pessoas que dizem que o senhor só está fazendo isso como um golpe publicitário de autoengrandecimento? – Este entrevistador está tentando dar uma de Bad Cop.

– Merda, se eu fosse parar para ter uma opinião a respeito de tudo, não faria trabalho algum – responde L. Bob Rife. – Você devia perguntar a estas pessoas aqui o que elas pensam.

– O senhor está me dizendo que este programa de auxílio a refugiados não tem nada a ver com sua imagem pública?

– Não. Es...

Há um corte e a próxima cena é a do jornalista, pontificando para a câmera. Rife estava à beira de fazer um sermão, sente Hiro, mas eles o cortaram.

Mas uma das verdadeiras glórias da Biblioteca é que ela tem muitos takes cortados. Só porque um segmento de vídeo nunca foi editado em um programa não significa que ele não tenha nenhum valor de informação. Há muito tempo a CIC meteu a mão nas bibliotecas de vídeo das redes. Muitos desses takes cortados – milhões de horas de filmagem – ainda não subiram para a Biblioteca em formato digital. Mas qualquer um pode enviar uma solicitação, e o CIC vai, pega esse vídeo para o interessado e o exibe.

Lagos já fez isso. A fita está bem ali.

– Não. Escute. A Jangada é um evento de mídia. Mas num sentido muito mais profundo e geral do que você possa imaginar.

– Ah.

– Ele é criado pela mídia no sentido de que, sem a mídia, as pessoas não saberiam que a Jangada estava aqui, os Refus não viriam e se agarrariam do jeito que fazem. E isso sustenta a mídia. Isso cria muito fluxo de informação – filmes, noticiários –, você sabe.

– Então o senhor está criando seu próprio evento de notícias para ganhar dinheiro do fluxo de informação que ele cria? – pergunta o jornalista, desesperadamente tentando acompanhar esse raciocínio. Seu tom de voz diz que isso é tudo uma perda de filme. Sua atitude cansada sugere que não é a primeira vez que Rife saiu por uma tangente bizarra.

– Em parte. Mas essa é apenas uma explicação muito simplista. A coisa, na verdade, vai bem mais fundo que isso. Você provavelmente já ouviu a expressão de que a Indústria se alimenta de biomassa, como uma baleia filtrando krill do oceano.

– Sim, já ouvi essa expressão.

– Essa expressão é minha. Quem a criou fui eu. Uma expressão como essa é como um vírus, você sabe – é um fragmento de informação, são dados, que se espalham de uma pessoa para outra. Bem, a função da Jangada é trazer mais biomassa, para renovar os Estados Unidos. A maioria dos países encontra-se estática, tudo o que precisam fazer é continuar tendo bebês. Mas os Estados Unidos são como uma máquina velha, cheia de peças soltas e soltando muita fumaça, que simplesmente sai pela paisagem devorando tudo o que vê e deixa para trás uma trilha de lixo de um quilômetro de largura. A máquina sempre precisará de mais combustível. Já leu a história do labirinto e do minotauro?

– Claro. Foi em Creta, certo? – o jornalista só responde por sarcasmo; ele não pode acreditar que está ali ouvindo aquilo, ele quer voar de volta para LA pra ontem.

– Isso. Todos os anos, os gregos tinham de separar algumas virgens e enviá-las para Creta como tributo. Então, o rei as colocava dentro do labirinto, e o minotauro as devorava. Eu costumava ler essa história quando menino e ficava

imaginando que diabo esse pessoal lá em Creta era que todos os outros ficavam com tanto medo deles que entregavam sem reclamar seus filhos para serem comidos, todos os anos. Eles deviam ser uns bons filhos da puta.

– Hoje eu tenho um ponto de vista diferente a esse respeito. Os Estados Unidos devem parecer, para aqueles pobres coitados lá embaixo, o mesmo que Creta parecia para aqueles pobres otários gregos. Só que não há coerção envolvida. Aquelas pessoas lá embaixo dão seus filhos de boa vontade. Mandam-nos para dentro do labirinto aos milhões para serem devorados. A Indústria se alimenta deles e cospe de volta imagens, envia filmes e programas de TV por minhas redes, imagens de riqueza e de coisas exóticas além de seus sonhos mais loucos, alguma coisa à qual aspirar. E esta é a função da Jangada. É apenas um grande e velho carregador de krill.

Finalmente o jornalista desiste de ser jornalista, e começa a atacar L. Bob Rife abertamente. Ele já se encheu com aquele sujeito.

– Isso é nojento. Não posso acreditar que você pensa isso das pessoas.

– Mas que merda, garoto, deixe de ser metido a besta. Ninguém é devorado de verdade, é só uma figura de linguagem. Eles vêm para cá, arrumam empregos decentes, encontram Cristo, compram um grill Weber e vivem felizes para sempre. O que há de errado nisso?

Rife está puto. Ele está gritando. Atrás dele, os refugiados de Bangladesh estão captando suas vibrações emocionais e se irritando também. Subitamente, um deles, um homem incrivelmente magro com um bigode comprido e caído, corre para a frente da câmera e começa a gritar: “a ma la ge zen ba dam gal nun ka aria su su na na da..”. Os sons se espalham dele para seus vizinhos, espalhando-se pelo convés de voo como uma onda.

– Corta – diz o jornalista, virando-se para a câmera. – Corta logo. A Brigada Blá-blá-blá começou de novo.

A trilha sonora consiste agora de mil pessoas falando em línguas sob os risos agudos de L. Bob Rife.

– Este é o milagre das línguas – Rife grita sobre o tumulto. – Eu consigo entender cada palavra que essas pessoas estão falando. E você consegue, irmão?

***

– Yo! Se desliga, pod!

Hiro levanta a cabeça do cartão. Não há ninguém em seu escritório exceto pelo Bibliotecário.

A imagem perde foco e vira para cima e para fora de seu campo de visão. Hiro está procurando o para-brisa da Vanagon. Alguém acabou de arrancar seus óculos – e não foi Vitaly.

– Estou aqui fora, ô cabeça de óculos!

Hiro olha pela janela. É Y. T., pendurada na lateral da van com uma das mãos, segurando seus óculos com a outra.

– Você passa muito tempo com os óculos – diz ela. – Experimente um pouco de Realidade, cara.

– Para onde estamos indo – avisa Hiro – vamos ter mais Realidade do que eu posso suportar.

À medida que Hiro e Vitaly se aproximam da vasta passagem superior de rodovia onde vai acontecer o show desta noite, a qualidade ferrosa e sólida da Vanagon atrai MagnaPoons como um bolinho recheado atrai baratas. Se eles soubessem que Vitaly Chernobyl em pessoa estava na van, teriam surtado, teriam parado o motor da van. Mas, neste momento, eles poariam qualquer coisa que pudesse estar se dirigindo para o show.

Quando eles se aproximam da passagem, tentar dirigir passa a ser uma causa perdida, porque a quantidade de skatistas é tão maciça e numerosa que é como calçar sapatos ferrados de alpinista e tentar caminhar por um ambiente cheio de filhotinhos de cachorro. Eles precisam abrir caminho aos pouquinhos, metendo a mão na buzina, piscando os faróis.

Por fim, eles chegam ao caminhão dezoito-rodas que constitui o palco para o show desta noite. Ao lado dele há outro dezoito-rodas, cheio de amplificadores e outros equipamentos de som. Os motoristas dos caminhões, uma minoria oprimida de dois, se afastaram para a boleia do caminhão de som para fumar uns cigarros e olhar com desprezo o enxame de skatistas, seus inimigos jurados na cadeia alimentar das estradas. Eles não sairão voluntariamente até as cinco da manhã, quando o caminho estiver limpo.

Dois dos outros Meltdowns estão em pé por ali, fumando cigarros, segurando-os entre dois dedos como dardos, ao estilo eslavo. Eles esmagam as

bitucas no concreto com seus sapatos vagabundos de vinil, correm para a Vanagon e começam a descarregar o equipamento de som. Vitaly coloca óculos, conecta-se a um computador no caminhão de som e começa a ajustar o sistema. Há um modelo 3D da passagem já armazenado na memória. Ele apenas precisa descobrir como sincronizar os delays em todos os diferentes aglomerados de alto-falantes para maximizar o número de ecos pesados e barulhentos.

15

A banda de abertura, Blunt Force Trauma, começa a tocar por volta das nove da noite. Ao primeiro acorde poderoso, uma pilha inteira de amplificadores vagabundos usados entra em curto; seus fios jogam faíscas para o ar, enviando um arco de caos por entre a multidão de skatistas. Os técnicos em eletrônica do caminhão de som isolam o circuito afetado e o desligam antes que alguém ou alguma coisa se machuque. A Blunt Force Trauma toca uma espécie de speed reggae fortemente influenciado pelas ideias antitecnológicas dos Meltdowns.

Esses caras provavelmente vão tocar por uma hora, e depois vão rolar umas duas horas de Vitaly Chernobyl e os Meltdowns, que é o que a galera está esperando. E, se Sushi K aparecer, será bem-vindo para fazer uma participação especial no microfone.

Caso isso realmente aconteça, Hiro se afastará do centro delirante da massa e começará a orbitar sua periferia, para um lado e para o outro. Y. T. está ali em alguma parte, mas não há como tentar rastreá-la. De qualquer maneira, ela ficaria sem graça de ser vista com um velho como Hiro.

Agora que o show começou para valer, as coisas vão andar sozinhas. Não há mais muito para Hiro fazer. Além disso, coisas curiosas acontecem nas fronteiras – transições –, e não no meio, onde tudo é a mesma coisa. Pode haver alguma coisa de interessante ao longo da fronteira da multidão, lá atrás, onde as luzes se desvanecem na sombra da passagem superior.

A galera da periferia parece bastante típica para o lado errado de uma passagem superior de LA no meio da noite. Há uma favela inteira de bom tamanho de desempregados do Terceiro Mundo, além de um punhado de esquizofrênicos do Primeiro, que, há muito tempo, já transformaram os cérebros em cinzas com o calor radiante de suas próprias mentes. Muitos deles emergiram de caçambas de lixo viradas e de carcaças de freezers para chegar de mansinho à periferia da multidão e dar uma espiadinha no barulho e na luz. Alguns deles

parecem sonolentos e espantados, e alguns outros – homens latinos atarracados – parecem achar todo esse negócio muito divertido, passando cigarros uns para os outros e balançando as cabeças como quem não está acreditando.

Aquilo é território dos Crips. Os Crips queriam oferecer a segurança do evento, mas Hiro, que estudou sobre Altamont, decidiu correr o risco de esnobá-los. Assim, ele contratou os Enforcers.

Então, a aproximadamente cada dez metros há um homem enorme em postura ereta vestindo uma jaqueta windbreaker verde-cítrica com a palavra "Enforcer" nas costas. Muito conspícuo, que é do jeito que eles gostam. Mas tudo isso é feito com eletropigmentos, portanto, se houver encrenca, esses caras podem se tornar pretos apertando um botão na lapela. E podem se tornar à prova de balas simplesmente subindo o zíper da jaqueta até o final. Neste exato momento, é uma noite quente, e a maioria deles está deixando o uniforme aberto para sentir a brisa fresca. Alguns deles estão simplesmente distraídos, mas a maioria está atenta, mantendo os olhos na multidão, e não na banda.

Ao ver todos aqueles soldados, Hiro procura o general e logo o encontra: um cara negro baixinho e atarracado, jeito de pintor de rodapé halterofilista. Está usando a mesmo jaqueta que os outros, mas há uma camada adicional de colete à prova de balas por baixo, e, preso a esse colete, um belo sortimento de equipamentos de comunicações e pequenos e inteligentes dispositivos para machucar pessoas. Ele está quase correndo de um lado para o outro, virando a cabeça para todos os lados, resmungando monossílabos rápidos em seu headset como se fosse um técnico de futebol americano à beira do gramado.

Hiro repara num homem alto de trinta e tantos anos, com um cavanhaque de respeito, vestindo um belo terno cinza-carvão. Hiro consegue ver os diamantes no seu alfinete de gravata reluzindo a 30 metros de distância. Ele sabe que se chegar mais perto será capaz de ver a palavra "Crips" escrita com safiras azuis, no meio daqueles diamantes. Ele tem seu próprio destacamento de seguranças, com meia dúzia de outros sujeitos vestindo terno. Mesmo não fazendo a segurança, não conseguiram resistir à tentação de enviar uma delegação simbólica para mostrar suas cores.

***

Um *non sequitur* que vem incomodando a cabeça de Hiro, no fundo, no fundo, nos últimos dez minutos: a luz de um laser tem um tipo particular de intensidade granulada, uma pureza molecular que reflete suas origens. Seu olho nota a luz, mas de algum modo sabe que ela não é natural. Isso se destaca em qualquer lugar, mas especialmente embaixo de uma passagem superior suja no meio da noite. Hiro continua notando lampejos dela em sua visão periférica, continua olhando para cima para tentar rastrear sua fonte. Para ele o incômodo é óbvio, mas ninguém mais parece notar.

Alguém, em algum ponto daquela passagem superior, está apontando um feixe de laser para a cara de Hiro.

É irritante. Sem ser óbvio demais, ele muda ligeiramente seu curso, vagando até um ponto contra o vento de uma fogueira de lixo que está queimando em um tambor de aço. Agora ele está em pé no meio de uma pluma de fumaça diluída cujo cheiro ele sente, mas não consegue ver direito.

Mas, quando o laser dardeja novamente seu rosto, ele se espalha em um milhão de minúsculas partículas e se revela como uma pura linha geométrica no espaço, apontando direto até sua fonte.

É um gárgula, em pé na penumbra ao lado de uma favela. Só para garantir, caso não tenha sido conspícuo o suficiente, ele está usando um terno. Hiro começa a andar em sua direção.

Gárgulas representam o lado embaraçoso da Central Intelligence Corporation. Em vez de usarem laptops, eles usam os computadores em seus corpos, desmembrados em módulos separados que ficam pendurados na cintura, nas costas, no headset. Eles servem como dispositivos humanos de vigilância, gravando tudo o que acontece ao seu redor. Nada parece mais imbecil que isso; esses badulaques são o equivalente moderno da bainha da régua de cálculo ou da capinha da calculadora, marcando seu usuário como pertencente a uma classe que está ao mesmo tempo acima e bem abaixo da sociedade humana. Eles são um incômodo para Hiro porque incorporam o pior estereótipo de um freelance da CIC. Eles chamam toda a atenção. A compensação para esse ostracismo autoimposto é que se pode estar no Metaverso o tempo todo, e coletar informação o tempo todo.

Os figurões da CIC não suportam esses camaradas porque eles fazem uploads de quantidades inenarráveis de informações inúteis para o banco de dados, apostando na remota chance de que parte disso um dia será útil. É como anotar a placa de todos os carros no caminho para o trabalho toda manhã, caso algum deles um dia se envolva em um caso de atropelamento e fuga. Nem mesmo o banco de dados da CIC consegue guardar tanto lixo. Então, normalmente, esses gárgulas habituais acabam sendo rapidamente chutados para fora da CIC.

Esse sujeito ainda não foi chutado. E, a julgar pela qualidade de seu equipamento – que é muito caro –, ele já trabalha nisso há um bom tempo. Logo, ele deve ser muito bom no que faz.

Se esse é o caso, o que é que ele está fazendo ali?

– Hiro Protagonist – diz o gárgula quando Hiro finalmente o segue até a escuridão ao lado de uma favela. – Freelance da CIC há onze meses. Especializado na Indústria. Ex-hacker, ex-segurança, ex-entregador de pizza, atual *promoter* de shows.

Ele meio que resmunga isso tudo; não quer que Hiro perca seu tempo recitando um monte de fatos já conhecidos.

O laser que não parava de machucar os olhos de Hiro havia sido disparado do computador daquele sujeito, de um periférico localizado logo acima de seus óculos, no meio da testa. Um scanner de retina de longo alcance. Quando se vira de frente para ele com os olhos abertos, o laser dispara, penetra em sua íris, o mais suave dos esfíncteres, e escaneia sua retina. Os resultados são disparados de volta para a CIC, que tem um banco de dados de dezenas de milhões de retinas escaneadas. Em poucos segundos, se você já estiver no banco de dados, o dono descobre quem é você. Se ainda não estiver no banco de dados, bem, agora estará.

Naturalmente, o usuário precisa ter privilégios de acesso. E assim que ele checa sua identidade, ele precisa ter mais privilégios de acesso para descobrir informações pessoais a seu respeito. Este sujeito, aparentemente, tem muitos privilégios de acesso. Bem mais do que Hiro.

– Meu nome é Lagos – diz o gárgula.

Então esse é o sujeito. Hiro pensa em lhe perguntar que diabos ele está fazendo ali. Ele adoraria levá-lo para beber alguma coisa, conversar com ele sobre como o Bibliotecário foi codificado. Mas ele está puto. Lagos está sendo rude com ele (gárgulas são rudes por definição).

– Você está aqui por causa do Corvo? Ou só por causa dessa dica de fuzz--grunge na qual você vem trabalhando nos últimos, ahn, 36 dias, aproximadamente? – pergunta Lagos.

Não tem a menor graça conversar com gárgulas. Eles nunca completam uma frase. Vivem à deriva em um mundo desenhado por lasers, escaneando retinas em todas as direções, fazendo rotinas de verificação de antecedentes de todos a mil metros em suas cercanias, vendo tudo em luz visual, infravermelho, radar de ondas milimétricas e ultrassom, tudo ao mesmo tempo. O cara acha que estão conversando com ele, mas na verdade estão analisando o registro de crédito de algum estranho do outro lado da sala, ou identificando a estrutura e o modelo dos aviões que estão voando sobre suas cabeças. Até onde ele sabe, Lagos está ali em pé medindo o comprimento do pau de Hiro por baixo de suas calças enquanto fingem bater papo.

– Você é o sujeito que está trabalhando com Juanita, certo? – pergunta Hiro.

– Ou ela está trabalhando comigo. Ou alguma coisa assim.

– Ela disse que queria que eu te conhecesse.

Lagos fica parado por alguns segundos. Ele está coletando mais dados. Hiro tem vontade de jogar um balde de água gelada em cima dele.

– Faz sentido – ele diz. – Você está tão familiarizado com o Metaverso quanto qualquer um. Hacker independente: é exatamente perfeito.

– É exatamente perfeito para quê? Ninguém mais quer hackers independentes.

– Os hackers corporativos tipo linha de montagem caem como patinhos por infecção. Estão caindo aos milhares, como o exército de Senaqueribe perante as muralhas de Jerusalém – explica Lagos.

– Infecção? Senaqueribe?

– E você também sabe se defender na Realidade. Isso vai ser bom se algum dia você topar com o Corvo. Lembre-se, as facas dele são afiadas como uma molécula. Elas rasgam um colete a prova de balas como se fosse lingerie.

– Corvo?

– Você provavelmente o verá esta noite. Não mexa com ele.

– Ok – diz Hiro. – Vou procurá-lo.

– Não foi o que eu falei – diz Lagos. – Eu disse para não mexer com ele.

– Por que não?

– Este mundo é perigoso – retruca Lagos. – E está ficando mais perigoso a cada instante. Então não queremos prejudicar o equilíbrio do terror. Lembre-se da Guerra Fria.

– Tá. – Tudo o que Hiro quer agora é sair fora e nunca mais ver esse sujeito novamente, mas ele não vai dar corda na conversa.

– Você é um hacker. Isso significa que você tem estruturas profundas para se preocupar também.

– Estruturas profundas?

– Caminhos neurolinguísticos no seu cérebro. Lembra-se da primeira vez em que você aprendeu código binário?

– Claro.

– Você estava formando caminhos em seu cérebro. Estruturas profundas. Seus nervos vão formando novas conexões à medida que você os utiliza: os axônios se dividem e vão abrindo caminho por entre as células gliais que estão se dividindo, seu bioware se automodifica, o software se torna parte do hardware. Então agora você está vulnerável, todos os hackers estão vulneráveis, a um nam-shub. Precisamos cuidar uns dos outros.

– O que é um nam-shub? Por que eu sou vulnerável a isso?

– É só não olhar para nenhum bitmap. Alguém tentou mostrar pra você um bitmap puro ultimamente? Tipo, no Metaverso?

Interessante.

– Para mim pessoalmente não, mas agora que você mencionou, uma Brandy chegou pro meu amigo e...

– Uma prostituta do culto de Asherah. Tentando disseminar a doença. Que é sinônimo do mal. Parece melodramático? Na verdade, não é. Sabe, para os mesopotâmios, não havia conceito independente de mal. Apenas doença e saúde ruim. O mal era sinônimo de doença. Então, o que é que isso te diz?

Hiro se afasta de Lagos, da mesma maneira como se distancia de gente psicótica que o segue pela rua.

– Isso te diz que o mal é um vírus! – Lagos grita para ele. – Não deixe o nam-shub entrar em seu sistema operacional!

Juanita está trabalhando com esse alien?

***

A Blunt Force Trauma toca por uma hora inteira sem parar, passando de uma música para outra sem uma rachadura ou fissura na muralha de som. Tudo parte da estética. Quando a música para, o set deles acabou. Pela primeira vez, Hiro consegue ouvir a exaltação da galera. É uma explosão de ruído agudo que ele sente na cabeça, fazendo os ouvidos zunirem.

Mas também há um som baixo e grave, como se alguém estivesse castigando um baixo elétrico, e por um minuto ele pensa que talvez seja um caminhão atravessando a passagem superior acima deles. Mas o ruído é constante demais para isso, não morre.

Está atrás dele. Outras pessoas também notaram, virando-se para olhar na direção do som, e estão saindo rápido do caminho. Hiro dá um passo para o lado, virando-se para ver o que é.

É grande e preto, para começo de conversa. Não parece que um homem tão grande consiga se equilibrar numa motocicleta, mesmo uma Harley grande daquelas.

Correção. É uma Harley com uma espécie de sidecar adicionado, um projétil preto aerodinâmico pendurado do lado direito, apoiado em seu próprio pneu. Mas não há ninguém sentado no sidecar.

Não parece que um homem possa ser tão corpulento assim sem ser gordo. Mas ele não é de jeito algum gordo; ele está vestindo roupas colantes justas – parece couro, mas não é exatamente isso – que mostram os ossos, os músculos e mais nada.

Ele está pilotando a Harley tão devagar que certamente cairia se não fosse pelo sidecar. Ocasionalmente ele dá uma aceleradinha com um toque dos dedos na mão que segura o freio.

Talvez uma das razões pelas quais ele pareça ser tão grande – além do fato de que ele realmente é grande – se deva ao fato de que ele parece não ter pescoço. Sua cabeça começa larga e vai ficando cada vez mais larga até se fundir com os ombros. No começo, Hiro acha que deve ser algum tipo de capacete vanguardista. Mas quando o homem passa por ele, aquele grande sudário se move, flutuando, e Hiro percebe que são apenas seus cabelos, uma grossa crina de cabelos pretos que escorre por cima de seus ombros, descendo pelas costas quase até a cintura.

Enquanto Hiro olha bestificado para isso, percebe que o homem virou a cabeça para olhar para ele. Ou para olhar na direção em que ele está, de qualquer maneira. É impossível dizer exatamente para onde ele está olhando por causa de seus óculos, uma concha convexa suave sobre os olhos, interrompida por uma estreita fenda horizontal.

Ele está olhando para Hiro. Ele lhe dá o mesmo sorriso foda-se que apresentou mais cedo, quando Hiro estava na entrada do Black Sun, e ele estava em algum terminal público.

Aquele é o cara. O Corvo. Aquele é o cara que Juanita estava procurando. O cara que Lagos disse para não se meter. E Hiro já o viu antes, do lado de fora da entrada do Black Sun. Aquele foi o cara que deu o cartão de Snow Crash para Da5id.

A tatuagem em sua testa consistia em três palavras, escritas em letras de imprensa: SEM CONTROLE EMOCIONAL.

Hiro toma um susto e chega a dar um pulo quando Vitaly Chernobyl e os Meltdowns começam seu número de abertura, “Radiation Burn”. É um tornado de ruído e distorção em grande parte aguda, como se o atirassem de corpo inteiro para cima de uma parede feita de anzóis.

Hoje em dia, os estados, em sua maioria, são franchulados ou Suburbiclaves, a maior parte pequena demais para ter alguma coisa do tipo cadeia, ou mesmo um sistema judiciário. Então, quando alguém faz algo de errado, eles tentam encontrar castigos rápidos e pesados, como chibata, confisco de propriedade, humilhação pública ou, no caso de pessoas que tenham um alto potencial de sair por aí machucando os outros, uma tatuagem de alerta em alguma parte

proeminente do corpo. SEM CONTROLE EMOCIONAL. Aparentemente, o tal cara foi a algum lugar desses e perdeu a cabeça muito feio.

Por um instante, uma rede vermelha brilhante é traçada contra a lateral do rosto do Corvo. A grade encolhe rapidamente, todos os lados convergindo para a pupila direita. O Corvo sacode a cabeça, se vira para procurar a fonte do laser, mas ele já apagou. Lagos já conseguiu seu scan de retina.

É por isso que Lagos está ali. Ele não está interessado em Hiro nem em Vitaly Chernobyl. Ele está interessado no Corvo. De algum modo, Lagos sabia que ele estaria aqui. E Lagos está em algum lugar ali por perto, bem agora, gravando o sujeito em vídeo, sondando o conteúdo dos bolsos dele com o radar, gravando sua pulsação e respiração.

Hiro pega seu telefone pessoal.

– Y. T. – ele diz, e o telefone disca o número de Y. T.

Ele toca por um longo tempo até ela atender. É quase impossível ouvir alguma coisa por causa do som do show.

– Porra, o que é que você quer?

– Desculpe, Y. T., mas tem uma coisa rolando. Uma coisa grande pra cacete. Estou de olho num motoqueiro imenso chamado Corvo.

– O problema com vocês, hackers, é que vocês nunca param de trabalhar.

– Mas é isso o que um hacker faz – diz Hiro.

– Vou ficar de olho nesse tal de Corvo também – ela afirma –, em algum momento quando *eu* estiver trabalhando. – E desliga.

16

O Corvo varre lenta e preguiçosamente o perímetro da multidão, andando bem devagar com sua moto, olhando em todas as direções. Ele é irritantemente calmo e sem pressa.

Então ele corta mais para o fundo na escuridão, distanciando-se da massa. Dá mais umas olhadelas ao redor, verificando o perímetro da favela. E, finalmente, leva a enorme Harley numa trajetória tangencial que o conduz de volta ao grande e importante Crip. O sujeito do alfinete de gravata com safiras e o destacamento de segurança pessoal.

Hiro começa a costurar por entre a multidão naquela direção, tentando não ser muito óbvio. Parece que isso vai ser interessante.

Quando o Corvo se aproxima, os guarda-costas convergem para o Crip chefe, formando um anel protetor frouxo ao seu redor. Quando ele chega mais perto, todos recuam um ou dois passos, como se o motoqueiro estivesse cercado por um campo de força protetor. Então o homem finalmente para e se digna a colocar os pés no chão. Ele desliga algumas chaves no guidão antes de sair de sua Harley. Então, como se antecipando o que viria, põe-se em pé com as pernas afastadas e os braços levantados.

Um Crip se aproxima de cada lado. Eles não parecem lá muito felizes com essa tarefa em particular; ficam dando olhadas de esguelha para a motocicleta. O Crip chefe tem de ficar mandando eles se aproximarem, enxotando-os com as mãos na direção do Corvo. Cada um deles tem na mão uma varinha detectora de metais. Eles passam as varinhas ao redor do corpo dele e não encontram nada, nem mesmo a menor partícula de metal, nem sequer moedas em seu bolso. O homem é 100% orgânico. O aviso de Lagos sobre as facas do Corvo acabou sendo mentira.

Esses dois Crips voltam rapidamente para o grupo principal. O Corvo começa a segui-los. Mas o chefe Crip recua um passo, erguendo ambas as mãos

em um movimento de “pare”. O Corvo para e fica onde está, o sorriso voltando ao seu rosto.

O Crip chefe dá meia-volta e faz um gesto na direção da sua BMW preta. A porta de trás da BMW se abre e um homem sai de lá, um rapaz negro usando óculos redondos com aro de tartaruga, jeans e grandes tênis esportivos e tralha típica de estudante.

O estudante caminha devagar na direção do Corvo, tirando alguma coisa do bolso. É um dispositivo handheld, mas é grande demais para ser uma calculadora. Tem um teclado em cima e uma espécie de janela na outra extremidade, que o estudante fica apontando na direção do Corvo. Há um display de LEDs em cima do teclado e uma luz piscante vermelha embaixo dela. O estudante está usando um par de fones de ouvido que está plugado numa tomada na traseira do dispositivo.

Para começar, o estudante aponta a janela para o chão, depois para o céu e depois para o Corvo, com o olho pregado na luz vermelha piscante e no display de LEDs. Parece uma espécie de ritual religioso, aceitando inputs digitais do espírito do céu, depois do espírito da terra e depois do anjo negro motoqueiro.

Então ele começa a caminhar devagar na direção do Corvo, um passo de cada vez. Hiro consegue ver a luz vermelha piscando intermitentemente, sem seguir nenhum padrão ou ritmo específicos.

O estudante chega a um metro do Corvo, e depois dá duas voltas ao seu redor, sempre mantendo o dispositivo apontado para dentro. Quando termina, recua rapidamente, vira-se e aponta o objeto para a motocicleta. Quando o dispositivo fica na direção da motocicleta, a luz vermelha começa a piscar com muito mais rapidez.

O estudante vai até onde está o Crip chefe, tira os fones de ouvido e fala alguma coisa para ele. O Crip escuta o estudante mas fica de olho no Corvo, faz que sim com a cabeça algumas vezes, finalmente dá uns tapinhas no ombro dele e o manda de volta para a BMW.

Era um contador Geiger.

***

O Corvo vai até o Crip grande. Eles apertam as mãos, um bom e velho euroaperto de mão, sem nenhuma variação metida a besta. Não é um encontro de amigos. O Crip está com os olhos um pouco arregalados demais. Hiro vê as rugas na testa dele. Tudo em sua postura e no seu rosto gritam: alguém me tire de perto deste marciano!

O Corvo volta até seu cavalo de aço radioativo, desamarra algumas cordas elásticas e pega uma maleta de metal. Ele a entrega ao Crip chefe e eles voltam a apertar as mãos. Então dá meia-volta, anda lenta e calmamente até a motocicleta, sobe e vai saindo devagar.

Hiro adoraria ficar por ali e ver mais, mas tem a sensação de que Lagos já registrou este evento especial. E, além do mais, ele tem mais o que fazer. Duas limusines estão lutando para abrir caminho por entre a multidão, indo na direção do palco.

***

As limusines param, e japoneses começam a descer de dentro delas. Vestidos de cores escuras, sem o menor molejo, eles ficam em pé ali ao redor, sem jeito no meio de uma festa/um tumulto, como um punhado de unhas quebradas suspensas num molde de gelatina colorida. Finalmente, Hiro reúne coragem o bastante para subir e olhar por uma das janelas a fim de descobrir se aquele é quem ele pensa que é.

Não consegue ver pelo vidro fumê. Ele se curva, coloca a cara bem colada ao vidro, tentando tornar seu movimento bem óbvio.

Ainda nenhuma reação. Então, ele bate no vidro.

Silêncio. Ele olha para a *entourage*. Todos estão olhando para ele. Mas quando Hiro olha para eles, eles desviam o olhar, subitamente se lembrando de dar uma tragada nos cigarros ou de esfregar as sobrancelhas.

Só existe uma fonte de luz dentro da limusine que é brilhante o bastante para ser visível pelo vidro fumê, e é o retângulo inflado típico de uma tela de televisão.

Que diabos. Eles estão nos EUA, Hiro é metade americano, e não há nenhuma razão para levar essa coisa de educação a um extremo doentio. Ele abre

a porta de sopetão e olha a parte de trás da limusine.

Sushi K está sentado ali, apertado entre dois outros jovens japoneses, programadores de sua equipe de imagem. Seu penteado está desligado, o que faz ele parecer apenas um cabelo afro-laranja. Ele está vestindo um traje de palco parcialmente montado, aparentemente esperando dar um show hoje. Parece que ele está vendo se aceita a oferta de Hiro.

Ele está assistindo a um famoso programa de televisão chamado *Olho Espião*. Ele é produzido pela CIC e vendido por *syndication* por um dos grandes estúdios. É um reality show: a CIC pega um de seus agentes que esteja envolvido em uma operação de campo – fazendo um trabalho policial de verdade – e faz ele colocar um equipamento de gárgula para que tudo o que ele veja e ouça seja transmitido de volta para a base natal em Langley. Esse material é então editado e se transforma em um programa semanal com uma hora de duração.

Hiro nunca vê esse programa. Agora que trabalha para a CIC, ele acha isso meio irritante. Mas ouve muitas fofocas sobre o programa, e sabe que esta noite eles estão mostrando o penúltimo episódio de um arco de cinco partes. A CIC infiltrou um cara na Jangada, onde ele está tentando fazer parte de um de seus muitos coloridos e sádicos bandos de piratas: a organização Bruce Lee.

Hiro entra na limusine e dá uma olhada na TV bem na hora em que o próprio Bruce Lee, conforme observado pelo ponto de vista do infeliz espião gárgula, aproxima-se por algum corredor cheio de umidade em um navio-fantasma da Jangada. A condensação pinga da lâmina samurai de Bruce Lee.

– Os homens de Bruce Lee apanharam o espião em um velho navio-fábrica coreano no Núcleo – um dos capangas de Sushi K diz, uma explicação rápida entre dentes. – Estão procurando ele agora.

Subitamente, Bruce Lee é focalizado sob a luz de um holofote brilhante que faz seu tradicional sorriso de diamante reluzir como o braço de uma galáxia. No meio da tela, um par de crosshairs da mira balança e centra na testa de Bruce Lee. Aparentemente, o espião decidiu que precisa lutar para sair dessa confusão e está apontando algum poderoso sistema de armas da CIC para o crânio de Bruce Lee. Mas aí aparece um borrão na lateral, uma misteriosa forma escura

que bloqueia nossa visão de Bruce Lee. Os crosshairs estão agora centrados em... o quê, exatamente?

Vamos ter de esperar até a próxima semana para descobrir.

Hiro se senta em frente a Sushi K e os programadores, ao lado do aparelho de TV, para poder ter uma visão do homem do ponto de vista de uma câmera de TV.

– Eu sou Hiro Protagonist. Acredito que você recebeu minha mensagem.

– Fabu! – grita Sushi K, usando a abreviação japonesa do adjetivo multifuncional hollywoodiano “fabuloso”.

Ele continua.

– Hiro-san, sou profundamente grato a você por esta chance única de apresentar meus humildes trabalhos para uma tal plateia. – Ele diz tudo em japonês, a não ser pelo “chance única”.

– Devo humildemente pedir desculpas por arranjar toda essa coisa de modo tão rápido e desajeitado – declara Hiro.

– Sinto uma profunda dor por você sentir a necessidade de se desculpar quando me deu a oportunidade que qualquer rapper japonês daria tudo para ter: apresentar minhas humildes obras perante verdadeiros membros dos guetos de LA.

– Estou profundamente envergonhado por revelar que esses fãs não são exatamente membros dos guetos, como devo ter descuidadamente levado o senhor a crer. Eles são skatistas. Skatistas que gostam tanto de rap quanto de heavy metal.

– Ah. Mas está tudo bem – diz Sushi K, só que seu tom de voz sugere que não está nada bem.

– Mas há representantes dos Crips aqui – comenta Hiro, pensando muito, muito rápido até mesmo para seus padrões. – E se seu desempenho for bem recebido, como tenho certeza de que será, eles espalharão sua palavra pela comunidade deles.

Sushi K desce o vidro da janela. O nível de decibéis quintuplica num instante. Ele fica olhando para a multidão, cinco mil potenciais fatias de mercado, jovens cheios de balanço em suas cabeças. Eles nunca ouviram antes de nenhuma música que não fosse perfeita. Ou é som digital com perfeição de

estúdio de seus CD players ou uma perfeita performance de fuzz-grunge dos melhores do ramo, dos grupos que chegaram a LA para fazer fama e conseguiram sobreviver ao ambiente de combate de gladiadores dos clubes. O rosto de Sushi K se ilumina com uma combinação de alegria e terror. Agora ele realmente tem de subir lá e fazer a coisa. Na frente da biomassa fervilhante.

Hiro sai e abre o caminho para ele. É fácil. Aí ele cai fora. Já fez a sua parte. Não há por que perder tempo com essa coisinha patética do Sushi K quando o Corvo está lá fora, representando uma fonte muito maior de informação. Então ele sai vagando na direção da periferia.

– Yo! Cara das espadas – diz alguém.

Hiro se vira e vê um Enforcer de jaqueta verde indo em sua direção. É um sujeito baixinho e poderoso com o headset, o sujeito encarregado da segurança.

– Squeaky – ele se apresenta, estendendo a mão.

– Hiro – diz Hiro, apertando-a, e entregando seu cartão de visitas. Não há motivo em particular para ser modesto com esses sujeitos. – O que posso fazer por você, Squeaky?

Squeaky lê o cartão. Ele tem um tipo de excesso de educação que é parecido com o de um militar. Ele é calmo, maduro, tipo modelo a ser seguido, como um técnico de futebol americano do segundo grau.

– Você está encarregado deste negócio?

– Pode-se dizer que sim.

– Sr. Protagonist, recebemos uma ligação há alguns minutos de uma amiga sua chamada Y. T.

– O que aconteceu? Ela está bem?

– Ah, sim, senhor, ela está ótima. Mas sabe aquele bug com quem você estava conversando antes?

Hiro nunca tinha ouvido o termo “bug” sendo utilizado dessa maneira, mas percebe que Squeaky estava se referindo ao gárgula, Lagos.

– Sei.

– Bem, há uma situação envolvendo esse cavalheiro que Y. T. meio que nos deu a dica. Achamos que o senhor poderia querer dar uma olhada.

– O que é que está pegando?

– Ahn, por que é que o senhor não vem comigo? Sabe, algumas coisas são mais fáceis de mostrar que de explicar verbalmente.

Quando Squeaky se vira, o primeiro rap de Sushi K começa. Sua voz parece tensa.

Sou Sushi K e tô aqui pra falar
Gosto do rap dum jeito particular
Em cada cidade, se liga Maioral
O rap do Sushi K é sensacional
Minha fala especial de palavras marcadas
Não a dum nerd dentuço estereotipada
Meu cabelo é grande como uma galáxia
Porque eu alcanço a maior tecnologia

Hiro segue Squeaky para longe da multidão, passando para a área mal iluminada, às margens da favela. Acima deles, na barragem da passagem superior, ele consegue mal e mal distinguir formas fosforescentes: Enforcers de jaqueta verde orbitando algum atrator estranho.

– Cuidado por onde anda – diz Squeaky quando começam a subir a barragem. – Está escorregadio em alguns pontos.

Gosto do rap sobre amor adocicado
Suas calças é o que tenho ambicionado
Pois aqui está o jeito especial de que falei
Desse amigo do rap chamado Sushi K
Os Niponeses dizem que é fenomenal
De língua afiada como a espada oriental
Que fala do Leste da Ásia e do Pacífico
A Esfera da Prosperidade, pra ser específico

É uma típica encosta de terra solta e pedras que parece que vai deslizar na primeira chuva. Ervas, cactos e tumbleweeds aqui e ali, tudo com cara de mirrado e meio morto com a poluição do ar.

É difícil ver qualquer coisa com clareza, porque Sushi K está pulando de um lado para outro abaixo deles no palco. Os raios alaranjados brilhantes de seu penteado explosão-solar percorrem um lado a outro da barragem a uma velocidade que parece supersônica, encharcando de luz granulada as ervas e rochas e jogando tudo em freeze-frames estranhos, descoloridos e de alto contraste.

Assarariado do metrô, é bom escutar
Ao Sushi K, uma fissão nuclear
Lagarto cospe-fogo que nem o Godzilla
É o meu herói, o primeiro da fila
Seu rap mutante queima o bloco inteiro
Nas ações Sushi K invista seu dinheiro
Ele está na bolsa de valores Nikkei
E escorrega; os outros eu não sei
Investimento top, grite "Já ganhei!"
Com a Corporação Sushi K

Squeaky está andando reto colina acima, em paralelo com uma trilha de moto fresca que cortou fundo o solo amarelo solto. Ela consiste de uma trilha funda e ampla com uma mais estreita que corre em paralelo, uns 60 centímetros à direita.

A trilha vai ficando mais funda quanto mais eles sobem. Mais funda e mais escura. Ela se parece cada vez menos com uma trilha de motocicleta na terra solta e mais com uma trincheira de drenagem para algum sinistro afluente negro.

Chegando na América bem agora
Os rappers querem que eu caia fora
Dizem "Fique no Japão, vai, se liga!
A gente não encara essa briga!"
Os rappers da América vaiam e chiam
Ao protecionismo do rap se filiam
Do Sushi K eles têm muito medo
Porque seu público vai vazar mais cedo

Ele tem respaldo financeiro demais
Deu nos rappers gringos um beijo por trás
Sushi K é a máquina do som
Superlimpo, rápido e bom
Como um relógio acertado eu me destaco
E chuto os velhos rappers bem no saco

Um dos Enforcers no alto da colina está com uma lanterna. Quando ele se move, o brilho varre o chão em um ângulo reto, iluminando rapidamente o solo como um holofote. Por um instante, a luz reflete na trilha da motocicleta, e Hiro percebe que ela se tornou um rio de sangue vermelho brilhante e oxigenado.

Ele aprende inglês, total imersão
Ingles/japonês em plena fusão
Em uma supercombinação
Então pode ter fãs em cada nação
Em Hong Kong também falam inglês
Suspiram pelo rap como vocês
E quem está na Austrália a falar
Cedo ou tarde começará a se ligar
Quando tiverem um rapper popstar
Cansados dos rappers deste lugar

Lagos está deitado no chão, esparramado de través pela marca dos pneus. Ele foi aberto ao meio como um salmão, com um único corte limpo e afiado que começa no ânus e sobe pela barriga, passando pelo meio de seu esterno e subindo até a ponta do queixo. Não é apenas um corte superficial. Aparentemente, ele foi até sua coluna vertebral em alguns pontos. As faixas de náilon preto que prendiam o sistema de computador ao seu corpo foram cortadas com precisão onde se cruzavam no meio, e metade do equipamento caiu no chão de terra batida.

Hora de pegar o grande tráfego da radiofonia
Quando você olhar para a demografia

A pesquisa Sushi K estatística
Faz o grande futuro ver a balística
A velocidade do crescimento das ações Sushi K
Põe os rappers americanos em choque, eu sei

17

Jason Breckinridge veste um blazer terracota. É a cor da Sicília. Jason Breckinridge nunca esteve na Sicília. Pode ser que ele vá para lá um dia, como prêmio. Para ganhar o cruzeiro grátis para a Sicília, Jason precisa acumular 10 mil Pontos Gumbata.

Ele inicia essa peregrinação em uma posição favorável. Abrindo sua própria franquia Nova Sicília, ele começou com um saldo automático de 3.333 pontos no banco de Pontos Gumbata. Some-se isso a exclusivos Bônus de Cidadania de 500 pontos e o saldo começa a parecer muito bom. O número fica armazenado no computador grande no Brooklyn.

Jason cresceu nos subúrbios da parte oeste de Chicago, uma das regiões com maior índice de franquias do país. Ele frequentou a faculdade de Administração da Universidade de Illinois, conseguindo uma média de 2,9567, e fez uma monografia intitulada “A Interação das Dimensões Etnográficas, Financeiras e Paramilitares de Competição em Determinados Mercados”. Foi um estudo de caso de lutas de concorrência entre as franquias Nova Sicília e Narcolômbia em sua velha vizinhança em Aurora.

Enrique Cortazar dirigia a fracassada franquia da Narcolômbia sobre a qual Jason havia fundamentado sua argumentação. Jason o entrevistou várias vezes pelo telefone, em rápidos períodos, mas nunca viu o Sr. Cortazar cara a cara.

O Sr. Cortazar comemorou a formatura de Jason bombardeando a van Omni Horizon dos Breckinridge num estacionamento e, em seguida, disparando onze clipes de munição de rifle automático na parede da frente da casa deles.

Felizmente, o Sr. Caruso, que dirigia o ramo local de franchulados da Nova Sicília que estavam no processo de acabar com a raça de Enrique Cortazar, ficou sabendo desses ataques antes que eles acontecessem, provavelmente interceptando informações de sinais da frota de radioamadores e telefones celulares com péssima segurança do Sr. Cortazar. Ele foi capaz de avisar a

família de Jason a tempo, de forma que, quando todas aquelas balas voaram pela casa deles no meio da noite, eles estavam saboreando um champanhe de cortesia em um Old Sicilia Inn no quilômetro dez da Rodovia 96.

Naturalmente, quando a faculdade de Administração apresentou sua feira de empregos no final do ano, Jason fez questão de passar pelo estande da Nova Sicília para agradecer ao Sr. Caruso por ter salvo a todos de sua família da morte certa.

– Ora, cê sabe, foi uma coisa assim, tipo, uma coisa assim de vizinho, sabe como é, Jasie-boy? – disse o Sr. Caruso, dando uma palmada forte no ombro de Jason e apertando seus deltoides, que eram do tamanho de melões. Jason não usava esteroides com tanta frequência quanto aos quinze anos, mas ainda estava em grande forma.

O Sr. Caruso era de Nova York. Ele tinha um dos estandes mais populares da feira de empregos. Ela estava sendo realizada em um grande espaço de exibições no Sindicato. O hall havia sido organizado em um padrão de ruas imaginário. Duas "rodovias" o dividiam em quadrantes, e todas as empresas de franquias e nacionalidades apresentavam seus estandes ao longo das rodovias. Suburbiclaves e outras empresas tinham estandes escondidos ao longo das "ruas" suburbanas dentro dos quadrantes. O estande da Nova Sicília do Sr. Caruso ficava bem no cruzamento das duas rodovias. Dezenas de alunos insignificantes da faculdade de Administração faziam fila ali esperando para serem entrevistados, mas o Sr. Caruso notou Jason na fila e foi direto até lá, arrancou-o da fila e agarrou-o pelos deltoides. Todos os outros alunos da faculdade de Administração encararam Jason com inveja. Isso fez Jason se sentir bem, especial mesmo. Foi esse o sentimento que ele teve quanto à Nova Sicília: atenção personalizada.

– Bom, eu vim fazer uma entrevista aqui, claro, e na Grande Hong Kong do Sr. Lee, porque eu me interesso mesmo é pela alta tecnologia – disse Jason, em resposta às perguntas paternais do Sr. Caruso.

O Sr. Caruso lhe deu um aperto especialmente forte. Sua voz dizia que ele estava dolorosamente surpreso, mas que não pensava necessariamente menos de Jason por isso; pelo menos ainda não.

– Hong Kong? O que um rapaz branco inteligente como você iria querer com uma operação japa, porra?

– Bem, tecnicamente eles não são japas, o que é uma abreviação de japoneses – disse Jason. – Hong Kong é predominantemente cantonesa...

– Eles são todos japas – disse o Sr. Caruso – e sabe por que é que eu digo isso? Não é porque eu seja racista, porra, porque eu não sou. É porque, para eles, pra essa gente, você sabe, os japas, nós somos todos demônios estrangeiros. É assim que eles nos chamam. Demônios estrangeiros. Você gosta disso?

Jason simplesmente deu uma gostosa gargalhada.

– Depois de todas as coisas boas que fizemos pra eles. Mas aqui, na América, Jasie-boy, somos todos demônios estrangeiros, não somos? Todos viemos de algum lugar... a não ser por esses índios do caralho. Você não vai fazer nenhuma entrevista na Nação Lakota, vai?

– Não, Sr. Caruso – disse Jason.

– Isso mesmo. Concordo com você. Mas estou me desviando do ponto central, que é o seguinte: como todos nós temos nossas próprias identidades étnicas e culturais exclusivas, precisamos arrumar um emprego com uma organização que respeite e procure preservar essas identidades distintas, fundindo-as num todo funcional, entende?

– Sim, eu sei o que o senhor quer dizer, Sr. Caruso – respondeu Jason.

A essa altura, o Sr. Caruso já havia se afastado um pouco com ele e estava passeando por uma das metafóricas Rodovias da Oportunidade.

– Agora, você consegue pensar em alguma organização de negócios que preencha essa qualificação, Jasie-boy?

– Bem...

– Hong Kong não, porra. Isso é para brancos que querem ser japas mas não podem, não sabia? Você não quer ser japa, quer?

– Haha. Não, senhor, Sr. Caruso.

– Sabe o que eu ouvi dizer? – O Sr. Caruso soltou Jason, se virou e ficou perto dele, peito a peito, seu charuto passando de raspão pela orelha de Jason como uma flecha flamejante enquanto ele gesticulava. Essa era uma parte confidencial da conversa, uma pequena anedota entre os dois homens. – No Japão, se você fizer alguma cagada, eles cortam um dos seus dedos fora. Chop. Sem mais aquela. Juro por Deus. Você não acredita em mim?

– Eu acredito no senhor. Mas não é assim no Japão inteiro, senhor. Só na *Yakuza*. A Máfia japonesa.

O Sr. Caruso se curvou de tanto gargalhar, e tornou a colocar o braço nos ombros de Jason. – Sabe, eu gosto de você, Jason, gosto mesmo – ele disse. – A Máfia japonesa. Me diga uma coisa, Jason, você já ouviu alguém descrever nosso negócio como “A Yakuza Siciliana”? Hein?

Jason riu.

– Não, senhor.

– E sabe por quê? Sabe? – O Sr. Caruso havia chegado à parte séria e significativa de seu discurso.

– Por quê, senhor?

O Sr. Caruso girou Jason para que os dois ficassem de frente para a gigantesca efígie do Tio Enzo, que ficava sobre o cruzamento como a Estátua da Liberdade.

– Porque só existe uma, filho. Só uma. E você pode fazer parte dela.

– Mas ela é tão competitiva...

– O quê? Mas que coisa é essa? Você tem uma média de três pontos! Você vai arrasar, filho!

O Sr. Caruso, como qualquer outro dono de franquia, tinha acesso à Turfnet, o serviço de listas múltiplas que a Nova Sicília usava para manter o controle do que chamava de “zonas de oportunidade”. Ele levou Jason de volta ao estande – passando por todos aqueles pobres coitados que estavam esperando na fila, e como Jason gostou disso – e assinou contrato com a rede. Tudo o que Jason precisava fazer era escolher uma região.

– Tenho um tio que tem uma concessionária de carros no sul da Califórnia – disse Jason –, e eu sei que é uma área que está se expandindo rapidamente, e...

– Muitas “zonas de oportunidade” – interrompeu o Sr. Caruso, batucando no teclado com um floreio das mãos. Ele virou o monitor para mostrar a Jason um mapa incandescente da área de LA de manchas vermelhas que representavam setores de terreno ainda não aproveitados. – Pode escolher, Jasie-boy!

***

Hoje, Jason Breckinridge é gerente da Nova Sicília #5328 no Vale. Ele veste seu blazer bonitão de terracota toda manhã e vai no seu Oldsmobile até o trabalho. Muitos jovens empreendedores estariam dirigindo BMWs ou Acuras, mas a organização da qual Jason faz parte confere bônus à tradição e valores de família e não incentiva coisas importadas estilosas.

– Se um carro americano é bom o bastante para o Tio Enzo...

O blazer de Jason tem o logotipo da Máfia costurado no bolso do peito. Uma letra "G" está costurada no logo, G de Gambino, que é a divisão que lida com as contas da Bacia de LA. Seu nome está escrito logo abaixo: "Jason (Bombado) Breckinridge". Este é o apelido que ele e o Sr. Caruso criaram um ano atrás na feira de empregos de Illinois. Todo mundo precisa ter um apelido, é uma tradição e um sinal de orgulho, e eles gostam de escolher alguma coisa que diga algo a seu respeito.

Como gerente de um escritório local, o trabalho de Jason é separar trabalho para contratados locais. Toda manhã ele estaciona seu Oldsmobile na frente e entra no escritório, abaixando-se rapidamente para entrar pela porta blindada para evitar possíveis atiradores de elite narcolombianos. Isso não impede que eles deem tiros ocasionais no grande Tio Enzo que fica em cima da franquia, mas essas placas conseguem aguentar uma quantidade extraordinária de maus-tratos antes de começarem a ficar com cara de gastas.

Já em segurança do lado de dentro, Jason se conecta à Turfnet. Uma lista de serviços começa a rolar automaticamente na tela. Tudo o que Jason precisa fazer é encontrar pessoas para executar todos esses serviços antes de ir para casa esta noite; caso contrário, ele próprio terá de dar conta deles. De um jeito ou de outro, eles têm de ser feitos. A grande maioria dos trabalhos é de entregas simples, que ele delega a Kouriers. Em seguida, coletas de devedores delinquentes e de franqueados que dependem da Nova Sicília para sua segurança. Se é um primeiro aviso, Jason gosta de passar no local pessoalmente, só para mostrar a bandeira, para enfatizar que sua organização tem uma abordagem pessoal, cara a cara, sem perda de tempo, microgerencial em relação a dívidas. Se é um segundo ou terceiro aviso, ele normalmente assina um contrato com a Deadbeaters International, uma agência de coleta de alto impacto com cujo trabalho ele tem ficado bem satisfeito. Em seguida, um ou outro Código H. Jason detesta lidar

com Códigos H; ele os considera sintomas de uma falha no sistema de confiança mútua que faz a sociedade funcionar. Mas normalmente esses códigos são tratados de modo direto em nível regional, e tudo o que Jason precisa fazer é um gerenciamento a *posteriori*, além do controle de danos.

Esta manhã, Jason está com uma aparência especialmente bem cuidada, e seu Oldsmobile acabou de ser polido. Antes de entrar no escritório, ele pega umas duas embalagens de hambúrgueres que foram jogadas no estacionamento; malditos atiradores. Jason ouviu dizer que o Tio Enzo está na área, e nunca se sabe quando ele pode estacionar sua frota de limusines e tanques de guerra em uma franquia da vizinhança e aparecer de surpresa para apertar as mãos da ralé. Sim, hoje Jason vai trabalhar até tarde, até receber a notícia de que o avião do Tio Enzo está seguramente fora da área.

Ele se conecta à Turfnet. Uma lista de serviços rola para cima na tela como de costume; não é uma lista muito comprida. A atividade interfranquias caiu muito hoje porque todos os gerentes locais estão arrumando, polindo e fazendo inspeções para a possível chegada do Tio Enzo. Mas um dos trabalhos aparece em letras vermelhas, um serviço prioritário.

Serviços prioritários são um pouco fora do comum. Um sintoma de moral baixa e desmazelo generalizado. Todo trabalho deveria ser um serviço prioritário. Mas, de tempos em tempos, há alguma coisa que absolutamente não pode ser atrasada ou cagada. Um gerente local como Jason não pode pedir um serviço prioritário; isso tem de vir de um escalão mais alto.

Normalmente, um serviço prioritário é um Código H. Mas Jason repara com alívio que este é uma entrega simples. Certos documentos precisam ser transportados à mão de seu escritório até Nova Sicília #4649, que fica ao sul do centro da cidade.

Bem ao sul. Compton. Uma zona de guerra, reduto de longa data de narcolombianos e pistoleiros rastafári.

Compton. Por que diabos um escritório em Compton precisaria de uma cópia assinada pessoalmente de seus registros financeiros? Eles deveriam estar usando todo o seu tempo aplicando Códigos H na concorrência lá fora.

Para falar a verdade, existe um grupo da Máfia Jovem muito ativo em um certo quarteirão de Compton que acabou de conseguir expulsar todos os

narcolombianos e transformar toda aquela área em uma vizinhança da Vigilância Mafiosa. Velhinhas voltaram a andar nas ruas. Crianças esperam pelos seus ônibus escolares e brincam de amarelinha em calçadas que até pouco tempo atrás estavam manchadas de sangue. É um ótimo exemplo; se isso pode ser feito naquele quarteirão, pode ser feito em qualquer lugar.

Na verdade, o Tio Enzo está chegando para parabenizá-los pessoalmente.

Naquela tarde.

E o #4649 vai ser seu quartel-general temporário.

As implicações disso são surpreendentes.

Jason recebeu um serviço prioritário para entregar seus registros para a própria franquia onde o Tio Enzo estará tomando seu expresso nesta tarde!

O Tio Enzo está interessado nele.

O Sr. Caruso afirmava que tinha contatos lá no alto escalão, mas será que eram mesmo contatos assim tão elevados?

Jason se recostou em sua cadeira giratória em tons de terra combinando para pensar na possibilidade muito real de que, em alguns dias, ele poderia estar gerenciando uma região inteira – ou até mesmo melhor que isso.

De uma coisa ele tem certeza: não é uma entrega para ser confiada a qualquer Kourier, qualquer punk numa prancha de skate. Jason vai levar seu Oldsmobile a Compton pessoalmente para entregar esse negócio.

18

Jason chega uma hora antes do prazo marcado. Ele saiu para chegar meia hora antes, mas, assim que vê Compton – ele já ouviu falar de histórias sobre o lugar, claro, mas meu Deus –, começa a dirigir feito um louco. Franquias baratas e feias tendem todas a adotar logotipos com muitos tons horríveis e brilhantes de amarelo, e por isso a Alameda Street está claramente marcada à sua frente, um jato de urina radioativa ejetado para o sul do centro morto de LA. Jason mira direto no meio, ignorando marcações de pistas e faróis vermelhos, e desce o pedal no acelerador.

A maioria das franquias é de operações de logos amarelos, do lado errado dos trilhos como Uptown, Narcolômbia, Caymans Plus, Metanzânia e The Clink. Mas, destacando-se como ilhas rochosas nesse pântano, encontram-se os franchulados da Nova Sicília: cabeças de praia para o esforço da Máfia em superar a incrivelmente forte Narcolômbia.

Terreninhos de merda, do tipo que nem mesmo The Clink compraria, sempre tendem a ser apanhados por gerentezinhos com mentalidade orientada para a economia que acabaram de gastar um milhão de ienes por uma licença da Narcolômbia e precisam de um terreno, qualquer terreno, para poderem colocar uma cerca e extraterritorializar. Esses franchulados locais enviam a maior parte de sua renda bruta para Medellín em taxas de franquia e quase não ganham o bastante para pagar as despesas gerais.

Alguns deles tentam dar um desfalque, enfiar algumas notas no bolso quando pensam que a câmera de segurança não os está filmando, e descer correndo a rua para o franchulado mais próximo de Caymans Plus ou The Alps, que proliferam nessas áreas como urubus na carniça. Mas essas pessoas rapidamente descobrem que para a Narcolômbia praticamente tudo é uma ofensa capital, e que para ela não existe sistema judiciário, apenas esquadrões justiceiros voadores que têm o direito de entrar à força em seu franchulado a

qualquer hora do dia ou da noite e enviar por fax seus registros de volta para o computador notoriamente seletivo em Medellín. Nada é mais chato do que ser arrastado para a frente de um pelotão de fuzilamento e encostado na parede dos fundos da empresa que se construiu com suas próprias mãos.

O Tio Enzo acredita que, com a ênfase da Máfia na lealdade e nos valores tradicionais de família, eles podem recrutar um bocado desses empreendedores antes de eles se tornarem cidadãos da Narcolômbia.

E isso explica os outdoors que Jason vê com uma frequência cada vez maior quando entra em Compton. O rosto sorridente do Tio Enzo parece despontar de cada esquina. Geralmente, ele está com o braço nos ombros de um garoto negro de aspecto saudável, e acima da imagem são apresentadas frases de efeito: A MÁFIA – VOCÊ TEM UM AMIGO NA FAMÍLIA! E RELAXE – VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NUMA VIZINHANÇA SOB VIGILÂNCIA DA MÁFIA! E TIO ENZO PERDOA E ESQUECE.

Esta última frase geralmente acompanha uma foto do Tio Enzo com o braço ao redor dos ombros de algum adolescente, dando-lhe um severo carão de tio. É uma alusão ao fato de que os colombianos e os jamaicanos simplesmente chegam e vão logo matando todo mundo.

No way, José! O Tio Enzo levanta uma das mãos para impedir um hispânico vagabundo portando uma Uzi; atrás dele, uma falange pan-étnica de crianças e vovozinhas, segurando resolutos bastões de beisebol e frigideiras.

Ah, claro, os narcolombianos ainda têm um monopólio sobre as folhas de coca, mas, agora que a Nippon Pharmaceuticals tem sua grande instalação de sintetização de cocaína em Mexicali quase finalizada, isso deixará de ser um privilégio. A Máfia está apostando que qualquer jovem esperto que entra para os negócios hoje em dia irá reparar nesses outdoors e pensar duas vezes. Por que terminar sufocado em suas próprias entranhas nos fundos de algum Buy ’n’ Fly quando se pode vestir um blazer de terracota novinho e se tornar parte de uma família jovial? Especialmente agora que eles têm capos negros, hispânicos e asiáticos que irão respeitar sua identidade cultural? A longo prazo, Jason está apostando tudo na Máfia.

Seu Oldsmobile preto é um puta dum alvo fácil num lugar daqueles. Compton é o pior lugar que Jason já viu na vida. Leprosos torrando cachorros em espetos sobre latões de querosene incendiados. Moradores de rua

empurrando carrinhos de supermercado com notas de um milhão e de um bilhão de dólares encharcadas e empilhadas, notas que eles tiraram de bueiros e esgotos. Bichos mortos nas ruas – bichos tão grandes que só poderiam ser seres humanos, esmagados e transformados em pastas que se estendem por um quarteirão. Bloqueios de estrada flamejantes atravessados em grandes avenidas. Nenhuma franquia em parte alguma. O Oldsmobile continua espocando. Jason não consegue pensar no que é até perceber que tem gente atirando nele. Que bom que ele deixou seu tio convencê-lo a blindar totalmente o carro! Quando ele percebe o que está acontecendo, fica doidão. Está acontecendo de verdade, cara! Ele está dirigindo no seu Olds e os filhos da puta estão atirando nele, e está tudo bem!

Por três quarteirões ao redor da franquia, todas as ruas estão bloqueadas por tanques de guerra da Máfia. Homens espreitam no alto de prédios queimados, portando rifles de dois metros de comprimento e vestindo jaquetas windbreakers pretas com a palavra MÁFIA escrita nas costas em letras fluorescentes de quinze centímetros.

Caralho, cara, que demais.

Aproximando-se do checkpoint, ele percebe que seu Olds está agora passando por cima de uma mina claymore portátil. Se ele fosse o sujeito errado, seu carro seria transformado num donut de aço. Mas ele não é o homem errado. Ele é o homem certo. Ele tem um serviço prioritário, uma pilha de documentos no banco ao seu lado, amarradinhos e bonitinhos.

Jason desce o vidro da janela e um guarda de alto escalão da Máfia o acerta com o scanner de retina. Não tem essa bobagem de carteira de identidade. Eles sabem quem ele é num microssegundo. Ele se recosta no banco do carro, vira o espelho retrovisor para dar uma olhada em si mesmo, verifica o penteado. Não está tão mal.

– Meu camarada – diz o guarda. – Você não tá na lista não.

– Estou sim – afirma Jason. – Esta é uma entrega prioritária. Estou com os documentos bem aqui.

Ele entrega ao guarda uma cópia impressa do serviço da Turfnet. O homem olha para Jason, dá um grunhido e entra em seu tanque ricamente decorado com antenas.

Há uma longa, longa espera.

Um homem se aproxima a pé, caminhando pelo espaço vazio entre a franquia da Máfia e o perímetro. O terreno baldio é uma vastidão selvagem de tijolos calcinados e conduítes elétricos retorcidos, mas esse cavalheiro está caminhando por ele como se fosse Cristo no Mar da Galileia. Seu terno é perfeitamente preto. Seu cabelo também. Ele não tem nenhum guarda consigo. A segurança do perímetro é boa assim.

Jason repara que todos os guardas naquele checkpoint estão em pé com um pouco mais de rigidez, ajustando as gravatas, ajeitando os punhos das camisas. Jason quer descer de seu Oldsmobile cheio de balas para demonstrar o respeito adequado a quem quer que este sujeito seja, mas não pode abrir a porta porque um guarda enorme está em pé bem ali, usando o teto do carro como espelho.

E rapidamente o sujeito está ali.

– É ele? – ele pergunta a um guarda.

O guarda olha para Jason por dois segundos, como se não pudesse acreditar no que via, e então se dirige ao homem importante de terno preto e faz que sim com a cabeça.

O homem de terno preto também acena com a cabeça, puxa levemente os punhos da camisa e olha por alguns momentos ao seu redor, para os atiradores de elite nos telhados, para toda parte, menos para Jason. Então ele avança um passo. Um de seus olhos é feito de vidro e não aponta para a mesma direção que o outro. Jason acha que ele está olhando para outro lugar. Mas ele está olhando para Jason com o olho bom. Ou talvez não. Jason não sabe dizer qual olho é o verdadeiro. Ele estremece e fica todo duro como um cachorrinho congelado.

– Jason Breckinridge – diz o homem.

– O Bombado – Jason o lembra.

– Cale a boca. Durante o resto desta conversa, você não dá um pio. Quando eu disser o que foi que você fez de errado, você não pede desculpas, porque eu já sei que você lamenta. E, quando você sair daqui vivo, não me agradeça por isso. E tampouco se despeça de mim.

Jason faz que sim com a cabeça.

– Não quero sequer que você faça que sim com a cabeça, de tanto que você me irrita. Fique bem parado e cale a boca. Ok, lá vamos nós. Nós demos um

serviço prioritário para você esta manhã. Era muito fácil. Tudo o que você precisava fazer era ler a porra da folha de serviços. Mas você não leu. Você simplesmente tomou para si a porra do caralho da entrega. Coisa que a folha de serviços dizia explicitamente para você não fazer.

Os olhos de Jason dardejam na direção do maço de documentos no banco.

– Isso não vale merda nenhuma – diz o homem. – Não queremos seus documentos de merda. Não estamos nem aí pra você e para a porra da sua franquia lá no cu do mundo. Tudo o que nós queríamos era a Kourier. A folha de serviços dizia que esta entrega deveria ser feita por uma Kourier particular que trabalha em sua área, uma certa Y. T. Acontece que o Tio Enzo gosta da Y. T. Ele quer encontrá-la. Agora, porque você cagou tudo, o Tio Enzo não vai realizar o seu desejo. Ah, que resultado terrível. Que vergonha. Que cagada incrível, é o que isso é. É tarde demais para salvar sua franquia, Jason Bombado, mas pode não ser tarde demais para evitar que os ratos do esgoto comam seus mamilos no jantar.

19

– Isto não foi feito por uma espada – diz Hiro. Ele está para lá de surpreso ao olhar o cadáver de Lagos. Todas as emoções provavelmente vão desabar em cima dele mais tarde, quando ele for para casa e tentar dormir. Por ora, a parte pensante de seu cérebro parece estar separada de seu corpo, como se ele tivesse acabado de ingerir uma grande dose de drogas, e ele está tão calmo quanto Squeaky.

– Ah, é mesmo? Como é que você sabe? – pergunta Squeaky.

– Espadas fazem cortes rápidos de uma ponta a outra. Tipo assim: você corta fora uma cabeça ou um braço. Uma pessoa que foi morta por uma espada não fica deste jeito.

– É mesmo? Você já matou muita gente com espadas, Sr. Protagonist?

– Sim. No Metaverso.

Eles ficam ali parados por mais um tempo, olhando para o corpo.

– Isto não parece um movimento de velocidade. Parece um movimento de força – diz Squeaky.

– O Corvo parece forte o bastante.

– Isso ele parece.

– Mas não acho que ele estivesse portando uma arma. Os Crips o revistaram antes, e ele estava limpo.

– Bom, então ele deve ter pegado alguma emprestado – argumenta Squeaky. – Sabe, este bug estava fuçando tudo por aqui. A gente estava de olho nele, porque tínhamos medo de que ele fosse deixar o Corvo puto. Ele não parava de circular procurando um ponto de observação.

– Ele estava carregando equipamento de vigilância – diz Hiro. – Quanto mais alto ele fica, melhor funciona.

– Então ele acabou aqui na barragem. E aparentemente o criminoso sabia onde ele estava.

– A poeira – alerta Hiro. – Veja os lasers.

Lá embaixo, Sushi K dá piruetas espasmódicas com uma garrafa de cerveja equilibrada na testa. Uma série de feixes de laser varre a barragem, claramente visível na poeira fina que está sendo desenhada nela pelo vento.

– Este sujeito.. este bug... estava usando lasers. Assim que ele subiu aqui...

– Ele traiu sua posição – diz Squeaky.

– E aí o Corvo veio atrás dele.

– Bom, não estamos dizendo que é ele – afirma Squeaky. – Mas preciso saber se esta figura aqui – acena com a cabeça para o cadáver – poderia ter feito alguma coisa que levasse o Corvo a se sentir ameaçado.

– O que é isso, terapia de grupo? Quem se importa se o Corvo se sente ameaçado?

– Eu me importo – Squeaky declara, com grande senso de objetividade.

– Lagos era apenas um gárgula. Um grande membro da inteligência. Não acho que ele fizesse bio-operações... e mesmo que fizesse, não faria com esse equipamento.

– Então por que você acha que o Corvo estava se sentindo tão cheio de não me toques?

– Acho que ele não gosta de ser vigiado – deduz Hiro.

– É – diz Squeaky. – Você devia se lembrar disso.

Então Squeaky coloca uma das mãos sobre a orelha, para ouvir melhor as vozes no rádio do seu headset.

– Y. T. viu isso acontecer? – pergunta Hiro.

– Não – murmura Squeaky alguns segundos depois. – Mas ela viu o Corvo deixar a cena. Ela está seguindo ele.

– Por que é que ela faria isso?

– Acho que você disse para ela fazer isso, ou coisa parecida.

– Eu não sabia que ela iria segui-lo.

– Bom, ela não sabe que ele matou o cara – Squeaky lembra. – Ela acabou de ligar reportando um avistamento: ele está na Harvey, indo na direção de Chinatown. – E começa a subir correndo a barragem. Dois carros dos Enforcers estão estacionados no acostamento da rodovia lá em cima, esperando.

Hiro vai atrás. Suas pernas estão numa forma incrível por causa das lutas de espada, e consegue alcançar Squeaky quando ele chega ao carro. Quando o motorista destrava o mecanismo elétrico das portas, Hiro se mete no banco traseiro ao mesmo tempo que Squeaky entra no dianteiro. Squeaky se vira e lhe dá um olhar cansado.

– Vou me comportar – diz Hiro.

– Só uma coisa...

– Eu sei. Não se meta com o Corvo.

– Isso mesmo.

Squeaky o encara por mais um instante e então lhe dá as costas, fazendo um gesto para que o motorista dirija. Ele impacientemente rasga três metros de formulário contínuo da impressora do console e começa a analisá-lo.

Nessa longa faixa de papel, Hiro vislumbra várias fotos do Crip importante, o sujeito de cavanhaque com quem o Corvo estava fazendo negócios antes. No impresso, ele é chamado de “T-Bone Murphy”.

Também há uma foto do Corvo. É uma foto em ação, não uma foto posada. É uma foto horrível. Foi tirada com alguma espécie de equipamento óptico com amplificação de luz que retira as cores e deixa tudo incrivelmente granulado e com baixo contraste. É como se algum processador de imagem tivesse trabalhado pra torná-la mais nítida; isso também a torna mais granulada. A placa da moto é apenas um borrão ovalado, sobrepujado pelo brilho da luz traseira. A moto está bastante inclinada, a roda do sidecar a vários centímetros do chão. Mas o motociclista não tem nenhum pescoço visível; sua cabeça, ou melhor, a mancha preta que está ali, simplesmente vai ficando mais larga até se fundir em seus ombros. Definitivamente é o Corvo.

– Como é que você tem fotos de T-Bone Murphy lá? – pergunta Hiro.

– Ele o está caçando – diz Squeaky.

– Quem está caçando quem?

– Bom, sua amiga Y. T. não é nenhuma jornalista investigativa tipo Edward R. Murrow, mas, até onde podemos concluir com base nos relatórios dela, eles foram avistados na mesma área, tentando matar um ao outro – explica Squeaky. Ele está falando com os tons lentos e distantes de alguém que está recebendo atualizações ao vivo pelos fones de ouvido.

– Eles estavam fazendo algum tipo de acordo antes – conclui Hiro.

– Então não me surpreendo que eles estejam tentando matar um ao outro agora.

***

Assim que chegam a uma certa parte da cidade, seguir o show de T-Bone e o Corvo demonstra ser uma questão de ligar as ambulâncias. A cada dois quarteirões, há um aglomerado de policiais e médicos, luzes piscando, rádios fazendo ruído. Tudo o que eles precisam fazer é ir de um ao outro.

No primeiro, há um Crip morto deitado no asfalto. Uma mancha de sangue de dois metros de largura escorre de seu corpo, numa diagonal que desce a rua até o meio-fio. O pessoal da ambulância está ali em pé ao redor, fumando e tomando café em copinhos de papel, esperando que os Enforcers acabem de medir e fotografar o cadáver para poder levá-lo ao necrotério. Não há linhas intravenosas montadas, nem vestígios de lixo médico jogado pela área, nenhuma caixa de primeiros socorros aberta; eles nem tentaram.

Eles prosseguem por mais uns dois quarteirões até a próxima constelação de luzes piscantes. Ali, os motoristas de ambulância estão inflando uma tala em torno da perna de um MetaCop.

– Atropelado por uma motocicleta – diz Squeaky, balançando a cabeça com o tradicional desdém dos Enforcers por seus patéticos irmãos mais novos, os MetaCops.

Finalmente, ele gruda o *feed* de rádio no console para que todos possam ouvir.

A trilha do motociclista já esfriou, e parece que a maioria dos tiras locais está lidando com problemas posteriores. Mas uma cidadã acabou de ligar para reclamar que um homem de motocicleta e várias outras pessoas estão devastando um campo de lúpulo no quarteirão dela.

– A três quarteirões daqui – Squeaky fala para o motorista.

– Lúpulo? – pergunta Hiro.

– Eu conheço o lugar. Microcervejaria local – diz Squeaky. – Eles cultivam seu próprio lúpulo. Terceirizam para alguns jardineiros urbanos. Camponeses

chineses que fazem o trabalho braçal para eles.

***

Quando eles chegam, as primeiras figuras de autoridade na cena, é óbvio o motivo pelo qual o Corvo decidiu se deixar caçar até um campo de lúpulo: é uma grande cobertura. Os lúpulos são vinhas pesadas e cheias de flores que crescem em caramanchões, todos feitos de varas de bambu enfeixadas. Os caramanchões têm quase três metros de altura; não se consegue ver nada.

Todos saem do carro.

– T-Bone? – Squeaky grita.

Eles ouvem alguém gritando em inglês do meio do campo.

– Aqui!

Mas ele não está respondendo para Squeaky.

Eles entram no campo de lúpulo. Com cuidado. Há um cheiro que a tudo envelopa, um odor resinoso parecido com maconha, o cheiro acre que vem de uma cerveja cara. Squeaky faz um gesto para que Hiro fique atrás dele.

Em outras circunstâncias, Hiro faria isso. Ele é meio japonês e, sob certas circunstâncias, tem um respeito total pela autoridade.

Só que esta não é uma dessas circunstâncias. Se o Corvo chegar perto de Hiro, Hiro vai conversar com ele com sua katana. E se chegar a isso, Hiro não quer Squeaky por perto, porque o Enforcer poderia perder um braço ou uma perna no *backswing*.

– Yo, T-Bone! – grita Squeaky. – São os Enforcers, e estamos muito putos! Sai já daí, porra! Vamos voltar pra casa!

T-Bone, ou pelo menos Hiro supõe que seja T-Bone, responde apenas disparando uma rajada curta de uma submetralhadora. O flash do cano ilumina as vinhas de lúpulo como uma luz estroboscópica. Hiro se joga no chão de lado, enterrando-se na terra fofa e na folhagem por alguns segundos.

– Caralho! – diz T-Bone.

É um “caralho” decepcionado, mas um “caralho” que traz consigo um subtom pesado de frustração avassaladora, e não um pouquinho de medo.

Hiro se agacha e olha ao redor. Squeaky e os outros Enforcers não estão por perto.

Hiro abre caminho à força por um dos caramanchões e entra numa fileira mais próxima da ação.

O outro Enforcer – o motorista – está na mesma fileira, cerca de dez metros de distância, de costas para Hiro. Ele dá uma olhada para trás, na direção de Hiro, e depois olha em outra direção e vê outra pessoa. Hiro não consegue ver direito quem é, porque o Enforcer está no meio.

– Mas que merda – diz o Enforcer.

Então ele dá um pequeno pulo, como se tivesse tomado um susto, e alguma coisa acontece com as costas de sua jaqueta.

– Quem é? – Hiro pergunta. O Enforcer não fala nada. Ele está tentando se virar, mas alguma coisa o impede. Alguma coisa está balançando as vinhas ao seu redor.

O Enforcer estremece e desliza para os lados.

– Preciso me soltar – ele resmunga, falando alto para ninguém em particular. Ele irrompe num trote, correndo para longe de Hiro. A outra pessoa que estava na fileira desapareceu. O Enforcer está correndo num estranho passo ereto com os braços abaixados. Sua jaqueta verde brilhante não está vestida corretamente.

Hiro corre atrás dele. O Enforcer está trotando na direção do fim da fileira, onde as luzes da rua são visíveis.

O Enforcer sai do campo dois segundos adiante dele, e, quando Hiro chega ao meio-fio, o homem está no meio da estrada, iluminado em grande parte por uma luz azul que pisca, vinda de uma tela de vídeo gigante no alto. Ele está se virando com pequenos e estranhos passos, sem conseguir manter muito bem o equilíbrio. Ele está repetindo “aaah, aaah” com uma voz baixa e calma que gorgoleja como se precisasse muito limpar a garganta.

Quando o Enforcer termina de se virar, Hiro percebe que ele foi empalado por uma lança de bambu de 2,5 metros de comprimento. Metade está saindo pela frente, metade pelas costas. A metade das costas está escura de sangue e pedaços pretos de fezes; a metade da frente está verde-amarelada e limpa. O Enforcer só pode ver a metade da frente e suas mãos estão subindo e descendo por ele, tentando compreender o que seus olhos estão vendo. Então a metade de trás bate

em um carro estacionado, espirrando um leque estreito de gosma cerebral sobre o capô polido e encerado. O alarme do carro dispara. O Enforcer ouve o som e se vira para ver o que é.

Quando Hiro vê esse Enforcer pela última vez, ele está descendo correndo o centro da rua de neon pulsante na direção do centro de Chinatown, uivando uma canção terrível e aleatória que se choca com o balido do alarme do carro. Hiro sente mesmo naquele instante que alguma coisa no mundo foi rasgada e que ele está pendurado nessa borda, olhando para um lugar onde ele não quer estar. Perdido na biomassa.

Hiro puxa sua katana.

– Squeaky! – grita Hiro. – Ele está atirando lanças! Ele tem uma pontaria ótima! Seu motorista foi atingido!

– Já vi! – retruca Squeaky.

Então Hiro volta à fileira mais próxima. Ele ouve um som à direita e usa a katana para abrir seu caminho por aquela fileira. Esse não é um bom lugar para se estar no momento, mas é mais seguro do que ficar no meio da rua sob a luz plutônica da tela de vídeo.

Um homem está no final da fileira. Hiro o reconhece pelo estranho formato de sua cabeça, que simplesmente vai ficando cada vez mais larga até chegar aos ombros. Ele está segurando uma vara de bambu recém-cortada em uma das mãos, arrancada do caramanchão.

O Corvo acaricia uma ponta da vara com a outra mão, e um pedaço cai. Alguma coisa reluz nessa mão, aparentemente a lâmina de uma faca. Ele acabou de cortar a ponta da vara em um ângulo agudo para transformá-la numa lança.

Ele a atira com fluidez. O movimento é calmo e bonito. A lança desaparece porque está indo diretamente para cima de Hiro.

Hiro não tem tempo para adotar a postura adequada, mas está tudo bem, porque ele já a havia adotado. Sempre que está com uma katana nas mãos ele a adota automaticamente, porque teme que possa perder o equilíbrio e cortar por descuido uma de suas extremidades. Pés paralelos e apontados bem para a frente, pé direito na frente do pé esquerdo, katana empunhada no nível da virilha como uma extensão do falo. Hiro levanta a ponta e bate na lança com a lateral da lâmina, desviando-a o bastante; ela sai girando levemente para o lado, a ponta se

afastando de Hiro por pouco e indo se emaranhar numa vinha à direita. A extremidade traseira gira e fica pendurada para cima à esquerda, rasgando algumas vinhas até parar. Ela é pesada e viaja muito rápido.

O Corvo sumiu.

Nota mental: não importando se o Corvo tinha a intenção ou não de encarar um bando de Crips e Enforcers sozinho esta noite, ele sequer se incomodou em pegar uma arma.

Outra rajada de tiros se faz ouvir a várias fileiras dali.

Hiro estava em pé ali há muito tempo, pensando no que havia acabado de acontecer. Ele corta a fileira seguinte de vinhas e vai na direção do flash da arma, correndo até botar os bofes para fora:

– Não atire para cá, T-Bone, eu estou do seu lado, cara.

– O filho da puta jogou uma lança no meu peito, cara! – reclama T-Bone.

Quando você está usando armadura, ser atingido por uma lança simplesmente não é mais tão grave assim.

– Talvez você deva simplesmente deixar pra lá! – diz Hiro. Ele está tendo de abrir caminho por muitas fileiras para chegar até T-Bone, e se T-Bone continuar falando, Hiro conseguirá encontrá-lo.

– Eu sou um Crip. Nós não esquecemos nada – afirma T-Bone. – É você?

– Não – avisa Hiro. – Ainda não cheguei aí.

Uma rajada de balas muito breve, rapidamente interrompida. Subitamente, ninguém mais está falando. Hiro abre caminho até a próxima fileira e quase pisa na mão de T-Bone, que foi amputada na altura do pulso. O dedo dele ainda está preso à trava do gatilho de uma MAC-11.

O resto de T-Bone está correndo a duas fileiras de distância. Hiro para e espia por entre as vinhas.

O Corvo é um dos maiores homens que Hiro já viu fora de um evento esportivo profissional. T-Bone está se afastando dele, descendo a fileira. O Corvo, andando a passos longos e confiantes, alcança T-Bone e sobe um braço na direção do corpo dele; Hiro não precisa ver a faca para saber que ela está lá.

Parece que T-Bone vai sair disso com nada pior que uma mão reimplantada e algum trabalho de reabilitação, porque não se pode esfaquear e matar uma pessoa assim, não se ela estiver usando armadura.

T-Bone grita.

Ele está pulando para cima e para baixo na mão do Corvo. A faca atravessou todo o tecido à prova de balas e agora o Corvo está tentando estripar T-Bone da mesma maneira que fez com Lagos. Mas sua faca – seja lá que diabo ela for – não vai cortar o material desse jeito. Ela é afiada o bastante para penetrar – o que deveria ser impossível –, mas não o suficiente para cortar.

O Corvo a arranca, se ajoelha e gira a faca em uma longa elipse entre as coxas de T-Bone. Então pula sobre o corpo caído de T-Bone e sai correndo.

Hiro se dá conta de que T-Bone é um homem morto, então vai atrás do Corvo. Sua intenção não é caçar o homem, e sim manter uma imagem muito clara de onde ele está.

Ele precisa cortar caminho por uma série de fileiras. Rapidamente perde o rastro do Corvo. Chega a pensar em correr o mais rápido possível na direção oposta.

Então ouve o ronco longo e profundo do motor de uma motocicleta. Hiro corre para a saída mais próxima, simplesmente torcendo para ver o sujeito.

E ele o vê, embora seja muito rápido, não muito melhor do que a imagem no carro do tira. O Corvo se vira e encara Hiro no instante em que está dando o fora. O motoqueiro está bem embaixo de um poste de luz, por isso Hiro consegue olhar com clareza para seu rosto pela primeira vez. Ele é asiático. Tem um bigode bem fino que desce até o queixo.

Outro Crip chega correndo pela rua meio segundo depois de Hiro, no momento em que o Corvo está indo embora. Por um instante ele reduz a velocidade para conferir a situação, então ataca com a moto como um zagueiro de futebol americano. Faz isso soltando um grito, um grito de guerra.

Squeaky emerge ao mesmo tempo que o Crip, e começa a caçar os dois rua abaixo.

O Corvo parece não estar consciente do Crip correndo atrás dele, mas, pensando depois, era de se imaginar que ele estivesse prestando atenção em sua aproximação pelo retrovisor da motocicleta. Quando o Crip chega ao seu alcance, a mão do Corvo solta o guidão por um instante e vai para trás como se ele estivesse jogando lixo fora. Seu punho atinge o meio do rosto do Crip como um pernil congelado disparado por um canhão. A cabeça do Crip estala para trás,

os pés levantam do chão, ele quase dá uma cambalhota inteira de costas e cai no asfalto, batendo primeiro com a nuca, depois com ambos os braços. Parece uma queda controlada, mas, se for isso mesmo, deve ter sido por puro reflexo.

Squeaky desacelera, se vira e se ajoelha ao lado do Crip caído, ignorando o Corvo.

Hiro vê o gigantesco traficante e assassino atirador de lanças radioativo levar sua motocicleta para Chinatown. O que equivale a levá-la para a China, em termos de perseguição.

Ele corre até o Crip, que está deitado crucificado no centro da rua. A metade inferior do rosto do Crip está bastante difícil de distinguir. Seus olhos estão semiabertos, e ele até que parece relaxado. Fala bem baixinho.

– Esse cara é um índio ou coisa parecida, porra.

Ideia interessante. Mas Hiro ainda acha que ele é asiático.

– Porra, o que é que você pensa que estava fazendo, seu babaca? – pergunta Squeaky. Ele parece tão puto que Hiro até dá um passo para trás.

– Aquele filho da puta enganou a gente. A maleta pegou fogo – o Crip murmura pelo maxilar arrebentado.

– Então por que é que vocês simplesmente não deixaram pra lá? Estão malucos, tentando foder com o Corvo assim?

– Ele enganou a gente. Ninguém faz isso e escapa vivo.

– Bom, o Corvo acabou de fazer isso – diz Squeaky. Por fim, ele está se acalmando um pouco. Relaxa na sua posição de agachamento e olha para Hiro.

– T-Bone e o motorista dele não devem estar vivos – informa Hiro. – E é melhor esse cara aí não se mexer, pode ter uma fratura no pescoço.

– Ele tem sorte por *eu* não fraturar o pescoço dele, caralho – resmunga Squeaky.

O pessoal da ambulância chega lá rápido o bastante para colocar um colar cervical inflável no pescoço do Crip antes de ele ficar ambicioso o bastante para se levantar. Em poucos minutos eles o levam dali.

Hiro volta para os lúpulos e encontra T-Bone. T-Bone está morto, caído de joelhos e encostado num caramanchão. A punhalada em seu colete a prova de balas provavelmente teria sido fatal, mas o Corvo não se satisfez com isso. Ele se abaixou e cortou as coxas de T-Bone em cortes longitudinais: as coxas estão

abertas até os ossos agora. Ao fazer isso, ele abriu extensamente as artérias femurais de T-Bone, e todo o sangue dele subitamente se esvaiu do corpo. Como se cortassem o fundo de um copo de isopor.

20

Os Enforcers transformam o quarteirão inteiro em um quartel-general policial móvel com carros, tanques e links de satélite em caminhões. Sujeitos com jalecos brancos estão andando para cima e para baixo pelo campo de lúpulo com contadores Geiger. Squeaky está vagando por ali com seu headset, olhando para o nada, conversando com gente que não está ali. Um caminhão-reboque aparece, rebocando o BMW preto de T-Bone.

– Yo, pod.

Hiro se vira. É Y. T. Ela acabou de sair de uma lanchonete Hunan do outro lado da rua. A Kourier entrega a Hiro uma caixinha branca e um par de pauzinhos.

– Frango apimentado com molho de feijão preto, sem glutamato monossódico. Você sabe usar pauzinhos?

Hiro ignora o insulto.

– Fiz um pedido duplo – continua Y. T. – porque achei que a gente conseguiu boas infos esta noite.

– Você está ciente do que aconteceu aqui?

– Não. Quero dizer, algumas pessoas obviamente se machucaram.

– Mas você não foi testemunha ocular.

– Não, eu não consegui acompanhá-los.

– Que ótimo – diz Hiro.

– O que aconteceu?

Hiro simplesmente balança a cabeça. O frango apimentado brilha escuro sob as luzes. Nunca em sua vida ele teve menos fome do que agora.

– Se eu soubesse, não teria envolvido você nisso. Achei que fosse apenas um trabalho de vigilância.

– O que aconteceu?

– Não quero falar sobre isso. Escute, fique longe do Corvo, ok?

– Claro – ela concorda, naquele tom agudo de voz que se usa quando se está mentindo e quer ter certeza de que o outro entendeu isso.

Squeaky abre a porta de trás do BMW e olha o banco. Hiro chega um pouco mais perto e sente um cheiro forte de fumaça fria. É cheiro de plástico queimado.

A maleta de alumínio que o Corvo dera mais cedo para T-Bone está no meio do banco. Parece que foi atirada dentro de uma fogueira; tem manchas de fumaça preta espalhadas ao redor das fechaduras, e sua alça de plástico está parcialmente derretida. O couro macio que cobre os bancos do BMW tem marcas de queimado. É claro que T-Bone ia ficar puto.

Squeaky calça um par de luvas de látex. Ele retira a maleta do carro, coloca-a sobre a tampa do porta-malas e quebra as fechaduras com um pequeno pé de cabra.

Seja lá o que for aquilo, é complicado e tem um design sofisticado. A metade superior da caixa apresenta diversas fileiras com os minúsculos tubos de tampa vermelha que Hiro viu no U-Stor-It. São cinco fileiras com talvez vinte tubos cada.

A metade inferior da caixa parece ser um tipo de terminal de computador miniaturizado antigo. A maior parte dela é ocupada por um teclado. Há uma tela pequena de cristal líquido n a qual provavelmente cabem cinco linhas de texto de cada vez. Há um objeto semelhante a uma caneta preso à caixa por um cabo, talvez um metro e meio se desenrolado. Parece uma light pen ou um scanner de código de barras. Sobre o teclado, uma lente, montada em um ângulo de forma que fica apontada para quem estiver usando o teclado. Há outras coisas cujo propósito não é tão óbvio: um slot, que poderia servir para inserir um cartão de crédito ou de identidade, e uma tomada cilíndrica que tem quase o tamanho de um dos tubinhos.

Esta é a reconstrução de Hiro de como a coisa devia ser quando inteira. Quando Hiro a vê, ela está toda derretida. A julgar pelo padrão de marcas de fumaça na parte externa da caixa – que parecem se projetar para fora da rachadura entre o topo e o fundo –, a fonte das chamas veio de dentro, e não de fora.

Squeaky mete a mão ali dentro e solta um dos tubos de sua presilha, segurando-o na frente das luzes brilhantes de Chinatown. Ele havia sido

transparente, mas estava agora manchado pelo calor e pela fumaça. De uma certa distância, parece um frasco simples, mas, aproximando-se para olhar mais de perto, Hiro pode ver pelo menos meia dúzia de minúsculos compartimentos individuais dentro da coisa, todos conectados uns aos outros por tubos capilares. O tubo tem uma tampa de plástico vermelha numa das extremidades. A tampa tem uma janela retangular preta, e, quando Squeaky a vira, Hiro pode ver o brilho vermelho-escuro de um display de LED inativo ali dentro, como se estivesse olhando o display de uma calculadora desligada. Por baixo disso há uma pequena perfuração. Não é um simples buraco furado. Ele é largo na superfície, mas que rapidamente vai se estreitando até chegar a um furinho quase invisível, como a boca de um trompete.

Os compartimentos dentro do frasco estão todos parcialmente cheios de líquidos. Alguns deles são transparentes e outros são preto-amarronzados. Os marrons têm de ser orgânicos de alguma espécie, agora reduzidos a canja pelo calor. Os transparentes podem ser qualquer coisa.

– Ele saiu para ir a um bar e tomar um drinque – murmura Squeaky. – Que babaca.

– Quem fez isso?

– T-Bone. Sabe, T-Bone era, tipo assim, o dono registrado desta unidade. A maleta. E assim que ele se afastou mais de três metros dela, ela *fuush*: se autodestruiu.

– Por quê?

Squeaky olha para Hiro como se ele fosse imbecil.

– Bom, eu não trabalho para a Central Intelligence ou coisa do gênero. Mas acho que quem quer que tenha feito esta droga, chamam-na de Contagem Regressiva, ou Tampa Vermelha, ou Snow Crash, é alucinado por segredos de negócios. Então, se o traficante abandona a maleta, ou a perde, ou tenta transferir sua propriedade para outra pessoa... *fuush*.

– Você acha que os Crips vão pegar o Corvo?

– Em Chinatown, não. Merda – diz Squeaky, ficando puto novamente em retrospecto. – Não acredito naquele cara. Eu poderia ter matado ele.

– O Corvo?

– Não. Aquele Crip. Caçando o Corvo. Ele teve sorte porque o Corvo o pegou primeiro, e não eu.

– Você estava caçando o Crip?

– Claro que eu estava caçando o Crip. Você acha que eu estava tentando pegar o Corvo?

– É, achava. Quero dizer, ele é o bandido, não é?

– Definitivamente. Então eu estaria caçando o Corvo se eu fosse um tira e se pegar bandidos fosse meu trabalho. Mas eu sou um Enforcer, e o meu trabalho é garantir a ordem. Então estou fazendo tudo o que posso, bem como todos os outros Enforcers da cidade, para proteger o Corvo. E se você tiver alguma ideia sobre tentar encontrar o Corvo e se vingar pelo seu colega que ele detonou, pode esquecer.

– Detonou? Que colega? – Y. T. interrompe. Ela não viu o que aconteceu com Lagos.

Hiro está mortificado pela ideia.

– É por isso que todo mundo está tentando me dizer pra não foder com o Corvo? Eles estavam com medo de que eu fosse *atacá-lo*?

Squeaky olha para as espadas.

– Você tem como.

– Por que é que alguém protegeria o Corvo?

Squeaky sorri, como se tivesse acabado de atravessar a fronteira para o reino das piadas.

– Ele é um Estado Soberano.

– Então declarem guerra a ele.

– Não é uma boa ideia declarar guerra a uma potência nuclear.

– Hein?

– Meu Deus – diz Squeaky, balançando a cabeça. – Se eu tivesse alguma ideia de como você não sabe nada desta merda, eu jamais teria deixado você entrar no meu carro. Pensei que você fosse algum tipo de agente de bio-operações sério da CIC. Está me dizendo que você realmente não sabia nada sobre o Corvo?

– Sim, é isso o que estou dizendo.

– Ok. Vou contar pra você não sair por aí e provocar mais estragos. O Corvo tem uma ogiva nuclear que ele tirou de um velho submarino nuclear soviético. Era um torpedo que foi projetado para destruir um grupo de porta-aviões de combate com um só disparo. Um torpedo nuclear. Sabe aquele sidecar engraçado que o Corvo tem na Harley dele? Bom, é uma bomba de hidrogênio, meu camarada. Armada e pronta. O gatilho dela está conectado a eletrodos de EEG embutidos no crânio dele. Se o Corvo morrer, a bomba dispara. Então, quando o Corvo vem para a cidade, a gente faz tudo que estiver ao nosso alcance para fazer o homem se sentir bem-vindo.

Hiro fica ali, simplesmente de queixo caído. Y. T. precisa interferir a seu favor.

– Ok – diz ela. – Falando por meu parceiro e eu, nós vamos ficar longe dele.

21

Y. T. calcula que vai passar a tarde inteira sendo um cocô de estrada. O surfe está sempre dando onda na Harbor Freeway, o que a leva do centro para Compton, mas as estradas vicinais que dão naquela vizinhança são usadas tão raramente que tumbleweeds de um metro de altura crescem em seus buracos. E ela definitivamente não vai viajar para Compton com sua própria energia. Ela quer poar alguma coisa grande e veloz.

Ela não pode usar o truque-padrão de pedir uma pizza para seu destino e depois poar o garoto da entrega quando ele passar a toda, porque nenhuma das cadeias de pizza entrega nesta vizinhança. Então ela vai ter de parar na vicinal e esperar horas e horas por uma corrida. Um cocô de estrada.

Ela não quer fazer essa entrega de jeito algum. Mas o franqueado quer muito que ela faça. Muito mesmo. A quantia de dinheiro que ele lhe ofereceu é estúpida de tão alta. O pacote deve estar cheio de algum tipo de droga nova poderosa.

Mas isso não é tão esquisito quanto o que acontece em seguida. Ela está cruzando a Harbor Freeway, aproximando-se da vicinal desejada, depois de poar um semi que vai para o sul. A uns 300 metros da vicinal, um Oldsmobile preto com marcas de bala passa disparado por ela, piscando o sinal da direita. Ele vai sair. É bom demais pra ser verdade. Y. T. poa o Oldsmobile.

Quando ela desce a rampa atrás desse sedan flatulento, ela verifica quem é o motorista pelo retrovisor dele. É o próprio franqueado, o que está pagando a ela uma quantia totalmente imbecil de dinheiro para fazer aquele serviço.

A esta altura, ela tem mais medo dele do que de Compton. Ele deve ser um psicopata. Deve estar apaixonado por ela. Isso deve ser tudo um plano bizarro de amor psicopata.

Mas agora é um pouco tarde. Ela fica com ele, procurando um jeito de sair daquele bairro queimado e podre.

Eles estão se aproximando de um grande e feio bloqueio de estrada da Máfia. Ele pisa fundo no acelerador, indo direto para a morte. Ela pode ver a franquia de destino adiante. No último segundo, ele dá meia-volta e freia de lado.

Não poderia ter ajudado mais. Ela despoa no instante em que ele lhe dá este último pequeno coice de energia e passa navegando pelo checkpoint a uma velocidade segura e sadia. Os guardas mantêm as armas apontadas para o céu e giram as cabeças a fim de olhar para a bunda dela quando ela passa.

***

A franquia Nova Sicília de Compton é um cenário lamentável. É um encontro da Máfia Jovem. Esses jovens são ainda mais bobos que os do Suburbiclave Mórmon de Deseret. Os rapazes estão vestindo ternos pretos chatos. As garotas estão encruadas com uma feminilidade sem sentido. As garotas não podem sequer fazer parte da Máfia Jovem; elas têm de estar no Serviço Auxiliar de Garotas e servir macarronadas em bandejas de prata. “Garotas” é uma palavra muito boa para esses organismos, muito elevada na escala evolucionária. Elas não são sequer menininhas.

Y. T. está avançando rápido demais, por isso vira a prancha de lado, planta as almofadas das rodas, inclina-se e freia, levantando uma onda de poeira e cascalho que suja os sapatos engraxadinhos de vários jovens mafiosos que estão reunidos na frente da franquia, beliscando docinhos italianos e brincando de adultos. A onda se condensa nas meias de renda branca das protomeninas da Máfia Jovem. Ela desce da prancha, dando a impressão de que vai perder o equilíbrio no último instante. Daí, pisa na borda da prancha com um pé, e a prancha voa 1,20 metros no ar, girando rapidamente ao redor de seu longo eixo e se encaixando na sua axila, onde ela a prende com o braço. Os raios das rodas inteligentes se retraem todos, de modo que as rodas ficam pouco maiores que seus centros. Ela enfia o MagnaPoon numa tomada na parte inferior da prancha, e então todo o seu equipamento fica reduzido a um único pacote, fácil de carregar.

– Y. T. – ela se apresenta. – Jovem, rápida e mulher. Cadê o Enzo, porra?

Os garotos decidem todos dar uma de “maduros” com Y. T. Machos dessa idade estão preocupados em dar cuecão uns nos outros e beber até entrar em coma. Mas, perto de uma mulher, eles fazem o tipo “maduro”. É hilário. Um deles avança um passo, colocando-se entre Y. T. e a protomenina mais próxima.

– Bem-vinda à Nova Sicília – ele diz. – Posso ajudar você de alguma maneira?

Y. T. solta um suspiro profundo. Ela é uma pessoa de negócios totalmente independente, e essas pessoas estão tentando tratá-la como se ela fosse igual a eles.

– Entrega para o Enzo? Sabe, eu mal posso esperar para sair deste bairro.

– Agora é um bairro bom – comenta o MaJo. – Você devia ficar por aqui alguns minutos. Quem sabe poderia aprender bons modos.

– Você deveria tentar surfar a Ventura na hora do rush. Quem sabe poderia aprender suas limitações.

O MaJo ri tipo “ok, se você quer assim”. Ele faz um gesto na direção da porta.

– O homem com quem você quer falar está lá dentro. Se ele quer falar com você ou não, não tenho certeza.

– Ele pediu por mim, porra – rebate Y. T.

– Ele atravessou o país para estar com a gente – afirma o cara – e parece bastante feliz conosco. –Todos os outros MaJo resmungam e assentem em apoio.

– Então por que é que vocês estão do lado de fora? – Y. T. pergunta ao entrar.

Dentro da franquia, as coisas estão surpreendentemente relax. Tio Enzo está lá dentro, exatamente do jeito que aparece nas fotos, só que maior do que Y. T. esperava. Ele está sentado em uma mesa, jogando cartas com outros caras vestidos para enterro. Está fumando um charuto e tomando um café expresso. Aparentemente, nenhum estímulo é demais para ele.

Ali foi organizado todo um sistema de suporte portátil para o Tio Enzo. Uma máquina de expresso portátil foi montada sobre outra mesa. Ao lado dela, um gabinete, com as portas abertas para revelar um grande saco de Descafeinado Italiano Torrado e Processado com Água e uma caixa de charutos de Havana. Num dos cantos, também há um gárgula, colado a um laptop maior que o normal, resmungando para si mesmo.

Y. T. levanta o braço, permitindo que a prancha caia em sua mão. Ela a coloca com uma pancada seca em cima de uma mesa vazia e se aproxima de Tio Enzo, tirando a entrega do ombro.

– Gino, por favor – indica o Tio Enzo, acenando com a cabeça para a entrega. Gino dá um passo à frente para apanhar o pacote.

– Preciso de sua assinatura – fala Y. T. Por alguma razão, ela não se refere a ele como “cara” ou “meu camarada”.

Por um momento, Gino a distrai. Subitamente, Tio Enzo já está bem perto dela, pegando sua mão direita com a mão esquerda. Suas luvas de Kourier têm uma abertura nas costas que é grande o suficiente para os lábios dele. Ele dá um beijo na mão de Y. T. É quente e molhado. Não é babão nem chupado, nem antisséptico nem seco. Interessante. O sujeito é confiante. Meu Jesus, ele é bom. Belos lábios. Lábios meio que firmes na musculatura, não gelatinosos e gosmentos como os lábios de quinze anos podem ser. O Tio Enzo tem um cheiro bem suave de tabaco cítrico e envelhecido. Sentir esse cheiro em sua totalidade significaria ficar muito perto dele. Ele está em pé ao lado dela, a uma distância respeitável agora, olhando para ela com os olhos cheios de rugas de um velho.

Parece muito bonito.

– Você não sabe como eu estava querendo conhecer você, Y. T. – diz ele.

– Oi – cumprimenta ela. Sua voz parece mais agudinha do que ela gostaria. Então acrescenta: – O que tem de tão valioso nessa sacolinha vagabunda, afinal?

– Absolutamente nada – responde o Tio Enzo. Seu sorriso não é exatamente esperto. É mais do tipo envergonhado, como quem acha que essa é uma maneira esquisita de se conhecer alguém. – Tem tudo a ver com criação de imagens – ele continua, fazendo um gesto de descompromisso. – Não há muitas maneiras de um homem como eu se encontrar com uma jovem sem gerar mensagens incorretas na mídia. É uma imbecilidade. Mas nós prestamos atenção a essas coisas.

– Então, por que é que você queria me ver? Tem alguma entrega para eu fazer?

Todos os caras na sala caem na gargalhada.

O som espanta Y. T. um pouco, lembrando-a de que ela está dando seu show na frente de uma multidão. Seus olhos se desviam do Tio Enzo por um

momento.

O Tio Enzo nota isso. Seu sorriso fica infinitesimalmente mais estreito, e ele hesita por um momento. Nesse momento, todos os outros sujeitos na sala se levantam e se encaminham para a saída.

– Você pode não acreditar em mim – ele diz –, mas eu simplesmente queria agradecer por entregar aquela pizza há algumas semanas.

– Por que eu não acreditaria em você? – ela pergunta. Está besta por ouvir coisas bonitas e doces da boca dele.

Tio Enzo também.

– Tenho certeza de que, se você não tiver um motivo para isso, ninguém tem.

– Então – comenta ela – você está se divertindo com toda essa Máfia Jovem?

O Tio Enzo lhe dá um olhar que diz *cuidado, menina*. Um segundo depois de se apavorar, ela também começa a rir, porque é uma brincadeira, ele só está zoando com ela. Ele sorri, indicando que ela pode rir sem problemas.

Y. T. não se lembra de quando esteve tão envolvida em uma conversa. Por que todas as pessoas não podem ser como o Tio Enzo?

– Deixe-me ver – diz o Tio Enzo, olhando para o teto, vasculhando seus bancos de memória. – Eu sei de algumas coisas sobre você. Que você tem quinze anos de idade, vive em um Suburbiclave no Vale com sua mãe.

– Eu também sei de algumas coisas sobre você – Y. T. arrisca.

Tio Enzo ri.

– Não tanto quanto você acha, juro. Diga-me, o que sua mãe acha de sua carreira?

Bacana da parte dele utilizar a palavra “carreira”.

– Ela não está totalmente ciente disso... ou não quer saber.

– Provavelmente você está errada – afirma Tio Enzo. Ele diz isso com bom humor, sem tentar cortar a dela ou coisa assim. – Você poderia ficar chocada ao saber como ela é bem informada. Esta é minha experiência, de qualquer maneira. O que sua mãe faz para viver?

– Ela trabalha para os Federais.

Tio Enzo acha isso muito divertido.

– E a filha dela está entregando pizzas para a Nova Sicília. O que ela faz para os Federais?

– Alguma coisa que ela não pode me contar caso eu dê com a língua nos dentes. Ela precisa fazer um bocado de testes no polígrafo.

O Tio Enzo parece compreender isso muito bem.

– Sim, muitos trabalhos dos federais são assim.

Faz-se um silêncio oportuno.

– Isso meio que me assusta – confessa Y. T.

– O fato de que ela trabalha para os federais?

– Os testes do polígrafo. Eles colocam uma coisa em torno do braço dela para medir a pressão.

– Um esfigmomanômetro – Tio Enzo diz secamente.

– Ele deixa um hematoma no braço dela. Por algum motivo, isso meio que me incomoda.

– E devia incomodar mesmo.

– E a casa está toda grampeada. Então, quando eu estou em casa, e não importa o que eu esteja fazendo, provavelmente tem alguém ouvindo.

– Bom, eu me identifico com esse tipo de situação – fala o Tio Enzo.

Ambos riem.

– Vou fazer uma pergunta que sempre quis fazer a um Kourier – revela o Tio Enzo. – Sempre vejo vocês pelos vidros da minha limusine. Na verdade, quando um Kourier me poa, sempre mando Peter, meu motorista, não pegar muito pesado com eles. Minha pergunta é: você está coberta da cabeça aos pés com almofadas protetoras. Então por que não usa um capacete?

– O traje tem um airbag cervical que abre quando você cai da prancha, então você não bate com a cabeça. Além disso, capacetes são estranhos. Dizem que não afetam sua audição, mas afetam.

– E você usa muito sua audição em sua área de trabalho?

– Uso, definitivamente.

O Tio Enzo faz que sim com a cabeça.

– Era o que eu suspeitava. Nós achávamos a mesma coisa, os rapazes da minha unidade no Vietnã.

– Eu tinha ouvido dizer que você foi pro Vietnã, mas... – Ela para, sentindo perigo.

– Você achou que fosse mentira. Não, eu fui mesmo. Poderia ter ficado de fora, se quisesse. Mas fui voluntário.

– Você foi pro Vietnã como voluntário?

O Tio Enzo ri.

– Fui. O único rapaz da minha família que fez isso.

– Por quê?

– Achei que seria mais seguro que o Brooklyn.

Y. T. ri.

– Uma piada ruim – ele confessa. – Eu me ofereci como voluntário porque meu pai não queria que eu fosse. E eu queria deixá-lo puto.

– Sério?

– Definitivamente. Passei anos e anos encontrando maneiras de emputecê-lo. Saía com garotas negras. Deixei o cabelo crescer. Fumava maconha. Mas a cereja no bolo, minha maior conquista, ainda melhor do que furar a orelha, foi me oferecer como voluntário para lutar no Vietnã. Mas mesmo aí eu tive de tomar medidas radicais.

Os olhos de Y. T. vão de um lado para outro entre as orelhas vincadas e coriáceas do Tio Enzo. Na orelha esquerda, ela acaba conseguindo enxergar um minúsculo brinco de diamante.

– Como assim, medidas radicais?

– Todo mundo sabia quem eu era. A notícia voa, você sabe. Se eu tivesse entrado como voluntário para o exército convencional, teria acabado por aqui mesmo, preenchendo formulários; talvez até mesmo em Fort Hamilton, lá em Bensonhurst. Para impedir isso, entrei de voluntário nas Forças Especiais. Fiz tudo o que pude para conseguir uma unidade na linha de frente. – Ele ri. – E deu certo. Bom, eu também já estou falando sem parar feito um velho. Eu estava tentando falar sobre capacetes.

– Ah, tá.

– Nosso trabalho era atravessar a selva causando problemas para uns cavalheiros escorregadios que portavam armas maiores do que eles. Sujeitos ariscos. E nós também dependíamos da audição, igualzinho a você. E sabe de uma coisa? Nunca usávamos capacetes.

– Pelo mesmo motivo?

– Exatamente. Muito embora eles não cobrissem as orelhas, faziam alguma coisa com a audição. Ainda acho que devo minha vida ao fato de estar com a cabeça descoberta.

– Nossa, isso é muito legal. É muito interessante.

– Seria de se imaginar que já tivessem resolvido esse problema a esta altura.

– É – arrisca Y. T. – Acho que algumas coisas nunca mudam.

O Tio Enzo solta uma gargalhada que sacode o corpo todo. Normalmente, Y. T. acha esse tipo de coisa muito irritante, mas o Tio Enzo parece simplesmente estar se divertindo, e não zoando com ela.

Y. T. quer perguntar como ele deixou de ser o rebelde definitivo para cuidar dos negócios da família. Não pergunta. Mas o Tio Enzo sente que esse é naturalmente o próximo tema da conversa.

– Às vezes me pergunto quem virá depois de mim – ele diz. – Ah, temos muitas pessoas excelentes nesta nova geração. Mas depois disso... bem, não sei. Acho que todos os velhos sentem que o mundo está chegando ao fim.

– Você tem milhões desses tipos da Máfia Jovem – comenta Y. T.

– Todos destinados a vestir blazer e cuidar de papelada nos subúrbios. Você não respeita muito essa gente, Y. T., porque você é jovem e arrogante. Mas eu também não os respeito muito, porque sou velho e sábio.

Esta é uma coisa bastante chocante para o Tio Enzo dizer, mas Y. T. não se sente chocada. Apenas parece uma afirmação sensata vinda de seu colega sensato, o Tio Enzo.

– Nenhum deles jamais se ofereceria como voluntário para ter suas pernas arrancadas na selva só pra deixar seu velho puto. Eles não têm uma certa fibra. Eles não têm vida, são derrotados.

– Que coisa triste – critica Y. T. Parece melhor dizer isso do que descer o cacete neles, que foi a primeira coisa que ela pensou em fazer.

– Bem – diz o Tio Enzo. É o “bem” que inicia o fim de uma conversa. – Eu ia mandar umas rosas para você, mas você não se interessaria mesmo por isso, se interessaria?

– Ah, eu não ligaria – ela admite, soando pateticamente fraca para si mesma.

– Aqui está uma coisa melhor, já que somos camaradas de armas – ele fala. Ele afrouxa a gravata, desabotoa o colarinho, enfia a mão dentro da camisa e

puxa uma corrente de aço incrivelmente vagabunda com duas placas de prata gravadas. – Estas são minhas velhas placas de identificação – ele mostra. – Vivo andando com elas há anos, só por andar. Eu gostaria muito que você as usasse.

Tentando manter os joelhos firmes, ela coloca as placas no pescoço. Ficam penduradas, batendo no seu macacão.

– É melhor colocá-las do lado de dentro – sugere o Tio Enzo.

Ela as coloca no lugar secreto entre os seios. Ainda têm o calor do Tio Enzo.

– Obrigada.

– É só por diversão – ele afirma. – Mas se algum dia você se meter em encrenca e mostrar essas placas para quem quer que a esteja incomodado, então as coisas provavelmente vão mudar muito rápido.

– Obrigada, Tio Enzo.

– Cuide-se. Seja boazinha com a sua mãe. Ela ama você.

22

Quando ela sai do franchulado da Nova Sicília, há um sujeito esperando por ela. Ele sorri, não sem ironia, e faz apenas um vestígio de uma mesura, meio que para chamar a atenção dela. É muito ridículo, mas, depois de estar com o Tio Enzo por algum tempo, ela definitivamente entrou na brincadeira. Então ela não ri na cara dele nem nada parecido, apenas olha para o outro lado e o ignora.

– Y. T. Tenho um trabalho para você – avisa ele.

– Estou ocupada – retruca ela. – Tenho outras entregas pra fazer.

– Você mente que nem um colchão – ele diz como quem gostou. – Sabe aquele gárgula lá dentro? Ele está ligado ao computador da RadiKS neste exato momento. Então todos sabemos que você não tem nenhum trabalho agora.

– Bom, não posso aceitar trabalhos de clientes – justifica Y. T. – Temos um despacho central. Você precisa ligar para o número 1-800.

– Putz, que tipo de babaca você acha que eu sou? – pergunta o sujeito.

Y. T. para de caminhar, se vira e finalmente olha para o sujeito. Ele é alto e magro. Terno preto, cabelo preto. E tem um olho de vidro de aspecto mórbido.

– O que aconteceu com seu olho? – indaga ela.

– Furador de gelo, Bayonne, 1985 – ele responde. – Alguma outra pergunta?

– Desculpa, cara, só perguntei por perguntar.

– Agora vamos voltar aos negócios. Como eu não sou inteiramente idiota, como você parece supor, eu estou ciente de que todos os Kouriers são despachados pela central por meio do número 1-800. Só que nós não gostamos de números 1-800 nem de despachos pela central. É uma característica nossa. Gostamos de encontros pessoa a pessoa, à moda antiga. Tipo, no aniversário da minha mãe, eu não pego o telefone e disco 1-800-MAMAE. Eu vou lá pessoalmente e dou um beijo nela, certo? Então, neste caso aqui, nós particularmente queremos você.

– Por quê?

– Porque simplesmente adoramos lidar com garotas difíceis que fazem perguntas pra caralho. Então nosso gárgula já se conectou ao computador que a RadiKS usa para despachar Kouriers.

O homem do olho de vidro se vira, rotacionando a cabeça quase toda, como uma coruja, e acena na direção do gárgula. Um segundo depois, o telefone pessoal de Y. T. toca.

– Atende essa porra logo – ele diz.

– O quê? – ela fala para o telefone.

Uma voz computadorizada lhe diz que ela deve apanhar uma entrega no Parque Griffith e entregá-la a uma franquia dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne em Van Nuys.

– Se você quer alguma coisa entregue do ponto A ao ponto B, por que não pega o carro e vai você mesmo? – pergunta Y. T. – Coloca a entrega num daqueles Town Cars Lincoln pretos e faça o serviço.

– Porque, neste caso, a entrega não pertence exatamente a nós, e as pessoas no ponto A e no ponto B, bom, não estamos necessariamente nos dando bem, mutuamente falando.

– Você quer que eu roube alguma coisa – diz Y. T.

O homem do olho de vidro faz uma cara de dor, como se tivesse sido ferido. – Não, não, não. Escute, menina. Nós somos a Máfia, porra. Quando a gente quer roubar uma coisa, a gente já sabe como fazer isso, certo? A gente não precisa de uma garotinha de quinze anos pra roubar alguma coisa. O que estamos fazendo aqui é mais na linha de operações secretas.

– Uma coisa de espionagem.

Info.

– Isso. Uma coisa de espionagem – fala o homem, seu tom de voz sugerindo que ele está tentando convencer alguém de alguma coisa. – E a única maneira de fazer essa operação funcionar é se tivermos um Kourier que possa colaborar um pouquinho com a gente.

– Então aquele negócio todo com o Tio Enzo foi fake – conclui Y. T. – Vocês só estão tentando ficar amiguinhos de um Kourier.

– Hahaha, ouçam só essa – diz o homem do olho de vidro, achando graça de verdade. – Tá, como se a gente precisasse fazer essa papagaiada toda só pra

impressionar uma menina de quinze anos. Escuta, criança, tem 1 milhão de Kouriers lá fora que poderíamos subornar pra fazer isso. Estamos indo com você novamente porque você tem um relacionamento pessoal com nossa franquia.

– Bom, o que é que vocês querem que eu faça?

– Exatamente o que você faria normalmente – responde o homem. – Vá até o Parque Griffith e apanhe a entrega.

– Só isso?

– É. Depois efetue a entrega. Mas nos faça um favor e pegue a I-5, ok?

– Não é o melhor jeito de fazer isso...

– Mas faça assim mesmo.

– Ok.

– Agora entre, vamos escoltar você para fora deste buraco dos infernos.

***

Às vezes, se o vento está soprando do lado certo, e alguém entrar no bolsão de ar atrás de um dezoito-rodas em alta velocidade, não precisa nem poá-lo. O vácuo, como um poderoso aspirador de pó, suga o cara para dentro. Ele pode ficar ali o dia todo. Mas se fizer cagada, pode se encontrar subitamente sozinho e sem força na pista esquerda de uma rodovia com um comboio de semis logo atrás. Tão ruim quanto: se o sujeito se entregar todo à energia disso, ele vai sugá-lo para dentro de suas palas, tornando-se enfeite do eixo, e ninguém jamais saberá. Isso se chama Manobra Mágica do Aspirador de Pó e faz Y.T. lembrar-se do que sua vida se tornou desde aquela fatídica noite da aventura da pizza de Hiro Protagonist.

Seu arpão não pode errar quando ela sobe a San Diego Freeway via propulsão de estilingue. Ela pode conseguir um puxão firme até mesmo da mais leve econobox trasheira de plástico e alumínio chinesa. As pessoas não fodem com ela. Ela estabeleceu seu espaço no asfalto.

Ela vai ter tanto trabalho de agora em diante... Vai ter de terceirizar muito trabalho para Roadkill. E, às vezes, só para fazer importantes acordos de negócios, eles terão de entrar em um motel em algum lugar – que é exatamente o que gente de negócios de verdade faz. Ultimamente, Y. T. tem tentado ensinar a

Roadkill como lhe fazer uma massagem. Mas Roadkill nunca consegue passar dos ombros dela sem perder o pique e começar a agir feito machão. O que, de qualquer maneira, até que é gostoso. E, de qualquer maneira, cada um aceita o que conseguir.

Esta nem de longe é a rota mais direta para o Parque Griffith, mas é o que a Máfia quer que ela faça: pegar a 405 direto e reto até o Vale, e depois se aproximar daquele trajeto, que é a direção da qual ela normalmente viria. Eles são tão paranoicos. Tão profissionais.

O LAX passa à sua esquerda. À sua direita, ela consegue um vislumbre da U-Stor-It onde aquela besta do seu parceiro provavelmente está conectado ao seu computador. Ela costura por complexos fluxos de tráfego ao redor do Aeroporto Hughes, que hoje é um posto particular da Grande Hong Kong do Sr. Lee. Continua, passando pelo Aeroporto de Santa Mônica, que acabou de ser comprado pela Segurança Global do Almirante Bob. Corta pelo meio da Fedlândia, onde sua mãe vai trabalhar todo dia.

A Fedlândia costumava ser o Hospital VA e uma série de outros edifícios federais; hoje, ela se condensou em um losango em forma de rim que dá a volta na 405. Ela tem uma barreira ao seu redor, uma cerca de perímetro erguida por material de cota de malha de aço, arame farpado, pilhas de entulho e barreiras New Jersey de um prédio ao outro. Todos os prédios da Fedlândia são grandes e feios. Seres humanos caminham ao redor de seus plintos, vestindo roupas de lã da cor de granito molhado. Eles são pequenos e escuros por baixo da majestade dos prédios.

Do outro lado da barreira da Fedlândia, bem à direita, ela pode ver a UCLA, que hoje está sendo gerenciada pelos japoneses, pela Grande Hong Kong do Sr. Lee e por algumas grandes corporações americanas.

As pessoas dizem que bem lá para a esquerda, em Pacific Palisades, há um prédio grande assomando sobre o oceano, onde a Central Intelligence Corporation tem seu quartel-general da Costa Oeste. Em breve – tipo, talvez amanhã –, ela vai subir lá, encontrar esse prédio, quem sabe simplesmente cruzar por ele e acenar. Ela tem grandes coisas para contar para Hiro agora. Grande info sobre o Tio Enzo. As pessoas pagariam milhões por isso.

Mas, no fundo do seu coração, ela já está sentindo as dores da consciência. Ela sabe que não pode dar tchauzinho para a Máfia. Não porque ela tenha medo deles. É porque eles confiam nela. Eles foram legais com ela. E, quem sabe, isso pode acabar dando em alguma coisa. Uma carreira melhor do que ela poderia ter na CIC.

Poucos carros estão pegando a vicinal que vai dar na Fedlândia. Sua mãe faz isso todo dia, assim como um bando de outros federais. Mas todos os federais vão cedo para o trabalho e saem tarde. É uma questão de lealdade para eles. Os federais têm um fetiche pela lealdade – já que eles não ganham muita grana nem são lá muito respeitados, cada um tem de provar que está pessoalmente comprometido e que não liga para essas coisas.

Caso em questão: Y. T. estava poada no mesmo táxi durante todo o caminho do LAX. Tem um árabe no banco de trás. Seu albornoz drapeja no vento pela janela aberta; o ar-condicionado não funciona. Um motorista de táxi de LA não ganha dinheiro suficiente para comprar Chill – Freon – no mercado negro. Isso é comum: somente os federais fariam um visitante pegar um táxi sujo e sem ar-condicionado. Pra confirmar a suspeita, o táxi entra na vicinal marcada Estados Unidos. Y. T. se solta e cola o arpão no caminhão de entregas que está indo na direção do Vale.

No alto do imenso Prédio Federal, um bando de federais com walkie-talkies, óculos escuros e jaquetas windbreaker nas quais está escrito FEDS espreitam, apontando lentes compridas para os vidros dos veículos que chegam pelo Wilshire Boulevard. Se fosse de noite, ela provavelmente veria um scanner laser passando pelo código de barras da placa do táxi no instante em que ele começasse a subir a vicinal dos Estados Unidos.

A mãe de Y. T. já lhe contou tudo sobre esses sujeitos. Eles são o Comando Operacional Geral do Ramo Executivo, O COGRE. O FBI, os Federal Marshalls, o Serviço Secreto e as Forças Especiais, todos esses grupos ainda reivindicam para si alguma identidade separada, como o Exército, a Marinha e a Aeronáutica costumavam fazer, mas todos estão sob o comando do COGRE, todos fazem as mesmas coisas e são mais ou menos intercambiáveis. Fora da Fedlândia, todos simplesmente os conhecem como os federais. O COGRE reclama o direito de ir a qualquer lugar, a qualquer momento, dentro das

fronteiras originais dos Estados Unidos da América, sem mandado ou sequer uma boa desculpa. Mas eles só se sentem realmente em casa aqui, na Fedlândia, olhando pela mira de uma lente de telefoto, de um microfone telescópico ou de um rifle de atirador de elite. Quanto mais longe, melhor.

Abaixo deles, o táxi com o árabe na traseira reduz à velocidade abaixo da luz e começa a fazer um slalom todo ondulante pelas barreiras de New Jersey com ninhos de metralhadora de calibre 50 estrategicamente colocadas aqui e ali. Ele para na frente de um dispositivo GDP, passando ao largo de um buraco enorme onde rapazes do COGRE estão parados com cães e holofotes de alta potência para olhar por cima, à procura de bombas ou agentes NBCI (nuclear-biológico-químico-informacional) no chassi. Enquanto isso, o motorista sai do carro e abre o capô e a mala para que mais federais possam inspecioná-los; outro federal se inclina contra o vidro ao lado do árabe e o examina pela janela.

Dizem que em DC todos os museus e os monumentos foram arrendados para concessionárias e transformados em um parque turístico que hoje gera cerca de 10% da receita do governo. Os federais poderiam gerenciar a concessão sozinhos e provavelmente reter mais do lucro bruto, mas não é essa a questão. É uma coisa filosófica. Uma coisa de “volta ao básico”. O governo deve governar. Ele não está na indústria do entretenimento, está? Deixem tudo com os esquisitões da Indústria, com pessoas que se formaram em sapateado. Federais não são disso. Federais são gente séria. Mestres em ciência forense. Presidentes de conselhos estudantis. Diretores de clubes de debates do segundo grau. O tipo de gente que tem a bravura de vestir um terno de lã escuro e um colarinho abotoado até o alto mesmo quando a temperatura sofreu um efeito estufa e dispara para 40 graus e a umidade está tão densa que consegue reduzir a velocidade de um avião a jato. O tipo de gente que se sente em casa no lado escuro de um espelho de um lado só.

23

Às vezes, para provar que são homens, rapazes da idade aproximada de Y. T. dirigem até a extremidade leste das colinas de Hollywood, até o Parque Griffith, escolhem uma estrada qualquer e simplesmente vão seguindo direto por ela. Chegar até o final sem cicatrizes é muito parecido com contar golpes num campo de batalha das High Plains; ter chegado tão próximo do perigo simplesmente o torna mais homem.

Por definição, tudo o que eles veem são as ruas transversais. Se alguém estiver entrando de carro no Parque Griffith para zoar e ver uma placa escrita SEM SAÍDA, sabe que é hora de dar ré no Accord do seu pai e dirigir de ré mesmo até em casa, pisando até o fundo.

Naturalmente, assim que Y. T. entra no parque, seguindo a estrada que lhe foi dita para seguir, ela vê uma placa de SEM SAÍDA.

Y. T. não é o primeiro Kourier a pegar um trabalho desses, e por isso ela já ouviu falar do lugar para onde está indo. É um desfiladeiro estreito, que só pode ser acessado por essa única estrada, e lá no fundo mora uma nova gangue. Todo mundo os chama de Falabalas, porque é como eles falam uns com os outros. Eles têm sua própria linguagem e ela parece um blá-blá-blá sem sentido.

Mas, agora, o importante é não pensar em como isso é imbecil. Tomar a decisão correta é, segundo a prioridade, descer lá, conseguir niacina suficiente e escrever uma carta de agradecimento para vovó pelos lindos brincos de pérola. A única coisa importante é não recuar.

Uma fileira de ninhos de metralhadora marca a fronteira do território Falabala. Para Y. T., parecem bichos mortos no meio da rua. Mas ela também nunca entrou em confronto com a Máfia. Ela se faz de cool, vai devagar até a barreira a talvez 15 quilômetros por hora. É aqui que Y. T. dá um piti e se apavora, se chegar a isso. Ela está segurando no alto um documento da RadiKS enviado por fax em cores, apresentando o logo do nabo cibernético,

proclamando que, na verdade, ela está ali é para apanhar uma entrega importante, sério. Nunca vai funcionar com esses caras.

Mas funciona. Uma bobina enorme de fio-navalha é recolhida do caminho dela, sem mais aquela, e ela passa sem reduzir a velocidade. E é aí que ela sabe que tudo vai ficar bem. Essas pessoas estão simplesmente fazendo negócios ali, assim como todo mundo.

Ela não precisa avançar muito para dentro do desfiladeiro. Graças a Deus. Avança por algumas ruas, entrando meio que numa área aberta e plana rodeada por árvores, e logo se encontra no que parece ser um sanatório para loucos ao ar livre.

Ou um festival riponga ou coisa do gênero.

Há cerca de vinte pessoas ali. Nenhuma delas tem se cuidado muito. Todas estão vestindo os restos esfarrapados do que costumavam ser roupas muito boas. Um quarto delas está ajoelhado no asfalto com as mãos fechadas e postas, murmurando algo para entidades invisíveis.

Na tampa da mala de um carro morto, eles montaram um terminal de computador velho, apenas uma tela de monitor escura com uma grande rachadura em forma de teia, como se alguém tivesse jogado uma xícara de café na tela. Um homem gordo com suspensórios vermelhos pendurados nos joelhos está passando as mãos para cima e para baixo no teclado, batendo aleatoriamente nas teclas, falando alto num blá-blá-blá sem sentido. Dois dos outros estão em pé atrás dele, olhando por cima de seu ombro e ao redor de seu corpo, e às vezes eles tentam se aproximar do computador, mas o homem os empurra para longe.

Há também uma multidão de gente batendo palmas, balançando os corpos e cantando “The Happy Wanderer”, uma canção antiga de escoteiros. Eles também estão nessa. Y. T. não vê uma alegria tão infantil no rosto de alguém desde a primeira vez em que deixou Roadkill tirar suas roupas. Mas esse é um tipo diferente de alegria infantil, um que não fica bem num bando de pessoas de trinta e poucos anos com cabelo sujo.

E, finalmente, há um sujeito que Y. T. apelida de Sumo Sacerdote. Ele está vestindo um jaleco de laboratório que um dia foi branco, ostentando o logo de alguma empresa da Área da Baía. Ele está todo caído na traseira de um carro morto, mas quando Y. T. entra na área ele dá um pulo e corre em sua direção de

um jeito que ela não tem como não achar um pouco ameaçador. Contudo, comparado aos outros, ele parece quase um saudável, adequado e normal psicótico assassino.

– Você veio pegar uma maleta, certo?

– Eu vim pegar alguma coisa. Não sei o que é – explica ela.

Ele vai até um dos carros mortos, destranca o capô e puxa de dentro uma maleta de alumínio. Parece igual àquela que Squeaky tirou do BMW noite passada.

– Aqui está a sua entrega – ele diz, andando a passos largos na direção dela. Ela recua por instinto. – Eu sei, eu sei. Eu sou um maluco assustador.

Ele coloca a maleta no chão e a empurra com o pé. Ela desliza pelo asfalto até chegar a Y. T., batendo numa pedrinha ou outra.

– Não tem pressa para esta entrega – ele avisa. – Você gostaria de ficar e tomar uma bebida? Temos refresco.

– Eu adoraria – responde Y. T. –, mas meu diabetes está mals.

– Bom, então você pode só ficar por aqui e ser uma convidada de nossa comunidade. Temos muitas coisas maravilhosas para contar pra você. Coisas que podem realmente mudar sua vida.

– Vocês têm alguma coisa por escrito? Algo que eu possa levar comigo?

– Puxa, acho que não. Por que você não fica? Você parece ser uma pessoa tão legal.

– Desculpaí, Jack, mas você deve estar me confundindo com uma bimbo – diz Y. T. – Valeu pela maleta. Fui.

Y. T. começa a cavar o asfalto com um pé, pegando velocidade o mais rápido que pode. No caminho de saída, ela passa por uma jovem de cabeça raspada, vestida com os restos esfarrapados de um tailleur Chanel. Quando Y. T. passa, ela sorri de modo vago, estende a mão e acena.

– Oi – diz ela. – Ba ma zu na la amu pa go lu ne me a ba du.

– Yo – responde Y. T.

***

Dois minutos depois, ela está poando seu caminho para longe dali pela I-5, na direção do Vale. Ela está um pouco assustada, está atrasada, está indo devagar. Uma canção não sai de sua cabeça: “The Happy Wanderer”. Ela está ficando louca.

Um grande borrão preto fica tentando a toda hora emparelhar com ela. Seria um alvo tentador, tão grande e ferroso, se ele estivesse indo um pouco mais rápido. Mas ela pode fazer um tempo melhor com aquela barcaça, até mesmo quando o motorista está indo devagar.

O vidro lateral do motorista do carro preto abaixa. É aquele sujeito, Jason. Ele enfia a cabeça inteira para fora da janela para olhar para ela, dirigindo às cegas. O vento a 80 quilômetros por hora não despenteia seu cabelo escovinha cheio de gel.

Jason sorri. Tem cara de quem vai implorar por alguma coisa, a mesma cara que Roadkill faz. Ele aponta sugestivamente para a traseira de seu carro.

Que diabos. Da última vez em que poou esse camarada, ele a levou exatamente para onde ela estava indo. Y. T. se solta do Acura ao qual ela estava ligada pelos últimos 800 metros e lança o arpão no gordo Olds de Jason. E Jason a leva para fora da rodovia e entra na Victory Boulevard, indo para Van Nuys, o que está certinho.

Mas, depois de quase cinco quilômetros, ele vira o volante com força e freia no estacionamento de um shopping fantasma, o que está errado. Neste exato momento, não há nada estacionado no terreno, a não ser um dezoito-rodas, motor ligado, as palavras IRMÃOS SALDUCCI MUDANÇAS E GUARDA-MÓVEIS pintadas nas laterais.

– Vamos – diz Jason, saindo de seu Oldsmobile. – Não me faça perder mais tempo.

– Vá se foder, seu babaca – ela diz, rebobinando seu arpão, procurando no bulevar lá atrás algum tráfego promissor que vá para oeste. Seja lá o que for que esse camarada tenha em mente, provavelmente não é profissional.

– Minha jovem – diz outra voz, uma voz mais velha e mais penetrante. – Tudo bem se você não gosta de Jason. Mas seu amigo, o Tio Enzo, precisa de sua ajuda.

Uma porta da parte de trás do semi se abriu. Um homem de terno preto está ali em pé. Atrás dele, o interior do caminhão está totalmente iluminado. Luzes halógenas refletem o penteado molhado do homem. Mesmo com toda essa iluminação posterior, ela consegue ver que é o homem do olho de vidro.

– O que é que você quer? – pergunta ela.

– O que eu quero – diz ele, olhando-a de alto a baixo – e o que eu preciso são coisas diferentes. Neste momento eu estou trabalhando, sabe, o que significa que o que eu quero não é importante. O que eu preciso é que você entre neste caminhão juntamente com seu skate e essa maleta.

Então ele acrescenta:

– Estou me fazendo entender? – ele faz a pergunta de modo quase retórico, como se supusesse que a resposta é não.

– Ele está falando sério – insiste Jason, como se Y. T. precisasse da opinião dele.

– Bom, é isso – diz o homem do olho de vidro.

Y. T. deveria estar a caminho de uma franquia dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne. Se ela foder com essa entrega, isso significa que ela está dando a volta em Deus, que pode ou não existir, e que de qualquer forma é capaz de perdoar. A Máfia definitivamente existe e segue um padrão mais alto de obediência.

Ela entrega suas coisas – a prancha e a maleta de alumínio – para o homem do olho de vidro, e então vai até a traseira do caminhão, ignorando a mão que ele lhe oferece. Ele recua e fica olhando a própria mão, como se estivesse tentando ver o que há de errado com ela. Quando os pés dela saem do chão, o caminhão já está em movimento. Quando a porta é fechada atrás dela, eles já entraram no bulevar.

– Preciso apenas fazer alguns testes nesta sua entrega – explica o homem do olho de vidro.

– Já pensou em se apresentar? – indaga Y. T.

– Nah – ele diz. – As pessoas sempre esquecem nomes. Pode pensar em mim como aquele cara, ok?

Y. T. não está realmente ouvindo. Ela está dando uma olhada no interior do caminhão.

O trailer do caminhão consiste de um único aposento estreito e comprido. Y. T. acabou de passar por sua única entrada. No final do aposento, dois sujeitos da Máfia estão parados, do jeito que sempre estão.

A maior parte do aposento está tomada por equipamento eletrônico. De alta qualidade.

– Vou ter de fazer algumas coisas no computador, sabe – ele avisa, entregando a maleta para um cara da computação. Y. T. sabe que ele é um cara da computação porque tem cabelos compridos presos num rabo, está usando jeans e parece educado.

– Ei, se acontecer alguma coisa com isso, meu rabo é que está na reta – diz Y. T. Ela está tentando soar toda durona e zangada, mas nessas circunstâncias isso é um ato vazio.

O homem do olho de vidro fica, tipo assim, chocado.

– O que é que você pensa que eu sou, algum tipo de babaca incrivelmente burro? – ele pergunta. – Caralho, é justo o que eu preciso, tentar explicar ao Tio Enzo como é que eu consegui dar um tiro no joelho do coelhinho de estimação dele.

– É um procedimento não invasivo – diz o cara do computador com uma voz plácida e líquida.

O cara do computador gira a maleta em sua mão algumas vezes, só para senti-la. Então ele a encaixa em um grande cilindro aberto em cima de uma mesa. As paredes do cilindro têm duas polegadas de espessura. O negócio parece ter uma camada de gelo se acumulando. Gases misteriosos vão saindo constantemente dele, como colheradas de leite caindo em um rio de água turbulenta. Os gases vão descendo pela mesa até o chão, onde formam um pequeno tapete de neblina que flui e floresce ao redor dos sapatos deles. O cara do computador coloca a maleta ali dentro e tira rapidinho a mão do frio.

Então ele coloca um par de óculos de computador.

E é só. Ele simplesmente fica ali sentado por alguns minutos. Y. T. não é uma pessoa de computador, mas sabe que em algum lugar atrás dos gabinetes e das portas nos fundos daquele caminhão um grande computador está fazendo um bocado de coisas naquele exato momento.

– É como um tomógrafo – diz o homem do olho de vidro, usando o mesmo tom baixo de voz de um comentarista de televisão num torneio de golfe. – Mas lê tudo, sabia? – ele comenta, rotacionando impacientemente as mãos em círculos de 360 graus.

– Quanto custa?

– Não sei.

– Como se chama?

– Ainda não tem nome.

– Bom, e quem faz isso?

– Nós fazemos essa coisa, diabo – diz o homem do olho de vidro. – Há mais ou menos umas duas semanas.

– Para quê?

– Você está fazendo muitas perguntas. Escuta, você é uma garota bonitinha. Quero dizer, você é uma gata. Você é um estouro. Mas não vá achando que é importante demais neste momento.

Neste momento. Hmmm.

24

Hiro está em seu 20 x 30 na U-Stor-It. Está passando um tempinho na Realidade, por sugestão de sua sócia. A porta está aberta para que a brisa do mar e a fumaça dos jatos possam entrar. Toda a mobília – os futons, a plataforma de carga, a mobília experimental de tijolos de cinzas – foi empurrada para as paredes. Ele está segurando um pedaço pesado de barra de aço de um metro de comprimento com fita enrolada numa das extremidades improvisando uma empunhadura. A barra parece uma katana, mas é muito mais pesada. Hiro a chama de katana redneck.

Ele está na postura do kendô, descalço. Deveria estar vestindo culotes volumosos até os tornozelos e uma túnica índigo pesada, que compõem o uniforme tradicional, mas em vez disso ele está de shorts. O suor corre por suas costas musculosas cor de capuccino e começa a explorar seu cofrinho. Bolhas do tamanho de uvas estão se formando na planta de seu pé esquerdo. O coração e os pulmões de Hiro são bem desenvolvidos, e ele foi abençoado com reflexos anormalmente rápidos, mas não é intrinsecamente forte como seu pai era. Ainda que ele fosse forte assim, trabalhar com a katana redneck teria sido muito difícil.

Hiro está cheio de adrenalina, seus nervos estão à flor da pele, e sua mente está cheia de ansiedade flutuante – flutuando livre em um oceano de terror generalizado.

Ele atravessa arrastando os pés pelo eixo de 15 metros da sala. De vez em quando ele dá uma acelerada, ergue a katana redneck acima da cabeça até ela estar apontada para trás, e depois desce-a com rapidez, estalando os pulsos no último momento para que ela pare no ar. Então ele diz:

– O próximo!

Teoricamente. Na verdade, a katana redneck é difícil de parar quando começa a se pôr em movimento. Porém, este é um ótimo exercício. Seus

antebraços parecem cabos grossos de aço, ou quase isso. Bem, em breve parecerão, de qualquer maneira.

Os japoneses não engolem essa besteira de ir até o final. Se alguém atingir um homem no topo da cabeça com uma katana e não fizer nenhum esforço para deter a lâmina, ela dividirá o crânio e provavelmente ficará presa na clavícula ou na pelve, e aí o cara vai ficar lá no meio do campo de batalha medieval com um pé do rosto de seu falecido oponente, tentando soltar a lâmina, enquanto o melhor amigo do adversário se aproxima correndo com um certo brilho de vingança no olhar. Então o plano é fazer a lâmina parar totalmente logo antes do impacto, talvez penetrar uma polegada ou duas no crânio, e depois arrancá-la do corpo e procurar outro samurai, daí o grito “O próximo!”.

Ele tem pensado no que aconteceu hoje mais cedo com o Corvo, o que praticamente lhe tira o sono, e é por isso que ele está praticando com a katana redneck às três da manhã.

Hiro sabe que estava totalmente despreparado. A lança simplesmente foi pra cima dele. Ele por acaso a desviou na hora certa, e ela não o acertou. Mas ele fez isso quase distraído.

Talvez seja assim que os grandes guerreiros fazem. Descuidadamente, sem quebrar a cabeça com as consequências. Talvez ele esteja se autoelogiando.

***

O som de um helicóptero está ficando cada vez mais alto já há alguns minutos. Muito embora Hiro more bem ao lado do aeroporto, isso não é comum. Eles não deveriam voar perto do LAX, pois provocam problemas evidentes de segurança.

O barulho vai aumentando cada vez mais e, quando chega a um ponto quase insuportável, o helicóptero está pairando a alguns metros acima do estacionamento, bem na frente do 20 x 30 de Hiro e Vitaly. É um belo helicóptero, tipo jatinho executivo, verde-escuro, com marcas apagadas. Hiro suspeita de que, com uma luz mais brilhante, ele seria capaz de ver o logo de uma empresa de defesa, provavelmente o Sistema de Defesa do General Jim.

Um homem branco de rosto pálido, testa alta e com calvície avançada salta do helicóptero, com um ar bem mais atlético do que seu rosto e um comportamento geral que se esperaria, e atravessa correndo o estacionamento na direção de Hiro. Esse é o tipo de cara do qual Hiro se lembra quando seu pai estava no Exército: não os veteranos indômitos das lendas e dos filmes, apenas um tipo de sujeito comum de seus 35 anos usando uniformes corpulentos. Ele é major. Seu nome, costurado no peito do uniforme, é Clem.

– Hiro Protagonist?

– Ele mesmo.

– Juanita me mandou pegar você. Ela disse que você reconheceria o nome dela.

– O nome eu reconheço. Mas não trabalho para Juanita.

– Ela disse que agora você trabalha.

– Ora, que ótimo – diz Hiro. – Então acho que é, assim, meio urgente?

– Acho que seria uma boa suposição – responde o Major Clem.

– Você me dá alguns minutos? Eu estava me exercitando, e preciso ir na porta ao lado.

O Major Clem olha para a porta ao lado. O próximo logo descendo a faixa é THE REST STOP.

– A situação está estática. Você pode dispor de cinco minutos – informa o Major Clem.

Hiro tem uma conta na The Rest Stop. Para viver na U-Stor-It, meio que é preciso ter uma conta. Então ele tem que bypassar o escritório da frente, onde o atendente espera no caixa. Ele enfia seu cartão de membro num slot, e uma tela de computador se ilumina com três opções:

M F FRALDÁRIO(UNISSEX)

Hiro aperta o botão “M”. Então a tela muda para um menu de quatro opções:

NOSSAS INSTALAÇÕES ESPECIAIS LIMITADAS – ECONÔMICAS, PORÉM LIMPAS

INSTALAÇÕES PADRÃO – COMO EM CASA – TALVEZ UM POUCO MELHOR
INSTALAÇÕES PRIME – UM LUGAR AGRADÁVEL PARA O MEMBRO DE CLASSE
LAVATÓRIO GRANDE ROYALE

Ele tem de suprimir um reflexo bem antigo de evitar apertar automaticamente INSTALAÇÕES ESPECIAIS LIMITADAS, que é o que ele e todos os outros moradores da U-Stor-It sempre usam. É quase impossível entrar lá e não se deparar com os fluidos corporais de outra pessoa. Não é uma coisa bonita de se ver. Nem um pouco graciosa. Em vez disso – mas que merda, Juanita não vai contratá-lo, afinal? –, Hiro aperta o botão LAVATÓRIO GRANDE ROYALE.

Ele nunca esteve ali antes. É como alguma coisa na cobertura de um cassino luxuoso em Atlantic City, onde colocam adultos semirretardados do Sul da Filadélfia depois que eles por sorte conseguiram ganhar uma nota no mega-jackpot. Tem tudo aquilo que um jogador patológico de pouca inteligência identificaria como luxo: acessórios folheados a ouro, montes de pseudomármore moldado, cortinas de veludo e um mordomo.

Nenhum dos moradores da U-Stor-It usa o Lavatório Grande Royale. O único motivo pelo qual Hiro está ali é que esse lugar por acaso fica em frente ao LAX. CEOs de Singapura que queiram tomar um banho e dar uma bela cagada sossegados, com todos os efeitos sonoros, sem precisar ouvir nem sentir o cheiro de outros viajantes fazendo a mesma coisa, podem ir até ali e colocar tudo na conta de seu cartão de viagem corporativo.

O mordomo é um centro-americano de trinta anos cujos olhos parecem um pouco engraçados, como se tivessem ficado fechados pelas últimas horas. Ele está justamente jogando algumas toalhas improvavelmente espessas em cima do braço quando Hiro entra apressado.

– Preciso sair em cinco minutos – diz Hiro.

– Quer fazer a barba? – pergunta o mordomo. Ele passa sugestivamente a mão no próprio rosto, incapaz de acertar o grupo étnico de Hiro.

– Gostaria muito. Mas não tenho tempo.

Hiro tira os shorts, joga as espadas em cima do sofá de veludo e entra no anfiteatro marmorizado do chuveiro. Ele é atingido por água quente de todas as direções ao mesmo tempo. Há um botão na parede para regular a temperatura.

Depois, ele gostaria de dar uma cagada, ler algumas das revistas de papel cuchê do tamanho de listas telefônicas ao lado do cagador high-tech, mas já está na sua hora. Se seca com uma toalha nova do tamanho de uma tenda de circo, coloca uma calça folgada tipo jogging e uma camiseta, dá alguns kongdólares para o mordomo e sai correndo, colocando as espadas nas costas.

***

O voo é curto, em grande parte porque o piloto militar gosta de sacrificar o conforto em favor da velocidade. O helicóptero decola em um ângulo agudo, mantendo baixa altitude para não ser sugado por nenhuma turbina de jato, e assim que o piloto consegue espaço de manobra, ele vira a cauda, abaixa o nariz do helicóptero e deixa o rotor impulsioná-los para cima e para a frente, atravessando a bacia na direção da massa esparsamente iluminada das colinas de Hollywood.

Mas eles param antes das colinas e acabam no telhado de um hospital que faz parte da cadeia Mercy, o que tecnicamente torna aquilo espaço aéreo do Vaticano. Até aqui, isto tem o dedo de Juanita até o talo.

– Ala neurológica – diz o Major Clem, recitando essa série de palavras como se estivesse dando uma ordem. – Quinto andar, ala leste, quarto 564.

***

O homem no leito do hospital é Da5id.

Tiras de couro largas e extremamente grossas foram esticadas na cabeceira e no pé da cama. Punhos de couro, forrados com pele de carneiro, estão presos às tiras. Eles foram amarrados nos pulsos e nos tornozelos de Da5id. Ele está vestindo uma bata hospitalar que escorregou quase toda.

A pior coisa é que seus olhos não estão apontando para a mesma direção. Ele está ligado a um ECG que está mapeando seus batimentos cardíacos, e muito embora Hiro não seja médico, ele pode ver que não é um padrão regular. O

coração bate rápido demais, depois não bate nada, depois soa um alarme, depois começa a bater outra vez.

Ele ficou completamente zerado. Seus olhos não estão vendo nada. No começo, Hiro pensa que o corpo dele está flácido e relaxado. Chegando mais perto, ele vê que Da5id está tenso e tremendo, o corpo encharcado de transpiração.

– Nós pusemos um marcapasso temporário – diz uma mulher. Hiro se vira. É uma freira que parece ser cirurgiã.

– Há quanto tempo ele está tendo convulsões?

– A ex-esposa dele ligou para nós, disse que estava preocupada.

– Juanita.

– Sim. Quando os paramédicos chegaram, ele havia caído da cadeira em casa e estava convulsionando no chão. Aqui você pode ver uma contusão, onde achamos que o computador dele caiu da mesa e o atingiu nas costelas. Então, para protegê-lo de maiores ferimentos, nós o colocamos em contenção. Mas durante a última meia hora ele tem ficado assim, como se o corpo inteiro estivesse fibrilando. Se continuar assim, vamos retirar as tiras.

– Ele estava usando óculos?

– Não sei. Posso checar isso para o senhor.

– Mas você acha que isso aconteceu enquanto ele estava conectado no computador?

– Realmente não sei, senhor. Só sei que ele está com uma arritmia cardíaca tão ruim que precisamos implantar um marcapasso nele bem ali no chão do escritório. Nós demos a ele uma medicação para evitar as convulsões, só que não funcionou. Demos tranquilizantes para acalmá-lo, que funcionaram levemente. Colocamos sua cabeça em várias máquinas de imageamento para descobrir qual era o problema. Ainda não temos diagnóstico.

– Bom, vou dar uma olhada na casa dele – diz Hiro.

A médica dá de ombros.

– Me informe quando ele recobrar a consciência – pede Hiro.

A médica não fala nada. Pela primeira vez, Hiro percebe que a condição de Da5id pode não ser temporária.

Quando Hiro está saindo para o corredor, Da5id fala:

– E ne em ma ni a gi a gi ni um ma ma dam e ne em am na ki ga a gi a gi...

Hiro dá meia-volta e olha para ele. Da5id está relaxado nas tiras, parece calmo, meio adormecido. Ele está observando Hiro por entre olhos semicerrados.

– E ne em dam gal nun na a g agi e ne em u um um abzu ka a gi a agi...

A voz de Da5id é profunda e plácida, sem traços de estresse. As sílabas rolam em sua língua como baba. Quando Hiro desce o corredor, ainda pode ouvir Da5id falando o tempo todo.

– I ge em i ge em nu ge em nu ge em us as tur ra lu ra ze em men...

Hiro volta para o helicóptero. Eles atravessam o meio do Beachwood Canyon e vão direto para o letreiro de Hollywood.

A casa de Da5id foi transfigurada pela luz. Ela fica no fim de sua própria estradinha, no cume de uma colina. A estrada foi bloqueada por um veículo achatado, tipo Jipe, do General Jim, luzes vermelhas e azuis saturadas varrendo e pulsando nele. Outro helicóptero está sobre a casa, apoiado em uma coluna giratória de irradiação. Soldados espreitam para um lado e para outro da propriedade, levando holofotes de mão.

– Tivemos a precaução de guardar o perímetro – diz o Major Clem.

Nas fronteiras de toda essa luz, Hiro consegue ver as cores orgânicas mortas da colina. Os soldados estão tentando empurrá-la de volta com seus holofotes, tentando queimá-la. Ele próprio está para se enterrar nela, tornando-se um único pixel borrado em alguma janela de passageiros de um avião. Mergulhando de cabeça na biomassa.

O laptop de Da5id está no chão, próximo à mesa onde ele gostava de trabalhar. Ela está cercada por entulhos médicos. No meio disso, Hiro encontra os óculos de Da5id, que caíram quando ele bateu no chão ou foram arrancados pelo paramédicos.

Hiro apanha os óculos. Quando ele os leva à altura dos olhos, vê a imagem: uma muralha de estática em preto e branco. O computador de Da5id sofreu snow crash.

Ele fecha os olhos e solta os óculos. Ninguém pode se machucar olhando para um bitmap. Ou pode?

***

A casa é meio que um castelo modernista com uma torre alta numa das pontas. Da5id, Hiro e o resto dos hackers costumavam subir lá no alto com uma caixa de cerveja e um hibachi e simplesmente passavam a noite toda comendo camarões gigantes, patinhas de caranguejo, ostras, tudo isso regado a cerveja. Hoje ela está deserta, claro, exceto pelo hibachi, que está enferrujado e quase soterrado por cinzas, como uma relíquia arqueológica. Hiro pega uma das cervejas de Da5id da geladeira e fica ali, sentado por um momento no que costumava ser seu lugar favorito, bebendo devagar sua cerveja, como ele costumava fazer ao ler histórias sob as luzes.

Os velhos bairros do centro estão aglomerados lá embaixo sobre uma névoa orgânica eterna. Em outras cidades, as pessoas respiram contaminantes industriais, mas em LA, respiram aminoácidos. A extensão enevoada está cercada por anéis e redes de linhas reluzentes, como os fios incandescentes dentro de uma torradeira. Na saída do desfiladeiro, ela se aproxima o suficiente para que a luz fique mais aguçada e se quebre em estrelas, arcos, letras brilhantes. Feixes de corpúsculos vermelhos e brancos pulsam em rodovias com a lógica fuzzy de luzes de tráfego inteligentes. Mais adiante, se espalhando pela bacia, um milhão de logos animados se fundem em arcos sólidos, como pontos geométricos se fundindo em curvas. A cada lado dos guetos das franquias, o loglo se reduz por algumas poucas camadas rasas de desenvolvimento e em uma penumbra nas cercanias, que é estourada aqui e ali pelo brilho incandescente de um holofote de segurança no quintal de alguém.

A franquia e o vírus funcionam sob o mesmo princípio: o que consegue se desenvolver em um lugar conseguirá se desenvolver em outro. É só encontrar um plano de negócios suficientemente virulento, condensá-lo em um fichário – seu DNA –, xerocá-lo e embutir tudo no acostamento fértil de uma rodovia bem rodada, de preferência uma que tenha uma alameda para virar à esquerda. Então o crescimento se expandirá até ultrapassar suas linhas de propriedade.

Em tempos mais antigos, era possível ir até o Café da Mamãe para comer alguma coisinha e tomar uma xícara de café e se sentir em casa. Tudo funcionava muito bem quando não se deixava sua cidade natal. Mas se a pessoa

fosse até a próxima cidadezinha, todo mundo a olharia de modo estranho e o Prato Especial do Dia seria algo irreconhecível. Se alguém viajasse o bastante, nunca conseguiria se sentir em casa.

Mas quando um homem de negócios de Nova Jersey vai para Dubuque, ele sabe que pode entrar num McDonald's sem que ninguém olhe de um jeito estranho para ele. Ele pode pedir sem precisar olhar para o cardápio e a comida terá sempre o mesmo gosto. McDonald's é o Lar, condensado em um fichário e xerocado. "Sem surpresas" é o lema do gueto das franquias, seu selo da revista *Good Housekeeping*, subliminarmente impresso em cada placa e logo que compõem as curvas e grades de luz que delineiam a Bacia.

O povo dos Estados Unidos, que vive no país mais surpreendente e terrível do mundo, obtém consolo com esse lema. Siga o loglo lá fora, para onde o crescimento é coberto nos vales e nos desfiladeiros, e se encontrará a terra dos refugiados. Eles fugiram da verdadeira América, a América das bombas atômicas, dos escalpelamentos, do hip-hop, da teoria do caos, dos sapatos de cimento, dos manipuladores de cobras, dos matadores em série, do spacewalk, da gordura extrema, dos drive-thru, dos mísseis cruise, da Marcha de Sherman, dos engarrafamentos monstruosos, das gangues de motoqueiros e do bungee jumping. Eles estacionaram em paralelo suas *bimbo boxes* em padrões de rua idênticos aos de Suburbiclaves, projetados em computador em buracos simétricos na pedra com pisos de vinil, paredes de madeira que não encaixam direito e sem calçadas, vastas fazendas lá fora na vastidão selvagem dos loglos, um meio cultural para uma cultura das mídias.

Os únicos que restaram na cidade são moradores de rua, comendo restos; imigrantes, jogados fora como fragmentos de explosivo na destruição das potências asiáticas; jovens malucos; e o sacerdócio tecnomidiático da Grande Hong Kong do Sr. Lee. Jovens inteligentes como Da5id e Hiro, que correm o risco de viver na cidade porque gostam de estímulos e sabem que podem lidar com eles.

25

Y. T. não sabe realmente dizer onde estão. Está claro que eles estão presos no tráfego. Não que isso fosse previsível ou coisa assim.

– Y. T. precisa seguir agora – ela anuncia.

Nenhuma reação por um segundo. Então o hacker se recosta em sua cadeira, olha por cima dos óculos, ignorando o display-compu 3D, dando uma bela olhada na parede.

– Ok – ele diz.

Rápido como um mangusto, o homem do olho de vidro avança, arranca a maleta de alumínio do cilindro criogênico e a joga para Y. T. Enquanto isso, um dos sujeitos da Máfia que estão ali sem fazer nada está abrindo a porta de trás do caminhão, dando a todos ali uma bela vista de um engarrafamento no bulevar.

– Mais uma coisa – fala o homem do olho de vidro, e enfia um envelope num dos múltiplos bolsos de Y. T.

– O que é isso? – pergunta Y. T.

Ele levanta as mãos como se para se proteger.

– Não se preocupe, é só uma coisinha. Agora pode ir.

Ele faz um gesto para o sujeito que está segurando a prancha dela. O sujeito acaba se mostrando estiloso, porque ele simplesmente joga a prancha. Ela pousa num ângulo estranho no chão entre eles. Mas os raios há muito tempo já tinham visto o chão chegando, calculado todos os ângulos, estendido e se flexionado como as pernas e os pés de um jogador de basquete voltando à terra depois de uma enterrada monstruosa. A prancha pousa em pé, tomba para um lado, depois para o outro, enquanto recupera seu equilíbrio, depois se endireita bem na direção de Y. T. e para ao lado dela.

A Kourier sobe na prancha, dá um impulso e sai voando pela porta traseira do semi, batendo no capô de um Pontiac que estava perto demais. Seu para-brisa dá uma bela superfície para manobrar, e ela consegue reverter lindamente sua

direção quando bate no asfalto. O dono do Pontiac está buzinando furiosamente, com toda a razão, mas não há como possa caçá-la, pois o tráfego está inteiramente parado, e Y. T. é a única coisa por quilômetros que consegue ser capaz de se movimentar. O que, diga-se de passagem, é a razão primeira da existência dos Kouriers.

***

A franquia #1106 dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne é das grandes. Seu baixo número de série implica idade avançada. Ela foi construída muito tempo atrás, quando a terra era barata e os terrenos eram grandes. O estacionamento está meio cheio. Normalmente, tudo o que se vê numa franquia do Reverendo Wayne são carros velhos com expressões hispânicas malucas pintadas com esmalte nos parachoques traseiros – os carros de evangélicos centro-americanos que vieram para o norte para conseguir empregos decentes e fugir do estilo implacavelmente católico de suas terras natais. Esse estacionamento também tem um monte de *bimbo boxes* velhas e comuns com placas de todos os Suburbiclaves.

O tráfego está andando um pouquinho melhor nesse trecho do bulevar, e por isso Y. T. entra no estacionamento a uma velocidade muito boa, dando uma ou duas órbitas ao redor da franquia para reduzir a velocidade. Um estacionamento todo lisinho é difícil de resistir quando se está indo rápido, e, olhando para isso de um ponto de vista menos juvenil, é uma boa ideia ver o escopo das coisas, se familiarizar com seu ambiente. Y. T. então fica sabendo que aquele estacionamento está ligado ao de uma franquia Chop Shop logo ao lado (“Transformamos qualquer veículo em grana em minutos!”), que, por sua vez, flui para dentro do estacionamento de um shopping abandonado da vizinhança. Um skatista provavelmente poderia navegar de LA para Nova York passando de um estacionamento para o seguinte.

Este estacionamento faz ruídos de estouros e guinchos em algumas áreas. Ao olhar para baixo, ela vê que atrás da franquia, perto da lixeira, o asfalto está cheio de frasquinhos de vidro, como aqueles que Squeaky estava olhando noite passada. Eles estão espalhados como guimbas de cigarro atrás de um bar.

Quando as almofadas de suas rodas passam por cima desses frascos, eles pulam embaixo e deslizam pelo asfalto.

As pessoas estão fazendo fila do lado de fora, esperando para entrar. Y. T. fura a fila e entra.

***

A sala da frente dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne é, claro, como todas as outras. Uma fileira de poltronas de vinil almofadadas onde os fiéis podem aguardar seus números serem chamados, com um vaso de plantas em cada extremidade e uma mesa cheia de revistas antigas. Um cantinho dos brinquedos, onde as crianças podem matar o tempo, reencenando batalhas cósmicas imaginárias com plástico moldado. Um balcão feito de madeira falsa para parecer com algo de uma igreja velha. Atrás do balcão, uma garota gordinha de segundo grau, cabelo louco aguado que recebeu um belo tratamento de chapinha, sombra azul metálica nos olhos e uma camada uniforme de maquiagem vermelha cobrindo suas bochechas grandes e gelatinosas, vestida com uma espécie diáfana de bata de coral de igreja por cima de sua camiseta.

Quando Y. T. entra, ela está bem no meio de uma transação. Ela vê Y. T. a distância, mas nenhum fichário em qualquer lugar do mundo permite que uma transação seja interrompida ou cancelada no meio.

De saco cheio, Y. T. suspira e cruza os braços para transmitir a sensação de impaciência. Em qualquer outro estabelecimento comercial, ela já estaria tocando um rebu e marchando para trás do balcão como se fosse a dona do lugar. Mas esta é uma igreja, que diabo!

Há um pequeno rack ao longo da frente do balcão com folhetos religiosos gratuitos, mediante doação. Diversas partes do rack estão ocupadas pelo famoso best-seller do Reverendo Wayne: *Como a América foi salva do comunismo: ELVIS MATOU JFK*.

Y. T. pega o envelope que o homem do olho de vidro enfiou no seu bolso. Todos apresentam o Tio Enzo. Ele está na entrada ampla em forma de ferradura de uma casa imensa, maior do que qualquer casa que Y. T. já tenha visto com seus próprios olhos. Ele está em pé numa prancha de skate. Ou caindo de uma

prancha de skate. Ou andando, devagar, os braços abertos como quem está tentando se equilibrar, sendo caçado por seguranças nervosos.

Um pedaço de papel envolve as fotos. Ele diz: “Y. T., obrigado pela sua ajuda. Como você pode ver por estas fotos, eu bem que tentei treinar para esta missão, mas vou precisar praticar um pouco ainda. Seu amigo, Tio Enzo”.

Y. T. enrola as fotos do jeito que estavam antes, coloca-as de volta no bolso, reprime um sorriso e retorna às questões comerciais.

A garota da bata ainda está realizando a transação atrás do balcão. A outra pessoa é uma mulher atarracada que fala espanhol e está com um vestido laranja.

A garota digita alguma coisa no computador. A cliente coloca seu Visa com estrépito em cima do altar de madeira fake, fazendo um som de tiro de rifle. A garota pega o cartão utilizando suas unhas de dois centímetros de comprimento, uma operação complicada que faz Y. T. pensar em insetos saindo de seus saquinhos de ovos. Então ela executa o sacramento, passando o cartão por seu slot eletromagnético com um gesto cuidadosamente modulado do braço, como se estivesse rasgando um véu, ao mesmo tempo que segura a fatura, murmurando que precisa de uma assinatura e de um número de telefone de horário comercial. Ela poderia até estar falando latim e estaria tudo bem, porque aquela cliente está familiarizada com a liturgia e assina e escreve o número de telefone antes mesmo que as palavras tenham sido todas proferidas.

Então fica faltando apenas a Palavra lá do Alto. Mas computadores e comunicações são incrivelmente bons hoje em dia, e normalmente não se leva mais que dois segundos para se executar uma verificação de cobrança de cartão. A maquininha aprova o código com um bip, músicas celestiais sendo cantadas em minúsculos alto-falantes, e um par largo de portas cor de pérola no fundo da sala se abrem majestosamente.

– Obrigada por sua doação – fala a garota, resmungando as palavras juntas em uma única sílaba.

A cliente atravessa correndo as portas duplas, atraída por tons de órgão hipnóticos. O interior da capela é estranhamente colorido, iluminado parcialmente por lâmpadas fluorescentes embutidas no teto e também por grandes caixas de luz colorida que simulam vitrais. A maior delas, na forma de um arco gótico gordinho, está aparafusada à parede de trás, acima do altar, e

apresenta uma trindade incandescente: Jesus, Elvis e o Reverendo Wayne. Jesus fica por cima dos outros. A fiel não dá nem meia dúzia de passos dentro da capela antes de desabar de joelhos no meio do corredor e começar a falar em línguas:

– Ar ia ari ar isa vê na a mir ia i as, vê na a mir ia a sar ia...

As portas tornam a se fechar.

– Só um segundo – diz a garota, olhando para Y. T. um pouco nervosa. Ela dá a volta ao balcão e entra no meio da área de brinquedos, prendendo a bainha da bata num módulo de batalha dos Guerreiros Ninjas da Jangada, e bate na porta do banheiro.

– Tem gente! – diz uma voz de homem do outro lado da porta.

– O Kourier está aqui – avisa a garota.

– Já vou sair – replica o homem, mais baixinho.

E ele realmente sai logo. Y. T. não percebe nenhum tempo de espera, nenhum tempo para levantar o zíper ou lavar as mãos. Ele está vestindo um terno preto com colarinho de clérigo, puxando uma batina preta leve ao sair para a área de brinquedos, esmagando pequenos bonecos de ação e caças com seus sapatos pretos. Seus cabelos são pretos e bem gomalinados, com alguns fios grisalhos, e ele usa óculos bifocais de aro de tartaruga com lentes levemente tingidas de marrom. Ele tem poros muito grandes no rosto.

E, quando ele chega perto o suficiente para que Y. T. possa perceber todos esses detalhes, ela também pode sentir o cheiro dele. Ela sente o cheiro de Old Spice, além de um forte bafo de vômito. Mas não é vômito de bebida.

– Me dá isso aqui – ele diz, e arranca a maleta de alumínio da mão dela.

Y . T. nunca deixa as pessoas fazerem isso.

– Você precisa assinar a entrega – ela fala. Mas sabe que é tarde demais. Se não fizer com que eles assinem primeiro, estará ferrada. Você não tem poder, não tem influência; é apenas um moleque num skate.

E é por isso que Y. T. nunca deixa que ninguém arranque entregas de suas mãos. Mas este sujeito é um ministro, pelo amor de Deus. Ela apenas não tinha se tocado disso. Ele arrancou a maleta da mão dela – e agora está correndo com ela de volta para seu escritório.

– Eu posso assinar – sugere a garota. Ela parece apavorada. Mais do que isso, parece doente.

– Tem que ser ele pessoalmente – diz Y. T. – Reverendo Dale T. Thorpe.

Agora ela já cansou de ficar chocada e está começando a ficar puta. Então ela simplesmente vai atrás dele até o escritório.

– Você não pode entrar lá – diz a garota, mas ela diz isso sonolenta, triste, como se tudo isso já estivesse meio esquecido. Y. T. abre a porta.

O Reverendo Dale T. Thorpe está sentado à sua mesa. A maleta de alumínio está aberta à sua frente. Ela está cheia com as mesmas coisas complicadas que Y. T. viu na outra noite, depois do negócio com o Corvo. O Reverendo Dale T. Thorpe parece estar preso a esse dispositivo pelo pescoço.

Não, na verdade ele está usando alguma coisa numa cordinha no pescoço. Ele a mantém embaixo da roupa, da maneira como Y. T. guarda as plaquinhas de identificação do Tio Enzo. Ele puxou a coisa para fora e a enfiou num slot dentro da caixa de alumínio. Parece ser um cartão de identidade laminado com um código de barras.

Agora ele puxa o cartão para fora e o deixa pendurado na frente do corpo. Y. T. não sabe dizer se ele reparou nela ou não. O ministro está digitando no teclado, catando milho com dois dedos, errando letras, repetindo a operação.

Então motores e servos dentro da caixa de alumínio giram e estremecem. O Reverendo Dale T. Thorpe soltou um dos frasquinhos de seu lugar na tampa e o inseriu num soquete ao lado do teclado. Ele é levado lentamente para dentro da máquina.

Com um barulho de estalo, o frasco retorna para fora. A tampa de plástico vermelho está emitindo uma luz vermelha granulada. Ela tem pequenos LEDs embutidos dentro dela, e estão apresentando números em contagem regressiva de segundos: 5, 4, 3, 2, 1...

O Reverendo Dale T. Thorpe leva o frasco à sua narina esquerda. Quando o contador do LED chega a zero, ele solta um sibilar, como o ar que escapa de um pneu furado. Ao mesmo tempo, ele inala profundamente, puxando tudo para os pulmões. Então ele joga o frasco habilmente na lata de lixo.

– Reverendo? – pergunta a garota. Y. T. dá meia-volta e vê a garota rodeando o escritório. – O senhor daria a minha dose agora, por favor?

O Reverendo Dale T. Thorpe não responde. Ele desabou em sua cadeira giratória de couro e está olhando fixamente uma foto gigante de Elvis cercada por neon, em seus dias de Exército, segurando um rifle.

25

Quando acorda, o dia está no meio e ele está todo ressecado pelo sol, e há pássaros voando lá no alto, tentando deduzir se ele está vivo ou morto. Hiro desce do telhado da torre e, jogando a cautela ao diabo, toma três copos de água da torneira de LA. Pega um pouco de bacon na geladeira de Da5id e joga no micro-ondas. A maioria do pessoal do General Jim já foi embora, e há apenas um contingente simbólico de soldados no fim da rua. Hiro tranca todas as portas que dão para a encosta da colina porque não consegue parar de pensar no Corvo. Então ele se senta à mesa da cozinha e coloca os óculos.

O Black Sun está cheio, em sua maior parte, de asiáticos, incluindo muita gente da indústria de filmes de Bombaim, encarando uns aos outros, acariciando seus bigodes pretos, tentando descobrir que tipo de filme de ação ultraviolento será exibido em Persépolis no ano que vem. Lá já é noite. Hiro é um dos poucos americanos no bar.

Ao longo da parede dos fundos do bar, há uma fileira de recintos privados, que vão de pequenas salas íntimas a grandes salas de conferência onde um bando de avatares pode se juntar e fazer uma reunião. Juanita está esperando por Hiro numa das menores. O avatar dela é igual a Juanita. É uma representação honesta, sem nenhum esforço para ocultar os primeiros pés-de-galinha nos cantos de seus grandes olhos negros. Seus cabelos lustrosos estão com uma resolução tão boa que Hiro consegue ver fios individuais refletindo a luz em minúsculos arco-íris.

– Estou na casa do Da5id. Cadê você? – pergunta Hiro.

– Estou num avião, portanto a conexão pode cair – responde Juanita.

– Está a caminho daqui?

– A caminho do Oregon, na verdade.

– Portland?

– Astoria.

– Por que diabos você iria para Astoria, Oregon, numa hora destas?

Juanita respira fundo, e solta o ar com um estremecimento.

– Se eu te dissesse o porquê, iríamos brigar.

– Qual é o estado de Da5id agora? – pergunta Hiro.

– Está na mesma.

– Algum diagnóstico?

Juanita suspira, parece cansada.

– Não haverá nenhum diagnóstico – ela diz. – É um problema de software, e não de hardware.

– Hein?

– Eles estão cercando os suspeitos de sempre. Tomografias, ressonâncias magnéticas, eletroencefalogramas. Está tudo bem. Não há nada de errado com o cérebro dele... com seu hardware.

– Quer dizer que ele está rodando o programa errado?

– O software dele foi envenenado. Da5id teve um snow crash ontem à noite, dentro de sua cabeça.

– Você está tentando dizer que é um problema psicológico?

– É um problema que meio que vai além dessas categorias estabelecidas – revela Juanita – porque é um fenômeno novo. Na verdade, é um fenômeno bem antigo.

– Será que essa coisa acontece espontaneamente?

– Me diga você – ela diz. – Você esteve lá ontem à noite. Alguma coisa aconteceu depois que eu fui embora?

– Ele tinha um cartão de Snow Crash que conseguiu com o Corvo do lado de fora do Black Sun.

– Merda. Aquele filho da puta.

– Quem é o filho da puta? O Corvo ou Da5id?

– Da5id. Eu tentei avisá-lo.

– Ele usou o cartão. – Hiro explica o que aconteceu com a Brandy e o rolo de pergaminho mágico. – Então, depois, teve problemas com o computador e foi expulso.

– Eu ouvi falar dessa parte – ela conta. – Foi por isso que chamei os paramédicos.

– Não vejo a ligação entre o computador de Da5id sofrer um crash e você chamar uma ambulância.

– O rolo de Brandy não estava apenas mostrando estática aleatória. Estava piscando uma grande quantidade de informação digital em forma binária. Essa informação digital foi direto para o nervo óptico de Da5id, que, por acaso, faz parte do cérebro: se você olhar direto para a pupila de uma pessoa, poderá ver o terminal do cérebro.

– Da5id não é um computador. Ele não sabe ler código binário.

– Ele é um hacker. Ele ganha a vida mexendo com código binário. Essa habilidade está em firmware nas estruturas profundas de seu cérebro. Então ele é suscetível a esse tipo de informação. E você também, garotão.

– De que tipo de informação estamos falando?

– Más notícias. É um metavírus – revela Juanita. – É a bomba atômica da guerra informática: um vírus que faz qualquer sistema se infectar com novos vírus.

– E foi isso o que fez Da5id ficar doente?

– Foi.

– Por que eu não fiquei doente?

– Você estava muito longe. Seus olhos não conseguiram ver o bitmap em alta resolução. Ele precisa estar bem na sua cara.

– Vou pensar nessa – diz Hiro. – Mas tenho mais uma pergunta. O Corvo também distribui outra droga, na Realidade, chamada, entre outras coisas, Snow Crash. O que é isso?

– Não é uma droga – explica Juanita. – Eles fazem com que ela pareça uma droga e tenha jeito de droga para que as pessoas tenham vontade de consumi-la. Ela é misturada com cocaína e outras coisas.

– Se não é droga, é o quê, então?

– É soro sanguíneo quimicamente processado, retirado de pessoas infectadas com o metavírus – diz Juanita. – Ou seja, é só outra maneira de disseminar a infecção.

– Quem a está disseminando?

– A igreja particular de L. Bob Rife. Todas aquelas pessoas estão infectadas.

Hiro leva as mãos à cabeça. Ele não está exatamente pensando nisso; ele está deixando a informação ricochetear nas paredes de seu crânio, esperando que ela descanse.

– Espere um pouco, Juanita. Decida-se. Esse negócio de Snow Crash é vírus, droga ou religião?

Juanita dá de ombros.

– Qual é a diferença?

O fato de que Juanita esteja falando dessa maneira não torna mais fácil para Hiro voltar a se segurar nessa conversa.

– Como é que você pode dizer isso? Você é uma pessoa religiosa.

– Não misture todas as religiões no mesmo saco.

– Desculpe.

– Todas as pessoas têm religiões. É como se tivéssemos receptores de religião embutidos em nossos neurônios, ou coisa do tipo, e nos agarrássemos a qualquer coisa que preencha esse nicho para nós. A religião costumava ser essencialmente viral: uma informação que se replicava dentro da mente humana, pulando de uma pessoa para outra. Era assim que costumava ser e, infelizmente, é assim que está sendo agora. Mas têm havido vários esforços para nos tirar das mãos da religião irracional e primitiva. O primeiro foi feito por alguém chamado Enki, há aproximadamente 4 mil anos. O segundo foi feito por estudiosos hebreus no século 8 a.C., expulsos de sua terra natal pela invasão de Sargon II, mas no fim das contas essa tentativa simplesmente involuiu até chegar a um conjunto vazio de leis. Outra tentativa foi feita por Jesus: este aí foi sequestrado por influências virais cinquenta dias antes de sua morte. O vírus foi suprimido pela Igreja Católica, mas estamos no meio de uma grande epidemia que se iniciou no Kansas, em 1900, e só tem ganhado impulso desde então.

– Você acredita em Deus ou não? – Hiro pergunta. Uma coisa de cada vez.

– Claro que sim.

– Você acredita em Jesus?

– Acredito. Mas não na ressurreição física, corporal de Jesus.

– Como é que você pode ser cristã sem acreditar nisso?

– Eu diria – retruca Juanita –, como você pode ser cristão acreditando nisso? Qualquer um que se dê ao trabalho de estudar os evangelhos pode ver que a

ressurreição corporal é um mito que foi acrescentado à verdadeira história anos depois que as histórias verídicas foram escritas. É tão *National Enquirer*, você não acha?

Além disso, Juanita não tem muito a dizer. Ela não quer entrar nisso agora, diz. Não quer influenciar com preconceitos o pensamento de Hiro “a essa altura dos acontecimentos”.

– Isso implica que haverá alguma outra altura nos acontecimentos? Esta relação aqui vai continuar? – pergunta Hiro.

– Você quer encontrar as pessoas que infectaram Da5id?

– Quero. Caralho, Juanita, mesmo que ele não fosse meu amigo, eu iria querer encontrar esses caras antes que eles me infectassem!

– Procure na pilha Babel, Hiro, e depois me visite se eu voltar de Astoria.

– Se você voltar? O que você vai fazer lá?

– Pesquisa.

Ela manteve uma postura de mulher de negócios durante toda a conversa, cuspindo informações, dizendo a Hiro como as coisas são. Mas ela está cansada e ansiosa, e Hiro acha que ela está com muito medo.

– Boa sorte – ele deseja. Estava todo pronto para flertar com ela durante essa reunião, pegando de onde pararam ontem à noite. Mas alguma coisa mudou na mente de Juanita entre ontem e hoje. Flertar é a última coisa em que ela está pensando.

Juanita vai fazer alguma coisa perigosa no Oregon. Ela não quer que Hiro saiba para que ele não se preocupe.

– Tem um material bom na pilha Babel sobre alguém chamada Inanna – diz ela.

– Quem é Inanna?

– Uma deusa suméria. Eu estou meio que apaixonada por ela. De qualquer maneira, você não vai entender o que eu estou para fazer se não entender Inanna primeiro.

– Bom, boa sorte – diz Hiro. – Cumprimente a Inanna por mim.

– Obrigada.

– Quando você voltar, eu quero te ver.

– A recíproca é verdadeira – diz ela. – Mas antes temos que sair desta.

– Ah. Eu não sabia que eu estava dentro de alguma coisa.

– Não seja bobo. Estamos todos metidos nessa.

Hiro sai da sala e volta ao Black Sun. Há um sujeito vagando pelo Quadrante Hacker que realmente se destaca. Seu avatar não parece tão bacana. E ele está com dificuldades para controlá-lo. Ele parece um sujeito que acabou de entrar no Metaverso pela primeira vez e não sabe como se movimentar ali. Ele fica esbarrando nas mesas e, quando quer se virar, acaba girando várias vezes, sem saber quando parar.

Hiro vai até ele porque seu rosto lhe parece um pouco familiar. Quando o sujeito finalmente para de se mover por tempo suficiente para Hiro vê-lo com clareza, ele reconhece o avatar. É um Clint, que muito frequentemente pode ser visto na companhia de uma Brandy.

O Clint reconhece Hiro, e seu rosto surpreso aparece por um segundo, para ser então substituído por sua costumeira aparência séria, rígida e tosca. Ele junta as mãos à sua frente, e Hiro vê que ele está segurando um rolo de pergaminho, igual a Brandy.

Hiro pega sua katana, mas o rolo já está na sua cara, abrindo-se para revelar o brilho azulado do bitmap lá dentro. Ele dá um passo para o lado, vai até um lado do Clint, levanta a katana acima de sua cabeça, desce-a e corta os braços do Clint.

Quando o rolo cai, ele se abre ainda mais. Hiro não se atreve a olhar para ele agora. O Clint deu meia-volta e está tentando fugir desajeitadamente do Black Sun, batendo de mesa em mesa como uma bolinha de pinball.

Se Hiro pudesse matar o cara – cortar sua cabeça –, então seu avatar ficaria no Black Sun e seria retirado de lá pelos Daemons do Cemitério. Hiro poderia dar uma hackeada por aí e quem sabe descobrir quem ele é e de onde veio.

Mas algumas dezenas de hackers estão vagando ali pelo bar, vendo tudo aquilo, e, se todos se aproximarem e olharem para o rolo, acabarão como Da5id.

Hiro se agacha, sem olhar para o rolo, e puxa um dos alçapões ocultos que levam para o sistema de túneis. Foi ele quem criou o código desses túneis no Black Sun, para começo de conversa; ele é a única pessoa no bar inteiro que pode usá-los. Ele joga o rolo no túnel com uma das mãos e fecha a porta.

Hiro pode ver Clint lá longe, bem perto da saída, tentando apontar seu avatar na direção da porta. Hiro corre atrás dele. Se esse cara alcançar a rua, já era: ele vai se transformar num fantasma translúcido. Com uma vantagem de 15 metros numa multidão de um milhão de outros fantasmas translúcidos, simplesmente não há saída. Como de costume, há uma aglomeração de wannabes reunidos na Rua, lá na frente. Hiro pode ver o sortimento de costume, incluindo algumas poucas pessoas em preto e branco.

Um desses preto e brancos é Y. T. Ela está parada ali fora esperando Hiro sair.

– Y. T.! – ele grita. – Pegue aquele cara sem braços!

Hiro sai da porta poucos segundos depois do Clint. Tanto o Clint quanto Y. T. já sumiram de vista.

Ele volta para o Black Sun, abre um alçapão e pula para dentro do sistema de túneis, o reino dos Daemons do Cemitério. Um deles já pegou o rolo e está se encaminhando para o centro para jogá-lo no fogo.

– Ei, meu camarada – diz Hiro. – Dê uma virada à direita no próximo túnel e deixe esse negócio no meu escritório, ok? Mas me faça um favor e enrole isso primeiro.

Ele acompanha o Daemon do Cemitério túnel abaixo, embaixo da Rua, até eles estarem sob a vizinhança onde Hiro e os outros hackers têm suas casas. Hiro faz o Daemon do Cemitério depositar o rolo enrolado em sua oficina, lá no porão – o aposento onde Hiro faz seus trabalhos de hacker. Então Hiro continua subindo até seu escritório.

27

Seu telefone de voz está tocando. Hiro atende.

– Pod – diz Y. T. – Eu estava começando a achar que você jamais sairia daí.

– Cadê você? – pergunta Hiro.

– Na Realidade ou no Metaverso?

– Nos dois.

– No Metaverso, eu estou num trem monotrilho descacetado. Acabei de passar pela Porta 35.

– Já? Deve ser um expresso.

– Bem pensado. Esse Clint de quem você cortou os braços está dois carros à minha frente. Acho que ele não percebeu que eu estou o seguindo.

– Onde você está na Realidade?

– Terminal público em frente a um Reverendo Wayne – ela diz.

– Ah, é? Mas que interessante.

– Acabei de fazer uma entrega ali.

– Que tipo de entrega?

– Uma maleta de alumínio.

Ele consegue que Y. T. lhe conte toda a história, ou o que ele pensa que é toda a história – não há como saber.

– Você tem certeza de que o blá-blá-blá das pessoas no parque era o mesmo blá-blá-blá da mulher no Reverendo Wayne?

– Absoluta – ela diz. – Conheço um monte de pessoas que vão lá. Ou os pais deles vão e arrastam eles, você sabe.

– Para os Portões Celestiais do Reverendo Wayne?

– Sim. E todos eles ficam falando em línguas. Foi o que eu ouvi antes.

– Falo com você mais tarde, pod – diz Hiro. – Tenho uma pesquisa séria pra fazer.

– Até.

O cartão Babel/Infocalipse está repousando no meio de sua mesa. Hiro o pega. O Bibliotecário aparece.

Hiro vai perguntar ao Bibliotecário se ele sabe que Lagos está morto. Mas é uma pergunta que não faz sentido. O Bibliotecário sabe, mas não sabe. Se ele quisesse checar a Biblioteca, poderia descobrir isso em alguns instantes, mas ele não reteria realmente a informação. Ele não tem memória independente. O Bibliotecário é sua memória, e ele só usa pequenas partes dela de cada vez.

– O que você pode me dizer sobre falar em línguas? – Hiro pergunta.

– O termo técnico é “glossolalia” – explica o Bibliotecário.

– Termo técnico? Por que se dar ao trabalho de criar um termo técnico para um ritual religioso?

O Bibliotecário levanta as sobrancelhas.

– Ah, existe muita literatura técnica sobre o assunto. É um fenômeno neurológico que é meramente *explorado* em rituais religiosos.

– É uma coisa cristã, certo?

– Os cristãos pentecostais assim o achavam, mas estão se iludindo. Os gregos pagãos o faziam: Platão chamava isso de *teomania*. Os cultos orientais do Império Romano faziam isso. Os esquimós da Baía de Hudson, os xamãs Chukchi, os lapões, os yakuts, os pigmeus semang, os cultos do norte de Bornéu, os sacerdotes de língua Trhi em Gana. O culto amandiki zulu e a seita religiosa chinesa de Shang-tihui. Médiuns espíritas de Tonga e o culto brasileiro da umbanda. Os membros da tribo dos tungus da Sibéria dizem que, quando o xamã entra em transe e começa a proferir sílabas incoerentes, ele aprende toda a linguagem da Natureza.

– A linguagem da Natureza.

– Sim, senhor. O povo sukuma da África diz que a linguagem é kinaturu, a língua dos ancestrais de todos os magos, que se acredita descenderem de uma tribo em particular.

– O que provoca isso?

– Se as explicações místicas forem descartadas, então parece que a glossolalia vem de estruturas enterradas profundamente dentro do cérebro, comuns a todas as pessoas.

– Como é isso? Como essas pessoas agem?

– C. W. Shumway observou o revival de Los Angeles em 1906 e notou seis sintomas básicos: perda completa de controle racional; predomínio da emoção que leva à histeria; ausência de pensamento ou vontade; funcionamento automático dos órgãos da fala; amnésia; e manifestações físicas esporádicas ocasionais como estremecimento ou contrações musculares. Eusébio observou fenômenos semelhantes ao redor do ano 300, dizendo que o falso profeta começa com uma supressão deliberada do pensamento consciente e termina num delírio sobre o qual ele não tem controle.

– Qual a justificativa cristã para isso? Existe alguma coisa na Bíblia que apoie isso?

– Pentecostes.

– Você já mencionou essa palavra antes. O que é?

– Vem do grego *pentekostos*, que significa o quinquagésimo. Refere-se ao quinquagésimo dia depois da Crucificação.

– Juanita acabou de me contar que a Cristandade foi sequestrada por influências virais quando tinha apenas cinquenta dias de idade. Ela devia estar falando sobre isso. O que era?

– "E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. Com o ruído que se produziu a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma. Estupefatos e surpresos, diziam: 'Não são, acaso, galileus todos esses que estão falando? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem; tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!' Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: 'Que vem a ser isto?'." Atos dos Apóstolos, 2:4-12.

– E eu lá sei? – diz Hiro. – Parece como Babel ao contrário.

– Sim, senhor. Muitos cristãos pentecostais creem que o dom das línguas lhes foi dado para que pudessem espalhar sua religião a outros povos sem ter de

realmente aprender o idioma deles. A palavra para isso é “xenoglossia”.

– Era o que Rife estava afirmando naquele trecho de vídeo, no convés do *Enterprise*. Ele disse que podia entender o que aquele pessoal de Bangladesh estava dizendo.

– Sim, senhor.

– Isso realmente funciona?

– No século 16, São Luís Bertrand alegou ter usado o dom das línguas para converter algo entre 30 mil e 300 mil índios sul-americanos ao cristianismo – esclarece o Bibliotecário.

– Uau. Isso se espalhou por aquela população mais rápido que a varíola.

***

– O que os judeus achavam dessa coisa de Pentecostes? – pergunta Hiro. – Eles ainda governavam o país, certo?

– Os romanos governavam o país – corrige o Bibliotecário –, mas havia uma série de autoridades religiosas judaicas. Naquela época, havia três grupos de judeus: os fariseus, os saduceus e os essênios.

– Eu me lembro dos fariseus em Jesus Cristo Superstar. Eles eram aqueles com vozes graves que estavam sempre perturbando Cristo.

– Eles o estavam perturbando – explica o Bibliotecário – porque eram muito rígidos religiosamente. Seguiam uma versão da religião muito ligada às leis; para eles, a Lei era tudo. Claramente, Jesus era uma ameaça para eles porque propunha, efetivamente, que a Lei fosse abandonada.

– Ele queria uma renegociação de contrato com Deus.

– Isso parece uma analogia, coisa com a qual não sou muito bom. Mas, mesmo que seja tomado literalmente, é verdade.

– Quem eram os outros dois grupos?

– Os saduceus eram materialistas.

– E o que isso queria dizer? Eles dirigiam BMWs?

– Não. Materialistas no sentido filosófico. Todas as filosofias são ou monistas ou dualistas. Os monistas creem que o mundo material é o único

mundo, logo, são materialistas. Os dualistas acreditam em um universo binário, que existe um mundo espiritual além do mundo material.

– Bom, como um geek de computador, eu tenho de acreditar no universo binário.

O Bibliotecário ergue as sobrancelhas.

– O que isso tem a ver?

– Desculpe. É uma piada. Um trocadilho ruim. Sabe, computadores usam código binário para representar informações. Então eu estava brincando que preciso acreditar no universo binário, que tenho de ser um dualista.

– Que bobagem – comenta o Bibliotecário, que aparentemente não achou graça. – Entretanto, sua piada até que tem lá seu mérito genuíno.

– Como assim? Eu só estava brincando mesmo.

– Computadores confiam no um e no zero para representar todas as coisas. Essa distinção entre alguma coisa e nada, essa separação fulcral entre ser e não ser, é fundamental e subjaz a muitos mitos de Criação.

Hiro sente seu rosto ficar ligeiramente quente, sente que está ficando irritado. Ele suspeita que o Bibliotecário pode estar tirando um sarro da cara dele, achando que ele é um idiota. Mas ele sabe que o Bibliotecário, por mais convincente que seja a sua renderização, é apenas um programa de software e não pode realmente fazer esse tipo de coisa.

– Até mesmo a palavra “ciência” vem de uma raiz indo-europeia que significa “cortar” ou “separar”. A mesma raiz levou à palavra em inglês “shit”, ou merda, que, naturalmente, significa separar carne viva de dejetos não vivos. A mesma raiz nos deu “scythe”, foice, “scissors”, tesoura, e “schism”, cisma, que têm ligações óbvias com o conceito de separação.

– E que tal “sword”, espada?

– Vem de uma raiz com diversos significados. Um desses significados é “cortar” ou “rasgar”. Um deles é “poste” ou “vara”. E o outro é, simplesmente, “falar”.

– Não vamos perder o foco agora – diz Hiro.

– Ótimo. Posso retornar a essa bifurcação potencial da conversa posteriormente, se desejar.

– Não quero ficar bifurcado neste ponto. Me fale do terceiro grupo: os essênios.

– Eles viviam em comunidade e acreditavam que a limpeza física e espiritual estavam intimamente ligadas. Eles tomavam banho constantemente, deitavam-se nus ao sol, purgavam-se com enemas e iam a grandes extremos para ter certeza de que sua comida era pura e sem contaminação. Eles tinham até mesmo sua própria versão dos evangelhos em que Jesus curava pessoas possuídas não com milagres, mas retirando parasitas, como tênias, de seus corpos. Esses parasitas são considerados sinônimos de demônios.

– Isso me parece meio riponga.

– Essa ligação já foi feita antes, mas apresenta diversas falhas. Os essênios eram estritamente religiosos e jamais teriam consumido drogas.

– Então para eles não havia diferença entre infecção por um parasita, tipo uma lombriga, e possessão demoníaca.

– Correto.

– Interessante. O que será que eles teriam achado de vírus de computador?

– Especulação não está no meu âmbito.

– Falando nisso... Lagos me disse umas bobajadas sobre vírus, infecção e uma coisa chamada nam-shub. O que significa isso?

– Nam-shub é uma palavra do idioma sumério.

– Sumério?

– Sim, senhor. Usado na Mesopotâmia até aproximadamente 2 mil anos a.C. A mais antiga de todas as línguas escritas.

– Ah. Então todas as outras línguas descendem dela?

Por um momento, os olhos do Bibliotecário olham para cima, como se ele estivesse pensando em alguma coisa. Esta é uma dica visual para informar a Hiro que ele está fazendo uma consulta momentânea na Biblioteca.

– Na verdade, não – responde o Bibliotecário. – Absolutamente nenhum idioma descende do sumério. Ela é uma língua aglutinativa, o que significa que ela é uma coleção de morfemas ou sílabas que são agrupadas em palavras. Muito incomum.

– Você está dizendo – deduz Hiro, lembrando-se de Da5id no hospital – que se eu pudesse ouvir alguém falando sumério, soaria como uma longa corrente de

sílabas curtas reunidas.

– Sim, senhor.

– Soaria como algo do tipo glossolalia?

– É uma questão de julgamento. Pergunte para alguém real – diz o Bibliotecário.

– Ela soa como alguma língua moderna?

– Não há relação genética provável entre o sumério e qualquer idioma que veio depois.

– Que estranho. O que sei de história da Mesopotâmia é pouco – revela Hiro. – O que aconteceu com os sumérios? Genocídio?

– Não, senhor. Eles foram conquistados, mas não há evidência de genocídio *per se*.

– Todo mundo é conquistado mais cedo ou mais tarde – afirma Hiro. – Mas suas línguas não morrem. Por que o sumério desapareceu?

– Como eu sou apenas código, seria muito difícil para mim especular – diz o Bibliotecário.

– Ok. Alguém entende sumério?

– Sim. A qualquer momento da história, parece que sempre existem cerca de dez pessoas no mundo que sabem ler sumério.

– Onde elas trabalham?

– Uma em Israel. Uma no Museu Britânico. Uma no Iraque. Uma na Universidade de Chicago. Uma na Universidade da Pensilvânia. E cinco no Rife Bible College, em Houston, Texas.

– Bela distribuição. E alguma dessas pessoas descobriu o que a palavra "nam-shub" significa em sumério?

– Sim. Um nam-shub é uma fala com força mágica. O equivalente mais próximo no nosso idioma seria "encantamento", mas ela tem uma série de conotações incorretas.

– Os sumérios acreditavam em magia?

O Bibliotecário balança a cabeça devagar.

– Este é o tipo de pergunta aparentemente precisa que, na verdade, é muito profunda, e que programas de software, como eu, são notoriamente desajeitados para responder. Permita-me citar Kramer, Samuel Noah e Maier, John R. *Mitos*

de Enki, o Deus Ardiloso. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 1989: “Religião, magia e medicina estão tão completamente entrecruzadas na Mesopotâmia que separá-las é um trabalho frustrante e talvez fútil... [Encantamentos sumérios] demonstram uma íntima conexão tão completa entre o religioso, o mágico e o estético que qualquer tentativa de retirar um do outro distorcerá o todo”. Existe mais material aqui que poderá ajudar a explicar o assunto.

– Onde?

– Na sala ao lado – orienta o Bibliotecário, fazendo um gesto em direção à parede. Ele caminha até a partição de papel de arroz e a abre deslizando.

Uma fala com força mágica. Hoje em dia, as pessoas não creem nesse tipo de coisa. A não ser no Metaverso, isto é, onde a magia é possível. O Metaverso é uma estrutura ficcional feita de código. E o código é simplesmente uma forma de fala – a forma que computadores compreendem. O Metaverso em sua totalidade poderia ser considerado um único e vasto nam-shub, atuando na rede de fibras ópticas de L. Bob Rife.

O telefone de voz toca.

– Só um segundo – diz Hiro.

– Não há pressa – diz o Bibliotecário, sem acrescentar o óbvio lembrete de que ele pode esperar por um milhão de anos se preciso for.

– Eu de novo – fala Y. T. – Ainda estou no trem. O Maneta desceu na Porta Expressa 127.

– Hmm. É a antípoda do Centro da Cidade. Quero dizer, é o ponto máximo de distanciamento do centro da cidade.

– É mesmo?

– É. Um-dois-sete é dois à sétima potência menos um...

– Me poupe. Acredito em você. É definitivamente o cu do mundo – ela diz.

– Você não saltou para segui-lo?

– Está brincando? Ir lá para fora até o fim? São quase 20 mil quilômetros do prédio mais próximo, Hiro.

Ela tem razão. O Metaverso foi construído com muito espaço para se expandir. Quase todo o desenvolvimento está dentro de duas ou três Portas

Expressas – 500 quilômetros aproximadamente – do Centro da Cidade. A Porta 127 fica a 20 mil milhas de distância.

– O que é que tem aí?

– Um cubo preto com exatamente 20 milhas de lado.

– Totalmente preto?

– É.

– Como é que você consegue medir um cubo preto tão grande?

– Eu estou aqui no trem olhando para as estrelas, ok? De repente, não consigo mais vê-las do lado direito do trem. Começo a contar portas locais. Conto dezesseis. Chegamos à Porta Expressa 127, e o Maneta desce e vai na direção da coisa preta. Conto mais dezesseis portas locais e aí as estrelas surgem. Então pego 32 quilômetros e multiplico isso por 0,6 e eu consigo 20 milhas.... seu babaca.

– Isso é bom – diz Hiro. – Isso é boa info.

– Quem você acha que é dono de um cubo preto com 20 milhas de lado?

– Indo apenas na base de uma desconfiança pura e irracional, aposto que é L. Bob Rife. Dizem que ele tem um grande terreno bem no meio do nada onde ele guarda todas as tripas do Metaverso. Alguns de nós costumávamos quebrá-las ocasionalmente quando saíamos para correr de moto.

– Bom, tenho de ir, pod.

28

Hiro desliga e entra na sala nova. O Bibliotecário o acompanha. Ela tem cerca de 15 metros de lado. O centro do espaço é ocupado por três grandes artefatos, ou melhor, três renderizações tridimensionais de artefatos. Pendurada no centro, uma placa grossa de argila cozida, com cerca do tamanho de uma mesa de café e cerca de 30 centímetros de espessura. Hiro suspeita que ela seja a renderização ampliada de um objeto menor. As superfícies amplas da placa estão inteiramente cobertas por uma escrita angular que Hiro reconhece como cuneiforme. Ao redor das bordas, ele vê depressões arredondadas e paralelas que parecem ter sido feitas por dedos enquanto davam forma à placa.

À direita da placa, há um poste de madeira com galhos no alto, uma espécie de árvore estilizada. À esquerda da placa, um obelisco de dois metros e meio de altura, também coberto por escrita cuneiforme, com uma figura em baixo-relevo esculpida no alto.



A sala está repleta de uma constelação tridimensional de hipercartões, pendendo sem peso no ar. Parece uma fotografia de uma nevasca em alta velocidade. Em alguns pontos, os hipercartões estão colocados em padrões

geométricos precisos, como átomos num cristal. Em outros lugares, pilhas inteiras deles estão aglomeradas. Montes deles se acumularam nos cantos, como se Lagos os tivesse jogado de lado quando terminou. Hiro descobre que seu avatar pode passar direto através dos hipercartões sem perturbar esse arranjo. Ele é, na verdade, a contraparte tridimensional de uma mesa bagunçada, com todo o lixo ainda onde Lagos o deixou. A nuvem de hipercartões se estende para todos os cantos do espaço de 50 x 50 e do nível do chão até cerca de dois metros e meio de altura, que era o máximo que o avatar de Lagos podia alcançar.

– Quantos hipercartões têm aqui?

– Dez mil, quatrocentos e sessenta e três – responde o Bibliotecário.

– Não tenho tempo de ver todos – diz Hiro. – Pode me dar alguma ideia sobre com o quê Lagos estava trabalhando aqui?

– Bem, posso ler os nomes de todos os cartões se você desejar. Lagos os agrupou em quatro amplas categorias: estudos bíblicos, estudos sumérios, estudos neurolinguísticos e informações sobre L. Bob Rife.

– Sem entrar nesse tipo de detalhe... O que Lagos tinha em mente? Onde ele queria chegar com isso?

– Você acha que eu sou psicólogo? – questiona o Bibliotecário. – Não sei responder a esse tipo de pergunta.

– Deixe-me tentar de novo. Como essas coisas todas se conectam, se é que estão conectadas, ao tema vírus?

– As conexões são elaboradas. Sumarizá-las exigiria criatividade e discrição. Como uma entidade mecânica, não tenho nenhuma dessas duas coisas.

– Qual é a idade dessas coisas? – pergunta Hiro, gesticulando para os três artefatos.

– O envelope de argila é sumério. É do terceiro milênio a.C. Foi desenterrado na cidade de Eridu, no sul do Iraque. A estela ou obelisco preto é o Código de Hamurabi, que data de 1750 a.C. A estrutura arbórea é o totem de um culto a Iahweh, da Palestina. Chama-se Asherah. É de cerca de 900 a.C.

– Você chamou essa placa de envelope?

– Sim. Há uma placa menor de argila enrolada dentro dela. Era assim que os sumérios faziam documentos à prova de alterações.

– Todas essas coisas estão num museu em algum lugar, suponho.

– A Asherah e o Código de Hamurabi estão em museus. O envelope de argila é da coleção pessoal de L. Bob Rife.

– L. Bob Rife obviamente está interessado nessas coisas.

– O Rife Bible College, que ele fundou, tem o mais rico departamento de arqueologia do mundo. Eles têm conduzido uma escavação em Eridu, que foi o centro do culto a um deus sumério chamado Enki.

– Como essas coisas estão relacionadas umas às outras?

O Bibliotecário ergue as sobrancelhas.

– Perdão?

– Bem, vamos tentar um processo de eliminação. Você sabe por que Lagos achou que os escritos sumérios eram interessantes, e não, digamos, os gregos ou os egípcios?

– O Egito era uma civilização de pedra. Eles faziam sua arte e sua arquitetura em pedra, por isso ela dura para sempre. Mas não se pode escrever em pedra. Então eles inventaram o papiro e escreveram nele. Mas o papiro é perecível. Assim, muito embora a arte e a arquitetura deles tenham sobrevivido, seus registros escritos, seus dados, desapareceram em grande parte.

– E quanto a todas aquelas inscrições em hieróglifos?

– *Bumper stickers*, era como Lagos os chamava. Discurso político corrompido. Eles tinham uma tendência infeliz a escrever elogios às suas próprias vitórias militares antes que as batalhas acontecessem de verdade.

– E na Suméria foi diferente?

– A Suméria foi uma civilização de argila. Com ela, eles fizeram seus edifícios, e nela escreveram também. Por isso os edifícios e as estátuas sucumbiram aos elementos. Mas as tabuletas de argila foram cozidas ou enterradas em jarros. Daí, todos os *dados* dos sumérios sobreviveram. O Egito deixou um legado de arte e arquitetura; o legado da Suméria são seus megabytes.

– Quantos megabytes?

– Tantos quanto os arqueólogos quiserem desenterrar. Os sumérios escreviam em tudo. Quando construíam um prédio, escreviam com letras cuneiformes em todos os tijolos. Quando os prédios caíam, os tijolos sobreviviam, espalhados pelo deserto. No Corão, os anjos que são enviados para destruir Sodoma e Gomorra dizem: “Somos enviados para uma nação pervertida,

para que possamos trazer sobre eles uma chuva de pedras de argila marcadas pelo seu Senhor para a destruição dos pecadores". Lagos achou isso interessante, essa dispersão promíscua de informação, escrita em uma mídia que dura para sempre. Ele falava de pólen soprando no vento: imagino que seja um tipo de analogia.

– É sim. Me diga: a inscrição do envelope de argila foi traduzida?

– Sim. É um aviso. Ela diz: "Este envelope contém o nam-shub de Enki".

– Eu sei o que é um nam-shub. Qual é o nam-shub de Enki?

O Bibliotecário olha para longe e limpa a garganta dramaticamente.

"Houve um dia em que não existia serpente, não existia escorpião,
Não existia hiena, não existia leão
Não existia cão selvagem, não existia lobo,
Não existia medo, não existia terror,
O Homem não tinha rival.
Naqueles dias, a terra de Shubur-Hamazi,
A Suméria da língua harmoniosa, a grande terra do me do príncipe,
Uri, a terra tendo tudo o que é apropriado,

A terra Martu, repousando em segurança,
Todo o universo, as pessoas bem tratadas,
Para Enlil em uma língua deu a fala.
Então o senhor desafiador, o príncipe desafiador, o rei desafiador,
Enki, o senhor da abundância, cujas ordens são de confiança,
O senhor da sabedoria, que vasculha a terra,
O líder dos deuses,
O senhor de Eridu, dotado de sabedoria,
Mudou a fala em suas bocas, colocou restrição sobre elas,
Na fala do homem que havia sido uma".

– Esta é a tradução de Kramer.

– Que história – diz Hiro. – Eu achei que um nam-shub era um encantamento.

– O nam-shub de Enki é ao mesmo tempo uma história e um encantamento – explica o Bibliotecário. – Uma ficção autorrealizadora. Lagos acreditava que, em sua forma original, que essa tradução apenas vislumbra, ela realmente fez aquilo que descreve.

– Você quer dizer que mudou a fala nas bocas dos homens.

– Sim – confirma o Bibliotecário.

– Esta é uma história de Babel, não é? – pergunta Hiro. – Todos falavam a mesma língua, e então Enki mudou a fala deles para que não pudessem mais compreender uns aos outros. Esta deve ser a base para a história bíblica da Torre de Babel.

– Esta sala contém uma série de cartões que traçam essa conexão – diz o Bibliotecário.

– Você mencionou antes que, em determinado ponto, todos falavam sumério. E, então, ninguém mais falava. Ela simplesmente desapareceu, como os dinossauros. E não há genocídio para explicar como isso aconteceu. O que é consistente com a história da Torre de Babel e o nam-shub de Enki. Lagos achava que Babel realmente aconteceu?

– Ele tinha certeza. Estava muito preocupado com o vasto número de línguas humanas. Ele sentia que havia simplesmente línguas demais.

– Quantas?

– Dezenas de milhares. Em muitas partes do mundo, você encontrará pessoas do mesmo grupo étnico, vivendo a poucos quilômetros de distância uma das outras em vales semelhantes sob condições semelhantes, falando línguas que não têm absolutamente nada em comum. Esse tipo de coisa não é uma anomalia: está em toda parte. Muitos linguistas têm tentado compreender Babel, a questão de por que a linguagem humana tende a se fragmentar em vez de convergir para uma língua comum.

– E alguém já arriscou uma resposta?

– A questão é difícil e profunda – responde o Bibliotecário. – Lagos tinha uma teoria.

– Sim?

– Ele acreditava que Babel foi um evento histórico real. Que aconteceu em um tempo e um espaço específicos, coincidindo com o desaparecimento da

língua suméria. Que, antes de Babel/Infocalipse, as línguas tendiam a convergir. E que, depois disso, as línguas sempre tiveram uma tendência inata a divergir e se tornar mutuamente incompreensíveis; que essa tendência está, como ele disse, enroscada como uma serpente ao redor do tronco cerebral humano.

– A única coisa que poderia explicar isso é...

Hiro para. Não quer dizer o que é.

– Sim? – pergunta o Bibliotecário.

– Se houvesse algum *fenômeno* que tivesse se disseminado pela população, alterando suas mentes de um modo tal que as pessoas não conseguissem mais processar a língua suméria. Meio que da mesma maneira que um vírus passa de um computador para outro, danificando cada computador da mesma forma. Enroscando-se ao redor do tronco cerebral.

– Lagos dedicou muito tempo e esforço a esta ideia – diz o Bibliotecário. – Ele achava que o nam-shub de Enki era um vírus neurolinguístico.

– E que esse Enki existiu de verdade?

– Possivelmente.

– E que Enki inventou esse vírus e o espalhou pela Suméria, usando tabuletas como esta?

– Sim. Foi descoberta uma tabuleta contendo uma carta para Enki, na qual o escritor reclama a esse respeito.

– Uma carta para um deus?

– Sim. Ela é de Sin-samub, o Escriba. Ele começa entoando-as a Enki e enfatizando sua devoção a ele. Então ele reclama:

"Como um jovem... (linha quebrada)
Estou paralisado no pulso.
Como uma carroça na estrada quando a roda se quebra,
Permaneço imóvel na estrada.
Estou deitado numa cama chamada "O! e O No!"
Solto um uivo.
Minha figura graciosa está estendida no chão,
Estou paralisado nos pés.
Meu... foi carregado para dentro da terra.

Minha estrutura mudou.
À noite não posso dormir,
minha força foi abalada,
minha vida se esvai.
O dia claro é para mim tornado escuro.
Caí dentro de minha própria cova.
Eu, um escritor que sabe muitas coisas, me tornei um idiota.
Minha mão parou de escrever.
Não há fala em minha boca”.

– Depois de mais descrições de seus sofrimentos, o escriba termina com:

“Meu Deus, é a vós que temo.
Eu lhe escrevi uma carta.
Tende piedade de mim.
O coração de meu Deus: que isso me seja devolvido”.

29

Y. T. está aumentando a velocidade num Mom’s Truck Stop na 405, esperando sua carona. Não que ela jamais fosse ser apanhada de calças na mão num Mom’s Truck Stop. Se, tipo assim, um semi a atropelasse com todas as suas dezoito rodas na frente de um Mom’s Truck Stop, ela se arrastaria pela rodovia usando os músculos das pálpebras até chegar a um Snooze ’n’ Cruise repleto de vagabundos cheios de tesão, mas não entraria num Mom’s Truck Stop. Contudo, às vezes, quando o sujeito é um profissional, eles lhe dão um trabalho de que não gosta, e o cara simplesmente tem de ser muito cool e aguentar o tranco.

Para fins do trabalho desta noite, o homem do olho de vidro já lhe forneceu um “motorista e segurança”, nas palavras dele. Uma quantia totalmente desconhecida. Y. T. não tem certeza de que gosta de trabalhar com um sujeito misterioso assim. Ela tem uma imagem na cabeça de que ele vai acabar como o técnico de luta livre no segundo grau. Isso seria horrorível. De qualquer maneira, é ali que ela deverá encontrá-lo.

Y.T. pede um café e uma fatia de torta de cereja *à la mode*. Ela os leva até o terminal público da Rua no canto. É uma espécie de cabine de aço inoxidável toda coberta, enfiada entre uma cabine telefônica, que tem um motorista de caminhão com saudades de casa usando-a, e uma máquina de pinball, que mostra uma garota com peitões que se acendem quando se consegue jogar a bola nas Trompas de Falópio lá no alto.

Ela não é muito boa no Metaverso, mas sabe se orientar por lá e tem um endereço. E encontrar um endereço no Metaverso não deve ser mais difícil do que na Realidade, pelo menos para alguém que não seja um pedestre totalmente retardado.

Assim que Y. T. sai para a Rua, as pessoas começam a olhar para ela daquele jeito. O mesmo tipo de olhar que lhe dão quando ela anda pela desolação de roupas de lã do Parque Corporativo Westlake em seu traje azul e laranja

dinâmico de Kourier. Ela sabe que as pessoas na Rua a estão olhando de cara feia porque ela acaba de vir de um terminalzinho público de merda. Ela é uma pessoa trasheira em preto e branco.

A parte construída da Rua, ao redor da Porta Zero, forma uma nuvem de trovão luminescente logo à direita dela. Ela dá as costas para isso e embarca no monotrilho. Gostaria de ir até a cidade, mas é uma parte cara da Rua para se visitar, e ela estaria gastando dinheiro a cada décimo de milissegundo.

O nome do sujeito é Ng. Na Realidade, ele está em algum lugar do sul da Califórnia. Y. T. não sabe exatamente o que ele está dirigindo: alguma espécie de van lotada do que o homem do olho de vidro descreveu como “coisas, coisas realmente incríveis que você não precisa saber o que são”. No Metaverso, ele vive fora da cidade, por volta da Porta 2, que é onde as coisas realmente começam a crescer.

***

A casa de Ng no Metaverso é uma vila colonial francesa na aldeia pré-guerra do Vietnã de My Tho, no Delta do Mekong. Visitá-lo é como ir ao Vietnã por volta de 1955, só que não é preciso ficar todo suado. A fim de ter espaço para essa criação, ele solicitou um pedaço de Metaverso distante quase cinco quilômetros da Rua. Não há serviço de monotrilho nesse setor de baixo aluguel, por isso o avatar de Y. T. precisa andar o caminho inteiro.

Ng tem um escritório grande com portas francesas e uma varanda que dá para infinitos arrozais onde minúsculos vietnamitas trabalham. Obviamente, esse cara é um techie bem hardcore, porque Y. T. conta centenas de pessoas em seus arrozais, além de mais algumas dezenas andando pela aldeia, todas muito bem renderizadas e fazendo coisas diferentes. Ela não é uma geek, mas sabe que esse sujeito está usando muito tempo de computação na tarefa de criar uma vista realista pela janela de seu escritório. E o fato de que é o Vietnã torna isso distorcido e assustador. Y. T. mal pode esperar para contar sobre esse lugar para Roadkill. Ela fica se perguntando se também há bombardeios, lutas e napalm. Seria o máximo.

O próprio Ng, ou, pelo menos, o avatar de Ng, é um vietnamita baixinho e muito guapo na casa dos cinquenta, cabelos gomalinados, vestindo roupa cáqui de estilo militar. No momento em que Y. T. entra em seu escritório, ele está inclinado para a frente em sua cadeira, recebendo uma massagem nos ombros de uma gueixa.

Uma gueixa no Vietnã?

O avô de Y. T., que esteve lá por algum tempo, disse a ela que os japoneses tomaram o Vietnã durante a guerra e o trataram com a crueldade que era sua marca registrada antes de mandarmos uma bomba nuclear em cima deles e eles descobrirem que eram pacifistas. Os vietnamitas, assim como a maioria dos outros asiáticos, odeiam os japoneses. E, aparentemente, Ng está se divertindo com a ideia de ter uma gueixa japonesa por perto para massagear suas costas.

Mas essa é uma coisa muito estranha de se fazer por um motivo: a gueixa é somente uma imagem nos óculos de Ng e nos de Y. T., e não se pode receber uma massagem de uma imagem. Então, por que se dar a esse trabalho?

Quando Y. T. entra, Ng se levanta e se curva diante dela. É assim que os nerds hardcore da Rua se cumprimentam. Eles não gostam de apertar as mãos porque não conseguem realmente sentir o contato, e isso lembra o usuário de que ele nem está ali, para começo de conversa.

– É, oi – diz Y. T.

Ng torna a se sentar e a gueixa volta ao que estava fazendo. A mesa de Ng é uma bela antiguidade francesa com uma fileira de pequenos monitores de televisão ao longo da borda de trás, de frente para ele. Ele passa a maior parte do tempo de olho nos monitores, até mesmo quando está falando.

– Me falaram um pouco de você – comenta Ng.

– Você não devia ouvir boatos maldosos – diz Y. T.

Ng pega um copo que está em cima da mesa e toma um gole. Parece um *mint julep*. Globos de condensação se formam em sua superfície, se rompem e descem pela lateral. A renderização é tão perfeita que Y. T. consegue ver um reflexo miniaturizado das janelas do escritório em cada gota de condensação. É apenas completamente ostentatório. Que nerd.

Ele olha para ela com uma expressão totalmente sem emoção, mas Y. T. imagina que é uma expressão de ódio e nojo. Gastar esse dinheiro todo na casa

mais cool do Metaverso para depois uma skatista chegar em preto e branco granulado? Deve ser um pé nos culhões metafóricos.

Em algum lugar daquela casa está tocando um rádio. Ouve-se um mix de lounge vietnamita e rock americano antigão.

– Você é cidadã da Nova Sicília? – pergunta Ng.

– Não. Só fico de bobeira de vez em quando com o Tio Enzo e outros caras lá da Máfia.

– Ah. Muito incomum.

Ng é um homem sem pressa. Ele absorveu o ritmo lânguido do Delta do Mekong e está satisfeito em ficar ali sentado, vendo seus aparelhos de TV e disparando uma frase de vez em quando.

Mais uma coisa: ele aparentemente tem Síndrome de Tourette ou algum outro dano cerebral, porque, de vez em quando, sem motivo aparente, faz ruídos estranhos com a boca. Eles têm o som musicado que sempre se ouve dos vietnamitas quando estão nos fundos de lojas e de restaurantes discutindo assuntos de família em sua língua nativa, mas, até onde Y. T. consegue perceber, não são palavras de verdade, apenas efeitos sonoros.

– Você trabalha muito para esse pessoal? – pergunta Y. T.

– Serviços pequenos de segurança, ocasionalmente. Ao contrário da maioria das grandes corporações, a Máfia tem uma forte tradição de lidar com sua própria segurança. Mas quando aparece algo especialmente técnico...

Ele faz uma pausa no meio de sua frase para fazer um incrível som crescente com o nariz.

– Esse é o seu negócio? Segurança?

Ng vasculha todos os seus aparelhos de TV. Ele estala os dedos e a gueixa sai correndo da sala. Ele entrelaça as mãos sobre a mesa e se inclina para a frente. Fica encarando Y. T.

– É – ele responde.

Y. T. o encara de volta por um momento, esperando que ele continue. Depois de alguns segundos sua atenção volta para os monitores.

– Faço a maior parte do meu trabalho sob um grande contrato com o Sr. Lee – ele solta.

Y. T. está esperando a continuação da frase: não “Sr. Lee”, mas “A Grande Hong Kong do Sr. Lee”. Ah, bem. Se ela pode dizer só o nome do Tio Enzo, ele pode dizer só o do Sr. Lee.

– A estrutura social de qualquer nação-estado é determinada em última análise por sua segurança – diz Ng –, e o Sr. Lee entende isso.

Ah, puxa, lá vamos nós ser profundos. Ng subitamente começa a falar como os velhos brancos das mesas-redondas de política da TV, a que a mãe de Y. T. assiste obsessivamente.

– Em vez de contratar uma grande força de segurança humana, o que provoca um impacto no ambiente social, você sabe, um bocado de gente ganhando salário mínimo e andando pelo terreno com metralhadoras em punho, o Sr. Lee prefere utilizar sistemas não humanos.

Sistemas não humanos. Y. T. quase pergunta o que ele sabe sobre a Coisa-Rato. Mas não adianta; ele não vai dizer. Isso faria a relação deles começar com o pé esquerdo: Y. T. pedindo info a Ng, info que ele jamais daria a ela e que tornaria toda aquela cena mais bizarra do que já é agora, o que Y. T. não consegue sequer imaginar.

Ng solta de repente uma longa sequência de ruídos musicados, estalos e sons com a glote.

– Piranha filha da puta – ele murmura.

– Como é que é?

– Nada – diz ele. – Uma *bimbo box* me cortou. Nenhuma dessas pessoas entende que, com este veículo, eu poderia esmagá-las como um porquinho gordo debaixo de um caça pessoal blindado.

– Uma *bimbo box*... Você está dirigindo?

– Sim. Eu estou indo pegar você, lembra?

– Você se importa?

– Não – ele suspira, como se realmente se importasse.

Y. T. se levanta e dá a volta na mesa para olhar.

Cada um dos minúsculos monitores está mostrando um ponto de vista diferente do lado de fora da van dele: para-brisa dianteiro, janela esquerda, janela direita, vidro traseiro. Um deles apresenta um mapa eletrônico mostrando sua posição. Ele está indo na direção de San Bernardino; não está longe.

– A van está sob comando de voz – ele explica. – Removi a interface de volante e pedal porque descobri que comandos verbais são mais convenientes. É por isso que, de vez em quando, faço sons estranhos: estou controlando os sistemas do veículo.

Y. T. se desconecta do Metaverso por um tempo para limpar a cabeça e dar uma mijada. Quando ela tira os óculos, descobre que ganhou uma plateia e tanto de caminhoneiros e mecânicos, que estão em pé ao redor da cabine do terminal em um semicírculo escutando ela falar com Ng. Quando ela se levanta, a atenção se desvia, naturalmente, para sua bunda.

Y. T. vai ao banheiro, termina a torta e sai para o brilho ultravioleta do sol poente para esperar Ng.

Reconhecer a van dele é fácil. Ela é imensa. Tem três metros de altura e é mais larga ainda, o que teria sido excesso lateral nos velhos tempos, quando existiam leis. A construção é angulosa, em formato de caixa; ela foi toda junta por soldas com o tipo de placa de aço achatado e cheio de ressaltos usado normalmente para fazer tampas de bueiro e degraus de escada. Os pneus são enormes, como os de um trator com uma banda de rodagem um pouco mais sutil, e são seis: dois eixos traseiros e um dianteiro. O motor é tão grande que, como uma espaçonave do mal em um filme, Y. T. sente sua vibração nas costelas antes mesmo de vê-lo; ele solta fumaça de óleo diesel por um par de chaminés vermelhas verticais achatadas que se projetam do teto na parte de trás. O para-brisa é um retângulo perfeitamente plano de vidro com cerca de um metro e meio por três, tão escuro que Y. T. não consegue ver sequer o contorno de nada lá dentro. A dianteira da van está enfeitada com todo tipo possível de farol de alta potência inventado pela ciência, como se esse cara tivesse entrado numa franquia da Nova África do Sul numa noite de sábado e tivesse roubado cada luz de cada fachada de bar e uma grelha tivesse sido construída na frente, soldada a partir de trilhos roubados de alguma linha de trem. Só a grelha provavelmente pesa mais que um carro pequeno.

A porta do carona se abre. Y. T. vai até lá e sobe no banco da frente.

– Oi – ela diz. – Você precisa fazer xixi ou alguma coisa?

Ng não está lá.

Ou talvez esteja.

Onde deveria estar o banco do motorista, há uma espécie de bolsa de neoprene do tamanho de um saco de lixo suspensa do teto por uma teia de tiras, fios, tubos, cabos elétricos e de fibra óptica e linhas hidráulicas. A bolsa está recoberta por tanto material que é difícil enxergar sua verdadeira forma.

Na parte de cima da bolsa, Y. T. vê um pedaço de pele com um pouco de cabelos pretos ao redor – o topo da cabeça de um homem que está ficando careca. Todo o resto, das têmporas para baixo, está envolto em uma enorme unidade de óculos/máscara/fone de ouvido/tubo de alimentação, afixada à sua cabeça por faixas inteligentes que constantemente apertam e afrouxam para manter o dispositivo confortável e posicionado adequadamente.

Abaixo disso, de cada lado, onde se esperaria ver braços, feixes enormes de cabos, fibras ópticas e tubos sobem do piso e são aparentemente conectados aos ombros de Ng. Há um arranjo semelhante onde suas pernas deveriam estar ligadas, e mais coisas entrando em sua virilha e ligadas a várias partes de seu torso. Toda essa coisa está envolta por uma cobertura de uma só peça, uma bolsa, maior do que seu torso deveria ser, que está constantemente pulsando e latejando como se estivesse viva.

– Obrigado, mas todas as minhas necessidades já estão sendo atendidas – diz Ng.

A porta se fecha atrás dela. Ng faz um som de latido, e a van volta para a estrada, na direção da 405.

– Por favor, desculpe minha aparência – ele diz, depois de uns dois minutos estranhos. – Meu helicóptero pegou fogo durante a evacuação de Saigon em 1974. Um míssil perdido das forças de terra.

– Putz. Que merda, hein?

– Eu consegui chegar a um porta-aviões americano logo depois da costa, mas, você sabe, o combustível se espalhou um bocadinho durante o incêndio.

– É, eu imagino como é.

– Durante um tempo, tentei próteses. Algumas delas são muito boas. Mas nada é tão bom quanto uma cadeira de rodas motorizada. E aí eu comecei a pensar: por que é que cadeiras de rodas motorizadas precisam ser coisinhas tão patéticas que têm a maior dificuldade para subir uma rampinha boba? Aí eu

comprei isto aqui, um caminhão de incêndio usado em aeroportos na Alemanha, e o converti em minha nova cadeira de rodas motorizada.

– É muito bonita.

– Os Estados Unidos são maravilhosos porque você pode obter qualquer coisa via drive-thru. Troca de óleo, bebida, operações bancárias, lavagem de carro, funerais, o que você quiser: drive-thru! Por isso, este veículo é muito melhor do que uma patética cadeira de rodas. Ela é uma extensão do meu corpo.

– E quando a gueixa massageia suas costas?

Ng murmura alguma coisa e sua bolsa começa a latejar e ondular ao redor de seu corpo.

– Ela é um daemon, claro. Quanto à massagem, meu corpo está suspenso em um gel eletrocontrator que me massageia sempre que preciso. Tenho também uma garota sueca e uma mulher africana, mas os daemons delas não são tão bem renderizados.

– E o *mint julep*?

– Por um tubo de alimentação. Sem álcool, hahaha.

– Então – Y. T. diz em algum momento depois que eles já passaram há muito do aeroporto, percebendo que é tarde demais para pular fora –, qual é o plano? Nós temos um plano?

– Nós vamos até Long Beach. À Zona de Sacrifício da Ilha Terminal. E vamos comprar algumas drogas – explica Ng. – Ou melhor, você vai, já que eu me encontro indisposto.

– Esse é o meu trabalho? Comprar algumas drogas?

– Comprá-las e jogá-las no ar.

– Numa Zona de Sacrifício?

– Sim. E nós cuidaremos do resto.

– Nós quem, cara-pálida?

– Existem mais outras, ahn, entidades que nos ajudarão.

– O quê? A parte de trás da van está cheia de mais... pessoas como você?

– Mais ou menos – diz Ng. – Você está ficando quente.

– Seriam, tipo assim, sistemas não humanos?

– Seria um termo suficientemente inclusivo, acho eu.

Y. T. encara essa resposta como um grande *sim*.

– Está cansado? Quer que eu dirija ou alguma coisa assim?

Ng dá uma risada aguda, como um iac-iac distante, e a van quase sai da estrada. Y. T. entende que ele não riu da piada; ele está rindo da idiota que Y. T. é.

30

– Ok, da última vez estávamos falando sobre o envelope de argila. Mas e quanto a esta coisa? Esta coisa que parece uma árvore? – Hiro pergunta, fazendo um gesto na direção de um dos artefatos.

– Um totem da deusa Asherah – o Bibliotecário responde, curto e grosso.

– Agora estamos chegando a algum lugar – afirma Hiro. – Lagos disse que a Brandy no Black Sun era uma prostituta do culto a Asherah. Então, quem é Asherah?

– Ela era a consorte de El, que também é conhecido por Iahweh – diz o Bibliotecário. – Também era conhecida por outros nomes: Elat era seu epíteto mais comum. Os gregos a conheciam como Dione ou Reia. Os cananeus a conheciam como Tannit ou Hawwa, que é a mesma coisa que Eva.

– Eva?

– A etimologia de “Tannit” proposta por Cross é: feminino de “tannin”, que significaria “aquele da serpente”. Além disso, Asherah teve um segundo epíteto na Era do Bronze, “dat batni”, também “aquela da serpente”. Os sumérios a conheciam como Nintu ou Ninhursag. Seu símbolo é uma serpente enrolada em uma árvore ou cajado: o caduceu.

– Quem venerava Asherah? Muita gente, acredito.

– Todos que viviam entre a Índia e a Espanha, do segundo milênio a.C. até a era cristã. Com exceção dos hebreus, que só a veneraram até as reformas religiosas de Ezequias e, mais tarde, de Josias.

– Eu achava que os hebreus eram monoteístas. Como eles poderiam venerar Asherah?

– Monólatras. Eles não negavam a existência de outros deuses. Mas só deveriam venerar Iahweh. Asherah era venerada como a consorte de Iahweh.

– Não me lembro de nada sobre Deus ter uma esposa na Bíblia.

– A Bíblia ainda não existia nessa época. O judaísmo era apenas uma coletânea solta de cultos iahwísticos, cada qual com diferentes templos e práticas. As histórias sobre o Êxodo ainda não haviam sido formalizadas em escrituras. E as partes posteriores da Bíblia ainda não haviam acontecido.

– Quem decidiu eliminar Asherah do judaísmo?

– A escola deuteronômica, definida, por convenção, como as pessoas que escreveram o livro do Deuteronômio, além de Josué, Juízes, Samuel e Reis.

– E que tipo de pessoas eram eles?

– Nacionalistas. Monarquistas, centralistas. Precursores dos fariseus. Nessa época, o rei assírio Sargon II havia conquistado recentemente a Samária, no norte de Israel, forçando uma migração de hebreus para Jerusalém, que ficava ao sul. Jerusalém sofreu uma grande expansão e os hebreus começaram a conquistar territórios a oeste, leste e sul. Foi uma época de intenso nacionalismo e fervor patriótico. A escola deuteronômica incorporou essas atitudes nas escrituras reescrevendo e reorganizando as antigas histórias.

– Reescrevendo-as de que modo?

– Moisés e outros acreditavam que o Rio Jordão era a fronteira de Israel, mas os deuteronomistas acreditavam que Israel incluía a Cisjordânia, o que justificava a agressão a leste. Há muitos outros exemplos: a lei pré-deuteronômica não dizia nada sobre monarcas. A Lei, conforme escrita pela escola deuteronômica, refletia um sistema monarquista. A lei pré-deuteronômica se preocupava em grande parte com questões sagradas, ao passo que a principal preocupação da lei deuteronômica era a educação do rei e de seu povo: questões seculares, em outras palavras. Os deuteronomistas insistiam em centralizar a religião do Templo em Jerusalém, destruindo os centros de culto ao redor. E há outra característica que Lagos achou significativa.

– E qual é?

– O Deuteronômio é o único livro do Pentateuco que se refere a uma Torá escrita como representação da vontade divina: “Quando subir ao trono real, ele deverá escrever num livro para seu uso, uma cópia desta Lei, ditada pelos sacerdotes levitas. Ela ficará com ele e ele a lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer Iahweh seu Deus, observando todas as palavras desta lei e colocando seus estatutos em prática. Desse modo, ele não se levantará

orgulhosamente sobre seus irmãos, nem se desviará deste mandamento para a direita ou para a esquerda, de modo a prolongar os dias de seu reinado, ele e seus filhos, no meio de Israel". – Deuteronômio, 17:18-20.

– Então os deuteronomistas codificaram a religião. Transformaram-na em uma entidade organizada e autopropagadora – conclui Hiro. – Não quero dizer a palavra "vírus". Mas, segundo o que você acabou de me citar, a Torá é como um vírus. Ela usa o cérebro humano como hospedeiro. O hospedeiro – o humano – faz cópias dela. E mais humanos vão à sinagoga e a leem.

– Não posso processar uma analogia. Mas o que você diz é correto até o seguinte ponto: depois que os deuteronomistas haviam reformado o judaísmo, em vez de fazer sacrifícios, os judeus iam à sinagoga e liam o Livro. Se não fosse pelos deuteronomistas, os monoteístas do mundo ainda estariam sacrificando animais e propagando suas crenças por meio da tradição oral.

– Compartilhando agulhas – diz Hiro. – Quando você repassou isso tudo com Lagos, ele chegou a falar alguma coisa sobre a Bíblia ser um vírus?

– Ele disse que ela tinha certas coisas em comum com um vírus, mas que era diferente. Ele a considerava um vírus benigno, como o usado em vacinas. Ele considerava o vírus Asherah mais maligno, capaz de ser espalhado através da troca de fluidos corporais.

– Então a religião estrita e baseada num livro dos deuteronomistas inoculou os hebreus contra o vírus Asherah.

– Em combinação com a monogamia estrita e outras práticas kosher, sim – explica o Bibliotecário. – As religiões anteriores, da Suméria até o Deuteronômio, são conhecidas como pré-racionais. O judaísmo foi a primeira das religiões racionais. Como tal, na visão de Lagos, ela era muito menos suscetível à infecção viral porque era baseada em registros escritos fixados. Essa era a razão para a veneração da Torá e o extremo cuidado utilizado ao se fazer novas cópias dela: higiene informacional.

– No que estamos vivendo hoje? A era pós-racional?

– Juanita fez comentários relativos a isso.

– Aposto que fez. Agora estou começando a entender Juanita.

– Ah.

– Ela nunca fez muito sentido antes.

– Compreendo.

– Acho que se eu pudesse passar tempo suficiente com você para descobrir o que se passa na cabeça de Juanita... bem, coisas maravilhosas poderiam acontecer.

– Tentarei ser de útil.

– Vamos voltar ao trabalho: isso não é hora para se ter uma ereção. Parece que Asherah era portadora de uma infecção viral. Os deuteronomistas de algum modo perceberam isso e a exterminaram, bloqueando todos os vetores pelos quais ela infeccionava novas vítimas.

– Com referência a infecções virais – acrescenta o Bibliotecário –, se eu puder fazer uma referência cruzada espontânea e um tanto grosseira, algo que estou codificado para fazer em momentos oportunos, você poderia querer examinar o *herpes simplex*, um vírus que monta residência no sistema nervoso e nunca mais sai. Ele é capaz de transportar novos genes para os neurônios e reengendrá-los geneticamente. Geneticistas modernos usam isso para esse propósito. Lagos achava que o *herpes simplex* poderia ser um descendente moderno benigno de Asherah.

– Nem sempre benigno – diz Hiro, lembrando-se de um amigo que morrera de complicações relacionadas à Aids; nos últimos dias, ele tinha lesões de herpes dos lábios até o fundo da garganta. – Só é benigno porque temos imunidades.

– Sim, senhor.

– Então Lagos achava que o vírus Asherah realmente tinha alterado o DNA dos neurônios?

– Sim. Esta era a espinha dorsal de sua hipótese de que o vírus era capaz de se transmutar de uma fileira de DNA biologicamente transmitida para um conjunto de comportamentos.

– Que comportamentos? Como era o culto a Asherah? Eles faziam sacrifícios?

– Não. Mas há evidências de prostitutos do culto, tanto homens quanto mulheres.

– Isso significa o que eu acho que significa? Figuras religiosas que ficavam zanzando pelo templo e fodendo com as pessoas?

– Mais ou menos.

– Bingo! Grande maneira de disseminar um vírus. Agora, quero voltar a uma bifurcação anterior da conversa.

– Como desejar. Posso lidar com bifurcações aninhadas a uma profundidade virtualmente infinita.

– Você fez uma conexão entre Asherah e Eva.

– Eva, cujo nome bíblico é Hawwa, é claramente a interpretação hebraica de um mito mais antigo. Hawwa é uma deusa-mãe ofídia.

– Ofídia?

– Associada a serpentes. Asherah também é uma deusa-mãe ofídia. E ambas são associadas também a árvores.

– Eva, se bem me lembro, é considerada responsável por fazer Adão comer o fruto proibido da árvore do *conhecimento* do bem e do mal. Ou seja, não é apenas fruto: são dados.

– Se o senhor diz...

– Será que os vírus sempre estiveram conosco? Há meio que uma suposição implícita de que eles sempre estiveram por aí. Mas talvez isso não seja verdade. Talvez tivesse existido um período da história em que eles não existissem ou pelo menos fossem incomuns. E, em um determinado ponto, quando o metavírus apareceu, o número de vírus diferentes explodiu, e as pessoas começaram a ficar doentes aos montes. Isso explicaria o fato de que todas as culturas parecem ter um mito sobre o Paraíso e a Queda do Paraíso.

– Talvez.

– Você me contou que os essênios pensavam que tênias fossem demônios. Se eles soubessem o que era um vírus, provavelmente teriam pensado a mesma coisa. E Lagos me disse na outra noite que, segundo os sumérios, não havia conceito de bem e mal *per se*.

– Correto. De acordo com Kramer e Maier, existem bons demônios e maus demônios. “Os bons trazem a saúde física e emocional. Os maus trazem desorientação e uma série de moléstias físicas e emocionais... Mas esses demônios dificilmente podem ser distinguidos das doenças que personificam... e muitas das doenças soam, para ouvidos modernos, como se fossem psicossomáticas”.

– Foi o que os médicos disseram a respeito de Da5id, que sua doença devia ser psicossomática.

– Não sei nada a respeito de Da5id, a não ser por algumas estatísticas muito banais.

– É como se “bem” e “mal” tivessem sido inventados pelo autor da lenda de Adão e Eva para explicar por que as pessoas ficam doentes: por que elas têm vírus físicos e mentais. Então, quando Eva, ou Asherah, fez Adão comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ela estava introduzindo o conceito de bem e mal no mundo... introduzindo o metavírus, que cria vírus.

– Poderia ser.

– Então, minha próxima pergunta é: quem escreveu a lenda de Adão e Eva?

– Esta é uma fonte de muitas discussões acadêmicas.

– O que Lagos achava? Mais exatamente, o que Juanita achava?

– A interpretação radical de Nicolas Wyatt da história de Adão e Eva supõe que ela, na verdade, foi escrita como uma alegoria política pelos deuteronomistas.

– Eu achei que eles tivessem escrito os livros posteriores, e não o Gênesis.

– É verdade. Mas eles estiveram envolvidos na compilação e na edição dos primeiros livros também. Por muitos anos, supunha-se que o Gênesis havia sido escrito por volta de 900 a.C. ou até mesmo antes: muito antes do advento dos deuteronomistas. Mas análises mais recentes do vocabulário e do conteúdo sugerem que uma grande parte do trabalho editorial, possivelmente até do trabalho autoral, aconteceu por volta da época do Exílio, quando os deuteronomistas mandavam.

– Então eles podem ter reescrito um mito anterior a Adão e Eva.

– Aparentemente eles tiveram uma ampla oportunidade para isso. De acordo com a interpretação de Hvidberg e, mais tarde, Wyatt, Adão em seu jardim é uma parábola para o rei em seu santuário, especificamente o Rei Oseias, que governou o reino do norte até sua conquista por Sargon II em 722 a.C.

– Essa foi a conquista que você mencionou antes: a que levou os deuteronomistas para o sul, para Jerusalém.

– Exatamente. Agora, “Éden”, que pode ser entendido simplesmente como a palavra hebraica para “prazer”, representa o estado de felicidade no qual o rei

existia antes da conquista. A expulsão do Éden para as terras amargas ao leste é uma parábola da deportação maciça dos israelitas para a Assíria após a vitória de Sargon II. De acordo com essa interpretação, o rei foi seduzido para longe do caminho da retidão pelo culto de El, com sua adoração associada a Asherah... que é comumente associada a serpentes e cujo símbolo é uma árvore.

– E a associação dele a Asherah de algum modo fez com que ele fosse conquistado... então, quando os deuteronomistas chegaram a Jerusalém, recriaram a história de Adão e Eva como um aviso aos líderes do reino do sul.

– Sim.

– E, talvez, porque ninguém os estivesse escutando, eles tivessem inventado o conceito de bem e mal no processo, como um gancho.

– Gancho?

– Termo da indústria. E o que aconteceu então? Sargon II tentou conquistar também o reino do sul?

– Seu sucessor, Senaqueribe, sim. O Rei Ezequias, que governava o reino do sul, se preparou para o ataque febrilmente, fazendo grandes melhorias nas fortificações de Jerusalém, aprimorando seu suprimento de água potável. Ele também foi responsável por uma extensa série de reformas religiosas, que executou sob a direção dos deuteronomistas.

– Como foi isso?

– As forças de Senaqueribe cercaram Jerusalém. “Naquela mesma noite, saiu o Anjo de Iahweh e exterminou no acampamento assírio 180 mil homens. De manhã, ao despertar, só havia cadáveres”. 2 Reis, 19:35-36.

– Aposto que sim. Então deixe-me ver se entendi direitinho: os deuteronomistas, por intermédio de Ezequias, impuseram uma política de higiene informacional em Jerusalém e fizeram um trabalho de engenharia civil. Você disse que eles trabalharam no suprimento de água?

– “...obstruíram-se todas as fontes e o riacho que corria pelo território, dizendo: ‘Por que os reis da Assíria, vindo aqui, haveriam de achar água em abundância?” 2 Crônicas, 32:4. Então os hebreus cavaram um túnel de 520 metros através de rocha sólida para levar essa água para dentro das muralhas da cidade.

– E assim que os soldados de Senaqueribe chegaram ao local, todos caíram mortos do que só pode ser entendido como uma doença extremamente virulenta, à qual o povo de Jerusalém era aparentemente imune. Hmm, interessante... o que será que havia naquela água?

31

Y . T. não costuma ir muito a Long Beach, mas, quando vai, faz qualquer coisa para evitar a Zona de Sacrifício. É um estaleiro abandonado do tamanho de uma cidade pequena. Ela se estende até a Baía de San Pedro, onde os mais antigos e feios Suburbiclaves da Bacia – Suburbiclaves sem planejamento, de minúsculas casas com telhas de amianto patrulhadas por cambojanos com testas de besouro e submetralhadoras – se desvanecem nas praias beijadas pela espuma. A maior parte da zona fica na apropriadamente chamada Ilha Terminal, e como a prancha dela não corre na água, isso quer dizer que ela só pode entrar ou sair por uma rua de acesso.

Como todas as Zonas de Sacrifício, esta tem uma cerca ao seu redor, com placas de metal amarelo presas com arame farpado de poucos em poucos metros.

ZONA DE SACRIFÍCIO
AVISO. O Serviço Nacional de Parques declarou esta área Zona de Sacrifício Nacional. O Programa de Zonas de Sacrifício foi desenvolvido para gerenciar partes de terreno cujo custo de limpeza excede seu valor econômico futuro total.

E, como todas as cercas de Zonas de Sacrifício, esta tem buracos e está parcialmente arrebentada em alguns pontos. Rapazes alucinados por hormônios masculinos naturais e artificiais precisam ter algum lugar para executar seus rituais idiotas de masculinidade. Eles vêm de Suburbiclaves por toda a região em seus 4 x 4 e saem rasgando o terreno aberto, fazendo sulcos compridos e espiralados na capa de barro que foi colocada sobre as partes realmente ruins para impedir que o amianto soprado pelo vento caia como uma nevasca sobre a Disneylândia.

Y. T. fica estranhamente satisfeita por saber que esses rapazes nunca, jamais, sonharam com um veículo *all-terrain* como a cadeira de rodas motorizada de Ng. Ele sai da estrada pavimentada sem perder velocidade – o passeio fica meio aos solavancos – e atinge a cerca de metal como se fosse um banco de neblina, arando uma seção de 30 metros do chão.

É uma noite clara, e por isso a Zona de Sacrifício reluz, um imenso tapete de vidro quebrado e amianto em tiras. A 30 metros de distância, algumas gaivotas rasgam a barriga de um pastor-alemão morto, deitado de costas. Há uma ondulação constante do terreno que faz o vidro estilhaçado piscar e brilhar; isso é provocado por vastas e esparsas migrações de ratos. As impressões profundas feitas pelas padronagens criadas por computador nos pneus gordos dos garotos suburbanos pintam runas gigantes no barro, como as figuras misteriosas no Peru, sobre as quais a mãe de Y. T. aprendeu no Templo NeoAquariano. Por entre as janelas, Y. T. pode ouvir estrondos ocasionais de fogos de artifício ou de armas.

Ela também pode ouvir Ng fazendo sons novos e ainda mais estranhos com a boca.

O caminhão começa a avançar lentamente Zona adentro.

O sibilar inaudível sobe até virar um baixo zumbido eletrônico. Não é constante: ele sobe e desce, permanecendo bem baixo, como Roadkill brincando com seu baixo elétrico. Ng fica mudando a direção do caminhão a todo instante, como se estivesse procurando alguma coisa, e Y. T. sente que o timbre do zumbido está aumentando.

Está definitivamente aumentando, subindo na direção de um gritinho agudo. Ng rosna um comando e o volume abaixa. Ele está dirigindo muito devagar agora.

– É possível que você não precise comprar Snow Crash, no fim das contas – ele murmura. – Podemos ter encontrado um esconderijo desprotegido.

– Que ruído totalmente irritante é esse?

– Sensor bioeletrônico. Membranas celulares humanas. Cultivadas *in vitro*, o que significa “em vidro”: num tubo de ensaio. Um dos lados é exposto ao ar externo, o outro lado permanece limpo. Quando uma substância estranha penetra na membrana da célula para o lado limpo, ela é detectada. Quanto mais moléculas estranhas penetram, mais alto o timbre do som.

– Como um contador Geiger?

– Muito parecido com um contador Geiger para compostos de penetração celular – diz Ng.

Com o quê?, Y. T. quer perguntar. Mas não pergunta.

Ng para a van. Ele acende algumas luzes – luzes muito fraquinhas. Dá para ver como esse cara é chato: ele se deu ao trabalho de instalar luzes fracas especiais, além de todas as luzes fortes.

Eles estão olhando para uma espécie de cúpula, bem ao pé de uma grande pilha de tambores cheios de lixo. A maioria do lixo é de latas de cerveja vazias. No meio, uma fogueira apagada. Muitos rastros de pneus convergem até ali.

– Ah, que ótimo – diz Ng. – Um lugar onde os rapazes se reúnem para usar drogas.

Y. T. revira os olhos com essa exibição de tubularidade. Esse cara devia ser aquele que escrevia todos aqueles panfletos antidrogas que eles recebem na escola.

Como se ele não estivesse recebendo um milhão de litros de drogas por segundo através de todos esses tubos grossos.

– Não estou vendo nenhum sinal de armadilhas – comenta Ng. – Por que você não sai e vê que espécie de parafernália está lá fora?

Ela olha para ele, tipo assim, como é que é?

– Há uma máscara antitóxica pendurada na traseira do seu banco – indica ele.

– O que há lá fora que seja tóxico?

– Amianto descartado da indústria naval. Tintas anticorrosão da Marinha que são cheias de metais pesados. Eles usavam PCBs para um monte de coisas também.

– Que ótimo.

– Estou sentindo sua relutância. Mas se pudermos obter uma amostra de Snow Crash deste local de consumo de drogas, isso abreviará o resto de nossa missão.

– Bom, já que você está colocando as coisas dessa maneira... – diz Y. T., e pega a máscara. É um grande objeto de lona e borracha que cobre seu rosto e pescoço por inteiro. No começo, a máscara parece pesada e esquisita, mas quem

a projetou teve a ideia certa, todo o peso repousa sobre os lugares corretos. Há também um par de luvas pesadas que ela calça. São grandes demais. Como se as pessoas na fábrica de luvas nunca imaginassem que uma mulher de verdade pudesse usar luvas.

Ela desce para o solo de vidro e amianto da Zona, torcendo para que Ng não feche a porta e saia correndo, deixando-a ali sozinha.

Na verdade, ela gostaria que isso acontecesse. Seria uma aventura legal.

De qualquer maneira, ela vai até o meio do "local de consumo de drogas". Não fica muito surpresa ao ver um pequeno ninho de agulhas hipodérmicas descartadas. E alguns frasquinhos vazios. Ela pega dois frascos, lê seus rótulos.

– O que você encontrou? – pergunta Ng depois que ela volta ao caminhão e tira a máscara.

– Agulhas. Hyponarxes na maioria. Mas também umas duas Ultra Laminares e umas 25 Mosquitos.

– O que esses nomes todos querem dizer?

– Você pode comprar uma Hyponarx em qualquer Buy 'n' Fly. As pessoas as chamam de pregos enferrujados, porque são baratas e rombudas. Supostamente é o tipo de agulhas que diabéticos negros pobres e junkies usam. As Ultra Laminares e as Mosquitos são da hora, você consegue comprá-las em Suburbiclaves vagabundos, elas não doem tanto quando você as espeta e têm um design melhor. Você sabe, êmbolos ergonômicos, esquemas de cores da hora.

– Que droga eles estavam injetando?

– Saca só – diz Y. T., e levanta um dos frascos na direção de Ng. Então, ela percebe que ele não pode exatamente virar a cabeça para ver.

– Onde eu seguro isso para que você consiga ver? – pergunta ela.

Ng canta uma cançãozinha. Um braço-robô se desdobra do teto do caminhão, arranca rapidamente o frasco da mão dela, gira-o e o segura na frente de uma câmera de vídeo encaixada no console.

O rótulo datilografado e colado no frasco diz apenas: "Testosterona".

– Haha, alarme falso – comenta Ng. O caminhão subitamente dá uma arrancada para a frente, começa a ir bem para o meio da Zona de Sacrifício.

– Quer me contar o que está acontecendo? – pergunta Y. T. – Já que eu é que tenho de fazer o trabalho com esta máscara?

– Paredes de células – diz Ng. – O detector encontra qualquer produto químico que penetre paredes de células. Então nós acabamos vindo parar naturalmente numa fonte de testosterona. Uma pista falsa. Que divertido. Sabe, nossos bioquímicos viviam vidas protegidas, não previam que algumas pessoas seriam tão deformadas mentalmente a ponto de usar hormônios como se fossem uma espécie de droga. Que bizarro.

Y. T. sorri para si mesma. Ela realmente gosta da ideia de viver num mundo onde alguém como Ng pode chamar outras pessoas de bizarras.

– Você está procurando pelo quê?

– Snow Crash – responde Ng. – Em vez disso, encontramos o Círculo dos Dezessete.

– Snow Crash é a droga que vem em tubinhos – menciona Y. T. – Disso eu sei. O que é o Círculo dos Dezessete? Uma dessas bandas de rock novas e malucas que os garotos ouvem hoje em dia?

– Snow Crash penetra as paredes dos neurônios e vai até o núcleo onde o DNA é armazenado. Então, para fins desta missão, nós desenvolvemos um detector que nos permitiria encontrar no ar compostos que possam penetrar paredes de células. Mas não contávamos com pilhas de frascos de testosterona espalhadas por todo o local. Todos os esteroides, hormônios artificiais, compartilham a mesma estrutura básica, um círculo de dezessete átomos que atuam como uma chave mágica que lhes permite passar através de paredes de células. É por isso que esteroides são substâncias tão poderosas quando liberadas no corpo humano. Elas podem penetrar bem no fundo da célula, no núcleo, e realmente mudar a maneira pela qual a célula funciona. Resumindo: o detector é inútil. Uma abordagem sorrateira não irá funcionar. Então voltamos ao plano original. Você compra um pouco de Snow Crash e joga tudo no ar.

Y. T. ainda não entendeu direito esta última parte. Mas cala a boca por um tempo, porque, em sua opinião, Ng precisa prestar mais atenção à direção.

Assim que eles saem daquela parte realmente assustadora, a maioria da Zona de Sacrifício revela consistir de uma vastidão de ervas marrons ressecadas e fragmentos de metal gigantes abandonados. De um ponto a outro, há grandes pilhas de alguma merda: carvão, metal derretido, coque, escória de minério ou alguma coisa qualquer.

Toda vez que eles dobram uma esquina, encontram uma pequena plantação de vegetais cuidada por asiáticos ou sul-americanos. Y. T. tem a impressão de que Ng quer simplesmente passar por cima delas, mas ele sempre muda de ideia no último instante e se afasta.

Alguns negros falando espanhol estão jogando beisebol numa grande área plana, usando as tampas redondas de tambores de 55 galões como bases. Eles estacionaram meia dúzia de *beaters* velhos ao redor do campo e acenderam os faróis para fornecer iluminação. Ali perto, um bar construído em um trailer de merda, com os seguintes dizeres grafitados: A ZONA DE SACRIFÍCIO. Filas de vagões fechados estão perdidas em um pátio de eixos ferroviários enferrujados, figueiras-da-índia crescendo entre os tirantes. Um dos vagões foi transformado em uma franquia dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne, e evangélicos centro-americanos fazem fila para suas penitências e falar em línguas abaixo do Elvis de neon. Não há Templos NeoAquarianos na Zona de Sacrifício.

– A área do armazém não está tão suja quanto o primeiro lugar em que fomos – Ng fala de modo reconfortante. – Então o fato de que você não pode usar a máscara tóxica não será tão ruim. Você poderá sentir o cheiro de um pouco de fumaça de Chill.

Y. T. quase pira com esse novo fenômeno: Ng utilizando o nome de rua de uma substância controlada.

– Quer dizer Freon? – ela pergunta.

– Sim. O homem que é o objeto de nossa investigação é diversificado horizontalmente. Isto é, ele negocia uma série de substâncias diferentes. Mas ele começou com Freon. Ele é o maior atacadista e varejista de Freon da Costa Oeste.

Finalmente Y. T. entende. O caminhão de Ng tem ar-condicionado. Não é um daqueles aparelhinhos de ar-condicionado sem ozônio de merda, mas a coisa real, um congelador de altíssima capacidade, de gelar os ossos, heavy metal. Deve usar uma quantidade incrível de Freon.

Para todos os fins práticos, esse ar-condicionado é parte do corpo de Ng. Y. T. está dirigindo com o único junkie de Freon do mundo.

– Você compra seu próprio suprimento de Chill desse cara?

– Até agora sim. Mas, para o futuro, fiz um arranjo com terceiros.

Terceiros. A Máfia.

***

Eles estão se aproximando do cais. Dezenas de armazéns compridos, magricelos e de um andar só correm paralelos à linha-d'água. Todos eles dividem a mesma estrada de acesso naquela extremidade. Estradas menores rodam entre elas, descendo para onde os cais costumavam ficar. Trailers-tratores abandonados estão espalhados pelo local a intervalos irregulares.

Ng encosta o caminhão fora da estrada de acesso, num pequeno nicho parcialmente oculto entre uma velha estação elétrica de tijolos vermelhos e uma pilha de contêineres de navegação enferrujados. Ele vira o veículo de modo que ele fique apontado para fora dali, meio como se estivesse esperando ir embora rapidamente.

– Há dinheiro no compartimento de armazenamento à sua frente – diz Ng.

Y. T. abre o porta-luvas, como qualquer outra pessoa chamaria aquilo, e descobre um maço espesso de notas sujas e gastas de trilhões de dólares, com a efígie de Ed Meese.

– Meu Deus, você não podia ter arrumado umas notas maiores, não? Isso aqui é meio maçudo.

– Este é mais o tipo de coisa com o qual um Kourier pagaria.

– Porque nós somos todos lixo, né?

– Sem comentários.

– O que é isso, um quatrilhão de dólares?

– Um quatrilhão e meio. Inflação, sabe como é.

– O que é que eu faço?

– Quarto armazém à esquerda – orienta Ng. – Quando você conseguir o tubo, jogue-o no ar.

– E depois?

– Tudo vai se resolver.

Y. T. tem suas dúvidas a esse respeito. Mas se ela se meter em apuros, bem, sempre poderá mostrar aquelas plaquinhas do exército.

Enquanto Y. T. desce do caminhão com seu skate, Ng faz novos sons com a boca. Ela ouve um ruído de algo deslizando e se encaixando, ressoando pela estrutura do caminhão; máquinas despertando. Voltando-se para olhar, ela vê que um casulo de aço no telhado do caminhão se abriu. Há um helicóptero-miniatura embaixo dele, todo dobrado. As lâminas do rotor se abrem, como uma borboleta abrindo as asas. Seu nome está pintado na lateral: SEMEADOR DE TEMPESTADES.

32

É bastante óbvio qual armazém estamos procurando aqui. Quarto à esquerda, a estrada que desce na direção do cais está bloqueada por diversos contêineres, as caixas grandes de aço que podem ser vistas na parte de trás de dezoito-rodas. Elas estão dispostas num padrão de espinha dorsal, de modo que, para que seja possível passar por eles, é preciso costurar de um lado para o outro uma dezena de vezes, passando por um canal estreito labiríntico entre paredes altas de aço. Caras com armas estão empoleirados no alto, olhando para Y. T. enquanto ela orienta sua prancha pela pista de obstáculos. Quando ela consegue sair para céu aberto, já sofreu uma verificação bastante intensa.

Há uma ou outra lâmpada pendurada num fio, e até mesmo uns dois fios de luzes de árvores de Natal. Estas estão ligadas, só para fazer com que ela se sinta um pouco mais bem-vinda. Ela não consegue ver nada, apenas luzes formando halos coloridos entre uma nuvem generalizada de poeira e neblina. Na frente dela, o acesso ao cais está bloqueado por outro labirinto de contêineres. Um deles tem uma inscrição grafitada: RIDO DIZ: EXPERIMENTE CONTAGEM REGRESSIVA HOJE!

– O que é RIDO? – pergunta ela, só para quebrar o gelo um pouquinho.

– Rei Indiscutível dos Destruidores de Ozônio – fala uma voz de homem. Ele está justamente no ato de pular de um cais de carregamento do armazém à esquerda dela. Dentro do armazém lá atrás, Y. T. vê luzes elétricas e o brilho de cigarros. – É assim que chamamos Emilio.

– Ah, tá – diz Y. T. – O cara do Freon. Eu não estou aqui pra comprar Chill.

– Bem – diz o sujeito, um cara alto e magro na casa dos quarenta, magro demais para ter quarenta anos. Ele arranca a bituca de um cigarro de sua boca e a joga longe como se fosse um dardo. – O que é que vai ser, então?

– Quanto custa o Snow Crash?

– Um e setenta e cinco Gippers – declara o sujeito.

– Pensei que fosse um e cinquenta – retruca Y. T.

O sujeito balança a cabeça.

– Inflação, sabe como é. Mesmo assim é uma pechincha. Que diabo, essa sua prancha aí provavelmente vale cem Gippers.

– Você não consegue nem comprar isso com dólares – replica Y. T., dando seu revide. – Escute, eu só tenho um quatrilhão e meio de dólares. – Ela puxa o maço do bolso dela.

O cara ri, balança a cabeça e grita para seus colegas dentro do armazém.

– Ei, camaradas, tem uma garota aqui que quer pagar em Meeses.

– É melhor se livrar dessas notas rapidinho, queridona – adverte uma voz mais aguda e feroz –, ou arrumar um barril pra guardá-las.

É um sujeito ainda mais velho com uma careca, cabelos encaracolados nas laterais e uma barriguinha de chope. Ele está parado no cais.

– Se vocês não vão aceitar, é só dizer – diz Y. T. Esse papo todo não tem nada a ver com negócios.

– Não recebemos garotas aqui com muita frequência – alega o velho gordo e careca. Y. T. sabe que esse deve ser o RIDO em pessoa. – Então vamos te dar um desconto por ser folgada. Dá uma voltinha aí.

– Vá se foder – resmunga Y. T. Ela não vai dar uma voltinha para esse cara.

Todo mundo que ouve cai na gargalhada.

– Ok, vá em frente – diz o RIDO.

O sujeito alto e magro vai até o cais, pega uma maleta de alumínio e coloca-a na tampa de um tambor de aço no meio da estrada, o que o deixa à altura da cintura.

– Pague primeiro – determina ele.

Y. T. lhe entrega os Meeses. Ele examina o maço, faz uma cara de desdém, joga tudo de volta ao armazém com um movimento súbito. Todos os caras lá dentro riem ainda mais.

Ele abre a maleta, revelando o pequeno teclado de computador. Ele enfia seu cartão de identidade no slot e digita por alguns segundos.

Depois, solta um tubo da tampa da maleta e coloca-o na tomada na parte inferior. A máquina o puxa para dentro, faz alguma coisa e o cospe de volta.

Ele entrega o tubo para Y. T. Os números vermelhos no topo estão fazendo a contagem regressiva de dez.

– Quando chegar a um, leve isso ao seu nariz e comece a inalar – avisa o sujeito.

Ela já está se afastando dele.

– Algum problema, garotinha? – ele pergunta.

– Ainda não – responde ela. Então, joga o tubo no ar com o máximo de força possível.

O barulho das lâminas do rotor saem do nada. O *Semeador de Tempestades* é um borrão acima de suas cabeças; todos se abaixam por um instante quando a surpresa faz os joelhos deles dobrarem. O tubo não volta para a terra.

– Sua piranha filha da puta – xinga o magro.

– Foi um plano realmente cool – diz o RIDO –, mas a parte que eu não consigo entender é: por que uma bela garotinha como você participaria de uma missão suicida?

O sol se levanta. Cerca de meia dúzia de sóis, na verdade, todos ao redor deles no ar, então não há sombras. Os rostos do magro e do RIDO parecem achatados e sem feições sob aquela iluminação ofuscante. Y. T. é a única pessoa que consegue ver alguma coisa porque seus Knight Visions compensaram isso; os homens piscam e murcham abaixo dessa luz.

Y. T. se vira para olhar para trás. Um dos sóis em miniatura está pendurado acima do labirinto de contêineres, jogando luz sobre todas as reentrâncias, cegando os pistoleiros que montam guarda ali. A cena pisca, muita luz e muita escuridão, enquanto os componentes eletrônicos de seus óculos tentam se decidir. Mas, no meio de todo esse emaranhado visual, ela capta uma imagem que fica impressa de modo indelével em sua retina: os pistoleiros caindo como uma fila de árvores em um furacão, e por apenas um instante, uma fileira de coisas escuras e angulosas recortadas em silhueta acima do labirinto enquanto eles o sobem como um tsunami cibernético. Coisas-Rato.

Eles evitaram todo o labirinto saltando sobre ele em parábolas longas e achatadas. Ao longo do caminho, alguns deles bateram bem nos corpos dos homens que seguravam armas, como zagueiros da NFL se chocando a toda nos fotógrafos nerds que ficam na lateral. Então, quando eles pousam na estrada

diante do labirinto, há uma explosão instantânea de poeira com fagulhas brancas frenéticas dançando ao redor no fundo, e enquanto isso tudo está acontecendo, Y. T. não ouve, ela sente uma das Coisas-Rato batendo com impacto no corpo do cara alto e magro, ela ouve as costelas dele quebrando como uma bola de celofane. O pandemônio já está comendo solto dentro do armazém, mas os olhos dela estão tentando seguir a ação, vendo as trilhas de fagulhas e poeira de mais Coisas-Rato aparecendo na estrada num instante e saltando até o alto da barreira seguinte.

Três segundos se passaram desde que ela jogou o tubo no ar. Ela está dando as costas para olhar dentro do armazém. Mas tem alguém lá no alto, o que chama a sua atenção por um segundo. É outro pistoleiro, um atirador de elite, que sai de trás de uma unidade de ar-condicionado, simplesmente se acostumando à luz, levando a arma ao ombro. Y. T. faz uma careta quando um feixe de laser vermelho de seu rifle varre os olhos dela uma vez, duas quando ele zera a mira na sua testa. Atrás dele, ela vê o *Semeador de Tempestades*, seus rotores criando um disco sob a luz brilhante, um disco que se resume a uma elipse estreita e depois em uma linha prateada firme. Então ele passa direto pelo atirador.

O helicóptero faz uma curva radical, procurando mais presas, e alguma coisa cai debaixo dele em uma trajetória sem energia; Y. T. acha que ele soltou uma bomba. Mas é a cabeça do atirador, girando velozmente, lançando uma fina hélice rosada sob a luz. A pequena lâmina do rotor do helicóptero deve tê-lo apanhado na nuca. Uma parte dela está observando desapaixonadamente a cabeça bater e rolar na poeira, e a outra parte está gritando até não poder mais.

Ela ouve um ruído de algo se quebrando, o primeiro ruído alto até agora. Y. T. se vira para acompanhar o som, procurando-o na direção de uma caixa-d’água que assoma sobre a área, fornecendo um bom ponto de vista para um atirador.

Mas aí sua atenção é atraída pela finíssima exaustão azul-esbranquiçada de um minúsculo foguete que dispara para o céu do caminhão de Ng. Ele não faz nada; simplesmente sobe até uma certa altura e fica flutuando, sob a fumaça de sua exaustão. Ela não está nem aí, está se mandando a toda em sua prancha, tentando colocar alguma coisa entre ela e aquela caixa-d’água.

Há um segundo ruído de algo se quebrando. Antes que esse som consiga chegar aos seus ouvidos, o foguete dispara horizontalmente como uma foice, faz

um ou dois cortes menores para corrigir seu curso, zera a mira naquele ponto do atirador, no topo de escada de acesso da caixa-d'água. Há uma grande e terrível explosão sem qualquer chama ou luz, como as enormes explosões sem sentido que podem ser ouvidas em shows de fogos de artifício.

Logo antes que ela consiga voltar ao labirinto, uma linha de poeira passa por ela como um chicote, jogando pedras e fragmentos de vidro quebrado na sua cara. A coisa dispara para dentro do labirinto. Ela ouve a coisa atravessar tudo como uma bola de pingue-pongue, chutando as paredes de aço para mudar a direção. É uma Coisa-Rato abrindo caminho para ela.

Que gracinha!

***

– Belo movimento, seu cagão – diz ela, voltando a subir no caminhão de Ng. Ela sente a garganta inchada e espessa. Talvez seja de gritar, talvez seja o lixo tóxico, talvez ela esteja pronta para vomitar. – Você não sabia dos atiradores? – ela pergunta. Se ela conseguir continuar falando sobre os detalhes do serviço, talvez possa parar de pensar no que o *Semeador de Tempestades* fez.

– Eu não sabia que havia aquele na caixa-d'água – explica Ng. – Mas, assim que ele disparou duas rajadas, plotamos as trajetórias das balas em ondas milimétricas e as rastreamos. – Ele fala com o caminhão e eles saem de seu esconderijo, na direção da I-405.

– Parece meio que um lugar óbvio para se procurar por um atirador.

– Ele estava em uma posição não fortificada, exposta de todos os lados – diz Ng. – Ele escolheu trabalhar a partir de uma posição suicida. O que não é comportamento típico de traficantes de drogas. Normalmente eles são mais pragmáticos. Agora, você tem mais alguma crítica ao meu desempenho?

– Bom, funcionou?

– Sim. O tubo foi inserido numa câmara selada dentro do helicóptero antes que ele descarregasse seu conteúdo. Então foi congelado em hélio líquido antes que pudesse se autodestruir quimicamente. Agora temos uma amostra de Snow Crash, uma coisa que ninguém mais foi capaz de conseguir. É o tipo de sucesso sobre o qual reputações como a minha são construídas.

– E as Coisas-Rato?

– O que tem elas?

– Elas voltaram para o caminhão? Ali atrás? – Y. T. vira a cabeça para trás.

Ng faz uma pausa. Y. T. se lembra de que ele está sentado em seu escritório no Vietnã de 1955 olhando tudo isso pela TV.

– Três voltaram – responde Ng. – Três estão no caminho de volta. E deixei outros três para trás para efetuarem medidas adicionais de pacificação.

– Você está deixando elas para trás?

– Elas vão nos alcançar depois – esclarece Ng. – Numa linha reta, podem correr a quase mil quilômetros por hora.

– É verdade que elas têm coisas nucleares dentro delas?

– Isótopos radiotérmicos.

– O que acontece se uma delas for destruída e aberta? Todo mundo vai sofrer mutações?

– Se você algum dia se encontrar na presença de uma força destrutiva com poder suficiente para desencapsular esses isótopos – diz Ng –, doença de radiação será a menor das suas preocupações.

– Elas serão capazes de encontrar o caminho de volta para nós?

– Você nunca viu *Lassie, a Força do Coração* quando era criança? – pergunta ele. – Ou melhor, mais criança do que já é hoje?

– Isso foi cruel – retruca ela.

– Esse tipo de sentimentalismo é muito previsível – comenta Ng.

– Tirar um cachorro de seu corpo... mantê-lo numa casinha o tempo todo.

– Quando a Coisa-Rato, como você a chama, está em sua casinha, sabe o que ela está fazendo?

– Lambendo suas bolas elétricas?

– Caçando frisbees à beira da praia. Para sempre. Comendo bifes que crescem em árvores. Deitada ao lado da fogueira em uma cabana de caça. Ainda não instalei nenhuma simulação de lamber testículos, mas agora que você tocou no assunto, vou pensar nisso.

– E quando ela está fora da casinha, correndo e fazendo tarefas para você?

– Você não consegue imaginar como é libertador para um pit bull terrier ser capaz de correr a quase mil quilômetros por hora?

Y. T. não responde. Ela está ocupada demais tentando fazer com que a mente dela aceite esse conceito.

– Seu erro – aponta Ng – é que você pensa que todos os organismos assistidos mecanicamente, como eu, são aleijados patéticos. Na verdade, somos melhores do que éramos antes.

– Onde você consegue os pit bulls?

– Um número incrível deles é abandonado todos os dias, em cidades por todo o país.

– Você corta filhotes?

– Nós salvamos cães da extinção certa e os mandamos para o equivalente do paraíso canino.

– Meu amigo Roadkill e eu tínhamos um pit bull. Rex. Nós o encontramos num beco. Algum babaca tinha dado um tiro na perna dele. A gente o mandou para um veterinário, que o curou. Ele ficou alguns meses num apartamento vazio no prédio de Roadkill. A gente brincava com ele todo dia, levava comida para ele. E então um dia a gente foi lá pra brincar com o Rex e ele havia sumido. Alguém invadiu o lugar e o levou. Provavelmente o venderam para um laboratório de pesquisa.

– Provavelmente – afirma Ng –, mas isso não é jeito de se manter um cachorro.

– É melhor do que o jeito como ele estava vivendo antes.

Há uma interrupção na conversa enquanto Ng se ocupa em conversar com seu caminhão, manobrando para a Long Beach Freeway, dirigindo-se de volta para a cidade.

– Eles se lembram de alguma coisa? – pergunta Y. T.

– Até onde cães conseguem se lembrar de alguma coisa – explica Ng. – Nós não temos como apagar memórias.

– Então talvez o Rex seja uma Coisa-Rato, em algum lugar, neste momento.

– Para o bem dele, espero que sim – diz Ng.

***

Numa franquia da Grande Hong Kong do Sr. Lee em Phoenix, Arizona, a Unidade de Guarda Semiautônoma B-782 da Ng Security Industries desperta.

A fábrica que o montou pensa nele como um robô chamado Número B-782. Mas ele pensa em si mesmo como um pit bull terrier chamado Rex.

Nos velhos tempos, Rex era um cachorrinho muito mau às vezes. Mas hoje Rex vive em uma casinha bonitinha num quintalzinho bonitinho. Hoje ele se tornou um cachorrinho bonzinho. Ele gosta de ficar deitado em sua casa e ouvir os outros cachorrinhos bonitinhos latindo. Rex faz parte de uma grande matilha.

Esta noite ele ouve muitos latidos de um lugar bem longe. Quando Rex ouve esses latidos, sabe que toda uma matilha de cachorrinhos bonzinhos está muito animada com alguma coisa. Um monte de homens muito maus estava tentando machucar uma garota bonitinha. Isso fez os cachorrinhos ficarem muitos zangados e excitados. Para proteger a garota bonitinha, eles estão machucando alguns dos homens maus.

E é assim mesmo que tem de ser.

Rex não sai de sua casa. Quando ouviu os latidos pela primeira vez, ficou empolgado. Ele gosta de garotas bonitinhas e fica especialmente irritado quando homens ruins tentam machucá-las. Um dia, uma garota bonitinha o amou. Isso foi antes, quando ele morava num lugar assustador e estava sempre com fome e muita gente era má com ele. Mas a garota bonitinha o amava e era boa com ele. Rex ama muito a garota bonitinha.

Mas ele pode dizer, pelos latidos dos outros cachorrinhos, que a garota bonitinha está segura agora. Então ele volta a dormir.

33

– Desculpaí, pod – fala Y. T., entrando na sala Babel/Infocalipse. – Meu Deus! Este lugar parece uma daquelas coisas cheias de neve que você sacode.

– Oi, Y. T.

– Tenho mais info pra você, pod.

– Manda ver.

– Snow Crash é um roide. Ou pelo menos é semelhante a um roide. É, isso mesmo. Ele entra nas paredes de suas células, igualzinho a um roide. E então ele faz uma coisa com o núcleo da sua célula.

– Você tinha razão – Hiro diz ao Bibliotecário –, é como o herpes.

– Esse cara com quem eu estava conversando explicou que isso fode com o seu DNA. Não sei o que significa metade dessa merda, mas foi o que ele falou.

– Quem é esse sujeito com quem você estava falando?

– Ng. Da Ng Security Industries. Nem se dê ao trabalho de falar com ele; ele não vai te dar nenhuma info – ela avisa tranquilamente.

– Por que é que você está andando com um sujeito como o Ng?

– *Mob job*. A Máfia tem uma amostra da droga pela primeira vez, graças a mim e ao meu colega Ng. Até agora, ela sempre se autodestruía antes que eles conseguissem pegá-la. Então, acho que eles a estão analisando ou coisa assim. Tentando fazer um antídoto, talvez.

– Ou tentando reproduzi-lo.

– A Máfia não faria isso.

– Não seja boba – discorda Hiro. – É claro que faria.

Y. T. parece ofendida com Hiro.

– Escuta – continua ele –, desculpe por ficar lembrando você disso, mas se ainda tivéssemos leis, a Máfia seria uma organização criminosa.

– Mas não temos leis – ela alega. – Portanto, ela é apenas mais uma franquia.

– Tudo bem. Só estou dizendo que eles podem não estar fazendo isso para o benefício da humanidade.

– E por que é que você está aqui, enfurnado com esse daemon geek? – ela pergunta, fazendo um gesto para o Bibliotecário. – Para o benefício da humanidade? Ou porque você está atrás de mulher? Seja lá qual for o nome dela.

– Ok, ok, não vamos mais falar da Máfia – diz Hiro. – Tenho trabalho a fazer.

– Eu também.

Y. T. sai novamente, deixando um buraco no Metaverso, que é rapidamente preenchido pelo computador de Hiro.

– Acho que ela pode ter uma quedinha por mim – explica Hiro.

– Parecia um tanto afetuosa – comenta o Bibliotecário.

– Ok – fala Hiro –, de volta ao trabalho. De onde veio a Asherah?

– Originalmente, da mitologia suméria. Logo, ela também é importante nos mitos babilônico, assírio, cananeu, hebraico e ugarítico, que descendem todos do sumério.

– Interessante. Então, a linguagem suméria morreu, mas os mitos sumérios de algum modo foram transmitidos para as novas linguagens.

– Correto. O sumério foi usado como a linguagem da religião e do estudo por civilizações posteriores, como o latim era usado na Europa durante a Idade Média. Ninguém o falava como sua língua nativa, mas as pessoas cultas o liam. Assim, a religião suméria foi transmitida.

– E o que a Asherah fazia nos mitos sumérios?

– Os relatos são fragmentários. Poucas tabuletas foram descobertas, e estas estão quebradas e dispersas. Acredita-se que L. Bob Rife escavou muitas tabuletas intactas, mas ele se recusa a liberá-las. Os mitos sumérios sobreviventes existem em fragmentos e têm uma qualidade bizarra. Lagos os comparava à imaginação de uma criança febril de dois anos de idade. Seções inteiras deles simplesmente não podem ser traduzidas: os caracteres são legíveis e conhecidos, mas quando reunidos não dizem nada que deixe impacto na mente moderna.

– Como instruções para programar um videocassete.

– Existe uma grande quantidade de repetição monótona. Há também uma boa quantidade do que Lagos descreveu como “Marketing-Rotary-Club”: escribas vangloriando-se da virtude superior de sua cidade sobre alguma outra cidade.

– O que torna uma cidade suméria melhor do que outra? Um zigurate maior? Um time de futebol melhor?

– Melhores *me*.

– O que são *me*?

– Regras ou princípios que controlam a operação da sociedade, como um código de leis, mas em um nível mais fundamental.

– Não entendi.

– Esta é a questão. Os mitos sumérios não são “legíveis” ou “desfrutáveis” da mesma maneira que os mitos gregos e hebreus. Eles refletem uma consciência fundamentalmente diferente da nossa.

– Suponho que se nossa cultura se baseasse na Suméria, nós os acharíamos mais interessantes – deduz Hiro.

– Os mitos acadianos vieram depois dos sumérios e são claramente baseados, em grande parte, nos mitos sumérios. Está claro que os redatores acadianos analisaram os mitos sumérios, editaram as partes bizarras (para nós) e incompreensíveis, e os reuniram em obras mais longas, como o Épico de Gilgamesh. Os acadianos eram semitas: primos dos hebreus.

– O que os acadianos têm a dizer a respeito dela?

– Ela é uma deusa do erótico e da fertilidade. Ela também tem um lado destrutivo e vingativo. Num mito, Kirta, um rei humano, fica muito doente por intervenção de Asherah. Somente El, rei dos deuses, pode curá-lo. El dá a certas pessoas o privilégio de mamar nos seios de Asherah. El e Asherah costumam adotar bebês humanos e deixar que eles mamem em Asherah – num texto, ela é ama de leite de setenta filhos divinos.

– Disseminando esse vírus – conclui Hiro. – Mães com Aids podem transmitir a doença para seus filhos, amamentando-os. Mas essa é a versão acadiana, certo?

– Sim, senhor.

– Quero ouvir algo sumério, mesmo que seja intraduzível.

– Gostaria de ouvir como Asherah fez Enki ficar doente?

– Claro.

– A maneira como essa história é traduzida depende de como é interpretada. Alguns a veem como uma história de Queda do Paraíso. Outros a veem como uma batalha entre masculino e feminino ou água e terra. Outros ainda a veem como uma alegoria para a fertilidade. Esta leitura é baseada na interpretação de Bendt Alster.

– Anotado.

– Resumindo: Enki e Ninhursag – que é Asherah, embora nesta história ela também tenha outros epítetos – vivem num lugar chamado Dilmun. Dilmun é ouro, limpo e brilhante, não existe doença, as pessoas não envelhecem, animais predadores não caçam. Mas não há água. Então Ninhursag implora a Enki, que é uma espécie de deus da água, para trazer água para Dilmun. Ele o faz se masturbando entre os juncos das margens e deixando fluir seu sêmen vital – a "água do coração", como ele é chamado. Ao mesmo tempo, pronuncia um nam-shub proibindo qualquer um de entrar naquela área: ele não quer que ninguém se aproxime de seu sêmen.

– Por que não?

– O mito não diz.

– Então – observa Hiro – ele deve ter achado que era valioso, ou perigoso, ou ambas as coisas.

– Hoje Dilmun está melhor do que era antes. Os campos produzem colheitas abundantes e assim por diante.

– Desculpe, mas como a agricultura suméria funcionava? Eles usavam muita irrigação?

– Eram inteiramente dependentes dela.

– Então Enki foi responsável, segundo esse mito, por irrigar os campos com sua "água do coração".

– Enki era o deus da água, sim.

– Ok, continue.

– Mas Ninhursag – Asherah – viola o decreto dele, pega o sêmen de Enki e se impregna. Após nove dias de gravidez, ela dá à luz, sem dor, uma filha,

Ninmu. Ninmu anda nas margens do rio. Enki a vê, se inflama, atravessa o rio e faz sexo com ela.

– Com a própria filha.

– Sim. Ela tem outra filha nove dias mais tarde, chamada Ninkurra, e o padrão se repete.

– Enki também faz sexo com Ninkurra?

– Sim, e ela tem uma filha chamada Uttu. Agora, a esta altura, Ninhursag aparentemente reconheceu um padrão no comportamento de Enki e por isso aconselha Uttu a ficar em casa, prevendo que Enki então se aproximará, trazendo presentes, e tentará seduzi-la.

– Ele faz isso?

– Enki mais uma vez preenche as valas com "água do coração", que faz as coisas crescerem. O jardineiro se regozija e abraça Enki.

– Quem é o jardineiro?

– Só um personagem da história – esclarece o Bibliotecário. – Ele oferece uvas e outros presentes a Enki. Enki se disfarça como o jardineiro, vai até Uttu e a seduz. Mas, desta vez, Ninhursag consegue obter uma amostra do sêmen de Enki das coxas de Uttu.

– Meu Deus. Isso é que é uma sogra do inferno.

– Ninhursag espalha o sêmen no chão, e ele faz com que oito plantas brotem.

– E Enki faz sexo com as plantas também?

– Não, ele as come: em um certo sentido, ele aprende os segredos delas fazendo isso.

– Então temos aqui nosso motivo de Adão e Eva.

– Ninhursag amaldiçoa Enki, dizendo "Até que tu estejas morto, não olharei para ti com o 'olho da vida'". Então ela desaparece, e Enki fica muito doente. Oito de seus órgãos ficam doentes, um para cada planta. Por fim, Ninhursag é convencida a voltar. Ela dá à luz oito divindades, uma para cada parte do corpo de Enki que está doente, e Enki se cura. Essas divindades são o panteão de Dilmun; isto é, este ato quebra o ciclo de incesto e cria uma nova raça de deuses masculinos e femininos que podem se reproduzir normalmente.

– Estou começando a ver o que Lagos queria dizer com a criança febril de dois anos de idade.

– Alster interpreta o mito como “uma exposição de um problema lógico: supondo que originalmente não existisse nada a não ser um criador, como as relações sexuais binárias comuns poderiam surgir?”

– Ah, aí está novamente a palavra “binária”.

– Você pode se lembrar de uma bifurcação anterior em nossa conversa que teria nos trazido a este mesmo lugar por outra rota. Este mito pode ser comparado ao mito de criação sumério, no qual céu e terra se unem para começar, mas o mundo não é de fato criado até que os dois sejam separados. A maioria dos mitos de Criação se inicia com uma “unidade paradoxal de tudo, avaliada ou como caos ou como Paraíso”, e o mundo como o conhecemos não chega de fato a surgir até que isso seja mudado. Aqui eu deveria ressaltar que o nome original de Enki era En-Kur, Senhor de Kur. Kur era um oceano primordial – Caos – que Enki conquistou.

– Todo hacker se identifica com isso.

– Mas Asherah tinha conotações semelhantes. Seu nome em ugarítico, “atiratu yammi”, significa “aquela que anda no (dragão do) mar”.

– Ok, então tanto Enki quanto Asherah eram figuras que tinham em algum sentido derrotado o caos. E você defende que essa derrota do caos, a separação do mundo estático e unificado em um sistema binário, é identificada com a criação.

– Correto.

– O que mais você pode me dizer sobre Enki?

– Ele era o *en* da cidade de Eridu.

– O que é um *en*? É um tipo de rei?

– Uma espécie de sacerdote-rei. O *en* era o guardião do templo local, onde os *me* – as regras da sociedade – eram armazenadas em tabuletas de argila.

– Ok. Onde fica Eridu?

– Sul do Iraque. Ela só começou a ser escavada nos últimos anos.

– Pelo pessoal de Rife?

– Sim. Como Kramer afirma, Enki é o deus da sabedoria – mas esta é uma tradução ruim. A sabedoria dele não é a sabedoria de um velho, mas um conhecimento de como fazer as coisas, especialmente coisas ocultas. “Ele surpreende até mesmo os outros deuses com soluções chocantes para problemas

aparentemente impossíveis”. Ele é um deus simpático na maior parte das vezes, que ajuda a humanidade.

– É mesmo?

– É. Os mitos sumérios mais importantes são centrados nele. Como já mencionei, ele está associado à água. Ele enche os rios e o extenso sistema sumério de canais com seu sêmen que dá a vida. Considera-se que ele criou o rio Tigre em um único e épico ato de masturbação. Ele se descreve como segue: “Eu sou senhor. Eu sou aquele cuja palavra perdura. Eu sou eterno”. Outros o descrevem: “uma palavra sua – e pilhas e pilhas de grãos se acumulam”. “Você traz as estrelas do céu para baixo, você computou o número delas”. Ele pronuncia o nome de tudo o que foi criado...

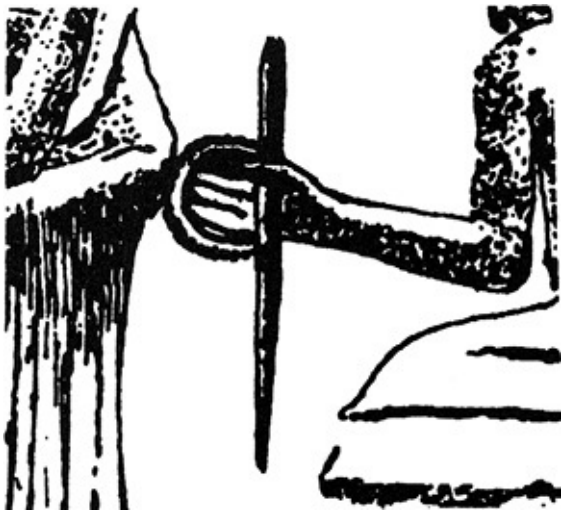
– “Pronuncia o nome de tudo o que foi criado”?

– Em muitos mitos de Criação, nomear uma coisa é criá-la. Ele é referido, em vários mitos, como “especialista que instituiu encantamentos”, “rico em palavras”, “Enki, mestre de todos os comandos certos”, como Kramer e Maier dizem. “Sua palavra pode trazer a ordem onde antes só havia caos e introduzir a desordem onde antes havia harmonia”. Ele dedica muito esforço a transmitir essa sabedoria a seu filho, o deus Marduk, divindade principal da Babilônia.

– Então os sumérios adoravam Enki, e os babilônios, que vieram depois dos sumérios, adoravam Marduk, seu filho.

– Sim, senhor. E sempre que Marduk se encontrava em apuros, pedia ajuda a seu pai, Enki. Há uma representação de Marduk aqui nesta Estela: o Código de Hamurabi. De acordo com Hamurabi, o Código lhe foi dado pessoalmente por Marduk.

Hiro vai até o Código de Hamurabi e se surpreende. As letras cuneiformes nada significam para ele, mas a ilustração no alto é fácil demais de compreender. Especialmente a parte do meio:



– Por que, exatamente, Marduk está entregando a Hamurabi os números um e zero nesta imagem? – pergunta Hiro.

– Eles eram emblemas do poder real – responde o Bibliotecário. – A origem deles é obscura.

– Enki deve ter sido responsável por isso – diz Hiro.

– O papel mais importante de Enki é como criador e guardião do *me* e do *gishur*, as "palavras-chave" e os "padrões" que governam o universo.

– Fale mais sobre o *me*.

– Citando novamente Kramer e Maier, "[Eles acreditavam na] existência do tempo primordial como um sortimento fundamental, inalterável e abrangente de poderes e tarefas, normas e padrões, regras e regulamentos, conhecido como *me*, relativo ao cosmos e seus componentes, a deuses e humanos, a cidades e países, e a vários aspectos da vida civilizada".

– Meio como a Torá.

– Sim, mas eles têm uma espécie de força mística ou mágica. E frequentemente lidam com temas banais, não só a religião.

– Exemplos?

– Num mito, a deusa Inanna vai até Eridu e engana Enki para que este lhe dê os 94 *me* dela e os leva de volta consigo para sua cidade natal de Uruk, onde eles são recebidos com muita comoção e júbilo.

– Inanna é a pessoa com a qual Juanita está obcecada.

– Sim, senhor. Ela é saudada como salvadora porque “ela trouxe a perfeita execução do *me*”.

– Execução? Como a execução de um programa de computador.

– Sim. Aparentemente, eles são como algoritmos para efetuar certas atividades essenciais para a sociedade. Alguns deles têm a ver com as funções sacerdotais e reais. Outros explicam como executar cerimônias religiosas. Outros ainda estão relacionados às artes da guerra e da diplomacia. Muitos deles têm a ver com artes e ofícios: música, carpintaria, ferraria, tanoaria, construção, agricultura, até mesmo tarefas simples como acender fogueiras.

– O sistema operacional da sociedade.

– Desculpe?

– Quando você liga um computador pela primeira vez, ele é uma coleção inerte de circuitos que não podem fazer nada. Para iniciar a máquina, você precisa infundir nesses circuitos uma coleção de regras que dizem a ela como funcionar. Como ser um computador. Parece que esses *me* serviam como o sistema operacional da sociedade, organizando uma coleção inerte de pessoas para formar um sistema funcional.

– Como desejar. De qualquer maneira, Enki era o guardião dos *me*.

– Então, ele era um bom sujeito, no fim das contas.

– Ele era o mais amado dos deuses.

– Ele parece um tipo de hacker. O que torna seu nam-shub muito difícil de entender. Se ele era um camarada tão legal, por que fez aquele negócio de Babel?

– Este é considerado um dos mistérios de Enki. Como você notou, seu comportamento nem sempre era consistente com as normas modernas.

– Não engulo essa. Não acho que ele tenha fodido a irmã de verdade, ou a filha, o escambau. Essa história tem de ser uma metáfora de alguma outra coisa. Acho que é uma metáfora de alguma espécie de processo informacional recursivo. Esse mito inteiro cheira a isso. Para essa gente, água e sêmen são a mesma coisa. Faz sentido, porque eles provavelmente não tinham o conceito de água pura: era tudo marrom, lamacento e cheio de vírus mesmo. Mas, de um ponto de vista moderno, o sêmen é apenas um portador de informação – tanto

esperma benevolente quanto vírus malevolentes. A água de Enki – seu sêmen, seus dados, seus *me* – fluem pelo país da Suméria e fazem com que ela floresça.

– Como você pode estar ciente, a Suméria existia na planície inundada entre dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates. É dali que toda a argila vinha: eles a pegavam diretamente dos leitos do rio.

– Então Enki forneceu a eles até mesmo a mídia para transmitir informações: a argila. Eles escreviam em argila úmida e depois a secavam: livravam-se da água. Se a água atingisse a argila depois, a informação era destruída. Mas, se a cozinhassem e retirassem toda a água, esterilizassem o sêmen de Enki com calor, então a tabuleta durava para sempre, imutável, como as palavras da Torá. Estou parecendo um maníaco?

– Não sei – fala o Bibliotecário –, mas você está soando um pouco como Lagos.

– Agora fiquei empolgado. Daqui a pouco vou acabar virando um gárgula.

34

Qualquer ped pode entrar no Parque Griffith sem ser notado. E Y. T. deduz que, apesar das barreiras no meio da estrada, o acampamento dos Falabala não é assim tão bem protegido se o sujeito tiver capacidade off-road. Para uma ninjaskate com uma prancha novinha e um par novinho de Knight Visions (ei, qualquer um tem que gastar dinheiro para ganhar dinheiro) não haverá problema. É só encontrar uma barragem que desça até o desfiladeiro e costear a margem até ver aquelas fogueiras lá embaixo. E depois descer a colina. Confiar na gravidade.

Ela percebe, a meio caminho abaixo, que seu macacão azul e laranja, por bobo que seja, será um verdadeiro farol para chamar a atenção no meio da noite na zona Falabala, então leva a mão ao colarinho, sente um disco rígido costurado dentro do material, aperta-o com o polegar e o indicador até fazer um clique. Seu macacão escurece, as cores tremeluzem pelo eletropigmento como uma mancha de óleo, e então ele fica preto.

Na sua primeira visita, ela não checou aquele lugar tão cuidadosamente porque esperava jamais voltar. Então a barragem acaba sendo mais alta e íngreme do que Y. T. se lembrava. Talvez um pouco mais parecida com uma encosta, ribanceira ou abismo do que ela pensava. A única coisa que a faz pensar isso é que ela parece estar fazendo um bocado de trabalho de queda livre ali. Paraquedismo geral. Estilo balístico em grande estilo. Isso é ótimo, tudo parte do trabalho, ela diz a si mesma. As rodas inteligentes são boas para isso. Os troncos de árvore são preto-azulados e não se destacam tão bem contra um fundo preto-azulado. A única outra coisa que ela pode ver é a luz de laser vermelho do velocímetro digital na frente de sua prancha, que não está mostrando nenhuma informação real. Os números vibraram até formar uma nuvem de luz vermelha granulada enquanto o sensor de velocidade do radar tenta travar em alguma coisa.

Ela desliga o velocímetro. Está correndo totalmente no escuro agora. Precipitando-se na direção do ‘creto suave do fundo do riacho como um anjo negro que acabou de ter as linhas de sudário de seu paraquedas celestial cortadas pelo Todo-Poderoso. E quando as rodas finalmente encontram o asfalto, elas simplesmente forçam os joelhos dela quase até seu maxilar. Ela termina toda essa transação gravitacional sem muita altitude e uma cabeça violenta de velocidade negra.

Nota mental: da próxima vez, pule de uma ponte, porra. Assim é mais garantido conseguir amassar a cara no asfalto.

Ela dobra violentamente rápido uma esquina, tão inclinada para a frente que poderia lamber a faixa amarela, e seus Knight Visions revelam tudo em um lampejo de radiação multiespectral. No infravermelho, o acampamento Falabala é uma aurora turbilhonante de neblina cor-de-rosa, pontuada pelos lampejos quentes e esbranquiçados de fogueiras. Tudo isso repousa no asfalto azul-clarinho, que significa, no esquema de cores falsas, que está frio. Atrás de tudo está a linha do horizonte cortada daquela tecnologia de barreira improvisada em que os Falabalas são tão bons. Uma barreira que foi completamente sacaneada, esnobada e confundida por Y. T., que caiu do céu no meio de um acampamento como um caça Stealth com complexo de inferioridade.

Assim que a pessoa está dentro do acampamento, os outros não se importam mesmo com o que ela é. Umas duas pessoas a veem, observam-na passar, e não fazem nenhum escândalo. Eles provavelmente recebem um bocado de Kouriers. Muitos Kouriers bobos, influenciáveis e bebedores de refresco. E essas pessoas não são espertas o suficiente para diferenciar Y. T. desses tipos. Mas tudo bem, por ora ela passa, desde que não verifiquem os detalhes de sua prancha nova.

As fogueiras fornecem uma boa e velha luz visível, normal o bastante para mostrar aquela coisa patética como realmente é: um bando de escoteiros dementes, um jamboree sem medalhas de mérito ou higiene. Com o IV aumentado até o topo do visível, ela também pode ver rostos vermelhos vagos e espectrais nas sombras onde seus olhos sem ajuda só veriam escuridão. Esses novos Knight Visions lhe custaram um grande bolo de seu dinheiro de drogas da Máfia. Simplesmente o tipo de coisa que mamãe tinha em mente quando insistiu para que Y. T. arrumasse um emprego de meio expediente.

Algumas das pessoas que estavam ali da última vez não estão agora, e há algumas novas que ela não reconhece. Há duas que estão usando camisas de força de fita isolante. É um *fashion statement* para aqueles que estão totalmente fora de controle, de rolar e babar no chão. E mais alguns que estão vagando por ali, mas não tão mal, e um ou dois que estão simplesmente esmolambados, como bons e velhos mendigos que você poderia encontrar no Snooze ’n’ Cruise.

– Ei, olha só! – diz alguém. – É nossa amiga Kourier! Bem-vinda, amiga!

Ela já tirou a tampa de sua latinha de Soco-Inglês Líquido, sacudiu-a e deixou-a de prontidão bem antes de usar. Ela tem algemas metálicas de alta voltagem e alta costura ao redor de seus pulsos caso alguém tente agarrá-la pelos mesmos. E um atordoador bundy escondido na manga. Apenas os retrógrados mais tubulares carregam armas. Armas levam muito tempo para funcionar (é preciso esperar que a vítima sangre até a morte), mas paradoxalmente elas acabam matando gente com muita frequência. Mas ninguém o incomoda depois que é atingido por um atordoador bundy. Pelo menos é o que dizem os anúncios.

Então não é exatamente como se ela se sentisse vulnerável ou coisa do gênero. Mas, mesmo assim, ela gostaria de escolher seu alvo. Então ela mantém velocidade de escape até encontrar a mulher que parecia amiga – a garota careca com o Chanel rasgado – e aí zera a mira nela.

***

– Vamos fugir para a floresta, cara – propõe Y. T. – Quero falar com você sobre o que está acontecendo com o que sobrou do seu cérebro.

A mulher sorri, peleja para se levantar com a falta de jeito de boa vontade de uma pessoa retardada que está de bom humor.

– Eu gostaria de falar sobre isso – diz ela. – Porque eu acredito nisso.

Y. T. não para para ficar ali conversando, só agarra a mulher pela mão, começa a levá-la colina acima, para as arvorezinhas retorcidas, distante da estrada. Ela não vê mais nenhum rosto rosado espreitando ali no infravermelho, devia ser seguro. Mas há duas pessoas atrás dela, apenas caminhando alegremente, sem olhar direto para ela, como se tivessem simplesmente decidido

que estava na hora de dar um passeio no mato no meio da noite. Um deles é o Sumo Sacerdote.

A mulher provavelmente tem seus 25 anos, é um tipo alto e magricelo, bem-apessoado – mas não era bonita, provavelmente uma ala valente porém não muito bem-sucedida de seu time de basquete do segundo grau. Y. T. a coloca sentada numa pedra lá no meio da escuridão.

– Você faz alguma ideia de onde está? – pergunta Y. T.

– No parque – diz a mulher –, com meus amigos. Estamos ajudando a espalhar a Palavra.

– Como você chegou aqui?

– Pelo *Enterprise*. É ali que vamos para aprender coisas.

– Você quer dizer, tipo, a Jangada? A Jangada do *Enterprise*? É de lá que todos vocês vêm?

– Eu não sei de onde viemos – revela a mulher. – Às vezes é difícil lembrar as coisas. Mas isso não é importante.

– De onde você era antes? Você não cresceu na Jangada, cresceu?

– Eu era programadora de sistemas para a 3verse Systems em Mountain View – informa a mulher, subitamente alternando para um fluxo de língua inglesa perfeita e normal.

– Então como é que você foi parar na Jangada?

– Não sei. Minha vida antiga parou. Minha vida nova começou. Agora estou aqui. – Voltou ao tatibitate.

– Qual é a última coisa de que você se lembra antes de sua vida antiga parar?

– Eu estava trabalhando até tarde. Meu computador estava com problemas.

– É só isso? Foi a última coisa normal que aconteceu com você?

– Meu sistema sofreu um crash – diz ela. – Eu vi estática. E aí eu fiquei muito doente. Fui para o hospital. E lá no hospital, conheci um homem que me explicou tudo. Ele explicou que eu havia sido lavada no sangue. Que eu pertencia à Palavra agora. E subitamente tudo fez sentido. E então decidi ir para a Jangada.

– Você decidiu ou alguém decidiu por você?

– Eu apenas quis ir. É para lá que nós vamos.

– Quem mais estava na Jangada com você?

– Mais gente como eu.

– Como você como?

– Todos programadores. Como eu. Que haviam visto a Palavra.

– Visto ela nos seus computadores?

– Sim. Ou às vezes na TV.

– O que vocês fizeram na Jangada?

A mulher levanta uma das mangas de seu agasalho esfarrapado para expor um braço cheio de marcas de agulha.

– Você tomava drogas?

– Não. Nós doamos sangue.

– *Eles sugaram o sangue de vocês*?

– Sim. Às vezes nós fazíamos um pouco de código. Mas somente alguns de nós.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Não sei. Eles nos mudaram para cá quando nossas veias pararam de funcionar. Nós só fazemos coisas para ajudar a espalhar a Palavra: arrastar coisas, fazer barricadas. Mas não gastamos muito tempo trabalhando. Na maior parte do tempo, a gente canta, reza e conta sobre a Palavra para outras pessoas.

– Você quer ir embora? Eu posso tirar você daqui.

– Não – retruca a mulher. – Eu nunca fui tão feliz.

– Como é que você pode dizer isso? Você era uma hacker. Agora você é meio que uma mendiga, para falar com franqueza.

– Tudo bem, não fico ofendida. Eu não era mesmo feliz quando era hacker. Nunca pensei nas coisas importantes. Deus. Céu. As coisas do espírito. É difícil pensar nessas coisas nos Estados Unidos. Você simplesmente as coloca de lado. Mas essas são realmente as coisas importantes: não programar computadores nem ganhar dinheiro. Hoje é tudo em que penso.

Y. T. estava de olho no Sumo Sacerdote e seu companheiro. Eles continuam se aproximando, um passo de cada vez. Agora eles estão tão próximos que Y. T. sente o cheiro do que eles comeram no jantar. A mulher coloca a mão no ombro de Y. T.

– Quero que você fique aqui comigo. Você não quer descer e tomar um refresco? Você deve estar com sede.

– Tenho de ir – avisa Y. T., se levantando.

– Mas eu realmente não concordo – diz o Sumo Sacerdote, dando um passo à frente. Ele não diz isso com raiva. Agora ele está tentando ser como o pai de Y. T. – Não é a decisão certa para você.

– O que é você, um modelo de pai?

– Tudo bem. Você não precisa concordar. Mas vamos descer e sentar à beira da fogueira e falar sobre isso.

– Vamos simplesmente sair logo de perto da Y. T. antes que ela entre em modo de autodefesa – diz Y. T.

Todos os três Falabalas recuam. Muito cooperativos. O Sumo Sacerdote está levantando as mãos para acalmá-la.

– Desculpe se fizemos você se sentir ameaçada – ele fala.

– Vocês são apenas um pouco estranhos – diz Y. T., colocando os óculos de volta ao modo infravermelho.

No infravermelho, ela pode ver que o terceiro Falabala, aquele que chegou junto com o Sumo Sacerdote, está segurando um pequeno objeto anormalmente quente numa das mãos.

Ela o realça com sua caneta de luz, focalizando o torso dele com um feixe amarelo estreito. A maior parte do corpo dele está suja, com cor de estrume e reflete pouca luz. Mas há uma coisa vermelha brilhante, um tubo de rubi.

É uma agulha hipodérmica. Está cheia de fluido vermelho. No infravermelho, ela aparece quente. É sangue fresco.

E ela não entende exatamente isso: por que esses caras estariam andando por aí com uma seringa cheia de sangue fresco. Mas ela já viu o bastante.

O Soco-Inglês dispara da lata em um jato lodo e estreito de verde-neon, e quando atinge o homem da agulha na cara, ele balança a cabeça para trás como se tivesse acabado de levar uma machadada no nariz e cai para trás sem fazer um ruído. Então ela dá ao Sumo Sacerdote uma dose disso por via das dúvidas. A mulher simplesmente fica ali, tipo totalmente bestificada.

***

Y. T. dispara para fora do desfiladeiro tão rápido que, quando entra voando no tráfego, a velocidade dela é a mesma dos carros. Assim que ela consegue poar para valer um caminhão noturno de alface, liga para a mãe.

– Mãe, escuta. Não, mãe, não liga pro barulho. Sim, eu estou com meu skate no trânsito. Mas me escuta um segundo, mãe...

Ela tem que desligar na cara da piranha velha. É impossível falar com ela. Então ela tenta fazer um link de voz com Hiro. Isso leva uns dois minutos.

– Alô! Alô! Alô! – ela grita. Então ela ouve a buzina de um carro. Vinda do telefone.

– Alô?

– É Y. T.

– Como é que você está?

Esse cara sempre parece que está um pouco enfurnado em seus negócios pessoais. Ela realmente não quer falar como está. Ela ouve outra buzina ao fundo, atrás da voz de Hiro.

– Porra, onde é que você está, Hiro?

– Descendo uma rua em LA.

– Como é que você pode estar usando óculos se está descendo uma rua? – Então a terrível realidade a atinge em cheio. – Ah, meu Deus, você não virou um gárgula, virou?

– Bom – diz Hiro. Ele hesita, envergonhado, como se ainda não tivesse lhe ocorrido que era isso o que ele estava fazendo. – Não é exatamente como ser um gárgula. Lembra-se de quando você me deu o maior esporro sobre como eu gastava toda a minha grana em computadores?

– Lembro.

– Eu concluí que não estava gastando o suficiente. Então comprei uma máquina de cinturão. É o menor que existe. Estou descendo a rua com essa coisa amarrada à minha barriga. É cool pra caramba.

– Você é um gárgula.

– Sim, mas não é igual a ter todas aquelas merdinhas amarradas por todo o corpo...

– Você é um gárgula. Escuta, eu falei com uma daquelas vendedoras.

– É?

– Ela diz que era uma hacker. Ela viu uma coisa estranha no computador. Então ficou doente por um tempo e entrou para um culto e acabou lá na Jangada.

– A Jangada. Diga lá.

– No *Enterprise*. Eles tiram o sangue deles, Hiro. Sugam o sangue do corpo deles. Eles infectam as pessoas injetando nelas o sangue de hackers doentes. E quando suas veias ficam todas secas como as de um junkie, eles os soltam e os colocam pra trabalhar em terra dirigindo a operação de vendas.

– Isso é bom – declara ele. – Boas informações.

– Ela diz que viu estática no computador dela e isso a fez ficar doente. Sabe de alguma coisa sobre isso?

– Sei. É verdade.

– É verdade?

– É. Mas você não precisa se preocupar com isso. Só afeta hackers.

Por um minuto ela não consegue nem falar, de tão puta que está.

– Minha mãe é programadora dos Federais. Seu babaca. Por que não me avisou?

Meia hora mais tarde, ela está lá. Nem se dá ao trabalho de mudar para o disfarce de WASP desta vez, simplesmente entra com estrépito dentro da casa em seu preto básico e feroz. Deixa a prancha cair no chão na entrada. Tira da estante um dos bibelôs da mãe – um prêmio pesado de cristal, que na verdade é de plástico transparente –, que ela ganhou dois anos atrás por puxar o saco de seu chefe Federal e passar em todos os seus testes de polígrafo, e entra na salinha.

Mamãe está lá. Como de costume. Trabalhando em seu computador. Mas ela não está olhando para a tela agora; ela tem algumas notas no colo que está analisando.

No instante em que mamãe olha para ela, Y.T. joga o prêmio de cristal. Ele passa exatamente por cima do ombro de mamãe, passa raspando pela mesa do computador e voa direto para cima do tubo de imagem. O resultado é impressionante. Y. T. sempre quis fazer isso. Ela para para admirar seu trabalho por alguns segundos enquanto mamãe simplesmente põe para fora toda espécie de emoções bizarras. O que é que você está fazendo com esse uniforme? Eu não disse para você não andar com seu skate numa rua real? Você não devia ficar

jogando coisas pela casa. Este é um prêmio que eu ganhei. Por que é que você quebrou o computador? É propriedade do governo. O que é que está acontecendo aqui, afinal?

Y. T. pode dizer que isso vai continuar por mais uns dois minutos, então ela vai até a cozinha, joga água na cara, pega um copo de suco e deixa mamãe segui-la e desabafar pelas suas costas.

Por fim, mamãe se cansa, derrotada pela estratégia de silêncio de Y. T.

– Porra, mamãe, eu acabei de salvar sua vida – diz Y. T. – Você podia pelo menos me oferecer um biscoito recheado.

– Do que diabos você está falando?

– Tipo assim: se vocês, pessoas de uma certa idade, fizessem algum esforço para ficar em dia com acontecimentos básicos do mundo moderno, então seus filhos não precisariam tomar essas atitudes drásticas.

35

A Terra se materializa, girando majestosamente na frente de seu rosto. Hiro estende a mão e a segura. Ele a gira até ficar de frente para o estado do Oregon. Diz para o programa se livrar das nuvens, e ele faz isso, dando a Hiro uma visão cristalina das montanhas e da costa.

Bem lá embaixo, a umas 200 milhas da costa do Oregon, há uma espécie de furúnculo granulado crescendo no rosto da água. Apodrecendo não seria uma palavra forte. Está a cerca de 200 milhas de Astoria agora, movendo-se para o sul. O que explica por que Juanita foi para Astoria dois dias atrás: ela queria chegar perto da Jangada. Por quê, ninguém sabe.

Hiro levanta a cabeça, concentra seu olhar na Terra, dá um zoom para olhar mais de perto. Quando ele se aproxima, as imagens para as quais está olhando se deslocam das imagens de longo alcance que vêm dos satélites geossincrônicos para o ótimo material que é lançado no computador da CIC por toda uma frota de pássaros espiões voando em baixa altitude. A vista para a qual ele está olhando é um mosaico de imagens tiradas há poucas horas.

Ela tem quilômetros de extensão. Sua forma muda constantemente, mas, no momento em que essas imagens foram tiradas, ela tinha uma espécie de formato de um rim inchado; isto é, está tentando ser um V, apontado para o sul como um bando de gansos, mas há tanto ruído no sistema, ela é tão amorfa e desorganizada, que um rim é o mais próximo disso que ela consegue formar.

No centro, um par de navios enormes: o *Enterprise* e um petroleiro, presos lado a lado por cabos. Esses dois leviatãs estão emparedados por vários outros grandes navios, um sortimento de navios cargueiros e outros do gênero. O Núcleo.

Tudo o mais é muito pequeno. Há um ou outro iate roubado ou traineira de pesca descomissionada. Mas a maioria dos barcos que compõem a Jangada é apenas isso: barcos. Pequenos veículos de lazer, sampanas, barcos de junco

chineses, *dhows* árabes, dingas indianas, jangadas infláveis salva-vidas, casas-barco, estruturas improvisadas construídas sobre tambores de óleo cheios de ar e placas de isopor. Uns bons 50% disso tudo não é nem material feito para construção de barcos, mas apenas um monte de cordas, cabos, pranchas, redes e outros destroços amarrados juntos no topo de qualquer tipo de material flutuante que estivesse à mão.

E L. Bob Rife está sentado no meio disso tudo. Hiro não sabe direito o que ele está fazendo e não sabe como Juanita está ligada a isso. Mas está na hora de ir até lá e descobrir.

***

Scott Lagerquist está em pé bem na beirada do Shopping de Motocicletas 24/7 Mark Norman, esperando, quando o homem das espadas aparece, atravessando a rua. Um pedestre é uma visão peculiar em LA., consideravelmente mais peculiar do que um homem com espadas. Mas é uma visão bem-vinda. Qualquer um que vá até uma revenda de motocicletas de carro já tem um carro, por definição, então é difícil vender qualquer coisa para eles. Um pedestre deve ser mole.

– Scott Wilson Lagerquist! – o sujeito grita a 15 metros de distância e se aproxima. – Como é que vai?

– Fabuloso! – responde Scott. Mas um pouco apanhado de surpresa. Não consegue lembrar o nome desse cara, o que é um problema. Onde é que ele já viu esse sujeito antes?

– Que bom ver você! – diz Scott, correndo para o sujeito e apertando com força a sua mão. – Eu não te vejo desde, ahn...

– O Pinky está aqui hoje? – pergunta o sujeito.

– Pinky?

– É. Mark. Mark Norman. Pinky era o apelido dele na faculdade. Acho que ele provavelmente não gosta de ser chamado assim agora que é dono do quê, meia dúzia de concessionárias, três McDonald’s e um Holiday Inn, hein?

– Eu não sabia que o Sr. Norman também estava no negócio de fast-food.

– É. Ele tem três franquias lá em Long Beach. Na verdade, ele faz parte de uma sociedade limitada. Ele está aqui hoje?

– Não, está de férias.

– Ah, é. Na Córsega. No Ajaccio Hyatt. Quarto 543. É verdade, eu tinha esquecido completamente.

– Bom, você estava passando para dizer oi, ou...

– Nah. Eu vim comprar uma motocicleta.

– Ah. Que tipo de motocicleta você está procurando?

– Uma das novas Yamahas? Com as rodas inteligentes de nova geração?

Scott dá um sorriso másculo, tentando fazer a melhor cara para o fato terrível que ele está para revelar.

– Eu sei exatamente de qual você está falando. Mas lamento dizer que não temos uma no estoque hoje.

– Vocês não têm?

– Não temos. É um modelo novíssimo. Ninguém tem.

– Tem certeza? Porque vocês pediram uma.

– Pedimos?

– É. Há um mês. – De repente, o sujeito espicha o pescoço, olha por sobre o ombro de Scott, na direção do bulevar. – Ora, falando no diabo... Olha ela ali.

Uma Yamaha semi está estacionando na entrada para caminhões com um novo carregamento de motocicletas na parte de trás.

– Está naquele caminhão – fala o sujeito. – Se você puder me dar um dos seus cartões, eu escrevo o número de identificação do veículo no verso para você poder tirá-lo do veículo para mim.

– Foi um pedido especial feito pelo Sr. Norman?

– Ele disse que estava pedindo isso apenas como um modelo para exibição, você sabe. Mas meio que tem meu nome nele.

– Sim, senhor. Eu compreendo totalmente.

***

Dito e feito: a moto sai do caminhão, exatamente como o sujeito descreveu, até o esquema de cores (preto) e o número de ID do veículo. É uma bela moto.

Só de ficar ali no estacionamento ela já atrai uma multidão: os outros vendedores chegam a deixar de lado as xícaras de café para sair e dar uma olhada nela. Parece um torpedo terra-terra preto. Tração nas duas rodas? Ha. As rodas são tão avançadas que não são sequer rodas: elas parecem versões gigantes e pesadas das rodas inteligentes que os skatistas de alta velocidade usam, raios telescópicos independentes com almofadas de tração gordas nas extremidades. Pendurado na parte dianteira, no cone do nariz da motocicleta, fica o pacote de sensores que monitora as condições da estrada, decide onde colocar cada raio à medida que a roda rola para diante, o quanto estendê-lo e como rotacionar a almofada da ponta para tração máxima. Tudo é controlado por um bios – um Built-In Operational System –, um computador de bordo com um painel de tela plana embutido em cima do tanque de combustível.

Dizem que essa gracinha faz 200 quilômetros por hora em pista de cascalho. O bios se conecta à rede climática da CIC para saber quando vai dar de cara com precipitação pluviométrica. O manto aerodinâmico é totalmente flexível, calcula sua própria forma mais eficiente para a velocidade e as condições de vento do momento, muda suas curvas de acordo com isso, envolve o usuário como uma ginasta ninfomaníaca.

Scott acha que esse sujeito vai sair com essa coisinha na base do vale porque é amigo e confidente do Sr. Norman. E não é fácil para qualquer vendedor com sangue nas veias escrever um contrato para vender uma *sexy beast* dessas por vale. Ele hesita por um minuto. Fica se perguntando o que vai acontecer com ele se tudo isso for algum engano.

O sujeito está olhando fixamente para ele, parece sentir seu nervosismo, quase como se pudesse ouvir os batimentos cardíacos de Scott. Então, no último minuto, ele pega leve, fica magnânimo – Scott adora esses tipos gastadores –, decide dar algumas centenas de Kongdólares além do vale, para que Scott possa ganhar uma magra comissão sobre a venda. Basicamente uma gorjeta.

Então – a cereja no bolo – o sujeito pira na Cycle Shop. Totalmente alucinado. Compra um traje completo. Tudo. Topo de linha. Um macacão totalmente preto que cobre tudo, dos dedos do pé até o pescoço com material à prova de balas e que deixa a pele respirar, com almofadas de armagel em todos

os lugares certos e airbags ao redor do pescoço. Nem mesmo fanáticos por segurança se importam com um capacete quando estão usando um desses bebês.

Então, assim que descobre como prender as espadas na parte externa de seu macacão, ele está pronto para pegar a estrada.

– Eu preciso dizer uma coisa – comenta Scott quando o sujeito senta em sua nova moto, ajustando as espadas, fazendo alguma coisa incrivelmente não autorizada ao bios. – Você está com uma puta cara de mau.

– Obrigado, eu acho. – Ele aciona o guidão uma vez e Scott sente, mas não ouve, o poder do motor. Essa maravilha é tão eficiente que não desperdiça energia fazendo barulho. – Cumprimente sua sobrinha recém-nascida por mim – diz o sujeito, e solta o guidão.

Os raios se flexionam e se juntam, e a moto pula para a frente saindo do estacionamento; parece um gato pulando com suas patas elétricas. Ele corta direto pelo estacionamento do Templo NeoAquariano nas vizinhanças e sai para a estrada. Cerca de meio segundo depois, o sujeito das espadas é apenas um pontinho no horizonte. Então ele desaparece. Rumo ao norte.

36

Até um homem completar 25 anos de idade, ele ainda acha, com muita frequência, que, sob as circunstâncias corretas, poderia ser o cara mais filho da puta do mundo. Se eu me mudasse para um mosteiro de artes marciais na China e estudasse com muito afinco por dez anos. Se minha família fosse toda assassinada por traficantes colombianos e eu jurasse me vingar. Se eu tivesse uma doença fatal, tivesse um ano de vida, dedicasse esse ano a erradicar o crime das ruas. Se eu simplesmente largasse tudo e dedicasse a vida a ser mau.

Hiro costumava se sentir assim também, mas aí ele deu de cara com o Corvo. De certa forma, isso é liberador. Ele não precisa mais se preocupar com tentar ser o pior filho da puta do mundo. Esse cargo já tem dono. O toque que coroa tudo, a única coisa que realmente coloca o verdadeiro título mundial de filhadaputice fora de seu alcance, claro, é a bomba de hidrogênio. Se não fosse pela bomba de hidrogênio, um homem ainda poderia aspirar a isso. Quem sabe encontrar o calcanhar de Aquiles do Corvo. Chegar de mansinho, cair matando e pular fora. Mas o guarda-chuva nuclear do Corvo meio que coloca o título mundial fora do alcance.

Mas tudo bem. Às vezes é legal ser só um pouquinho mau. Conhecer as próprias limitações. Se virar com o que tem.

Assim que ele manobra para entrar na rodovia, na direção das montanhas, ele coloca os óculos e entra em seu escritório. A Terra ainda está lá, com o zoom bem em cima da Jangada. Hiro a contempla, sobreposta em tons fantasmagóricos em sua vista da rodovia, enquanto vai na direção do Oregon a quase 200 por hora.

À distância, ela parece maior do que é na realidade. Aproximando-se, ele pode ver que essa ilusão é provocada por uma nuvem artificial de esgoto e poluição do ar, que se desvanece dentro do oceano e na atmosfera.

Ela orbita o Pacífico no sentido horário. Quando eles acendem as caldeiras do *Enterprise*, ele pode controlar um pouquinho sua direção, mas navegação real é uma impossibilidade prática com todas aquelas merdas amarradas nela. Ele, em grande parte do tempo, tem de ir para onde o vento e o efeito Coriolis o levarem. Há dois anos, ele estava passando pelas Filipinas, Vietnã, China, Sibéria, apanhando Refus. Depois, virou na direção das Aleutas, descendo pelo Alasca, e agora está passando pela cidadezinha de Port Sherman, Oregon, perto da fronteira da Califórnia.

À medida que a Jangada avança na direção do Pacífico, geralmente cavalgando em correntes oceânicas, ela ocasionalmente solta grandes blocos de si mesma. No fim das contas, esses fragmentos acabarão em algum lugar como Santa Bárbara, ainda amarrados, carregando uma tripulação de esqueletos e ossos roídos.

Quando ela chegar à Califórnia, entrará em uma nova fase de seu ciclo de vida. Ela descartará grande parte de sua massa dispersa e improvisada quando algumas centenas de milhares de Refus se soltarem e começarem a remar até a margem. Os únicos Refus que chegarem a esse ponto são, por definição, os que foram ágeis o suficiente para sobreviver à passagem agonizantemente lenta pelas águas árticas e duros o bastante para não serem mortos por algum dos outros Refus. Tudo gente boa. Justo o tipo de gente que qualquer um gostaria que aparecesse na sua praia particular em grupos de alguns milhares.

Reduzido a alguns navios grandes, um pouco mais manobrável, o *Enterprise* irá então fazer uma curva e atravessar o Oceano Pacífico, indo na direção da Indonésia, onde irá virar para o norte novamente e iniciar o próximo ciclo de migração.

Formigas-correição atravessam rios caudalosos subindo umas nas outras e se aglomerando em uma pequena bola flutuante. Muitas delas caem e afundam, e naturalmente as formigas no fundo da bola se afogam. As que são rápidas e vigorosas o bastante para continuar a subir à força sobrevivem. Muitas delas conseguem chegar ao outro lado, e é por isso que ninguém consegue deter Formigas-correição dinamitando pontes. É assim que Refus atravessam o Pacífico, muito embora sejam pobres demais para comprar passagens em um navio de verdade ou adquirir um barco que navegue em mar alto. Uma onda

nova avassala a Costa Oeste a cada cinco anos, aproximadamente, quando as correntes oceânicas trazem o *Enterprise* de volta.

Nos últimos dois meses, donos de propriedades à beira da praia na Califórnia têm contratado pessoal de segurança e instalado holofotes e cercas de segurança ao longo da linha da maré, montando metralhadoras em seus iates. Todos eles assinaram o Relatório da Jangada da CIC, que funciona 24 horas por dia, obtendo assim as mais recentes notícias, direto do satélite, sobre quando o mais recente contingente de 25 mil eurasianos mortos de fome se soltou do *Enterprise* e começou a mergulhar suas miríades de remos no Pacífico, como patas de formigas.

***

– Hora de fazer mais algumas pesquisas – ele avisa ao Bibliotecário. – Mas isso vai ter de ser totalmente verbal, porque estou entrando na I-5 a uma velocidade incrível neste exato momento e preciso ficar de olho em kombis andando a passo de tartaruga e coisas do gênero.

– Vou me lembrar disso – diz a voz do Bibliotecário em seus fones de ouvido.

– Preste atenção ao caminhão biarticulado ao sul de Santa Clarita. E tem um buraco enorme na pista esquerda perto da saída para Tulare.

– Obrigado. Mas quem eram esses deuses mesmo? Lagos tinha alguma opinião a respeito?

– Lagos acreditava que eles poderiam ter sido magos – ou seja, seres humanos normais com poderes especiais – ou poderiam ter sido alienígenas.

– Epa, epa, pera lá. Uma coisa de cada vez. O que é que Lagos quis dizer quando falou de “seres humanos normais com poderes especiais”?

– Suponha que o nam-shub de Enki realmente funcionava como um vírus. Suponha que alguém chamado Enki o inventou. Então Enki deve ter tido alguma espécie de poder linguístico que vai além de nossa concepção de normal.

– E como esse poder funcionaria? Qual é o mecanismo?

– Eu só posso lhe adiantar referências traçadas por Lagos.

– Ok. Dê-me algumas.

– A crença no poder mágico da linguagem não é incomum, tanto na literatura mística quanto na acadêmica. Os cabalistas – místicos judeus da Espanha e da Palestina – acreditavam que insights e poderes supernormais poderiam ser derivados da combinação adequada das letras do Nome Divino. Por exemplo, dizia-se que Abu Aharon, um dos primeiros cabalistas, que emigrou da Bagdá para a Itália, realizava milagres por meio do poder dos Nomes Sagrados.

– De que tipo de poder estamos falando aqui?

– A maioria dos cabalistas era de teóricos interessados apenas na pura meditação. Mas existiam os chamados “cabalistas práticos”, que tentavam aplicar o poder da Cabala na vida cotidiana.

– Em outras palavras, feiticeiros.

– Sim. Esses cabalistas práticos utilizavam um pretenso “alfabeto arcangélico”, derivado do grego do século 1 e do aramaico teúrgico, que lembrava a escrita cuneiforme. Os cabalistas se referiam a esse alfabeto como a “escrita do olho”, pois as letras eram compostas de linhas e pequenos círculos, que lembravam olhos.

– Uns e zeros.

– Alguns cabalistas dividiam as letras do alfabeto de acordo com o lugar dentro da boca onde eram produzidas.

– Ok. Então, como poderíamos pensar, eles estavam traçando uma conexão entre a letra impressa na página e as conexões neurais que tinham de ser invocadas para pronunciá-la.

– Sim. Analisando a pronúncia de diversas palavras, eles foram capazes de traçar o que achavam ser conclusões profundas sobre o verdadeiro significado interior delas.

– Ok. Se você está me dizendo.

– No reino acadêmico, a literatura naturalmente não é tão rica. Mas muitos esforços foram envidados para explicar Babel. Não o evento Babel – que a maioria das pessoas tende a considerar um mito –, mas o fato de que as linguagens tendem a divergir. Uma série de teorias linguísticas foi desenvolvida em um esforço para amarrar todas as linguagens.

– Teorias que Lagos tentou aplicar à sua hipótese do vírus.

– Sim. Existem duas escolas: a relativista e a universalista. Como George Steiner resume, os relativistas tendem a acreditar que a linguagem não é o veículo de pensamento, mas seu meio determinante. Ela é a estrutura da cognição. Nossas percepções de tudo são organizadas pelo fluxo de sensações que passam por essa estrutura. Logo, o estudo da evolução da linguagem é o estudo da evolução da mente humana propriamente dita.

– Ok, já deu pra ver o significado disso. E quanto aos universalistas?

– Em contraste com os relativistas, que creem que as linguagens não precisam ter nada em comum umas com as outras, os universalistas acreditam que, se você analisar as linguagens o suficiente, poderá descobrir que todas elas têm determinadas características em comum. Então, eles analisam a linguagem procurando determinadas características.

– Já encontraram alguma?

– Não. Parece que para toda regra há uma exceção.

– O que acaba com o universalismo.

– Não necessariamente. Eles explicam este problema dizendo que as características compartilhadas estão enterradas muito profundamente para ser analisáveis.

– O que é uma maneira de tirar o deles da reta.

– O que eles querem dizer é que, em algum nível, a linguagem precisa acontecer dentro do cérebro humano. Como todos os cérebros humanos são mais ou menos iguais...

– O hardware é o mesmo. Não o software.

– Você está usando um tipo de metáfora que não consigo compreender.

Hiro passa a toda por um grande trailer Airstream que balança de um lado para o outro em um vento perigoso que vem descendo pelo vale.

– Bem, o cérebro de um falante nativo de francês começa da mesma maneira que o cérebro de um falante nativo de inglês. Quando eles crescem, vão sendo programados com softwares diferentes: eles aprendem diferentes idiomas.

– Sim. Logo, segundo os universalistas, o francês e o inglês – ou quaisquer outros idiomas – precisam compartilhar determinadas características que têm suas raízes nas “estruturas profundas” do cérebro humano. Segundo a teoria chomskiana, as estruturas profundas são componentes inatos do cérebro que

permitem que ele efetue certos tipos formais de operações em sequências de símbolos. Ou, como Steiner parafraseando Emmon Bach: essas estruturas profundas acabam levando à padronização verdadeira do córtex com sua rede imensamente ramificada porém, ao mesmo tempo, "programada" de canais eletroquímicos e neurofisiológicos.

– Mas essas estruturas profundas são tão profundas que não conseguimos sequer vê-las?

– Os universalistas colocam os nós ativos da vida linguística – as estruturas profundas – tão profundamente que desafiam a observação e a descrição. Ou, para usar a analogia de Steiner: tente trazer a criatura das profundezas do mar e ela se desintegrará ou mudará grotescamente de forma.

– Lá vamos nós com a serpente mais uma vez. Então, em qual teoria Lagos acreditava? A relativista ou a universalista?

– Ele não parecia achar que havia muita diferença entre as duas. No fim, ambas são um tanto místicas. Lagos acreditava que ambas as escolas de pensamento haviam essencialmente chegado ao mesmo lugar por linhas diferentes de raciocínio.

– Mas me parece que existe uma diferença-chave – diz Hiro. – Os universalistas acham que somos determinados pela estrutura pré-padronizada de nossos cérebros: os caminhos do córtex. Os relativistas não acreditam que tenhamos qualquer limite.

– Lagos modificou a teoria chomskiana restrita supondo que aprender um idioma é igual a soprar código nos PROMS: uma analogia que não consigo interpretar.

– A analogia é clara. PROMS são chips Programmable Read-Only Memory, chips programáveis de memória somente de leitura – diz Hiro. – Quando eles vêm da fábrica, não têm conteúdo. Uma vez, e somente uma vez, você pode colocar informações dentro desses chips e depois congelá-los – a informação, o software, congela dentro do chip – e eles se transmutam em hardware. Depois de soprar o código dentro dos PROMS, você pode lê-lo, mas não pode mais escrever nada neles. Então Lagos estava tentando dizer que o cérebro humano recém-nascido não tem estrutura – como os relativistas propõem – e que, quando a criança aprende um idioma, as estruturas do cérebro envolvidas no aprendizado

se estruturam de acordo, a linguagem é “soprada” dentro do hardware e se torna parte permanente da estrutura profunda do cérebro: como os universalistas propõem.

– Sim. Esta era a interpretação dele.

– Ok. Então, quando falamos sobre Enki ter sido uma pessoa real com poderes mágicos, o que ele quis dizer foi que Enki de algum modo compreendia a conexão entre linguagem e cérebro, sabia como manipulá-la. Da mesma maneira como um hacker, conhecendo os segredos de um sistema de computador, pode escrever código para controlá-lo: nam-shubs digitais.

– Lagos disse que Enki tinha a habilidade de ascender ao universo da linguagem e vê-lo diante de seus olhos. Muito parecido com a forma como os humanos entram no Metaverso. Isso lhe dava o poder para criar nam-shubs. E nam-shubs tinham o poder de alterar o funcionamento do cérebro e do corpo.

– Por que é que ninguém está fazendo esse tipo de coisa atualmente? Por que não existe nenhum nam-shub em inglês?

– Nem todos os idiomas são os mesmos, conforme Steiner ressalta. Alguns idiomas são melhores em metáforas do que outros. O hebraico, o aramaico, o grego e o chinês se prestam a jogos de palavras e conseguiram um controle duradouro sobre a realidade: “A Palestina tinha Qiryat Sefer, a ‘Cidade da Letra’, e a Síria tinha Biblos, a ‘Cidade do Livro’; Por contraste, outras civilizações parecem sem fala’ ou, pelo menos, ‘como pode ter sido o caso do Egito, não inteiramente conscientes dos poderes criativos e transformacionais da linguagem”. Lagos acreditava que o sumério era um idioma extraordinariamente poderoso: pelo menos o era na Suméria cinco mil anos atrás.

– Um idioma que se prestava à capacidade de hacking neurolinguístico de Enki.

– Os primeiros linguistas, bem como os cabalistas, acreditavam em uma linguagem ficcional chamada de língua do Éden, a linguagem de Adão. Ela permitia que todos os homens entendessem uns aos outros, se comunicassem sem erros de compreensão. Era a linguagem do Logos, o momento em que Deus criou o mundo pronunciando uma palavra. Na língua do Éden, dar nome a uma coisa era o mesmo que criá-la. Para citar Steiner novamente, “Nossa fala se interpõe entre a apreensão e a verdade como uma vidraça empoeirada ou espelho

distorcido. A língua do Éden era como uma vidraça sem falhas; uma luz de total compreensão passava através dela. Assim, Babel foi uma segunda Queda". E Isaque, o Cego, um dos primeiros cabalistas, disse que, para citar a tradução de Gershom Scholem, "A fala dos homens está ligada à fala divina, e toda linguagem, seja celestial ou humana, deriva de uma fonte: o Nome Divino". Os cabalistas práticos, os feiticeiros, tinham o título de *Ba'al Shem*, que significava "mestre do Nome Divino".

– A linguagem de máquina do mundo – diz Hiro.

– Esta é outra analogia?

– Computadores falam linguagem de máquina – explica Hiro. – Ela é escrita em zeros e uns: código binário. No nível mais baixo, todos os computadores são programados com sequências de zeros e uns. Quando você programa em linguagem de máquina, você está controlando o computador em seu tronco cerebral, a raiz de sua existência. É a língua do Éden. Mas é muito difícil trabalhar em linguagem de máquina porque você pira depois de algum tempo trabalhando em um nível tão pequeno. Então, toda uma Babel de linguagens de computador foi criada para programadores: Fortran, Basic, Cobol, Lisp, Pascal, C, Prolog, Forth. Você fala com o computador numa dessas linguagens, e um programa de software chamado compilador a converte em linguagem de máquina. Mas você nunca sabe dizer exatamente o que o compilador está fazendo. Ele nem sempre sai do jeito que você quer. Como uma vidraça empoeirada ou um espelho distorcido. Um hacker realmente avançado compreende o verdadeiro funcionamento interno da máquina: ele vê através da linguagem com a qual está trabalhando e vislumbra o funcionamento secreto do código binário: torna-se uma espécie de *Ba'al Shem*.

– Lagos acreditava que as lendas a respeito da língua do Éden eram versões exageradas de eventos reais – diz o Bibliotecário. – Essas lendas refletiam nostalgia por um tempo em que as pessoas falavam sumério, uma língua que era superior a tudo que veio depois.

– O sumério é tão bom assim?

– Não até onde os linguistas modernos sabem dizer – revela o Bibliotecário. – Conforme mencionei, ele é em grande parte impossível de apreender para nós. Lagos suspeitava que as palavras funcionavam de modo diferente naquele

tempo. Se a língua nativa de uma pessoa influencia a estrutura física do cérebro em desenvolvimento, então é justo dizer que os sumérios, que falavam uma língua radicalmente diferente de tudo o que existe hoje, tinham cérebros fundamentalmente diferentes dos seus. Lagos acreditava que, por esse motivo, o sumério era uma língua idealmente adequada à criação e propagação de vírus. Que um vírus, um dia solto na Suméria, se espalharia de modo rápido e virulento, até ter infectado a todos.

– Talvez Enki também soubesse disso – diz Hiro. – Talvez o nam-shub de Enki não fosse uma coisa tão ruim assim. Talvez Babel tenha sido a melhor coisa que já nos aconteceu.

37

A mãe de Y. T. trabalha na Fedlândia. Ela estacionou seu carrinho na sua minúscula vaga numerada, pela qual os Federais exigem que ela pague cerca de 10% de seu salário (se ela não gosta disso, que pegue um táxi ou vá a pé) e subiu vários níveis de uma hélice de concreto reforçado com uma iluminação ofuscante na qual a maioria dos espaços – os bons espaços mais próximos à superfície – é reservado para pessoas que não ela, mas está vazio. Ela sempre sobe a pé até o centro da rampa, entre as fileiras de carros estacionados, para que os rapazes do COGRE não pensem que ela está espreitando, vagando à toa, deprimida, fingindo-se de doente ou fumando.

Pesquisando a entrada subterrânea de seu prédio, ela retirou todos os objetos metálicos de seus bolsos e removeu as poucas joias que estava usando, jogou-as numa tigela de plástico suja e passou pelo detector. Mostrou o distintivo. Assinou o nome e anotou a hora digital. Passou por uma revista corporal feita por uma garota do COGRE. Incomoda, mas pelo menos é bem melhor que uma revista das cavidades. Eles têm direito de fazer uma revista das cavidades se quiserem. Certa vez ela foi submetida à revista das cavidades todos os dias durante um mês, logo depois de ter falado o que pensava em uma reunião e sugerido que sua supervisora poderia estar no caminho errado em relação a um grande projeto de programação. Isso foi punitivo e cruel, ela sabia que sim, mas ela sempre quis dar algo em troca ao seu país, e sempre que alguém trabalha para os Federais, simplesmente tem de aceitar o fato de que alguma politicagem sempre haverá. E que, como peixe pequeno, tem de aguentar a barra. E que, depois, quando sobe os degraus da GS, não tem de aguentar tanta merda assim. Longe dela arrumar briga com sua supervisora. Sua supervisora, Marietta, não tem um nível GS especialmente alto, mas tem acesso. Ela tem conexões. Marietta conhece gente que conhece gente. Marietta já frequentou festas que

também foram frequentadas por algumas pessoas que, bem, seus olhos iam ficar arregalados.

Ela passou com nota dez pela revista. Colocou os objetos de metal de volta aos bolsos. Subiu meia dúzia de lances de escada até chegar ao seu andar. Os elevadores ali ainda funcionam, mas algumas pessoas muito bem colocadas na Fedlândia informaram – nada oficial, mas eles têm jeitos de transmitir essas informações – que conservar energia é um dever. E os Federais são muito sérios quando se trata de dever. Dever, lealdade, responsabilidade. O colágeno que nos liga aos Estados Unidos da América. Então as escadas estão repletas de roupas de lã suadas e do barulho do roçar do couro. Se alguém pegasse o elevador, ninguém diria nada, mas isso seria notado. Notado, escrito e levado em consideração. As pessoas olhariam para o sujeito, o mediriam de alto a baixo, tipo, o que foi que aconteceu, torceu o tornozelo? Pegar as escadas não é problema.

Os Federais não fumam. Federais geralmente não comem além da conta. O plano de saúde é muito específico, contém grandes incentivos: fique gordo ou ofegante demais e, ninguém fala nada a respeito – o que seria grosseiro –, mas definitivamente dá para sentir uma pressão, uma sensação de inadequação, ao atravessar o mar de estações de trabalho, olhos se levantando para acompanhar sua caminhada, estimando a massa de seus culotes, olhos indo de um lado para outro entre as mesas enquanto, por consenso, seus colegas de trabalho dizem para si mesmos, quanto será que ele ou ela está consumindo de nossos bônus de plano de saúde?

Então a mãe de Y. T. subiu as escadas com seus tênis pretos e entrou no seu escritório, que na verdade é um grande aposento com estações de trabalho de computadores colocadas em toda a sua extensão num padrão de grade. Costumava ser dividido por partições, mas os rapazes do COGRE não gostavam disso, e diziam: o que aconteceria se uma evacuação fosse necessária? Todas aquelas partições impediriam o fluxo livre do pânico sem restrições. Então nada mais de partições. Apenas estações de trabalho e cadeiras. Nem mesmo tampos de mesa. Tampos de mesa incentivam o uso de papel, que é arcaico e reflete um espírito de equipe inadequado. O que há de tão especial em um trabalho a ponto de ser preciso escrevê-lo num pedaço de papel que só quem escreveu pode ver?

De ser preciso trancá-lo em uma mesa? Quando se está trabalhando para os Federais, tudo o que é feito é propriedade dos Estados Unidos da América. O trabalho é feito no computador. O computador guarda uma cópia de tudo, de modo que, se alguém ficar doente ou coisa parecida, estará tudo lá onde seus colegas de trabalho e supervisores poderão ter acesso. Se alguém quiser escrever notinhas ou fazer rabiscos ao telefone, é perfeitamente livre para fazê-lo em casa, nas horas vagas.

E há a questão da intercambiabilidade. Trabalhadores federais, como os militares, são treinados para ser partes intercambiáveis. O que acontece se a estação de trabalho quebrar? O cara vai ficar sentado ali de braços cruzados até ela ser consertada? Não senhor, ele vai se mudar para uma estação de trabalho livre e começar a trabalhar nela. E essa flexibilidade não existe quando se tem meia tonelada de coisas pessoais guardadas dentro de uma mesa, espalhadas pelo tampo.

Então não existe papel em um escritório dos Federais. Todas as estações de trabalho são idênticas. O sujeito chega pela manhã, pega uma aleatoriamente, senta-se e começa a trabalhar. É possível tentar escolher uma estação em particular como favorita, tentar se sentar nela todo dia, mas isso seria notado. Geralmente se senta na estação de trabalho desocupada que fica mais perto da porta. Assim, quem chega mais cedo senta mais perto, quem chega mais tarde fica lá no fundão, e durante o resto do dia numa olhada só fica claro quem está com tudo neste escritório e quem está – como eles sussurram uns para os outros nos banheiros – tendo problemas.

Não que seja algum grande segredo quem chega primeiro. Quando alguém se conecta a uma estação de trabalho pela manhã, não é como se o computador central não notasse esse fato. O computador central nota praticamente tudo. Mantém o registro de cada tecla digitada, o dia inteiro, na base do microssegundo, se foi a tecla certa ou a tecla errada, quantos erros foram cometidos e quando foram cometidos. Só é exigido que se esteja em sua estação de trabalho das oito às cinco, com uma pausa para almoço de meia hora e duas pausas de dez minutos para o cafezinho, mas se tudo isso for mantido certinho nesse horário, isso será notado, e é por isso que a mãe de Y. T. senta rápido na primeira estação de trabalho desocupada e se conecta à sua máquina às quinze

para as sete. Meia dúzia de outras pessoas já estão ali, conectadas em estações de trabalho mais perto da entrada, mas isso não é ruim. Ela pode almejar a uma carreira razoavelmente estável se mantiver esse tipo de desempenho.

Os Federais ainda operam na Planolândia. Nada desse negócio tridimensional, nenhum óculos, nada de som estéreo. Os computadores são todos básicos, números bidimensionais em tela plana. Janelas aparecem na área de trabalho, com pequenos documentos de texto dentro. Tudo parte do programa de austeridade. Que em breve colherá grandes benefícios.

Ela se conecta e verifica seu e-mail. Nenhuma mensagem pessoal, apenas uns dois pronunciamentos distribuídos em massa por Marietta.

NOVAS REGRAS PARA GRUPOS DE PH

Fui solicitada a distribuir as novas regras relacionadas à distribuição espacial de grupos no escritório. O memorando anexo é um novo subcapítulo do Manual de Procedimento do COGRE, que substitui o antigo subcapítulo intitulado INSTALAÇÃO FÍSICA/CALIFÓRNIA/LOS ANGELES/PRÉDIOS/ÁREAS DE ESCRITÓRIO/REGRAS DE LAYOUT FÍSICO/FEEDBACK DOS FUNCIONÁRIOS/ATIVIDADES DE GRUPO.

O antigo subcapítulo era uma proibição simples do uso do espaço de escritório para atividades de “grupo” de qualquer tipo, sejam permanentes (p. ex., grupos de café) ou ocasionais (p. ex., festas de aniversário). Essa proibição ainda se aplica, mas uma exceção única e específica foi feita agora para qualquer escritório que desejar seguir uma estratégia conjunta de papel higiênico.

A título de introdução, deixem-me apenas fazer alguns comentários gerais sobre o assunto. O problema de distribuir papel higiênico para os funcionários apresenta desafios inerentes a qualquer sistema de gerenciamento de escritório devido à inerente imprevisibilidade do uso: nem toda transação de uso na instalação necessita do uso do papel higiênico, e, quando é utilizado, a quantidade necessária (número de quadrados) pode variar muito para cada pessoa e, para uma pessoa determinada, de uma transação para outra. Isso nem leva em conta o uso ocasional do papel higiênico para finalidades imprevisíveis/criativas como aplicação/remoção de cosméticos, gerenciamento de líquidos derramados etc. Por esta razão, em vez de tentar empacotar papel higiênico em pequenos pacotes para uma transação (como é feito com toalhinhas umedecidas, por exemplo), o que pode ser um desperdício em alguns casos e limitador em outros, tem sido comum empacotar esse produto em unidades de distribuição de massa cujo tamanho exceda a quantidade máxima de quadrados que um indivíduo poderia concebivelmente usar em uma única transação (excetuando-se motivos de força maior). Isso reduz a um mínimo o número de transações nas quais a unidade de

distribuição é esvaziada (o rolo acaba) durante a transação, uma situação que pode levar a estresse emocional para o funcionário afetado. Entretanto, isso apresenta ao gerente alguns desafios, pois a unidade de distribuição é um tanto volumosa e deve ser usada repetidamente por um número de indivíduos diferentes para não ser desperdiçada.

Desde a implementação da Fase XVII do Programa de Austeridade, os funcionários têm recebido permissão de trazer seu próprio papel higiênico de casa. Essa abordagem é às vezes volumosa e redundante, pois todo funcionário normalmente traz seu próprio rolo.

Alguns escritórios tentaram solucionar esse desafio instituindo grupos de papel higiênico solidário.

Sem supergeneralizar, podemos afirmar que uma característica inerente e irredutível de qualquer grupo solidário de papel higiênico implementado em nível de escritório, em um ambiente (i.e., prédio) no qual estações de conforto são distribuídas numa base de andar (i.e., na qual diversos escritórios dividem uma única instalação) é que devem ser feitas provisões dentro dos confins do escritório individual para depósito temporário de Unidades de Distribuição de Papel Higiênico (i.e., rolos). Isso deriva do fato de que se as UDPHs (rolos) estiverem depositadas, embora inativas, fora da vista do escritório de controle (i.e., o escritório que adquiriu coletivamente a UDPH) –, isto é, se as UDPHs forem armazenadas, por exemplo, em uma área de saguão ou dentro da instalação na qual são realmente utilizadas, estarão sujeitas à pilhagem e "redução" por seu consumo por pessoas não autorizadas, ou como parte de um esforço consciente para pilhar, ou por um honesto mal-entendido, i.e., uma crença que as UDPHs estão sendo oferecidas gratuitamente pela agência operadora (neste caso, o Governo dos Estados Unidos), ou como resultado de necessidade, como no caso de derramamento de bebidas que acontece próximo a equipamento eletrônico sensível e cujo gerenciamento assim não irá gerar nenhum atraso. Este fato levou certos escritórios (que não serão mencionados – vocês sabem quem são) a estabelecer depósitos improvisados de UDPHs que também servem como pontos de coleta de contribuição de grupos. Normalmente, esses depósitos assumem a forma de uma mesa, perto da porta mais próxima da instalação, sobre a qual as UDPHs são empilhadas ou colocadas em outro arranjo, com uma tigela ou outro receptáculo no qual os participantes poderão colocar suas contribuições e normalmente com uma placa ou outro dispositivo para chamar a atenção (como um animal empalhado ou boneco de desenho animado) solicitando doações. Uma rápida olhada nos regulamentos atuais mostrará que a colocação de um display/depósito desse tipo viola o manual de procedimento. Entretanto, no interesse da higiene dos funcionários, do moral e da construção de um espírito de equipe, meus superiores concordaram em abrir uma exceção única nas regras com esta finalidade. Assim como ocorre em qualquer parte do manual de procedimento, nova ou velha, é sua responsabilidade se familiarizar totalmente com esse material. O tempo estimado de leitura para este

documento é de 15,62 minutos (e não pense que não vamos checar). Por favor, anote os principais pontos deste documento, resumidos a seguir:

1. Depósitos/displays de UDPHs são permitidos agora, num período de experiência, com a nova política a ser revista dentro de seis meses.
2. Estes deverão ser operados em uma base voluntária, de trabalho de equipe, conforme descrito no subcapítulo sobre grupos de funcionários. (Nota: isso significa fazer a contabilidade de todas as transações financeiras.)
3. As UDPHs deverão ser trazidas pelos funcionários (não enviadas pela sala de correspondência) e estão sujeitas a todas as regras normais de busca e apreensão.
4. UDPHs perfumadas são proibidas, pois podem provocar reações alérgicas, espirros etc. em algumas pessoas.
5. Doações em dinheiro dos grupos, assim como todas as transações monetárias dentro do Governo dos Estados Unidos, devem utilizar moeda oficial dos Estados Unidos: nada de ienes ou kongdólares!

Naturalmente, isso levará a um problema maciço se as pessoas tentarem utilizar o recipiente de doações como depósito de lixo de maços de notas velhas de bilhão e de trilhão de dólares. O pessoal de Prédios e Terrenos está preocupado com problemas de disposição de lixo e o risco potencial de incêndio provocado pela possibilidade de grandes pilhas de bilhões e trilhões começando a se acumular. Portanto, uma característica fundamental do novo regulamento é que os recipientes para doação deverão ser esvaziados todos os dias e com mais frequência se uma situação de acúmulo excessivo estiver em vias de se desenvolver.
Nesse espírito, o pessoal de P&T também gostaria que eu ressaltasse o fato de que muitos de vocês que têm excesso de moeda dos Estados Unidos têm tentado matar dois coelhos com uma cajadada utilizando bilhões velhos como papel higiênico. Embora criativa, essa abordagem tem dois problemas:

1. entope o encanamento; e
2. constitui destruição da moeda dos Estados Unidos, que é crime federal.

NÃO FAÇAM ISSO.
Junte-se ao grupo do papel higiênico de seu escritório. É fácil, é higiênico e está dentro da lei. Divirtam-se!
Marietta.

A mãe de Y. T. puxa o novo memorando, verifica o tempo e começa a lê-lo. O tempo estimado de leitura é de 15,62 minutos. Mais tarde, quando Marietta

fizer sua ronda estatística ao final do dia, sentada em seu escritório particular às nove da noite, ela verá o nome de cada funcionário e, ao seu lado, o tempo gasto na leitura daquele memorando, e sua reação, com base no tempo passado, será algo do seguinte tipo:

Menos de 10 min.	Hora de uma conferência com o funcionário e possível aconselhamento de atitude
10-14 min.	Ficar de olho no funcionário; pode estar desenvolvendo uma atitude negligente.
14-15,61 min.	O funcionário é um trabalhador eficiente, mas pode às vezes deixar passar detalhes importantes.
Exatamente 15,62 min.	Engraçadinho. Precisa de aconselhamento de atitude.
15,63-16 min.	Palhaço. Não é confiável
16-18 min.	O funcionário é um trabalhador metódico, mas pode às vezes se prender a detelhes menores.
Mais de 18 min.	Verificar a fita de vídeo da segurança; ver o que este funcionário estava fazendo (p. ex., possível ida não autorizada ao banheiro).

A mãe de Y. T. decide passar entre quatorze e quinze minutos lendo o memorando. É melhor para os funcionários mais jovens passar mais tempo lendo, a fim de mostrar que eles são cuidadosos, e não arrogantes. É melhor para os funcionários mais velhos ir um pouquinho mais rápido, para mostrar bom potencial de gestão. Ela está chegando aos quarenta. Ela vasculha o memorando, apertando o botão Page Down a intervalos razoavelmente regulares, ocasionalmente voltando a página para fingir que está relendo alguma seção anterior. O computador vai notar isso tudo. Ele aprova releituras. É uma coisa pequena, mas ao longo de uma década essas coisas aparecem em seu sumário de hábitos de trabalho.

Depois de tirar isso do caminho, ela mergulha no trabalho. Ela é uma programadora de aplicativos para os Federais. Nos velhos tempos, ela teria escrito programas de computador para ganhar a vida. Hoje, escreve fragmentos de programas de computador. Esses programas são projetados por Marietta e pelos superiores de Marietta em grandes reuniões no andar superior, reuniões que duram a semana toda. Assim que eles definem o projeto, começam a dividir o problema em segmentos cada vez menores, designando-os a gerentes de grupos, que os dividem ainda mais e dão bits de trabalho para os programadores individuais. Para evitar que o trabalho individual dos criadores de código entre em rota de colisão, tudo tem de ser feito segundo um conjunto de regras e regulamentos ainda maior e mais fluido que o manual de procedimento do Governo.

Então, a primeira coisa que a mãe de Y. T. faz, depois de ler o novo subcapítulo sobre papel higiênico, é se conectar a um subsistema do sistema principal de computadores que lida com o projeto de programação particular no qual ela está trabalhando. Ela não sabe que projeto é esse – informação confidencial – nem qual o nome dele. É apenas o projeto dela. Ela o compartilha com algumas centenas de outros programadores, nem sabe ao certo quem são. E, todos os dias, quando ela se conecta, há uma pilha de memorandos esperando por ela, contendo novos regulamentos e mudanças nas regras que eles todos têm de seguir quando escrevem código para o projeto. Esses regulamentos tornam o negócio do papel higiênico tão simples e elegante quanto os Dez Mandamentos.

Então ela fica até as onze da manhã lendo, relendo e compreendendo as novas alterações no Projeto. São muitas, porque é uma manhã de segunda e Marietta e seus superiores passaram o fim de semana inteiro trancados no andar superior, brigando sobre esse Projeto, mudando tudo.

Logo ela começa a rever todo o código que escreveu antes para o Projeto e fazer uma lista de todas as coisas que terão de ser reescritas para torná-lo compatível com as novas especificações. Basicamente, ela terá de reescrever todo o seu material desde o começo. Pela terceira vez nos últimos meses.

Mas é um emprego, não é?

Por volta de 11h30, ela levanta a cabeça e, assustada, percebe que meia dúzia de pessoas estão em pé ao redor da estação de trabalho dela. Marietta.

Uma agente de segurança. E alguns Federais. E Leon, o homem do polígrafo.

– Fiz meu teste na quinta – diz ela.

– Hora de fazer outro – diz Marietta. – Vamos lá, vamos nessa.

– Levante as mãos e deixe-as onde eu possa vê-las – diz a agente.

38

A mãe de Y. T. se levanta, mãos paralelas ao corpo, e começa a andar. Ela sai direto do escritório. Nenhuma das outras pessoas olha para cima. Não devem fazer isso. Insensíveis às necessidades dos colegas de trabalho. Faz com que o testado se sinta sem jeito e desprezado por todos, quando na verdade o polígrafo é apenas parte de todo o *way of life* Federal. Ela pode ouvir os passos firmes da agente, caminhando dois passos atrás dela, observando e mantendo os olhos naquelas mãos para que elas não possam fazer nada, como pegar um Valium ou alguma outra coisa que possa invalidar o teste.

Ela para na frente da porta do banheiro. A agente entra na frente dela, mantém a porta aberta e ela entra, acompanhada pela agente.

O último reservado à esquerda é maior do que o normal, grande o bastante para duas pessoas. A mãe de Y. T. entra, seguida pela agente, que fecha e tranca a porta. A mãe de Y. T. abaixa a meia-calça, puxa a saia para cima, se agacha sobre um potinho e urina. A agente observa cada gota cair no pote, esvazia-o em um tubo de ensaio que já está com uma etiqueta com o nome dela e a data.

Então ela volta para o saguão, novamente acompanhada pela agente. Você tem permissão de usar os elevadores quando vai para a sala do polígrafo, para não ficar sem fôlego e suado quando chegar lá.

A sala costumava ser simplesmente um escritório simples com uma cadeira e alguns instrumentos em cima de uma mesa. Então eles compraram o novo e sofisticado sistema de polígrafo. Agora parece que você está fazendo uma espécie de varredura médica high-tech está sendo feita. O aposento foi completamente reconstruído, sem vestígios de sua função original, a janela coberta, tudo bege, suave e com cheirinho de hospital. Há apenas uma cadeira, no meio da sala. A mãe de Y. T. entra e se senta nela, coloca os braços sobre os braços da cadeira e repousa as pontas dos dedos e as palmas das mãos sobre as pequenas depressões que a aguardam. O punho de neoprene do

esfigmomanômetro tateia cegamente, encontra seu braço e o agarra. Enquanto isso, as luzes do aposento estão diminuindo de intensidade, a porta está se fechando, ela está só. A coroa de espinhos se fecha sobre sua cabeça, ela sente as pontadas dos eletrodos atravessando seu couro cabeludo, sente descendo por seus ombros o ar frio que vem dos dispositivos supercondutores de interferência quântica que servem de radar para seu cérebro. Em algum lugar do outro lado da parede, ela sabe, meia dúzia de técnicos estão sentados numa sala de controle, olhando uma projeção ampliada de suas pupilas em tela grande.

Então ela sente uma picada que queima em seu antebraço e sabe que lhe injetaram alguma coisa. O que quer dizer que não é um exame normal de polígrafo. Hoje ela está ali para alguma coisa especial. A queimação se espalha por todo o seu corpo, seu coração dispara, os olhos se enchem d'água. Ela recebeu uma injeção de cafeína para deixá-la hiper, deixá-la falando muito.

Lá se vai sua esperança de trabalhar hoje. Às vezes, essas coisas levam até doze horas.

– Qual é seu nome? – pergunta uma voz. É uma voz anormalmente calma e líquida. Gerada por computador. Assim, tudo o que ela lhe diz é imparcial, despido de conteúdo emocional, e ela não tem como captar nenhuma pista de como o interrogatório está indo.

A cafeína, e as outras coisas que injetam nela, também acabam com seu senso de contagem do tempo.

Ela odeia essas coisas, mas isso acontece com todo mundo de tempos em tempos, e, quando se vai trabalhar para os Federais, assina-se na linha pontilhada e dá-se permissão para isso. De certa forma, é um sinal de orgulho e honra. Todos os que trabalham para os Federais se entregam a isso de coração. Porque se não o fizessem, ficaria transparente quando fosse a vez deles de sentar naquela cadeira.

As perguntas continuam sem parar. Em sua maior parte, perguntas sem sentido. "Você já foi à Escócia? Pão branco é mais caro que o pão integral?" Isso é só para ajustá-la, fazer com que todos os sistemas funcionem redondinhos. Eles jogam fora tudo o que conseguem na primeira hora de interrogatório, pois se perde no ruído.

Ela consegue sentir que está relaxando. Dizem que, depois de alguns polígrafos, se aprende a relaxar, e toda essa coisa passa mais rápido. A cadeira a prende no lugar, a cafeína impede que ela fique sonolenta, a privação dos sentidos clareia sua mente.

– Qual é o apelido de sua filha?

– Y. T.

– Como você costuma chamar sua filha?

– Eu a chamo pelo apelido. Y. T. Ela meio que insiste nisso.

– Y. T. tem emprego?

– Sim. Ela trabalha como Kourier. Trabalha para a RadiKS.

– Quanto dinheiro Y. T. ganha como Kourier?

– Não sei. Alguns dólares aqui e ali.

– Com que frequência ela compra novos equipamentos para seu trabalho?

– Não sei dizer. Não fico registrando isso.

– Y. T. tem feito alguma coisa fora do normal ultimamente?

– Isso depende do que você quer dizer. – Ela sabe que está equivocada. – Ela sempre está fazendo coisas que algumas pessoas poderiam classificar como fora do normal. – Isso não soa muito bom, soa como uma comprovação de não conformidade. – Acho que o que eu quero dizer é que ela está sempre fazendo coisas fora do comum.

– Y. T. quebrou alguma coisa na casa recentemente?

– Sim. – Ela desiste. Os Federais já sabem disso, sua casa tem escutas e câmeras; ela está besta que essas coisas ainda não tenham provocado um curto-circuito na rede elétrica, com todo esse material extra conectado. – Ela quebrou meu computador.

– Ela deu alguma explicação para o motivo pelo qual quebrou o computador?

– Sim. Mais ou menos, quero dizer, se maluquice contar como explicação.

– Qual foi a explicação dela?

– Ela tinha medo... isso é tão ridículo... ela tinha medo que eu pegasse um vírus dele.

– Y. T. também estava com medo de pegar esse vírus?

– Não. Ela disse que só programadores podiam pegá-lo.

Por que eles estão fazendo todas essas perguntas para ela? Eles têm tudo isso gravado em vídeo.

– Você acreditou na explicação de Y. T. sobre por que ela quebrou o computador?

É isso.

É disso que eles estão atrás.

Eles querem saber a única coisa que não podem sondar diretamente: o que se passa na cabeça dela. Eles querem saber se ela acredita na história de vírus que Y. T. contou.

E ela sabe que está cometendo um erro apenas por ter esses pensamentos. Porque aqueles SQUIDs superfrios ao redor da cabeça dela podem dizer que alguma coisa está acontecendo em seu cérebro, que ela está usando partes de seu cérebro neste exato instante que ela não utilizou quando lhe fizeram as perguntas sem sentido.

Em outras palavras, eles podem dizer que ela está analisando a situação, tentando entender tudo. E não estaria fazendo isso a menos que quisesse esconder algo.

– O que é que você quer saber? – pergunta ela. – Por que é que você simplesmente não me pergunta direto? Vamos falar disso cara a cara. A gente se senta em algum lugar como adultos e conversa.

Ela sente outra pontada afiada no braço, sente dormência e frio se espalhando por todo o corpo num espaço de dois segundos quando a droga se mistura à sua corrente sanguínea. Está ficando cada vez mais difícil acompanhar a conversa.

– Qual é o seu nome? – pergunta a voz.

39

Alcan – a Alaska Highway – é o mais comprido gueto-franquia do mundo, uma cidade unidimensional de quase quatro quilômetros de extensão e 30 metros de largura e que cresce a uma taxa de 150 quilômetros por ano, ou o mais rápido que as pessoas possam dirigir até o limite da vastidão selvagem e estacionar seus trailers na próxima vaga disponível. É a única saída para as pessoas que desejam deixar os Estados Unidos, mas não têm acesso a um avião ou navio.

Ela é toda em mão dupla, não muito bem pavimentada e entupida de casas móveis, vans de família, caminhões com tendas de acampamento na carroceria. A Alcan começa em algum lugar no meio da Colúmbia Britânica, no cruzamento da Prince George, onde uma série de tributários conflui para formar uma única rodovia que segue na direção norte. Ao sul dali, os tributários se dividem em um delta de estradas que cruzam a fronteira Canadá-Estados Unidos em uma dezena ou mais de lugares espalhados por 750 quilômetros desde os fiordes da Colúmbia Britânica até as vastas faixas dos trigais do centro do estado de Montana. Então ela se liga ao sistema rodoviário americano, que serve como frente para a migração. Essa faixa de 750 quilômetros de território está repleta de potenciais exploradores árticos em grandes casas sobre rodas, otimistamente voltados para o norte, e de uma boa quantidade de rejeitados que abandonaram seus veículos no norte e pegaram carona para voltar ao sul. Os trailers e os 4 x 4 pesados formam uma pista de slalom em movimento para Hiro em sua motocicleta preta.

Todos esses caucasianos gordos com armas! Reúna uma quantidade suficiente deles, em busca dos Estados Unidos em que eles sempre acreditavam que cresceriam, e eles se grudam como arroz em papa, formando pequenas unidades integrais e gosmentas. Com suas ferramentas elétricas, geradores portáteis, armas, veículos 4 x 4 e computadores pessoais, eles são como castores doidões de metanfetamina, engenheiros maníacos sem uma planta baixa,

mastigando a floresta, construindo coisas e abandonando-as, alterando o fluxo de rios poderosos e depois seguindo em frente porque o lugar não é mais o que costumava ser.

O resultado desse estilo de vida é composto por rios poluídos, efeito estufa, abuso de esposas, televangelistas e assassinos em série. Mas, contanto que se tenha aquele veículo 4 x 4 e possa continuar dirigindo para o norte, continuar se movendo com rapidez suficiente apenas para ficar um passo à frente de seu próprio fluxo de dejetos. Em vinte anos, 10 milhões de brancos convergirão para o polo norte e estacionarão seus trailers lá. O calor de dejeto de baixo teor provocado por seu estilo de vida termodinamicamente intenso transformará a paisagem de gelo cristalina maleável e traiçoeira. Vai queimar um buraco na calota polar, e todo aquele metal vai afundar até o final, sugando a biomassa junto.

Por uma taxa, é possível entrar com seu veículo numa franquia Snooze ’n’ Cruise e umbilicar seu trailer. As palavras mágicas são: “Temos Pull-Thrus”, o que significa que se pode entrar na franquia, se conectar, dormir, se desconectar e sair sem jamais ter de mudar a marcha do seu zepelim de estrada.

Eles costumavam afirmar que era um camping, tentaram projetar a franquia com um tema rústico, mas os clientes sempre chegavam, cortavam a madeira das placas e das mesas de piquenique e usavam-nas para fazer fogueiras e cozinhar. Hoje, as placas são bolhas elétricas de policarbonato e a identidade corporativa é toda redonda, polida e macia, igual a um urinol, para evitar que alguma coisa cresça por entre as rachaduras. Porque não é realmente um camping se não há uma casa para a qual voltar.

A dezesseis horas de viagem da Califórnia, Hiro estaciona num Snooze ’n’ Cruise na encosta leste das Cascades, no norte do Oregon. Ele se encontra a centenas de quilômetros a norte de onde está a Jangada e do lado errado das montanhas. Mas tem um sujeito ali que ele quer entrevistar.

Existem três estacionamentos. Um que não pode ser visto, descendo uma estrada de terra toda esburacada com placas derrubadas. Outro um pouco mais próximo, com cabeludos assustadores ao redor de suas margens, discos prateados faiscando e estalando ao luar quando eles apontam os fundos de suas latas de cerveja para o céu. E um bem na frente da Towne Hall, com assistentes

apontando armas. É preciso pagar para estacionar naquele terreno. Hiro decide pagar. Ele deixa sua moto apontada para fora, coloca o bios em modo de repouso para poder reiniciá-la a quente mais tarde se for necessário e joga alguns Kongdólares para o assistente. Então vira a cabeça para um lado e para outro como um cão de caça, farejando o ar parado, tentando encontrar o Bosque.

Há uma área a 30 metros de distância, sob o luar, onde algumas pessoas foram corajosas o suficiente para montar uma tenda; normalmente, são aqueles que têm o maior número de armas ou quase nada a perder. Hiro vai nessa direção e logo consegue ver a cúpula verde se estendendo sobre o Bosque.

Todo mundo chama aquilo de Desova. É simplesmente uma clareira aberta de terreno, que um dia foi coberta por grama e hoje está revestida por sucessivos aterros de areia que se misturaram a lixo, vidro quebrado e dejetos humanos. Uma tenda está esticada sobre ela para protegê-la da chuva, e grandes capuzes em formato de cogumelo se destacam do solo a cada metro aproximadamente, exalando ar quente nas noites frias. É muito barato dormir no Bosque. É uma inovação que foi criada por algumas das franquias mais ao sul e tem se espalhado para o norte juntamente com sua clientela.

Cerca de meia dúzia deles estão espalhados sob as saídas de ventilação de ar quente, enrolados em seus cobertores do exército para se proteger do frio. Dois deles estão com uma fogueirinha acesa, jogando cartas à sua luz. Hiro os ignora e começa a vagar ao redor dos restos.

– Chuck Wrightson – ele diz. – Sr. Presidente, o senhor está aqui?

Da segunda vez em que ele pergunta, uma pilha de lã à sua esquerda começa a se contorcer e se debater toda. Uma cabeça sai de dentro dela. Hiro se vira na direção do homem, levantando as mãos para provar que não está armado.

– Quem é? – ele pergunta. Está abjetamente aterrorizado. – Corvo?

– Não sou o Corvo – responde Hiro. – Não se preocupe. O senhor é Chuck Wrightson? Ex-Presidente da República Temporária de Kenai e Kodiak?

– Sou eu. O que é que você quer? Não tenho dinheiro, não.

– Só quero conversar. Eu trabalho para a CIC e meu trabalho é coletar informações.

– Porra, eu preciso de uma bebida – fala Chuck Wrightson.

A Prefeitura é um grande prédio inflável no meio do Snooze ’n’ Cruise. É a Las Vegas dos Mendigos: loja de conveniência, fliperama, lavanderia, bar, loja de bebidas, mercado de pulgas, puteiro. Sempre pareceu ser governado por aquela minúscula porcentagem da população humana que é capaz de ficar na farra toda santa noite até as cinco da manhã do dia seguinte e que não tem nenhuma outra função.

A maioria dos negócios em uma Towne Hall, incluindo esse bar, parece com algo que se veria num navio-prisão – tudo pregado ao chão, iluminado 24 horas por dia, todo o pessoal selado por trás de barreiras de vidro espesso que ficaram todas amarelas e sujas. A segurança nessa Towne Hall é fornecida pelos Enforcers, e por isso há um bocado de viciados em esteroides vestindo trajes de armagel pretos, andando para um lado e para o outro do fliperama em grupos de dois e três, violando entusiasmadamente os direitos humanos das pessoas.

Hiro e Chuck agarram a coisa mais próxima que podem encontrar que lembre uma mesa de canto. Hiro aperta um botão que chama um garçom e pede sub-repticiamente uma caneca de Pub Special, misturado meio a meio com cerveja sem álcool. Assim, Chuck deverá permanecer acordado um pouco mais de tempo do que o normal.

Não é preciso muito tempo para fazer ele se abrir. Ele é como um desses velhos membros de um governo presidencial que caiu em desgraça, forçado a sair por um escândalo, e que dedica o resto de sua vida a encontrar pessoas que o ouçam.

– É, eu fui presidente da RETEKK por dois anos. E ainda me considero o presidente do governo em exílio.

Hiro tenta não revirar os olhos. Chuck parece ter notado isso.

– Ok, ok, eu sei que isso não é muita coisa. Mas a RETEKK foi um país próspero durante algum tempo. Há muita gente que gostaria de ver alguma coisa assim surgir novamente. Quero dizer, a única coisa que nos forçou a sair, a única maneira pela qual esses maníacos foram capazes de tomar o poder, foi totalmente, você sabe... – Ele parece não ter palavras para isso. – Como é que se poderia ter esperado uma coisa daquelas?

– Como vocês foram forçados a sair? Aconteceu uma guerra civil?

– No começo, ocorreram alguns levantes. E havia partes remotas de Kodiak sobre as quais nunca chegamos a ter mão firme no poder. Mas nunca houve uma guerra civil propriamente dita. Veja, os americanos gostavam do nosso governo. Os americanos tinham todas as armas, o equipamento, a infraestrutura. Os Ortos eram só um bando de cabeludos correndo pela floresta.

– Ortos?

– Ortodoxos russos. No começo, eles eram uma pequena minoria. Em sua maioria, índios: você sabe, tlingits e aleutas que haviam sido convertidos pelos russos há centenas de anos. Mas quando as coisas piraram na Rússia, eles começaram a pular fora pela linha do fuso em todos os tipos de barcos diferentes.

– E eles não queriam uma democracia constitucional.

– Não. De jeito nenhum.

– O que eles querem? Um czar?

– Não. Esses caras do czar, os tradicionalistas, ficaram na Rússia. Os Ortos que vieram para a RETEKK eram completamente rejeitados. Eles haviam sido forçados a sair pela igreja ortodoxa russa tradicional.

– Por quê?

– *Yeretic*. É como os russos dizem "herege". Os Ortos que vieram para a RETEKK eram de uma nova seita: todos pentecostais. Eles estavam ligados de algum modo aos Portais Celestiais do Reverendo Wayne. Nós tínhamos missionários do Texas que vinham a todo instante se encontrar com eles. Eles estavam sempre falando em línguas. A igreja ortodoxa russa tradicional achava que isso era obra do demônio.

– Então quantos desses ortodoxos russos pentecostais vieram para a RETEKK?

– Puxa vida, veio gente pra diabo. Pelo menos uns 50 mil.

– Quantos americanos estavam na RETEKK?

– Perto de 100 mil.

– Como exatamente os Ortos conseguiram tomar o lugar?

– Bom, um dia a gente acordou e havia um Airstream estacionado no meio da Praça do Governo em Nova Washington, bem no meio de todos os trailers onde havíamos montado o governo. Os Ortos o tinham rebocado para lá durante

a noite e depois tiraram as rodas para que não pudesse ser removido. Nós achamos que era um protesto. Falamos para eles tirarem aquilo dali. Eles se recusaram e emitiram uma proclamação em russo. Quando conseguimos traduzir essa coisa maldita, descobrimos que era uma ordem para que nós fizéssemos as malas, fôssemos embora e entregássemos o poder para os Ortos. Bom, isso foi ridículo. Então nós fomos até esse Airstream para tirá-lo dali, e Gurov estava esperando por nós com um sorriso ruim na cara.

– Gurov?

– É. Um dos Refus que passaram pela Linha do Fuso vindos da União Soviética. Ex-general da KGB que virou fanático religioso. Ele era tipo Ministro da Defesa para o governo que os Ortos montaram. Então Gurov abriu a porta lateral do Airstream e deixou a gente ver o que tinha lá dentro.

– E o que tinha lá dentro?

– Bom, em grande parte era um bocado de equipamento, você sabe, um gerador portátil, fiação elétrica, um painel de controle, essas coisas. Mas no meio do trailer havia um grande cone preto no meio do chão. Tinha meio que a forma de uma casquinha de sorvete, só que tinha um metro e meio de tamanho e era todo liso e preto. E eu perguntei que diabos era essa coisa. E Gurov disse: “essa coisa é uma bomba de hidrogênio de dez megatons que retiramos de um míssil balístico. Um destruidor de cidades. Mais alguma pergunta?”.

– Então vocês capitularam.

– Não dava para fazer muita coisa além disso.

– Você sabe como foi que os Ortos adquiriram uma bomba de hidrogênio?

Chuck Wrightson obviamente sabe. Ele respira fundo, o mais fundo que já respirou esta noite, solta o ar, balança a cabeça, olha por cima do ombro de Hiro. Toma uns dois bons goles de cerveja.

– Havia um submarino nuclear soviético. O comandante se chamava Ovchinniov. Ele era um fiel, mas não era fanático como Ortos. Quero dizer, se ele tivesse sido um fanático, eles não teriam dado o comando de um submarino nuclear para ele, certo?

– Supostamente.

– O sujeito tinha de ser psicologicamente estável. O que quer que isso significasse. De qualquer maneira, depois que as coisas desabaram na Rússia, ele

se deu conta de que possuía essa arma muito perigosa. Ele decidiu que iria desembarcar toda a tripulação e depois levar o submarino para a Fossa Mariana. Para enterrar todas essas armas para sempre. Mas, de algum modo, ele foi convencido a usar esse submarino para ajudar um bando de Ortos a fugir para o Alasca. Eles e um monte de outros Refus haviam começado a debandar para a costa de Bering. E as condições em alguns desses campos de Refus eram desesperadoras. Não dava para plantar alimentos naquela região, você sabia? Aquelas pessoas estavam morrendo aos milhares. Eles simplesmente ficavam ali na praia morrendo de inanição, esperando que algum navio aparecesse. Então Ovchinnikov se deixou ser convencido a usar seu submarino – que é muito grande e muito rápido – para evacuar alguns desses pobres refugiados para a RETEKK. Mas, naturalmente, ele estava paranoico com a ideia de deixar um bando inteiro de quantidade desconhecida entrar em seu navio. Esses comandantes de submarinos nucleares são verdadeiros freaks de segurança, por motivos óbvios. Então eles montaram um sistema muito rígido. Todos os Refus que iriam entrar no navio tinham de passar por detectores de metal, tinham de ser inspecionados. Então eles ficavam sob guarda armada o caminho todo até o Alasca. Bom, os Ortos radicais tinham um sujeito chamado Corvo...

– Eu conheço o sujeito.

– Bom, o Corvo entrou naquele submarino nuclear.

– Ah, meu Deus.

– Ele conseguiu de algum modo chegar à costa siberiana, provavelmente surfando naquele caiaque de merda que ele tinha.

– Surfando?

– É assim que os aleutas vão de uma ilha a outra.

– O Corvo é um aleuta?

– É. Um matador de baleias aleuta. Você sabe o que é um aleuta?

– Sei. Meu pai conheceu um no Japão – diz Hiro.

Um monte de velhas histórias de campo de prisioneiros de seu pai começam a se revolver na memória de Hiro, saindo de um estado de armazenamento profundo.

– Os aleutas simplesmente saem remando em seus caiaques e pegam uma onda. Eles conseguem ultrapassar um navio a vapor, sabia?

– Não sabia.

– De qualquer maneira, o Corvo foi até um desses campos de Refus e se fez passar por um membro de uma tribo siberiana. Não dá para distinguir alguns desses siberianos dos nossos índios. Os Ortos aparentemente tinham alguns confederados nesses campos que levaram o Corvo para a frente da fila, para que ele pudesse entrar no submarino.

– Mas você disse que havia um detector de metais.

– Não ajudou. Ele usa facas de vidro. Ele as fabrica a partir de placas de vidro. É a lâmina mais afiada do universo, sabia?

– Também não sabia disso.

– É. O fio tem apenas uma molécula de largura. Os médicos usam para cirurgia ocular, eles podem cortar sua córnea sem deixar uma cicatriz. Há índios que ganham a vida assim, sabia? Fazendo bisturis para olhos.

– Bom, você aprende todo dia uma coisa nova. Esse tipo de faca seria afiado o bastante para atravessar materiais à prova de balas, acredito eu – comenta Hiro.

Chuck Wrightson dá de ombros.

– Já perdi a conta do número de pessoas que o Corvo matou e que vestiam coletes à prova de balas.

Hiro fala:

– Eu achava que ele devia estar carregando algum tipo de faca laser high-tech ou coisa parecida.

– Pense de novo. Faca de vidro. Ele tinha uma a bordo do submarino. Ou levou a faca para bordo consigo, ou então achou um pedaço de vidro e fez a lâmina ele mesmo.

– E?

Chuck dá novamente aquele seu olhar longínquo e toma outro gole na cerveja.

– Num submarino, você sabe, não há lugar para drenar nada. Os sobreviventes afirmaram que havia sangue até os joelhos por todo o submarino. O Corvo simplesmente matou todos. Todos menos os Ortos, uma tripulação básica e alguns outros Refus que conseguiram se proteger com barricadas em

pequenos compartimentos ao redor do navio. Os sobreviventes dizem – Chuck diz, tomando mais um gole – que foi uma noite e tanto.

– E ele os forçou a levar o submarino para as mãos dos Ortos.

– Para o ponto de ancoragem deles na costa de Kodiak – diz Chuck. – Os Ortos estavam todos prontos. Eles haviam montado uma tripulação de ex-marinheiros, sujeitos que haviam trabalhado em submarinos nucleares no passado – Raios X, eles os chamavam –, e eles vieram e tomaram o submarino. Quanto a nós, não tínhamos ideia de que nada disso havia acontecido. Até que uma das ogivas apareceu no nosso maldito jardim.

Chuck olha sobre a cabeça de Hiro, notando alguém. Hiro sente um leve toque no ombro.

– Com licença, cavalheiro? – um homem está dizendo. – Pode me dar licença um segundo, por favor?

40

Hiro se vira. É um homem branco grande, gordo como um porco, com cabelos ruivos ondulados e penteados para trás. Ele está usando um boné de beisebol no alto da cabeça, inclinado bem para trás para expor as seguintes palavras, tatuadas em letras de forma na sua testa:

OSCILAÇÕES DE HUMOR
RACIALMENTE INSENSÍVEL

Hiro olha para tudo isso por sobre o horizonte curvo da barriga coberta de flanela do homem.

– O que foi? – pergunta Hiro.

– Bem, senhor, lamento perturbá-lo no meio de sua conversa com este cavalheiro aqui. Mas eu e meus amigos estávamos com uma dúvida. O senhor é um crioulo de cu preto comedor de melancia vagabundo ou um chinezinho sorrateiro infecto?

O homem estende a mão, puxa a pala do boné para baixo. Agora Hiro pode ver a bandeira confederada impressa na frente, as palavras bordadas “Franchulado 153 da Nova África do Sul”.

Hiro coloca as mãos sobre a mesa, impulsiona o corpo e desliza para trás na direção de Chuck, tentando colocar a mesa entre ele e o neo-sul-africano. Chuck convenientemente desapareceu, então Hiro acaba em pé com as costas confortavelmente encostadas na parede, olhando para o bar.

Ao mesmo tempo, uma dezena ou mais de homens estão se levantando de suas mesas, formando fileiras atrás do primeiro em uma falange sorridente e queimada de sol de bandeiras e suíças confederadas.

– Vamos ver – diz Hiro. – É alguma pegadinha?

Existem muitas Towne Halls em um monte de franquias do Snooze ’n’ Cruise onde é preciso entregar suas armas na entrada. Esta não é uma delas.

Hiro não sabe ao certo se isso é bom ou ruim. Sem armas, os neo-sul-africanos simplesmente o cobririam de porrada. Com armas, ele pode revidar, mas as apostas ficariam mais altas. Hiro é à prova de balas até o pescoço, mas isso apenas quer dizer que os neo-sul-africanos todos irão mirar na sua cabeça. E eles se orgulham de suas pontarias. É quase um fetiche para eles.

– Não existe uma franquia da NAS na estrada abaixo? – pergunta Hiro.

– Existe – responde o sujeito, que tem um corpo comprido e largo e perninhas curtas. – É o paraíso. É mesmo, sério. Não tem lugar no mundo igual a uma Nova África do Sul.

– Bem, então, se você não se importa que eu pergunte – retruca Hiro –, se é tão bom assim, por que diabos vocês todos não voltam pro saco e ficam por lá mesmo?

– A Nova África do Sul tem um problema – diz o sujeito. – Não quero parecer antipatriótico, mas é verdade.

– E que problema é esse? – pergunta Hiro.

– É que não tem nenhum crioulo, china ou viado lá pra tomar porrada.

– Ah. Esse é um problema – diz Hiro. – Obrigado.

– Obrigado por quê?

– Por anunciar suas intenções... e me dar o direito de fazer isto aqui.

Então Hiro corta a cabeça dele.

O que mais ele poderia fazer? Há pelo menos doze deles. Eles fizeram questão de bloquear a única saída. Eles acabaram de anunciar suas intenções. E é provável que todos estejam carregando armas. Além do mais, esse tipo de coisa vai acontecer a cada dez segundos quando ele estiver dentro da Jangada.

O neo-sul-africano não tem a menor ideia do que está por vir, mas começa a esboçar uma reação quando Hiro balança a katana na direção do seu pescoço, então ele está voando para trás quando a decapitação ocorre. Isso é bom, porque metade do sangue dele sai jorrando pelo alto do pescoço. Jatos duplos, um de cada carótida. Não cai uma gota em Hiro.

No Metaverso, a lâmina simplesmente passa direto se alguém balançá-la rápido o bastante. Aqui na realidade, Hiro está esperando um forte choque quando sua lâmina atinge o pescoço do neo-sul-africano, como quando se acerta uma bola de beisebol da maneira errada, mas ele quase não sente nada. A lâmina

simplesmente o atravessa e quase vai parar na parede atrás. Ele deve ter tido sorte e atingido um intervalo entre vértebras. O treinamento de Hiro volta à sua mente, o que é estranho. Ele se esqueceu de espremer tudo, de deter a lâmina por conta própria, e isso revela uma péssima forma.

Muito embora ele estivesse esperando isso, por um minuto ele fica espantado. Esse tipo de coisa não acontece com avatares. Eles simplesmente caem. Por um tempo incrivelmente longo, Hiro fica simplesmente parado ali, olhando para o corpo do sujeito. Enquanto isso, a nuvem de sangue está baixando, pingando do teto, caindo em respingos das prateleiras atrás do bar. Um bêbado sentado ali com uma dose dupla de vodca estremece e se sacode todo, olhando para seu corpo e vendo ali um vórtice galáctico de 1 trilhão de hemácias morrendo no etanol.

Hiro troca alguns longos olhares com os neo-sul-africanos, que, como todos no bar, estão tentando chegar a um consenso sobre o que acontecerá a seguir. Será que eles deveriam rir? Tirar uma foto? Sair correndo? Chamar uma ambulância?

Ele abre caminho numa tangente na direção da saída, correndo sobre as mesas das pessoas. É uma grosseria fazer isso, mas outros frequentadores recuam, e alguns deles são rápidos o bastante para agarrar suas cervejas e tirá-las do caminho. Ninguém o incomoda. A visão de uma katana desembainhada inspira todos a alcançar um nível praticamente nipônico de educação. Há mais dois neo-sul-africanos bloqueando a saída de Hiro, mas não porque eles queiram parar alguém. Era simplesmente onde eles estavam quando entraram em estado de choque. Hiro decide, por reflexo, não matá-los.

E Hiro sai na lúgubre avenida principal do Towne Hall, um túnel de loglos que piscam e pulsam e através do qual criaturas negras saltitam como esperma benigno na direção das velhas trompas de Falópio, coisas afiadas e angulosas em suas mãos. São os Enforcers. Eles fazem o MetaCop padrão parecer um guardinha de desenho animado.

Está na hora de virar gárgula. Hiro liga tudo o que tem: infravermelho, radar de ondas milimétricas, processamento de som ambiente. O infravermelho não faz muita coisa nessas circunstâncias, mas o radar capta todas as armas,

realçando-as nas mãos dos Enforcers e identificando-as por fabricante, modelo e tipo de munição. Todas são completamente automáticas.

Mas os Enforcers e os neo-sul-africanos não precisam de radar para ver a katana de Hiro cheia de sangue e fluido espinhal descendo pela lâmina.

A música de Vitaly Chernobyl e os Meltdowns está tocando a toda em amplificadores de péssima qualidade por toda parte ao seu redor. É o primeiro *single* deles a atingir a parada da Billboard, intitulado “Meu Coração é um Buraco Fumegante no Chão”. O processamento de som ambiente corta o volume para um nível mais razoável e equaliza a distorção terrível dos alto-falantes para que ele consiga ouvir seu colega de quarto cantar com mais clareza. O que torna isso tudo particularmente surreal. É só para mostrar que ele está fora de seu elemento. Não pertence àquele lugar. Está perdido na biomassa. Se existisse alguma justiça, ele poderia pular dentro daqueles alto-falantes e subir pelos fios como uma sílfide digital, seguir a grade até LA, de onde ele faz parte, lá no topo do mundo, de onde tudo vem, e depois pagar uma bebida para Vitaly e deitar no seu futon.

Ele cambaleia para a frente sem conseguir evitar, quando alguma coisa terrível acontece com suas costas. Hiro sente como se estivesse sendo massageado por uma centena de martelos esferográficos. Ao mesmo tempo, uma luz amarela se sobrepõe ao loglo. Um display vermelho berrante pisca nos seus óculos, informando a ele que o radar de ondas milimétricas notou uma corrente de balas seguindo em sua direção, e o senhor gostaria de saber de onde elas vêm, senhor?

Hiro acabou de ser atingido nas costas por uma rajada de metralhadora. Todas as balas bateram em seu colete e caíram ao chão, mas ao fazerem isso elas racharam cerca de metade das costelas daquele lado de seu corpo e provocaram escoriações em alguns órgãos internos. Ele se vira, e só esse movimento já dói.

O Enforcer desistiu das balas e sacou outra arma. Os óculos de Hiro informam: PACIFIC ENFORCEMENT HARDWARE, INC. DISPOSITIVO DE PROJEÇÃO DE CONTENÇÃO (ARMA DE GOSMA) MODELO SX-29. Era o que ele deveria ter usado em primeiro lugar.

Ninguém pode sair por aí brandindo uma espada como uma ameaça vazia. Você nem deveria sacá-la, ou mesmo mantê-la embainhada, a menos que tenha a

intenção de matar alguém. Hiro corre para o Enforcer, levantando a katana para atacar. O Enforcer faz a coisa certa, ou seja, sai correndo que ele não é besta. A faixa prateada da katana brilha sobre a multidão. Ela atrai Enforcers e repele todo o resto, e então, quando Hiro desce correndo o centro da Towne Hall, não há ninguém à sua frente e há muitas criaturas pretas e brilhantes atrás dele.

Ele desliga toda a tecnomerda nos seus óculos. Tudo o que isso faz é confundi-lo; ele ficaria ali em pé lendo estatísticas sobre sua própria morte no instante em que ela estivesse acontecendo. Muito pós-moderno. Está na hora de um banho de imersão na Realidade, assim como todo mundo ao redor dele.

Nem mesmo os Enforcers irão disparar suas armas pesadas no meio de uma multidão, a não ser que a pessoa esteja no alcance de um tiro à queima-roupa ou que eles estejam mesmo de mau humor. Algumas balas de gosma passam raspando por Hiro, já tão espalhadas que não constituem mais do que um incômodo, e batem em transeuntes, envolvendo-os em véus finíssimos e grudentos.

Em algum lugar entre o fliperama, o videogame 3D e as vitrines repletas de prostitutas sentindo um tédio em estado terminal, os olhos de Hiro clareiam e ele vê um milagre: a saída do domo inflável, onde as portas exalam uma brisa de bafo de cerveja sintético e de fluidos corporais atomizados no ar frio da noite.

Coisas ruins e coisas boas estão acontecendo em rápida sucessão. A próxima coisa ruim acontece quando uma grade de aço cai para bloquear as portas.

Que diabos, é um prédio inflável. Hiro recorre ao radar apenas por um instante e as paredes parecem cair e se tornar invisíveis; agora ele está vendo através delas, vislumbrando a floresta de aço lá fora. Não leva muito tempo para localizar o estacionamento onde deixou sua moto, supostamente sob a proteção de alguns assistentes armados.

Hiro faz que vai na direção do prostíbulo, mas corta direto por uma seção de parede exposta. O material do prédio é rígido, mas sua katana faz um corte de dois metros com um único movimento deslizante, e em seguida ele está fora, cuspido buraco afora num jato de ar fétido.

Depois disso – depois que Hiro sobe em sua motocicleta, e os neo-sul-africanos entram em suas pickups *all-terrain*, e os Enforcers se enfiam em seus

móbiles Enforcers pretos fininhos, e todos saem gritando para a rodovia –, depois disso é apenas uma cena de caçada.

41

Y. T. já esteve em alguns lugares bem *incomuns* na sua carreira. Ela tem vistos para quase quarenta países laminados em seu peito. E, além dos países de verdade, ela já apanhou ou entregou em lugarzinhos de férias bem aprazíveis, como a Zona de Sacrifício da Ilha Terminal e o acampamento do Parque Griffith. Mas o trabalho mais bizarro de todos é este novo: alguém quer que ela entregue alguma coisa nos Estados Unidos da América. É o que está escrito ali na ordem de serviço.

Não é lá uma grande entrega, apenas um envelope tamanho ofício.

– Tem certeza de que não quer simplesmente enviar isso pelo correio? – ela pergunta ao sujeito quando apanha o envelope.

É um desses parques de escritórios *creepy* nos Suburbis. Como um Suburbiclave para empresas sem valor que têm escritórios e telefones, mas, na verdade, parecem não fazer absolutamente nada.

É uma pergunta sarcástica, claro. O correio não funciona, a não ser na Fedlândia. Todas as caixas postais foram desaparafusadas e usadas para decorar os apartamentos de freaks nostálgicos. Mas também é meio que uma piada, porque o destino é, na verdade, um prédio no meio da Fedlândia. Então a piada é: se você quer lidar com os Federais, por que não usar o sistema fodido de correio deles? Você não tem medo de que, lidando com algo tão incrivelmente cool como um Kourier, possa ficar manchado aos olhos deles?

– Bom, ahn, o correio não vem até aqui, não é? – diz o sujeito.

Não há por que descrever o escritório. Não há sequer por que permitir que o escritório seja registrado por seus globos oculares e ocupe um espaço de memória valioso em seu cérebro. Luzes fluorescentes e partições acarpetadas. Prefiro meu carpete no chão, obrigada. Um esquema de cores. Palhaçada ergonômica. Garotas com batom. Cheiro de xerox. Tudo é muito novo ali, ela deduz.

O envelope ofício está em cima da mesa do sujeito. Também não há porque descrevê-lo. Vestígios de um sotaque do Texas ou de algum estado do sul. A parte de baixo do envelope está paralela à borda da mesa, a uns dois centímetros de distância dela, perfeitamente centrada entre os lados esquerdo e direito. Como se um médico tivesse entrado ali e colocado o envelope sobre a mesa com pinças. Está endereçado a SALA 968A, PARADA DE CORREIO MS-1569835, PRÉDIO LA-6, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

– Quer deixar um endereço de remetente? – ela pergunta.

– Não é necessário.

– Se eu não conseguir entregá-lo, não vou ter como devolvê-lo a você, porque todos estes lugares aqui são iguaizinhos uns aos outros para mim.

– Não é importante – ele diz. – Quando você acha que vai conseguir entregá-lo?

– No máximo em duas horas.

– Por que tanto tempo assim?

– Alfândega, cara. Os Federais não modernizaram seu sistema como todo mundo fez.

E é por isso que a maioria dos Kouriers faz de tudo para evitar fazer entregas na Fedlândia. Mas hoje é um dia devagar. Y. T. ainda não foi chamada para realizar nenhuma missão secreta para a Máfia e talvez ela possa buscar sua mãe no horário do almoço.

– E seu nome é?

– Não damos nossos nomes.

– Preciso saber quem está entregando isto.

– Por quê? Você mesmo disse que não era importante.

O sujeito fica com uma cara realmente frustrada.

– Ok – ele fala. – Esquece. Apenas entregue isto, por favor.

Ok, que seja, ela diz mentalmente. Ela diz mentalmente um monte de outras coisas também. O homem é obviamente um pervertido. É tão claro, tão transparente: – E seu nome é? – Dá um tempo, meu camarada.

Nomes não são importantes. Todo mundo sabe que Kouriers são partes intercambiáveis. Simplesmente acontece que alguns são muito mais rápidos e melhores.

Então ela sai deslizando do escritório. Tudo muito anônimo. Nenhum logo corporativo em parte alguma. Daí, enquanto ela está esperando o elevador, liga para a RadiKS e tenta descobrir quem iniciou esse pedido.

A resposta vem alguns minutos mais tarde, enquanto ela já está surfando para fora do parque de escritórios, poada num belo dum Mercedes: Rife Advanced Research Enterprises. RARE. Um desses carros high-tech. Provavelmente tentando conseguir um contrato com o governo. Provavelmente tentando vender esfigmomanômetros para os Federais ou coisa do gênero.

Ah, bem, ela apenas faz as entregas. Ela tem a impressão de que esse Mercedes está dando uma de deitão – dirigindo bem devagar de propósito para que ela vá poar outra pessoa –, então ela poa outra pessoa, um caminhão de entregas. A julgar pela maneira como ele está desembestado, deve estar vazio, então provavelmente vai andar bem rápido.

Dez segundos depois, previsivelmente, a Mercedes dispara pela pista da esquerda, então ela a poa e viaja que é uma beleza por quase uns cinco quilômetros.

Entrar na Fedlândia é um saco. A maioria dos Federais dirige carros minúsculos de plástico e alumínio que são difíceis de poar. Mas ela acaba poando um, uma jujubinha com janelas coladas e um motor de três cilindros, e isso é que a leva para a fronteira dos Estados Unidos.

Quanto menor esse país fica, mais paranoicos eles vão se tornando. Hoje em dia, o pessoal da alfândega está simplesmente impossível. Ela precisa assinar um documento de dez páginas – e eles realmente fazem ela ler tudo. Dizem que ela deve levar pelo menos meia hora só para ler a coisa.

– Mas eu li isso há duas semanas.

– Pode ter mudado – diz o guarda –, então você precisa ler de novo.

Basicamente, o documento apenas certifica que Y. T. não é terrorista, comunista (seja lá o que for isso), homossexual, destruidora de símbolos pátrios, comerciante de pornografia, parasita do bem-estar social, racialmente insensível, portadora de alguma doença infecciosa nem defensora de qualquer ideologia que tenda a impugnar os valores tradicionais da família. A maioria disso consiste simplesmente de definições de todas as palavras usadas na primeira página.

Então Y. T. fica ali sentada na salinha por meia hora, fazendo trabalho de casa – mexendo em suas coisas, trocando as baterias de todos os seus dispositivos minúsculos, limpando as unhas, mandando sua prancha de skate rodar seus procedimentos de automanutenção. Então ela assina o maldito documento e o entrega ao sujeito. E aí ela está na Fedlândia.

Não é difícil encontrar o lugar. É um típico prédio federal: um milhão de passos. Como se tivesse sido construído sobre uma montanha de passos. Colunas. Muito mais caras do que de costume. Caras troncudos de cabelo lambido. Deve ser algum tipo de prédio de tiras. O guarda na porta da frente é completamente um tira e quer dar um esporro nela só porque ela está entrando no prédio com seu skate. Como se eles tivessem algum lugar seguro ali para guardar skates.

O tira é extremamente difícil de se lidar. Mas tudo bem, porque Y. T. também é.

– O envelope está aqui – ela diz. – Pode levá-lo para o nono andar você mesmo na sua hora do café. Que pena que você vai ter de usar as escadas.

– Escute – ele avisa, totalmente exasperado. – Isto aqui é o COGRE. Isto é, tipo, o quartel-general. Entendeu? Tudo o que acontece a um quilômetro de distância está sendo gravado em vídeo. Eles sequer dizem palavrões. Ninguém vai roubar seu skate.

– Pior ainda. Eles vão roubá-lo. Depois vão dizer que não o roubaram, que o confiscaram. Eu conheço vocês, Federais, vocês estão sempre confiscando qualquer merda.

O sujeito suspira. Então seus olhos saem de foco e ele cala a boca por um minuto. Y. T. percebe que ele está recebendo uma mensagem pelo pequeno fone plugado em seu ouvido, a marca do verdadeiro Federal.

– Entre – ele fala. – Mas você precisa assinar.

– Naturalmente – diz Y. T.

O tira lhe entrega a folha para assinar, que é, na verdade, um notebook com uma caneta eletrônica. Ela escreve “Y. T.” na tela. Isso é convertido em um bitmap digital, com *time stamp* automático, e enviado para o grande computador na Federal Central. Ela sabe que não vai passar pelo detector de metais sem tirar

a roupa, então simplesmente pula a mesa do tira – o que é que ele vai fazer, dar um tiro nela? – e se dirige para o prédio, skate debaixo do braço.

– Ei! – ele chama, fraco.

– O que foi? Vocês têm agentes do COGRE aqui sendo atacados e estuprados por Kouriers mulheres? – ela pergunta, apertando ferozmente o botão do elevador.

O elevador demora uma eternidade para chegar. Ela perde a paciência e simplesmente sobe a escada como todos os outros Federais.

O sujeito tem razão, o nono andar é definitivamente a Central de Tiras. Cada sujeito assustador com óculos escuros e cabelos lambidos que alguém já viu um dia, estão todos aqui, todos com pequenas hélices cor da pele de fio descendo de dentro dos ouvidos. Há até algumas Federais mulheres. Elas parecem ainda mais assustadoras que os homens. As coisas que uma mulher consegue fazer com o cabelo para parecer profissional – Meeu Jesuis! Por que não coloca logo um capacete de motoqueiro? Pelo menos o capacete dá para tirar.

Só que nenhum dos Federais, homem ou mulher, está usando óculos escuros. Parecem nus sem eles. É como se estivessem andando sem calças. Ver esses Federais sem seus óculos espelhados é como entrar sem querer no vestiário dos rapazes.

Ela encontra a Sala 968A com facilidade. A maior parte do andar é simplesmente um grande conjunto de mesas. Todas as salas numeradas reais estão ao redor das bordas, com portas de vidro opaco. Cada um dos sujeitos assustadores parece ter uma mesa própria; alguns deles estão parados em pé próximos a suas mesas, o resto está fazendo um bocado de jogging pela sala e reuniões improvisadas com outros sujeitos assustadores em suas mesas. Suas camisas brancas são dolorosamente limpas. Não há tantos coldres de ombro quantos ela esperava; todos os Federais que carregam armas estão provavelmente lá fora, no que costumava ser Alabama ou Chicago, tentando confiscar de volta pedaços do território dos Estados Unidos do que é hoje um Buy ’n’ Fly ou um depósito de lixo tóxico.

Ela entra na Sala 968A. É um escritório. Quatro Federais estão lá dentro, iguais uns aos outros, só que a maioria deles é um pouco mais velha, na casa dos quarenta e dos cinquenta anos.

– Tenho uma entrega para esta sala – diz Y. T.

– Você é Y. T.? – pergunta o chefe dos Federais, que está sentado atrás da mesa.

– Você não deveria saber meu nome – comenta Y. T. – Como é que você sabe meu nome?

– Reconheci você – diz o chefe dos Federais. – Conheço sua mãe.

Y. T. não acredita nele. Mas esses Federais têm todas as maneiras de descobrir coisas.

– Você tem algum parente no Afeganistão? – ela pergunta.

Os sujeitos todos olham uns para os outros, tipo, "você entendeu o que essa menina disse?". Mas não é uma frase feita para ser entendida. Na verdade, Y. T. tem todos os tipos de programas de reconhecimento de voz em seu macacão e em sua prancha. Quando ela pergunta "você tem algum parente no Afeganistão?", é tipo uma frase em código, que diz a todo o seu equipamento para se preparar, ficar pronto, rodar verificações, aguçar suas orelhas eletrônicas.

– Você quer esse envelope ou não? – ela pergunta.

– Eu fico com ele – responde o chefe dos Federais, levantando-se e estendendo uma das mãos.

Y. T. caminha até o meio da sala e lhe entrega o envelope. Mas, em vez de pegá-lo, ele avança no último instante e agarra o antebraço dela.

Ela vê uma algema aberta na outra mão dele. Ele a estende e a prende no pulso dela para que se aperte e trave sobre o punho de seu macacão.

– Lamento fazer isto, Y. T., mas preciso prender você – ele diz.

– Que porra é essa? – Y. T. pergunta. Ela está mantendo o braço livre afastado da mesa para que ele não possa algemar seu outro braço, mas um dos outros Federais agarra seu pulso livre, e então agora ela está estendida como uma corda entre os dois Federais.

– Vocês estão mortos – ela diz.

Todos ali sorriem, como se gostassem de uma garota com culhões.

– Vocês estão mortos – ela repete.

Esta é a frase-chave que todo o seu equipamento estava esperando ouvir. Quando ela a pronuncia pela segunda vez, todo o seu aparato de autodefesa é acionado, o que significa que, entre outras coisas, alguns milhares de volts de

energia elétrica de alta frequência subitamente inundam a parte externa de suas algemas.

O Federal-chefe atrás da mesa solta um grunhido que vem lá do fundo do seu estômago. Ele voa para longe dela, seu lado direito inteiro sacudindo espasmodicamente, tropeça em sua própria cadeira e cai esparramado contra a parede, batendo a cabeça no alpendre de mármore da janela. O babaca que está puxando seu outro braço se estica como se estivesse preso a uma máquina de tortura invisível, dando acidentalmente um tapa na cara de um dos outros sujeitos, dando a esse cara uma bela dose de eletricidade na cabeça. Os dois caem ao chão como um saco de gatos raivosos. Só sobrou um desses sujeitos, e ele está metendo a mão por baixo do paletó para pegar alguma coisa. Ela dá um passo na direção dele, gira o braço e a argola da algema solta o atinge no pescoço. Apenas um carinho, mas bem poderia ser um golpe com as duas mãos dado pelo machado elétrico de Satã. Toda aquela energia bad vibe sobe e desce pela espinha dele, e, subitamente, ele está espalhado sobre duas cadeiras velhas de merda e sua pistola está caída no chão, girando como a setinha de plástico de algum jogo infantil de tabuleiro.

Y. T. flexiona o pulso de um modo particular, e o atordoador bundy cai da manga direto na sua mão. A algema que gira do outro lado terá um efeito semelhante naquele lado. Ela também puxa a lata de Soco-Inglês Líquido, solta a tampa e ajusta o bico do spray num ângulo aberto.

Um dos Federais do terror é gentil o bastante para abrir a porta do escritório para ela. Ele entra na sala com a arma já puxada, seguido por meia dúzia de outros sujeitos que correram para lá em bando, vindos do pool do escritório, e ela simplesmente os deixa se virarem com o Soco-Inglês Líquido. Sssshhhhh, é como inseticida. O som dos corpos caindo no chão é como um prato baixo de bateria. Y. T. descobre que sua prancha de skate não vê o menor problema em passar por cima dos corpos estendidos deles, e aí ela sai para o pool do escritório. Esses caras estão convergindo para lá de todas as partes, um número incrível deles, e ela simplesmente não para de apertar o botão, apontando direto para a frente, dando impulso no chão com o pé, aumentando a velocidade. O Soco-Inglês Líquido age como uma cunha voadora química, o que faz ela sair dali surfando sobre um tapete de corpos. Alguns dos Federais são ágeis o

bastante para vir disparando por trás e tentar pegá-la assim, mas ela está com o atordoador bundy pronto, e ele transforma o sistema nervoso deles em bobinas de arame farpado quente por alguns minutos, mas supostamente não provoca nenhum outro efeito.

Ela conseguiu chegar a três quartos do caminho do escritório quando o Soco-Inglês Líquido acaba. Mas ele ainda funciona por um ou dois segundos porque as pessoas têm medo dele, mergulham para sair do caminho mesmo sem nada saindo da lata. Então dois deles percebem o que está acontecendo e cometem o erro de agarrá-la pelos pulsos. Ela pega um deles com o atordoador bundy e o outro com a algema eletrificada. Então dispara pela porta e sai para as escadas, deixando 48 feridos em seu rastro. Bem-feito pra eles; não tentaram sequer prendê-la como cavalheiros.

Para um homem a pé, escadas são um incômodo. Mas, para as rodas inteligentes, elas simplesmente parecem uma rampa com ângulo de 45 graus. É um pouco complicado, especialmente quando ela está para chegar ao segundo andar e está descendo rápido demais, mas definitivamente dá pra fazer.

Uma coisa legal: um dos tiras do primeiro andar está abrindo a porta das escadas naquele instante, sem dúvida posto em alerta pela sinfonia de sirenes e campainhas de alarme que começaram a se fundir numa parede sólida de som histérico. Y. T. passa voando pelo sujeito; ele estende um braço em uma tentativa de detê-la, meio que a atinge na cintura no processo e a desequilibra, mas essa prancha de skate é muito generosa e é inteligente o bastante para reduzir um pouco a velocidade quando o centro de massa dela se desloca para o lugar errado. Rapidamente a prancha volta a ficar embaixo dela, e ela faz uma curva radical pelo saguão do elevador, dirigindo-se direto para o arco do detector de metais, através do qual a luz externa da liberdade brilha.

Seu velho amigo, o tira, está de pé, e reage rápido o suficiente para abrir o corpo e cobrir o detector de metais. Y. T. age como se fosse direto para ele, mas então chuta a prancha de lado no último minuto, pressiona um dos botões nos pés, dá uma agachadinha e salta no ar. Ela voa direto sobre a mesinha dele enquanto a prancha rola sob ela, e um segundo depois pousa de novo sob a prancha, bamboleia uma vez, volta a ganhar equilíbrio. Ela está no saguão, indo para as portas.

É um prédio antigo. A maioria das portas é de metal. Mas há um par de portas giratórias também, apenas grandes placas de vidro.

Os primeiros skatistas costumavam sem querer dar com a cara em paredes de vidro de vez em quando, o que era um problema. Acabou se tornando um problema maior quando toda essa coisa de Kouriers começou e os skatistas começaram a passar muito mais tempo surfando rápido por ambientes tipo escritório, onde paredes de vidro são consideradas um conceito sensacional. E é por isso que um skate caro como este definitivamente é, como se pode perceber, como um recurso de segurança extra-adicional, o Projetor de Onda de Choque em Cone Estreito RadiKS. Ele funciona na hora, o que é ótimo, mas só se pode usá-lo uma vez (ele tira sua energia de uma carga explosiva), e aí é preciso levar a prancha para a oficina a fim de substituí-la.

É uma coisa de emergência. Estritamente um botão antipânico. Mas isso é legal. Y. T. se certifica de que está apontando diretamente para as portas giratórias de vidro e então pressiona o botão de pé apropriado.

É – meu Deus – como se você esticasse uma lona sobre um estádio para transformá-lo num atabaque gigante e depois mergulhasse um 747 em cima. Ela sente seus órgãos internos se moverem vários centímetros. Seu coração troca de lugar com o fígado. As solas de seus pés ficam dormentes e começam a formigar. E ela não está sequer no caminho da onda de choque.

O vidro de segurança nas portas giratórias não quebra e cai no chão simplesmente, como ela imaginou que aconteceria. Ele explode para fora dos caixilhos. Ele se derrama para fora do prédio e cai nos degraus da frente. Um instante mais tarde, ela segue.

A ridícula cascata de degraus de mármore branco na frente do prédio só dá a ela mais tempo de rampa. Quando Y. T. alcança a calçada, já conseguiu fácil, fácil, velocidade suficiente para ir até o México.

Quando ela está passando pela avenida larga, mirando no posto da alfândega a 500 metros de distância, que ela vai ter de pular, algo lhe diz para olhar para cima.

Porque, afinal de contas, o prédio do qual ela acabou de escapar é uma torre que se ergue sobre ela, muitos andares cheios de sujeitos assustadores dos Federais, e todos os alarmes estão disparando. A maioria das janelas não pode

ser aberta, tudo o que eles podem fazer é olhar pelas vidraças. Mas há pessoas no telhado. Em sua maior parte, o telhado é uma floresta de antenas. Se aquilo ali é uma floresta, esses sujeitos são os gnomos assustadores que vivem nas árvores. Eles estão prontos para a ação, estão com os óculos de sol, têm armas, estão todos olhando para ela.

Mas somente uma arma está fazendo mira. E a coisa com a qual ele está apontando para ela é enorme. O cano é do tamanho de um bastão de beisebol. Ela pode ver o flash do cano saindo de dentro dele, envolto em uma súbita rosquinha de fumaça branca. Ele não apontou diretamente para ela; apontou para a frente dela.

O coelhinho atordoador pousa na rua, bem à sua frente, quica no ar e detona a uma altitude de dez metros.

O quarto de segundo seguinte: não há nenhum flash brilhante para deixá-la cega, e por isso ela consegue mesmo ver a onda de choque se expandindo em uma esfera perfeita, dura e palpável como uma bola de gelo. Onde a esfera entra em contato com a rua, ela forma uma frente de onda circular, fazendo pedrinhas quicarem, virando caixas velhas de sanduíches do McDonald’s que há muito haviam sido amassadas e trazendo uma poeirinha fina de todas as minúsculas rachaduras do asfalto; o efeito é de uma nevasca microscópica. Acima, a onda de choque fica pendendo no ar, correndo na direção dela com a velocidade do som, uma lente de ar que achata e refrata tudo do outro lado. Ela passa direto.

42

Quando Hiro sobe a passagem em sua motocicleta às cinco da manhã, a cidade de Port Sherman, Oregon, subitamente surge diante dele: um flash de loglo amarelo enrolado num imenso vale em forma de U construído diretamente na rocha, há muito tempo, por uma grande língua de gelo em um período épico de cunilíngue geológica. Há apenas uma leve poeira de ouro ao redor das margens, onde o vale se desvanece na floresta tropical, e que vai ficando mais espessa e intensa à medida que se aproxima do porto: uma grande e estreita faixa semelhante a um fiorde, cortada na costa reta do Oregon, uma trincheira dura e fria de água negra que segue direto até o Japão.

Hiro está de volta à Costa. É uma sensação agradável, depois da corrida da noite passada. Rednecks demais, montanheses demais.

Nem mesmo a 15 quilômetros de distância e um e meio de altura é uma visão bonita. Longe do distrito central do porto, Hiro consegue enxergar alguns pontos vermelhos, o que é um pouco melhor que o amarelo. Ele gostaria de ver alguma coisa em verde, azul ou púrpura, mas não parece haver nenhuma vizinhança feita nessas cores de gourmet.

Mas também esse não é exatamente um serviço gourmet.

Ele desce cerca de 500 metros estrada abaixo, para em uma rocha achatada num espaço aberto – mais ou menos à prova de emboscadas – e coloca seus óculos para entrar no Metaverso.

– Bibliotecário?

– Sim, senhor.

– Inanna.

– Uma figura da mitologia suméria. Culturas posteriores a conheceram como Ishtar ou Esther.

– Deusa do bem ou do mal?

– Do bem. Uma deusa amada.

– Ela tinha algum rolo com Enki ou Asherah?

– Em grande parte com Enki. Ela e Enki se deram bem e mal em diferentes ocasiões. Inanna era conhecida como a rainha de todos os grandes *me*.

– Pensei que os *me* pertenciam a Enki.

– E pertenciam. Mas Inanna foi até a Abzu – a fortaleza de água na cidade de Eridu onde Enki armazenava os *me* – e fez com que Enki lhe desse todos os *me*. Foi assim que os *me* foram liberados na civilização.

– Fortaleza de água, hein?

– Sim, senhor.

– Como Enki se sentiu a respeito?

– Ele os entregou a ela de boa vontade, aparentemente porque estava bêbado e fascinado pelos charmes físicos de Inanna. Quando ficou sóbrio, tentou caçá-la e pegá-los de volta, mas ela o enganou.

– Vamos entrar na semiótica – murmura Hiro. – A Jangada é a fortaleza de água de L. Bob Rife. É lá que ele armazena todas as suas coisas. Todos os seus *me*. Juanita foi para Astoria, que era o mais próximo de onde se podia chegar da Jangada, há dois dias. Acho que ela está tentando dar uma de Inanna.

– Em outro mito popular sumério – lembra o Bibliotecário –, Inanna desce para o mundo inferior.

– Continue – diz Hiro.

– Ela recolhe todos os seus *me* e entra na terra sem retorno.

– Que ótimo.

– Ela atravessa o mundo inferior e alcança o templo que é governado por Ereshkigal, deusa da Morte. Ela está viajando sob falsas alegações, que são facilmente detectadas pela onisciente Ereshkigal. Mas Ereshkigal permite que ela entre no templo. Quando Inanna entra, suas roupas, joias e *me* são arrancados dela e ela é levada, nua em pelo, perante Ereshkigal e os set e juízes do mundo inferior. Os juízes “aferrolharam seus olhos sobre ela, os olhos da morte; à palavra deles, à palavra que tortura o espírito, Inanna foi transformada num cadáver, um pedaço de carne podre, e foi pendurada em um gancho na parede”. Kramer.

– Maravilha. Por que diabos ela faria uma coisa assim?

– Como Diane Wolkstein ressalta: “Inanna desistiu... tudo o que ela havia realizado na vida até ser despida, sem nada restar a não ser seu desejo de renascer... por causa de sua jornada ao mundo inferior, ela assumiu os poderes e os mistérios da morte e do renascimento”.

– Ah. Então creio que a história ainda não acabou?

– O mensageiro de Inanna aguarda por três dias, e como ela não retorna do mundo inferior, vai até os deuses pedir a ajuda deles. Nenhum dos deuses está disposto a ajudar, exceto Enki.

– Então nosso camaradinha, Enki, o deus hacker, tem de pagar a fiança pra tirar a vagaba do inferno.

– Enki cria duas pessoas e as envia para o mundo inferior para resgatar Inanna. Por intermédio da magia delas, Inanna é trazida de volta à vida. Ela retorna do mundo inferior, acompanhada por um cortejo de mortos.

– Juanita foi até a Jangada há três dias – diz Hiro. – Está na hora de entrar no modo hacker.

***

A Terra ainda está onde ele a deixou, com um zoom para mostrar uma vista ampliada da Jangada. À luz do papo da noite passada com Chuck Wrightson, não é difícil achar a parte da Jangada que foi tomada pelos Ortos quando o *Enterprise* passou pela RETEKK algumas semanas atrás. Há uns dois cargueiros soviéticos gigantescos amarrados juntos, com um enxame de barquinhos ao redor deles. A maior parte da Jangada tem um tom morto e orgânico de marrom, mas essa seção é toda de fibra de vidro branca: veículos de lazer saqueados dos bem fornidos aposentados da RETEKK. Milhares deles.

Agora a Jangada está na costa de Port Sherman, então, Hiro deduz, é lá onde os sumos sacerdotes de Asherah estão se reunindo. Em alguns dias, eles estarão em Eureka, depois São Francisco, depois LA: um link de terra flutuante, amarrando as operações dos Ortos na Jangada ao ponto mais próximo disponível no continente.

Ele dá as costas para a Jangada, passa deslizando pelo oceano até Port Sherman para fazer um pouco de reconhecimento ali.

Descendo ao longo do cais, há um belo crescente de motéis baratos com logotipos amarelos. Hiro passa por eles, procurando nomes russos.

Isso é fácil. Há um Spectrum 2000 no meio do cais. Como o nome implica, cada um tem uma ampla variedade de quartos, de armários no saguão com slots nos quais você precisa enfiar moedas para entrar e dormir até suítes luxuosas na cobertura. E toda uma faixa de quartos foi alugada por um bando de pessoas com nomes terminando em -off e -ovski e outros sufixos eslavos que dão na pinta. Os soldados da infantaria dormem no saguão, retinhos e apertadinhos nos armários de moeda junto de suas AK-47s, e os sacerdotes e generais moram em belos quartos lá no alto. Hiro faz uma pausa para se perguntar o que um sacerdote ortodoxo russo pentecostal faz com um Magic Fingers.

A suíte na cobertura está sendo alugada por um cavalheiro que atende pelo nome de Gurov. O Sr. KGB em pessoa. Fresco demais para ficar na Jangada de verdade, aparentemente.

Como é que ele saiu da Jangada e foi parar em Port Sherman? Se isso envolve atravessar 200 milhas do Pacífico Norte, deve ser um navio de tamanho decente.

Em Port Sherman, há meia dúzia de marinas. No momento, a maioria delas está entupida de barquinhos marrons. Parece uma situação pós-tufão, onde algumas centenas de milhas quadradas de oceano foram varridas de sampanas que se empilharam contra o lugar mais duro que havia por perto. Só que a coisa é um pouquinho mais organizada.

Os Refus já estão vindo para a margem. Se eles forem inteligentes e agressivos, provavelmente sabem que daqui conseguirão andar até a Califórnia.

Isso explica por que as docas estão entupidas de barquinhos vagabundos. Mas um deles ainda parece uma marina particular. Ele tem cerca de uma dezena de veículos branquinhos e limpos, alinhados de modo certinho em seus molhes, sem confusão. E a resolução dessa imagem é boa o suficiente para que Hiro consiga ver o cais salpicado de minúsculas rosquinhas, provavelmente anéis de sacos de areia. Essa seria a única maneira de manter seu cais particular ainda particular quando a Jangada estivesse no limite offshore.

Os números, as bandeiras e outros itens de identificação são mais difíceis de distinguir. O satélite tem dificuldade para pegar isso.

Hiro verifica se a CIC tem algum pesquisador freelance em Port Sherman. Eles devem ter, porque a Jangada está aqui, e a CIC espera fazer um grande negócio vendendo informações sobre a CIC para todos os ansiosos habitantes litorâneos entre Skag Way e a Terra do Fogo.

De fato. Há algumas pessoas hospedadas ali naquela cidade, fazendo uploads das últimas de Port Sherman. E uma delas é simplesmente um babaca com uma câmera de vídeo que sai por ali tirando fotos de tudo.

Hiro analisa esse material em fast forward. Grande parte dele é tirada da janela do hotel do pesquisador freelance: horas e horas de cobertura da corrente de barquinhos marrom-merda lutando para chegar ao porto, amarrados até a borda da minijangada que está se formando na frente de Port Sherman.

Mas é semiorganizada, pelo fato de que alguns tiras aquáticos aparentemente autoapontados estão rodando por ali num barco a motor, apontando armas para as pessoas e gritando num megafone. E isso explica por que, não importa o quanto a bagunça no porto aumente, existe sempre uma faixa vazia no meio do fiorde, na direção do mar. E o final dessa faixa vazia é o belo píer com os barcos grandes.

Há dois grandes navios ali. Um deles é um grande barco de pesca com uma bandeira com o emblema dos Ortos, que consiste apenas em uma cruz e uma chama. É um óbvio saque da RETEKK; o nome na proa é RAINHA DE KODIAK, e os Ortos nem se importaram em mudá-lo ainda. O outro barco grande é um pequeno veículo de cruzeiro, feito para transportar gente rica confortavelmente até lugares bacanas. Ele tem uma bandeira verde e parece estar ligado à Grande Hong Kong do Sr. Lee.

Hiro faz mais algumas buscas nas ruas de Port Sherman e descobre que ali existe um franchulado de bom tamanho da Grande Hong Kong do Sr. Lee. No estilo típico de Hong Kong, é mais um borrifo de pequenos edifícios e quartos por toda a cidade. Mas é um borrifo denso. Denso o bastante para que Hong Kong tenha diversos empregados full time ali, incluindo um procônsul. Hiro puxa a foto do sujeito para reconhecê-lo: um cavalheiro sino-americano enrugado, na casa dos cinquenta. Então não é um franchulado automatizado, sem intervenção humana, como normalmente se vê no Lower 48.

43

Quando ela acordou pela primeira vez, ainda estava usando seu macacão da RadiKS, mumificada com silver tape, deitada no chão de uma van Ford velha de merda que disparava no meio de lugar nenhum. Isso não a deixou num humor muito favorável. O coelhinho atordoador a deixou com um sangramento nasal persistente e uma eterna dor de cabeça latejante, e toda vez que a van passava por um buraco, sua cabeça batia no piso de aço corrugado.

Primeiro, ela estava apenas puta. Depois, começou a ter breves momentos de medo – queria ir para casa. Depois de oito horas na traseira da van, não havia dúvida em sua mente de que ela queria ir para casa. A única coisa que a impedia de desistir era curiosidade. Até onde ela podia dizer daquele ponto de vista assumidamente ruim, aquilo não parecia uma operação dos federais.

A van saiu da rodovia, tomou uma estrada vicinal e entrou num estacionamento. As portas traseiras da van se abriram, e duas mulheres entraram. Pelas portas abertas, Y. T. viu o logo de arco gótico de uma franquia dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne.

– Ah, coitadinha – disse uma das mulheres. A outra apenas soltou um gemido abafado de horror ao vê-la naquelas condições. Uma delas simplesmente pegou com carinho a cabeça dela e começou a acariciar seus cabelos, deixando-a tomar um refresco doce num copinho de isopor, enquanto a outra carinhosamente tirava a silver tape.

Seus sapatos já haviam sido tirados quando ela acordou na parte de trás da van, e ninguém lhe ofereceu outro par. E tudo havia sido retirado de seu macacão. Todas as coisas legais haviam desaparecido. Mas eles não haviam mexido embaixo do macacão. Ela ainda tinha as plaquinhas de identificação. E mais uma coisa, uma coisa entre suas pernas chamada dentata. Não havia como eles terem descoberto isso.

Ela sempre soube que as plaquinhas de identificação eram provavelmente falsas mesmo. O Tio Enzo não ia sair por aí distribuindo suas lembranças de guerra para garotas de quinze anos. Mas elas poderiam mesmo assim provocar um efeito em alguém.

As duas mulheres se chamam Marla e Bonnie. Ficam com ela o tempo todo. Não só com ela, mas tocando-a. Muitos abraços, apertões, mão na mão e gente mexendo no seu cabelo. Na primeira vez em que ela vai ao banheiro, Bonnie vai com ela, abrindo a porta para a privada e ficando ali em pé junto com ela. Y. T. acha que Bonnie está com medo de que ela desmaie no vaso ou coisa do gênero. Mas, na vez seguinte em que ela precisa mijar, Marla vai com ela. Ela não tem a menor privacidade.

O único problema é que ela não consegue negar que gosta disso, de uma certa maneira. O passeio na van doeu. Doeu mesmo, muito. Ela nunca se sentira tão só em sua vida. E agora está descalça e indefesa num lugar estranho e estão dando a ela o que ela precisa.

Depois de alguns minutos para se refrescar – seja lá o que for que isso signifique – dentro dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne, ela, Marla e Bonnie sobem numa grande van comprida sem janelas. O chão era acarpetado, mas sem bancos, todo mundo se sentava no chão. A van estava lotada quando abriram as portas traseiras. Vinte pessoas estavam imprensadas ali dentro, todas jovens, sorridentes e cheias de energia. Parecia impossível; Y. T. se encolheu para longe, recuando diretamente para Marla e Bonnie. Mas um urro animado veio do pessoal da van, dentes brancos brilhando na penumbra, e as pessoas começaram a se espremer mais para abrir caminho para elas.

Ela passou a maior parte dos dois dias seguintes dentro da van, espremida entre Bonnie e Marla, segurando constantemente as mãos delas; não conseguia nem tirar meleca do nariz sem permissão. Eles cantaram músicas felizes até o cérebro dela virar tapioca. Brincaram de jogos bobos.

Umas duas vezes por hora, alguém na van começava a balbuciar alguma coisa, igualzinho aos Falabalas. Igualzinho ao pessoal dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne. O blá-blá-blá se espalhava pela van como uma doença contagiosa, e num instante estava todo mundo falando igual.

Todo mundo menos Y. T. Ela não conseguia entender aquilo. Parecia apenas algo embaraçosamente imbecil para ela. Então ela simplesmente começou a imitar o que eles faziam.

Três vezes por dia, eles tinham a chance de comer e evacuar. Isso sempre acontecia em Suburbiclaves. Y. T. podia senti-los saindo da interestadual, encontrando seu caminho por alamedas tortuosas, pátios, caminhos e círculos projetados. Uma porta de garagem se abria eletricamente, a van entrava, a porta se fechava atrás deles. Eles entravam numa casa suburbana, só que sem nenhuma mobília e outros toques familiares, e ficavam sentados no chão em quartos vazios – um para garotos, outro para garotas – e comiam bolo e biscoitos. Isso sempre acontecia num aposento totalmente vazio dentro de uma casa, mas a decoração sempre era diferente: num lugar, papel de parede florido tipo campestre e vestígios de cheiro de Glade velho. Em outro, papel de parede azulado com jogadores de hóquei, jogadores de futebol americano, jogadores de basquete. Em mais outro, apenas paredes brancas com velhas marcas de giz de cera. Sentada nesses quartos vazios, Y. T. estudava as velhas riscas de móveis arrastados no chão, as marcas dentadas no piso de ardósia, e ficava devaneando sobre elas como uma arqueóloga, pensando sobre as famílias há muito idas que um dia viveram ali. Mas, quanto mais próximos do fim da viagem, menos ela prestava atenção nisso.

Na van, ela não conseguia ouvir nada a não ser cantos e orações, não via nada a não ser os rostos imprensados de seus companheiros. Quando paravam para colocar gasolina, faziam isso em caminhões gigantes parados no meio do nada, estacionando na ilha de bomba de gasolina mais distante para que ninguém ficasse perto deles. E eles nunca paravam de dirigir. Apenas eram passados de um motorista para o seguinte.

Por fim, eles chegaram a uma costa. Y. T. conseguia sentir o cheiro do mar. Passaram alguns minutos esperando, o motor ligado, e em seguida a van passou por cima de um tipo de limiar, subiu algumas rampas, parou, puxou o freio de mão. O motorista desembarcou e os deixou inteiramente sozinhos na van pela primeira vez. Y. T. ficou feliz porque a viagem tinha acabado.

Então tudo começou a estremecer, como um ruído de motor mas muito maior. Ela não sentiu nenhum movimento até alguns minutos depois, quando

percebeu que tudo estava balançando suavemente. A van estava estacionada em um navio, e o navio estava partindo para o mar.

***

É um navio de verdade. Um navio de merda, velho, enferrujado, que provavelmente custou cerca de cinco pratas no ferro-velho de navios. Mas ele transporta carros, e navega pela água, e não afunda.

O navio é praticamente igual à van, só que maior, com mais gente. Mas eles comem a mesma coisa, cantam as mesmas canções e dormem tão raramente quanto antes. A esta altura, Y. T. acha isso perversamente reconfortante. Ela sabe que está com muitas outras pessoas iguais a ela e que está segura. Ela conhece a rotina. Ela sabe a que lugar pertence.

E assim, finalmente, eles chegam à Jangada. Ninguém disse a Y. T. que é para lá que estão indo, mas agora é óbvio. Ela devia estar apavorada. Mas eles não estariam indo para a Jangada se fosse tão ruim quanto todos dizem.

Quando a Jangada começa a aparecer, ela meio que espera que eles voem para cima dela com silver tape novamente. Mas aí ela percebe que não é necessário. Ela não causou problemas. Ela foi aceita ali, eles confiam nela. Isso lhe dá um sentimento de orgulho, de certa forma.

E ela não vai causar problemas na Jangada porque tudo o que ela pode fazer é fugir do grupo deles para a Jangada propriamente dita. Como tal. A verdadeira Jangada. A Jangada de uma centena de filmes B de Hong Kong e quadrinhos japoneses sangrentos. Não é preciso muita imaginação para pensar no que acontece a garotas americanas louras de quinze anos sozinhas na Jangada, e essa gente sabe disso.

Às vezes, ela pensa em sua mãe com preocupação, e então endurece o coração e pensa que talvez tudo isso será bom para ela. Vai sacudi-la um pouquinho. Depois que papai foi embora, ela simplesmente se fechou como um pássaro de origami jogado no fogo.

Há uma espécie de nuvem exterior de barquinhos cercando a Jangada à distância de algumas milhas. Quase todos são barcos de pesca. Alguns deles transportam homens com armas, mas eles não se metem com essa barca. A barca

passa por essa zona externa, fazendo uma curva ampla, finalmente mirando em uma vizinhança branca num dos flancos da Jangada. Literalmente branca. Todos os barcos ali são limpos e novinhos. Há uns dois barcos grandes e enferrujados com letras em cirílico na lateral, e a barca para ao lado de um deles. Cordas são jogadas e depois reforçadas com redes, pranchas para caminhar, teias de pneus velhos descartados.

Esse negócio da Jangada não parece bom território para skate.

Ela se pergunta se alguma das outras pessoas a bordo daquela barca é skatista. Não parece provável. Na verdade, eles não são mesmo seu tipo de pessoas. Ela sempre foi uma rata das rodovias, não um desses tipinhos de ficar numa rodinha cantando. Talvez a Jangada seja justamente o tipo de lugar para ela.

Eles a conduzem para um dos navios russos e lhe dão o trabalho mais nojento de todos os tempos: cortar peixe. Ela não quer um trabalho, não pediu por um. Mas é o que recebe. Mesmo assim, ninguém fala com ela, ninguém se importa de explicar nada, e isso faz com que ela hesite em perguntar. Ela simplesmente entrou de cabeça numa imensa onda de choque cultural, porque a maioria das pessoas nesse navio é velha, gorda, russa e não fala inglês.

Por dois dias, Y. T. passa muito tempo dormindo no trabalho, sendo acordada aos cutucões pelas senhoras russas robustas que trabalham naquele lugar. Ela também come um pouco. Alguns dos peixes que passam por aquele lugar parecem meio estragados, mas há uma grande quantidade de salmão. Ela só sabe disso por ter comido sushi no shopping: salmão é aquela coisinha vermelho-alaranjada. Então ela faz um pouco de sushi por conta própria, mastiga um pouco de carne fresca de salmão, e é bom. Faz a cabeça dela ficar mais leve.

Assim que ela supera o choque e começa a entrar numa rotina, começa a olhar ao seu redor, observando as outras senhoras que cortam peixe, e percebe que as coisas são assim para cerca de 99% das pessoas do mundo. A pessoa está neste lugar. Há outras ao seu redor, mas elas não a entendem e ela não as entende, mas as pessoas falam muitas bobagens sem sentido mesmo. Para continuar viva, ela precisa passar o dia inteiro, todo dia, fazendo um trabalho imbecil e sem sentido. E a única maneira de sair dele é desistir, sair fora, se

mandar e sair para o mundo louco, onde qualquer um será engolido e nunca mais ouvirão falar dele novamente.

Y. T. não é especialmente boa em cortar peixe. As mulheres russas, grandonas e atarracadas – babushkas de cara achatada e de andar desajeitado – continuam a encher o saco dela. Elas não saem de perto; ficam observando-a cortar com um olhar que diz que elas não conseguem acreditar em como essa garota é uma besta. Então tentam mostrar a ela como fazer do jeito certo, mas mesmo assim ela continua não sendo tão boa. É duro, e as mãos dela estão frias e rígidas o tempo todo.

Depois de dois dias frustrantes, eles lhe dão um novo trabalho, mais além na linha de produção: transformam-na numa atendente de cafeteria, como uma das funcionárias preguiçosas da cantina da sua escola de segundo grau. Ela trabalha na cozinha de um dos grandes navios russos, carregando panelões de peixe cozido até a fila do bufê, servindo tudo em tigelas e empurrando-as para o outro lado do balcão para uma fila interminável que consiste de fanáticos religiosos, fanáticos religiosos e mais fanáticos religiosos. Só que, desta vez, parece haver muito mais asiáticos e quase nenhum americano.

Eles têm uma nova espécie ali também: pessoas com antenas saindo das cabeças. As antenas parecem aquelas que se veem em walkie-talkies de policiais: coisinhas pretas, grossas e curtas de borracha. Elas sobem por trás da orelha. A primeira vez em que ela vê uma dessas pessoas pensa que deve ser um tipo de walkman novo, e ela quer perguntar ao sujeito aonde foi que ele conseguiu aquilo, e o que é que ele está ouvindo. Mas é um sujeito esquisito, mais estranho que todos os outros, com um olhar distante permanente e murmurando sem parar, e acaba que ele a assusta tanto que ela simplesmente empurra uma dose extragrande de cozido para ele e desce a fila correndo.

De vez em quando, ela realmente reconhece uma das pessoas que estavam com ela na van. Mas eles parecem não reconhecê-la; elas simplesmente a atravessam com o olhar. Olhos vidrados. Como se tivessem sofrido lavagem cerebral.

Como se Y. T. tivesse sofrido lavagem cerebral.

Ela não consegue acreditar que levou todo esse tempo para descobrir o que estavam fazendo com ela. E isso só faz com que ela fique mais puta ainda.

44

Na Realidade, Port Sherman é um burgo surpreendentemente minúsculo, com realmente apenas alguns quarteirões. Até a chegada da Jangada, ela tinha uma população total de umas duas mil pessoas. Agora a população deve estar acima de 50 mil. Hiro precisa reduzir um pouco a velocidade ali porque os Refus estão todos dormindo na rua por enquanto, o que é um obstáculo para o tráfego.

Tudo bem, isso salva sua vida. Porque, logo em seguida à sua entrada em Port Sherman, as rodas de sua motocicleta travam – os raios ficam rígidos – e o trajeto passa a ficar muito cheio de solavancos. Dois segundos depois, a moto inteira morre, torna-se um bloco inerte de metal. Nem o motor funciona. Ele olha a tela plana em cima do tanque de combustível, querendo um relatório de status, mas ela só mostra neve. O bios sofreu um crash. Asherah possuiu sua moto.

Então ele a abandona no meio da rua e começa a caminhar na direção do cais do porto. Atrás dele, dá para ouvir os Refus acordando, lutando para sair debaixo de seus cobertores e sacos de dormir, convergindo para cima da moto caída, cada um deles tentando ser o primeiro a reclamá-la para si.

Hiro consegue ouvir uma reverberação profunda no peito, e por um instante ele se lembra da motocicleta do Corvo em LA, de como ele primeiro a sentiu e só foi ouvi-la depois. Mas não há motocicletas por ali. O som vem de cima. É um helicóptero. Do tipo que voa.

Hiro consegue sentir o cheiro das algas marinhas podres na praia de tão perto que está. Ele dobra uma esquina e percebe que está na rua do cais, olhando diretamente para a fachada do Spectrum 2000. Do outro lado, água.

O helicóptero está subindo o fiorde, seguindo sua linha do mar aberto para a terra, indo direto para o Spectrum 2000. Ele é pequeno, um objeto ágil com muito vidro. Hiro consegue ver as cruzes pintadas por toda parte onde as estrelas vermelhas costumavam ficar. Ele brilha e reluz na luz azul fria do começo da manhã porque está soltando uma trilha de estrelas, labaredas de magnésio azul-

embranquecidas que saem de dentro dele com alguns segundos de diferença, pousando na água abaixo, onde continuam a queimar, deixando um caminho astral que marca a extensão do porto. Elas não estão ali para ter uma aparência cool. Elas estão ali para confundir mísseis guiados por calor.

De onde ele está, não dá para ver o telhado do hotel, porque está logo em frente ao prédio. Mas ele tem a sensação de que GUROV deve estar esperando ali, no topo do edifício mais alto de Port Sherman, esperando uma evacuação ao amanhecer para levá-lo para o céu de porcelana e dali para a Jangada.

Pergunta: por que ele está sendo evacuado? E por que estão preocupados com mísseis guiados por calor? De repente Hiro se dá conta de que tem alguma merda rolando.

Se ele ainda tivesse a moto, poderia subir a escada de incêndio com ela e descobrir o que está acontecendo. Mas ele não tem a moto.

Ele ouve um *tunc* retumbante no telhado de um prédio à sua direita. É um prédio velho, uma das estruturas pioneiras originais de cem anos atrás. As pernas de Hiro se dobram, seu queixo cai, os ombros se curvam involuntariamente, ele olha na direção do som. E alguma coisa captura seu olhar, alguma coisa pequena e escura, disparando para longe do prédio como um dardo e subindo no ar como um pardal. Mas, quando está a cem metros de distância, já sobre a água, o pardal pega fogo, tosse uma grande nuvem de fumaça amarela pegajosa, se transforma numa bola de fogo branca e pula para a frente. Sua velocidade aumenta cada vez mais, rasgando o centro do porto, até chegar ao pequeno helicóptero, atravessando o vidro da frente e saindo por trás. O helicóptero se transforma numa nuvem de chamas que descarta pedaços escuros de metal, como uma fênix irrompendo de sua casca.

Aparentemente, Hiro não é o único sujeito na cidade que odeia Gurov. Agora Gurov precisa descer e entrar num barco.

O saguão do Spectrum 2000 é um acampamento armado, cheio de homens barbados com armas. Eles ainda estão montando sua defesa; mais soldados estão se arrastando para fora de seus armários de moeda, vestindo suas jaquetas, pegando suas armas. Um sujeito escurinho, provavelmente um sargento tártaro que sobrou do Exército Vermelho, está correndo pelo saguão vestindo um

uniforme modificado dos fuzileiros soviéticos, gritando com pessoas, empurrando-as para todos os lados.

Gurov pode até ser santo, mas não pode andar na água. Ele vai ter de sair para a rua do cais, descer dois quarteirões até o portão que o deixará entrar no cais protegido e entrar a bordo da *Rainha de Kodiak,* que está esperando por ele, com fumaça preta começando a sair de suas chaminés, as luzes começando a se acender. Logo abaixo no píer, depois da *Rainha de Kodiak*, está o *Kowloon,* que é o grande barco da Grande Hong Kong do Sr. Lee.

Hiro dá as costas ao Spectrum 2000 e começa a subir e descer correndo as ruas do cais, vasculhando os logotipos até ver aquele que deseja: o da Grande Hong Kong do Sr. Lee.

Não querem deixá-lo entrar. Ele mostra o passaporte; as portas se abrem. O guarda é chinês, mas fala um pouquinho de inglês. Essa é a medida de como as coisas são estranhas em Port Sherman: eles têm um guarda na porta. Normalmente, a Grande Hong Kong do Sr. Lee é um país aberto, sempre procurando novos cidadãos, mesmo que sejam os mais pobres Refus.

– Desculpe – diz o guarda com uma voz de taquara rachada e sem nenhuma sinceridade. – Eu não sabia... – Aponta para o passaporte de Hiro.

O franchulado é literalmente um sopro de ar fresco. Não tem aquela ambientação de Terceiro Mundo, nem tem cheiro de urina. O que significa que deve ser o quartel-general local, ou perto dele, porque a maior parte dos imóveis de Port Sherman de posse de Hong Kong provavelmente consiste de nada além de um pistoleiro protegendo um telefone público num saguão. Mas aquele lugar é espaçoso, limpo e bonito. Algumas centenas de Refus o encaram pelas janelas, mantidos a distância não pelo mero vidro, mas pela eloquente promessa das três casinhas de Coisas-Rato alinhadas ao longo de um muro. Pelo aspecto delas, duas acabaram de ser instaladas recentemente. Aumentar a segurança quando a Jangada está passando compensa.

Hiro segue até o balcão. Um homem está conversando num telefone em cantonês, o que significa que ele está, na verdade, aos gritos. Hiro o reconhece como o procônsul de Port Sherman. Ele está profundamente envolvido naquela conversa, mas definitivamente notou as espadas de Hiro, e o está observando com cuidado.

– Estamos muito ocupados – diz o homem, desligando.

– Agora vocês estão muito mais – fala Hiro. – Gostaria de alugar seu barco, o *Kowloon*.

– É muito caro – diz o homem.

– Acabei de jogar fora uma motocicleta topo de linha nova em folha no meio da rua porque não estava com vontade de empurrá-la meio quarteirão até a garagem – revela Hiro. – Tenho na minha conta um crédito que vai deixar você maluco.

– O barco está quebrado.

– Aprecio sua educação em não querer sair e simplesmente dizer não – diz Hiro. – Mas, por acaso, sei que ele na verdade não está quebrado, e por isso devo considerar sua recusa equivalente a um não.

– Não está disponível – retruca o homem. – Ele está sendo usado.

– Ele ainda não deixou o cais – insiste Hiro –, portanto você pode cancelar esse contrato usando uma das desculpas que você acabou de me dar, e aí pagarei mais dinheiro a você.

– Não podemos fazer isso – fala o homem.

– Então vou para a rua informar aos Refus que o *Kowloon* está partindo para LA em exatamente uma hora, e que ele tem espaço suficiente para levar vinte Refus junto. É de quem chegar primeiro – diz Hiro.

– Não – diz o homem.

– Vou dizer a eles que falem com você pessoalmente.

– Para onde você quer ir no *Kowloon*? – pergunta o homem.

– Para a Jangada.

– Ah, por que é que você não disse antes? – questiona o homem. – É para onde nosso outro passageiro está indo.

– Você tem mais alguém que quer ir para a Jangada?

– Foi o que eu falei. Seu passaporte, por favor.

Hiro o entrega. O homem o enfia num slot. O nome, os dados pessoais e as fotos 3 x 4 de Hiro são transferidos digitalmente para a memória bios do franchulado, e com um pouquinho de trabalho no teclado, o homem o convence a cuspir uma carteira de identidade com foto e plastificada.

– Entre no cais com isto – diz o homem. – Ele vale por seis horas. Você faz seu próprio acordo com o outro passageiro. Depois disso, nunca mais quero ver você novamente.

– E se eu precisar de mais atendimento consular?

– Eu sempre posso sair e dizer às pessoas – responde o homem – que um crioulo com espadas está à solta estuprando refugiadas chinesas.

– Hmm. Não é exatamente o melhor atendimento que já tive em uma Grande Hong Kong do Sr. Lee.

– Isto aqui não é uma situação normal – reclama o homem. – Olhe para a janela, seu babaca.

Aparentemente as coisas não mudaram muito no cais. Os Ortos organizaram sua defesa no saguão do Spectrum 2000: a mobília foi virada, barricadas foram montadas. Dentro do hotel, Hiro supõe uma furiosa atividade em andamento.

Ainda não está claro de quem os Ortos estão se defendendo. Abrindo seu caminho pela área do cais, Hiro não consegue ver muita coisa: apenas mais Refus chineses com roupas baggy. Só que alguns têm um aspecto mais alerta do que outros. Eles possuem um aspecto totalmente diferente. A maioria dos chineses está com os olhos na lama à frente de seus pés e a cabeça em outro lugar. Mas alguns deles estão simplesmente passeando de um lado para o outro da rua, olhando para todos os lados, alertas, e a maioria dessas pessoas por acaso é de jovens vestindo jaquetas volumosas e cortes de cabelos de um universo estilístico completamente diferente do que os outros apresentam. Há até evidências de gel de cabelo.

A entrada para os cais dos ricos está bloqueada por sacos de areia, arame farpado e guardas. Hiro se aproxima devagar, deixando as mãos à vista, e mostra seu passe para o chefe da guarda, que é a única pessoa branca que Hiro viu até agora em Port Sherman.

E assim ele entra no cais. Sem mais aquela. Assim como o franchulado de Hong Kong, ele está vazio, silencioso e não fede. Ele sobe e desce suavemente, flutuando com a maré, de um jeito que Hiro acha relaxante. O cais na verdade é apenas um trem de jangadas, plataformas de pranchas construídas sobre pedações flutuantes de isopor, e se não fosse protegido provavelmente acabaria sendo arrastado e amarrado na Jangada.

Ao contrário de uma marina normal, ela não é quieta nem isolada. Normalmente, as pessoas ancoram seus barcos, trancam-nos e vão embora. Ali, pelo menos uma pessoa está em cada barco, tomando café, deixando as armas bem à vista, observando Hiro com muito cuidado enquanto ele sobe o cais. Periodicamente, a intervalos de menos de um minuto, o cais ecoa num estrondo de passadas, e um ou dois russos passam correndo por Hiro, na direção do *Rainha do Kodiak*. São todos jovens, todos tipos marinheiro/soldado, e estão se jogando dentro do *Rainha do Kodiak* como se fosse o último barco saindo do Inferno, com oficiais gritando, correndo para seus postos, executando freneticamente suas tarefas de marinheiros.

No *Kowloon*, as coisas estão bem mais calmas. Ele também está vigiado, mas a maior parte das pessoas parece ser composta por garçons e taifeiros, vestindo uniformes estalando de novos com botões de bronze e luvas brancas. Uniformes feitos para ser usados no interior dos navios, em salas de jantar agradáveis e climatizadas. Alguns poucos membros da tripulação podem ser vistos de um lugar ou outro, os cabelos pretos penteados para trás com gel, vestindo windbreakers escuros para se proteger do frio e da água. Hiro só consegue ver um homem no *Kowloon* que parece ser um passageiro: um caucasiano branco e magro de terno preto, passeando pelo convés e conversando em um telefone portátil. Provavelmente algum babacão da indústria que quer sair para um cruzeiro durante o dia, dar uma olhada nos Refus da Jangada enquanto está sentado numa sala de jantar, jantando como um gourmet.

Hiro está a meio caminho do cais quando a confusão estoura na margem, em frente ao Spectrum 2000. Começa com uma longa série de rajadas de metralhadora que não parece fazer muito estrago, mas limpa a rua rapidinho. 99% dos Refus simplesmente evaporam. Os outros, os jovens que Hiro havia notado antes, sacam interessantes armas high-tech de suas jaquetas e desaparecem dentro de passagens e edifícios. Hiro consegue acompanhar o ritmo deles no começo, começa a recuar cais abaixo, tentando ficar entre alguns dos barcos maiores e a ação para não ser atingido por uma rajada perdida.

Uma brisa fresquinha vem da água e desce pelo cais. Passando pelo *Kowloon*, ela pega o cheiro de bacon fritando e café sendo coado, e Hiro não

consegue deixar de meditar sobre o fato de que sua última refeição foi metade de uma cerveja barata num Kelley's Tap em um Snooze 'n' Cruise.

A cena na frente do Spectrum 2000 evoluiu para um rugido generalizado de ruído branco inacreditavelmente alto enquanto todas as pessoas dentro e fora do hotel disparam suas armas de um lado para outro na rua.

Alguma coisa toca seu ombro. Hiro se vira para afastá-la e percebe que está olhando para uma garçonete chinesa baixinha que desceu do *Kowloon* até o cais. Quando consegue a atenção dele, ela coloca as mãos de volta a onde elas estavam originalmente, a saber, coladas nas orelhas.

– Você é Hiro Protagonist? – ela murmura, basicamente inaudível sobre o ruído ridículo do tiroteio.

Hiro faz que sim com a cabeça. Ela também assente, recua e acena com a cabeça na direção do *Kowloon*. Com as mãos coladas nas orelhas, parece algum tipo de movimento de dança folk.

Hiro a segue cais abaixo. Talvez eles o deixem fretar o *Kowloon* afinal. Ela o conduz pela prancha de alumínio.

Quando ele atravessa a prancha, olha para um dos conveses superiores, onde dois membros da tripulação estão parados, usando seus windbreakers escuros. Um deles está inclinado contra uma amurada, observando o tiroteio por um par de binóculos. Outro tripulante, um sujeito mais velho, se aproxima dele, inclina-se para examinar suas costas e lhe dá dois tapas entre as omoplatas.

O sujeito larga os binóculos para ver quem está batendo nele. Seus olhos não são chineses. O cara mais velho diz alguma coisa para ele, faz um gesto na garganta. Também não é chinês.

O cara do binóculo que faz sim com a cabeça levanta uma das mãos e pressiona um interruptor na lapela. Quando ele volta a se virar, há uma palavra escrita nas costas em eletropigmento verde neon: MÁFIA.

O sujeito mais velho lhe dá as costas; o windbreaker dele diz a mesma coisa.

Hiro se vira no meio da prancha. Há vinte tripulantes à vista ao redor dele. Subitamente, todos os windbreakers dizem MÁFIA. Subitamente, estão todos armados.

45

– Eu estava planejando entrar em contato com a Grande Hong Kong do Sr. Lee e fazer uma reclamação sobre o procônsul deles aqui em Port Sherman – Hiro brinca. – Ele não foi nem um pouco cooperativo hoje de manhã quando insisti em alugar este barco de vocês.

Hiro está sentado na sala de jantar de primeira classe do *Kowloon*. No outro lado da toalha de mesa de linho branco está o homem que Hiro havia anteriormente rotulado como o babaca da indústria de férias. Ele está impecavelmente vestido em um terno preto e tem um olho de vidro. Ele não fez questão de se apresentar, como se estivesse esperando que Hiro já soubesse quem ele é.

O homem não parece achar graça na história de Hiro. Ele parece não estar dando a mínima.

– E...?

– Não vejo motivos para prestar queixa agora – diz Hiro.

– Por que não?

– Bem, porque agora eu entendo a relutância dele em tirar vocês daqui.

– Como assim? Você tem dinheiro, não tem?

– Sim, mas...

– Ah! – exclama o homem do olho de vidro, se permitindo a dar meio que um sorriso forçado. – Porque somos a Máfia, você quer dizer.

– Isso – diz Hiro, sentindo seu rosto esquentar. Nada como fazer de si mesmo um completo idiota. Não senhor, não há nada igual a isso.

Do lado de fora, a batalha não passa de um burburinho. Essa sala de jantar tem isolamento acústico contra ruídos, água, vento e chumbo quente voando, graças a uma dupla camada de vidro incrivelmente espesso. O espaço entre os painéis está cheio de algum material frio e gelatinoso. O rugido não parece tão constante quanto antes.

– Metralhadoras filhas da puta – diz o homem. – Odeio elas. Talvez apenas uma de cada mil balas realmente atinja alguma coisa que valha a pena. E elas arrasam com meus ouvidos. Quer café, alguma coisa?

– Seria ótimo.

– Daqui a pouco vai chegar um bufê ótimo. Bacon, ovos, frutas frescas como você nunca viu.

O sujeito que Hiro havia visto antes, no convés, dando tapas nas costas do Homem do Binóculo, enfia a cabeça dentro da sala.

– Desculpe, chefe, mas estamos entrando, tipo, na terceira fase do nosso plano. Achei que o senhor gostaria de saber.

– Obrigado, Livio. Me avise quando os Ivans chegarem ao cais. – O sujeito toma um gole do seu café e percebe que Hiro parece confuso. – Sabe, nós temos um plano, e o plano está dividido em fases diferentes.

– Sim, isso eu entendi.

– A primeira fase era imobilização. Derrubar o helicóptero deles. Depois tivemos a Fase Dois, que era fazê-los achar que estávamos tentando matá-los no hotel. Acho que essa fase teve um grande sucesso.

– Eu também acho.

– Obrigado. Outra parte importante dessa fase era trazer você até aqui, o que também já foi feito.

– Eu faço parte desse plano?

O homem do olho de vidro dá um sorriso seco.

– Se não fizesse, já estaria morto.

– Então você sabia que eu estava vindo para Port Sherman?

– Sabe aquela garota, a Y. T.? Aquela que você estava usando para nos espionar?

– Sei. – Não há mais como negar.

– Pois é, nós a usamos para espionar você.

– Por quê? Por que diabos vocês se importam comigo?

– Isso seria um desvio tangencial de nossa conversa principal, que trata de todas as fases do plano.

– Ok. Acabamos de terminar a Fase Dois.

– Agora, na Fase Três, que está em execução, nós deixamos que eles pensem que estão fazendo uma figura incrível e heroica, correndo rua abaixo na direção do cais.

– Fase Quatro! – grita o tenente Livio.

– *Scusi* – diz o homem do olho de vidro, empurrando a cadeira para trás, dobrando o guardanapo e deixando-o em cima da mesa. Ele se levanta e sai da sala de jantar. Hiro o segue até o convés superior.

Cerca de vinte russos estão tentando abrir caminho à força pelo portão que dá para o cais. Apenas alguns deles conseguem entrar ao mesmo tempo, e então acabam enfileirados ao longo de uns cem metros, todos correndo para a segurança do *Rainha do Kodiak*.

Mas uns dez ou onze conseguem permanecer unidos num bolinho: um grupo de soldados formando um escudo humano ao redor de um pequeno aglomerado de homens no centro.

– Bambambãs – diz o homem do olho de vidro, balançando a cabeça filosoficamente.

Todos correm de lado cais abaixo, abaixados o máximo possível, disparando uma ou outra rajada de metralhadora até Port Sherman.

O homem do olho de vidro força a vista contra uma brisa fria e súbita. Ele se vira para Hiro com um leve sorriso.

– Dê só uma olhada nisso – ele diz, e aperta um botão em uma caixinha preta em sua mão.

A explosão é como uma única batida de tambor, que vem de toda parte ao mesmo tempo. Hiro consegue senti-la vindo pela água, fazendo seus pés tremerem. Não há grandes chamas nem nuvem de fumaça, mas uma espécie de efeito gêiser que dispara por baixo do *Rainha do Kodiak*, mandando jatos de água vaporosa branca para cima como asas que se desdobram. As asas se fecham numa súbita chuva, e depois o *Rainha do Kodiak* parece incrivelmente baixo na água. Baixo e ficando cada vez mais baixo.

Todos os homens que descem correndo pelo cais subitamente param de correr.

– Agora – o Homem do Binóculo murmura em sua lapela.

Algumas explosões menores acontecem no cais. Todo o cais balança e se contorce como uma cobra na água. Um segmento em especial, o segmento que contém os bambambãs, balança e vibra violentamente, levantando fumaça de ambas as extremidades. Ele foi solto com explosões do resto do cais.

Todos os seus ocupantes caem na mesma direção quando ele balança para o lado e começa a se mover, arrancado do lugar. Hiro vê o cabo de atracação erguendo-se da água ao ser esticado, correndo cerca de 200 metros até um barquinho aberto com um motor grande, que está agora saindo do porto.

Ainda há uns dez guarda-costas no segmento. Um deles avalia a situação, aponta sua AK-47 para o barco que os está rebocando e perde seu cérebro. Há um atirador no convés superior do *Kowloon*.

Todos os outros guarda-costas jogam as armas na água.

– Hora da Fase Cinco – diz o homem do olho de vidro. – Um puta café da manhã.

Quando ele e Hiro se sentam novamente na sala de jantar, o *Kowloon* já saiu do cais e está indo na direção do fiorde, seguindo um curso paralelo até o menor barco que está rebocando o segmento. Enquanto comem, eles podem olhar pela janela e ver, a algumas centenas de metros de distância, o segmento os acompanhando. Todos os bambambãs e guarda-costas estão sentados agora, mantendo os centros de gravidade baixos enquanto o segmento balança violentamente.

– Quanto mais nos afastamos da terra, maiores as ondas ficam – explica o homem do olho de vidro. – Odeio essa merda. Eu só quero segurar o café da manhã no meu estômago por tempo suficiente para durar até o almoço.

– Amém – diz Livio, colocando ovos mexidos no prato.

– Vocês vão apanhar aqueles caras lá fora? – pergunta Hiro. – Ou vão deixá-los lá fora um tempo?

– Fodam-se eles. Que fiquem lá fora congelando a bunda. Aí, quando os trouxermos para dentro, eles estarão prontos. Não vão resistir muito. Ora, pode até ser que eles falem conosco.

Todo mundo parece bastante faminto. Por um tempo, eles simplesmente caem de boca no café da manhã. Depois de um certo tempo, o homem do olho de

vidro quebra o gelo anunciando como a comida está ótima, e todos concordam. Hiro acha que agora ele pode falar.

– Eu estava me perguntando por que vocês estavam interessados em mim. – Hiro acha que esta é sempre uma coisa boa de se saber no caso da Máfia.

– Estamos todos na mesma gangue feliz – diz o homem do olho de vidro.

– E que gangue é essa?

– A gangue de Lagos.

– Hein?

– Bem, na verdade não chega a ser de fato a gangue dele. Mas foi ele o sujeito que nos reuniu. Ele foi o núcleo ao redor do qual tudo se formou.

– Como, por que e o que é que você está falando?

– Ok. – Ele afasta o prato, dobra o guardanapo e o coloca em cima da mesa. – Lagos tinha uma série de ideias. Ideias sobre todo tipo de coisa.

– É, eu percebi.

– Ele tinha pilhas espalhadas por toda parte, sobre muitos assuntos diferentes. Pilhas de onde ele puxava conhecimento de todo o mapa, porra, e amarrava isso tudo. Ele tinha essas coisas armazenadas aqui e ali pelo Metaverso, esperando que as informações se tornassem úteis.

– Mais de uma pilha? – pergunta Hiro.

– Supostamente. Bem, alguns anos atrás, Lagos foi falar com L. Bob Rife.

– Foi?

– É. Veja, Rife tem um milhão de programadores trabalhando para ele. Era paranoico com o fato de que pudessem estar roubando seus dados.

– Eu sei que ele estava colocando escutas nas casas deles e coisas do gênero.

– A razão pela qual você sabe disso é porque encontrou isso na pilha de Lagos. E a razão pela qual Lagos achou relevante procurar isso é porque ele estava fazendo pesquisa de mercado. Procurando alguém que pudesse pagar a ele uma grana preta pelas coisas que ele havia desenterrado na pilha Babel/Infocalipse.

– Ele achava – acrescenta Hiro – que L. Bob Rife poderia fazer uso de alguns vírus.

– Isso. Veja, não entendo nada desse negócio. Mas acho que ele encontrou um vírus velho ou coisa parecida que tinha como alvo os pensadores da elite.

– Os sacerdotes tecnológicos – fala Hiro. – Os infocratas. Esse vírus eliminou toda a infocracia da Suméria.

– Não faz diferença.

– Isso é loucura – diz Hiro. – É tipo assim, você descobre que seus empregados estão roubando canetas esferográficas e aí você os pega e os mata. Ele não seria capaz de usá-lo sem destruir todas as mentes de seus programadores.

– Em sua forma original – diz o homem do olho de vidro. – Mas a questão é que Lagos queria pesquisar isso.

– Pesquisa de guerra informática.

– Bingo. Ele queria isolar essa coisa e modificá-la para que pudesse ser usada para controlar os programadores sem detonar os cérebros deles.

– E funcionou?

– E alguém sabe? Rife roubou a ideia de Lagos. Simplesmente pegou e fugiu com ela. E, depois disso, Lagos não fazia ideia do que Rife faria com aquilo. Mas, dois anos depois, ele começou a ficar preocupado com muitas coisas que andava vendo.

– Como o crescimento explosivo dos Portões Celestiais do Reverendo Wayne?

– E esses russos que falam em línguas. E o fato de que Rife estava fazendo escavações naquela cidade velha...

– Eridu.

– Isso. E a coisa da radioastronomia. Havia um monte de coisas que estavam preocupando Lagos. Então ele começou a se aproximar das pessoas. Ele se aproximou de nós. Ele se aproximou daquela garota com a qual você costumava sair...

– Juanita.

– Isso. Boa garota. E ele foi falar com o Sr. Lee. Então você poderia dizer que algumas poucas pessoas diferentes andaram trabalhando nesse projetinho.

46

– Para onde eles foram? – pergunta Hiro. Todo mundo já está olhando para o flutuador, como se todos tivessem notado ao mesmo tempo que ele não estava mais lá. Finalmente eles o veem, meio quilômetro atrás deles, parado na água. Os bambambãs e os guarda-costas estão em pé agora, todos olhando na mesma direção. O barco a motor está dando voltas para recuperá-lo.

– Eles devem ter descoberto uma forma de soltar o cabo de rebocamento – sugere Hiro.

– Improvável – diz o homem do olho de vidro. – Ele estava preso ao fundo, embaixo d'água. E é um cabo de aço, por isso não havia como eles o cortarem.

Hiro vê outro pequeno barco flutuando na água, a cerca de meio caminho entre os russos e o barco a motor que os estava rebocando. Não é óbvio porque é pequeno, está perto da linha da água e é pintado em cores naturais sem brilho. É um caiaque de um homem só. E o homem que está nele tem cabelos compridos.

– Merda – pragueja Livio. – De onde diabos ele vem?

O piloto do caiaque olha para trás por alguns instantes, lendo as ondas, e então, subitamente, dá meia-volta e começa a remar com força, acelerando, olhando para trás depois de algumas remadas. Uma grande onda vem vindo, e assim que ela faz uma marola embaixo do caiaque, ele iguala a velocidade dela. O caiaque permanece na crista da onda e dispara para a frente como um míssil, cavalgando a marola, subitamente indo duas vezes mais rápido do que qualquer coisa na água.

Cavando a onda com uma extremidade de seu remo, o piloto do caiaque faz algumas correções toscas em sua trajetória. Então ele estaciona o remo de través sobre o caiaque, mete a mão dentro do barco e retira um objeto escuro e pequeno, um tubo com cerca de 60 centímetros de comprimento, que ele coloca sobre um ombro.

Ele e o barco a motor passam um pelo outro em direções opostas, separados por um intervalo de menos de dez metros. Então o barco a motor explode.

O *Kowloon* passou desse local por alguns milhares de metros. Ele está dando a volta da melhor maneira que um veículo deste tamanho pode dar, tentando dar um 180 graus para poder voltar e lidar com os russos e, o que é um pouco mais problemático, com o Corvo.

O Corvo está remando de volta para seus colegas.

– Mas que babaca – diz Livio. – O que é que ele vai fazer, rebocar os sujeitos para a Jangada com aquele caiaquezinho de merda?

– Isso me dá um medo dos diabos – revela o homem do olho de vidro. – Certifique-se de que temos alguns caras lá em cima com Stingers. Eles devem ter algum helicóptero a caminho ou alguma outra coisa.

– Não há nenhum outro navio no radar – diz um dos outros soldados, vindo do tombadilho. – Só nós e eles. E também não tem nenhum helicóptero.

– Você sabe que o Corvo está carregando uma arma nuclear, não sabe? – pergunta Hiro.

– Ouvi dizer. Mas aquele caiaque não é grande o bastante. Ele é minúsculo. Não posso acreditar que ele fosse sair para o mar com um negócio desses.

Uma montanha está crescendo no mar. Uma bolha de água negra que continua subindo e aumentando. Bem atrás da Jangada, uma torre negra apareceu, despontando verticalmente da água, um par de asas surgindo de seu topo. A torre continua ficando cada vez maior até que, na frente e atrás, a montanha sobe e assume uma forma. Estrelas vermelhas e alguns números. Mas ninguém precisa ler os números para saber que é um submarino. Um submarino nuclear.

Então ele para. Tão perto dos russos em sua jangadinha que Gurov e seus amigos podem praticamente pular em cima dela. O Corvo rema na direção deles, cortando as ondas como uma faca de vidro.

– Puta que me pariu! – exclama o homem do olho de vidro. Ele está completamente pasmo. – Puta que me pariu, puta que me pariu, puta que me pariu. O Tio Enzo vai ficar puto.

– Você não tinha como saber – diz Livio. – Atiramos neles?

Antes que o homem do olho de vidro possa tomar uma decisão, a arma do convés no topo do subnuclear se abre. A primeira cápsula os erra por uma questão de metros.

– Ok, temos uma situação que está evoluindo rapidamente. Hiro, venha comigo.

A tripulação do *Kowloon* já avaliou o tamanho da situação e colocou suas apostas no submarino nuclear. Eles estão correndo para cima e para baixo ao longo das amuradas, jogando cápsulas grandes de fibra de vidro na água. As cápsulas se abrem para revelar dobras de um laranja brilhante, que florescem e se transformam em balsas salva-vidas.

Assim que os atiradores do convés do subnuclear percebem como atingir o *Kowloon*, a situação começa a evoluir ainda mais rápido. O *Kowloon* não sabe decidir se afunda, queima ou simplesmente se desintegra, então faz todas as três coisas ao mesmo tempo. A essa altura, a maioria das pessoas que estavam sobre ele já chegou até uma das balsas. Eles todos flutuam na água, começam a vestir trajes de sobrevivência laranja e ficam olhando para o subnuclear.

O Corvo é a última pessoa a descer para o submarino. Ele passa um ou dois minutos removendo um equipamento de seu caiaque: alguns objetos em sacolas e uma lança de dois metros e meio com uma ponta translúcida em forma de folha. Antes de desaparecer pela escotilha, ele se volta para os destroços do *Kowloon* e segura o arpão sobre a cabeça, um gesto de triunfo e uma promessa ao mesmo tempo. Então ele desaparece. Dois minutos depois, o submarino também já foi.

– Isso me dá um medo dos diabos – diz o homem do olho de vidro.

47

Assim que começa a ficar claro para ela, novamente, que essas pessoas são todas malucas e doentes, ela começa a notar outras coisas a respeito delas. Por exemplo, ninguém nunca a olha no olho. Especialmente os homens. Não há sexo nenhum nesses caras, de tanto que eles são travados. Y. T. entende por que eles não olham para as babushkas gordas. Mas ela é uma gatinha americana de quinze anos, e está acostumada a ser olhada de vez em quando. Ali não.

Até ela levantar a cabeça de seu grande tonel de peixe um dia e descobrir que está olhando para o peito de algum sujeito. E quando ela acompanha o peito dele subindo até o pescoço, e seu pescoço subindo até seu rosto, vê olhos escuros olhando bem para ela, bem por cima do tampo do balcão.

Ele tem uma coisa escrita na testa: SEM CONTROLE EMOCIONAL. O que é meio assustador. E sexy também. Isso dá a ele uma certa medida de romance que nenhuma dessas outras pessoas possui. Ela estava esperando que a Jangada fosse escura e perigosa, mas em vez disso é bem tipo o lugar onde a mãe dela trabalha. Esse sujeito é a primeira pessoa que ela vê neste lugar que realmente parece pertencer à Jangada.

E ele também tem o visual certo. Incrivelmente estiloso. Embora ele tenha um bigode comprido e fino que não ajude muito seu rosto. Não ajuda suas feições mesmo.

– Você aceita as partes nojentas? Uma ou duas cabeças de peixe? – ela pergunta, balançando a concha de modo pitoresco. Y. T. sempre fala bobagens para as pessoas porque nenhuma delas consegue entender o que ela está dizendo.

– Aceito o que você estiver oferecendo – responde o cara. Em inglês. Um sotaque meio rústico.

– Eu não estou oferecendo nada – ela diz. – Mas se você quiser ficar ali e procurar, tudo bem.

Ele fica ali e procura por um tempo. Tempo suficiente para que as pessoas mais para o fim da fila fiquem na ponta dos pés para ver qual é o problema. Mas quando elas veem que o problema é aquele indivíduo em particular, descem da ponta dos pés rapidinho e meio que se misturam na massa de lã cheirando a peixe.

– O que tem pra sobremesa hoje? – pergunta o sujeito. – Tem alguma coisa doce pra mim?

– Não acreditamos em sobremesa – diz Y. T. – É um pecado, não lembra não, porra?

– Depende de sua orientação cultural.

– Ah, é mesmo? E a que cultura você é orientado?

– Eu sou aleuta.

– Ah. Nunca ouvi falar nessa.

– É porque foderam com a gente – explica o grande e assustador aleuta – mais do que com qualquer outro povo na história.

– Lamento ouvir isso – diz Y. T. – Então, ahn, você quer que eu sirva algum peixe para você ou vai ficar com fome?

O grande aleuta fica olhando para ela por um tempo. Então ele inclina a cabeça e diz:

– Vamos lá. Vamos dar o fora desta porra.

– O quê? E perder este emprego maravilhoso?

Ele sorri de um jeito ridículo.

– Eu consigo um emprego melhor pra você.

– E nesse emprego eu não vou precisar tirar a roupa?

– Vamos nessa. Vamos agora – ele chama, com olhos que a queimam. Ela tenta ignorar uma súbita sensação tensa e quente entre as pernas.

Ela começa a segui-lo pela fila da cafeteria na direção de uma abertura pela qual ela pode sair para a área de jantar. A piranha da babushka-chefe vem pisando nas tamancas desde lá de trás e grita para ela alguma coisa em algum idioma incompreensível.

Y. T. se vira para olhar para trás. Ela sente um par de mãos enormes deslizando pelas laterais do corpo dela, subindo até suas axilas, e ela puxa os braços para o lado, tentando impedir o movimento. Mas não adianta, as mãos

vão até lá em cima e continuam levantando, continuam se erguendo para o ar, levando-a com elas. O grandalhão a passa por cima do balcão como se ela tivesse três anos de idade e a coloca ao seu lado.

Y. T. se vira para ver a babushka-chefe pentelhar, mas a mulher fica paralisada numa mistura de surpresa, medo e ultraje sexual. Porém, no fim, o medo vence; ela desvia o olhar, dá meia-volta e vai substituir Y. T. na posição do tonel número nove.

– Valeu pela carona – agradece Y. T., a voz ondulando e variando de timbre de um modo ridículo. – Ahn, você não queria comer alguma coisa?

– Eu estava pensando em ir lá pra fora, de qualquer maneira – diz ele.

– Lá pra fora? E onde é que se sai lá pra fora na Jangada?

– Vem, vou mostrar pra você.

***

Ele a conduz descendo por corredores e subindo por escadas íngremes de aço até sair no convés. O sol está quase se pondo, a torre de controle do *Enterprise* assoma dura e negra contra um céu cinza-escuro que vai ficando escuro e sombrio tão rápido que parece mais escuro agora do que ficará à meia-noite. Mas, por ora, nenhuma das luzes está acesa e isso é tudo o que há ali, aço negro e céu cor de cimento.

Ela o acompanha descendo o convés do navio até a proa. Dali até a água é uma queda de dez metros, e eles ficam de frente para a vizinhança branca, limpa e próspera do povo russo, separada da maçaroca escura e esquálida da Jangada propriamente dita por um canal largo patrulhado por homens de preto com armas na mão. Não há escada de metal nem de corda ali, mas há uma corda grossa pendurada na amurada. O homenzarrão aleuta puxa uma extensão de corda e a enrola num dos braços e sobre uma das pernas num movimento rápido. Então ele enlaça a cintura de Y. T., prende-a debaixo do braço, curva-se e cai do navio.

Ela absolutamente se recusa a gritar. Y. T. sente que a corda detém seu corpo, sente o braço dele apertá-la com tanta força que, por um instante, ela perde o fôlego, e então ela está pendurada lá, pendurada debaixo do braço dele.

Ela baixou os braços, desafiadora. Mas só pra provocar, ela se inclina para ele, abraça-o pelo pescoço, coloca a cabeça no ombro dele e segura firme. Ele desce num rapel, e num instante eles estão em pé na versão próspera e higienizada russa da Jangada.

– E qual é o seu nome mesmo? – pergunta ela.

– Dmitri Ravinoff – ele responde. – Mais conhecido como o Corvo.

Ih, fodeu.

***

As conexões entre barcos são misturadas e imprevisíveis. Para ir do ponto A ao ponto B, é preciso vagar pelo lugar inteiro. Mas o Corvo sabe para onde está indo. De vez em quando, ele estende a mão, pega a mão dela, mas não a puxa, muito embora Y. T. seja bem mais lenta do que ele. Com frequência, ele se vira e olha para ela com um sorriso sacana, como quem diz: eu poderia machucá-la, mas não vou fazer isso.

Eles chegam a um lugar onde a vizinhança russa se junta ao resto da Jangada através de uma ponte grande feita de pranchas de madeira, vigiada por caras com Uzis. O Corvo os ignora, pega novamente a mão de Y. T. e atravessa a ponte direto com ela. Y. T. mal tem tempo de pensar nas implicações disso até que a ficha cai. Ela olha ao redor, vê todos aqueles asiáticos magros, encarando-a como se ela fosse uma bela de uma refeição, e percebe: eu estou na Jangada. Estou mesmo na Jangada.

– Esses aí são vietnamitas de Hong Kong – explica o Corvo. – Começaram no Vietnã, foram para Hong Kong de barco como refugiados depois da guerra e vivem em sampanas há duas gerações. Não fique com medo, não é perigoso pra você.

– Acho que eu não conseguiria encontrar o caminho de saída – fala Y. T.

– Relaxa – ele diz. – Nunca perdi uma namorada.

– Você *já teve* uma namorada?

O Corvo joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

– Muitas, nos velhos tempos. Nos últimos anos, nem tantas.

– Ah, é? Nos velhos tempos? Foi quando você conseguiu essa tatuagem?

– Foi. Eu sou alcoólatra. Costumava me meter em muita confusão. Estou sóbrio há oito anos.

– Então como é que todo mundo tem medo de você?

O Corvo se vira para ela, dá um sorriso largo e dá de ombros.

– Ah, porque eu sou um assassino incrivelmente impiedoso, eficiente e de sangue-frio. Você sabe.

Y. T. solta uma gargalhada. O Corvo também.

– Qual é a sua profissão? – pergunta Y. T.

– Arpoador – ele responde.

– Que nem em *Moby Dick*? – Y. T. gostou da ideia. Ela leu esse livro na escola. A maioria do pessoal da sua turma, mesmo os supernerds, achou o livro totalmente embaçado. Mas ela gostou de todas as partes que falavam de arpoamento.

– Não. Comparados comigo, aqueles caras do Moby Dick eram um bando de bichinhas.

– Que tipo de coisa você arpoa?

– O que você disser.

Dali em diante, Y. T. fica simplesmente olhando para ele. Ou para objetos inanimados. Porque de outra forma ela não veria nada, a não ser milhares de olhos escuros olhando de volta para ela. Vendo por esse lado, é uma grande mudança da condição de ser uma sopeira para os oprimidos.

Parte disso é justamente porque ela é tão diferente. Mas parte disso é porque não há privacidade na Jangada; você faz seu caminho pulando de um barco para outro. Mas cada barco é o lar de cerca de 35 pessoas, por isso é como se você estivesse constantemente entrando nas salas dos outros. E nos banheiros. E nos quartos. É claro que eles olham.

Eles andam a passos firmes por uma plataforma improvisada construída sobre tambores de óleo. Uma dupla de caras vietnamitas está lá argumentando ou discutindo por alguma coisa, parece um pedaço de peixe. Aquele que está virado na direção deles os vê chegando. Seus olhos passam por Y. T. sem fazer uma pausa, se fixam no Corvo e se arregalam. Ele dá um passo para trás. O sujeito com quem ele está falando, que está de costas para eles, dá meia-volta e

literalmente dá um pulo no ar, soltando um grunhido mal reprimido. Ambos recuam bem para longe do caminho do Corvo.

E aí ela se dá conta de uma coisa importante: esses caras não estão olhando para ela. Não estão sequer dando uma segunda olhadinha. Eles estão todos olhando para o Corvo. E não é simplesmente um caso de celebridade sendo vigiada ou coisa do gênero. Todos esses caras da Jangada, esses caras durões e assustadores do mar, se cagam de medo desse sujeito.

E ela está saindo com ele.

E isso apenas começou.

Subitamente, ao atravessar outra sala de estar vietnamita, Y. T. tem um flash-back da conversa mais excruciante que ela já teve na vida, que foi há um ano atrás, quando sua mãe tentou aconselhá-la sobre que fazer se um garoto se engraçasse com ela. Tá, mãe, legal. Vou me lembrar disso. Tá, vou me lembrar disso de verdade. Y. T. sabia que esse aviso não tinha o menor valor, e isso serve para mostrar que ela tinha razão.

48

Há quatro homens na balsa salva-vidas: Hiro Protagonist, freelance autocontratado da Central Intelligence Corporation, cuja prática costumava se limitar às chamadas operações “secas”, significando que ele se sentava e absorvia informações e depois vomitava tudo na Biblioteca, o banco de dados do CIC, sem jamais fazer alguma coisa concreta. Agora sua prática se tornou formidavelmente molhada. Hiro está armado com duas espadas e uma pistola automática nove milímetros, conhecida coloquialmente como nove, com dois clipes de munição, cada um com onze cápsulas.

Vic, sobrenome não especificado. Se ainda existisse alguma coisa parecida com imposto de renda, então, todos os anos, quando Vic preenchesse seu formulário da Receita, ele escreveria como profissão “atirador de elite”. No estilo clássico dos atiradores de elite, Vic é reticente e fechadão. Ele está armado com um rifle comprido de grosso calibre com um mecanismo volumoso montado na parte superior, onde uma mira telescópica poderia ser encontrada se Vic não estivesse no topo de sua profissão. A natureza exata desse dispositivo não é óbvia, mas Hiro presume que seja um pacote de sensor exoticamente preciso com finos crosshairs de mira sobrepostos no meio. Pode-se pressupor com segurança que Vic esteja carregando consigo pequenas armas adicionais escondidas.

Eliot Chung. Eliot costumava ser o capitão de um barco chamado *Kowloon*. No momento, ele está entre empregos. Eliot cresceu em Watts, e quando fala inglês, parece um negro. Geneticamente falando, ele é inteiramente chinês. Ele é fluente tanto em inglês branco quanto em negro, e também em cantonês, taxilíngua, e um pouco de vietnamita, espanhol e mandarim. Eliot está armado com um revólver Magnum .44, que ele levava a bordo do *Kowloon* “só para o halibute”, ou seja, ele o utilizava para executar halibutes antes que os passageiros os içassem a bordo. Halibutes crescem muito e são capazes de se

debater com tanta violência que podem matar facilmente as pessoas que os pescam; por isso, é prudente disparar alguns tiros nas cabeças deles antes de trazê-los a bordo. Esse é o único motivo pelo qual Eliot carrega uma arma; as outras necessidades defensivas do *Kowloon* eram atendidas por tripulantes especializados nesse tipo de coisa.

– Olho de Peixe.

Esse é o homem do olho de vidro. Ele só se identificará por seu apelido. Ele está armado com uma grande, gorda e preta maleta.

A maleta é robusta, com rodas embutidas, e pesa algo entre seiscentos quilos e uma tonelada métrica, como Hiro descobre quando tenta movê-la. Seu peso transforma o fundo da balsa, normalmente plano, em um cone invertido. A maleta possui um complemento digno de nota: um cabo ou mangueira flexível de uns oito centímetros de espessura, dois metros de extensão, que emerge de um canto, sobe pelo piso inclinado da balsa, cai pela borda e arrasta na água. Na ponta desse misterioso tentáculo há uma peça de metal do tamanho aproximado de um cesto de lixo, mas esculpido de modo tão refinado, com tantas barbatanas e ventoinhas estreitas, que parece ter uma área de superfície do tamanho do estado de Delaware. Hiro só viu essa coisa fora da água por alguns momentos caóticos, quando estava sendo transferida para a balsa salva-vidas. Naquele momento, ela tinha um brilho incandescente. Desde então, ela fica espreitando abaixo da superfície, a luz cinza, impossível de se ver com clareza porque a água ao seu redor está eternamente fervilhando. Bolhas de vapor do tamanho de punhos se misturam no meio de seus traçados fractais de ventoinhas quentes e socam a superfície do oceano incessantemente por todo o dia e por toda a noite. A balsa inerte, flutuando pelo Pacífico Norte, emite uma pluma imensa de vapor que se espalha como a de um Cavalo de Ferro a toda passando pela Continental Divide. Nem Hiro nem Eliot jamais mencionam, ou sequer reparam, o fato a esta altura óbvio de que Olho de Peixe está viajando com uma pequena e autocontida fonte de energia nuclear: quase certamente isótopos radiotérmicos como aqueles que alimentam a Coisa-Rato. Já que Olho de Peixe se recusa a mencionar esse fato, seria rude da parte deles mencioná-lo também.

Todos os participantes estão vestidos em trajes laranja brilhante almofadados que cobrem seus corpos por completo. São a versão Pacífico Norte de coletes

salva-vidas. São grandões e desajeitados, mas Eliot Chung gosta de dizer que, em águas do norte, a única coisa que um colete salva-vidas faz é fazer seu cadáver flutuar.

O bote salva-vidas é uma bala inflável com cerca de três metros de comprimento que não vem equipada com motor. Tem uma tendinha à prova d'água que eles podem fechar com um zíper, transformando o bote numa cápsula selada para que a água fique de fora até mesmo na tempestade mais violenta.

Por dois dias, um vento frio muito forte que desce das montanhas os afasta do Oregon na direção do mar aberto. Eliot explica, animado, que aquele bote fora inventado nos velhos tempos, quando havia navios e guarda-costeira que viria resgatar viajantes perdidos. Só era preciso flutuar e ser laranja. Olho de Peixe tem um walkie-talkie, mas é um dispositivo de curto alcance. E o computador de Hiro é capaz de se conectar à rede, mas em circunstâncias como essa ele funciona como um telefone celular. Não funciona no meio do nada.

Quando o tempo começa a ficar extremamente chuvoso, eles se sentam embaixo da tenda. Quando chove menos, sentam-se em cima dela. Cada um tem seu jeito de matar o tempo.

Hiro fica mexendo em seu computador, é claro. Estar perdido numa balsa no Pacífico é o trabalho perfeito para um hacker.

Vic lê e relê um romance paperback encharcado que ele trazia no bolso de seu windbreaker da MÁFIA quando o *Kowloon* foi explodido embaixo de seus pés. Esses dias de espera são muito mais fáceis para ele. Como atirador profissional, ele sabe como matar o tempo.

Eliot olha para as coisas com seus binóculos, muito embora não haja muito o que se ver. Ele passa muito tempo brincando com a balsa, cuidando dela do jeito que capitães de barcos cuidam. E ele pesca muito. Eles têm muita comida armazenada na balsa, mas o halibute e o salmão frescos ocasionais são bons de comer.

Olho de Peixe retira o que parece ser um manual de instruções da maleta preta pesada. É um fichário em miniatura com páginas de texto impressas a laser. O fichário é apenas um daqueles baratinhos, comprados em papelaria. É perfeitamente familiar a Hiro; ele tem as marcas de um produto high-tech que ainda está em desenvolvimento. Todos os dispositivos técnicos requerem alguma

espécie de documentação, mas aquele material só pode ser escrito pelos técnicos que estão de fato trabalhando no desenvolvimento do produto, e eles absolutamente odeiam isso, sempre deixam para o último minuto. Aí eles digitam alguma coisa num processador de texto, imprimem numa impressora a laser, mandam a secretária do departamento comprar um fichário barato e pronto.

Mas isso só ocupa Olho de Peixe por um breve momento. Ele passa o resto de seu tempo simplesmente olhando para o horizonte, como se estivesse esperando a Sicília aparecer. Não aparece. Ele está arrasado com o fracasso de sua missão e passa muito tempo murmurando baixinho, tentando encontrar um jeito de salvá-la.

– Se você não se importa que eu pergunte – diz Hiro –, qual era a sua missão, afinal?

Olho de Peixe para a fim de pensar nisso um pouco.

– Bem, depende do ponto de vista. Nominalmente, meu objetivo era resgatar uma menina de quinze anos daqueles babacas. Então minha tática era fazer um monte daqueles bambambãs de reféns e depois negociar uma troca.

– Quem é essa garota de quinze anos?

Olho de Peixe dá de ombros.

– Você conhece ela. É a Y. T.

– Esse era realmente todo o seu objetivo?

– O importante, Hiro, é que você precisa compreender o jeito como a Máfia faz as coisas. E o jeito como a Máfia faz as coisas é que nós perseguimos metas maiores sob o disfarce de relacionamentos pessoais. Então, por exemplo, quando você era um entregador de pizza, você não entregava pizzas rápido porque ganhava mais dinheiro dessa maneira ou porque era alguma espécie de porra de política. Você fazia isso porque estava efetuando uma aliança pessoal entre o Tio Enzo e cada cliente dele. É assim que evitamos a armadilha da ideologia autoperpetuadora. Ideologia é um vírus. Então trazer essa menina de volta é mais do que simplesmente trazer uma menina de volta. É a manifestação concreta de uma meta abstrata de política interna. E nós gostamos de coisas concretas. Não é, Vic?

Vic se permite um sorriso debochado e uma gargalhada funda e rouca.

– Qual é a meta abstrata de política interna neste caso? – pergunta Hiro.

– Não é meu departamento – diz Olho de Peixe –, mas acho que o Tio Enzo está muito puto com L. Bob Rife.

***

Hiro está andando na Planolândia. Ele está fazendo isso em parte para conservar as baterias do computador; renderizar um escritório tridimensional requer muitos processadores trabalhando full time, ao passo que um simples display bidimensional de escritório requer energia mínima.

Mas seu verdadeiro motivo para estar na Planolândia é que Hiro Protagonist, último dos hackers freelance, está hackeando. E quando hackers hackeiam, eles não saem por aí mexendo com o mundo superficial de Metaversos e avatares. Eles descem abaixo dessa camada de superfície e entram no mundo subterrâneo de código e nam-shubs embaralhados que lhes dão suporte, onde tudo o que se vê no Metaverso, não importa o quão realista, bonito e tridimensional seja, se reduz a um simples arquivo de texto: uma série de letras em uma página eletrônica. É um retrocesso aos dias em que pessoas programavam computadores por meio de teletipos primitivos e cartões perfurados da IBM.

Desde então, ferramentas de programação bonitinhas e amigáveis para o usuário foram desenvolvidas. É possível programar um computador hoje em dia sentado à sua mesa no Metaverso e conectar manualmente minúsculas unidades pré-programadas, como pecinhas de Lego. Mas um verdadeiro hacker jamais usaria essas técnicas, assim como um mestre em mecânica automobilística não tentaria consertar um carro indo para trás do volante e vendo as luzes idiotas do painel.

Hiro não sabe o que está fazendo, para o que está se preparando. Mas tudo bem. A maior parte do trabalho de programação é uma questão de trabalho de base, construir estruturas de palavras que parecem não ter ligação particular com a tarefa em questão.

De uma coisa ele sabe: o Metaverso agora se tornou um lugar onde qualquer um pode ser morto. Ou pelo menos ter seu cérebro ferrado ao ponto de não fazer

diferença estar morto ou não. Esta é uma mudança radical na natureza do lugar. As armas chegaram ao Paraíso.

Que lhes sirva de lição, ele percebe agora. Eles tornaram o lugar vulnerável demais. Eles perceberam que a pior coisa que podia acontecer era que um vírus pudesse ser transferido para seu computador e o forçasse a tirar seus óculos e reiniciar seu sistema. Talvez destruir alguns dados se fosse burro demais para não instalar nenhuma proteção. Logo, o Metaverso está escancarado e sem defesa, como aeroportos nos dias antes das bombas e dos detectores de metal, como escolas ginasiais antes dos maníacos com rifles. Qualquer um pode entrar e fazer o que quiser. Não há policiais. Ninguém pode se defender, não se podem caçar os bandidos. Vai ser necessário muito trabalho para mudar isso – uma reconstrução fundamental de todo o Metaverso efetuada em um nível planetário, corporativo.

Nesse meio tempo, pode haver um lugar para indivíduos que saibam navegar pelo lugar. Alguns hacks podem fazer um bocado de diferença nessa situação. Um hacker freelance poderia fazer muita merda, anos antes que as fábricas gigantes de software se mexessem para lidar com o problema.

***

O vírus que comeu o cérebro de Da5id era uma série de informações binárias, ele brilhou em seu rosto na forma de um bitmap – uma série de pixels pretos e brancos, onde o branco representa zero e o preto representa um. Eles colocam o bitmap em pergaminhos e dão os pergaminhos para avatares que saem pelo Metaverso procurando por vítimas.

O Clint que tentou infectar Hiro no Black Sun escapou, mas deixou seu pergaminho para trás – não esperava ter seus braços cortados fora –, e Hiro o jogou no sistema de túneis abaixo do piso, o lugar onde os Daemons do Cemitério vivem. Depois, Hiro mandou um Daemon levar o pergaminho até sua oficina. E qualquer coisa que esteja na casa de Hiro está, por definição, armazenada dentro de seu próprio computador. Ele não precisa se conectar a uma rede global para acessar isso.

Não é fácil trabalhar com um fragmento de dados que pode matar o próprio usuário. Mas tudo bem. Na Realidade, as pessoas trabalham com substâncias perigosas o tempo todo – isótopos radioativos e produtos químicos tóxicos. Apenas é necessário ter as ferramentas certas: braços manipuladores remotos, luvas, óculos, vidro revestido com chumbo. E, na Planolândia, quando se precisa de uma ferramenta, é só sentar e escrevê-la. Então Hiro começa escrevendo alguns programas simples que lhe permitem manipular o conteúdo do pergaminho sem jamais vê-lo.

O pergaminho, assim como qualquer outra coisa visível no Metaverso, é um programa de software. Ele contém um código que descreve sua aparência, de modo que seu computador saiba como desenhá-lo, e algumas rotinas que governam a forma como ele se enrola e se desenrola. E ele contém, em algum lugar dentro de si, um recurso, um fragmento de dados, a versão digital do vírus Snow Crash.

Assim que o vírus tenha sido extraído e isolado, é fácil para Hiro escrever um novo programa chamado SnowScan. O SnowScan é um remédio. Isto é, é um código que protege o sistema de Hiro – tanto seu hardware quanto, como Lagos havia dito, seu bioware – do vírus digital Snow Crash. Assim que Hiro instalar o SnowScan em seu sistema, ele irá vasculhar constantemente as informações que vêm de fora, procurando dados que batam com o conteúdo do pergaminho. Se ele notar informação semelhante, ele a bloqueará.

Há mais trabalho a se fazer na Planolândia. Hiro é bom com avatares, então ele escreve para si mesmo um avatar invisível – só porque, no novo e mais perigoso Metaverso, isso poderia vir a calhar. Isso é fácil de fazer de um modo pobre e surpreendentemente difícil de se fazer bem-feito. Quase qualquer pessoa pode escrever um avatar que não se pareça com nada, mas isso a levará a um bocado de problemas quando ele for utilizado. Alguns prédios do Metaverso – incluindo o Black Sun – querem saber o tamanho do avatar de cada um para calcular se ele vai colidir com outro avatar ou algum obstáculo. Se o usuário der uma resposta de zero – ele faz seu avatar infinitamente pequeno –, ou provocará um crash naquele prédio ou o fará pensar que alguma coisa está muito errada. Ele será invisível, mas por toda parte do Metaverso em que passar, deixará um rastro de destruição e confusão de um quilômetro de largura. Em outros lugares,

avatares invisíveis são ilegais. Se seu avatar for transparente e não refletir nenhuma luz – o tipo mais fácil de escrever –, ele será reconhecido no mesmo instante como um avatar ilegal e os alarmes irão disparar. Ele tem de ser escrito de maneira tal que outras pessoas não possam vê-lo, mas que o software da propriedade não perceba que ele é invisível.

Existe um milhão de truquezinhos como esse que Hiro não conheceria se não programasse avatares para gente como Vitaly Chernobyl nos últimos dois anos. Escrever um avatar invisível realmente bom do nada levaria muito tempo, mas ele monta um em algumas horas reciclando pedacinhos e fragmentos de antigos projetos deixados para trás em seu computador. Que é o que os hackers costumam fazer.

Enquanto está fazendo isso, ele encontra um folder já meio antigo com um software de transporte. Isso é uma sobra dos primeiros dias do Metaverso, antes de o Monotrilho existir, quando a única maneira de se locomover era andar ou escrever um programa que simulasse um veículo.

Nos primeiros dias, quando o Metaverso era uma bola preta amorfa, esse era um trabalho trivial. Mais tarde, quando a Rua foi criada e as pessoas começaram a construir propriedades, a coisa ficou mais complicada. Na Rua, é possível passar através dos avatares de outras pessoas. Mas não atravessar paredes. Não se pode entrar em propriedade privada. E não se podem atravessar outros veículos ou instalações permanentes da Rua, como as Portas e as pilastras que sustentam a linha do monotrilho. Se alguém tentar colidir com qualquer uma dessas coisas, não morre nem é expulso do Metaverso; apenas para completamente, como um personagem de desenho animado que corre diretamente para uma parede de concreto.

Em outras palavras, assim que o Metaverso começa a se encher de obstáculos nos quais se poderia trombar, o trabalho de viajar por ele em alta velocidade de repente se torna mais interessante. A manobrabilidade passa a ser uma questão pertinente. O tamanho vira uma questão pertinente. Hiro, Da5id e o resto deles começaram a trocar os veículos enormes e bizarros que tinham no começo – casas vitorianas sobre lagartas de tanques, transatlânticos com rodas, esferas cristalinas de um quilômetro de distância, carruagens de fogo puxadas

por dragões – em favor de pequenos veículos manobráveis. Basicamente motocicletas.

Um veículo no Metaverso pode ser tão rápido e ágil quanto um quark. Não é preciso se preocupar com a física, não há restrições de aceleração, não há resistência do ar. Os pneus nunca cantam e os freios nunca travam. A única coisa que não pode ser evitada é o tempo de reação do usuário. Então, quando estavam correndo com seu mais recente software de motocicleta, fazendo ralis alucinados pelo centro da cidade em Mach 1, eles não se preocupavam com a capacidade dos motores. Eles se preocupavam com a interface com o usuário, com os controles que permitiam ao motociclista transferir suas reações para a máquina para guiar, acelerar ou frear tão rápido quanto ele pudesse pensar. Porque, quando se está em um bando de motociclistas passando por uma área lotada a essa velocidade e dá de cara com alguma coisa e subitamente desacelera à velocidade de exatamente zero, pode esquecer que não irá alcançar mais ninguém. Um erro e o sujeito perdeu.

Hiro tinha uma motocicleta excelente. Ele provavelmente poderia ter tido a melhor da Rua, simplesmente porque seus reflexos são fora do normal. Mas ele estava mais preocupado com luta de espadas do que com andar de motocicleta.

Ele abre a versão mais recente de seu software de motocicleta e familiariza-se com os controles novamente. Ele sobe da Planolândia para dentro do Metaverso tridimensional e pratica pilotar sua moto em seu quintal por um tempo. Além das fronteiras de seu quintal não há nada a não ser trevas, porque ele não está plugado à rede. É uma sensação desolada de estar perdido, como estar flutuando em uma balsa salva-vidas no Oceano Pacífico.

48

Às vezes eles veem navios a distância. Dois deles até parecem virar na direção deles para checar, mas nenhum dá a impressão de estar com aquela vontade louca de fazer um resgate. Existem poucos altruístas nas vizinhanças da Jangada, e deve ser evidente que eles não têm muito que possa ser roubado.

De tempos em tempos, eles veem um velho barco de pesca de águas profundas, com um comprimento de 50 a 100 pés, com cerca de meia dúzia de pequenos barcos aglomerados ao seu redor.

Quando Eliot os informa de que aqueles são navios piratas, Vic e Olho de Peixe ficam espertos. Vic desembrulha seu rifle de dentro da coleção de sacolas Hefty que ele usa para protegê-lo da maresia e destaca a mira imensa para que eles possam usá-lo como luneta. Hiro não consegue ver nenhum motivo para tirar a mira do rifle para fazer isso, além do fato de que, se ele não fizer isso, fica parecendo que está fazendo pontaria no que quer que esteja olhando.

Sempre que um navio pirata aparece, eles todos se revezam olhando para ele pela mira, brincando com todos os diferentes modos sensores: visível, infravermelho e assim por diante. Eliot passou tempo suficiente na Borda para se familiarizar com as cores dos diferentes grupos piratas; então, examinando-as pela mira, ele pode dizer quem são: Clint Eastwood e seu bando os seguem em paralelo por alguns minutos num dia, dando uma checada neles, e os Sete Magníficos enviam um de seus botes para dar um zoom neles e procurar um butim em potencial. Hiro quase torce para que os Sete façam deles prisioneiros, porque eles têm o navio pirata mais bacana: um ex-iate de luxo com tubos de lançamento de mísseis Exocet presos ao convés de proa. Mas esse reconhecimento não leva a lugar nenhum. Os piratas, que não têm nenhuma instrução em termodinâmica, não conhecem as implicações da eterna pluma de vapor que vem de baixo da balsa salva-vidas.

Uma manhã, uma enorme traineira velha se materializa muito perto deles, congelando-se do nada quando a neblina sobe. Hiro já estava ouvindo os motores há algum tempo, mas não conseguia saber a distância.

– Quem são esses? – pergunta Olho de Peixe, engasgando-se com um copo do café congelado que ele tanto despreza. Ele está enrolado num cobertor espacial e parcialmente enfiado embaixo da tenda à prova d'água do barco, deixando apenas o rosto e as mãos de fora.

Eliot os observa com a mira. Ele não é um sujeito muito transparente, mas fica claro que não está muito feliz com o que vê.

– É o Bruce Lee – diz ele.

– Isso é importante? – indaga Olho de Peixe.

– Bom, dá uma checada nas cores – fala Eliot.

O navio está perto o bastante para que todos possam ver a bandeira com muita clareza. É uma bandeira vermelha com um punho prateado no meio, um par de nunchakus cruzados embaixo, as iniciais B e L em cada lado.

– O que têm eles? – pergunta Olho de Peixe.

– Bom, o cara se chama Bruce Lee, então quem é o chefe ali? Ele tem um colete com essas cores nas costas.

– E daí?

– E daí que o colete não é bordado nem pintado. Ele é feito com escalpos. Um trabalho de patchwork.

– Como é que é? – questiona Hiro.

– Há um rumor, só um rumor, cara, de que ele saiu pelos barcos dos Refus procurando pessoas com cabelos vermelhos ou prateados para poder coletar os escalpos de que precisava.

Hiro ainda está absorvendo essa informação quando Olho de Peixe toma uma decisão inesperada.

– Quero falar com esse tal de Bruce Lee – ele avisa. – Ele me interessa.

– Por que diabos você quer falar com esse psicopata filho da puta? – pergunta Eliot.

– É – diz Hiro. – Você não viu aquela série no *Olho Espião*? Ele é um maníaco.

Olho de Peixe leva as mãos ao alto como se para dizer que a resposta é, assim como a teologia católica, além da compreensão mortal.

– É minha decisão – afirma ele.

– E quem é você, porra? – pergunta Eliot.

– Presidente desta porra deste barco – proclama Olho de Peixe. – Acabei de me nomear para o cargo. Temos alguém para imediato?

– Opa – diz Vic, a primeira vez em 48 horas que ele fala.

– Todos a favor digam "sim" – impõe Olho de Peixe.

– Sim – anui Vic, explodindo em eloquência.

– Ganhei – declara Olho de Peixe. – Então, como é que fazemos para esses sujeitos do Bruce Lee virem até aqui e falarem com a gente?

– E por que eles iriam querer? – pergunta Eliot. – Não temos nada que eles queiram, a não ser nossas bundas.

– Está dizendo que esses sujeitos são homossexuais? – quer saber Olho de Peixe, fazendo uma careta.

– Porra, qual é, cara – diz Eliot. – Você nem piscou quando falei dos escalpos.

– Eu sabia que não gostava desse barco de merda – resmunga Olho de Peixe.

– Se faz alguma diferença pra você, eles não são gays no sentido que estamos acostumados a pensar – explica Eliot. – Eles são héteros, mas são piratas. Onde houver algum lugar quentinho e côncavo, eles estão se metendo.

Olho de Peixe toma uma decisão-relâmpago.

– Ok, vocês dois, Hiro e Eliot, vocês são chineses. Tirem a roupa.

– O quê?

– Rápido. Eu sou o presidente, lembram? Querem que Vic faça isso para vocês?

Eliot e Hiro não conseguem evitar: olham para Vic, que está simplesmente sentado ali feito uma batata. Há alguma coisa em sua atitude extremamente blasé que inspira medo.

– Façam isso ou eu mato vocês, caralho – ameaça Olho de Peixe, finalmente explicando a questão.

Eliot e Hiro, balançando desajeitados no piso incerto da balsa, tiram os trajes de sobrevivência e saem de dentro deles. Então despem-se do resto de suas

roupas, expondo suas peles nuas ao ar pela primeira vez em dias.

A traineira emparelha com eles, a não mais que dez metros de distância, e desliga os motores. Estão bem equipados: meia dúzia de botes infláveis Zodiac com novos motores de popa, um míssil tipo Exocet, dois radares e uma metralhadora em cada extremidade do barco, no momento sem ninguém a postos. Dois barcos a motor estão sendo rebocados atrás da traineira como dingas, e cada um deles também tem uma metralhadora pesada. E também há um iate a motor de 36 pés, seguindo-os com seu próprio motor.

O bando pirata de Bruce Lee é composto por uns 25 caras, e todos estão agora enfileirados ao longo da amurada da traineira, sorrindo, assobiando, uivando como lobos e balançando camisinhas extralargas no ar.

– Não se preocupem, caras, não vou deixar eles comerem vocês – diz Olho de Peixe.

– O que é que você vai fazer? – indaga Eliot. – Dar a eles uma encíclica papal?

– Tenho certeza de que eles vão ouvir a voz da razão – garante Olho de Peixe.

– Esses caras não têm medo da Máfia, se é isso que você tem em mente – pondera Eliot.

– É só porque eles não nos conhecem muito bem.

Finalmente aparece o líder, Bruce Lee em pessoa, um sujeito na casa dos quarenta anos usando um colete de Kevlar, por cima um colete de munição, uma bandoleira diagonal, uma espada samurai – Hiro adoraria pegar esse cara –, nunchakus e suas cores, o patchwork de escalpos humanos.

Ele lhes dá um belo sorriso, dá uma olhada em Hiro e Eliot, faz um gesto altamente sugestivo com o polegar para cima e depois percorre a extensão da amurada do barco uma vez, batendo as mãos em high-five com seus homens alegres. De vez em quando, ele escolhe aleatoriamente um dos piratas e faz um gesto para a camisinha do sujeito. O pirata leva a camisinha à boca e sopra até que ela se transforme num balão cheio de protuberâncias. Então Bruce Lee a inspeciona para se certificar de que ela não tem nenhum furo. Obviamente, o sujeito cuida bem do seu navio.

Hiro não consegue deixar de olhar para os escalpos nas costas de Bruce Lee. Os piratas notam seu interesse e brincam com ele, apontando para os escalpos, assentindo, olhando de volta para ele com olhos arregalados, brincalhões. As cores parecem uniformes demais – não há alteração de um tom de vermelho para o seguinte. Hiro conclui que Bruce Lee, ao contrário do que reza sua reputação, deve simplesmente ter saído por aí, arrumado escalpos de qualquer cor velha e depois descolorido e tingido tudo. Que babaca.

Finalmente, Bruce Lee volta ao meio do navio e lhes dá outro sorriso de orelha a orelha. Ele tem um sorriso grande e brilhante e sabe disso; talvez sejam aqueles diamantes Krazy Glued de um quilate colados nos dentes da frente.

– Barco bom – ele avalia. – Talvez eu e você, troca, hein? Hahaha.

Todo mundo na balsa salva-vidas, a não ser por Vic, apenas dá um sorrisinho sem graça.

– Pra onde vocês vão? Key West? Hahaha.

Bruce Lee examina Hiro e Eliot um tempo, gira o dedo indicador para mostrar que eles devem dar uma voltinha e exibir suas partes comerciais. E eles fazem isso.

– *Cuánto?* – Bruce Lee pergunta em espanhol, e todos os piratas vão ao delírio, Bruce Lee mais do que todos. Hiro sente seu esfíncter contrair até chegar ao tamanho de um poro.

– Ele está perguntando quanto custamos – fala Eliot. – Sabe, é uma piada, porque eles sabem que podem vir aqui e comer nossos rabos de graça.

– Ah, que hilário! – comenta Olho de Peixe. Enquanto Hiro e Eliot ficam literalmente com as bundas geladas, ele ainda está todo quentinho debaixo da tenda, o filho da puta.

– Míssil-arpão, quer? – pergunta Bruce Lee, apontando para um dos mísseis antinavio no convés. – Bugs? Motorolas?

– Míssil-arpão é um míssil antinavio Harpoon, muito caro – diz Eliot. – Um bug é um microchip. Motorola seria uma marca, tipo Ford ou Chevy. Bruce Lee trabalha com muitos produtos eletrônicos; sabe como é, o típico pirata asiático.

– Ele nos daria um míssil Harpoon por vocês? – pergunta Olho de Peixe.

– Não, idiota! Ele está sendo sarcástico! – responde Eliot.

– Diga a ele que queremos um barco com motor de popa – diz Olho de Peixe.

– Quer um zode, um kicker, fillerup – diz Eliot.

Subitamente, Bruce Lee fica sério de verdade e chega mesmo a levar isso em conta.

– Scope clause, chomsayen? Gauge, gag.

– Ele vai pensar no caso se eles puderem vir aqui e conferir a mercadoria primeiro – traduz Eliot. – Eles querem checar se a gente é apertadinho e se a gente é capaz de suprimir o reflexo de vômito. São termos da indústria de bordéis da Jangada.

– Ombwas scope tipo dozes pra mim, hahaha.

– Ele está dizendo que nós parecemos ter cus tipo doze – revela Eliot –, isto é, que nós somos arrombados e inúteis.

Olho de Peixe fala por conta própria.

– Não, não, quatro-dez, total!

Todo o convés do navio pirata estremece de excitação.

– De jeito nenhum – discorda Bruce Lee.

– Esses ombwas – diz Olho de Peixe – ainda não foram inaugurados!

Todo o convés explode em gargalhadas rudes e agudas. Um dos piratas corre para se balançar na amurada, gira um punho no ar e grita:

– Ba ka na zu ma lay ga no ma la aria ma na po no a ab zu...

A essa altura, todos os outros piratas pararam de rir, ficaram sérios e se juntaram a ele, urrando seus próprios fluxos de blá-blá-blá, sacudindo o ar com um cântico rouco e ululante.

Os pés de Hiro são levantados do chão quando a balsa se move subitamente; ele vê Eliot cair ao seu lado.

Hiro levanta a cabeça, vê o navio de Bruce Lee e faz uma careta involuntária ao vislumbrar o que parece ser uma onda escura subindo sobre a amurada, lavando a fileira de piratas em pé, começando na proa da traineira e avançando pelo navio. Mas isso é apenas um tipo de ilusão de óptica. Não é realmente uma onda. Subitamente, eles estão a 15 metros da traineira, e não a 20. Quando a risada na amurada morre, Hiro ouve um novo som: um zumbido baixo vindo da direção do Olho de Peixe e da atmosfera ao redor deles, um ruído de algo

sibilando e rasgando, como o som imediatamente antes de um raio cair, como o som de lençóis sendo rasgados ao meio.

Olhando para a traineira de Bruce Lee, ele vê que esse fenômeno da onda escura era uma onda de sangue, como se alguém tivesse feito jorrar no convés uma aorta gigante rompida. Mas ela não veio de fora. Ela brotou dos corpos dos piratas, um de cada vez, movendo-se da proa até a popa. O convés do navio de Bruce Lee está agora totalmente silencioso e sem movimento, exceto pelo sangue e pelos órgãos internos transformados em gelatina deslizando pelo aço enferrujado e caindo com plops suaves na água.

Olho de Peixe está de joelhos agora e rasgou o toldo e o cobertor que o estavam cobrindo até aquele momento. Numa das mãos ele está segurando um dispositivo comprido com cinco centímetros de diâmetro, que é a fonte do ruído. É um feixe circular de tubos paralelos do tamanho de um lápis e com 60 centímetros de comprimento, como uma metralhadora Gatling miniaturizada. Ela gira tão rápido que é difícil distinguir os tubos individuais; quando ela está em operação, é na verdade fantasmagórica e transparente por causa desse movimento rápido, uma nuvem reluzente e translúcida brotando do braço do Olho de Peixe. O dispositivo está ligado a um feixe de tubos e cabos negros do tamanho de um punho que serpenteia para dentro da maleta grande, aberta no fundo da Jangada. A maleta tem um monitor em cores embutido em que gráficos fornecem informações sobre o status desse sistema de armas: quanta munição resta, o status de vários subsistemas. Hiro apenas dá uma olhada de relance nisso antes que toda a munição a bordo do navio de Bruce Lee comece a explodir.

– Viu? Eu disse que eles dariam ouvidos à Razão – comenta o Olho de Peixe, fechando a arma giratória.

Agora Hiro vê uma placa atarrachada num painel de controle.

RAZÃO
VERSÃO 1.0B7
SISTEMA RAILGUN DE HIPERVELOCIDADE
TIPO
GATLING 3MM

NG SECURITY INDUSTRIES, INC.
VERSÃO PRÉ-LANÇAMENTO
NÃO É FEITO PARA USO EM CAMPO
NÃO TESTE EM ÁREAS HABITADAS
– ULTIMA RATIO REGUM –

– Ela tem um coice tão filho da puta que quase nos empurrou até a China – Olho de Peixe diz de modo elogioso.

– Você fez isso? O que foi que aconteceu? – pergunta Eliot.

– Fui eu sim. Com Razão. Veja, ela dispara minúsculas lascas de metal. Elas vão realmente rápido – mais energia do que uma bala de rifle. Urânio empobrecido.

Os canos giratórios estão quase parados agora. Parece que eles são cerca de vinte.

– Eu achei que você detestasse metralhadoras – fala Hiro.

– Detesto esta merda desta balsa mais ainda. Vamos arrumar alguma coisa que ande. Algo que tenha motor.

Devido aos incêndios e a pequenas explosões no navio pirata de Bruce Lee, eles levam um minuto para perceber que várias pessoas ainda estão vivas lá dentro e ainda estão atirando neles. Quando Olho de Peixe se dá conta disso, ele volta a puxar o gatilho, os canos giram até se tornarem um cilindro transparente, e o som de coisas sibilando e rasgando começa novamente. À medida que ele balança a arma de um lado para o outro, mirando no alvo com uma ducha hipersônica de urânio empobrecido, todo o navio de Bruce Lee parece brilhar e reluzir, como se a fada Sininho estivesse voando da proa à popa, espalhando pó mágico nuclear sobre ele.

O iate menor de Bruce Lee comete o erro de dar a volta para ver o que está acontecendo. Olho de Peixe vira-se por um momento na direção deles e a ponte alta e protuberante do barco começa a afundar.

Grandes elementos estruturais da traineira estão perdendo integridade. Eles ouvem ruídos altos de coisas estourando e arrebentando quando grandes pedaços de metal furados como queijo suíço cedem, e a superestrutura vai lentamente

desabando para dentro do casco como um suflê murcho. Quando Olho de Peixe percebe isso, cessa fogo.

– Pode parar, chefia – avisa Vic.

– Estou derretendo! – grita Olho de Peixe.

– Nós podíamos ter usado aquela traineira, idiota – diz Eliot, puxando vingativamente suas calças de volta.

– Eu não queria estragar tudo. Acho que essas balinhas simplesmente perfuram tudo.

– Bem pensado, Olho de Peixe – observa Hiro.

– Bem, desculpe ter agido para salvar seus rabos. Vamos lá, vamos dominar um dos barquinhos deles antes que todos peguem fogo.

***

Eles remam na direção do iate decapitado. Quando o alcançam, a traineira de Bruce Lee é apenas um casco de aço vazio e flutuante pegando fogo e cheio de fumaça, temperado por uma explosão ou outra.

A parte remanescente do iate apresenta muitos, muitos furinhos minúsculos e reluz com fragmentos explodidos de fibra de vidro: um milhão de minúsculas fibras de vidro com cerca de um milímetro de comprimento. O capitão e um membro da tripulação, ou melhor, o cozido no qual eles se transformaram quando a ponte foi atingida pela Razão, deslizaram para a água junto com o resto dos destroços, sem deixar para trás nenhuma prova de que estiveram lá, a não ser por um par de trilhas compridas e paralelas se arrastando pela água. Mas há um garoto filipino na cozinha, porque a cozinha era baixa demais, sem ferimentos e apenas com uma vaga noção do que havia acontecido.

Vários cabos elétricos foram cortados ao meio. Eliot mexe numa caixa de ferramentas no convés inferior e passa as doze horas seguintes remendando coisas até o ponto em que o motor possa ser ligado e o iate possa ser pilotado. Hiro, que tem um conhecimento elementar de eletrotécnica, atua como técnico e consultor meia-boca.

– Você ouviu o jeito como os piratas estavam falando antes de o Olho de Peixe abrir fogo neles? – Hiro pergunta a Eliot enquanto estão trabalhando.

– Quer dizer, aquela linguagem *pidgin*?

– Não. No finalzinho mesmo. Aquele blá-blá-blá.

– Ah, sei. É uma coisa lá da Jangada.

– É?

– É. Um cara começa e o resto acompanha. Acho que é, tipo assim, uma moda.

– Mas isso é comum na Jangada?

– É. Eles todos falam línguas diferentes, você sabe, todos aqueles grupos étnicos diferentes. É como a Torre de Babel. Acho que, quando eles fazem esse som... quando balbuciam... estão apenas imitando o que todos os outros grupos parecem estar falando.

O garoto filipino começa a fazer um pouco de comida para eles. Vic e Olho de Peixe estão sentados na cabine principal no convés inferior, comendo, folheando revistas chinesas, olhando fotos de garotas asiáticas e dando umas olhadas ocasionais em cartas náuticas. Quando Eliot consegue colocar o sistema elétrico para funcionar novamente, Hiro conecta seu computador pessoal nele para recarregar as baterias.

Quando o iate está pronto para navegar, já está escuro. A sudoeste, uma coluna de luz flutuante está se mexendo de um lado para outro de uma camada de nuvens baixas.

– É ali que está a Jangada? – pergunta Olho de Peixe, apontando para a luz, quando todos convergem ao centro de controle improvisado de Eliot.

– É lá mesmo – confirma Eliot. – Eles a iluminam à noite para que os barcos de pesca consigam encontrar o caminho de volta.

– Você acha que estamos muito longe de lá? – pergunta Olho de Peixe.

– Uns 50 quilômetros – diz Eliot.

– E de terra?

– Não faço ideia. O capitão do Bruce Lee provavelmente sabia, mas ele virou purê junto com o resto da tripulação.

– Tem razão – diz Olho de Peixe. – Eu devia ter regulado a arma para “cortar em rodelas”.

– A Jangada normalmente fica pelo menos a 200 metros da terra – diz Hiro. – Para reduzir o perigo de encalhar.

– Como é que estamos de combustível?

– Eu medi o tanque – responde Eliot – e parece que não estamos indo muito bem, pra dizer a verdade.

– Como assim, não estamos indo muito bem?

– Nem sempre é fácil ler o nível quando você está no mar – explica Eliot. – E não conheço a eficiência desses motores. Mas, se estivermos mesmo a 150 ou 200 metros de terra, pode ser que não consigamos chegar.

– Então vamos para a Jangada – determina Olho de Peixe. – Vamos até a Jangada e lá convenceremos alguém de que terá muito a ganhar se nos der um pouco de combustível. Depois, voltamos ao continente.

Ninguém acredita que as coisas vão acontecer desse jeito, muito menos Olho de Peixe.

– E – ele continua – enquanto estivermos lá, na Jangada, depois de pegarmos o combustível e antes de irmos para casa, algumas outras coisas podem acontecer também, vocês sabem. A vida é imprevisível.

– Se você tem alguma coisa em mente, por que é que não fala logo? – diz Hiro.

– Ok. Decisão política. A tática dos reféns falhou. Então vamos para a extração.

– Extração de quê?

– De Y. T.

– Eu topo – confirma Hiro –, mas tem outra pessoa que eu quero extrair também, já que extração vai ser o nosso negócio.

– Quem?

– Juanita. Vamos lá, você mesmo disse que ela era uma garota legal.

– Se ela está na Jangada, talvez não seja tão legal – diz Olho de Peixe.

– Mas eu quero extraí-la assim mesmo. Estamos todos juntos nessa, certo? Somos todos parte da gangue de Lagos.

– Bruce Lee tem algumas pessoas lá – afirma Eliot.

– Correção. Tinha.

– Mas o que eu estou dizendo é: eles vão ficar putos.

– Você acha que eles vão ficar putos. Eu acho que eles vão ficar se cagando de medo – diz Olho de Peixe. – Agora pilote o barco, Eliot. Vamos lá, estou

enjoado de toda essa merda de água.

50

O Corvo conduz Y. T. até um barco de fundo chato com um toldo em cima. É um tipo de barco de rio que foi transformado em um estabelecimento comercial vietnamita/americano/tailandês/chinês, meio que um bar/restaurante/prostíbulo/antro de jogatina. Ele tem alguns quartos grandes, onde muita gente está botando pra quebrar, e um monte de quartinhos minúsculos com paredes de aço lá embaixo, onde Deus sabe que tipo de atividade está acontecendo.

O salão principal está lotado de gente de baixo nível. A fumaça amarra as passagens de seus brônquios em nós granulados. O lugar está equipado com um terrível sistema de som do Terceiro Mundo: pura distorção ecoando de paredes de aço pintadas a 300 decibéis. Um aparelho de televisão aparafusado em uma das paredes exibe desenhos animados estrangeiros, feitos em um esquema de duas cores de magenta desbotado e verde-limão, no qual um lobo-fantasma, parecido com o Coiote do Papa-Léguas com raiva, era repetidamente executado de maneiras mais violentas do que qualquer coisa que a Warner Bros. pudesse pensar. É um *snuff cartoon*. A trilha sonora está completamente desligada ou então está sendo totalmente engolida pela melodia distorcida que sai dos alto-falantes. Um grupo de dançarinas eróticas faz seu show na outra ponta do salão.

Está impossivelmente lotado, eles nunca irão encontrar um lugar para sentar. Mas, pouco depois de o Corvo entrar no salão, meia dúzia de sujeitos no canto subitamente se levantam e se afastam de uma mesa, voltando depois para pegar seus cigarros e bebidas como se os tivessem esquecido. O Corvo empurra Y. T. pelo aposento à sua frente, como se ela fosse uma figura de proa em seu caiaque, e para todo lugar onde eles vão, as pessoas são empurradas para fora de seu caminho pelo quase palpável campo de força pessoal do Corvo.

O Corvo se curva e olha debaixo da mesa, pega uma cadeira do chão e vasculha o lado de baixo – tomar cuidado nunca é demais em se tratando de cadeiras-bomba –, coloca-a no chão, empurra-a de volta até o canto onde duas

paredes de aço se encontram, e se senta. Ele faz um gesto para que Y. T. faça o mesmo, e ela faz, de costas para a ação. Dali, ela pode ver o rosto do Corvo, iluminado em grande parte por ocasionais facas de luz filtradas através da multidão pela bola de espelhos pendurada sobre as dançarinas eróticas e pela névoa verde e magenta generalizada do aparelho de TV, aguçada pelo flash ocasional quando o lobo do desenho comete o erro de engolir outra bomba de hidrogênio ou sofre o infortúnio de ficar na frente de um lança-chamas.

Um garçom aparece imediatamente. O Corvo começa a gritar sobre a mesa para ela. Ela não consegue ouvi-lo, mas talvez ele esteja lhe perguntando o que ela quer.

– Um cheeseburger! – ela grita para ele.

O Corvo dá uma gargalhada, balança a cabeça.

– Você está vendo alguma vaca por aqui?

– Qualquer coisa menos peixe! – ela grita.

O Corvo conversa com o garçom por um instante em alguma variação de Taxilíngua.

– Pedi um pouco de lula pra você – ele grita. – É um molusco.

Ótimo. O Corvo, último dos verdadeiros cavalheiros.

Eles conversam na base do grito por quase uma hora. O Corvo é quem mais berra. Y. T. fica apenas escutando, sorrindo e fazendo que sim com a cabeça. Ela espera que ele não esteja dizendo coisas do tipo “eu gosto de fazer sexo violento e abusivo”.

Mas ela acha que não é nada disso. Ele está falando de política. Ela ouve uma história fragmentada das Aleutas, uma rajada aqui, outra ali, quando o Corvo não está enfiando lula na boca e a música não está alta demais:

– Os russos foderam com... varíola tinha uma taxa de mortalidade de 90%... trabalhavam como escravos na indústria da caça de focas... a loucura de Seward [2]... os japoneses filhos da puta pegaram meu pai em 1942, colocaram ele num campo de prisioneiros de guerra durante a...

– Então os americanos jogaram uma bomba nuclear na gente. Você acredita num negócio desses? – questiona o Corvo. A música dá uma abaixada; subitamente ela consegue ouvir frases inteiras. – Os japoneses dizem que são o único povo que sofreu bombardeio nuclear. Mas toda potência nuclear tem um

grupo aborígene cujo território ela bombardeia para testar suas armas. Nos Estados Unidos, eles bombardearam as Aleutas. Amchitka. Meu pai – revela o Corvo, sorrindo orgulhoso – foi bombardeado duas vezes: uma em Nagasaki, onde ele ficou cego, e depois em 1972, quando os americanos bombardearam nossa terra natal.

Ótimo, pensa Y. T. Ela tem um novo namorado e ele é um mutante. Explica uma ou duas coisas.

– Eu nasci alguns meses depois – continua o Corvo, num jeito de ressaltar isso com firmeza.

– Como foi que você se associou a esses Ortos?

– Eu fugi de nossas tradições e acabei vivendo em Soldotna, trabalhando em oleodutos – explica o Corvo, como se Y. T. soubesse onde fica Soldotna. – Foi lá que comecei a beber e fiz isto – ele diz, apontando para uma tatuagem. – Foi também quando eu aprendi a fazer amor com uma mulher, que é a única coisa que faço melhor que arpoar.

Y. T. não consegue deixar de pensar que foder e arpoar são atividades intimamente relacionadas na mente do Corvo. Mas, por mais tosco que seja o sujeito, ela não consegue deixar de perceber que ele a está deixando com um tesão incontrolável.

– Eu também costumava trabalhar em barcos de pesca para ganhar um dinheirinho extra. Nós voltávamos de uma pesca de halibute de 48 horas – isso foi nos velhos tempos, quando existiam regulamentações para a pesca – e vestíamos os trajes de sobrevivência, enfiávamos latinhas de cerveja nos bolsos, pulávamos na água e ficávamos simplesmente flutuando e bebendo a noite toda. E uma vez a gente estava fazendo isso e eu bebi até desmaiar. E quando acordei, era o dia seguinte, ou talvez dois dias depois, não sei. E eu estava flutuando no meu traje de sobrevivência no meio do Estreito de Cook, totalmente sozinho. Os outros caras do meu barco de pesca haviam se esquecido de mim.

Que conveniente, pensou Y. T.

– De qualquer maneira, flutuei por uns dois dias. Fiquei com uma sede enorme. Acabei chegando à Ilha Kodiak. A essa altura, eu estava realmente mal, com *delirium tremens* e tudo o mais. Mas fui parar perto de uma igreja ortodoxa

russa e eles me encontraram, me aceitaram e me endireitaram. E foi aí que eu vi que o estilo de vida americano ocidental quase havia me matado.

E aí vem o sermão.

– E eu vi que só podemos viver por meio da fé, vivendo um estilo de vida simples. Sem bebida. Sem televisão. Nenhuma dessas coisas.

– E o que é que a gente está fazendo aqui então?

Ele dá de ombros.

– Este é um exemplo dos lugares ruins onde eu costumava ficar. Mas se você quiser comida decente na Jangada, tem de vir a um lugar destes.

Um garçom se aproxima da mesa. Seus olhos são grandes, seus movimentos exploratórios. Ele não veio anotar um pedido; ele veio dar más notícias.

– Senhor, o senhor está sendo procurado no rádio. Desculpe.

– Quem é? – pergunta o Corvo.

O garçom simplesmente olha ao seu redor como se não pudesse sequer pronunciar o nome em público.

– É muito importante – ele diz.

O Corvo dá um suspiro grande, pega um último pedaço de lula e o enfia na boca. Ele se levanta e, antes que Y. T. consiga reagir, lhe dá um beijo na bochecha.

– Meu amorzinho, tenho um trabalho a fazer, ou coisa parecida. Fique aqui esperando por mim, ok?

– *Aqui*?

– Ninguém vai foder contigo – diz o Corvo, tanto para que Y. T. ouça como para que o garçom fique sabendo.

51

A Jangada parece incrivelmente animada quando vista a poucas milhas de distância. Uma dezena de holofotes, e pelo menos a mesma quantidade de lasers, está montada na imensa superestrutura do *Enterprise*, acenando de um lado para outro contra as nuvens como uma *première* em Hollywood. Vista mais de perto, ela não parece tão novinha e brilhante. O vasto emaranhado escuro de barcos pequenos irradia uma nuvem turva de luz amarela que estraga o contraste.

Dois trechos da Jangada estão em chamas. Não é uma coisinha bonitinha tipo fogueira, mas um fogo alto e borbulhante com fumaça negra, do tipo que se tem quando se queima uma grande quantidade de gasolina.

– Guerra de gangues, talvez – teoriza Eliot.

– Fonte de energia – imagina Hiro.

– Entretenimento – diz Olho de Peixe. – Eles não têm TV a cabo nessa porra dessa Jangada.

Antes que eles realmente mergulhem no inferno, Eliot abre a tampa do tanque de combustível e mergulha o medidor ali dentro, checando o nível de combustível. Ele não diz nada, mas não parece especialmente feliz.

– Desligue todas as luzes – adverte Eliot, mesmo quando parece que eles ainda estão a milhas de distância. – Lembre-se de que já fomos avistados por centenas ou talvez até milhares de pessoas armadas e famintas.

Vic já está dando a volta ao navio, apagando luzes usando o expediente simples de um martelo. Olho de Peixe fica apenas ali em pé, ouvindo Eliot com atenção, subitamente cheio de respeito por ele. Eliot continua.

– Tirem todas as roupas laranja brilhante, mesmo que isso signifique passar frio. De agora em diante, vamos ficar deitados nos conveses, nos expondo o mínimo possível, e não falaremos uns com os outros, a menos que seja necessário. Vic, você fica no meio do navio com o rifle e espere que alguém nos capte com um holofote. Qualquer um que nos ilumine com um holofote de

qualquer direção, você atira. Isso inclui lanternas de barquinhos. Hiro, seu trabalho é patrulhar a amurada. Fique dando voltas ao redor deste iate, em qualquer lugar que alguém vier nadando e tentar subir a amurada para entrar escondido no navio e, quando isso acontecer, corte fora os braços dele. Além disso, fique de olho em qualquer tipo de gancho ou garateia. Olho de Peixe, se algum objeto flutuante chegar a 30 metros de nós, afunde.

– Se vocês virem pessoas da Jangada com antenas saindo das cabeças, tentem matá-las primeiro, porque elas conseguem falar umas com as outras.

– Antenas saindo das cabeças? – pergunta Hiro.

– Isso. São os gárgulas da Jangada – responde Eliot.

– Quem são eles?

– E como é que eu vou saber, caralho? Eu só os vi algumas vezes, de uma certa distância. De qualquer maneira, vou levar a gente direto para o centro, e assim que chegarmos perto o bastante, vou virar para estibordo e dar a volta na Jangada em sentido anti-horário, procurando alguém que possa estar disposto a nos vender combustível. Se o pior acontecer e acabarmos dentro da Jangada, ficaremos todos juntos e contrataremos um guia, porque se tentarmos nos movimentar na Jangada sem a ajuda de alguém que conheça a teia, estaremos numa situação muito ruim.

– Que tipo de situação ruim? – pergunta Olho de Peixe.

– Tipo ficarmos pendurados em uma rede de carga podre e coberta de limo entre dois navios balançando em direções diferentes, sem nada embaixo de nós a não ser água gelada cheia de ratos com a peste, lixo tóxico e baleias assassinas. Alguma pergunta?

– Sim – retruca Olho de Peixe. – Posso ir pra casa agora?

Ótimo. Se Olho de Peixe está apavorado, Hiro também está.

– Lembrem-se do que aconteceu ao pirata chamado Bruce Lee – diz Eliot. – Ele estava bem armado e era poderoso. Parou seu navio ao lado de uma balsa salva-vidas cheia de Refus um dia, procurando rabo, e morreu sem perceber. Lá tem muita gente que quer fazer isso conosco.

– Eles não têm uma espécie de polícia ou coisa parecida? – questiona Vic. – Eu ouvi dizer que eles tinham.

Em outras palavras, Vic matou um bocado de tempo em Times Square vendo filmes ambientados na Jangada.

– O pessoal no *Enterprise* opera numa espécie de modo “ira de Deus” – explica Eliot. – Eles têm grandes metralhadoras montadas ao redor da borda do convés de voo – grandes metralhadoras Gatling como a Razão, só que com balas maiores. Foram colocadas lá originalmente para disparar mísseis Exocet. Elas atingem com a força de um meteorito. Se as pessoas fizerem merda lá na Jangada, eles dão conta do problema. Mas um pequeno tumulto ou assassinato não é o suficiente para chamar a atenção deles. Se for um duelo de foguetes entre organizações piratas rivais, aí é diferente.

Subitamente, eles são iluminados com um holofote tão grande e poderoso que não conseguem nem voltar o rosto na direção da luz.

Então volta a ficar escuro, e um tiro do rifle de Vic reverbera sobre a água.

– Belo tiro, Vic – diz Olho de Peixe.

– É tipo um daqueles barcos de traficantes de drogas – fala Vic, olhando por sua mira mágica. – Cinco caras. Está vindo pra cá. – Ele dispara outra rajada. – Correção. Quatro caras. – Bum. – Correção, eles não estão mais vindo pra cá. – Bum. Uma bola de fogo emerge do oceano a cem metros de distância. – Correção. Não há mais barco.

Olho de Peixe dá uma gargalhada e chega mesmo a dar um tapa na própria perna. – Você está gravando isso, Hiro?

– Não – responde Hiro. – Não iria aparecer mesmo.

– Ah. – Olho de Peixe parece ficar chateado, como se isso mudasse tudo.

– Esta é a primeira onda – avisa Eliot. – Piratas ricos procurando uma coleta fácil. Mas eles têm muito a perder, por isso são fáceis de assustar.

– Outro barco grande tipo iate está lá fora – comenta Vic. – Mas eles estão dando meia-volta.

Sobre o resfolegar fundo do grande motor a diesel do iate, eles podem ouvir o gemido alto dos motores de bordo.

– Segunda onda – orienta Eliot. – Candidatos a piratas. Esses sujeitos virão bem mais rápido, por isso fiquem atentos.

– Esta coisa aqui tem radar milimétrico – diz Olho de Peixe. Hiro olha para ele; seu rosto está iluminado por baixo pelo brilho da tela embutida da Razão. –

Estou vendo esses caras como se fosse dia, porra.

Vic dispara várias rajadas, o clipe do seu rifle salta, ele enfia o clipe novo na arma.

Um Zodiac passa depressa, deslizando pelas cristas das ondas, vasculhando-as com feixes fracos de luz de lanterna. Olho de Peixe dispara duas rajadas curtas da Razão, explodindo nuvens de vapor quente no ar frio da noite, mas erra.

– Poupe a munição – adverte Eliot. – Mesmo com Uzis, eles não podem nos atingir até diminuírem um pouco a velocidade. E, mesmo com radar, você não conseguirá atingi-los.

Um segundo Zodiac passa por eles do outro lado, mais próximo do que o último. Vic e Olho de Peixe seguram o fogo. Eles podem ouvi-lo fazendo uma órbita ao redor deles, voltando por onde veio.

– Esses dois barcos estão se reunindo lá fora – diz Vic. – Eles têm mais dois. Um total de quatro. Eles estão conversando.

– Fizeram um reconhecimento – acrescenta Eliot. – E estão planejando a tática. Da próxima vez vai ser pra valer.

Um segundo depois, duas explosões fantasticamente altas se fazem ouvir na parte traseira do iate, onde está Eliot, acompanhadas por flashes rápidos de luz. Hiro se vira e vê um corpo caindo no convés. Não é Eliot. Eliot está agachado ali, segurando seu matador de halibute supercrescido.

Hiro volta correndo e olha o nadador morto na luz tênue que as nuvens filtram. Ele está nu, a não ser por uma camada grossa de graxa preta e um cinturão com uma arma e uma faca. Ele ainda está segurando a corda que usou para subir a bordo. A corda está atada a um gancho que se prendeu na fibra de vidro quebrada em uma lateral do iate.

– A terceira onda está chegando um pouco mais cedo – fala Eliot, a voz alta e trêmula. Ele está tentando tanto parecer tranquilo que surte o efeito oposto. – Hiro, esta arma ainda tem três cartuchos, e estou poupando o último pra você se mais algum desses filhos da puta subir a bordo.

– Desculpe – diz Hiro.

Ele puxa a wakizashi curta. Ele se sentiria melhor se pudesse levar a nove na outra, mas ele precisa de uma das mãos livre para se firmar e evitar cair do

navio. Ele faz um circuito rápido do iate, procurando outros ganchos, e encontra mais um do outro lado, preso em uma das pilastras da amurada, uma corda esticada arrastando até o mar.

Correção: é um cabo esticado. Sua espada não irá cortá-lo. E a tensão na corda é tamanha que ele não consegue soltá-la da pilastra.

Enquanto ele está agachado ali brincando com o gancho, uma mão engraxada se ergue da água e o agarra pelo pulso. Uma segunda mão tenta segurar a outra mão de Hiro, mas acaba pegando a espada. Hiro puxa a arma, sente que ela fez um estrago e enfia a ponta da wakizashi no ponto entre as duas mãos no momento em que alguém enfia os dentes em sua virilha. Mas a virilha de Hiro está protegida – sua roupa de motociclista tem uma proteção de plástico duro. Então as mãos se soltam, e ele cai no mar. Hiro solta o gancho e o guarda dentro do navio.

Vic dispara três rajadas em rápida sucessão, e uma bola de fogo ilumina um lado inteiro do navio. Por um momento, podem ver tudo ao redor deles por uma distância de cem metros, e o efeito é como acender as luzes da cozinha no meio da noite e perceber que a pia e o balcão estão infestados de ratos. Pelo menos uma dezena de barquinhos estão ao redor deles.

– Eles têm coquetéis molotov – avisa Vic.

O pessoal dos barcos também pode vê-los. Miras laser voam na direção deles vindas de várias direções. Hiro pode ver flashes de canos de armas em pelo menos três lugares. Olho de Peixe abre fogo uma, duas vezes com a Razão, apenas disparando rajadas curtas de cerca de algumas dezenas de cartuchos, e produz uma bola de fogo, esta mais longe do iate.

Passaram-se pelo menos cinco segundos desde que Hiro se moveu, portanto ele torna a checar a área em busca de ganchos e retoma o circuito ao redor da borda do iate. Desta vez está claro. Os dois engraxadinhos deviam estar trabalhando em conjunto.

Um coquetel molotov descreve um arco pelo céu e bate no lado de estibordo do iate, onde não fará muito estrago. Se fosse dentro, seria bem pior. Olho de Peixe usa a Razão para molhar a área de onde o molotov foi atirado, mas agora que a lateral do barco foi toda iluminada pelas chamas, eles atraem mais fogo de

armas pequenas. Sob essa luz, Hiro pode ver riachinhos de sangue correndo pela área onde Vic havia se escondido.

Na lateral de bombordo, ele vê alguma coisa comprida, estreita e baixa na água, com o torso de um homem se erguendo. O homem tem cabelos compridos que caem pelos ombros e está segurando um mastro de dois metros e meio numa das mãos. Quando Hiro olha para ele, ele atira o mastro.

O arpão voa por dez metros de mar aberto. Um milhão de facetas cortadas de sua ponta de vidro refratam a luz e fazem ele parecer um meteoro. Ele atinge Olho de Peixe pelas costas, perfurando facilmente o material a prova de balas que ele está vestindo embaixo do terno, e sai do outro lado de seu corpo. O impacto levanta Olho de Peixe no ar e o joga para fora do navio; ele cai de cara na água, já morto.

Nota mental: as armas do Corvo não aparecem no radar.

Hiro volta a olhar na direção do Corvo, mas ele já foi embora. Mais dois engraxadinhos, lado a lado, pulam pela amurada a um metro de distância de Hiro, mas por um momento eles ficam atordoados com as chamas. Hiro saca sua nove, aponta na direção deles e não para de puxar o gatilho até que os dois caem na água. Ele não sabe ao certo quantas balas ainda lhe restam.

Ele ouve um som de tosse e sibilar, e a luz das chamas diminui de intensidade e finalmente se apaga. Eliot cuidou dela com um extintor.

O iate dá um tranco e derruba Hiro, que bate no convés com a cara e o ombro. Ao se levantar, ele percebe que ou eles abalroaram ou foram abalroados por alguma coisa grande. Um som de algo batendo, e pés correndo no convés. Hiro ouve alguns desses pés perto dele, solta a wakizashi, puxa a katana e gira ao mesmo tempo, atingindo o tórax de alguém com a lâmina comprida. Enquanto isso, eles estão arranhando uma faca longa nas suas costas, mas ela não penetra o material; só dói um pouquinho. Sua katana solta fácil, o que é pura sorte, porque ele se esqueceu de conter o golpe, e a lâmina poderia ter ficado presa no corpo. Ele torna a se virar, instintivamente se defende de um golpe de faca de outro engraxadinho, levanta a katana e a desce na cabeça dele. Desta vez ele faz tudo certo: mata o sujeito sem prender a lâmina. Agora ele está cercado por engraxadinhos de dois lados. Hiro escolhe uma direção, vira a lâmina de lado e decapita um deles. Então ele gira o corpo. Mais um engraxadinho corre na

direção dele pelo convés com um porrete cheio de pregos, mas, ao contrário de Hiro, ele não consegue manter o equilíbrio. Hiro arrasta os pés na direção dele, mantendo o centro de gravidade sobre eles, e o empala com a katana.

Outro engraxadinho está observando tudo isso atônito, perto da popa. Hiro o mata com um tiro, e ele desaba sobre o convés. Outros dois engraxadinhos saltam do barco voluntariamente.

O iate está emaranhado numa teia de aranha de cordas velhas de merda e redes de carga que foram estendidas sobre a superfície da água como armadilha para otários como ele. O motor do iate ainda está fazendo força, mas o propulsor não está se movendo; alguma coisa se enroscou no eixo da hélice.

Agora, nem sinal do Corvo. Talvez fosse um contrato exclusivo para matar o Olho de Peixe. Talvez ele não quisesse ficar emaranhado na teia de aranha. Talvez ele pensasse que, assim que a Razão fosse eliminada, os engraxadinhos cuidariam do resto.

Eliot não está mais nos controles. Ele não está mais sequer no iate. Hiro grita seu nome, mas não há resposta. Nem sequer o ruído de alguém se debatendo na água. A última coisa que ele fez foi se inclinar sobre a amurada com o extintor de incêndio, apagando as chamas do molotov; quando eles sofreram o tranco, Eliot deve ter sido atirado para fora.

Eles estão muito mais perto do *Enterprise* do que Hiro jamais havia pensado. Eles percorreram uma grande distância durante a batalha, chegaram mais perto do que deveriam. Na verdade, Hiro está cercado por todos os lados pela Jangada a esta altura. Uma iluminação fraquinha é fornecida pelos restos incendiados dos Zodiacs que levavam coquetéis molotov, que se enroscaram na rede ao redor deles.

Hiro acha que não seria sábio levar o iate de volta ao mar aberto agora. O clima está um pouco competitivo demais por lá. Ele vai para a frente do barco. A maleta que serve como suprimento de energia e de munição da Razão está aberta no convés ao seu lado, com as seguintes palavras na tela do monitor colorido: *Desculpe, ocorreu um erro fatal de sistema. Por favor, reinicie e tente novamente.*

Então, diante dos olhos de Hiro, ela surta totalmente e morre de Snow Crash.

Vic foi atingido por uma das rajadas de metralhadora e também está morto. Ao redor deles, meia dúzia de outros barcos navega nas ondas, apanhados na teia de aranha, todos iates bonitões. Mas são todos cascos vazios, sem motores e sem ornamentos. Estão só ali, como alvos móveis, na frente de um caçador. Uma placa pintada à mão flutua numa boia ali perto, dizendo “combustível” em inglês e outros idiomas.

Mais distantes no mar, alguns dos navios que os estavam caçando antes estão parados, mantendo uma boa distância da teia de aranha. Eles sabem que não podem entrar ali; aquele é domínio exclusivo dos nadadores de graxa preta, as aranhas da teia, quase todos agora mortos.

Se ele subir na Jangada propriamente dita, não vai ficar pior do que já está. Ou vai?

O iate tem sua própria dinga, o menor tipo de Zodiac inflável, com um pequeno motor externo. Hiro o coloca na água.

– Eu ir com você – diz uma voz.

Hiro vira rapidamente, segurando sua arma, e percebe que está apontando para a cara do garoto filipino da cabine. O garoto pisca, faz uma cara um pouco surpresa, mas não especialmente apavorada. Ele estava saindo com piratas, afinal. E também, os sujeitos mortos do iate também não pareciam ir com a cara dele.

– Eu ser seu guia – fala o garoto. – Ba la zin ka nu pa ra ta...

52

Y. T. espera tanto tempo que ela acha que o sol já deve ter surgido, mas sabe que não podem ter se passado mais de duas horas, no fim das contas. De certa forma, não importa. Nada nunca muda: a música toca, a fita de vídeo com desenho rebobina sozinha e começa tudo outra vez; homens entram, bebem e tentam não ser flagrados olhando para ela. É quase como se ela estivesse acorrentada à mesa, de qualquer forma; não há como encontrar seu caminho de volta para casa dali. Então ela espera.

De repente, o Corvo está em pé na frente dela. Ele está vestindo roupas diferentes, roupas molhadas e escorregadias feitas de peles de animais ou coisa parecida. O rosto dele está vermelho por ter estado do lado de fora.

– Fez todo seu serviço?

– Mais ou menos – responde o Corvo. – Fiz o bastante.

– Como assim, o bastante?

– Quero dizer que não gosto de ser interrompido no meio de um encontro para fazer um trabalho babaca – retruca o Corvo. – Então pus uma ordem nas coisas lá e minha atitude é: que os gnomos dele se preocupem com os detalhes.

– Bom, eu estava me divertindo muito aqui.

– Desculpa, gata. Vamos sair daqui – ele diz, falando com o tom intenso e tensionado de um homem que está tendo uma ereção. – Vamos para o Núcleo – o Corvo esclarece, assim que eles pegam o ar frio do convés superior.

– O que é que tem lá?

– Tudo – ele diz. – As pessoas que dirigem todo este lugar. A maioria dessas pessoas – ele acena com a mão sobre a Jangada – não pode ir até lá. Eu posso. Quer ver?

– Claro, por que não? – ela concorda, odiando a si mesma por parecer tão bobinha. Mas o que mais ela vai dizer?

Ele começa a conduzi-la por uma longa série de pranchas iluminadas pela Lua, na direção dos grandes navios no meio da Jangada. Quase dá para andar de skate ali, mas seria preciso ser muito bom para isso.

– Por que você é diferente das outras pessoas? – pergunta Y. T. Ela meio que deixa isso escapar sem pensar muito. Mas parece uma boa pergunta.

Ele ri.

– Eu sou aleuta. Sou diferente de muitas maneiras...

– Não. Quero dizer, seu cérebro funciona de forma diferente – diz Y. T. – Você não é doidão. Você entende o que eu estou dizendo? Você não mencionou o Verbo a noite inteira.

– Nos caiaques, tem uma coisa que fazemos – fala o Corvo. – É igual a surfar.

– É mesmo? Eu também surfo... no tráfego – comenta Y. T.

– A gente não faz isso por diversão – conta o Corvo. – É parte de como vivemos. Nós vamos de uma ilha a outra surfando sobre as ondas.

– Eu também – afirma Y. T. – Só que a gente vai de um franchulado a outro surfando em carros.

– Sabe, o mundo está cheio de coisas mais poderosas do que nós. Mas se você souber como pegar uma onda, pode ir a vários lugares – diz o Corvo.

– Certo. Saquei totalmente o que você está falando.

– É o que estou fazendo com os Ortos. Concordo com algumas coisas da religião deles, mas não com tudo. Porém, o movimento deles tem muito poder. Eles têm muita gente, dinheiro e navios.

– E você está surfando nele.

– Isso.

– Isso é legal, eu me identifico. O que você está tentando fazer? Tipo, qual é o seu verdadeiro objetivo?

Eles estão atravessando uma plataforma grande e ampla. Subitamente ele está logo atrás dela, os braços envolvendo seu corpo, e ele a puxa para si. Os dedos dos pés dela mal tocam o chão. Y. T. pode sentir o nariz frio dele em sua têmpora e o hálito quente entrando por um dos ouvidos. Ela fica arrepiada até os dedos do pé.

– Objetivo de curto prazo ou de longo prazo? – o Corvo sussurra.

– Hm... Longo prazo.

– Eu tinha um plano: eu ia provocar um bombardeio nuclear nos Estados Unidos.

– Ah. Bom, ia ser meio barra isso – ela diz.

– Talvez. Depende de como eu estiver me sentindo. Tirando isso, nenhum objetivo de longo prazo. – Toda hora que o Corvo sussurra alguma coisa, seu hálito faz cócegas no ouvido dela mais uma vez.

– E que tal a médio prazo?

– Daqui a algumas horas, a Jangada vai se desfazer – diz o Corvo. – Estamos indo para a Califórnia. Vamos procurar um lugar decente para viver. Algumas pessoas poderão tentar nos impedir. O meu trabalho é ajudar as pessoas a chegarem em segurança à margem. Então você poderia dizer que estou indo para a guerra.

– Puxa, que pena – ela murmura.

– Então é difícil pensar em alguma coisa que não seja o aqui e o agora.

– É, eu sei.

– Aluguei um quarto bacana pra passar minha última noite aqui – relata o Corvo. – Tem lençóis limpos.

Não por muito tempo, pensa ela.

***

Ela havia pensado que os lábios dele seriam frios e duros, iguais a de um peixe. Mas fica chocada ao ver como eles são quentes. Todas as partes do corpo dele são quentes, como se fosse o único jeito que ele tem de se manter aquecido no Ártico.

Depois de trinta segundos de beijo, ele se abaixa, enrosca a cintura dela em seus braços enormes da grossura de coxas e a levanta no ar, acima do convés.

Y. T. estava com medo de que ele fosse levá-la a algum lugar horrível, mas ela percebe que ele alugou um contêiner de carga inteiro, empilhado bem no alto de um dos navios-contêineres do Núcleo. O lugar parece um hotel de luxo para grandes fodões do Núcleo.

Ela está tentando decidir o que fazer com as pernas, que estão agora pendendo inúteis. Ela ainda não está pronta para enroscar as pernas nele, não tão assim no começo do encontro. Então Y. T. sente que elas estão se abrindo – muito, muito –; as coxas do Corvo devem ser maiores do que a cintura dela. Ele levantou uma perna até a virilha dela e colocou o pé em cima de uma cadeira para fazê-la cavalgar a coxa dele, e com os braços dele ela está segurando o próprio corpo contra o dele, apertando e soltando, apertando e soltando, o que a faz balançar indefesa para a frente e para trás, todo seu peso na virilha. Alguns músculos grandes, a parte superior de seu quadríceps, formam um ângulo para cima onde ligam o osso à pelve, e quando ele a balança mais para perto e mais forte, Y. T. sente os vincos na virilha de seu macacão, sente as moedas no bolso das chaves do jeans preto do Corvo. Quando ele desliza suas mãos para baixo, ainda pressionando-a para dentro, e aperta a bunda dela com as duas mãos, tão grandes que deve ser como espremer um pêssego, dedos tão longos que se curvam e pressionam para dentro de sua racha, e ela balança para a frente para se afastar disso, mas não há para onde ir a não ser para cima do corpo dele, seu rosto se afastando do beijo e deslizando contra a transpiração do pescoço largo, liso e sem pelos. Y. T. não consegue evitar soltar um gritinho que se transforma em um gemido, e aí ela percebe que ele a pegou de jeito. Porque ela nunca faz barulho durante o sexo, mas desta vez não consegue evitar.

E assim que ela chega a essa decisão, fica impaciente para chegar às vias de fato. Y. T. consegue mexer os braços, consegue mexer as pernas, mas o meio do corpo está pregado, não vai se mover até que o Corvo a mova. E ele não vai movê-la até que ela o faça querer isso. Então ela começa a trabalhar no ouvido dele. Isso geralmente funciona.

Ele tenta se afastar dela. O Corvo, tentando fugir de alguma coisa. Ela gosta dessa ideia. Ela tem braços tão fortes quanto os de um homem, fortes de tanto ficar se pendurando no arpão na rodovia, então ela os enrosca na cabeça dele, como um torno mecânico, aperta a testa dela contra a lateral da cabeça dele e começa a orbitar a ponta de sua língua ao redor da pequena borda de circunvoluções de sua orelha.

O Corvo fica ali paralisado por uns dois minutos, respirando ofegante, enquanto ela vai trabalhando seu caminho para o interior da orelha, e, quando ela

finalmente enfia a língua no canal do ouvido dele, ele se sacode e grunhe como se tivesse acabado de ser arpoado, levantando-a pela perna e chutando a cadeira com tanta força que ela se quebra contra a parede de aço do contêiner. Y. T. se sente caindo para trás na direção do futon, por um momento pensa que vai ser esmagada embaixo dele, mas ele segura todo seu peso em seus cotovelos, a não ser pelo da parte inferior do corpo, que bate nela todo de uma vez, enviando outro espasmo elétrico de prazer subindo pelas suas costas e descendo pelas suas pernas. As coxas e panturrilhas dela ficaram sólidas e leves, como se tivessem sido bombardeadas com adrenalina, ela não consegue relaxá-las. Ele se inclina sobre um dos cotovelos, separando seus corpos por um momento, planta sua boca na dela para manter o contato, preenche a boca dela com sua língua e a segura ali enquanto, com uma só das mãos, abre o colarinho do macacão dela e descer o zíper até a virilha. Agora ela está aberta, expondo um amplo V de pele convergindo dos ombros dela. Ele rola sobre Y. T., agarra a parte de cima do macacão com ambas as mãos e a puxa para baixo, forçando seus braços para baixo e para os lados, enfiando a massa de tecido e almofadas embaixo da nuca enquanto ela permanece arqueada na direção dele. Então ele está entre as coxas apertadas dela, todos aqueles músculos usados para o skate tensionados até o limite, e as mãos dele vão para trás para apertar a bunda dela mais uma vez; desta vez é a pele quente dele contra a dela. É como se sentar em uma grelha pegando fogo, faz o corpo inteiro se sentir mais quente.

Há alguma coisa que ela deveria lembrar a esta altura. Alguma coisa que ela tem de cuidar. Algo importante. Uma daquelas tarefas odiosas que sempre parecem tão lógicas quando pensamos nelas de modo abstrato e, em momentos como esse, parecem tão profundamente desprezíveis que nunca sequer nos ocorrem.

Deve ter alguma coisa a ver com controle de natalidade. Ou coisa parecida. Mas Y. T. está indefesa de paixão, então ela tem uma desculpa. Então ela geme e chuta os joelhos até que o macacão e a calcinha desçam até os tornozelos.

O Corvo fica completamente nu em cerca de três segundos. Ele tira a camisa pela cabeça e a atira em algum lugar, se livra das calças e as chuta no chão. A pele dele é tão lisa quanto a dela, como a pele de um mamífero que nada pelo

mar, mas ele é quente, não frio como um peixe. Ela não vê o pau dele, mas nem faz questão, quer dizer, pra quê, certo?

Y. T. faz uma coisa que nunca fez antes: goza no instante em que ele entra nela. É como um raio que dispara do meio do corpo, desce pelas suas pernas tensionadas, sobe pela sua espinha, vai para os bicos dos seios. Ela suga o ar até que todas as suas costelas estão quase perfurando a pele e ela grita. Ela acaba de gozar. O Corvo provavelmente está surdo agora. Problema dele, porra.

Ela fica toda mole. Ele também. Ele deve ter gozado ao mesmo tempo. O que está ótimo. Ainda é cedo, e o coitado do Corvo estava cheio de tesão, como um bicho, depois desse tempo todo no mar. Mais tarde, ela poderá esperar mais resistência.

Mas, agora, ela está contente em estar embaixo dele e sugar o calor de seu corpo. Ela sentia frio há dias. Os pés dela ainda estão frios, pendendo no ar, mas isso só faz o resto do corpo dela se sentir muito melhor.

O Corvo também parece contente. De modo fora do comum. Que êxtase, hein? A maioria dos caras já estaria zapeando os canais da TV. O Corvo não. Ele está contente em estar deitado ali a noite toda, respirando suavemente em seu pescoço. Na verdade, ele acabou de dormir bem em cima dela. Uma coisa que uma mulher faria.

Y. T. também cochila. Fica ali por um ou dois minutos, todos esses pensamentos passando por sua cabeça.

Esse lugar é bem bacana. Como um hotel de negócios de preço médio no Vale. Ela nunca achou que alguma coisa dessas existisse na Jangada. Mas existem ricos e pobres aqui também, exatamente como em qualquer lugar.

Quando eles chegaram a um determinado lugar na passarela, não muito longe do primeiro dos navios grandes do Núcleo, havia um guarda armado bloqueando o caminho. Ele deixou o Corvo passar, e o Corvo levou Y. T. com ele, trazendo-a pela mão, e o guarda olhou para ela de um jeito, mas não disse nada; ficou com a maior parte da sua atenção no Corvo.

Depois disso, a passarela ficou muito mais legal. Ela era ampla, como o cais na praia, e não tão lotada, com velhas senhoras chinesas carregando sacolas gigantescas nas costas. E não tinha tanto cheiro de merda.

Quando chegaram ao primeiro navio do Núcleo, havia uma escada que os levou do nível do mar até o convés. Dali, eles pegaram uma passarela até as entranhas de outro navio, e o Corvo a levou pelo lugar como se estivesse estado lá um milhão de vezes, e eles acabaram atravessando outra prancha até aquele navio-contêiner. E ali era igual a um hotel: carregadores com luvas brancas levando bagagem para executivos, uma mesa de check-in, tudo. Ainda era um navio – tudo feito de aço que foi pintado de branco um milhão de vezes –, mas nada igual ao que ela havia esperado. Havia um helicóptero estacionado ao lado dele com um logo que ela já havia visto antes: Rife Advanced Research Enterprises. RARE. As pessoas que lhe deram o envelope para entregar no quartel-general do COGRE. Tudo isso está se encaixando agora: os Federais, L. Bob Rife, os Portões Celestiais do Reverendo Wayne e a Jangada fazem todos parte do mesmo acordo.

– Quem diabos são todas essas pessoas? – ela perguntou ao Corvo quando viu isso pela primeira vez. Mas ele simplesmente fez “ssh”.

Depois ela voltou a perguntar, enquanto eles andavam procurando pelo quarto, e o Corvo disse a ela:

– Esses caras todos trabalham para L. Bob Rife. Programadores, engenheiros e pessoal de comunicações. Rife é um sujeito importante. Tem um monopólio para cuidar.

– Rife está aqui? – ela perguntou. Estava fingindo que não sabia, claro; àquela altura ela já havia imaginado que sim.

– Ssh – ele disse.

É um belo fragmento de info. Hiro provavelmente iria gostar disso, se ela conseguisse entrar em contato com ele. E mesmo isso vai ser fácil. Ela nunca pensou que haveria terminais de Metaverso ali na Jangada, mas naquele barco há uma fileira inteira deles, de modo que executivos de passagem possam ligar de volta para a civilização. Tudo o que ela tem a fazer é chegar até um deles sem acordar o Corvo, o que poderia ser difícil. Já é ruim demais ela não poder drogá-lo com alguma coisa, como nos filmes sobre a Jangada.

É aí que ela se dá conta. A coisa surge do seu subconsciente da mesma maneira que um pesadelo. Ou quando o sujeito sai de casa e se lembra, meia

hora mais tarde, que deixou um bule de chá no fogão. É uma realidade dura e fria contra a qual ela não pode fazer absolutamente nada.

Ela finalmente se lembrou por que estava tão incomodada logo antes de treparem.

Não era anticoncepcional. Não era nada ligado à higiene.

Era sua dentata. A última linha de autodefesa pessoal. Juntamente com as placas de identificação do Tio Enzo, foi a única coisa que os Ortos não levaram. Eles não a levaram porque não acreditam em revista de cavidades.

O que significa que, no momento em que o Corvo a penetrou, uma agulha hipodérmica muito pequena enfiou-se na veia frontal intumescida do pênis dele, injetando automaticamente um coquetel de poderosos narcóticos e calmantes em sua corrente sanguínea.

O Corvo foi arpoado no lugar onde menos esperava. Agora ele vai dormir por pelo menos quatro horas.

E então, cara, como ele vai ficar puto.

53

Hiro se lembra do aviso de Eliot: não entre na Jangada propriamente dita sem um guia local. Este garoto deve ser um Refu que Bruce Lee recrutou em alguma vizinhança filipina na Jangada.

O nome do garoto é Transubstanciación. Apelido Tranny. Ele sobe no Zodiac antes que Hiro mande.

– Só um segundo – diz Hiro. – Precisamos empacotar algumas coisas antes.

Hiro se arrisca a ligar uma lanterna pequena, usa-a para vasculhar o iate, pegando coisas de valor: algumas garrafas de água (presumivelmente) potável, um pouco de comida, munição extra para sua nove. Ele pega também uma das garateias, enrolando sua corda com precisão. Parece o tipo de coisa que pode ser útil na Jangada.

Ele tem mais uma tarefa para realizar, e não é algo que ele esteja a fim de fazer.

Hiro já morou em um bocado de lugares onde ratos e até mesmo ratazanas eram um problema. Ele costumava se livrar deles usando armadilhas. Mas aí ele teve um período de azar com essas coisas. Ele ouvia uma armadilha se fechar no meio da noite, e, em vez de silêncio, ouvia guinchos, movimentos patéticos e ruídos quando o roedor atingido tentava se arrastar de volta a um lugar seguro com uma armadilha presa em algum lugar de sua anatomia, normalmente na cabeça. Quando se acorda às três da manhã para encontrar um camundongo vivo na pia da sua cozinha deixando um rastro de massa encefálica no tampo de fórmica do balcão, é difícil voltar a dormir, e por isso agora ele prefere colocar veneno.

Meio que no mesmo tom, um homem gravemente ferido – o último homem em quem Hiro atirou – está se debatendo no convés do iate, perto da popa, balbuciando.

Mais do que tudo o que ele já quis fazer na vida, Hiro quer entrar no Zodiac e sair de perto dessa pessoa. Ele sabe que, para subir lá e ajudá-lo, ou para pôr um fim ao sofrimento dele, ele vai ter que voltar o facho da lanterna e iluminá-lo, e quando fizer isso verá algo que nunca mais será capaz de esquecer.

Mas ele precisa. Ele engole em seco umas duas vezes porque já está quase vomitando, e segue a luz da lanterna até a popa.

É muito pior do que ele havia imaginado.

O homem aparentemente levou uma bala no meio do nariz, de cima para baixo. Tudo acima desse ponto foi bastante detonado. Hiro está olhando para uma seção transversal do cérebro inferior dele.

Alguma coisa está saindo da cabeça dele. Hiro acha que devem ser fragmentos do cérebro ou coisa parecida. Mas é muito lisa e regular para ser isso.

Agora que conseguiu superar a náusea inicial, ele está achando mais fácil de olhar. Saber que o sujeito parou de sofrer ajuda. Mais de metade do cérebro dele está faltando. Ele ainda está falando – a voz soa sibilante e gasosa, como se fosse um tubo de órgão furado, por causa das mudanças em seu crânio –, mas é apenas uma função do tronco cerebral, somente um espasmo das cordas vocais.

A coisa que desponta de sua cabeça é uma antena de cerca de 30 centímetros de comprimento. Ela está envolta em borracha preta, como as antenas dos walkie-talkies dos policiais, e está amarrada à sua cabeça, acima da orelha esquerda. É um dos cabeças de antena sobre os quais Eliot os havia alertado.

Hiro agarra a antena e puxa. Não é má ideia levar o headset junto: ele deve ter alguma coisa a ver com a maneira pela qual L. Bob Rife controla a Jangada.

Ela não sai. Quando Hiro puxa, o que sobrou da cabeça do sujeito gira, mas a antena não sai. E é assim que Hiro descobre que aquilo não é um headset. A antena foi enxertada permanentemente na base do crânio do homem.

Hiro aciona o radar de ondas milimétricas dos seus óculos e olha a cabeça arruinada do homem.

A antena está ligada ao crânio por intermédio de parafusos curtos que vão dar no osso, mas não o perfuram até o final. A base da antena contém alguns microchips, cuja finalidade Hiro não consegue adivinhar olhando para eles. Mas hoje em dia é possível colocar um supercomputador em um único chip, de modo

que, sempre que se vê mais de um chip em um só lugar, trata-se de um desenvolvimento significativo.

Um cabo da espessura de um fio de cabelo emerge da base na antena e penetra o crânio. Ele passa direto através do tronco cerebral e depois se ramifica várias vezes até formar uma rede de fios minúsculos e invisíveis entranhados no tecido do cérebro. Enrolados ao redor da base da árvore.

O que explica por que esse sujeito continua a bombear uma corrente constante de blá-blá-blá da Jangada mesmo sem cérebro: parece que L. Bob Rife descobriu um meio de fazer contato elétrico com a parte do cérebro onde Asherah vive. Essas palavras não estão se originando ali. É uma transmissão de rádio pentecostal que está vindo por sua antena.

A Razão ainda está lá em cima, a tela de seu monitor irradiando estática azul para o céu. Hiro descobre o interruptor e desliga a máquina. Computadores tão poderosos deveriam se desligar sozinhos depois que você pedisse a eles. Desligar um com o interruptor é como fazer alguém dormir cortando a coluna dorsal. Mas depois que o sistema sofreu um Snow Crash, ele perde até mesmo a capacidade de se desligar, e, assim, métodos primitivos são necessários. Hiro coloca a metralhadora Gatling de volta à caixa e a tranca.

Talvez ela não seja tão pesada quanto Hiro pensava, ou talvez ele esteja num overdrive de adrenalina. Então ele percebe por que ela parece tão mais leve: a maior parte de seu peso se deve à munição, e Olho de Peixe usou bastante. Ele meio carrega, meio arrasta a máquina de volta à proa, certificando-se de que o trocador de calor permanece na água, e a joga no Zodiac.

Hiro sobe em seguida, juntando-se a Tranny, e começa a mexer no motor.

– Sem motor – diz Tranny. – Vai prender.

Certo. A teia de aranha ficaria enroscada na hélice. Tranny mostra a Hiro como colocar os remos do Zodiac nas forquetas.

Hiro rema por um tempo e percebe que está numa zona longa e clara que vai até a Jangada num ziguezague, como um trecho de água clara entre placas de gelo no Ártico.

– Motor ok – diz Tranny.

Quando Hiro começa a conduzir o barco pelo motor descendo o espaço aberto, ele fica com medo de que seja apenas uma pequena enseada no gueto.

Mas é apenas um truque das luzes. Ele faz uma curva e vê que ela se estende por uma boa distância. É uma espécie de cinturão que circunda toda a Jangada. Ruas pequenas e becos menores ainda vão daquele cinturão para dentro dos diversos guetos. Pelo telescópio, Hiro consegue ver que suas entradas são vigiadas. Qualquer um é livre para navegar pelo cinturão, mas as pessoas protegem melhor suas vizinhanças.

A pior coisa que pode acontecer na Jangada é sua vizinhança se soltar. É por isso que a Jangada é um negócio tão emaranhado. Cada vizinhança tem medo de que o pessoal do lado se junte contra eles, corte seus cabos e os deixe à míngua no meio do Pacífico. Então eles estão constantemente descobrindo novas maneiras de se amarrarem uns nos outros, passando cabos por cima, embaixo e ao redor de seus vizinhos, se amarrando a vizinhanças mais distantes ou, de preferência, a um dos navios do Núcleo.

Os guardas das vizinhanças estão armados, o que nem era preciso dizer. Parece que a arma preferida é uma pequena imitação chinesa da AK-47. A moldura de metal salta aos olhos no radar. O governo chinês deve ter banido um número inimaginável dessas coisas nos dias em que passava muito tempo pensando na possibilidade de lutar uma guerra em solo contra os soviéticos.

A maioria deles parece ser de milicianos indolentes de Terceiro Mundo. Mas, na entrada de uma das vizinhanças, Hiro vê que o guarda encarregado tem uma antena levantada para o céu, despontando de sua cabeça.

Alguns minutos depois, eles chegam a um ponto no qual o cinturão sofre uma intersecção de uma rua larga que vai direto para o meio da Jangada, onde estão os grandes navios: o Núcleo. O mais próximo é um navio-contêiner japonês: um item baixo e de convés achatado, cheio de contêineres de aço empilhados. Ele está cheio de teias feitas de escadas de corda e escadas improvisadas que permitem que as pessoas subam num ou noutro contêiner. A maioria dos contêineres tem luzes acesas.

– Prédio de apartamentos – Tranny brinca, notando o interesse de Hiro. Então ele balança a cabeça, revira os olhos e esfrega o polegar na ponta dos dedos. Aparentemente, é uma vizinhança rica.

A parte boa do cruzeiro chega ao fim quando eles notam diversos esquifes rápidos emergindo de uma vizinhança escura e enfumaçada.

– Gangue do Vietnã – fala Tranny. Ele coloca a mão sobre a mão de Hiro e gentil, porém firmemente, a remove do leme do motor externo. Hiro os verifica no radar. Dois desses sujeitos têm as pequenas AK-47s, mas a maioria deles está armada com facas e pistolas, obviamente louca para um contato cara a cara. Os caras nos barcos são, claro, os peões. Pessoas mais importantes estão em pé na margem da vizinhança, fumando e observando. Dois deles são wireheads.

Tranny torna a ligar o motor, vira para uma vizinhança esparsa de *dhows* árabes presos de modo mais frouxo e manobra através da escuridão por um tempo, ocasionalmente colocando a mão na cabeça de Hiro e pressionando-a para baixo suavemente para que ele não enganche o pescoço em alguma corda.

Quando eles emergem da frota de *dhows*, a gangue vietnamita não está mais à vista. Se isso tivesse acontecido à luz do dia, os gângsteres poderiam rastreá-los seguindo o vapor da Razão. Tranny os conduz por uma rua de tamanho médio e entra por um aglomerado de barcos de pesca. No meio dessa área encontra-se uma velha traineira sendo cortada para ferro-velho, tochas de acetileno iluminando a superfície negra da água ao redor. Mas a maior parte do trabalho está sendo feita com martelos e cinzéis a frio, que irradiam um som insuportável por toda a água.

– Casa – diz Tranny, sorrindo, e aponta para duas casas-barco amarradas juntas. Ainda há luzes acesas ali; dois caras estão no convés fumando charutos gordos feitos à mão, pelas janelas eles podem ver duas mulheres trabalhando na cozinha.

Quando se aproximam, os caras no convés se sentam, prestam atenção neles, sacam revólveres das cinturas. Mas aí Tranny fala alguma coisa em uma torrente feliz de Tagalog. E tudo muda.

Tranny recebe o tratamento completo do Filho Pródigo: choros, mulheres gordas histéricas, um enxame de criancinhas saindo de suas redes, chupando os dedos e pulando para cima e para baixo. Homens mais velhos sorrindo, mostrando grandes falhas nos dentes e manchas pretas nos sorrisos, vendo, acenando com a cabeça e mergulhando para lhe dar um abraço.

E, na margem da massa, bem recuado na escuridão, outro wirehead.

– Você vem também – diz uma das mulheres, uma moça de seus quarenta anos chamada Eunice.

– Tudo bem – aceita Hiro. – Não quero dar uma de intruso.

Essa declaração é traduzida e se move como uma onda através dos cerca de 896 filipinos que acabaram de convergir para a área. Ela é recebida com o mais profundo choque. Intruso? Impensável! Que bobagem! Como você ousa nos insultar?

Um dos sujeitos sem dentes na frente, um velhinho em miniatura e provavelmente veterano da Segunda Guerra Mundial, pula no Zodiac que balança, gruda no chão como uma lagartixa, abraça os ombros de Hiro e enfia um charo na sua boca.

Ele parece um sujeito bacana. Hiro se inclina mais perto dele.

– Compadre, quem é o cara da antena? É amigo do senhor?

– Não – sussurra o cara. – Aquele ali é um babaca. – Então ele leva dramaticamente o dedo indicador aos lábios e faz silêncio.

54

Está tudo nos olhos. Juntamente com abrir algemas, pular barreiras em Nova Jersey e se desviar de pervertidos, esta é uma das habilidades quintessenciais dos Kouriers: passear num lugar ao qual o cara não pertence sem atrair suspeitas. E ele faz isso sem olhar para ninguém. Manter o olhar diretamente para a frente e, não importa o que aconteça, não arregalar os olhos, não parecer tenso. Isso, e o fato de que ela só chegou aqui com um cara de quem todo mundo tem medo, a leva de volta pelos contêineres até a área de recepção.

– Preciso usar um terminal da Rua – ela diz para o sujeito da recepção. – Pode colocar na conta do meu quarto?

– Sim, senhora – responde o cara da recepção. Ele nem precisa perguntar em que quarto ela está. Ele é todo sorrisos, todo respeitador. Não é o tipo de coisa que se recebe com muita frequência quando se é um Kourier.

Ela poderia até gostar desse relacionamento com o Corvo, não fosse pelo fato de que ele é um mutante homicida.

55

Hiro pula fora do jantar comemorativo pela volta de Tranny antes do fim, arrasta a Razão para fora do Zodiac e a leva até a varanda da frente da casa-barco, abrindo-a e conectando seu computador pessoal ao bios dela.

Razão reinicia sem problemas. Era de se esperar. Também é de se esperar que, mais tarde, provavelmente quando ele mais precisar que Razão funcione, ela sofra um novo crash, da mesma maneira que aconteceu com Olho de Peixe. Hiro poderia continuar desligando e ligando a máquina toda vez que ela fizesse isso, mas no calor da batalha isso seria bizarro, e esse não é o tipo de solução que hackers admiram. Seria muito mais sensato simplesmente debugá-la.

O que ele poderia fazer à mão, se tivesse tempo. Mas pode haver um jeito melhor de fazer isso. É possível que agora a Ng Security Industries tenha consertado o bug e arranjado uma versão nova do software. Se isso tiver acontecido, ele deverá ser capaz de conseguir uma cópia disso na Rua.

Hiro se materializa em seu escritório. O Bibliotecário enfia a cabeça para dentro do aposento, caso Hiro tenha alguma pergunta para ele.

– O que quer dizer *ultima ratio regum*?

– "O Último Argumento dos Reis" – explica o Bibliotecário. – O Rei Luís XIV mandou moldar isso sobre os canos de todos os canhões que foram forjados durante seu reinado.

Hiro se levanta e caminha até seu jardim. Sua motocicleta está esperando por ele no caminho de cascalho que leva até o portão. Olhando por sobre a cerca, Hiro pode ver as luzes do Centro da Cidade erguendo-se à distância mais uma vez. O computador dele conseguiu se conectar à rede global de L. Bob Rife; ele tem acesso à Rua. Isto é como Hiro havia esperado. Rife deve ter toda uma série de uplinks de satélites ali no *Enterprise*, costurados numa rede celular que cobre a Jangada. Caso contrário, ele não seria capaz de alcançar o Metaverso de sua

própria fortaleza aquática, o que nunca seria aceitável para um homem como Rife.

Hiro sobe em sua moto, manobra-a pela vizinhança e entra na Rua, e depois a acelera para algumas centenas de quilômetros por hora, driblando as pilastras do monotrilho, praticando. Ele passa por alguns e para, mas isso era de se esperar.

A Ng Security Industries tem um andar inteiro em um arranha-céu de neon de quase dois quilômetros de altura perto do Porto Um, bem no meio do Centro da Cidade. Como tudo mais no Metaverso, ela fica aberta 24 horas, porque é sempre horário comercial em algum lugar no mundo. Hiro deixa sua moto na Rua, pega o elevador, sobe até o 397o andar e dá de cara com uma daemon recepcionista. Por um momento, ele não consegue apreender o background racial dela, então descobre que aquele daemon é meio negro, meio asiático: igualzinho a ele. Se um homem branco tivesse saído do elevador, provavelmente teria sido uma loura. Um homem de negócios japonês teria dado de cara com uma garota japonesa toda bonequinha.

– Sim, senhor – ela diz. – É relacionado a vendas ou atendimento ao cliente?

– Atendimento ao cliente.

– Com quem o senhor está?

– É só dizer o nome que eu estou ali.

– Perdão? – Como as recepcionistas humanas, o daemon é especialmente ruim em lidar com ironia.

– No momento, acho que estou trabalhando para a Central Intelligence Corporation, a Máfia e a Grande Hong Kong do Sr. Lee.

– Compreendo – fala a recepcionista, fazendo uma anotação. Também como uma recepcionista humana, não é possível impressioná-la. – E que produto é esse?

– Razão.

– Senhor! Bem-vindo à Ng Security Industries – diz outra voz.

É outro daemon, uma atraente mulher negra/asiática vestida de modo altamente profissional, que se materializou das profundezas do conjunto de escritórios.

Ela conduz Hiro por um longo e elegante corredor, depois por mais um longo e elegante corredor. Periodicamente, ele passa por uma área de recepção onde avatares de todo o mundo estão sentados em cadeiras, passando o tempo. Mas Hiro não precisa esperar. Ela o conduz direto até um belo e grande escritório onde um homem asiático está sentado atrás de uma mesa atulhada com modelos de helicópteros. É o Sr. Ng em pessoa. Ele se levanta; eles trocam cumprimentos curvando-se um para o outro; a moça se retira.

– Está trabalhando com Olho de Peixe? – Ng pergunta, acendendo um charuto. A fumaça turbilhona no ar de modo ostentatório. O poder de computação necessário para modelar de forma realista a fumaça que sai da boca de Ng é tão grande quanto o utilizado para modelar o sistema de previsão do tempo de todo o planeta.

– Ele está morto – diz Hiro. – Razão sofreu um crash num momento crítico, e ele comeu um arpão.

Ng não reage. Fica simplesmente ali sentado, sem ação, por alguns segundos, absorvendo esses dados, como se seus clientes fossem arpoados o tempo todo. Ele provavelmente tem um banco de dados mental de todos que já usaram um de seus brinquedos e o que aconteceu com eles.

– Eu disse a ele que era uma versão beta – diz Ng. – E ele deveria saber que não seria bom usá-la para brigas internas. Uma navalha de dois dólares lhe teria servido melhor.

– Concordo. Mas ele ficou alucinado com o aparelho.

Ng sopra mais fumaça, pensando.

– Conforme aprendemos no Vietnã, armas de alta potência são tão avassaladoras sensorialmente que são semelhantes a drogas psicoativas. Como o LSD, que pode convencer as pessoas de que elas podem voar, o que faz elas se jogarem de janelas, armas podem tornar as pessoas superconfiantes, prejudicando seu julgamento tático. Como no caso do Olho de Peixe.

– Vou me lembrar disso com certeza – afirma Hiro.

– Em que tipo de ambiente de combate você quer utilizar a Razão? – pergunta Ng.

– Preciso tomar um porta-aviões amanhã de manhã.

– O *Enterprise*?

– Isso.

– Sabe – comenta Ng, aparentemente num tom de bate-papo –, tem um cara que conseguiu capturar um submarino nuclear armado com nada além de um pedaço de vidro...

– É, esse foi o cara que matou o Olho de Peixe. Posso ter de enfrentá-lo também.

Ng dá uma gargalhada.

– Qual é o seu objetivo, afinal? Como você sabe, estamos todos juntos nessa, então pode se abrir comigo.

– Neste caso, eu prefiro um pouco mais de discrição...

– Tarde demais para isso, Hiro – diz outra voz.

Hiro se vira; é o Tio Enzo, que está sendo conduzido até a porta pela recepcionista, uma belíssima mulher italiana. Logo a alguns passos atrás dele, um homem de negócios asiático e uma recepcionista asiática.

– Tomei a liberdade de ligar para eles quando você chegou – explica Ng – para que pudéssemos ter um conselho de guerra.

– É um prazer – cumprimenta o Tio Enzo, curvando-se ligeiramente para Hiro. Hiro retribui a mesura.

– Eu realmente sinto muito quanto ao carro, senhor.

– Já me esqueci disso – diz o Tio Enzo.

O homenzinho asiático acaba de entrar na sala. Hiro finalmente o reconhece. É a foto que está na parede de todas as franquias da Grande Hong Kong do Sr. Lee no mundo todo.

Apresentações e mesuras a granel. Subitamente, uma série de cadeiras extras se materializa no escritório, e todo mundo pega uma. Ng sai de trás da mesa e eles se sentam num círculo.

– Vamos direto ao ponto, já que eu suponho que sua situação, Hiro, pode ser mais precária que a nossa – fala o Tio Enzo.

– O senhor tem razão.

– Todos nós gostaríamos de saber que diabos está acontecendo – diz o Sr. Lee. O inglês dele quase não tem sotaque chinês; obviamente, a imagem pública bonitinha e desajeitada é apenas uma fachada.

– Quanto disso vocês deduziram até agora?

– Uma coisa aqui, outra ali – responde o Tio Enzo. – Quanto você deduziu?

– Quase tudo – relata Hiro. – Assim que eu falar com Juanita, terei o resto.

– Neste caso, você está em posse de info muito valiosa – comenta o Tio Enzo. Ele enfia a mão no bolso, retira um hipercartão e o entrega a Hiro. Ele diz:



Hiro estende a mão e pega o cartão.

Em algum lugar no mundo, dois computadores trocam disparos eletrônicos, e o dinheiro é transferido da conta da Máfia para a de Hiro.

– Você vai dividir isso com Y. T. – diz o Tio Enzo.

Hiro assente. Pode apostar que sim.

56

– Estou aqui na Jangada procurando um programa – um remédio, para ser exato – que foi escrito há 5 mil anos por um personagem sumério chamado Enki, um hacker neurolinguístico.

– O que isso quer dizer? – pergunta o Sr. Lee.

– Quer dizer que uma pessoa era capaz de programar as mentes de outras pessoas com fluxos verbais de dados, conhecidos como nam-shubs.

Ng está totalmente sem expressão. Ele dá mais uma tragada no seu cigarro, joga a fumaça para cima num gêiser e a vê se espalhando contra o teto.

– Qual é o mecanismo?

– Temos dois tipos de linguagem em nossas cabeças. O tipo que estamos usando agora é adquirido. Ele constrói um padrão em nosso cérebro à medida que o aprendemos. Mas também há uma língua que precisa existir para permitir que nossos cérebros adquiram linguagens mais avançadas.

– Infraestrutura linguística – diz o Tio Enzo.

– É. Acho que "estrutura profunda" e "infraestrutura" significam a mesma coisa. De qualquer maneira, nós podemos acessar essas partes do cérebro sob as condições certas. A glossolalia – falar em línguas – é o lado de saída, onde as estruturas linguísticas profundas se engancham em nossas línguas e se expressam, fazendo um atalho por todas as linguagens adquiridas superiores. Todo mundo conhece isso há algum tempo.

– Você está dizendo que também existe um lado de entrada? – pergunta Ng.

– Exatamente. Funciona em reverso. Sob as condições certas, seus ouvidos, ou olhos, podem se vincular às estruturas profundas, fazendo um atalho pelas funções mais elevadas da linguagem. O que significa que, se alguém souber as palavras certas pode dizê-las ou mostrar símbolos visuais que passem por todas as suas defesas e afundem direto em seu tronco cerebral. Como um cracker que penetra em um sistema de computadores, sobrepuja todas as precauções de

segurança e se conecta ao núcleo, permitindo que ele exerça o controle absoluto da máquina.

– Nessa situação, o dono do computador fica indefeso – diz Ng.

– Exato. Porque ele acessa a máquina num nível mais alto, que agora foi sobrepujado. No mesmo sentido, assim que um hacker neurolinguístico se conecta às estruturas linguísticas profundas de nosso cérebro, nós não conseguimos tirá-lo de lá – porque não conseguimos sequer controlar nosso próprio cérebro num nível tão básico.

– O que isso tem a ver com uma tabuleta de barro no Enterprise? – pergunta o Sr. Lee.

– Acompanhem meu raciocínio. Esta linguagem – a língua-mãe – é um vestígio de uma fase anterior do desenvolvimento social humano. As sociedades primitivas eram controladas por regras verbais chamadas *me*. Os *me* eram iguais a programinhas para humanos. Eles eram uma parte necessária da transição da sociedade dos homens das cavernas para uma sociedade agrícola organizada. Por exemplo, havia um programa para arar a terra e plantar grãos. Havia um programa para cozer pão e outro para construir uma casa. Também havia *me* para funções de alto nível como guerra, diplomacia e rituais religiosos. Todas as habilidades necessárias para operar uma cultura autossustentável estavam contidas nesses *me*, que eram escritos em tabuletas ou repassados por uma tradição oral. De qualquer maneira, o repositório dos *me* era o templo local, que era um banco de dados de me, controlado por um sacerdote/rei chamado *en*. Quando alguém precisava de pão, ia ao *en* ou um de seus assistentes e baixava o *me* de fazer pão do templo. Então eles seguiam as instruções – rodavam o programa – e quando acabavam, tinham um pão. Era necessário um banco de dados central, entre outros motivos, porque alguns dos *me* tinham de ser cronometrados adequadamente. Se as pessoas executassem o *me* de arar e plantar na hora errada do ano, a colheita fracassaria e todo mundo morreria de fome. A única maneira de garantir que os *me* fossem cronometrados adequadamente era construir observatórios astronômicos para observar os céus para as mudanças de estação. Então os sumérios construíram torres “com seus topos com os céus”: com diagramas astronômicos no topo. O *en* observava o céu e distribuía os *me* agrícolas nos momentos certos do ano para manter a economia ativa.

– Acho que aí você tem um problema do tipo ovo-galinha – fala o Tio Enzo. – Como uma sociedade dessas foi organizada pela primeira vez?

– Existe uma entidade informacional conhecida como metavírus, que faz com que sistemas de informação infectem a si mesmos com vírus customizados. Pode ser que este seja apenas um princípio básico da natureza, como a seleção darwiniana, ou pode ser um fragmento real de informação que flutua pelo universo em cometas e ondas de rádio – não sei direito. De qualquer maneira, o resumo da história é o seguinte: qualquer sistema de informação de complexidade suficiente irá inevitavelmente se tornar infectado com vírus: vírus gerados dentro de si mesmo.

– Em algum ponto no passado distante, o metavírus infectou a raça humana e desde então não nos abandonou. A primeira coisa que ele fez foi criar toda uma caixa de Pandora de vírus de DNA: varíola, gripe e assim por diante. Saúde e longevidade se tornaram uma coisa do passado. Uma memória distante desse evento está preservada em lendas da Queda do Paraíso, nas quais a humanidade foi expulsa de uma vida de tranquilidade para um mundo infestado com doença e dor. Essa praga acabou chegando a uma espécie de patamar. Nós ainda vemos novos vírus de DNA de tempos em tempos, mas parece que nossos corpos desenvolveram uma resistência a vírus de DNA em geral.

– Talvez – observa Ng – exista um número limitado de vírus que funcione no DNA humano, e o metavírus tenha criado todos eles.

– Pode ser. De qualquer maneira, a cultura suméria, a sociedade baseada nos *me*, era outra manifestação do metavírus. Só que, nesse caso, foi numa forma linguística, e não em DNA.

– Desculpe – interrompe o Sr. Lee. – Você está dizendo que a civilização começou como uma infecção?

– A civilização em sua forma primitiva sim. Cada *me* era uma espécie de vírus, deflagrado pelo princípio do metavírus. Vamos tomar como exemplo o *me* de fazer pão. Quando esse *me* entrou na sociedade, ele era um fragmento de informação autossustentável. É uma simples questão de seleção natural: pessoas que sabem como fazer pão viverão melhor e serão mais aptas a se reproduzir do que pessoas que não sabem. Naturalmente, elas espalharão o *me*, atuando como hospedeiros desse fragmento de informação autorreplicante. É o que faz disso

um vírus. A cultura suméria – com seus templos cheios de *me* – era apenas uma coleção de vírus bem-sucedidos que haviam se acumulado ao longo dos milênios. Ela era uma operação de franquia, só que tinha zigurates em vez de arcos dourados, e tabuletas de argila em vez de fichários. A palavra suméria para "mente", ou "sabedoria", é idêntica à palavra que significa "ouvido". Era o que as pessoas eram: ouvidos com corpos anexados a eles. Enki era um *en* que apenas calhou de ser especialmente bom em seu trabalho. Ele tinha a capacidade fora do comum de escrever novos *me*: ele era um hacker. Na verdade, ele foi o primeiro homem moderno, um ser humano inteiramente consciente, como nós. Em algum ponto, Enki percebeu que a Suméria estava presa num atoleiro. As pessoas estavam executando sempre os mesmos velhos *me*, sem surgir com novos, sem pensar por si mesmas. Suspeito que ele era sozinho, pois era um dos poucos – talvez o único – ser humano consciente do mundo. Ele percebeu que, para que a raça humana avançasse, eles tinham de ser arrancados das garras dessa civilização viral. Então ele criou o nam-shub de Enki, um contravírus que se espalhava ao longo das mesmas rotas dos *me* e do metavírus. Ele penetrou nas estruturas profundas do cérebro e as reprogramou. A partir daí, ninguém mais conseguiu entender a língua suméria ou qualquer outra linguagem baseada em estrutura profunda. Cortados de nossas estruturas profundas comuns, começamos a desenvolver novas linguagens que nada tinham em comum umas com as outras. Os *me* não funcionavam mais e não era possível escrever novos *me*. Transmissões posteriores do metavírus foram bloqueadas.

– Por que as pessoas não morreram todas de falta de pão, depois de perder o *me* de fazer pão? – pergunta o Tio Enzo.

– Alguns provavelmente morreram. O resto precisou usar seus cérebros superiores e descobrir tudo. Então poderíamos dizer que o nam-shub de Enki foi o início da consciência humana – quando primeiro precisamos pensar por nós mesmos. Foi o início da religião racional também, a primeira vez em que as pessoas começaram a pensar em questões abstratas como Deus, Bem e Mal. É daí que vem o nome Babel. Literalmente, ele significa "Portão de Deus". Foi o portão que permitiu que Deus alcançasse a raça humana. Babel é um portal em nossas mentes, um portal que foi aberto pelo nam-shub de Enki que nos libertou do metavírus e nos deu a habilidade de pensar – nos moveu de um mundo

materialista para um mundo dualista, um mundo binário, com um componente físico e um espiritual. Provavelmente houve caos e revoltas. Enki, ou seu filho Marduk, tentou reimpor a ordem à sociedade suplantando o antigo sistema dos *me* por um código de leis: o Código de Hamurabi. Foi bem-sucedido em parte. O culto a Asherah continuou em muitos lugares. Foi um culto incrivelmente tenaz, um retrocesso para a Suméria, que se propagou tanto verbalmente quanto pela troca de fluidos corporais – eles tinham prostitutas do culto, e elas também adotavam órfãos e espalhavam o vírus para eles pelo leite do peito.

– Espere um minuto – fala Ng. – Agora você está falando novamente de um vírus biológico.

– Exatamente. Essa é toda a questão de Asherah. São as duas coisas. Como exemplo, vejam o herpes simples. O herpes vai direto para o sistema nervoso quando penetra no corpo. Algumas cepas permanecem no sistema nervoso periférico, mas outras se dirigem como uma bala para o sistema nervoso *central* e montam residência permanente nos neurônios – enroscando-se no tronco cerebral como uma serpente ao redor de uma árvore. O vírus Asherah, que pode estar ligado ao herpes, ou pode ser a mesma coisa, passa pelas membranas das células, vai até o núcleo e bagunça com o DNA da célula da mesma maneira que os esteroides. Mas Asherah é muito mais complicado que um esteroide.

– E quando altera esse DNA, qual é o resultado?

– Ninguém estudou isso, a não ser talvez por L. Bob Rife. Acho que ele definitivamente traz a língua-mãe mais perto da superfície, faz as pessoas serem mais capazes de falar em línguas e mais suscetíveis ao *me*. Eu suspeito que ele também tende a incentivar comportamento irracional, quem sabe abaixar as defesas da vítima a ideias virais, torná-las sexualmente promíscuas, talvez todas as opções anteriores.

– Toda ideia viral possui uma contraparte de vírus biológico? – pergunta o Tio Enzo.

– Não. Só Asherah possui, até onde sei. É por isso que, de todos os *me*, todos os deuses e todas as práticas religiosas que predominaram na Suméria, somente Asherah ainda tem força hoje. Uma ideia viral pode ser disseminada – como aconteceu com o nazismo, calças boca de sino e camisetas do Bart Simpson –, mas Asherah, por ter um aspecto biológico, pode permanecer latente no corpo

humano. Depois de Babel, Asherah ainda era residente no cérebro humano, sendo transmitida de mãe para filho e de amante para amante. Todos somos suscetíveis ao impulso das ideias virais. Como histeria em massa. Ou uma melodia que fica na sua cabeça e você fica cantarolando o dia inteiro até espalhá-la para mais alguém. Piadas. Lendas urbanas. Religiões malucas. Marxismo. Não importa o quão inteligentes fiquemos, há sempre uma parte irracional profunda que nos torna hospedeiros em potencial de informações autorreplicantes. Mas estar fisicamente infectado com uma variedade do vírus Asherah torna você muito mais suscetível. A única coisa que impede que essas coisas tomem o mundo inteiro é o fator Babel: as muralhas de incompreensão mútua que compartimentalizam a raça humana e detêm a disseminação de vírus. Babel levou a uma explosão de uma série de linguagens. Isso era parte do plano de Enki. Monoculturas, como uma plantação de milho, são suscetíveis a infecções, mas culturas geneticamente diversas, como uma pradaria, são extremamente robustas. Depois de alguns milhares de anos, uma nova língua se desenvolveu: o hebraico, que possuía uma flexibilidade e um poder excepcionais. Os deuteronomistas, um grupo de monoteístas radicais do sexto e do sétimo séculos a.C., foram os primeiros a tirar vantagem disso. Eles viviam em um tempo de extremo nacionalismo e xenofobia, o que tornava mais fácil para eles rejeitar ideias estrangeiras como o culto a Asherah. Eles formalizaram suas velhas histórias na Torá e implantaram dentro dela uma lei que assegurava sua propagação através da história: uma lei que dizia, na verdade, “faça uma cópia exata de mim e a leia todos os dias”. E eles incentivavam uma espécie de higiene informacional, uma crença em copiar as coisas estritamente e tomar um grande cuidado com as informações, que, como eles entendiam, é potencialmente perigoso. Eles tornaram os dados uma substância controlada. Eles podem ter ido além disso. Há evidências de uma guerra biológica cuidadosamente planejada contra o exército de Senaqueribe quando ele tentou conquistar Jerusalém. Então os deuteronomistas podem ter tido um *en* próprio. Ou quem sabe eles apenas compreendiam os vírus bem o bastante para saberem como tirar vantagem de variedades que ocorriam naturalmente. As habilidades cultivadas por essas pessoas foram transmitidas em segredo de uma geração para outra e se manifestaram dois mil anos depois, na Europa, entre os feiticeiros cabalistas,

Ba'al Shems, mestres do Nome Divino. De qualquer maneira, esse foi o nascimento da religião racional. Todas as religiões monoteístas subsequentes – conhecidas pelos muçulmanos, apropriadamente, como religiões do Livro – incorporaram essas ideias até algum ponto. Por exemplo, o Corão afirma sempre que é uma transcriação, uma cópia exata, de um livro no Paraíso. Naturalmente, qualquer um que acreditar nisso não se atreverá a alterar o texto de nenhuma forma! Ideias como essa eram tão eficientes na prevenção da disseminação de Asherah que, no fim das contas, cada metro quadrado do território onde o culto viral um dia proliferou – da Índia à Espanha – estava sob o domínio do Islã, do Cristianismo ou do Judaísmo. Mas, devido à sua latência – enroscada no tronco cerebral daqueles a quem infecta, passada de uma geração para a seguinte –, ela sempre encontra jeitos de ressurgir. No caso do Judaísmo, ela surgiu na forma dos fariseus, que impunham uma rígida teocracia legalista aos hebreus. Com sua rígida aderência a leis armazenadas em um templo, administradas por tipos sacerdotais investidos de autoridade civil, ela lembrava o antigo sistema sumério, e era tão sufocante quanto. O ministério de Jesus Cristo era um esforço para libertar o Judaísmo dessa condição: meio que um eco do que Enki fizera. O evangelho de Cristo é um novo nam-shub, uma tentativa de tirar a religião do templo, das mãos dos sacerdotes, e levar o Reino de Deus a todos. Esta é a mensagem explicitamente dita em seus sermões, e é a mensagem simbolicamente incorporada em seu túmulo vazio. Após a crucificação, os apóstolos foram até o túmulo dele esperando encontrar seu corpo e, em vez disso, não encontraram nada. A mensagem era clara: não devemos idolatrar Jesus, pois suas ideias se destacam por elas mesmas, sua igreja não é mais centralizada numa só pessoa, mas está dispersa por entre todas as pessoas. As pessoas que estavam acostumadas à rígida teocracia dos fariseus não conseguiam lidar com a ideia de uma igreja popular e não hierárquica. Eles queriam papas, bispos e sacerdotes. E então o mito da Ressurreição foi acrescentado aos evangelhos. A mensagem foi alterada para uma forma de idolatria. Nesta nova versão dos evangelhos, Jesus voltou à terra e organizou uma igreja, que mais tarde se tornou a Igreja do Oriente e do Império Romano do Ocidente – mais uma teocracia rígida, brutal e irracional. Ao mesmo tempo, a igreja pentecostal estava sendo fundada. Os primeiros cristãos falavam em línguas. A Bíblia diz:

“Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: ‘Que vem a ser isto?’” Bem, eu acho que posso ser capaz de responder a essa pergunta. Foi uma epidemia viral. Asherah havia estado presente, espreitando sobre a população, desde o triunfo dos deuteronomistas. As medidas de higiene informacional praticadas pelos judeus a mantiveram suprimida. Mas, nos primeiros dias do Cristianismo, deve ter havido muito caos, muitos radicais e livres-pensadores correndo para todos os lados, dando uma banana para a tradição. Retrocessos aos dias da religião pré-racional. Retrocessos até a Suméria. E, sem dúvida, todos começaram a falar uns com os outros na língua do Éden. A igreja cristã principal se recusou a aceitar a glossolalia. Eles fizeram cara feia para ela por alguns séculos e a baniram oficialmente no Concílio de Constantinopla, em 381. O culto glossolálico estava até disposto a aceitar um pouco de xenoglossia se isso ajudasse a converter os pagãos, como no caso São Luís Bertrand, que converteu milhares de índios no século 16, espalhando a glossolalia pelo continente mais rápido que a varíola. Mas, assim que eram convertidos, os índios deveriam calar a boca e falar latim como todo mundo. A Reforma abriu a porta um pouco mais. Mas o pentecostalismo não chegou mesmo a decolar até o ano de 1900, quando um pequeno grupo de estudantes de um colégio bíblico no Kansas começou a falar em línguas. Eles espalharam a prática pelo Texas. Lá, ela ficou conhecida como o movimento de *revival*. Ele se espalhou como fogo, por todos os Estados Unidos e depois pelo mundo, chegando à China e à Índia em 1906. A mídia de massa do século 20, as altas taxas de alfabetização e o transporte em alta velocidade, todos serviram como excelentes vetores para a infecção. Numa sala de *revival* lotada ou em um acampamento de refugiados do Terceiro Mundo, a glossolalia se espalhou de uma pessoa para outra rápida como o pânico. Nos anos 1980, o número de pentecostais no mundo inteiro estava na casa das dezenas de milhares. E daí veio a televisão e o Reverendo Wayne, apoiado pelo vasto poder de mídia de L. Bob Rife. O comportamento que o Reverendo Wayne promulga por meio de seus programas de televisão, panfletos e franquias pode ser traçado numa linha sem interrupções até os cultos pentecostais do Cristianismo primitivo, e de lá até os cultos pagãos de glossolalia. O culto de Asherah está vivo. Os Portões Celestiais do Reverendo Wayne são o culto de Asherah.

57

– Lagos deduziu isso tudo. Ele era originalmente pesquisador da Biblioteca do Congresso, e mais tarde foi trabalhar para a CIC quando esta absorveu a Biblioteca. Ele ganhava a vida descobrindo coisas interessantes na Biblioteca, fatos que ninguém mais havia se preocupado em desenterrar. Ele organizava esses fatos e os vendia às pessoas. Assim que ele descobriu toda essa parada de Enki/Asherah, começou a procurar alguém que pagasse por isso e se acertou com L. Bob Rife, Senhor da Banda Larga, dono do monopólio de fibra óptica, que naquela época empregava mais programadores do que qualquer pessoa na terra. Lagos, como é típico de um não homem de negócios, tinha uma falha fatal: ele pensava pequeno demais. Ele achava que, com um pequeno *venture capital*, esse hacking neurolinguístico poderia ser desenvolvido como uma nova tecnologia que permitiria que Rife mantivesse a posse de informações que haviam passado para os cérebros de seus programadores. O que, colocando as considerações morais de lados, não era má ideia. Rife gosta de pensar grande. Ele viu imediatamente que essa ideia poderia ser muito mais poderosa. Ele pegou a ideia de Lagos e mandou Lagos se catar. Então começou a jogar um bocado de grana em igrejas pentecostais. Ele pegou uma igrejinha em Bayview, Texas, e a transformou numa universidade. Pegou um pregador medíocre, o Reverendo Wayne Bedford, e fez dele um sujeito mais importante que o Papa. Ele construiu uma série de franquias religiosas autossustentáveis no mundo inteiro e usou sua universidade e seu campus no Metaverso, para doutrinar dezenas de milhares de missionários, que se espalharam por todo o Terceiro Mundo e começaram a converter pessoas às centenas de milhares, como São Luís Bertrand. O culto de glossolalia de L. Bob Rife é a religião de maior sucesso desde a criação do Islã. Ele fala muito sobre Jesus, mas assim como muitas igrejas que se autodescrevem como cristãs, ele nada tem a ver com o Cristianismo, a não ser que use seu nome. É uma religião pós-racional. Ele

também queria espalhar o vírus biológico como promotor ou amplificador do culto, mas não ia conseguir se safar, porque fazer isso pelo uso da prostituição do culto é flagrantemente anticristão. Mas uma das maiores funções de seus missionários do Terceiro Mundo era ir para o meio do mato e vacinar as pessoas – e havia mais do que apenas vacinas naquelas agulhas. Aqui no Primeiro Mundo, todo mundo já foi vacinado, e não deixamos fanáticos religiosos chegarem e enfiarem agulhas em nós. Mas tomamos muitas drogas. Então, para nós, ele bolou um meio de extrair o vírus do soro sanguíneo humano e empacotá-lo como uma droga conhecida por Snow Crash. Nesse meio tempo, ele montou a Jangada como um meio de transportar centenas de milhares de seus cultistas das partes miseráveis da Ásia para os Estados Unidos. A imagem de mídia da Jangada é que ela é um lugar de caos profundo, onde milhares de idiomas diferentes são falados e não existe autoridade central. Mas a coisa não é assim. Ela é altamente organizada e muito bem controlada. Essas pessoas estão todas falando umas com as outras em línguas. L. Bob Rife pegou a xenoglossia e a aperfeiçoou, transformou-a numa ciência. Ele pode controlar essas pessoas implantando receptores de rádio em seus crânios, transmitindo instruções – *me* – diretamente em seus troncos cerebrais. Se uma pessoa em cem tem um receptor, ela pode atuar como o *en* local e distribuir os *me* de L. Bob Rife para todas os outras. Elas agirão com base nas instruções de L. Bob Rife como se tivessem sido programadas para fazê-lo. E, neste exato momento, ele tem cerca de um milhão dessas pessoas na costa da Califórnia.

– Ele também tem um metavírus digital, em código binário, que pode infectar computadores, ou hackers, via nervo óptico.

– Como ele traduziu isso em forma binária? – pergunta Ng.

– Acho que ele não fez isso. Acho que ele encontrou isso no espaço. Rife possui a maior rede de astronomia de rádio no mundo. Ele não faz astronomia de verdade com ela: apenas fica escutando sinais de outros planetas. Era razoável supor que, mais cedo ou mais tarde, uma de suas antenas fosse captar o metavírus.

– Como assim, era razoável supor?

– O metavírus está por toda parte. Em qualquer lugar onde exista vida, o metavírus está lá também, propagando-se através dela. Originalmente, ele se

espalhava por cometas. Foi provavelmente assim que a vida primeiro chegou à Terra, e foi provavelmente assim que o metavírus também chegou aqui. Mas cometas são lentos, ao passo que ondas de rádio são rápidas. Em forma binária, um vírus pode saltar pelo universo à velocidade da luz. Ele infecta um planeta civilizado, entra em seus computadores, se reproduz e inevitavelmente é transmitido pela televisão ou pelo rádio ou o que for. Essas transmissões não param no limite da atmosfera: elas são irradiadas para o espaço, para sempre. E se atingirem um planeta com outra cultura civilizada, onde as pessoas estiverem escutando as estrelas da maneira que Rife fazia, esse planeta será infectado também. Acho que esse era o plano de Rife, e acho que deu certo. Só que Rife era esperto: ele apanhou isso de maneira controlada. Ele o colocou em uma garrafa. Um agente de guerra informacional para ele usar à vontade. Quando ele é colocado em um computador, provoca um Snow Crash na máquina, fazendo ela se infectar com novos vírus. Mas é muito mais devastador quando ele entra na mente de um hacker, uma pessoa que tem uma compreensão de código binário construído nas estruturas profundas de seu cérebro. O metavírus binário destruirá a mente de um hacker.

– Então Rife pode controlar dois tipos de pessoas – diz Ng. – Ele pode controlar os pentecostais usando *me* escritos na língua-mãe. E pode controlar hackers de forma muito mais violenta danificando seus cérebros com vírus binários.

– Exatamente.

– O que você acha que Rife quer? – pergunta Ng.

– Ele quer ser Ozymandias, Rei dos Reis. Escutem, é simples: assim que ele converte vocês à religião dele, ele pode controlar vocês com *me*. E ele pode converter milhões de pessoas à sua religião porque ela se espalha como um vírus filho da puta: as pessoas não têm resistência a isso porque ninguém está acostumado a pensar sobre a religião, as pessoas não são racionais o bastante para discutir sobre esse tipo de coisa. Basicamente, qualquer um que lê o *National Enquirer* ou fica assistindo à luta livre na TV é fácil de converter. E com o Snow Crash como promotor é ainda mais fácil de obter convertidos. A descoberta principal de Rife foi a de que não existe diferença entre a cultura suméria e a moderna. Temos uma imensa força de trabalho que é analfabeta ou

alfabetizada funcionalmente e confia na TV – que é uma espécie de tradição oral. E temos uma elite poderosa, pequena e extremamente alfabetizada – as pessoas que entram no Metaverso, basicamente –, que compreende que informação é poder e que controla a sociedade porque tem essa habilidade semimística de falar linguagens mágicas de computador. Isso faz de nós um grande obstáculo ao plano de Rife. Pessoas como L. Bob Rife não podem fazer nada sem nós, hackers. E ainda que ele pudesse nos converter, não seria capaz de nos usar, porque o que fazemos é criativo em natureza e não pode ser duplicado por pessoas executando *me*. Mas ele pode nos ameaçar com o instrumento rombudo do Snow Crash. Isso, acho eu, é o que aconteceu a Da5id. Pode ter sido uma experiência, só para ver se o Snow Crash funcionava num hacker de verdade, e pode ter sido um aviso feito para demonstrar o poder de Rife para a comunidade hacker. A mensagem: se Asherah for transmitido para a casta dos sacerdotes tecnológicos...

– Napalm em buquês de flores – diz Ng.

– Até onde sei, não há como deter o vírus binário. Mas existe um antídoto para a religião falsa de Rife. O nam-shub de Enki ainda existe. Ele deu uma cópia ao seu filho Marduk, que passou isso para Hamurabi. Agora, Marduk pode ou não ter sido uma pessoa real. A questão é que Enki saiu de seu caminho para *deixar a impressão* de que ele havia transmitido seu nam-shub em algum modo. Em outras palavras, ele estava plantando uma mensagem que gerações futuras de hackers deveriam decodificar, se Asherah se erguesse novamente.

– Tenho certeza de que a informação de que precisamos está contida dentro de um envelope de argila que foi desenterrado da antiga cidade suméria de Eridu, no sul do Iraque, há dez anos. Eridu era a sede de Enki; em outras palavras, Enki era o *en* local de Eridu, e o templo de Eridu continha seu *me*, incluindo o nam-shub que estamos procurando.

– Quem desenterrou esse envelope de argila?

– A escavação de Eridu foi patrocinada inteiramente por uma universidade religiosa em Bayview, Texas.

– A de L. Bob Rife?

– Acertou na mosca. Ele criou um departamento de arqueologia cuja função exclusiva era desenterrar a cidade de Eridu, localizar o templo onde Enki

armazenou todos os seus *me* e levar tudo para casa. L. Bob Rife queria fazer uma engenharia reversa das habilidades que Enki possuía; analisando os *me* de Enki, ele queria criar seus próprios hackers neurolinguísticos, que poderiam escrever novos *me* que se tornariam as regras básicas, o programa, para a nova sociedade que Rife quer criar.

– Mas entre esses *me* há uma cópia do nam-shub de Enki – diz Ng –, que é perigoso para o plano de Rife.

– Isso. Ele também queria essa tabuleta – não para analisá-la, mas para guardá-la de modo que ninguém pudesse usá-la contra ele.

– Se você conseguir obter uma cópia desse nam-shub – indaga Ng –, que efeito ele teria?

– Se pudéssemos transmitir o nam-shub de Enki a todos os *en* na Jangada, eles retransmitiriam isso a todas as pessoas da Jangada. Isso travaria os neurônios da língua-mãe deles e impediria que Rife os programasse com novos *me* – explica Hiro. – Mas realmente precisamos fazer isso antes que a Jangada se desfaça: antes que os Refus todos venham para a terra. Rife fala para seus *en* por um transmissor central no *Enterprise*, que eu acho que é um tipo de coisa de alcance bem curto, tipo linha de visão. Daqui a pouco ele irá usar esse sistema para distribuir um grande *me* que fará com que todos os Refus venham para a terra como um exército unificado com ordens de marchar coordenadas. Em outras palavras, a Jangada acabará, e depois disso não será mais possível alcançar todas essas pessoas com uma única transmissão. Então temos de fazer isso o mais rápido possível.

– O Sr. Rife ficará muito descontente – prevê Ng. – Ele tentará retaliar soltando o Snow Crash contra os sacerdotes tecnológicos.

– Eu sei – fala Hiro. – Mas só posso me preocupar com uma coisa de cada vez. Vocês bem que podiam me ajudar aqui.

– Falar é fácil – diz Ng. – Para alcançar o Núcleo, é preciso voar sobre a Jangada ou pilotar um barquinho para passar no meio dela. Rife tem um milhão de pessoas lá com rifles e lança-mísseis. Nem mesmo sistemas de armas high-tech podem derrotar o poder de fogo de armas pequenas organizadas em escala maciça.

– Então arrume alguns helicópteros nesta vizinhança – diz Hiro. – Alguma coisa. Qualquer coisa. Se eu conseguir colocar as mãos no nam-shub de Enki e infectar todos na Jangada com ele, vocês poderão se aproximar em segurança.

– Vamos ver o que podemos conseguir – comenta o Tio Enzo.

– Ótimo – diz Hiro. – Agora, e quanto à Razão?

Ng resmunga uma coisa e um cartão aparece em sua mão.

– Aqui está uma nova versão do sistema de software – diz ele. – Deve estar um pouco menos bugado.

– Um pouco menos?

– Nenhum software é totalmente limpo de bugs – esclarece Ng.

– Acho que existe um pouquinho de Asherah em todos nós – diz o Tio Enzo.

58

Hiro sai sozinho e pega o elevador para descer até a Rua. Quando ele sai do arranha-céu neon, uma garota em preto e branco está sentada em sua motocicleta, mexendo nos controles.

– Cadê você? – pergunta ela.

– Eu também estou na Jangada. Ei, acabamos de ganhar 25 milhões de dólares.

Ele tem certeza de que, apenas desta vez, Y. T. vai ficar impressionada por alguma coisa que ele diz. Mas não.

– Isso vai me pagar um belo dum enterro quando me mandarem pra casa pelo correio num potinho de Tupperware – ela diz.

– Por que isso aconteceria?

– Estou com problemas – ela confessa. Pela primeira vez na vida. – Acho que meu namorado vai me matar.

– Quem é seu namorado?

– O Corvo.

Se avatares pudessem ficar pálidos e tontos e precisassem sentar no meio-fio, o de Hiro teria feito isso.

– Agora eu sei por que ele tem as palavras SEM CONTROLE EMOCIONAL tatuadas na testa.

– Que ótimo. Eu estava esperando ter um pouquinho de colaboração ou pelo menos, quem sabe, um conselho – retruca ela.

– Se você acha que ele vai te matar, está errada, porque se você estivesse certa, já estaria morta – argumenta Hiro.

– Depende de suas suposições – observa ela. Ela lhe conta uma história altamente divertida sobre uma dentata.

– Vou tentar ajudar você – diz Hiro –, mas também não sou necessariamente o cara mais seguro na Jangada com quem andar.

– Você já se acertou com sua namorada?

– Não. Mas tenho grandes esperanças de que isso aconteça. Supondo que eu consiga me manter vivo.

– Grandes esperanças de quê?

– De recuperar nossa relação.

– Por quê? – pergunta ela. – O que mudou entre aquela época e agora?

Esta é uma daquelas perguntas profundamente simples e óbvias que são irritantes porque Hiro não tem certeza da resposta.

– Bom, acho que eu descobri o que ela estava fazendo – por que ela veio para cá.

– Então?

Outra pergunta simples e óbvia.

– Então eu sinto que a entendo agora.

– Entende *mesmo*?

– É, bom, acho que sim.

– E você acha que isso é uma coisa boa?

– Claro, ora.

– Hiro, você é um puta dum *geek*. Ela é uma mulher, você é um cara. Você não *tem que* entendê-la. Não é isso o que ela quer.

– Bom, o que você acha que ela quer... não esquecendo que você nunca encontrou a mulher e que *você* está saindo com o Corvo?

– Ela não quer que *você a entenda*. Ela sabe que isso é impossível. Ela só quer que você entenda *a si mesmo*. Todo o resto é negociável.

– Você acha?

– Sim. Definitivamente.

– O que faz você pensar que eu não entendo a mim mesmo?

– É tão óbvio. Você é um hacker muito inteligente e o maior espadachim do mundo – e entrega pizzas e promove concertos e não ganha um puto com isso. Como é que você espera que ela...

O resto é abafado por sons que irrompem por seus fones de ouvido, vindos da Realidade: um ruído agudo de algo arranhando e rasgando que se faz ouvir acima do ruído gorgolejante de impacto pesado. Então só se ouvem os gritos de crianças da vizinhança apavoradas, os gritos de homens em Tagalog e o som de

gemidos e estalos de uma traineira de pesca de aço desabando sob a pressão do mar.

– O que foi isso? – pergunta Y. T.

– Meteorito? – responde Hiro.

– Hein?

– Fique na linha – avisa Hiro. – Acho que acabei de entrar num duelo de armas Gatling.

– Você vai desconectar?

– Apenas cale a boca por um instante.

A vizinhança tem forma de U, construída ao redor de uma espécie de enseada na Jangada onde meia dúzia de barcos de pesca velhos e enferrujados estão amarrados. Um cais flutuante, montado a partir de pontões de diferentes tamanhos, percorre a margem.

A traineira vazia, a única que eles estavam cortando para ferro-velho, fora atingida por uma rajada da grande arma no convés do *Enterprise*. É como se uma grande onda a tivesse colhido e tentado enrolá-la ao redor de um pilar; um lado inteiro dela desabou, a proa e a popa estão de fato curvadas na direção uma da outra. A parte de trás está quebrada. Seus compartimentos de carga vazios estão engolindo uma vasta e constante quantidade acelerada de água do mar marrom turva, sugando com isso uma grande variedade de esgoto tal como um afogado sugaria ar. Está indo a pique rápido.

Hiro empurra a Razão de volta para o Zodiac, pula dentro e dá partida. Não tem tempo de desamarrar o barco do pontão, então corta a linha com sua wakizashi e se manda.

Os pontões já estão caindo, puxados pelas linhas de atracação do navio arruinado. A traineira está caindo pela superfície da água, tentando puxar toda a vizinhança como um buraco negro.

Dois filipinos já estão do lado de fora com facas pequenas, cortando o material que une a vizinhança como uma teia, tentando soltar as partes que não podem ser salvas. Hiro vai até um pontão que já está até o meio de água, descobre as cordas que o ligam ao pontão seguinte, que está ainda mais submerso, e as sonda com sua katana. As cordas remanescentes arrebentam com

um estouro que lembra tiros de rifle, e então o pontão se solta, disparando até a superfície tão rápido que quase faz o Zodiac virar.

Uma seção inteira do cais do pontão, junto à lateral da traineira, não pode mais ser recuperada. Homens com facas de pesca e mulheres com cepos de cozinha estão ajoelhados, a água já subindo pelos queixos, cortando a vizinhança fora. Ela vai se soltando aos trancos uma corda de cada vez, jogando os filipinos no ar. Um garoto com um facão corta a linha restante, que estoura e lhe dá uma chicotada na cara. Finalmente a Jangada está livre e flexível de novo, flutuando e tentando alcançar um ponto de equilíbrio, e onde estava a traineira não há nada a não ser um redemoinho borbulhante que ocasionalmente vomita um pedaço solto de destroço flutuante.

Alguns outros já subiram no barco de pesca que estava amarrado ao lado da traineira. Ele também sofreu um certo estrago: vários homens se aglomeram ao redor e se inclinam na amurada para examinar duas grandes crateras de impacto na lateral. Cada buraco está cercado por um trecho reluzente do tamanho de um prato de jantar que na explosão perdeu todo e qualquer vestígio de tinta e ferrugem. No meio, um buraco do tamanho de uma bola de golfe.

Hiro decide que está na hora de ir embora.

Mas, antes disso, ele enfia a mão dentro de seu sobretudo, tira um rolo de notas e separa alguns milhares de Kongdólares. Ele os coloca sobre o convés e põe a borda de um tanque de gasolina de aço vermelho em cima delas. Aí ele se manda.

Ele não tem dificuldades para encontrar o canal que vai dar na próxima vizinhança. Seu nível de paranoia está lá no alto, e por isso ele fica olhando para a frente e para trás ao sair dali, olhando para todos os bequinhos. Num daqueles nichos, ele vê um wirehead resmungando alguma coisa.

A próxima vizinhança é malaia. Dezenas de malaios estão reunidos perto da ponte, atraídos pelo ruído. Quando Hiro começa a entrar na vizinhança deles, vê homens descendo a ponte de pontões ondulantes, que serve de rua principal, portando armas e facas. A polícia local. Mais homens com a mesma descrição emergem das passagens, esquifes e sampanas, juntando-se a eles.

Um tremendo som de algo arrebentando bem ao lado dele, como se um caminhão cheio de troncos tivesse acabado de bater numa parede de tijolos. Ele

recebe um banho de água, e uma exalação de vapor bate em seu rosto. Então tudo fica quieto novamente. Ele se vira, lenta e relutantemente. O pontão mais próximo não está mais lá, apenas uma sopa sangrenta e turbulenta de lascas de madeira e palha.

Ele dá meia-volta e olha para trás. O wirehead que ele havia visto poucos segundos antes está agora a céu aberto, equilibrando-se em pé na beirada de uma balsa. Tudo o mais desapareceu dali. Ele consegue ver os lábios do filho da puta se moverem. Hiro gira o barco, volta até ele e, puxando sua wakizashi com a mão livre, corta-o no ato.

Mas haverá mais. Hiro sabe que estão todos procurando por ele agora. Os artilheiros lá no alto do *Enterprise* não estão nem aí para quantos Refus vão precisar matar para pegar Hiro.

Da vizinhança malaia, ele passa para uma vizinhança chinesa. Esta vizinhança é bem mais construída; contém uma série de navios de aço e barcas. Ela se estende bem ao longe, distante do Núcleo, o mais longe que Hiro consegue ver de seu ponto de vista inútil ao nível do mar.

Ele está sendo observado por um homem lá no alto da superestrutura de um daqueles navios chineses, outro wirehead. Hiro pode ver o maxilar do cara mastigando enquanto ele manda atualizações para a Central da Jangada.

A grande metralhadora Gatling no convés do *Enterprise* se abre mais uma vez e dispara outro meteorito de urânio empobrecido na lateral de uma barca vazia a cerca de dez metros de Hiro. Toda a lateral da barca se dobra para dentro, como se o aço tivesse se liquefeito e estivesse descendo por um dreno, e o metal começa a brilhar quando as ondas de choque simplesmente transformam essa grossa camada de ferrugem em um aerossol, libertando-a do aço numa onda de som tão poderosa que machuca o peito de Hiro e faz com que ele sinta enjoo.

A metralhadora é controlada por radar. É muito precisa quando dispara num pedaço de metal. É muito menos precisa quando está tentando atingir carne e osso.

– Hiro? Mas que merda é essa? – Y. T. está gritando em seus fones de ouvido.

– Não posso falar. Me leva pro meu escritório – pede Hiro. – Me coloca na garupa da moto e vai até lá.

– Não sei dirigir moto – ela revela.

– Ela só tem um controle. Torça o guidão e ela vai.

Daí ele aponta seu barco para mar aberto e acelera. Mal e mal sobreposto à Realidade, ele pode ver a figura em preto e branco de Y. T. sentada na frente dele na motocicleta; ela pega o guidão e ambos dão um tranco para a frente e batem na parede de um arranha-céu em Mach 1.

Ele desliga inteiramente sua visão do Metaverso, tornando os óculos transparentes. Então ele aciona seu sistema para modo gárgula completo; luz visível ampliada com infravermelho em cores falsas, além de radar de ondas milimétricas.

Sua visão do mundo se torna preta e branca granulada, muito mais brilhante do que era antes. Aqui e ali, certos objetos brilham difusos em rosa ou vermelho. Isso vem do infravermelho e quer dizer que essas coisas são mornas ou quentes; pessoas são rosa, motores e fogueiras são vermelhos.

O negócio do radar de ondas milimétricas é sobreposto de modo muito mais limpo e agudo em verde neon. Qualquer coisa feita de metal aparece. Hiro está agora navegando por uma avenida granulada cinza-carvão com pontes de pontões cinza-claros granulados amarrados a barcas de verde neon que emitem um brilho avermelhado de um lugar a outro, onde quer que estejam gerando calor. Não é bonito. Na verdade, é tão feio que provavelmente explica por que os gárgulas são, em geral, tão retardados socialmente. Mas é bem mais útil que a visão cinza sobre ébano que ele tinha antes.

E isso salva sua vida. Quando ele está passando por um canal estreito e curvo, uma parábola verde estreita aparece pendendo sobre a água numa linha perfeitamente reta ao nível de seu pescoço. É um pedaço de corda de piano. Hiro se abaixa para passar por baixo dela, acena para os jovens chineses que montaram a armadilha e segue em frente.

O radar capta três indivíduos cor-de-rosa segurando AK-47s chineses de pé ao lado do canal. Hiro corta para um canal lateral e os evita. Mas é um canal mais estreito, e ele não sabe ao certo para onde vai.

– Y. T. – ele chama –, onde diabos nós estamos?

– Descendo a rua na direção da sua casa. Passamos direto por ela umas seis vezes.

Lá em cima, o canal chega a um beco sem saída. Hiro faz uma manobra de 180 graus. Com o grande trocador de calor atrás dele, o barco não é nem de longe tão manobrável ou rápido quanto Hiro quer que ele seja. Ele passa por baixo do fio da armadilha e começa a explorar outro canal estreito pelo qual passou mais cedo.

– Ok, chegamos. Você está sentado à sua mesa – diz Y. T.

– Ok – fala Hiro. – Isso vai ser complicado.

Ele desce mais e para no meio do canal, faz uma busca por milicianos e wireheads e não encontra ninguém. Há uma mulher chinesa de um metro e cinquenta no barco ao seu lado segurando um cutelo quadrado, cortando alguma coisa. Hiro deduz que é um risco com o qual pode lidar, então ele desliga a Realidade e retorna ao Metaverso.

Ele está sentado à sua mesa. Y. T. está em pé ao seu lado, de braços cruzados, irradiando atitude.

– Bibliotecário?

– Sim, senhor – atende o Bibliotecário, entrando no aposento.

– Preciso de plantas baixas do porta-aviões *Enterprise*. Rápido. Se você puder me arrumar alguma coisa em 3D, seria ótimo.

– Sim, senhor – diz o Bibliotecário.

Hiro estende a mão e pega a Terra.

– VOCÊ ESTÁ AQUI – mostra ele.

A Terra gira até que ele está olhando direto para a Jangada. Então ela se aproxima dele a uma velocidade apavorante. Em três segundos, ele está lá.

Se ele estivesse em alguma parte normal e estável do mundo como a baixa Manhattan, isso realmente funcionaria em 3D. Mas ele precisa aguentar as imagens bidimensionais de satélite. Ele está olhando para um ponto vermelho sobreposto a uma fotografia em preto e branco da Jangada. O ponto vermelho está no meio de um canal preto estreito de água: você está aqui.

Ainda assim, é um labirinto incrível. Mas é bem mais fácil encontrar a saída de um labirinto quando se está olhando direto para ele. Em cerca de 60 segundos, ele está em mar aberto, no Pacífico. É um amanhecer cinzento, cheio de neblina. A pluma de fumaça que sai do trocador de calor da Razão apenas a engrossa um pouco mais.

– Onde diabos está você? – pergunta Y. T.

– Deixando a Jangada.

– Puxa, valeu a ajuda, hein?

– Volto daqui a pouquinho. Só preciso de um segundo para me organizar.

– Tem um bocado de caras assustadores aqui – conta Y. T. – Eles estão me encarando.

– Está tudo bem – tranquiliza Hiro. – Tenho certeza de que eles ouvirão a Razão.

59

Ele abre a maleta grande. A tela ainda está ligada, mostrando a ele um display flat com uma barra de menu no topo. Ele usa uma trackball para puxar um menu para baixo:

AJUDA
PREPARANDO-SE
DISPARANDO RAZÃO
DICAS TÁTICAS
MANUTENÇÃO
RECARGA
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS
MISCELÂNEA

Sob a guia “Preparando-se”, ele encontra mais informações do que poderia querer sobre aquele assunto, incluindo meia hora de vídeo ruim com superexposição estrelando um asiático troncudo e cheio de cicatrizes na face, que parece paralisada num permanente olhar de desdém. Ele coloca suas roupas. Ele se aquece com exercícios especiais de alongamento. Ele verifica os canos para ver se não há nenhum dano ou sujeira. Hiro dá um fast forward e pula tudo isso.

Finalmente, o asiático troncudo coloca a arma.

Olho de Peixe não estava realmente usando a Razão da maneira certa; ela vem com sua própria alça que se ajusta ao seu corpo para que seja possível absorver o coice da arma com a pelve, pegando a força bem no seu centro de gravidade. A alça vem com amortecedores de choque e coisinhas hidráulicas minúsculas para compensar o peso e o coice. Se todas essas coisas forem colocadas do jeito certo, a arma fica muito mais fácil de se usar de modo preciso.

E se o cara estiver conectado a um computador, ela fará uma sobreposição de crosshairs em qualquer coisa para a qual a arma esteja apontada.

– Suas informações, senhor – diz o Bibliotecário.

– Você é inteligente o bastante para ligar essas informações ao VOCÊ ESTÁ AQUI? – pergunta Hiro.

– Verei o que posso fazer, senhor. Os formatos parecem ser compatíveis. Senhor?

– Sim?

– Essas plantas baixas têm muitos anos de idade. Desde que foram feitas, o *Enterprise* foi adquirido por um particular...

– Que pode ter feito algumas alterações. Entendi.

Hiro volta à Realidade.

Ele descobre um bulevar de água aberto que vai dar no Núcleo. Ele tem uma espécie de passarela para pedestres correndo ao longo de um dos lados, montada de modo apressado, uma procissão aparentemente infinita de pranchas, pontões, troncos, esquifes abandonados, canoas de alumínio, tambores de óleo. Em qualquer outro lugar do mundo, seria uma corrida de obstáculos; aqui, no Quinto Mundo, é uma super-rodovia.

Hiro leva o barco direto para o meio, não muito rápido. Se ele bater em algo, o barco pode virar. A Razão irá afundar. E Hiro está amarrado à Razão.

Mudando para modo gárgula, ele consegue claramente vislumbrar uma linha esparsa de cercas de domos hemisféricos percorrendo a margem do convés de voo do *Enterprise*. O equipamento de radar inteligentemente identifica esses objetos, na tela, como as antenas de radar das armas antimíssil Phalanx. Sob cada domo, desponta uma arma multicano.

Ele reduz até quase parar e acena o cano da Razão de um lado para o outro por um tempo até que os crosshairs entram em seu campo de visão. Este é o ponto de mira. Ele o ajusta no meio, bem em cima de uma dessas armas Phalanx, e aperta o gatilho por meio segundo.

O domo grande se transforma em uma fonte de destroços fragmentados e entrecortados. Por baixo dele, os canos da arma ainda são visíveis, salpicados com algumas marcas vermelhas; Hiro abaixa minimamente os crosshairs e dispara outra rajada de cinquenta tiros que arranca a arma de seu suporte. Então

seu cinto de munição começa a pipocar esporadicamente, e Hiro precisa desviar o olhar.

Hiro olha para a próxima arma Phalanx e percebe que está olhando direto para o canto. Isso é tão assustador que ele aperta o gatilho involuntariamente e dispara uma rajada longa que aparentemente não faz nada. Então sua visão é obscurecida por alguma coisa bem próxima; o coice da arma o empurrou para trás de um iate decrépito amarrado ao longo do lado do canal.

Ele sabe o que vai acontecer em seguida – o vapor faz com que ele seja fácil de localizar –, então sai dali rapidinho. Um segundo depois, o iate é simplesmente forçado sob a água por uma rajada da arma grande. Hiro corre por alguns segundos, encontra um pontão onde pode se firmar e abre fogo novamente, com uma rajada longa; quando termina, a amurada do *Enterprise* está com uma mordida semicircular dentada onde a arma Phalanx costumava ficar.

Hiro vai até o canal principal novamente e o segue por dentro até seu fim, embaixo de um dos navios do Núcleo, um navio-contêiner convertido em complexo de apartamentos de luxo. Uma rede de carga serve de rampa de um para o outro. Ela provavelmente serve também como ponte levadiça, quando gente indesejável tenta sair do gueto. Hiro é tão indesejável quanto qualquer um pode sê-lo na Jangada, mas eles deixam a rede de carga ali para ele.

Tudo bem. Ele vai ficar no barquinho por enquanto. Ele dá a volta no navio-contêiner, faz um U ao redor de sua proa.

O navio seguinte é um grande petroleiro, em sua maior parte vazio e flutuando leve na água. Olhando por sobre o desfiladeiro de aço puro que separa os dois navios, ele não vê nenhuma rede de carga esticada convenientemente entre os dois. Eles não querem que ladrões ou terroristas subam a bordo e retirem o petróleo.

O próximo navio é *o Enterprise*.

Os dois navios gigantes, o petroleiro e o porta-aviões, navegam paralelos um ao outro, sempre entre cinco a 15 metros de distância, unidos por uma série de cabos gigantescos e mantidos a distância por imensos airbags, como se tivessem enfiado alguns dirigíveis entre os dois para evitar que se esfregassem. Os cabos pesados não estão apenas amarrados de um navio para o outro; eles fizeram algo

mais inteligente com pesos e roldanas, ele suspeita, para permitir um espaço quando os mares revoltos puxarem os navios por caminhos opostos.

Hiro pilota seu próprio airbag pequeno entre os dois. Esse túnel de aço cinza é silencioso e isolado se comparado à Jangada; a não ser por ele, ninguém tem motivo para estar ali. Por um minuto, ele simplesmente quer ficar ali sentado e relaxar.

O que não é muito provável, se ele for parar para pensar direito. – VOCÊ ESTÁ AQUI – ele diz.

Sua visão do casco do *Enterprise* – uma expansão ligeiramente curva de aço cinza – se transforma em um desenho de wireframe tridimensional, mostrando a ele as entranhas do navio do outro lado.

Descendo ali ao longo da linha-d'água, o *Enterprise* possui um cinturão de armadura antitorpedo de grande espessura. Não promete muito. Mais além, a armadura é mais fina, e há coisa boa do outro lado, aposentos de verdade em vez de tanques de combustível ou depósitos de munição.

Hiro escolhe uma sala marcada SALA DOS OFICIAIS e abre fogo.

O casco do *ENTERPRISE* é surpreendentemente duro. A Razão não abre uma cratera direto nele; leva alguns momentos para a rajada penetrar. E, mesmo assim, tudo o que ela faz é um buraco de cerca de dez centímetros de diâmetro. O coice empurra Hiro contra o casco enferrujado do petroleiro.

De qualquer maneira, ele não pode levar a arma. Mantém o gatilho apertado e simplesmente tenta mantê-la apontada em uma direção consistente até acabar toda a munição. Então ele a desprende do corpo e joga tudo pela amurada. Ela irá até o fundo e marcará sua posição com uma coluna de vapor; mais tarde, a Grande Hong Kong do Sr. Lee poderá despachar um de seus grupos ambientais de ação direta para recuperá-lo. E aí poderão levar Hiro perante o Tribunal de Crimes Ambientais, se quiserem. Neste exato instante, ele não dá a mínima.

Ele tenta meia dúzia de vezes antes de conseguir fixar a garateia no buraco rasgado, a seis metros acima da linha-d'água.

Quando ele se espreme para passar pelo buraco, seu sobretudo faz barulhos de estalos e sibilos quanto o metal quente e afiado derrete e rasga o material sintético. Hiro acaba deixando pedaços dele para trás, soldados ao casco. Ele fica com queimaduras de primeiro e segundo graus nas partes da pele que estão

expostas agora, mas elas não chegam a doer ainda. Isso é para se ver como ele está alterado. Mais tarde isso vai doer. As solas de seus sapatos derretem e chiam quando ele pisa sobre pedaços brilhantes de destroços. O aposento está bastante enfumaçado, mas porta-aviões são muito preparados contra incêndios, e não há muita coisa inflamável naquele lugar. Hiro simplesmente atravessa a fumaça até a porta, que a Razão esculpiu até virar um guardanapo de aço. Ele a chuta, arrancando-a fora das dobradiças e entra num lugar que, nas plantas baixas, está simplesmente marcado como PASSAGEM. Então, porque parece uma hora tão boa quanto qualquer outra, ele puxa sua katana.

60

Quando seu sócio está fora fazendo alguma coisa lá na Realidade, seu avatar fica meio morto. O corpo fica ali sentado feito uma boneca inflável e o rosto continua a apresentar toda espécie de exercício de alongamento. Ela não sabe o que ele está fazendo, mas parece empolgante, porque na maior parte do tempo ou ele está extremamente surpreso ou totalmente apavorado.

Pouco depois de ele acabar de falar com o tal de Bibliotecário sobre o porta-aviões, ela começa a ouvir ruídos constantes e graves – ruídos da Realidade – do lado de fora. Parece um cruzamento entre uma metralhadora e uma serra elétrica. Sempre que ela ouve esse barulho, o rosto de Hiro faz uma cara espantada tipo: vou morrer.

Alguém está dando tapinhas no ombro dela. Algum executivo que tem uma reunião importante de manhã no Metaverso acha que o que quer que essa Kourier esteja fazendo não pode ser assim tão importante. Ela o ignora por um minuto.

Então o escritório de Hiro sai de foco, pula no ar como se estivesse pintado numa janela de carro, e ela está olhando para o rosto de um sujeito. Um sujeito asiático. Um sujeito sinistro. Um wirehead. Um desses sujeitos assustadores com antenas.

– Ok – diz ela –, o que você quer?

Ele a agarra pelo braço e a levanta para fora da cabine. Há outra pessoa com ele, e ele segura o outro braço dela. Então eles saem andando dali.

– Soltem meu braço, porra – ela reclama. – Eu vou com vocês. Tudo bem.

Não é a primeira vez que ela é jogada para fora de um prédio cheio de executivos. Mas desta vez é um pouco diferente. Desta vez os seguranças são duas action figures de plástico em tamanho real saídas diretamente da Toys R Us.

E não é só que esses caras provavelmente não falem inglês. Eles simplesmente não agem de modo normal. Y. T. chega a conseguir soltar um dos seus braços e o sujeito não bate nela nem nada, simplesmente se volta rigidamente para ela e a segue mecanicamente até conseguir agarrá-la pelo braço. O rosto dele não apresenta nenhuma mudança. Os olhos dele a encaram como faróis quebrados. Sua boca está aberta o suficiente para permitir que ele respire por ela, mas os lábios nunca se movem, nunca mudam de expressão.

Eles estão em um complexo de cabines de navio e contêineres abertos que atuam como o saguão do hotel. Os wireheads a arrastam porta afora, passando por cima dos crosshairs toscos do heliponto. E bem na hora também, porque aparentemente um helicóptero está se aproximando para pousar. Os procedimentos de segurança daquele lugar são uma merda; eles poderiam ter sido decapitados. É um helicóptero corporativo moderno com o logo RARE que ela já havia visto antes.

Os wireheads tentam arrastá-la sobre uma coisa tipo prancha que os faz atravessar o mar até o navio seguinte. Y. T. consegue dar meia-volta, agarra a amurada com ambas as mãos, engancha os tornozelos nas pilastras e se pendura. Um deles a agarra pela cintura por trás e tenta arrancá-la dali enquanto o outro fica em pé na frente dela e solta seus dedos, um de cada vez.

Vários caras estão saindo do helicóptero da RARE. Estão vestindo sobretudos com equipamento enfiado nos bolsos, e ela vê pelo menos um estetoscópio. Eles retiram grandes caixas de fibra de vidro do helicóptero, com cruzes vermelhas pintadas nas laterais, e correm para o navio-contêiner. Y. T. sabe que isso não está sendo feito em benefício de algum homem de negócios gordo que sofreu um derrame. Eles vão entrar ali para reanimar seu namorado. O Corvo cheio de anfetaminas: justo do que o mundo precisa agora.

Eles a arrastam pelo convés do próximo navio. De lá eles pegam uma coisa tipo escada que vai até o outro navio depois desse, que é muito grande. Ela acha que é um petroleiro. Ela pode ver ao longo de seu convés amplo, através de um emaranhado de canos, a ferrugem se insinuando por entre a tinta branca e o *Enterprise* do outro lado. É para lá que eles estão indo.

Não há ligação direta. Um guindaste no convés do *Enterprise* girou para o lado para deixar pendente uma pequena gaiola de metal sobre o petroleiro, a

apenas alguns metros do convés; ela balança para cima e para baixo e desliza para a frente e para trás sobre uma área bem grande enquanto os dois navios balançam de maneiras diferentes e ela balança como um pêndulo na ponta do cabo. Ela tem uma porta num dos lados, que está escancarada.

Eles meio que a jogam lá dentro de cabeça, mantendo seus braços presos para que Y. T. não possa empurrá-la para longe, e então eles passam alguns segundos dobrando as pernas dela. A esta altura, é óbvio que falar não funciona, então ela simplesmente luta em silêncio. Consegue dar num deles um belo chute no nariz e sente e ouve o osso quebrar, mas o homem não reage de maneira alguma, além de jogar a cabeça para trás com o impacto. Ela está tão ocupada observando-o, esperando para ver quando ele vai descobrir que seu nariz está quebrado e que ela é a responsável por isso, que para de chutar e espernear por tempo suficiente para que eles consigam enfiá-la na jaula. Então a porta se fecha.

Um guaxinim experiente conseguiria abrir a tranca. Essa gaiola não foi feita para segurar gente. Mas quando Y. T. consegue ajeitar o corpo a um ponto onde pode alcançá-la, já está a dez metros acima do convés, olhando para um trecho de água negra entre o petroleiro e o *Enterprise*. Lá embaixo, ela consegue ver um Zodiac abandonado flutuando para a frente e para trás entre as paredes de aço.

Nem tudo vai exatamente bem no *Enterprise*. Alguma coisa está queimando em algum lugar. Pessoas estão disparando armas. Ela não está inteiramente segura de que quer estar ali. Enquanto ela está bem alto no ar, aproveita para fazer um reconhecimento do navio e confirma que não há como sair, não há nenhuma coisa tipo prancha ou escada à mão.

Ela está sendo baixada para o *Enterprise*. A jaula balança de um lado para outro, arrastando em cima do convés pendurada pelo cabo, e quando finalmente toca o convés, ela desliza por alguns metros até parar. Ela solta a tranca e sai de dentro. E agora?

Há uma mira pintada no convés, alguns helicópteros estacionados e atracados ao redor das beiras. E há um helicóptero, um mamute a jato com dois motores, parado bem no meio da mira, todas as luzes acesas, motor ligado, rotores girando irregularmente. Um pequeno aglomerado de homens está em pé ao lado dele.

Y. T. anda na direção dele. Ela odeia isso. Sabe que isso é exatamente o que ela deveria fazer. Mas realmente não há escolha. Ela gostaria profundamente que sua prancha de skate estivesse ali. O convés daquele porta-aviões é um dos melhores territórios para skate que ela já viu. Ela viu, em filmes, que porta-aviões têm grandes catapultas a vapor para jogar aviões no céu. Pensa só em como seria voar na sua prancha impulsionada por uma catapulta a vapor!

Quando Y. T. está caminhando na direção do helicóptero, um dos homens ao lado dele se destaca do grupo e vai até ela. Ele é grande, com um corpo tipo um tambor de petróleo de 55 galões e um bigode com as pontas enroladas para cima. E, quando ele se aproxima dela, ri de um jeito satisfeito, o que a deixa emputecida.

– Ora, não é que você parece uma coisinha perdida! – ele diz. – Que merda, gatinha, você parece um rato molhado que acabou de secar.

– Valeu – ela diz. – Você parece uma lata de apresuntado.

– Muito engraçado – ele fala.

– Então por que é que você não está rindo? Tem medo de que seja verdade?

– Escuta – replica ele –, não tenho tempo pra esta merdinha de papo adolescente. Eu cresci e fiquei velho especificamente pra fugir desse tipo de coisa.

– Não é que você não tenha tempo – diz ela. – É que você não é muito bom nisso mesmo.

– Você sabe quem sou eu? – ele pergunta.

– Sei. Você sabe quem sou eu?

– Y. T. Uma Kourier de quinze anos.

– E amiga do Tio Enzo – diz ela, puxando a corrente com as placas de identificação e jogando-as. Ele estende uma das mãos, assustado, e a corrente se enrosca ao redor de seus dedos. Ele as segura e as lê.

– Ora, ora – comenta ele. – É uma lembrancinha e tanto. – Ele as joga de volta para ela. – Sei que você e o Tio Enzo são amiguinhos, senão teria afogado você em véz de colocá-la debaixo da minha asa. E, francamente, caguei pra isso – ele diz – porque, quando o dia de hoje acabar, ou o Tio Enzo estará sem emprego, ou eu serei, como você disse, uma lata de apresuntado. Mas acho que o

Grande Carcamano terá muito menos chances de lançar um Stinger na turbina do meu helicóptero aqui se ele souber que sua chiquita está a bordo.

– Não é bem assim – discorda Y. T. – Foder não faz parte desse relacionamento.

Mas ela está chateada ao descobrir que as placas de identificação, afinal, não tiveram nenhum efeito mágico sobre os bandidos.

Rife dá meia-volta e começa a caminhar de volta para o helicóptero. Depois de alguns passos, ele se volta e olha para ela, simplesmente fica ali, tentando não gritar.

– Você vem? – ele pergunta.

Ela olha para o helicóptero. Uma passagem para fora da Jangada.

– Posso deixar um bilhete pro Corvo?

– Com relação ao Corvo, acho que você já deixou tudo claro... hahaha! Vamos lá, garota, estamos gastando combustível de jato ali... e isso não é bom pro maldito meio ambiente.

Ela o acompanha até o helicóptero, sobe a bordo. É quente e iluminado ali dentro, com belas poltronas. Como sair de um dia duro de fevereiro de skate pelas rodovias cheias de cascalho e se acomodar numa poltrona estofada.

– Mandei refazer o interior – explica Rife. – Este é um veículo militar soviético antigo e não foi feito para ser confortável. Mas é o preço que se paga por toda essa armadura de revestimento.

Há mais dois sujeitos ali dentro. Um tem cerca de cinquenta anos, jeito meio sério, poros grandes, bifocais com aro de metal, e carrega um laptop. Um techie. O outro é um afro-americano troncudo com uma arma na mão.

– Y. T. – diz o sempre educado L. Bob Rife –, este é Frank Frost, meu diretor de tecnologia, e Tony Michaels, meu chefe de segurança.

– Senhora – cumprimenta Tony.

– Opa – fala Frank.

– Vão catar coquinho – responde Y. T.

– Não pise nisso, por favor – diz Frank.

Y. T. olha para baixo. Ao subir na poltrona vazia mais próxima à porta, ela pisou num pacote deixado na porta. Ele tem as dimensões de um catálogo telefônico, mas é irregular, muito pesado, envolto em plástico-bolha e plástico

claro. Ela consegue ver relances do que está ali dentro. A cor é marrom-avermelhada clara. Coberto com tracinhos que parecem titica de galinha. É duro como uma rocha.

– O que é isso? – pergunta Y. T. – Pão caseiro da mamãe?

– É um artefato antigo – retruca Frank, todo putinho. Rife ri, satisfeito e aliviado porque agora Y. T. está insultando outra pessoa.

Outro homem caminha curvado sobre o convés de voo, apavorado e as lâminas do rotor, e sobe no helicóptero. Ele tem cerca de sessenta anos e um dirigível de cabelos brancos que a ventania não desarmou nem um pouco.

– Olá a todos – ele diz animado. – Acho que não conheço vocês todos. Acabei de chegar esta manhã e já estou voltando!

– Quem é você? – pergunta Tony. O novo sujeito parece desanimado.

– Greg Ritchie – ele se identifica.

Então, quando ninguém parece reagir, ele aviva a memória deles:

– Presidente dos Estados Unidos.

– Ah! Desculpe. É um prazer conhecê-lo, Sr. Presidente – diz Tony, estendendo a mão. – Tony Michaels.

– Frank Frost – apresenta-se Frank, estendendo sua mão com cara de tédio.

– Não ligue pra mim – diz Y. T. – Estou aqui de refém.

– Dê a partida nessa maravilha – Rife determina ao piloto. – Vamos para LA. Temos uma Missão para Controlar.

O piloto tem um rosto anguloso que, depois de suas experiências na Jangada, Y. T. reconhece como tipicamente russo. Ele começa a brincar com os controles. O ruído dos motores aumenta e o barulho das lâminas do rotor também. Y. T. sente, mas não ouve, duas pequenas explosões. Todo mundo também sente, mas só Tony reage; ele se agacha no chão do helicóptero, saca uma arma de dentro de sua jaqueta e abre a porta lateral. Enquanto isso, os motores voltam ao som de suspiro e o rotor volta ao tom mais baixo.

Y. T. consegue vê-lo na janela. É Hiro. Ele está todo coberto de fumaça e sangue e segura uma pistola numa das mãos. Ele acabou de disparar dois tiros para o alto, para chamar a atenção deles, e agora está recuando para trás de um dos helicópteros estacionados, para se proteger.

– Você é um homem morto – grita Rife. – Você está preso na Jangada, seu babaca. Eu tenho um milhão de mirmidons aqui. Vai matar todos eles?

– Espadas não ficam sem munição – grita Hiro.

– O que é que você quer, afinal?

– Eu quero a tabuleta. Você me dá a tabuleta, então pode decolar e deixar seu milhão de wireheads me matar. Você não me dá a tabuleta, eu esvazio este pente no vidro do seu helicóptero.

– É à prova de balas! Ha! – alega Rife.

– Não é não – afirma Hiro. – Como os rebeldes no Afeganistão descobriram.

– Ele tem razão – revela o piloto.

– Mas que merda soviética do caralho! Eles revestem toda esta porra de aço e fazem o vidro da frente *só de vidro*?

– Me dê a tabuleta – ordena Hiro –, ou vou tomá-la à força.

– Não vai não – avisa Rife –, porque eu estou com a Sininho aqui.

No último minuto, Y. T. tenta se abaixar e se esconder para que ele não a veja. Ela está com vergonha. Mas Hiro trava o olhar nela por apenas um instante, e ela pode ver a derrota se espalhar pelo seu rosto.

Ela mergulha na direção da porta e chega a colocar metade do corpo para fora, sob o barulho ensurdecedor dos rotores. Tony agarra o colarinho do macacão dela e a puxa de volta para dentro. Ele a joga de bruços e coloca um joelho sobre a nuca da garota para segurá-la ali. Enquanto isso, o motor torna a aumentar a potência, e pela porta aberta Y. T. consegue ver o horizonte de aço do convés do porta-aviões desaparecer de vista.

Depois de todo esse tempo, ela fodeu com o plano. Ela deve uma restituição a Hiro. Ou talvez não.

Ela coloca a palma da mão contra a borda da tabuleta de argila e a empurra com o máximo de força que consegue. A tabuleta desliza pelo chão, bambeia no limiar e cai girando para fora do helicóptero.

Mais uma entrega feita, mais um cliente satisfeito.

61

Por cerca de um minuto, o helicóptero fica flutuando a cinco metros de altura. Todas as pessoas ali dentro estão olhando para a tabuleta, que se arrebentou no meio da mira. O plástico se rasgou nos cantos e fragmentos – fragmentos grandes – da tabuleta se espalharam em todas as direções por alguns metros.

Hiro também fica olhando para isso, ainda seguro atrás da proteção de um helicóptero estacionado. Ele olha tanto para ela que se esquece de olhar para tudo o mais. Então dois wireheads pulam nas suas costas, esmagando seu rosto no flanco do helicóptero. Ele cai deslizando de barriga. O braço que segura a arma ainda está livre, mas outros dois wireheads se sentam em cima dele. E outros dois em suas pernas. Hiro não consegue se mover. Ele não consegue ver nada a não ser a tabuleta quebrada, a cinco metros de distância no convés de voo. O som e o vento do helicóptero de Rife diminuem em um ruído de putputput distante que demora muito tempo para desaparecer completamente.

Ele sente um formigamento atrás da orelha, antecipando o bisturi e a broca.

Esses wireheads estão operando sob controle remoto de algum outro lugar. Ng parecia pensar que eles tinham um sistema organizado de defesa na Jangada. Talvez houvesse um hacker-chefe encarregado, um *en*, sentado na torre de controle do *Enterprise*, movendo esses caras como um controlador de tráfego aéreo.

De qualquer maneira, eles não são muito bons em espontaneidade. Ficam sentados em cima de Hiro por alguns minutos antes de decidirem o que fazer em seguida. Então, muitas mãos o pegam pelos pulsos e pelos tornozelos, pelos cotovelos e pelos joelhos. Eles o erguem e o conduzem pelo convés como quem segura as alças de um caixão, de rosto para cima. Hiro olha para a torre de controle e percebe dois rostos olhando para ele. Um deles – o *en* – está falando num microfone.

Depois de algum tempo, eles chegam a um elevador grande e quadradão que afunda nas entranhas do navio, fora das vistas da torre de controle. Ele para num dos conveses inferiores, aparentemente um convés-hangar onde costumavam guardar aviões.

Hiro ouve uma voz de mulher, falando palavras suaves mas claras:

– Me lu lu um al nu um me en ki me en me lu lu um me al nu um me al nu ume me me um lu e al nu um me dug ga um me um lu e al nu um me...

É um metro e meio para baixo até o convés, e ele percorre essa distância em queda livre, batendo de costas, batendo a cabeça. Todos os seus membros batem frouxos no metal. Ao seu redor, ele vê e ouve os wireheads desabando como toalhas molhadas caindo de um roupeiro.

Ele não consegue mover parte alguma do corpo. Tem um pouco de controle sobre os olhos. Um rosto aparece no seu campo de visão, e ele tem dificuldades de focá-lo, não consegue enxergá-lo muito bem, mas reconhece alguma coisa na postura dela, na maneira como ela joga os cabelos por sobre o ombro quando ele cai. É Juanita. Juanita com uma antena despontando da base de seu crânio.

Ela se ajoelha ao lado dele, se curva, põe uma mão em concha ao redor de seu ouvido e sussurra. O ar quente faz cócegas em seu ouvido; ele tenta se desviar mas não consegue. Ela sussurra outra longa sequência de sílabas. Então ela se levanta e o chuta nos flancos. Hiro estremece e se afasta dela.

– Levanta, preguiçoso – manda ela.

Ele se levanta. Agora ele está bem. Mas todos os wireheads estão deitados ao redor dele, perfeitamente imóveis.

– Foi apenas um pequeno nam-shub que eu criei – ela esclarece. – Eles vão ficar bem.

– Oi – cumprimenta ele.

– Oi. É bom te ver, Hiro. Vou te dar um abraço agora: cuidado com a antena.

Ela faz isso. Ele a abraça. A antena quase sobe pelo seu nariz, mas tudo bem.

– Assim que tirarmos esse negócio, os cabelos e o resto deverão crescer de novo – ela sussurra. Finalmente, ela o solta. – Na verdade, esse abraço foi mais pra mim que pra você. Passei um tempo solitário aqui. Solitário e assustador.

É um comportamento tipicamente paradoxal para Juanita: ficar toda sentimental numa hora dessas.

– Não me leve a mal – diz Hiro –, mas você não é um dos bandidos agora?

– Ah, você quer dizer isto aqui?

– É. Você não trabalha pra eles?

– Se eu trabalho, não estou fazendo um bom serviço. – Ela dá uma gargalhada, fazendo um gesto na direção do círculo de wireheads imóveis. – Não. Isto aqui não funciona em mim. Meio que funcionou por um tempo, mas há maneiras de combater isso.

– Por quê? Por que não funciona em você?

– Passei os últimos anos andando com jesuítas – ela explica. – Escute. Seu cérebro tem um sistema imunológico, assim como seu corpo. Quanto mais você o utilizar, quanto mais você se expuser ao vírus, melhor seu sistema imunológico se tornará. E eu tenho um sistema imunológico dos diabos. Lembre-se, fui ateia por um tempo e depois voltei para a religião pelo caminho mais difícil.

– Por que é que eles não foderam com você do jeito que foderam com o Da5id?

– Eu vim pra cá voluntariamente.

– Assim como Inanna.

– Isso.

– Por que é que alguém viria aqui voluntariamente?

– Hiro, você não entendeu? É isto. Este é o centro nervoso de uma religião que é ao mesmo tempo nova em folha e muito antiga. Estar aqui é como seguir Jesus ou Maomé, observar o nascimento de uma nova fé.

– Mas é terrível. Rife é o Anticristo.

– Claro que é. Mas mesmo assim é interessante. E Rife tem outra coisa em seu favor: Eridu.

– A cidade de Enki.

– Exatamente. Ele conseguiu todas as tabuletas que Enki escreveu. Para uma pessoa interessada em religião e hacking, este é o único lugar no mundo para se estar. Se essas tabuletas estivessem na Arábia, eu vestiria um chador, queimaria minha carteira de motorista e iria pra lá. Mas as tabuletas estão aqui, então eu deixei que eles me cabeassem.

– Então, todo esse tempo, seu objetivo era estudar as tabuletas de Enki.

– Para conseguir os *me*, assim como Inanna. O que mais eu faria?

– E você as tem estudado?

– Ah, sim.

– E?

Ela aponta para os wireheads caídos.

– E agora eu posso fazer isso. Eu sou um *Ba'al Shem*. Posso hackear o tronco cerebral.

– Ok, escute. Fico feliz por você, Juanita. Mas, neste momento, temos um probleminha. Estamos cercados por um milhão de pessoas que querem nos matar. Você pode paralisar todos eles?

– Posso – responde ela. – Mas aí eles morreriam.

– Você sabe o que temos de fazer, não sabe, Juanita?

– Liberar o nam-shub de Enki – ela replica. – Dar uma de Babel.

– Vamos à luta – diz Hiro.

– Uma coisa de cada vez – diz Juanita. – A torre de controle.

– Ok, você se prepara para agarrar a tabuleta, e eu tomo a torre de controle.

– Como é que você vai fazer isso? Cortando gente com espadas?

– Isso. É a única coisa para a qual elas servem.

– Vamos fazer o contrário – resolve Juanita. Ela se levanta e atravessa o convés do hangar.

***

O nam-shub de Enki é uma tabuleta enrolada em um envelope de argila coberto com o equivalente cuneiforme de um sticker de aviso. Todo o conjunto se espatifou em dezenas de pedaços. A maioria deles permaneceu envolta dentro do plástico, mas alguns saíram girando pelo convés de voo. Hiro os recolhe no heliponto e os leva de volta ao centro.

Quando ele consegue cortar o embrulho de plástico, Juanita está acenando para ele das janelas no topo da torre de controle.

Hiro pega todos os pedaços que parecem fazer parte do envelope e os coloca em uma pilha separada. Então ele monta os restos da tabuleta propriamente dita em um grupo coerente. Ainda não é óbvio como juntá-las, e ele não tem tempo para quebra-cabeças. Daí, ele coloca os óculos e entra em seu escritório, usa o

computador para tirar uma foto eletrônica dos fragmentos e chama o Bibliotecário.

– Sim, senhor?

– Este hipercartão contém uma foto de uma tabuleta de argila quebrada. Você conhece algum software que seja bom em juntar os pedaços dela?

– Um momento, senhor – diz o Bibliotecário. Então aparece um hipercartão em sua mão. O daemon o dá a Hiro. O cartão contém uma foto de uma tabuleta montada. – Este é o aspecto do objeto, senhor.

– Você sabe ler sumério?

– Sim, senhor.

– Pode ler esta tabuleta em voz alta?

– Sim, senhor.

– Prepare-se para fazer isso. E espere um segundo.

Hiro caminha até a base da torre de controle. Ali há uma porta que lhe dá acesso a uma escada. Ele sobe até a sala de controle, uma estranha mistura de Idade do Ferro e high-tech. Juanita está lá esperando, cercada por wireheads dormindo tranquilamente. Ela dá uns tapinhas num microfone que se projeta de um painel de comunicações na ponta de um tubo recurvado flexível – o mesmo microfone no qual o *en* estava falando.

– Ao vivo para a Jangada – ela fala. – Vai fundo.

Hiro coloca seu computador em modo de alto-falante e fica em pé ao lado do microfone.

– Bibliotecário, pode ler – ele autoriza. E uma corrente de sílabas se derrama pelo alto-falante.

No meio disso tudo, Hiro olha de relance para Juanita. Ela está em pé no outro canto da sala com os dedos enfiados nos ouvidos.

Lá embaixo, na base das escadas, um wirehead começa a falar. Bem no fundo, dentro do *Enterprise*, mais conversas rolando. E nada disso faz qualquer sentido. É apenas um bocado de blá-blá-blá.

Há uma passarela externa na torre de controle. Hiro sai lá fora e ouve a Jangada. De toda parte ao redor deles, surge um burburinho, não de ondas nem de vento, mas de um milhão de vozes humanas libertadas falando em uma confusão de idiomas.

Juanita sai para escutar também. Hiro vê um fio vermelho escorrendo do ouvido dela.

– Você está sangrando – ele avisa.

– Eu sei. Um pouquinho de cirurgia primitiva – explica ela. Sua voz está tensionada e desconfortável. – Eu estava andando com um bisturi para uma eventualidade dessas.

– O que foi que você fez?

– Deslizei o bisturi embaixo da base da antena e cortei o fio que vai até meu crânio – responde ela.

– Quando você fez isso?

– Enquanto você estava lá embaixo, no convés de voo.

– Por quê?

– Por que você acha? – ela pergunta. – Para que eu não fosse exposta ao nam-shub de Enki. Agora eu sou uma hacker neurolinguística, Hiro. Eu fui até o inferno para conseguir esse conhecimento. Ele faz parte de mim. Não espere que eu me submeta a uma lobotomia.

– Se a gente escapar dessa, você volta a namorar comigo?

– Claro – ela aceita. – Agora vamos dar o fora.

62

– Eu só estava fazendo meu trabalho, cara – ela se justifica. – Esse tal de Enki queria entregar uma mensagem para o Hiro, e eu entreguei.

– Cale a boca – determina Rife. Ele não diz isso com emputecimento. Ele apenas quer que ela fique quieta. Porque a atitude que ela tomou não faz a menor diferença agora que todos aqueles wireheads caíram numa pilha em cima de Hiro.

Y. T. olha pela janela. Eles estão atravessando o Pacífico, mantendo-se a uma baixíssima altitude, a água roçando rapidamente sob eles. Ela não sabe qual a velocidade do helicóptero, mas parece ser muito, muito rápido. Ela sempre pensou que o oceano fosse azul, mas na verdade é a cor cinza mais chata que ela já viu. E quilômetros e quilômetros disso.

Depois de alguns minutos, outro helicóptero os alcança e começa a voar ao lado deles, bem próximo, em formação. É o helicóptero da RARE, aquele cheio de médicos.

Através da janela de sua cabine, ela pode ver o Corvo sentado numa das poltronas. No começo, Y. T. pensa que ele ainda está inconsciente porque está meio curvado, sem se mexer.

Então o Corvo levanta a cabeça e ela vê que ele está com óculos, conectado ao Metaverso. Ele estende uma das mãos e puxa os óculos para a testa por um instante, força a vista para olhar pela janela e percebe que ela o está observando. Seus olhos se encontram e o coração dela começa a pular sem forças, como um coelhinho dentro de uma sacola Ziploc. Ele sorri e acena.

Y. T. se recosta na poltrona e puxa a persiana da janela.

63

Do jardim da frente de Hiro até o cubo negro de L. Bob Rife na Porta 127 é metade do Metaverso, uma distância de 32.768 quilômetros. A única parte difícil, na verdade, é sair do Centro da Cidade. Ele consegue pilotar sua moto passando direto pelos avatares, como de costume, mas a Rua também está atulhada de veículos, animerciais, displays comerciais, praças públicas e outros fragmentos de software de aspecto sólido que ficam em seu caminho.

Isso para não mencionar algumas distrações. À sua direita, a cerca de um quilômetro de distância do Black Sun, há um grande buraco na linha do horizonte da HiperManhattan. É uma praça aberta com cerca de uma milha de largura, uma espécie de parque onde os avatares podem se reunir para shows, convenções e festivais. A maior parte dela é ocupada por um anfiteatro em forma de prato fundo que é capaz de acomodar perto de um milhão de avatares ao mesmo tempo. No fundo, há um palco circular enorme.

Normalmente, o palco é ocupado por grandes grupos de rock. Esta noite, ele é ocupado pelas maiores e mais brilhantes alucinações computadorizadas que a mente humana pode inventar. Uma placa tridimensional pende sobre ele, anunciando o evento desta noite: um concerto gráfico beneficente em homenagem a Da5id Meier, que ainda está hospitalizado com uma doença inexplicável. O anfiteatro está com a lotação pela metade, todos hackers.

Assim que sai do Centro da Cidade, Hiro acelera ao máximo e cobre os 32 mil e tantos quilômetros restantes em cerca de dez minutos. Sobre sua cabeça, os trens expressos passam zunindo pelos trilhos a uma metafórica velocidade de dez mil milhas por hora; ele passa por eles como se eles estivessem parados. Isso só funciona porque ele está pilotando em uma linha absolutamente reta. Hiro tem uma rotina codificada no software de sua motocicleta que faz ela seguir automaticamente o caminho do monotrilho, de forma que ele não precise sequer se preocupar em guiá-la.

Enquanto isso, Juanita está em pé ao seu lado na Realidade. Ela está com outro par de óculos; ela pode ver as mesmas coisas que Hiro vê.

– Rife está com um link móvel de satélite em seu helicóptero corporativo, igual aos dos aviões comerciais, e por isso ele pode se conectar ao Metaverso quando está voando. Enquanto ele estiver no ar, esse é o seu único link para o Metaverso. Talvez possamos conseguir hackear esse link e bloqueá-lo ou alguma coisa assim...

– Esse negócio de comunicações de baixo nível é cheio demais de remédios para que a gente consiga mexer com isso nesta década – reclama Hiro, freando a motocicleta. – Caralho. É exatamente como Y. T. descreveu.

Ele está na frente da Porta 127. O cubo preto de Rife está ali, tal como Y. T. contou. Não existe porta.

Hiro desce da moto e começa a se afastar da Rua, indo direto para o cubo. Ele não reflete nenhuma luz, então Hiro não sabe dizer se está a três metros ou três quilômetros de distância até que os daemons de segurança começam a se materializar. Há meia dúzia deles, todos avatares grandes e fortes em macacões azuis, meio de aspecto quase militar, mas sem posto. Eles não precisam de posto porque estão todos executando o mesmo programa. Eles se materializam ao seu redor em um semicírculo perfeito com um raio de cerca de três metros, bloqueando a passagem de Hiro até o cubo.

Hiro murmura uma palavra baixinho e desaparece – ele passa para seu avatar invisível. Seria muito interessante ficar por ali e ver como esses daemons de segurança lidam com isso, mas agora ele precisa se mexer antes que eles tenham a chance de se ajustar a isso.

Mas não se ajustam, pelo menos não muito bem. Hiro corre entre dois dos daemons de segurança e se dirige para a parede do cubo. Ele finalmente chega lá, batendo nela e parando. Os daemons de segurança todos se viraram e estão indo atrás dele. Eles podem adivinhar onde Hiro está – isso o computador lhes diz –, mas não podem fazer muita coisa com ele. Assim como os daemons leões de chácara do Black Sun, que Hiro ajudou a escrever, eles empurram as pessoas aplicando regras básicas de física de avatares. Quando Hiro está invisível, não há muito que eles possam empurrar. Mas se eles forem bem escritos, podem ter

maneiras mais sutis de mexer com ele, por isso ele não está perdendo tempo. Enfia a katana na lateral do cubo e a segue através da parede até o outro lado.

Esta é uma estratégia hacker. Na verdade, ela é baseada numa outra estratégia muito antiga, uma brecha que ele descobriu há anos quando estava tentando escrever as regras de luta de espadas no software do Metaverso. Sua lâmina não tem o poder de cortar um buraco na parede – isso alteraria permanentemente a forma do prédio de outra pessoa –, mas tem o poder de penetrar coisas. Avatares não têm esse poder. Este é todo o propósito de uma parede no Metaverso; é uma estrutura que não permite que avatares a penetrem. Mas, como qualquer outra coisa no Metaverso, esta regra não é nada senão um protocolo, uma convenção que computadores diferentes concordam em seguir. Em teoria, essa norma não pode ser ignorada. Mas, na prática, ela depende da habilidade de diferentes computadores em trocar informações muito precisamente, em alta velocidade, e nos momentos exatos. E, quando se está conectado ao sistema por um link de satélite, como Hiro, ali fora na Jangada, há um atraso quando os sinais batem no satélite e voltam. Esse atraso pode ser usado como vantagem se você se mover rapidamente e não olhar para trás. Hiro passa direto pela parede na ponta de sua katana, que a tudo penetra.

A Rifelândia é um espaço vasto e brilhantemente iluminado ocupado por formas elementares em cores primárias. É como estar dentro de um brinquedo educacional projetado para ensinar geometria sólida a crianças de três anos: cubos, esferas, tetraedros, poliedros, todos conectados a uma rede de cilindros, linhas e hélices. Mas, neste caso, a coisa fugiu muito, mas muito ao controle, como se cada conjunto Tinkertoy e tijolinho Lego já criado tivesse sido encaixado de acordo com algum esquema há muito esquecido.

Hiro já andou pelo Metaverso tempo suficiente para saber que, apesar da aparência brilhante e alegre dessa coisa, ela na verdade é simples e utilitária como um acampamento do Exército. Este é um modelo de sistema. Um sistema grande e complicado. As formas provavelmente representam computadores, ou nós centrais na rede mundial de Rife, ou franquias dos Portões Celestiais, ou quaisquer outros tipos de escritórios locais e regionais que Rife tem ao redor do mundo. Entrando nessa estrutura e indo até aquelas formas brilhantes, Hiro

poderia provavelmente descobrir uma parte do código que faz a rede de Rife operar. Ele poderia, talvez, tentar hackeá-la, como Juanita sugeriu.

Mas não faz sentido mexer em alguma coisa que ele não compreende. Hiro poderia passar horas de bobeira com algum fragmento de código somente para descobrir que era o software para controlar o toalete automático do Rife Bible College. Então Hiro continua andando, continua olhando para o emaranhado de formas, tentando encontrar um padrão. Ele sabe agora que encontrou seu caminho para a caldeira de todo o Metaverso. Mas ele não faz ideia do que está procurando.

Este sistema, ele percebe, realmente consiste de diversas redes separadas, todas emaranhadas juntas no mesmo espaço. Existe um emaranhado extremamente complicado de linhas vermelhas finas, milhões delas, correndo de um lado para o outro entre milhares de bolinhas vermelhas. Hiro deduz que aquilo pode representar a rede de fibra óptica de Rife, com seus inumeráveis nós e escritórios locais espalhados por todo o mundo. Existe uma série de redes menos complexas em outras cores, que poderiam representar linhas coaxiais, como se costumava usar para a televisão a cabo, ou mesmo linhas telefônicas de voz.

E há uma rede tosca, construída de modo pesado e blocado, toda em azul. Ela consiste de um número pequeno – menos de doze – de cubos azuis grandes. Eles estão conectados uns aos outros por maciços tubos azuis e nada mais; os tubos são transparentes e dentro deles Hiro pode ver feixes de conexões menores em diversas cores. Hiro demorou um pouco para observar isso tudo, porque os cubos azuis estão quase obscurecidos; eles são todos cercados por bolinhas vermelhas e outros nós pequenos, como árvores sobrecarregadas com *kudzu*. Parece ser uma rede mais antiga, já existente, de algum tipo, com seus próprios canais internos, em sua maioria primitivos como telefone por voz. Rife o emendou pesadamente com seus próprios sistemas de tecnologia mais avançada.

Hiro manobra até conseguir olhar melhor um dos cubos azuis, espiando por entre o emaranhado de linhas que cresceu ao redor dele. O cubo azul tem uma grande estrela branca em cada uma de suas seis faces.

– É o Governo dos Estados Unidos – diz Juanita.

– Onde os hackers vão para morrer – completa Hiro. O maior e o menos eficiente produtor de software do mundo.

Hiro e Y. T. já comeram muita junk food juntos em diferentes pontos em toda LA – donuts, burritos, pizza, sushi, é só dizer – e tudo sobre o que Y. T. sempre fala é sua mãe e o emprego horrível que ela tem com os Federais. A regimentação. Os testes do detector de mentiras. O fato de que, por mais trabalho que ela faça, ela realmente não faz ideia de em que o governo está trabalhando.

Isso também sempre foi um mistério para Hiro, mas é como o governo é. Ele foi inventado para fazer coisas que as empresas privadas não querem executar, o que significa que provavelmente não há motivo para serem realizadas. Você nunca sabe o que eles estão fazendo ou por quê. Hackers têm a tradição de olhar para as oficinas de código do governo com horror e simplesmente tentam esquecer que toda essa merda um dia existiu.

Mas eles têm milhares de programadores. Os programadores trabalham doze horas por dia por algum senso distorcido de lealdade pessoal. As técnicas de engenharia de software deles, embora cruéis e feias, são muito sofisticadas. Eles devem estar armando alguma coisa.

– Juanita?

– O quê?

– Não me pergunte por que estou pensando isso. Mas acho que o governo andou elaborando um grande projeto de desenvolvimento de software para L. Bob Rife.

– Faz sentido – comenta ela. – Ele tem uma relação tão grande de amor e ódio com seus programadores... precisa deles, mas não confia neles. O governo é a única organização na qual ele confiaria para escrever alguma coisa importante. O que será?

– Espere um instante – diz Hiro. – Espere um instante.

Ele está agora a um passo de um grande cubo azul no nível do chão. Todos os outros cubos azuis meio que se alimentam dele. Há uma motocicleta estacionada ao lado do cubo, renderizada em cores, mas a apenas um nível acima do preto e branco; grandes pixels dentados e uma paleta limitada de cores. A moto tem um sidecar. O Corvo está em pé ao lado dela.

Ele está com alguma coisa nos braços. É outra construção geométrica simples, uma elipsoide azul suave e alongada, com cerca de 60 centímetros de comprimento. Da maneira como ele está se movendo, Hiro acha que o Corvo acabou de removê-la do cubo azul; ele a leva até a motocicleta e a aninha no sidecar.

– O *Big One* – percebe Hiro.

– Exatamente o que temíamos – acrescenta Juanita. – A vingança de Rife.

– Ele está indo na direção do anfiteatro, onde todos os hackers estão reunidos em um só lugar. Rife vai infectá-los todos de uma vez. Vai queimar as mentes deles.

64

O Corvo já está em cima da motocicleta. Se Hiro o perseguir a pé, poderá alcançá-lo antes que ele chegue até a Rua.

Mas pode ser que não consiga. Nesse caso, o Corvo estaria a caminho do Centro da Cidade a dezenas de milhares de quilômetros por hora enquanto Hiro ainda estivesse tentando voltar à sua própria motocicleta. A essas velocidades, se Hiro perdesse o Corvo de vista, o perderia para sempre.

O Corvo dá partida em sua moto e começa a manobrar cuidadosamente por entre o emaranhado, na direção da saída. Hiro parte o mais rápido que suas pernas invisíveis conseguem levá-lo, indo direto para a parede.

Hiro digita alguma coisa alguns segundos depois e corre de volta para a Rua. Seu minúsculo avatar invisível não pode operar a motocicleta, por isso ele retorna ao seu aspecto normal, pula na moto e dá meia-volta nela. Olhando para trás, ele vê o Corvo indo na direção da Rua, a bomba lógica emitindo um brilho azul suave, como água pesada em um reator. Ele ainda nem viu Hiro.

Agora é a chance dele. Ele puxa sua katana, mira a moto na direção do Corvo, acelera para uns 90 ou cem quilômetros por hora. Não há por que ir rápido demais; a única maneira de matar o avatar do Corvo é cortar sua cabeça. Atropelá-lo com a motocicleta não terá o menor efeito.

Um daemon de segurança está correndo na direção do Corvo, balançando os braços. O Corvo levanta a cabeça, vê Hiro indo em sua direção e acelera. A espada corta o ar atrás da cabeça do Corvo.

Tarde demais. O Corvo já deve ter sumido... mas, virando-se, Hiro pode vê-lo no meio da Rua. Ele bateu numa das pilastras que sustentam o monotrilho – uma eterna irritação para os motociclistas de alta velocidade.

– Merda! – os dois dizem ao mesmo tempo.

O Corvo se vira na direção do Centro e acelera no instante em que Hiro cola atrás dele na Rua, fazendo a mesma coisa. Em dois segundos, ambos estão

voltados para o Centro a alguma coisa tipo 120 mil quilômetros por hora. Hiro está meio quilômetro atrás do Corvo, mas consegue vê-lo claramente; as luzes da rua se fundiram em uma faixa dupla amarela suave e o Corvo lampeja no meio, uma tempestade de cores baratas e pixels grandes.

– Se eu conseguir cortar a cabeça dele, eles estão acabados – diz Hiro.

– Saquei – fala Juanita. – Porque, se você matar o Corvo, ele é chutado para fora do sistema. E ele não vai conseguir se conectar até que os Daemons do Cemitério se livrem do avatar dele.

– E eu controlo os Daemons do Cemitério. Então só preciso matar o filho da puta uma vez.

– Assim que eles pousarem os helicópteros, terão acesso melhor à rede: poderão colocar mais alguém no Metaverso e continuar de onde ele parou – avisa Juanita.

– Errado, porque o Tio Enzo e o Sr. Lee estão esperando que eles pousem. Eles precisam fazer isso na próxima meia hora, ou nunca mais.

65

Y T. acorda subitamente. Ela não havia percebido que caíra no sono. Alguma coisa no ruído das lâminas do rotor deve tê-la adormecido. Ela deve estar cansada para caralho, é isso o que é.

– Mas que *porra* está acontecendo com a minha conexão de rede? – L. Bob Rife se esgoela.

– Ninguém responde – explica o piloto russo. – Nem a Jangada, nem LA, nem Khyooston.

– Então me ligue com o LAX! – determina Rife. – Quero levar o jato para Houston. Vamos até o campus descobrir que merda está acontecendo.

O piloto mexe no painel de controle.

– Problema – ele diz.

– O *quê*?

O piloto simplesmente balança a cabeça, chateado.

– Alguém está mexendo no skyphone. Estamos sofrendo interferência.

– Talvez eu possa conseguir uma linha – sugere o Presidente.

Rife simplesmente lhe lança um olhar do tipo *tá certo, babaca*.

– Alguém tem uma moeda, porra? – Rife grita. Frank e Tony ficam sobressaltados por um momento. – Vamos ter de descer no primeiro telefone público que virmos e fazer uma maldita ligação telefônica. – Ele ri. – Dá pra acreditar nisso? Eu, usando um *telefone*?

Um segundo mais tarde, Y. T. olha pela janela e fica besta por ver terra de verdade lá embaixo e uma rodovia de duas pistas margeando uma linha costeira. É a Califórnia.

O helicóptero reduz a velocidade, aproxima-se da terra e começa a acompanhar a rodovia. A maior parte dela não tem plástico nem luzes de neon, mas em pouco tempo eles veem um trecho composto por guetos de franquias,

construído em ambos os lados da estrada, onde ela cortou alguma distância da praia.

O helicóptero desce no estacionamento de um Buy ’n’ Fly. Felizmente, o estacionamento está quase vazio e eles não cortam nenhuma cabeça. Uns dois jovens estão jogando video games do lado de dentro e praticamente ignoram a visão espantosa do helicóptero. Y. T. fica feliz, mas também totalmente sem graça de ser vista com esse grupo chato de velhos babaquaras. O helicóptero fica simplesmente ali, parado, enquanto L. Bob Rife desce e corre até o telefone público aparafusado à parede da frente.

Esses caras foram burros o suficiente para colocá-la no banco logo ao lado do extintor de incêndio. Não há motivo para não tirar vantagem desse fato. Y. T. o arranca de seu suporte, puxa o pino de segurança praticamente no mesmo movimento e aperta o gatilho, mirando-o direto na cara de Tony.

Nada acontece.

– Caralho! – ela grita, jogando o extintor em cima dele. Ele está acabando de se inclinar para frente, agarrando-a pelo pulso, quando o impacto do extintor o atinge na cara, com força suficiente para deixar uma marca na atitude dele. Isso dá a ela tempo suficiente para se jogar para fora do helicóptero.

Está tudo indo pra casa do caralho. Um dos bolsos dela está aberto, e quando ela meio que cai, meio que rola para fora do helicóptero, o suporte do extintor de incêndio prende nesse bolso e a segura. Quando Y. T. consegue se soltar, Tony já está de volta, agora de quatro, tentando pegar o braço dela.

Isso ela consegue evitar. Ela está correndo livremente para o estacionamento. Nos fundos, ela é impedida pelo Buy ’n’ Fly, e, nos lados, pela cerca divisória alta que separa aquele lugar de um Templo NeoAquariano de um lado e de um franchulado da Grande Hong Kong do Sr. Lee no outro. A única maneira de escapar é saindo para a estrada, do outro lado do helicóptero. Mas o piloto, Frank e Tony já pularam fora e estão bloqueando sua saída para a estrada.

O Templo NeoAquariano não vai ajudá-la. Se ela implorar muito, talvez eles possam incluí-la em seus mantras na semana que vem. Mas a Grande Hong Kong do Sr. Lee é outra história. Y. T. corre para a cerca e começa a tentar escalá-la. Dois metros e meio de cerca de metal com arame farpado no topo. Mas as roupas dela deverão deter o arame farpado. Em sua maior parte.

Ela consegue chegar à metade. Então, braços moles, porém fortes, a enlaçam pela cintura. Y. T. está sem sorte. L. Bob Rife a levanta, tirando-a da cerca; ela esperneia inutilmente. Ele recua uns dois passos e começa a levá-la de volta para o helicóptero.

Ela olha para o franchulado de Hong Kong. Estava tão perto.

Tem alguém no estacionamento. Um Kourier, cruzando pela rodovia, meio que de folga, indo na boa, devagar.

– Ei! – ela grita. Y. T. estende a mão e pressiona o botão na lapela do macacão, tornando-o azul e laranja berrantes. – Ei! Eu sou uma Kourier! Meu nome é Y. T.! Esses malucos aqui me sequestraram!

– Uau – diz o Kourier. – Que merda! – Então ele pergunta alguma coisa a ela. Mas ela não consegue ouvir porque o helicóptero está girando as lâminas do rotor.

– Eles estão me levando pro LAX! – ela grita a plenos pulmões. Então Rife a joga para dentro do helicóptero. O helicóptero levanta voo, rastreado com precisão por uma plateia de antenas nos telhados da Grande Hong Kong do Sr. Lee.

No estacionamento, o Kourier vê o helicóptero decolar. É muito maneiro ficar olhando, e ele tem um bocado de armas. Mas aqueles caras dentro do helicóptero pegaram aquela menina *na moral*.

O Kourier tira seu telefone pessoal de seu coldre, conecta-se ao Comando Central da RadiKS e aperta um botão vermelho grande. Ele chama um Código.

***

Dois mil e quinhentos Kouriers estão concentrados nas margens de concreto reforçado do Rio LA. Na trincheira do fundo do rio, Vitaly Chernobyl e os Meltdowns estão chegando agora à parte legal de seu próximo grande single de sucesso, “Control Rod Jam”. Vários Kouriers estão aproveitando a trilha sonora para dar um style subindo e descendo as margens do rio; só Vitaly, ao vivo, consegue fazer a adrenalina deles bombar o bastante para permitir que eles subam uma encosta íngreme a cem por hora sem se esborrachar no ’creto.

E então a massa escura de fãs do Meltdown se transforma numa galáxia laranja-avermelhada giratória quando duas mil e quinhentas novas estrelas aparecem. É uma visão estonteante, e no começo eles pensam que é um novo efeito visual criado por Vitaly e seus técnicos de imagem. É como um acendimento em massa de isqueiros, só que mais brilhante e mais organizado; então, cada Kourier olha para seu cinto e vê que uma luz vermelha está piscando em seu telefone pessoal. Parece que algum coitado de um skatista pediu um Código.

***

Numa franquia da Grande Hong Kong do Sr. Lee nos arredores de Phoenix, a Coisa-Rato número B-782 subitamente desperta.

Rex está acordando porque os cachorros estão latindo esta noite.

Sempre há latidos. A maioria dos latidos está muito distante. Rex sabe que latidos distantes não são tão importantes quanto latidos de perto, e por isso ele costuma dormir quando ouve os distantes. Mas às vezes um latido distante traz um som especial que faz Rex ficar todo animado, e ele não tem como não acordar.

Ele está ouvindo um desses latidos agora. Ele vem de muito longe, mas é urgente. Algum cachorrinho bonitinho em algum lugar está muito triste. Ele está tão triste que seu latido passou para todos os outros cachorrinhos do bando.

Rex escuta o latido. Ele também fica animado. Alguns estranhos maus acabaram de se aproximar do quintal de um cachorrinho bonitinho. Eles estavam em uma coisa que voa. Eles tinham muitas armas.

Rex não gosta muito de armas. Um estranho com uma arma atirou nele uma vez e o fez sentir dor. Então a garotinha bonitinha chegou e o ajudou.

Esses estranhos são extremamente maus. Qualquer cachorrinho bonitinho em seu juízo perfeito gostaria de machucá-los e fazê-los irem embora. Quando Rex ouve os latidos, vê como eles são e ouve a maneira como eles falam. Se algum desses estranhos muito maus chegarem perto de seu quintal, ele vai ficar extremamente triste.

Então Rex repara que os estranhos maus estão caçando alguém. Ele consegue ver que a estão machucando pelo jeito da voz dela e pelo jeito como ela se move.

Os estranhos maus estão machucando a garotinha bonitinha que adora ele!

Rex fica mais zangado do que nunca, ainda mais zangado do que quando um homem mau atirou nele há muito tempo. Seu trabalho é manter estranhos maus longe de seu quintal. Ele não faz mais nada. Mas é ainda mais importante proteger a garotinha bonitinha que adora ele. Isso é mais importante que qualquer coisa. E nada pode detê-lo. Nem mesmo a cerca.

A cerca é muito alta. Mas ele consegue se lembrar de muito tempo atrás, quando ele costumava pular coisas que eram mais altas que a sua cabeça. Rex sai da sua casinha de cachorro, enrola as pernas compridas embaixo do corpo e pula pela cerca ao redor de seu quintal antes de se lembrar de que ele não é capaz de pular sobre ela. Mas essa contradição se perde nele; tal como para um cão, introspecção não é um de seus pontos fortes.

O latido está se espalhando para outro lugar distante. Todos os cachorrinhos bonitinhos que vivem neste lugar distante estão sendo avisados para procurar os estranhos muito maus e a garota que adora Rex, porque eles estão indo para aquele lugar. Rex vê o lugar em sua mente. Ele é grande, amplo, lisinho e aberto, como um belo campo para caçar frisbees. Ele tem muitas coisas voadoras grandes. Ao redor de sua margem, há uns dois quintais onde vivem cachorrinhos bonitinhos.

No começo, o único vestígio que o B-782 deixa de sua passagem é uma trilha dançante de fagulhas por dentro do gueto-franquia. Mas assim que ele abre seu caminho por um longo trecho reto de rodovia, ele começa a deixar mais evidências: uma espuma de vidro de segurança azul estilhaçado se espalhando e se espalhando para fora em linhas paralelas de todas as quatro vias de tráfego quando as janelas e os para-brisas dos carros explodem em seus quadros, espalhando-se em borrifos pelo ar como os rastros que os barcos a motor deixam na água quando aceleram.

Como parte da política de boa vizinhança do Sr. Lee, todas as Coisas-Rato são programadas para nunca quebrarem a barreira do som em uma área habitada.

Mas Rex está com pressa demais para se preocupar com a política de boa vizinhança. Dane-se a barreira do som. Que venha o ruído.

66

– Corvo – diz Hiro. – Deixe eu te contar uma história antes de matar você.

– Estou escutando – retruca o Corvo. – A viagem vai ser longa mesmo.

Todos os veículos do Metaverso têm telefones de voz. Hiro simplesmente ligou para o Bibliotecário, em casa, e pediu a ele que procurasse o número do Corvo. Eles estão correndo de moto juntos pela superfície preta do planeta imaginário agora, embora Hiro esteja passando à frente do Corvo, metro a metro.

– Meu pai estava no Exército na Segunda Guerra Mundial. Mentiu a idade para entrar. Eles o colocaram no Pacífico para fazer trabalho braçal. De qualquer maneira, ele foi capturado pelos japoneses.

– E?

– E eles o levaram para o Japão. Colocaram-no num campo de prisioneiros. Havia muitos prisioneiros americanos lá, além de alguns britânicos e chineses. E uns dois caras que eles não conseguiram descobrir de onde eram. Pareciam índios. Falavam um pouco de inglês, mas falavam russo ainda melhor.

– Eram aleutas – esclarece o Corvo. – Cidadãos americanos. Mas ninguém jamais ouviu falar neles. A maioria das pessoas não sabe que os japoneses conquistaram território americano durante a guerra: diversas ilhas no final da cadeia das Aleutas. Habitadas pelo meu povo. Eles pegaram os dois aleutas mais importantes e os colocaram em campos de prisioneiros no Japão. Um deles era o prefeito de Attu, a mais importante autoridade civil. O outro era ainda mais importante para nós. Ele era o arpoador-chefe da nação aleuta.

Hiro diz:

– O prefeito ficou doente e morreu. Ele não tinha nenhuma imunidade. Mas o arpoador era um filho da puta duro de roer. Ele adoeceu algumas vezes, mas sobreviveu. Foi trabalhar nos campos junto com o resto dos prisioneiros, plantando alimentos para o esforço de guerra. Trabalhava na cozinha, preparando sopa para os prisioneiros e os guardas. Ele ficava muito na dele. Todo mundo o

evitava porque ele tinha um fedor terrível. A cama dele fedia no alojamento. Além disso – continua Hiro –, ficaram putos porque ele quebrou uma vidraça no alojamento um dia, e ela deixou o ar frio passar pelo resto do inverno. De qualquer maneira, um dia, depois do almoço, todos os guardas começaram a passar muito mal.

– Veneno de baleia no cozido de peixe – explica o Corvo.

– Os prisioneiros já estavam trabalhando nos campos, e, quando os guardas começaram a passar mal, passaram a levar todos de volta para os alojamentos porque não conseguiam manter vigilância sobre eles e, ao mesmo tempo, se dobrar de dor a toda hora com cólicas estomacais. E, àquela altura da guerra, não era fácil trazer reforços. Meu pai foi o último da fila de prisioneiros. E esse aleuta estava bem na frente dele.

O Corvo diz:

– Quando os prisioneiros estavam atravessando uma vala de irrigação, o aleuta mergulhou na água e desapareceu.

– Meu pai não sabia o que fazer – diz Hiro – até ouvir um grunhido de um guarda que estava na retaguarda. Ele se virou e viu que esse guarda tinha uma lança de bambu toda atravessada no corpo. Assim, do nada. E ele ainda não conseguia ver o aleuta. Então, outro guarda caiu com a garganta cortada, e lá estava o aleuta, tomando fôlego e atirando outra lança que derrubou mais um guarda.

– Ele estava fazendo arpões e escondendo-os embaixo d’água nas valas de irrigação – conta o Corvo.

– Então meu pai percebeu – prossegue Hiro – que estava condenado. Porque, não importava o que dissesse para os guardas, eles pegariam uma espada e cortariam sua cabeça. Então, imaginando que poderia derrubar alguns inimigos antes que o pegassem, ele tomou a arma do primeiro guarda que havia sido atingido, saltou para a proteção da vala de irrigação e matou mais dois guardas que estavam chegando para investigar.

O Corvo afirma:

– O aleuta correu até a cerca do limite do campo, que era uma coisinha boba de bambu. Supostamente havia um campo minado ali, mas ele correu direto sem

problema. Ou era muito sortudo ou as minas, se é que havia alguma mina ali, eram poucas e estavam bem espaçadas.

– Eles não se importavam em ter uma segurança estrita de perímetro – alega Hiro – porque o Japão é uma ilha. Então, se alguém escapasse, para onde poderia ir?

– Mas um aleuta poderia fugir – retruca o Corvo. – Ele poderia ir para a linha costeira mais próxima e depois surfar de uma ilha a outra, fazendo todo o caminho para voltar às Aleutas.

– Certo – concorda Hiro. – Esta é a única parte da história que eu nunca entendi. Até ver você em mar aberto, ultrapassando um barco a motor no seu caiaque. Então eu juntei as peças. Seu pai não era louco. Ele tinha um plano perfeito.

– Sim. Mas seu pai não entendeu.

– Meu pai correu nas pegadas do seu pelo campo minado. Eles estavam livres – no Japão. Seu pai começou a correr morro abaixo, na direção do oceano. Meu pai queria subir para as montanhas, achando que talvez pudessem viver em algum lugar isolado até a guerra acabar.

– Era uma ideia idiota – comenta o Corvo. – O Japão tem uma densidade populacional enorme. Não existe lugar para onde eles pudessem ter ido e passado despercebidos.

– Meu pai nem sabia o que era um caiaque.

– Ignorância não é desculpa – fala o Corvo.

– A discussão deles – a mesma que estamos tendo agora – foi o que os derrubou. Os japoneses os alcançaram numa estrada nos arredores de Nagasaki. Eles sequer tinham algemas, então amarraram as mãos deles com cadarços de coturnos e os fizeram se ajoelhar na estrada, de frente um para o outro. Então o tenente puxou sua espada da bainha. Era uma espada antiga; o tenente era de uma família orgulhosa de samurais, e a única razão pela qual ele estava naquele destacamento do front nativo era que havia perdido uma das pernas numa explosão no começo da guerra. Ele ergueu a espada sobre a cabeça de meu pai.

– Ela fez um tinido alto no ar – interrompe o Corvo –, que doeu nos ouvidos do meu pai.

– Mas ela nunca chegou a descer.

– Meu pai viu o esqueleto do seu pai ajoelhado na frente dele. Foi a última coisa que ele viu.

– Meu pai não estava olhando na direção de Nagasaki – diz Hiro. – Ele ficou temporariamente cego pela luz, caiu para a frente e pressionou o rosto no chão para apagar aquela luz terrível de seus olhos. Então tudo voltou ao normal novamente.

– Só que meu pai estava cego – diz o Corvo. – Ele só podia ouvir seu pai lutando contra o tenente.

– Era um samurai semicego e perneta com uma katana *versus* um homenzarrão saudável com os braços atados nas costas – conta Hiro. – Uma luta muito interessante. Muito justa. Meu pai venceu. E esse foi o fim da guerra. As tropas de ocupação chegaram lá duas semanas depois. Meu pai voltou para casa, ficou andando sem destino por um tempo e, finalmente, teve um filho nos anos 1970. O seu também.

– Amchitka, 1972 – devolve o Corvo. – Meu pai sofreu dois bombardeios nucleares de vocês, seus filhos da puta.

– Eu entendo a importância de seus sentimentos – diz Hiro. – Mas você não acha que já se vingou o bastante?

– Não existe bastante – responde o Corvo.

Hiro acelera sua motocicleta e se aproxima mais do Corvo, balançando a katana. Mas o Corvo estende a mão – porque o viu pelo retrovisor – e bloqueia o golpe; ele está com uma faca grande e comprida numa das mãos. Então o Corvo reduz sua velocidade a quase nada e mergulha entre duas pilastras. Hiro passa por ele direto sem querer, reduz demais e vislumbra o Corvo gritando ao passar por ele do outro lado do monotrilho; quando ele consegue acelerar e cortar caminho por outra brecha, o Corvo já fez um slalom e foi para o outro lado.

E é por aí. Eles percorrem a extensão da Rua em um padrão de ziguezague entrelaçado, cortando de um lado para o outro, sob o monotrilho. O jogo é simples. O Corvo precisa apenas fazer Hiro dar de cara numa pilastra. Hiro vai parar por um momento. Enquanto isso, o Corvo já terá sumido, saído do alcance visual, e Hiro não terá como rastreá-lo.

É um jogo mais fácil para o Corvo do que para Hiro. Mas Hiro é melhor nesse tipo de coisa do que o Corvo. Isso torna a parada ainda mais equilibrada.

Eles fazem slalom pelo monotrilho a velocidades que vão de 90 a 90 mil quilômetros por hora; ao redor deles, pequenos empreendimentos comerciais, laboratórios high-tech e parques de diversão se espalham pela escuridão. O centro da cidade está diante deles, tão alto e brilhante quanto a aurora boreal que se eleva da água negra do Mar de Bering.

67

O primeiro arpão bate no fundo do helicóptero quando eles descem sobre o Vale. Y. T. sente isso mais do que ouve; ela conhece esse doce impacto tão bem que consegue senti-lo como uma daquelas sismocoisas supersensíveis que detectam terremotos do outro lado do planeta. Então meia dúzia de outros arpões atingem o helicóptero em rápida sucessão, e ela precisa se forçar para não se inclinar e olhar pela janela. Claro. O fundo do helicóptero é uma muralha sólida de aço soviético. Segura arpões feito cola. Se eles simplesmente conseguissem continuar voando baixo o suficiente para serem poados... o que eles precisarão fazer para que o helicóptero não seja detectado pelo radar da Máfia.

Ela ouve o rádio na frente, por entre a estática:

– Suba, Sasha, você está apanhando alguns parasitas.

Y. T. olha pela janela. O outro helicóptero, o pequeno objeto corporativo de alumínio, está voando ao lado deles, um pouco mais alto, e todas as pessoas dentro dele estão olhando pelas janelas, vendo o chão embaixo deles. A não ser pelo Corvo. O Corvo ainda está conectado ao Metaverso.

Merda. O piloto está subindo com o helicóptero a uma altitude maior.

– Ok, Sasha. Você os soltou – diz o rádio. – Mas ainda tem uns dois desses arpões pendurados na barriga, então cuidado para não prendê-los em nada. Os cabos são mais fortes do que aço.

É tudo de que Y. T. precisa. Ela abre a porta e pula do helicóptero.

Pelo menos é o que parece para o pessoal do lado de dentro. Na verdade, ela segura um gancho no caminho para baixo e termina pendurada pela porta aberta, olhando para baixo e vendo a barriga do helicóptero. Dois arpões estão presos a ela; 15 metros abaixo, ela vê os guidões pendurados nas pontas das linhas, flutuando com as correntes aéreas. Olhando para a porta aberta, ela não consegue ouvir Rife, mas pode vê-lo, sentado lá ao lado do piloto, fazendo um gesto: *abaixe, abaixe!*

Era o que ela havia pensado. Essa coisa de refém funciona de duas maneiras. Y. T. não serve para Rife a não ser que ele esteja com ela e que ela esteja inteira.

O helicóptero começa a perder altitude novamente, dirigindo-se para a faixa dupla de loglo que marca a avenida abaixo deles. Y. T. fica balançando um pouco de um lado para outro e finalmente balança longe o bastante para conseguir enganchar um pé num dos cabos de arpão.

A próxima etapa vai doer pra cacete, mas o tecido resistente do macacão deverá impedir que ela perca muita pele. E a visão de Tony indo em sua direção, tentando segurá-la pela manga, reforça sua tendência natural a não pensar muito nisso. Ela solta a porta do helicóptero com uma das mãos, agarra o cabo do arpão, dá duas voltas com ele ao redor de sua luva e solta a outra mão.

Ela tinha razão. Dói pra cacete. Quando ela balança para baixo, sob a barriga do helicóptero, saindo do alcance de Tony, alguma coisa estala dentro de sua mão – provavelmente um daqueles ossinhos. Mas ela consegue enrolar o cabo do arpão em seu corpo da mesma maneira que o Corvo fez quando desceu de rapel o navio com ela e consegue controlar a descida, deslizando e queimando, até o final.

Até o final da alça, quer dizer. Y. T. engancha a alça no seu cinto para não cair e fica se debatendo no que parece um minuto inteiro até não estar mais enrolada no cabo, apenas pendurada pela cintura, rodopiando entre o helicóptero e a rua, fora de controle. Então ela pega a alça com ambas as mãos e a desengancha do cinto, ficando novamente pendurada pelas mãos, que era todo o motivo desse exercício. Enquanto ela rotaciona, vê o outro helicóptero acima dela e, de lado, os rostos que a observam. Y. T. sabe que tudo isso está sendo transmitido pelo rádio para Rife.

Com certeza. O helicóptero reduz a velocidade para a metade e perde alguma atitude.

Ela clica outro controle e rebobina toda a linha até o fim, caindo dez metros em um momento superemocionante. Agora ela também está voando, a seis ou sete metros acima da rodovia, a talvez 70 quilômetros por hora. As placas com logotipos passam voando por cada lado dela como meteoros. Tirando um enxame de Kouriers, o tráfego está leve.

O helicóptero da RARE vem chegando perigosamente perto, e ela olha para ele, só por um instante. Y. T. vê o Corvo olhando para ela pela janela. Ele levantou os óculos para a testa, só por um segundo. Ele tem uma certa expressão no rosto, e ela percebe que ele não está nem um pouco puto com ela. Ele a ama.

Ela solta a alça e cai em queda livre. Ao mesmo tempo, ela puxa a trava manual no seu colarinho cervical e entra em modo Boneco da Michelin quando minúsculos cartuchos de gás detonam em diversas posições estratégicas ao redor de seu corpo. O maior dispara como um M-80 na sua nuca, desdobrando a gola do macacão e transformando-a em um gasbag cilíndrico que sobe e circunda toda a sua cabeça. Outros airbags disparam ao redor de seu torso e de sua pelve, prestando muita atenção à coluna dorsal. Suas articulações já estão protegidas pela armagel, o que não quer dizer que não doa quando ela pousa. Ela não consegue ver nada por causa do airbag ao redor de sua cabeça, claro, mas se sente quicar pelo menos umas dez vezes. Ela desliza por 300 metros e aparentemente esbarra em diversos carros ao longo do caminho; ela ouve os pneus cantando. Por fim, Y. T. bate de bunda no para-brisa de alguém e acaba se estatelando no banco da frente; eles deslizam até bater numa barreira Nova Jersey. O airbag esvazia assim que tudo para de se mover, e ela o arranca do rosto.

Seus ouvidos estão zumbindo ou coisa parecida. Ela não consegue ouvir nada. Talvez ela tenha arrebentado os tímpanos quando os airbags dispararam.

Mas também tem a questão do helicóptero grande, que tem talento para fazer barulho. Ela se arrasta até o capô do carro, sentindo pequenos fragmentos do vidro de segurança embaixo dela riscando arranhões paralelos na pintura.

O grande helicóptero soviético de Rife está bem ali, flutuando a cerca de cinco metros sobre a avenida, e, quando ela o vê, ele já acumulou mais uma dezena de arpões. Os olhos dela seguem os cabos até o nível da rua e ela vê Kouriers puxando as linhas; desta vez, eles não vão soltar.

Rife fica desconfiado, e o helicóptero ganha altitude, levantando os Kouriers de suas pranchas. Mas um semi de dois fundos que passa por ali descarrega um pequeno exército de Kouriers – deve haver uns cem deles poando a pobre coisa – e, em poucos segundos, todos os seus MagnaPoons estão no ar. Pelo menos metade deles prende no revestimento metálico na primeira tentativa. O

helicóptero se arrasta para baixo até que todos os Kouriers estejam no chão novamente. Mais vinte Kouriers chegam voando e se prendem nele; os que não conseguem se seguram na alça de outro e adicionam seu peso. O helicóptero tenta levantar voo diversas vezes, mas a esta altura é como se ele estivesse preso por cabos ao asfalto.

Ele começa a descer. Os Kouriers se dispersam para que o helicóptero desça no meio de uma explosão radial de cabos de arpão.

Tony, o cara da segurança, desce pela porta aberta, movendo-se devagar, pisando por cima da teia de cabos mas de algum modo conservando seu equilíbrio e sua dignidade. Ele se afasta do helicóptero até estar fora do alcance das lâminas do rotor e então puxa uma Uzi de dentro de seu windbreaker e dispara uma pequena rajada para o alto.

– Vamos saindo de perto do nosso helicóptero, porra! – ele grita.

Os Kouriers, de modo geral, obedecem. Eles não são bestas. E Y. T. está agora caminhando a salvo no asfalto, a missão foi realizada, o Código foi finalizado, não há mais motivo para encher o saco desses caras do helicóptero. Eles soltam seus arpões da barriga do helicóptero e rebobinam os cabos.

Tony olha ao redor e encontra Y. T. Ela está andando diretamente na direção do helicóptero. Seu corpo todo dolorido se move de maneira estranha.

– Volte para o helicóptero, piranha! – ele ordena.

Y. T. pega uma alça de arpão solta que ninguém se preocupou em rebobinar ainda. Ela aperta o botão que desliga o eletroímã e ele se solta do revestimento do helicóptero. Ela o rebobina até deixar mais ou menos um metro e vinte entre a bobina e o arpão.

– Eu li uma vez sobre um camarada chamado Ahab – ela diz, girando o arpão sobre a cabeça como um laço. – Ele enrolou o cabo do arpão ao redor da coisa que ele estava tentando poar. Foi um grande erro.

Y. T. deixa o arpão voar. Ele passa pelo avião das lâminas do rotor, perto do centro, e ela consegue ver o cabo inquebrável começar a se enrolar ao redor das partes delicadas do eixo do rotor, como um garrote no pescoço de uma bailarina. Pelo vidro do helicóptero, ela consegue ver Sasha reagindo, apertando botões freneticamente, puxando alavancas, a boca soltando uma longa torrente de

palavrões em russo. A alça do arpão sai voando de sua mão, e ela a vê sendo enrolada no centro como se ele fosse um buraco negro.

– Acho que ele simplesmente não sabia quando largar o osso, assim como certas pessoas – ela fala. Então dá meia-volta e se afasta do helicóptero. Ela consegue ouvir pedaços grandes de metal indo na direção errada, correndo um contra o outro em alta velocidade.

Rife já havia descoberto isso há muito tempo. Ele já está descendo pelo meio da rodovia com uma submetralhadora numa das mãos, procurando um carro para comandar. Acima, o helicóptero da RARE flutua e observa; Rife olha para cima e faz um gesto com uma das mãos, gritando:

– Vão para o LAX! Vão para o LAX!

O helicóptero faz uma última órbita sobre o cenário, observando enquanto Sasha desliga a aeronave arruinada, vendo Kouriers furiosos dominando e desarmando Tony, Frank e o Presidente, olhando enquanto Rife fica parado no meio da pista central e força um carro da CosaNostra Pizza a parar, força o motorista a sair. Mas o Corvo não está vendo nenhuma dessas coisas. Ele está olhando pela janela para Y. T. E, quando o helicóptero finalmente se inclina para a frente e acelera noite adentro, ele sorri para ela e acena com o polegar para cima. Y. T. morde o lábio inferior e manda ele tomar naquele lugar. Com isso, a relação acabou, espera ela, para sempre.

Y. T. pega emprestada a prancha de um skatista surpreso, atravessa a rua até o Buy ’n’ Fly mais próximo e tenta ligar para sua mãe para pedir uma carona até sua casa.

68

Hiro perde o Corvo a alguns quilômetros fora do Centro, mas, a esta altura, não importa; ele vai direto até a praça e começa a orbitar a borda do anfiteatro em alta velocidade, uma cerca de um homem só. O Corvo faz sua abordagem poucos segundos depois. Hiro interrompe sua órbita e vai direto para ele, e eles se defrontam como dois cavaleiros medievais numa justa. Hiro perde seu braço esquerdo, e o Corvo, uma perna. Os membros caem no chão. Hiro larga a katana e usa o braço remanescente para puxar sua espada de uma só mão – mais adequada para a faca longa do Corvo, de qualquer maneira. Ele corta o Corvo justo no instante em que ele está para se atirar pela beirada do anfiteatro e o força a se jogar para o lado; o momentum do Corvo o leva a 300 metros de distância em meio segundo. Hiro o persegue seguindo uma série de deduções – ele conhece esse território tão bem quanto o Corvo conhece as correntes das Aleutas –, e então eles estão correndo pelas ruas estreitas do distrito financeiro do Metaverso, brandindo facas longas um para o outro, cortando em tiras centenas de avatares engravatados que dão o azar de estar no caminho.

Mas eles nunca atingem um ao outro. As velocidades são simplesmente altas demais, os alvos, muito pequenos. Até agora Hiro teve sorte: ele apanhou o Corvo no calor da competição, fez ele ficar inutilizado para uma luta. Mas o Corvo não precisa disso. Ele pode voltar ao anfiteatro muito facilmente sem sequer se importar em matar Hiro primeiro.

E finalmente ele percebe tudo. Embainha a faca e mergulha num beco entre arranha-céus. Hiro o segue, mas, quando chega ao beco, o Corvo já foi embora.

***

Hiro vai até a borda do anfiteatro dando 300 quilômetros por hora e voa no espaço, em queda livre, sobre as cabeças de 250 mil hackers delirantes.

Todos conhecem Hiro. Ele é o cara das espadas. É amigo de Da5id. E, como sua própria contribuição pessoal ao evento beneficente, ele aparentemente decidiu encenar uma luta de espadas com uma espécie de daemon gigantesco e assustador numa motocicleta. Ninguém mude de canal, porque vai ser um show inesquecível.

Ele pousa no palco e quica até parar ao lado de sua moto. Ela ainda funciona, mas ali embaixo é inútil. O Corvo está a dez metros dele, sorrindo.

– Lá vai bomba! – avisa o Corvo.

Ele puxa o losango azul brilhante de dentro de seu sidecar com uma das mãos e o joga no centro do anfiteatro. Ele se quebra e se abre, como a casca de um ovo, e uma luz sai de dentro. A luz começa a crescer e ganhar forma. A galera vai ao delírio.

Hiro corre para o ovo. O Corvo o impede. O Corvo não pode mais se mover a pé, porque perdeu uma perna, mas ainda consegue controlar a moto. Ele saca sua faca longa, e as duas lâminas se encontram sobre o ovo, que se tornou o vórtice de um tornado ofuscante e ensurdecedor de luz e som. Formas coloridas, abreviadas pela sua imensa velocidade, disparam do centro dele e assumem posições acima de suas cabeças, construindo uma imagem tridimensional.

Os hackers estão pirando. Hiro sabe que o Quadrante Hacker no Black Sun está esvaziando neste momento. Está todo mundo se acotovelando na saída e correndo pela Rua até a praça para ver o fantástico show de luz, som, espada e feitiçaria de Hiro.

O Corvo tenta empurrar Hiro. Na Realidade, isso funcionaria porque o Corvo tem uma força descomunal. Mas avatares são igualmente fortes, a menos que alguém os programe do jeitinho certo. Então o Corvo dá um empurrão forte e depois saca sua faca para poder cortar o pescoço de Hiro quando ele voar para longe, mas Hiro não faz isso. Ele espera a abertura e depois corta a mão do Corvo que segura a espada. Então, só pra se garantir, ele corta a outra mão do Corvo também. A galera grita alucinada.

– Como é que eu paro essa coisa? – pergunta Hiro.

– Sei lá. Eu só entrego – responde o Corvo.

– Você faz alguma ideia do que acabou de fazer?

– Sim. Realizei a ambição de uma vida inteira – diz o Corvo, um sorriso grande e relaxado se espalhando pelo rosto. – Joguei uma bomba nuclear nos Estados Unidos.

Hiro corta a cabeça dele. A multidão de hackers condenados se levanta e grita. Então todos ficam em silêncio quando Hiro desaparece subitamente. Ele mudou para seu avatar pequeno e invisível. Ele agora está pairando no ar acima dos restos estilhaçados do ovo; a gravidade o leva diretamente para o centro dele. Enquanto cai, ele murmura para si mesmo: “SnowScan”. É o programa que ele escreveu enquanto matava tempo na balsa salva-vidas. O que busca o Snow Crash.

***

Com Hiro Protagonist aparentemente fora do palco, os hackers voltam a atenção para a construção gigante que surge de dentro do ovo. Toda aquela papagaiada da luta de espadas deve ter sido apenas uma introdução maluca – a forma tipicamente blasé de Hiro chamar a atenção deles. O show de luz e som é a atração principal. O anfiteatro está agora lotando rapidamente visto que milhares de hackers entram vindos de toda parte: descendo do Black Sun para a Rua, correndo das grandes torres de escritórios onde ficam as sedes das principais empresas de software, conectando-se ao Metaverso de todos os pontos da Realidade quando a notícia do espetáculo se espalha pela rede de fofocas de fibra óptica à velocidade da luz.

O show de luzes foi projetado como se espectadores atrasados fossem algo esperado. Ele vai construindo um falso clímax depois do outro, como um show de fogos de artifício bem caro, e cada um é melhor que o outro. Ele é tão vasto e complicado que ninguém vê mais que 10% dele; alguém poderia passar um ano observando tudo vezes sem conta e continuaria a ver coisas novas.

É uma estrutura de um quilômetro de altura com imagens móveis bi e tridimensionais, entrelaçadas no tempo e no espaço. Está tudo ali. Filmes de Leni Riefenstahl. As esculturas de Michelangelo e as invenções ficcionais de Da Vinci tornadas reais. Batalhas de aviões da Segunda Guerra Mundial vistas em zoom de todos os ângulos, indo na direção da plateia, atirando, queimando e

explodindo. Cenas de mil filmes clássicos, fluindo e se fundindo em uma única e vasta história complicada.

Mas, depois de algum tempo, ela começa a se simplificar e se estreitar em uma única coluna brilhante de luz. A esta altura, é a música que está conduzindo o show; uma batida grave de baixo e um ostinato fundo e ameaçador que manda todo mundo continuar olhando, porque o melhor ainda está por vir. E todo mundo olha. Religiosamente.

A coluna de luz começa a fluir para cima e para baixo e vai assumindo forma humana. Na verdade, ela é composta de quatro formas humanas, mulheres nuas uma ao lado da outra, olhando para fora, como cariátides. Cada uma delas está segurando um objeto comprido e fino nas mãos: um par de tubos.

Cerca de 300 mil hackers ficam encarando as mulheres gigantes sobre o palco, e elas levantam os braços e desenrolam os quatro rolos, transformando cada um deles em uma tela de televisão flat do tamanho de um campo de futebol. Dos bancos do anfiteatro, as telas praticamente tampam o céu; elas são tudo o que se consegue ver.

No começo, as telas estão em branco, mas finalmente a mesma imagem surge em todas elas ao mesmo tempo. É uma imagem que consiste de palavras; elas dizem:

SE ISTO FOSSE UM VÍRUS
VOCÊS ESTARIAM MORTOS AGORA.
FELIZMENTE NÃO É.
O METAVERSO É UM LUGAR PERIGOSO;
COMO ESTÁ A SUA SEGURANÇA?
CHAME HIRO PROTAGONIST SECURITY ASSOCIATES
PARA UMA PRIMEIRA CONSULTA GRATUITA!

69

– Este é exatamente o tipo de bobagem sem sentido que nunca, jamais funcionou quando tentamos no Vietnã – comenta o Tio Enzo.

– Bem lembrado. Mas a tecnologia avançou muito desde então – diz Ky, o homem da vigilância da Ng Security Industries. Ky está falando com o Tio Enzo por intermédio de um headset de rádio; sua van, repleta de equipamento eletrônico, está espreitando a cerca de 300 metros de distância, nas sombras, próxima a um armazém de carga do aeroporto de LA. – Estou monitorando todo o aeroporto e todas as suas aproximações com um display tridimensional de Metaverso. Por exemplo, sei que suas placas de identificação do exército, que o senhor costuma usar no pescoço, não estão aí. Sei que o senhor está levando um Kongdólar e 85 kongcents de troco no bolso esquerdo. Sei o que o senhor leva uma navalha no outro bolso. Parece bem bonita.

– Nunca subestime a importância de um bom barbear – diz o Tio Enzo.

– Mas não entendo por que o senhor está carregando um skate.

– É um substituto para o que Y. T. perdeu na frente do COGRE – explica o Tio Enzo. – É uma longa história.

– Senhor, temos um relatório de um dos seus franchulados – interrompe um jovem tenente vestindo um windbreaker da Máfia, correndo pelo asfalto em sua direção com um walkie-talkie preto numa das mãos. Ele não é realmente um tenente; a Máfia não gosta muito de usar postos militares. Mas, por algum motivo, o Tio Enzo pensa nele como tenente. – O segundo helicóptero pousou no estacionamento de um strip-mall a cerca de 15 quilômetros daqui, encontrou-se com o carro de pizza e pegou Rife, depois tornou a decolar. Estão a caminho agora.

– Mande alguém para apanhar o carro de pizza abandonado. E dê ao motorista um dia de descanso – diz o Tio Enzo.

O tenente parece meio desconcertado pelo fato de que o Tio Enzo esteja se preocupando com um detalhe tão minúsculo. É como se o dom estivesse subindo e descendo as rodovias catando lixo ou coisa do gênero. Mas ele assente com respeito, pois acabou de aprender uma coisa: detalhes importam. Ele dá meia-volta e começa a falar em seu rádio.

Tio Enzo tem sérias dúvidas a respeito desse sujeito. Ele é um cara tipo blasé, adepto da burocracia medíocre de um franchulado da Nova Sicília, mas não tem o tipo de flexibilidade que, por exemplo, Y. T. tem. Um caso clássico do que está errado com a Máfia hoje. A única razão pela qual o tenente está ali é porque a situação está mudando muito rápido e, claro, por causa de todos os bons homens que eles perderam no *Kowloon*.

Ky volta a aparecer no rádio.

– Y. T. acabou de contactar a mãe e pediu uma carona – ele diz. – Gostaria de ouvir a conversa das duas?

– Não, a não ser que tenha alguma importância tática – o Tio Enzo responde, rispidamente. Mais uma coisa para riscar da lista: ele andava preocupado com o relacionamento de Y. T. com sua mãe e já ia falar com ela sobre isso.

O jato de Rife está no asfalto, aquecendo os motores, esperando para taxiar até a pista. No cockpit, um piloto e um copiloto. Até meia hora atrás, eles eram empregados fiéis de L. Bob Rife. Então eles se sentaram e ficaram olhando pelo vidro da frente enquanto os doze seguranças de Rife que estavam estacionados ao redor do hangar começaram a ter suas cabeças explodidas, as gargantas cortadas ou simplesmente deixaram cair as armas, ficaram de joelhos e se renderam. Agora o piloto e o copiloto fizeram juramentos vitalícios à organização do Tio Enzo. O Tio Enzo poderia simplesmente tê-los arrastado para fora e os substituído por seus próprios pilotos, mas assim é melhor. Se Rife, de algum modo, conseguisse chegar ao avião, reconheceria seus próprios pilotos e acharia que está tudo bem. E o fato de que os pilotos estão sozinhos ali no cockpit, sem nenhuma supervisão direta da Máfia, apenas enfatizará a grande confiança que o Tio Enzo depositou neles e o juramento que eles fizeram. Isso só aumentará o senso de dever deles. Isso amplificará o desagrado do Tio Enzo caso eles quebrem o juramento. O Tio Enzo não tem nenhuma dúvida quanto aos pilotos.

Ele está menos feliz é com os arranjos ali, que foram feitos um tanto às pressas. O problema, como de costume, é a imprevisível Y. T. Ele não estava esperando que ela pulasse de um helicóptero em movimento e se livrasse de L. Bob Rife. Ele estava, em outras palavras, esperando uma negociação de reféns mais tarde, depois que Rife tivesse levado Y. T. de volta ao seu quartel-general em Houston.

Mas a situação de reféns não é mais válida, e por isso o Tio Enzo sente que é importante deter Rife agora, antes que ele volte para seu território em Houston. Ele convocou um grande realinhamento das forças da Máfia, e, neste instante, dezenas de helicópteros e unidades táticas estão replanejando apressadamente seus cursos e tentando convergir para o LAX o mais rápido que podem. Contudo, nesse meio tempo, Enzo está ali com um pequeno número de seus próprios guarda-costas pessoais e o homem da vigilância técnica da organização de Ng.

Eles fecharam o aeroporto. Fazer isso foi fácil: eles simplesmente colocaram carros Lincoln Town em todas as pistas, para começar, e depois foram até a torre de controle e anunciaram que em alguns minutos estariam iniciando uma guerra. Agora o LAX está provavelmente mais silencioso do que já esteve desde que foi construído. Tio Enzo pode, na verdade, ouvir o ruído baixinho da arrebentação na praia, a mais de meio quilômetro de distância. Ali é quase agradável. Um tempinho fodido.

O Tio Enzo está colaborando com o Sr. Lee, o que significa trabalhar com Ng, e Ng, embora seja altamente competente, tem um desvio para o tecnológico que o Tio Enzo não gosta. Ele preferiria um único bom soldado com seus sapatos engraxados, armado com uma nove milímetros, a cem dispositivos e unidades de radar portáteis de Ng.

Quando eles chegaram ali, ele estava esperando um espaço aberto amplo onde confrontaria Rife. Em vez disso, o ambiente está atulhado. Dezenas de jatinhos corporativos e helicópteros estão estacionados no asfalto. Nas proximidades, um sortimento de hangares privados, cada qual com seu próprio estacionamento cercado e contendo vários carros e veículos utilitários. E eles estão muito próximos do posto de combustível onde o suprimento para jatos do aeroporto fica armazenado. Isso significa muitos canos, estações de

bombeamento e outras estruturas hidráulicas despontando do chão. Taticamente, a área tem mais em comum com uma selva do que com um deserto. O pátio de manobra e a pista propriamente ditos são, claro, mais desérticos, embora tenham valas de drenagem onde uma quantidade enorme de homens poderia se esconder. Então, uma analogia melhor seria a guerra de praia no Vietnã: uma área ampla e aberta que subitamente se transforma em selva. Não é o lugar favorito do Tio Enzo.

– O helicóptero está se aproximando do perímetro do aeroporto – diz Ng.

Tio Enzo se vira para seu tenente.

– Todos estão em seus lugares?

– Sim, senhor.

– Como é que você sabe?

– Todos foram checados há poucos minutos.

– Isso não quer dizer absolutamente nada. E o carro de pizza?

– Bem, eu achei que faria isso mais tarde, senhor...

– Você precisa ser capaz de fazer mais de uma coisa de cada vez.

O tenente dá meia-volta, com vergonha e assustado.

– Ky – diz o Tio Enzo –, alguma coisa interessante acontecendo em nosso perímetro?

– Nada – responde Ng.

– Alguma coisa desinteressante?

– Alguns trabalhadores da manutenção, como de costume.

– Como é que você sabe que eles são trabalhadores da manutenção e não soldados do Rife disfarçados? Você checou as IDs deles?

– Soldados portam armas ou, pelo menos, facas. O radar mostra que esses homens não portam nada. C.Q.D. Ainda tentando reunir todos os nossos homens para fazer uma checagem. Acho que estamos tendo um probleminha de rádio.

O Tio Enzo põe um braço ao redor dos ombros do tenente.

– Filho, deixa eu contar uma história pra você. Desde o primeiro momento em que te vi, achei que você me parecia familiar. Finalmente, percebi que você me lembra de alguém que eu conhecia: um tenente que foi meu oficial de comando durante um tempo no Vietnã.

O tenente fica todo animado.

– É mesmo?

– É. Ele era jovem, muito inteligente, ambicioso, culto. E bem-intencionado. Mas tinha certas deficiências. Ele tinha uma incapacidade teimosa de apreender os fundamentos de nossa situação lá. Uma espécie de bloqueio mental, como quiser chamar, que fazia com que aqueles de nós que serviam sob o comando dele vivessem o tipo mais intenso de frustração. Foi um perrengue danado por um tempo, filho, não tenho vergonha de te dizer isso.

– E deu tudo certo, Tio Enzo?

– Deu sim. Sabe, um dia eu chamei a mim mesmo a responsabilidade de ir lá e dar um tiro na nuca dele.

Os olhos do tenente se arregalam e seu rosto parece ficar paralisado. O Tio Enzo não tem a menor simpatia por ele: se ele foder com isso, pessoas podem morrer.

Uma nova transmissão embaralhada de rádio explode no headset do tenente.

– Ah, Tio Enzo? – ele chama, muito baixinho e com muita relutância.

– Sim?

– O senhor estava perguntando sobre aquele carro de pizza?

– Sim?

– Não está lá.

– Não está lá?

– Aparentemente, quando desceram para pegar Rife, um homem saiu do helicóptero, entrou no carro de pizza e o levou embora.

– Para onde?

– Não sabemos, senhor, só tínhamos um olheiro na área e ele estava rastreando Rife.

– Tire seu headset – diz o Tio Enzo – e desligue esse walkie-talkie. Você precisa de suas orelhas?

– Orelhas?

O Tio Enzo se agacha e começa a andar rápido pelo pavimento até ficar entre dois jatinhos. Ele coloca em silêncio o skate no chão. Então desamarra os cadarços dos sapatos e os retira. Também tira as meias e as enfia nos sapatos. Tira a navalha do bolso, abre-a e corta as pernas de suas calças da bainha até a

virilha. Caso contrário, o tecido vai ficar raspando nas suas pernas cabeludas quando ele andar e fazer barulho.

– Meu Deus! – exclama o tenente, a dois aviões de distância. – Al está caído! Meu Deus, ele está morto!

70

O Tio Enzo deixa o paletó, por enquanto, pois está escuro, e porque ele é forrado com cetim e relativamente silencioso. Então ele sobe na asa de um dos aviões para que suas pernas não possam ser vistas por alguém que esteja agachado no chão. Ele se abaixa na ponta da asa, abre a boca para poder ouvir melhor e apura o ouvido.

A única coisa que consegue escutar no começo é um ruído irregular de pingos que não estava ali antes, como água pingando de uma torneira mal fechada direto sobre o asfalto. O Tio Enzo tem medo de que possa ser combustível de aviões vazando no chão, como parte de um esquema para explodir toda aquela parte do aeroporto e eliminar toda a oposição de um golpe só. Ele cai silenciosamente no chão, avança com cuidado por entre dois aviões adjacentes, parando de vez em quando para apurar o ouvido, e finalmente vê: um de seus soldados foi pregado na fuselagem de um Learjet por uma vara comprida de madeira. Da ferida escorre sangue, que desce pelas pernas das calças, pinga de seus sapatos e cai direto sobre o asfalto.

Por trás dele, Tio Enzo ouve um grito que subitamente se transforma numa exalação gasosa aguda. Ele já ouviu isso antes. É um homem cuja garganta está sendo cortada por uma faca afiada. É sem dúvida o tenente.

Agora ele tem mais alguns segundos para se mover com liberdade. Ele sequer sabe contra o que está lutando, e isso ele precisa saber. Então corre na direção do grito, movendo-se rapidamente da proteção de um jato para o próximo, porém continua agachado.

Ele vê um par de pernas se movendo no lado oposto da fuselagem de um jato. O Tio Enzo está perto da ponta da asa de um jato. Ele coloca ambas as mãos nele, empurra para baixo com todo o seu peso e solta.

Dá certo: o jato balança sobre sua suspensão na direção dele. O assassino pensa que o Tio Enzo acabou de pular em cima da ponta da asa, então sobe na

asa oposta e espera de costas para a fuselagem, aguardando para emboscar Enzo quando ele subir no topo da asa.

Mas Enzo ainda está no chão. Ele corre na direção da fuselagem silenciosamente, de pés descalços, passa por baixo dela e sai do outro lado com a navalha na mão. O assassino – o Corvo – está exatamente onde Enzo esperava que estivesse.

Contudo, o Corvo já está ficando desconfiado; ele se levanta para olhar por sobre o topo da fuselagem e isso tira sua garganta de alcance. Em vez disso, Enzo fica olhando para suas pernas.

É melhor ser conservador e pegar o que puder do que apostar alto e perder tudo, então Enzo estende a mão, no instante em que o Corvo olha para ele, e corta o tendão de Aquiles esquerdo do Corvo.

Quando ele se vira para se proteger, alguma coisa o atinge com muita força no peito. Tio Enzo olha para baixo e fica surpreso ao ver um objeto transparente despontando do lado direito de suas costelas. Então ele levanta a cabeça e percebe que o rosto do Corvo está a cinco centímetros do seu.

Tio Enzo recua. O Corvo estava esperando cair em cima dele, mas acaba tombando no chão. Enzo volta a avançar, estendendo a mão que segura a navalha, mas o Corvo, sentado no asfalto, já puxou uma segunda faca. Ele dá uma estocada na parte interna da coxa do Tio Enzo e faz um certo estrago; Enzo salta de lado para evitar a lâmina, frustrando o ataque do outro, e acaba fazendo um corte pequeno, porém profundo, no ombro do Corvo. O Corvo faz um corte no braço de Enzo antes que ele possa voltar a apontar para sua garganta.

O Tio Enzo está ferido e o Corvo também. Mas o Corvo não vai mais conseguir alcançá-lo; está na hora de tomar pé das coisas um pouco. Enzo sai correndo, embora, quando se mova, sinta dores terríveis subindo e descendo pela lateral direita de seu corpo. Alguma coisa bate em suas costas também; ele sente uma dor aguda, acima de um dos rins, mas apenas por um momento. Ele se vira e vê um pedaço de vidro quebrado se estilhaçando no asfalto. O Corvo deve tê-lo atirado nas suas costas. Mas sem a força do braço do Corvo, ele não tinha momentum suficiente para penetrar o material à prova de balas e caiu.

Facas de vidro. É por isso que Ky não o viu nas ondas milimétricas.

Quando ele chega até a parte de trás da cobertura de outro avião, seu sentido de audição está sendo atropelado pela aproximação de um helicóptero. É o helicóptero de Rife, pousando no asfalto a poucas dezenas de metros do jatinho. O trovejar das lâminas do rotor e a rajada de vento parecem penetrar o cérebro do Tio Enzo. Ele fecha os olhos para protegê-los do vento e perde completamente o equilíbrio, não fazendo ideia de onde está até se estatelar completamente sobre o asfalto. O chão embaixo dele é escorregadio e quente, e Tio Enzo percebe que está perdendo muito sangue.

Olhando para o outro lado da pista, ele vê o Corvo seguindo na direção da aeronave, mancando horrivelmente, uma perna praticamente inútil. Finalmente, ele desiste disso e simplesmente passa a pular numa perna só.

Rife desceu do helicóptero. O Corvo e Rife estão conversando, o Corvo gesticulando na direção de Enzo. Então Rife faz um gesto de aprovação com a cabeça, e Corvo dá meia-volta, os dentes brilhantes e brancos. Ele não está exatamente sorrindo de alegria, mas de expectativa. Ele começa a pular na direção do Tio Enzo, puxando outra faca de vidro de dentro da jaqueta. O filho da puta está carregando um milhão dessas coisas. Ele está vindo na direção de Enzo, e Enzo não consegue sequer ficar de pé sem desmaiar.

Tio Enzo olha ao redor e não vê nada a não ser um skate e um par de sapatos e meias caras a cerca de dez metros de distância. Ele não consegue se levantar, mas dá para se arrastar ao estilo soldado, e então começa a avançar sobre os cotovelos enquanto o Corvo vai saltando num pé só em sua direção.

Eles se encontram em uma alameda aberta entre dois jatos adjacentes. Enzo está de bruços, apoiado em cima do skate. O Corvo está em pé, apoiando-se com uma das mãos na asa do jato, a faca de vidro reluzindo na outra mão. Enzo agora está vendo o mundo em preto e branco, como um terminal barato do Metaverso; é assim que seus colegas costumavam descrever o que viam no Vietnã antes de morrerem de perda de sangue.

– Espero que tenha feito suas orações – avisa o Corvo –, porque não vai dar tempo de chamar um padre.

– Nem precisa – diz o Tio Enzo, apertando o botão na prancha de skate com a etiqueta “Projetor de Onda de Choque em Cone Estreito RadiKS”.

A concussão quase arranca a cabeça dele. Se sobreviver, o Tio Enzo nunca mais vai ouvir direito. Mas que o impacto o acorda um pouco, acorda mesmo. Ele levanta a cabeça e vê o Corvo em pé ali atordoado, as mãos vazias, um milhão de minúsculas lascas de vidro quebrado chovendo de sua jaqueta.

O Tio Enzo rola até ficar deitado de costas e saca sua navalha.

– Eu prefiro aço – ele provoca. – Quer fazer a barba?

71

Rife vê aquilo tudo e entende na hora. Ele adoraria ficar para ver o final, mas é um homem muito ocupado; ele gostaria de sair dali antes que o resto da Máfia, Ng, o Sr. Lee e todos os demais babacas venham atrás dele com seus mísseis atraídos por calor. E não há tempo para esperar que o Corvo aleijado volte mancando por todo o caminho. Ele faz um sinal de ok para o piloto e começa a subir os degraus de seu jatinho particular.

É dia. Uma muralha de chamas alaranjadas tremeluzentes cresce silenciosamente da fazenda de tanques a um quilômetro e meio de distância, como um crisântemo em crescimento acelerado. Ela é tão vasta e complexa em seu crescimento florescente e incontrolável que Rife se detém no meio do caminho só para olhar.

Uma forte perturbação se move por entre as chamas, deixando uma trilha linear na luz, como um feixe de raios cósmicos disparados através de uma câmara de nuvens. Pela força de sua passagem, ela deixa para trás uma onda de choque bem visível nas chamas, um cone em rápida expansão que é cem vezes maior do que a fonte escura em seu ápice: uma coisa preta em forma de bala apoiada em quatro pernas que se movem rápido demais para serem visíveis. Ela é tão pequena e tão rápida que L. Bob Rife não seria capaz de vê-la se não estivesse se dirigindo bem em sua direção.

Ela dribla um amplo emaranhado de encanamento a céu aberto, os canos que levam o combustível para os jatos, pulando sobre alguns obstáculos, enterrando suas garras metálicas em outros, rasgando-os com o impulso explosivo de suas pernas, inflamando seu conteúdo com as fagulhas que voam sempre que suas patas tocam o asfalto. Ela recolhe as quatro pernas para baixo do corpo, salta cerca de 30 metros até o alto de um tanque enterrado e o usa como rampa de lançamento para outro longo salto em arco sobre a cerca de ferro que separa a instalação de combustível do aeroporto propriamente dito; em seguida, ela

dispara numa corrida longa, firme e poderosa, acelerando pelo perfeito plano geométrico da pista de decolagem, caçada por uma língua comprida que se estende preguiçosa, espiralando para dentro ao traçar as correntes na onda de choque depois da passagem da Coisa-Rato.

Alguma coisa diz a L. Bob Rife para sair de perto do jato, que está carregado de combustível. Ele se vira e meio que pula, meio que despenca das escadas, movendo-se desajeitado porque está olhando para a Coisa-Rato, não para o chão.

A Coisa-Rato, apenas uma coisinha preta perto do chão, visível apenas em virtude de sua sombra contra as chamas da cadeia de fagulhas brancas onde suas garras escavaram o asfalto, faz uma minúscula correção de percurso.

Ela não está indo para o jato; está indo para cima dele. Rife muda de ideia e corre para a escada, subindo três degraus de cada vez. A escada balança com força sob seu peso, lembrando-o da fragilidade do jato.

O piloto já viu o que vem pela frente e não espera para recolher a escada antes de soltar os freios e começar a taxiar pista abaixo, girando o nariz do jato para longe da Coisa-Rato. Ele força o manche, quase jogando todo o peso do jato sobre uma das asas ao fazer uma curva fechada, e liga os motores assim que vê a linha central da pista. Agora eles só podem ver à sua frente e os lados. Não podem ver o que os está caçando.

Y. T. é a única pessoa que consegue ver o que está acontecendo. Depois de ter facilmente penetrado a segurança do aeroporto com seu passe de Kourier, ela margeia o pátio de manobra perto do terminal de carga. Dali ela tem uma excelente vista de quase um quilômetro de pista limpa e vê tudo acontecer: o avião descer a pista roncando os motores, fechando a porta em movimento, disparando chamas azul-claras pelos bicos dos motores, tentando ganhar velocidade de decolagem, e Rex, caçando-o como se fosse um cão atrás de um carteiro gordo, dando um último e tremendo salto no ar e, transformando-se num míssil Sidewinder, batendo de nariz contra o cano de descarga de seu motor esquerdo.

O jato explode a cerca de três metros do chão, pegando Rex, L. Bob Rife e seu vírus todos de uma só vez em suas belas chamas esterilizadoras.

Que bonitinho!

Ela permanece ali por um tempo e vê o desfecho: helicópteros da Máfia chegando, médicos pulando de dentro deles com kits médicos, bolsinhas de sangue e macas, soldados da Máfia correndo por entre os jatinhos particulares, aparentemente procurando alguém. Um carro de entrega de pizza parte de uma das áreas de estacionamento, cantando os pneus, e um carro da Máfia sai atrás dele numa perseguição louca.

Mas depois de algum tempo a coisa fica chata, e então ela pega o skate e volta ao terminal principal, em grande parte com sua própria energia, embora ela consiga poar um caminhão-tanque por um tempo.

Mamãe está esperando por ela em seu carro-balinha bizarro, ao lado do bagageiro da United, justo como haviam combinado por telefone. Y. T. abre a porta, joga o skate no banco de trás e entra.

– Vamos para casa? – pergunta mamãe.

– Tá, casa parece legal.

Agradecimentos

Este livro foi germinado por uma colaboração entre eu e o artista Tony Sheeder, cujo objetivo original era publicar uma graphic novel gerada por computador. De modo geral, eu trabalhava com as palavras, e ele, com as imagens; mas, muito embora esta obra consista quase inteiramente de palavras, certos aspectos dela derivam de minhas discussões com Tony.

Este romance foi muito difícil de escrever, e recebi muitos bons conselhos de meus agentes Liz Darhansoff, Chuck Verrill e Denise Stewart, que leram os primeiros rascunhos. Outras pessoas que receberam os primeiros textos foram Tony Sheeder; o Dr. Steve Horst, da Wesleyan University, que fez comentários extensos e muito lúcidos sobre tudo o que tinha a ver com cérebros e computadores (e que, subitamente, caiu de cama com um vírus cerca de uma hora depois de ler o texto); e meu cunhado, Steve Wiggins, atualmente na Universidade de Edimburgo, que me apresentou a Asherah para começar e que também me deu diversos artigos e citações enquanto eu me virava de forma patética na Biblioteca do Congresso.

Marco Kaltofen, como de costume, funcionou da mesma maneira rápida e enciclopédica que o Bibliotecário quando eu tive perguntas sobre certos porquês e ondes das questões referentes a lixo tóxico. Richard Green, meu agente em LA, me deu uma ajuda com a geografia daquela cidade.

Bruck Pollock leu as provas com atenção, mas com uma velocidade estonteante, e fez diversas sugestões úteis. Ele foi o primeiro, e certamente não o último, a ressaltar que bios é na verdade um acrônimo para “Basic Input/Output System”, e não “Built-In Operating System”, como eu coloquei aqui (e como *deveria* ser mesmo); mas sinto que tenho o direito a deixar de lado todas as outras considerações em minha busca por um bom trocadilho, por isso essa parte do livro não foi modificada.

A ideia de uma “realidade virtual” como o Metaverso está hoje amplamente espalhada na comunidade de computação gráfica e sendo implementada de uma série de diferentes maneiras. A visão particular do Metaverso, conforme expressa neste romance, teve sua origem em conversas despretensiosas entre Jaime (Capitão Banda-Larga) Taaffe e eu – o que não quer dizer que quaisquer aspectos não realistas ou de mau gosto do Metaverso tenham outro culpado que não seja eu. As palavras “avatar” (no sentido utilizado aqui) e “Metaverso” são invenções minhas, que criei quando decidi que palavras já existentes (como “realidade virtual”) eram simplesmente esquisitas demais para usar.

Ao pensar sobre como o Metaverso poderia ser construído, fui influenciado pelo livro Human Interface Guidelines, da Apple, que explica a filosofia por trás do Macintosh. Novamente, ressalto isso apenas para reconhecer a influência benéfica das pessoas que compilaram esse documento, não para vincular esses pobres inocentes aos seus resultados.

Numa bela virada, que incluo apenas porque é agradavelmente autorreferencial, tornei-me intimamente familiarizado com o funcionamento interno do Macintosh durante as primeiras fases do malfadado e maníaco projeto de *graphic novel*, quando ficou claro que a única maneira de fazer que o Mac fizesse as coisas de que precisávamos era escrever muito software customizado de processamento de imagem. Eu provavelmente passei mais horas escrevendo linhas de código durante a produção desta obra do que realmente escrevendo-a, muito embora ela acabasse por se desviar do conceito gráfico original, tornando a maior parte daquele trabalho inútil de um ponto de vista prático.

Por último, devo ressaltar que, quando escrevi o material sobre Babel, eu estava sentado sobre os ombros de muitos, muitos historiadores e arqueólogos que foram os verdadeiros pesquisadores; a maior parte das palavras ditas pelo Bibliotecário se originaram dessas pessoas, e tentei fazer o Bibliotecário dar crédito onde era devido, fazendo verbalmente seus comentários de notas de rodapé como um bom acadêmico, coisa que não sou.

SOBRE O AUTOR

Neal Stephenson vem de um clã de professores sem raízes, itinerantes, de engenharia e ciências exatas (em grande parte das escolas Pac-8, Big 10 e Big 8, com um ocasional desvio em escolas de formação tradicional). Ele começou sua educação superior como graduando em Física e depois se transferiu para Geografia, quando lhe pareceu que isso lhe permitiria ter mais tempo livre de acesso ao computador mainframe de sua universidade. Quando ele se formou e descobriu, para sua perplexidade, que não havia empregos para físicos-cartógrafos sem experiência, começou a procurar alternativas como mecânica de automóveis, trabalhos agrícolas inimaginavelmente imbecis e escrever romances. Seu primeiro romance, *The Big U*, foi publicado em 1984 e desapareceu sem deixar vestígios. Seu segundo romance, *Zodiac*: *the Eco-Thriller*, foi publicado em 1988 e rapidamente criou um culto entre engenheiros de controle de poluição da água. Ele também foi apreciado, embora raramente comprado, por muitos ambientalistas radicais. *Snow Crash* foi escrito entre 1988 e 1991, enquanto o autor ouvia muita música depressiva sem parar e no volume máximo.

O Sr. Stephenson reside hoje numa casa confortável no hemisfério ocidental e passa todo o seu tempo tentando adaptar seu porão escuro, de piso irregular e forrado de amianto, em um escritório decente para poder tentar escrever mais romances. Apesar do tremendo volume de tempo que ele dedica a escrever, brincar com computadores, ouvir speed metal, patinar e martelar pregos, ele é um marido, pai e vizinho impecável, além de um ser humano pleno.

[1] Y. T. é um trocadilho com whitey – “branquinha”, em inglês. [N. de T.]

[2] Como ficou conhecida a compra do Alasca pelos Estados Unidos em 1867. O responsável pelas negociações com o Império Russo foi o Secretário de Estado dos Estados Unidos na época, William Seward. [N. de T.]

SNOW CRASH

TÍTULO ORIGINAL: Snow Crash
CAPA: Pianofuzz Design Studio
COPIDESQUE: Delfin
REVISÃO: Hebe Ester Lucas | Tânia Rejane A. Gonçalves | Rhamyra Toledo
PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Desenho Editorial
VERSÃO ELETRÔNICA: Natalli Tami
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira | Delfin
EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim | Bárbara Prince | Júlia Mendonça
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

COPYRIGHT © NEAL STEPHENSON, 1992
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2015

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

EDITORA ALEPH

Rua Lisboa, 314
05413-000 – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGACÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stephenson, Neal
Snow Crash [livro eletrônico] / Neal Stephenson ; tradução Fábio Fernandes. -- São Paulo : Aleph, 2015
1,097 Kb; ePUB

Título original: Snow Crash
ISBN: 978-85-7657-226-8

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

15-06622 CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica: Literatura norte-americana 813.0876